

LIONEL SHRIVER

Autora de Precisamos falar sobre o Kevin

tempo é
dinheiro



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LIONEL SHRIVER

Tempo é dinheiro

TRADUÇÃO DE
Vera Ribeiro



Copyright © 2010 Lionel Shriver

TÍTULO ORIGINAL

So Much for That

CAPA

Jarrood Taylor

IMAGENS DE CAPA

© Comstock/Getty Images e © Paul Tucker

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Ilustrarte Design e Produção Editorial

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Cristhiane Ruiz

REVISÃO DE EPUB

Letícia Féres

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-195-0

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Paul. Na perda, a libertação.

Tempo é dinheiro.

— BENJAMIN FRANKLIN,

Conselhos a um jovem comerciante, 1748

CAPÍTULO UM

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de dezembro de 2004 – 31 de dezembro de 2004

Valor Líquido em Carteira: US\$731.778,56

O que pôr na bagagem para o resto da vida?

Nas excursões de pesquisa — ele e Glynis nunca as haviam chamado de “férias” —, Shep sempre levava coisas demais, prevendo qualquer eventualidade: roupas para dias de chuva, um suéter para a improvável hipótese de haver um frio fora de época em Puerto Escondido. Diante de contingências infinitas, seu impulso era não levar nada.

Não havia qualquer motivo racional para mover-se furtivamente pelos corredores, como um ladrão que assaltasse a própria casa — pisando de leve as tábuas do assoalho, estremecendo quando elas rangiam. Certificara-se duas vezes de que Glynis estaria fora até o começo da noite (em um “compromisso”; ela não ter-lhe dito onde nem com quem o deixava aborrecido). Num telefonema, com o pretexto esfarrapado de perguntar sobre os planos para o jantar, quando fazia um ano que não partilhava uma refeição decente com o filho, ele confirmara que Zach estava instalado em segurança na casa de um amigo, onde passaria a noite. Estava sozinho em casa. Não precisava pular quando a polícia aparecesse. Não precisava estender a mão trêmula para a gaveta superior da cômoda, à procura de cuecas, como se a qualquer momento fossem agarrá-lo pelo pulso e dizer que ele tinha o direito de permanecer calado.

Só que, de certo modo, Shep era um ladrão. Talvez do tipo mais temido por qualquer família. Chegara do trabalho um pouco mais cedo que de hábito para roubar a si mesmo.

O bolso da frente da grande mala preta Samsonite estava com o zíper aberto em cima da cama, escancarado como ficara para partidas menos drásticas, ano após ano. Conteúdo até o momento: um pente.

Shep obrigou-se a cumprir as etapas de recolher um xampu para viagem e o estojo de barbear, mesmo duvidando que continuasse a fazer a barba na Outra Vida. Mas a escova de dentes elétrica representou um dilema. A ilha tinha eletricidade, com certeza, só que ele não chegara a descobrir se as tomadas eram do tipo norte-americano, com dois pinos chatos, do tipo britânico, pesadonas, de três pinos, ou do tipo europeu, delicadas, com pinos bem separados e redondos. Também não sabia dizer com absoluta certeza se a corrente local era de 110 ou 220 volts. Quanto relaxamento! Esse era justamente o tipo de detalhe prático que, em excursões de pesquisa anteriores, tomara o cuidado rigoroso de anotar. Ultimamente, porém, eles haviam se tornado menos sistemáticos, especialmente Glynis, que, em alguns momentos, nas viagens mais recentes ao exterior, dera uma escorregada e usara a palavra *férias*. Um dado revelador, e acontecera diversas vezes.

Resistente, de início, ao chacoalhante zumbido intracraniano da Oral B, Shep acabara gostando da superfície lisa dos dentes depois de concluído aquela tarefa entediante. Como no tocante a todos os

avanços tecnológicos, parecia antinatural retroceder, retomar a esfregação espasmódica com cerdas de nylon num cabo de plástico. Mas, e se Glynis fosse ao banheiro ao chegar em casa e notasse que a escova de tarja azul tinha sumido, enquanto a dela, a de tarja vermelha, continuava na pia? Seria melhor que esta noite, justo esta, não começasse com perplexidade ou desconfiança. Ele sempre poderia levar a de Zach — nunca tinha ouvido o garoto usá-la —, mas não conseguiu se imaginar surrupiando a escova do próprio filho. (Shep tinha pago por ela, é claro, como por praticamente tudo o que havia ali. Mas pouco ou nada naquela casa parecia lhe pertencer. Houve uma época em que isso o incomodara, mas agora simplesmente tornava mais fácil deixar para trás o secador de salada, o aparelho de ginástica e os sofás.) Pior, ele e Glynis dividiam o mesmo carregador. Ele não queria deixá-la com uma escova de dentes que durasse cinco ou seis dias (não queria deixá-la de jeito nenhum, mas isso era outra história), uma escova cujo tremor enfraquecido e terminal proporcionasse a trilha sonora que faria sua mulher resvalar para mais uma de suas depressões periódicas.

Então, depois de desatarraxar apenas uma ou duas voltas do suporte de parede, ele tornou a apertá-lo. Devolvendo tranquilizadamente o cabo de sua escova ao carregador, afanou uma escova manual do armarinho do banheiro. Teria de se acostumar ao retrocesso tecnológico, o que, de um modo que não conseguia identificar com exatidão, com certeza fazia bem à alma. Era como recuar para um estágio de desenvolvimento que era capaz de compreender.

Shep não pretendia simplesmente cair fora, desaparecer do convívio da família sem aviso ou explicação. Isso seria cruel, ou mais cruel. Também não apresentaria a Glynis um perfeito fato consumado, um aceno de adeus à porta. Oficialmente, iria confrontá-la com uma escolha, uma escolha pela qual, em prol da credibilidade, pagara um preço exorbitante. O provável era que não tivesse comprado nada além de uma ilusão, mas uma ilusão poderia ser algo que não tem preço. Por isso, ele havia comprado não uma, mas três passagens. Não reembolsáveis. Se sua intuição estivesse completamente errada e Glynis o surpreendesse, mesmo assim Zach não iria gostar. Mas o garoto tinha quinze anos, e isso, em termos de regressão no desenvolvimento, significava voltar ao tempo em que um adolescente americano fazia o que lhe mandavam.

* * *

Por causa do medo de ser flagrado no ato, Shep acabou tendo tempo de sobra. Glynis ainda levaria cerca de duas horas para chegar e a Samsonite estava completa. Dada a confusão em matéria de tomadas e correntes elétricas, ele tinha posto na mala algumas ferramentas manuais e um canivete suíço; nas crises comuns, uma pessoa ainda se arranjava melhor com um par de alicates de ponta fina do que com um BlackBerry. Só umas duas camisas, porque ele queria usar camisas diferentes. Ou nenhuma. Umas miudezas que um homem da sua profissão sabia que poderiam fazer a diferença entre a autonomia convicta e a desgraça: fita isolante; uma seleção de parafusos, porcas, arruelas e juntas de borracha; lubrificante de silicone; selante plástico; tiras de borracha (*elásticos*, para a turma da velha guarda de N' Hampshire, como seu pai); e um rolinho de arame. Uma lanterna para as quedas de energia e um estoque de pilhas AA. Um romance que devia ter escolhido com mais cuidado, já que só estava levando um. Um manual de conversação inglês-suaíli, comprimidos contra malária, repelente de insetos. Creme à base de cortisona para o eczema persistente do tornozelo, um tubo que acabaria logo.

Para evitar a necessidade de outras inclusões, seu talão de cheques do Merrill Lynch. Ele não gostava de se ver como calculista, mas acabou sendo uma sorte sempre ter mantido essa conta apenas no seu nome. Poderia — e o fazia, é claro — oferecer-se para deixar a metade com Glynis; ela não ganhara um tostão daquele dinheiro, mas os dois eram casados e a lei era assim. Só que precisaria avisá-la de que nem centenas de milhares de dólares durariam muito tempo em Westchester e, mais cedo ou mais tarde,

ela teria de fazer não o “seu trabalho”, mas o de outra pessoa.

Shep fora obrigado a encher a Samsonite de jornal, para impedir que suas quinquilharias insignificantes chacoalhassem no compartimento de carga da British Airways. Guardou-a no armário e, para arrematar, cobriu-a com um roupão de banho. Uma mala pronta em cima da colcha assustaria Glynis muito mais que uma escova de dentes desaparecida.

Acomodou-se na sala de estar com um *bourbon* revigorante. Não era seu hábito começar a noite com algo mais forte que uma cerveja, mas o hábito teria adiado indefinidamente essa noite. Pôs os pés para cima e correu os olhos pela sala agradável, mas de mobiliário barato, incapaz de lamentar deixar para trás qualquer objeto daquele ambiente conhecido, exceto a fonte ornamental. Quanto a se despedir das almofadas decorativas ou da mesinha de centro com tampo de vidro onde a fonte gotejava, sentia-se decididamente animado. A fonte, ao contrário, sempre o enchera daquela cobiça característica da classe média, aquele desejo do que já se possui. Excentricamente, Shep se perguntou se, embrulhada no jornal amassado que acolchoava seu mísero butim, ela caberia na Samsonite.

Os dois ainda se referiam a ela como “a Fonte do Casamento”. O objeto de prata de lei tinha substituído um arranjo central de flores naquela modesta reunião de amigos, vinte e seis anos antes, enlaçando o trabalho, os talentos e a própria natureza dos noivos. Até aquele momento, a Fonte do Casamento constituía o único projeto em que ele e Glynis haviam colaborado em igual medida. Shep tinha se responsabilizado pelos aspectos técnicos da geringonça. A bomba era cuidadosamente escondida por um volteio de metal de acabamento espelhado ao redor da base; como o mecanismo funcionava sem interrupção, ele o havia substituído várias vezes no correr dos anos. Entendido em matéria de água, Shep dera orientação sobre a largura e a profundidade das comportas e sobre a altura das quedas de um nível para outro. Glynis havia ditado o fluxo do metal em si, sua linha artística, e havia forjado e soldado as peças em seu antigo estúdio no Brooklyn.

Para o gosto de Shep, a fonte era austera; para o de Glynis, floreada, de modo que até em termos de estilo a construção encarnava um encontro de mentes a meio caminho. E era romântica. Unidas no alto, duas calhas ondulantes de prata separavam-se e se enlaçavam como pescoços de cisnes, uma servindo de apoio enquanto a outra derramava o líquido na cuba de seu par. Estreitas em cima, as duas linhas centrais da criação do casal se alargavam e volteavam em variações mais largas e cada vez mais alegres em direção à base. Nesta, as contribuições dos dois tributários da fonte formavam um raso lago interno, fazendo *confluírem seus recursos* no sentido mais literal do termo. O talento artesanal de Glynis era de primeira. Por mais ocupado que estivesse, Shep sempre havia honrado seu virtuosismo, mantendo a água no limite correto e esvaziando periodicamente o aparelho para dar polimento à prata. Não fosse esse trabalho de conservação, o amarelecimento acelerado da prata poderia sugerir uma mancha para além do metal. Depois que Shep se fosse, era provável que Glynis desligasse aquele treco e o enfurnasse em algum lugar longe dos olhos.

Como alegoria, os dois fluxos de água que alimentavam um lago comum representavam um ideal em que eles haviam falhado. Apesar disso, a fonte integrava com sucesso seus elementos. Glynis não apenas trabalhava com metal (ou costumara fazê-lo), ela *era* de metal. Rígida, pouco cooperativa, inflexível. Dura, refratária e brilhantemente tenaz. De corpo longo, esguio e anguloso como as joias e talheres que um dia havia produzido, ela não escolhera por acaso sua matéria-prima na escola de arte. Identificava-se naturalmente com qualquer material que se recusasse ferozmente a fazer aquilo que se queria que fizesse, cuja forma fosse resistente à mudança e só respondesse a um manejo violento. O metal era rebelde. Se maltratado em algum momento, suas mossas e arranhões captavam a luz como ressentimentos guardados.

Gostando ou não, o elemento de Shep era a água. Adaptável, fácil de manipular e propenso a tomar o curso de menor resistência, ele *seguia com a corrente*, como diziam na sua juventude. A água era maleável, dócil e fácil de aprisionar. Shep não se orgulhava dessas qualidades: a flexibilidade não parecia viril. Por outro lado, a aparente passividade do líquido era ilusória. A água era engenhosa. Como

bem sabia qualquer proprietário de imóvel com um telhado velho ou um encanamento corroído, a água era insidiosa e, com seu jeito manso, encontrava um caminho. Tinha sua própria voluntariosidade artilosa, uma insistência sorrateira e vazante, o instinto de descobrir aquela única emenda ou junta deixada sem vedação. Cedo ou tarde, a água entrava, se quisesse, ou — o que era mais vital, no caso de Shep — saía.

As primeiras fontes ornamentais de sua meninice, feitas de qualquer jeito com materiais inadequados, como madeira, vazavam muito, e seu pai o havia castigado por esses “bebedouros”, como os chamava, que desperdiçavam água. Entretanto, Shep se tornara mais engenhoso com alguns objetos encontrados: travessas de louça lascadas, braços e pernas de bonecas que sua irmã jogava fora; as criações posteriores só perdiam água para a evaporação. Seus caprichos se tornaram cinéticos, com rodas de pás, xícaras que enchiam e viravam, jatos que mantinham um objeto balançando em suspensão, esguichos que faziam tilintar sinos de conchas ou cacos de vidro desbotados. Shep tinha conservado esse *hobby* até o presente. Como contrapeso para a implacável funcionalidade de sua vocação, as fontes eram de uma frivolidade fabulosa.

É quase certo que esse passatempo inusitado tivesse vindo não de alguma metáfora metida a besta sobre seu caráter, mas das associações corriqueiras da infância. Todo mês de julho, os Knacker costumavam alugar um chalé em White Mountains ao lado do qual corria um rio largo e impetuoso. Naquela época, as crianças tinham o privilégio de aproveitar verões de verdade, estirões de tempo sem nenhum compromisso marcado, que se estendiam até as brumas do horizonte. Tempo cuja aparente infinitude era mentira, mas, ainda assim, uma mentira sedutora. Pronto para o improviso, um tempo que se podia tocar como um saxofone. E por isso, Shep sempre havia ligado a cadência da água corrente à paz, à preguiça e a uma lânguida falta de urgência — coisas que, entre os acampamentos de férias com programas intensivos de matemática, as aulas com professores particulares, a prática de esgrima e os encontros organizados para brincar, as crianças de hoje nunca terão o gosto de conhecer. Era isso que vinha a ser a Outra Vida, ele reconheceu — não pela primeira vez —, e se serviu de outro dedo de *bourbon*. Queria seus verões de volta. O ano inteiro.

* * *

Nenhum dos cursos da escola dominical ou dos grupos da juventude cristã o havia conquistado, e o único ensino verdadeiramente formador do caráter proporcionado por Gabriel Knacker a seu filho tinha sido uma viagem ao Quênia, quando Shep tinha dezesseis anos. Sob a égide de um programa de intercâmbio presbiteriano, o reverendo aceitara um cargo letivo temporário num pequeno seminário em Limuru, a uma hora de carro de Nairóbi, e levara a família consigo. Para desespero de Gabe Knacker, o que causou a impressão mais marcante em seu filho não foi a fervorosa aceitação do Evangelho por seus alunos do seminário, mas as compras de mantimentos. Na primeira saída para comprá-los, Shep e Beryl tinham ido com os pais às barracas da feira local à procura de mamão, cebola, batata, maracujá, feijão, abobrinha, um frango raquíptico e um enorme pedaço de carne de corte indefinido: ao todo, comida suficiente para abarrotar cinco sacolas. Sempre ligado em finanças — uma das objeções de seu pai era que o filho ainda pensava demais em dinheiro —, Shep fizera de cabeça a conversão da moeda. O lote todo havia custado menos de três dólares. Mesmo ao câmbio de 1972, mantimentos para mais de uma semana tinham saído por um trocado.

Shep se mostrara consternado ao pensar em como algum daqueles comerciantes poderia obter lucro com preços tão míseros. Seu pai tinha feito questão de enfatizar que aquelas pessoas eram muito pobres: regiões inteiras daquele continente incivilizado viviam com menos de um dólar por dia. Mas o reverendo admitira que os lavradores africanos podiam cobrar centavos por seus produtos agrícolas porque também

pagavam suas despesas com centavos. Shep já estava familiarizado com as economias de escala; essa foi sua apresentação à escala das economias. Aquilo queria dizer que o valor de um dólar não era fixo, mas relativo. Em New Hampshire, daria para comprar uma caixa de cliques; no interior do Quênia, compraria uma bicicleta — de segunda mão, mas em perfeitas condições de uso.

— Então, por que não pegamos as nossas economias e nos mudamos para cá? — Ele havia perguntado, enquanto carregavam as pesadas compras por uma trilha rural.

Num raro momento de brandura, Gabe Knacker dera um tapinha no ombro do filho, contemplando os cafezais verdejantes, banhados pelo cintilante sol equatorial:

— Às vezes eu me pergunto por quê.

Shep também se perguntara, e havia continuado a se perguntar. Se a pessoa podia ao menos sobreviver com um dólar por dia em lugares como o leste da África, com que conforto não viveria com algo como vinte dólares?

No ensino médio, Shep já era ávido por orientação. Tal como Zach, infelizmente, era competente em todas as matérias da escola, mas não se destacava em nenhuma delas. Numa época em que se valorizava mais e mais o domínio do abstrato — o atordoante mundo da “tecnologia da informação” estava a apenas uma década de distância —, Shep preferia tarefas cujos resultados pudesse apreender com a cabeça e segurar com as duas mãos: trocar um corrimão bambo. Mas seu pai era um homem instruído e não esperava que o filho trabalhasse no ramo da construção. Com seu coração de água, Shep nunca fora um filho rebelde. Dado seu pendor para fazer e consertar coisas, um diploma de engenharia parecera apropriado. E ele havia garantido ao pai muitas vezes, desde então, que realmente, realmente pretendia cursar a universidade.

Nesse meio-tempo, entretanto, aquela fantasia originalmente concebida em Limuru tinha se consolidado numa firme determinação. Poupar podia ter saído de moda, mas, com certeza, uma renda americana de classe média ainda permitiria guardar um dinheirinho. Assim, empenhando a industriiosidade, a economia e a abnegação — que um dia foram os esteios morais do país —, deveria ser possível transformar um modesto pé-de-meia numa pequenina fortuna, simplesmente pegando um avião. O Terceiro Mundo estava em liquidação: duas vidas pelo preço de uma. Desde que atingira a maioridade, Shep tinha-se dedicado à realização dessa segunda vida. Nem sabia direito se era industriiosidade o nome que se dava quando o sujeito trabalhava tanto só para poder parar de trabalhar.

E assim, de olho em seu verdadeiro objetivo — dinheiro —, gravitara instintivamente para o local em que os Estados Unidos guardavam a maior parte dele e se candidatara à Faculdade Municipal de Tecnologia de Nova York. É que, enquanto Gabe Knacker censurava o caráter do filho “filisteu” por sua adoração ao falso deus Mammon, Shep tinha a fervorosa convicção de que o dinheiro — a rede de relações financeiras com os indivíduos e o mundo em geral — era o caráter, a convicção de que a prova mais segura da fibra de um homem era seu modo de manejar a carteira. Por isso, o garoto decente e talentoso resolvera não drenar o magro salário que o pai recebia como pastor de uma pequena cidade (dreno a que Beryl se mostraria indiferente, quatro anos depois, ao esperar com despreocupação que o pai custeasse seu curso de cinema na NYU). Desde que ganhara seus primeiros cinco dólares, tirando neve com uma pá aos nove anos, Shep sempre pagara tudo o que consumira, fosse uma barra de chocolate Almond Joy, fosse sua educação.

E, assim, decidido a trabalhar primeiro para financiar seu curso, ele adiará sua aceitação na Faculdade Municipal de Tecnologia, no centro do Brooklyn, e conseguira um apartamento conjugado ali perto, em Park Slope, que — por mais difícil que fosse lembrar disso agora — era, naquele tempo, uma área bastante suspeita e baratíssima. As moradias do bairro estavam caquéticas e, embora necessitadas de pequenos consertos, eram ocupadas por famílias sem condições financeiras para pagar os preços dos profissionais sindicalizados, que eram um roubo. Por dominar diversas técnicas rudimentares de eletricidade e carpintaria, aprendidas quando ajudava na manutenção da casa de sua família em New

Hampshire — uma construção do fim do período vitoriano que vivia caindo aos pedaços —, Shep distribuía folhetos pelas lojas de conveniência locais anunciando seus serviços de faz-tudo à moda antiga. No boca a boca, logo se espalhara a notícia de que um garoto branco sabia consertar máquinas de lavar e trocar tábuas de piso apodrecidas a preços módicos e, em pouco tempo, ele tinha mais trabalho do que poderia dar conta. Ao adiar seu ingresso na faculdade pelo segundo ano, havia criado uma empresa, e a “Knack Para Toda Obra” já começava a contratar ajudantes temporários. Dois anos depois, Shep admitira seu primeiro empregado em horário integral. Como empresário asoberbado, tinha poucas horas de folga e, além disso, acabara de se casar. Assim, a serviço da pura eficiência, encontrara em Jackson Burdina, naquela época como agora, também o seu melhor amigo.

Para o pai de Shep, ainda era um assunto delicado que o filho nunca tivesse cursado uma universidade, o que era ridículo: a Knack Para Toda Obra tinha se expandido e progredido sem a bênção de qualquer canudo de papel. O verdadeiro problema era que Gabriel Knacker dava pouco valor ao trabalho manual, a menos que envolvesse cavar poços para aldeões empobrecidos no Mali com o Corpo da Paz ou consertar as telhas de um aposentado por pura bondade. Gabriel tinha uma péssima opinião sobre o comércio. Qualquer atividade cuja linhagem não remontasse diretamente à virtude era completamente sem sentido. O fato de que se todos se dedicassem exclusivamente à bondade pela bondade o mundo pararia numa freada brusca não o perturbava nem um pouco.

Até cerca de oito anos antes, a Vida A tivera seus méritos, e Shep não havia considerado que estivesse sacrificando sua juventude por um pedaço do céu. Sempre gostara do trabalho físico e se comprazia muito com um tipo característico de cansaço que não vinha da academia de ginástica, mas de montar estantes de livros. Gostava de dirigir seu próprio negócio, sem ter de dar satisfações a ninguém. Glynis podia ter se revelado uma pessoa difícil de se lidar, e talvez não se descrevesse como feliz no panorama geral, mas provavelmente seria seguro dizer que era feliz com ele — ou tão feliz quanto seria com qualquer pessoa, o que não era muito. Shep ficara contente por ela ter engravidado logo, esperando Amelia. Tinha pressa, ansioso por atravessar a vida inteira em metade do tempo, e teria gostado muito se Zach tivesse nascido logo a seguir, e não dez anos depois.

Quanto à Outra Vida, Glynis parecia ter embarcado na ideia quando eles se conheceram. O fato de Shep ser homem imbuído de uma missão certamente a havia atraído, no começo. Sem essa visão, sem a Vida B erguendo-se em sua cabeça de maneira cada vez mais concreta, Shep Knacker seria apenas mais um pequeno empresário que descobriu um nicho de mercado: nada de especial. Nas circunstâncias vigentes, porém, escolher um novo país-alvo para a viagem de pesquisa a cada verão tinha sido um ritual revigorante no casamento. Eles eram, ou assim Shep tinha pensado até o despontar da apreensão no ano anterior, uma equipe.

Deste modo, ao receber a oferta para vender a empresa, em novembro de 1996, a ideia fora irresistível. *Um milhão de dólares*. Racionalmente, Shep reconhecia que um milhão já não era o que tinha sido, e que ele teria de pagar sobre o ganho de capital. Mesmo assim, a soma nunca havia perdido aquele incrível aspecto redondo da infância; por mais que inúmeras outras pessoas comuns também se tornassem “milionárias”, a palavra conservava um toque especial. Combinada com os frutos de uma vida inteira de aperto de cinto, a receita da venda da Knack proporcionaria um dinheiro suficiente para cair fora sem nunca olhar para trás. Por isso, não tinha importância que o comprador — um empregado até então preguiçoso e desleixado, a ponto de a firma ter pensando em demiti-lo, que, de repente, havia recebido uma herança — fosse um palerma imaturo, desbocado e ignorante.

Que agora era o novo patrão de Shep. Ah, na época, é claro, parecera fazer sentido assinar um contrato na condição de empregado do que antes fora sua própria empresa — a qual, da noite para o dia, passara a se chamar “Randy Mão na Roda”, um nome não apenas cafona, mas inexato, já que Randy Pogatchnik era tudo, menos prestimoso ou hábil. A ideia inicial tinha sido ficar por ali um ou dois meses, enquanto eles faziam as malas, vendiam suas diversas posses e encontravam pelo menos uma casa

temporária em Goa. Nesse meio-tempo, não gastariam seu capital, que Shep aplicara num fundo de investimento garantido, para fazê-lo engordar antes de ir para o matadouro; o Dow Jones estava em efervescência.

Os tais “um ou dois meses” se estenderam por mais de oito anos de submissão aos caprichos sádicos de um pirralho obeso de cara sardenta, que devia ter sabido de sua demissão iminente e, provavelmente, havia comprado a Knack — isso era preciso reconhecer no sujeito — como uma forma diabolicamente eficaz de vingança. Depois da venda, o padrão dos serviços da firma despencara, de modo que o cargo ocupado por Shep, “Gerente de Relacionamento com Clientes”, criado para lidar com as reclamações e que nunca havia existido durante sua época como diretor, assumira as proporções de um trabalho exigente e decididamente desagradável, em horário integral.

Em retrospectiva, é claro que tinha sido uma imbecilidade vender a casa deles em Carroll Gardens, alguns anos antes — logo depois de uma recessão e na esteira de uma quebradeira no mercado imobiliário —, e mudar para uma casa alugada em Westchester. Shep teria ficado muito contente em permanecer no Brooklyn, mas Glynis havia concluído que a única maneira de finalmente se concentrar em “seu trabalho” seria afastar-se das “distrações” da cidade. (Ciente da fraqueza do marido, também tinha apresentado um astuto argumento financeiro: a qualidade das escolas públicas de Westchester lhes permitiria economizar as altas mensalidades do ensino privado em Nova York. Para Amelia, ficara tudo muito bem. Mais tarde, no entanto, quando Glynis tinha achado que Zach precisava de ajuda — e precisava mesmo —, encontrar uma “escola melhor” fora a maneira mais fácil de ter a impressão de estar fazendo alguma coisa, de modo que agora eles desembolsavam vinte e seis mil dólares por ano numa escola particular.) Jackson e Carol haviam ficado firmes em Windsor Terrace, e até aquele cafofo decrépito deles dera um salto na valorização para quinhentos e cinquenta mil dólares. O fato de ter se beneficiado pessoalmente da bolha imobiliária deixava Jackson mais paciente que Shep com a Empáfia dos Proprietários; ultimamente, nem bem se passavam cinco segundos do momento em que o sujeito cruzava a porta para fazer um conserto, a dona da casa já estava grasnando sobre o valor da porcaria do imóvel, portanto, ele que tomasse cuidado com aquela caixa de ferramentas perto dos lambris. Agora era assim, na maioria das grandes cidades: Los Angeles, Miami — uma histeria popular, como se todos os cidadãos tivessem telefonado para o *Dialing for Dollars* e ganhado o carro. Shep, provavelmente, estava apenas com inveja. Mesmo assim, havia algo de repulsivo nessa euforia, uma mania que ele associava aos caça-níqueis. Como filho de pastor, não conseguia ver satisfação num prêmio que não tivesse relação com alguma coisa boa ou difícil que o indivíduo tivesse feito.

Os imóveis de Westchester também tinham valorizado trezentos por cento em dez anos, de modo que, sim, olhando para trás, eles deviam ter comprado alguma coisa — e com isso, obtido mais ou menos o mesmo lucro que ele conseguira na venda de uma empresa inteira, fruto de vinte e dois anos de suor, só que sem qualquer esforço. Agora era assim que as pessoas ganhavam dinheiro nesse país, de acordo com Jackson: com a bunda sentada na cadeira. Não se podia enriquecer como assalariado, ele esbravejava. Os impostos sobre os salários garantiam isso. Jackson afirmava que só a herança e os investimentos — com a bunda na cadeira — compensavam. Shep não tinha tanta certeza. Ele mesmo havia trabalhado duro, sem dúvida, mas fora recompensado por seu esforço. Limuru continuava sempre em sua cabeça, e ele tinha ganho muito mais que um dólar por dia.

Havia optado pelo aluguel pela mesma razão que motivara todas as grandes decisões que tinha tomado: queria poder levantar acampamento — de um jeito fácil, rápido e limpo, sem esperar pela venda de uma casa num mercado cujas oscilações era incapaz de prever. Era isso que o irritava um pouco na Empáfia dos Proprietários: todos aqueles bestalhões com a chave da casa agiam como se tivessem previsto a explosão imobiliária, como se fossem gênios das finanças, e não simples beneficiários da sorte. Talvez ele lamentasse ter perdido a sorte grande dos imóveis, mas não lamentava a razão de tê-la perdido. Orgulhava-se dessa razão, orgulhava-se de planejar ir embora. Só se envergonhava de ter

ficado.

Tentava não culpar Glynis. Se isso significasse culpar a si mesmo, parecia justo. A Outra Vida era sua aspiração — designação que ele preferia a *fantasia* —, e qualquer outro sonho era um diluído artigo de segunda. Shep procurava não se aborrecer com Glynis por uma porção de coisas, e, de fato, o conseguia em larga medida.

Na época em que se conheceram, Glynis tinha sua própria pequena empresa domiciliar, onde fazia joias de uma elegância incrivelmente despojada e simples, numa era de burrice, coisas malfeitas e plumas. Ela entrara em contato com a Knack Para Toda Obra a fim de encomendar uma bancada de trabalho fixada no piso, e depois, por ter gostado do proprietário — de seus braços fortes e cheios de veias, do rosto amplo como um campo de trigo —, para comprar um jogo de prateleiras para martelos, alicates e limas. Shep tinha gostado das exigências meticulosas da moça e ela apreciara sua execução igualmente meticulosa. Na segunda vez que ele aparecera, para dar acabamento na bancada, Glynis tinha deixado numerosas amostras de seu trabalho espalhadas ao acaso pelo estúdio (como confessou rindo quando os dois começaram a sair, ela havia balançado os penduricalhos cintilantes diante de seu belo faz-tudo “como iscas de pesca”, de propósito). Embora nunca se houvesse considerado um tipo artístico, Shep ficara extasiado. Delicada e mórbida, toda uma série de longos alfinetes de gravata parecia uma montagem de ossos de passarinho; quando Glynis lhe serviu de modelo para exibir a pulseira, esta se enroscou em seu braço, deslizando como uma serpente até o cotovelo. Fortes, indefiníveis e severas, as criações dela eram uma inquietante manifestação da mulher que as fazia. Era difícil decidir se ele se apaixonara primeiro por Glynis ou por seu trabalho com metais, porque, na opinião de Shep, os dois eram uma coisa só.

Durante o namoro, Glynis dava aulas em cursos de verão e produzia peças avulsas no bairro das joalherias para pagar o aluguel. Enquanto isso, expunha colares em galerias de segunda classe, e seus trabalhos em prata mal rendiam o bastante para cobrir os custos. Mesmo assim, ela trabalhava febrilmente por longas horas e pagava sua conta de telefone. Com certeza, qualquer homem suporia que, para uma empreendedora como Glynis — disciplinada, ascética e impetuosa —, esforçar-se para contribuir financeiramente num casamento seria uma questão de orgulho. (Pensando bem, provavelmente era.) E por isso Shep nunca havia esperado ter que economizar sozinho para a Outra Vida.

Um homem menos compassivo que ele talvez achasse que havia caído no conto do vigário. A gravidez tinha parecido uma desculpa razoável para Glynis deixar ociosas as suas ferramentas metalúrgicas, mas as gestações só haviam respondido por dezoito meses dos últimos vinte e seis anos. O verdadeiro problema não era a maternidade, ainda que Shep tivesse levado muito tempo para descobrir qual era. Glynis precisava de resistência, da própria qualidade que o metal oferecia da maneira mais demonstrável. De uma hora para outra, ela não tinha dificuldades a superar, nenhuma dureza da vida de artesã, com as galerias surrupiando metade do preço já diminuto de um broche feito com a técnica *mokume*, que levava três semanas para ser forjado. Não, seu marido ganhava bem e, se ela dormisse até tarde e vadiasse por dias inteiros, lendo a *Lustre*, a *American Craft Magazine* e o *Lapidary Journal*, a conta do telefone continuaria a ser paga. Pensando bem, Glynis precisava da própria necessidade. Só conseguia superar sua angústia diante da ideia de embarcar na fabricação de um objeto que, uma vez concluído, talvez não atingisse suas exigências rigorosas, se não tivesse alternativa. Nesse sentido, a ajuda de Shep a prejudicava. Ao fornecer o respaldo financeiro que deveria ter lhe facilitado a criação de qualquer peça de metal que lhe aprovesse, ele havia destruído a vida de Glynis. Embrulhada com um laço que afrouxava a tensão, a facilidade tinha sido um presente venenoso.

Mas não era que sua mulher fosse preguiçosa. Uma vez que ela ainda alimentava a fantasia (até na cabeça de Shep essa palavra causava sofrimento) de se dedicar profissionalmente ao trabalho com o metal, todas as outras atividades domésticas qualificavam-se como procrastinação, e por isso eram executadas de maneira vigorosa e expedita. E também não era que ela não fizesse nada — em termos de

trabalhos com metal, entenda-se bem. Desdenhando da confecção de joias como intrinsecamente insignificantes, Glynis havia passado por completo para os utensílios de mesa e, ao longo dos anos, produzira um punhado de peças deslumbrantes: as mais memoráveis eram a espátula para servir peixe, com incrustações de baquelita, e o requintado jogo de hashis de prata de lei, forjados à mão e perfeitamente ergonômicos, cuja extremidade mais pesada se curvava de leve, dolorosamente, como se estivesse derretendo. No entanto, cada projeto acabado era resultado de tanta agonia e tempo investidos que, no fim, ela não conseguia encontrar disposição para vendê-lo.

E assim, o que Glynis não tinha produzido era dinheiro. Se algum dia Shep comentasse em voz alta, depois de Zach e Amelia entrarem na escola, que ela continuava a não contribuir com um centavo, sua mulher se enrijeceria num ódio frio (e, por isso, ele não o fizera). Mas a renda de zero dólares dela não era uma objeção. Era um fato. Que, ao se casar, Shep não tinha imaginado que sustentaria a família toda, em caráter perpétuo, também era um fato. Mas ele era capaz de sustentar a família, e assim o fizera.

Além disso, ele a compreendia. Ou compreendia o quanto não conseguia compreender, o que já era um começo. Para tornar ainda mais intrigante sua própria inércia geográfica, de modo geral, Shep decidia fazer alguma coisa e a fazia. Para Glynis, ir da decisão para a execução era como saltar sobre os destroços de uma ponte arrastada pela correnteza. Dito de outra maneira, ela possuía o motor, mas a ignição estava com defeito. Glynis era capaz de decidir fazer uma coisa, e nada acontecer. Aquilo era algo intrínseco a ela, uma falha de projeto, e, provavelmente, uma falha que ela era incapaz de corrigir.

Depois de manter a boca fechada por décadas, ele nunca deveria ter deixado escapar, sem querer, num café da manhã uns dois anos antes (durante uma semana particularmente exasperante na Randy Mão na Roda), que era uma pena eles não terem feito um pé-de-meia com as sobras de duas rendas durante aquele tempo todo, porque com isso já teriam partido há muito para a Outra Vida... Antes que ele terminasse a frase, Glynis se levantara da mesa sem dizer palavra e marchara porta afora. Naquela noite, quando Shep voltou para casa, ela já estava empregada. Aparentemente, durante todo aquele período, ele teria tido mais chance de fazer com que sua mulher trabalhasse não se usasse a adulação, mas a ofensa. Desde então, Glynis vinha criando moldes para a Viver em Pecado, uma chocolataria para consumidores da classe A e cuja fábrica ficava em Mount Kisco, uma cidadezinha próxima. Nesse mês, a companhia já estava se preparando para a Páscoa. E assim, em vez de polir utensílios de mesa vanguardistas, com propriedades dignas de um museu, sua mulher estava moldando coelhinhos de cera, que seriam reproduzidos — o que era muito apropriado — em chocolate amargo, e recheados de creme de laranja. Era um emprego de meio expediente, sem benefícios trabalhistas. O salário contribuía de maneira ridícula para o cofre da família. Glynis conservava o emprego por pirraça.

Em contrapartida, era possível que Shep a tivesse deixado conservá-lo por pirraça. E depois, ela não conseguia evitar. Os coelhinhos eram ótimos.

Ele se sentia desconcertado ao ser sistematicamente punido pelo que poderia ter gerado um mínimo de gratidão. Shep não exigia essa gratidão, mas poderia dispensar o rancor, um sentimento que se caracteriza por ser desagradável para quem o nutre e quem o recebe. Glynis se ressentia de sua dependência, que considerava humilhante. Ressentia-se de não ser uma artista famosa no trabalho com metais, e se ressentia de que sua condição de nulidade profissional se afigurasse a todos, inclusive a ela própria, como culpa sua. Ressentia-se dos dois filhos, por terem desviado sua energia quando eram pequenos; quando deixaram de ser pequenos, ressentiu-se deles por não desviarem sua energia. Ressentia-se de que o marido e os dois filhos, que já agora tinham a desconsideração de não lhe exigir nada, tivessem roubado suas relíquias mais preciosas: suas desculpas. E, como o ressentimento produz o equivalente psíquico da azia, ela se ressentia do próprio ressentimento. Nunca ter tido grandes motivos para se queixar era mais uma razão para se sentir ofendida.

Por temperamento, Shep era predisposto a se considerar afortunado, embora ele próprio possuísse um bom número de razões para se ressentir, se tivesse essa inclinação. Sustentava a mulher e o filho.

Subsidiava a filha Amelia, embora ela já tivesse três anos de formada. Subsidiava o pai idoso, e se certificava de que o orgulhoso reverendo aposentado não soubesse disso. Tinha feito vários “empréstimos” à sua irmã Beryl, que ela jamais pagaria, e era provável que ainda não tivesse feito o último; oficialmente, porém, eram de empréstimos, e não presentes, pelos quais Beryl nunca lhe agradecia nem se sentia envergonhada. Ele havia pago toda a despesa do funeral da mãe e, como ninguém mais tinha tocado no assunto, Shep também não tocara. Todo membro de uma família tem seu papel, e o dele era pagar as contas. Visto que os demais envolvidos aceitavam essa situação como um fato reconhecido, Shep também a aceitava como um fato reconhecido.

Raramente comprava algo para si, mas não queria nada. Ou só queria uma coisa. Ainda assim, por que agora? Por que, se já fazia mais de oito anos desde a venda da Knack, não poderiam ser nove? Por que, se podia ser nesta noite, não poderia ser na noite seguinte?

Porque era início de janeiro no estado de Nova York, e fazia frio. Porque ele já tinha quarenta e oito anos e, quanto mais se aproximava dos cinquenta, mais a Outra Vida, mesmo que ele enfim a atingisse, pareceria uma aposentadoria precoce rotineira. Porque somente no mês anterior o seu fundo de investimento “garantido” havia recuperado o valor da aplicação inicial. Porque, em sua inocência imbecil, ele havia alardeado por décadas a quem parecesse interessado sua intenção de deixar para trás todo o mundo do planejamento de impostos, das vistorias do carro, dos engarrafamentos e do telemarketing. (À medida que sua plateia fora envelhecendo, a admiração juvenil dos outros havia há muito azedado, transformando-se em gozação pelas suas costas. Ou nem sempre pelas costas, porque, na Randy Mão na Roda, a “fantasia de fuga” de Shep, como a chamava Pogatchnik com petulância, era uma fonte sistemática de impiedosa zombaria.) Porque ele mesmo começara a duvidar perigosamente da veracidade da Outra Vida e, sem essa promessa de alívio, não conseguiria — não conseguiria — continuar. Porque havia pendurado uma cenoura à frente do próprio nariz, feito um maldito burro, reconfortado pela sedução do adiamento infinito, sem nunca perceber que, se era sempre possível ir embora amanhã, ele também poderia ir embora hoje. Na verdade, era a simples arbitrariedade dessa noite de sexta-feira que tornava tudo tão perfeito.

* * *

Quando Glynis abriu a porta da frente, Shep se assustou, sentindo-se culpado. Havia ensaiado inúmeras vezes suas falas iniciais, mas agora o roteiro tinha fugido.

— *Bourbon* — disse ela. — Qual é a ocasião especial?

Ainda agarrado à sua última reflexão, ele teve vontade de explicar que a ocasião não era especial, e era isso que a tornava especial.

— Os hábitos existem para serem rompidos.

— Alguns — censurou Glynis, tirando o casaco.

— Quer um?

Ela o surpreendeu:

— Quero.

Glynis continuava esbelta, e ninguém lhe daria cinquenta anos, embora, nessa noite, houvesse em seu semblante um cansaço que de repente tornava possível imaginá-la aos setenta e cinco. Andava cansada desde setembro, pelo menos, e dizia ter uma febre baixa que, pessoalmente, Shep não tinha detectado. Embora, ultimamente, ela houvesse desenvolvido uma discreta barriguinha, o resto do corpo, para dizer o mínimo, estava mais magro. Essa redistribuição do peso era normal na meia-idade, e Shep era cavalheiro demais para tecer comentários sobre o assunto.

Os dois se permitirem uma bebida pesada, mal passadas as sete da noite, era algo que promovia uma

cumplicidade calorosa, que Shep relutou em minar. No entanto, o seu inofensivo “Onde você foi?” saiu como uma acusação.

Sua mulher sabia ser evasiva, mas era raro não dar resposta alguma. Ele deixou para lá.

Enroscando-se protetoramente em torno do copo de bebida, em sua poltrona costureira, Glynis dobrou os joelhos e se sentou em cima dos pés. Sempre parecia fechada, ocupada com alguma outra coisa, mas nessa noite a impressão foi incomumente mais forte. Talvez houvesse intuído o objetivo de Shep, e por isso demorara tanto a chegar. Quando ele meteu a mão no bolso e, em silêncio, enfileirou os três bilhetes impressos na mesinha de vidro, ao lado da Fonte do Casamento, Glynis arqueou as sobrancelhas:

— Que tal explicar?

Ela era uma mulher elegante, por quem Shep se interessava — da mesma maneira que as pessoas comuns costumam ficar fascinada pelos porras-loucas. Ele parou para considerar se, sem a mulher como parceira ou adversária, a Outra Vida se revelaria uma desolação.

— Três passagens para Pemba. Eu, você e o Zach.

— Outra “viagem de pesquisa”? Você podia ter pensado nisso antes dos feriados de Natal. As aulas de Zach já recomeçaram.

Embora ela nunca tivesse tido o hábito de se expressar entre aspas, o toque amargo que deu a “viagem de pesquisa”, nesse momento, fez lembrar o tom zombeteiro de “fantasia de fuga” proferido por Pogatchnik. Shep reparou na presteza com que ela inventava uma desculpa para que o capricho do marido fosse impossível, descartando com esperteza até a confusão com sua breve escapada. No trabalho, Shep empenhava sua inteligência na resolução de problemas; Glynis usava a dela para inventá-los, para construir obstáculos que pudesse jogar em seu próprio caminho. Essa excentricidade não o incomodaria, se o caminho dela também não fosse o seu.

— Essas passagens são só de ida.

Seria esperado que, quando ela entendesse, quando registrasse a verdadeira natureza do desafio que ele lhe lançara na mesinha de centro, seu rosto se anuviasse, assumindo uma expressão solene, ou se crispasse com a rigidez cautelosa de quem se prepara para o combate. Em vez disso, ela pareceu achar certa graça. Shep estava acostumado com a ridicularização na Randy Mão na Roda (“Tá, é claro que você vai se mudar para a África, logo, logo, você e a Meryl Streep”), e às vezes, apesar de se odiar por isso, ele mesmo entrava na brincadeira. Mas, partindo de Glynis, qualquer sugestão do mesmo ceticismo displicente e compadecido era de matar. Shep sabia que sua mulher já não estava interessada no assunto, mas não pensava que sua atitude tivesse chegado a esse ponto.

— Que desperdício — disse ela, calmamente, com um esboço de sorriso. — Não é do seu feito.

Glynis havia intuído com acerto que as passagens só de ida eram mais caras que as de ida e volta.

— É um gesto — retrucou Shep. — Não tem a ver com dinheiro.

— Não consigo imaginá-lo fazendo nada que não se relacione com dinheiro. A sua vida toda, Shepherd — ela anunciou —, tem sido sobre o dinheiro.

— Não por ele mesmo. Nunca tive esse tipo de ganância, você sabe, de querer dinheiro para ficar rico. Quero comprar coisas com ele.

— Eu acreditava nisso — respondeu ela, em tom tristonho. — Agora me pergunto se você faz alguma ideia do que realmente quer comprar. Você nem sabe do que quer se livrar, muito menos daquilo que quer ter.

— Sei, sim. Quero comprar a mim mesmo. Lamento soar como o Jackson, mas ele tem razão, de certo modo. Eu sou um servo sob contrato. Este não é um país livre, em nenhum sentido da palavra. Se você quer sua liberdade, tem de comprá-la.

— Mas a liberdade não é diferente do dinheiro, é? Não faz sentido, a menos que você saiba como quer gastá-la.

A observação pareceu oca, até entediante.

— Já conversamos sobre como quero gastá-la.

— É — concordou Glynis, com ar cansado. — Interminavelmente.

Shep engoliu o insulto.

— Parte de ir embora é descobrir.

Nenhuma outra conversa que ele inventasse poderia prender mais a atenção de sua mulher, mas ele seria capaz de jurar que ela havia se dispersado.

— Gnu — apelou, pronunciando o *G*; esse termo carinhoso remontava à primeira viagem de pesquisa dos dois ao Quênia, na qual ela fizera imitações ruidosas de gnus, com as mãos em concha na cabeça para formar os chifres e franzindo o rosto alongado numa expressão suplicante, que parecia ser triste e burra ao mesmo tempo. Fora uma macaquice infantil e sedutora. Shep costumava chamá-la de Gnu e, ultimamente... bem, ultimamente, percebeu com um susto, não a vinha chamando de coisa alguma. — Esses bilhetes são de verdade. Para um avião de verdade, que parte daqui a uma semana. Eu gostaria que você fosse comigo. Gostaria que o Zach fosse conosco, e, se partirmos como uma família, vou arrastá-lo pelos cabelos na ponte de embarque. Mas *eu vou*, com ou sem vocês.

Aparentemente, Glynis achou aquela declaração hilária.

— Quer dizer que é um ultimato? — perguntou, e virou o copo, como que para abafar o riso.

— É um convite.

— Daqui a uma semana, você vai pegar um avião e partir para uma ilha onde nunca esteve e onde vai passar o resto da vida. Para que é que serviram todas aquelas “viagens de pesquisa”?

No uso que Glynis fez de *você*, em vez de *nós*, Shep compreendeu sua resposta, e não estava preparado para a repentina sensação de vazio no peito. Embora houvesse tentado ser realista consigo mesmo, tinha conservado a esperança de que ela e Zach o acompanhassem a Pemba, afinal. Mas esse confronto estava só começando, de modo que lhe restava a fé adicional de que, pela primeira vez na história do universo, pudesse fazê-la mudar de ideia.

— Escolhi Pemba exatamente por não termos ido lá. Isso significa que você não pode vir logo com um zilhão de razões pelas quais mais uma opção precisa ser descartada.

Quando ela não deu qualquer resposta, Shep conseguiu se lembrar de parte do que havia recitado ao volante do carro, naquela tarde, na autoestrada Henry Hudson:

— Goa recebeu aprovação geral, até você ler sobre aquele inglês expatriado que foi assassinado por uma conhecida local na casa dela, e aí virou perigosa demais. Um assassinato. Como se as pessoas nunca se matassem em Nova York. A Bulgária, quando fomos lá pela primeira vez, seria uma barbada, e ainda por cima no mundo ocidental, nem que fosse só em termos, com banda larga, serviço postal e água potável. Mas a comida era insossa demais. A *comida*. Como se não pudéssemos arranjar um pouquinho de alho e alecrim. Nesse meio-tempo, os preços dos imóveis já começaram a subir em disparada, e agora é tarde demais. O mesmo com a Eritreia, que instigou sua imaginação: um país novo e orgulhoso, gente calorosa, café expresso em todas as esquinas e a arquitetura dos anos 1950 foram um estímulo agradável. Agora, para sua sorte, o governo foi para o espaço. Você adorou o Marrocos, lembra-se? Canela e terracota; nem a comida nem a paisagem eram *insossas*. Pareceu tão promissor que concordei em ficar mais um pouco, quando a minha mãe teve o derrame, e chegamos com meio dia de atraso para dizer adeus.

— Você compensou isso.

Ah, as despesas do funeral. Se Shep não se ressentia das imposições que a família fazia a suas finanças, Glynis se ressentia em seu lugar.

— Mas, depois do onze de setembro — ele foi adiante —, de repente, todos os países muçulmanos, inclusive a Turquia, para minha decepção, foram riscados da lista. Tivemos uma oportunidade fantástica quando o peso despencou na Argentina. Antes disso, poderíamos ter comprado praticamente qualquer

coisa no Sudeste Asiático, durante aquela crise financeira. Mas agora, todas essas moedas se recuperaram e, hoje, os nossos recursos nunca se esticariam por trinta ou quarenta anos em nenhum desses países. Em Cuba, você não conseguiria viver sem xampu e papel higiênico. Os requisitos para residência na Croácia acarretavam muitas burocracias. As favelas do Quênia eram muito deprimentes; a África do Sul fez você se sentir culpada por ser branca. O Laos, Portugal, Tonga e o Butão, nem me lembro mais qual era o problema deles, mas — Shep se permitiu um toque de amargura — tenho certeza de que você se lembra.

Glynis exalava uma brandura agressiva e parecia estar se divertindo:

— Foi você que excluiu a França — comentou com meiguice.

— Isso mesmo. Os impostos acabariam conosco.

— Sempre o dinheiro, Shepherd — ela o repreendeu.

Nesse momento, ocorreu-lhe que as pessoas que agiam como se estivessem acima do dinheiro — os tipos metidos a artistas, como sua irmã, ou seu pai ligado no Velho Testamento — eram as mesmas que nunca chegavam a ganhar nenhum que fosse digno de nota. Glynis sabia perfeitamente que a Outra Vida tinha que fazer sentido em termos financeiros, senão constituiria apenas um longo e desastroso período de férias.

— Mas você nos paralisou pelos dois lados, não foi? — prosseguiu Shep. — Não só nenhum destino era bom o bastante, como nunca era a hora certa de ir embora. Tínhamos que esperar a Amelia terminar o ensino médio. Tínhamos que esperar a Amelia sair da faculdade. Tínhamos que esperar o Zach terminar o curso primário. O ensino fundamental. Agora é o ensino médio, e depois, por que não a faculdade? Tínhamos que esperar nossos investimentos se recuperarem do estouro da bolha da internet, e depois, do onze de setembro. Bom, eles se recuperaram.

Shep não estava acostumado a falar tanto e a tagarelice o fazia se sentir bobo. Talvez fosse tão dependente de *resistência* quanto Glynis, quer dizer: da resistência dela.

— Você acha que estou sendo egoísta. Talvez esteja. Para variar. Isto não tem a ver com dinheiro, tem a ver — fez uma pausa, constrangido — com a minha alma. Você vai dizer, você já disse, que não será o que eu espero. Aceito isso. Não é como se eu alimentasse uma ideia falsa sobre me instalar de vez na praia. Sei que o sol acaba cansando, que existem moscas. Mas uma coisa eu posso lhe dizer: eu planejo ter oito horas de sono. Sei que parece pouco, mas não é. Eu adoro dormir, Glynis, e... — Shep não queria engasgar-se nesse momento, não até pôr tudo para fora — gosto especialmente de dormir com você. Mas, quando eu digo, num jantar em Westchester, que anseio por oito horas de sono, o que acontece? As pessoas *riem*. Para o pessoal daqui, que viaja todo dia para ir e voltar do trabalho, essa é uma ambição tão absurda, que chega a ser engraçada.

“Por isso”, continuou, “não me interessa o que mais eu vou fazer em Pemba, nem se vão ficar cortando a energia. Porque, se eu recuar agora, sabe, eu sei, no fundo do coração, que nunca iremos embora de verdade. E, sem ter uma terra prometida por que esperar, eu não posso continuar, Gnu. Não aguento continuar a limpar a sujeira feita por aqueles desastrados sem preparo da Randy Deixa na Mão. Não aguento continuar parado no trânsito durante horas, ouvindo a NPR na West Side Highway. Não posso continuar a sair correndo para comprar leite no supermercado e a ganhar “pontos de bonificação” no nosso cartão do mercado, para que, depois de gastar vários milhares de dólares, a gente se habilite a receber um peru grátis no Dia de Ação de Graças.

— Há destinos piores.

— Não. Não tenho certeza de que haja. Sei que vimos muita pobreza: esgotos sem tratamento correndo a céu aberto e mães catando cascas de manga. Mas eles sabem o que está errado na vida deles, e têm noção de que, com uns xelins ou pesos ou rupias no bolso, as coisas podem melhorar. Há algo de especialmente terrível em ouvir repetidas vezes que a gente leva a vida mais maravilhosa do mundo e que não há nada melhor que isso, e continua a ser uma merda. Este aqui é tido como o melhor país do

mundo, mas o Jackson tem razão: é um engodo. Devo ter umas quarenta “senhas” diferentes para contas de banco e telefone e cartões de crédito e internet, e mais uns quarenta números de conta diferentes, e você soma isso tudo e a nossa vida é essa. E é tudo feio, fisicamente feio. Os hipermercados de Elmsford, as lojas do Kmart, do Walmart e da Home Depot... tudo de plástico e metal cromado, com cores berrantes que não combinam, e todo mundo com pressa, para fazer o quê?

Não era imaginação dele. Glynis realmente não estava prestando atenção.

— Desculpe — disse Shep. — Você já ouviu isso antes. Talvez eu esteja errado, e pode ser que eu volte mesmo para casa, em algumas semanas, todo sem jeito e com o rabo entre as pernas. Mas prefiro a humilhação de tentar e fracassar a desistir. Desistir seria como morrer.

— Acho que você vai descobrir — disse Glynis, num tom muito comedido, cheio de uma grande nova sabedoria em que ele não estava interessado — que não seria minimamente como morrer. Nada é igual a morrer. Usamos isso como metáfora para outras coisas. Coisas menores e bobas e muito mais suportáveis.

— Se é essa a sua ideia de me fazer mudar de opinião, não acho que esteja funcionando.

— Quando é que você planeja partir das nossas paragens?

— Na sexta-feira que vem. Voo BA-179, saindo do JFK às 22h30 rumo a Londres. E de lá, para Nairóbi, Zanzibar e Pemba. Você e o Zach podem ir comigo, até o minuto em que o avião fechar a porta. Até lá, achei que seria melhor eu cair fora e lhe dar uma chance para pensar.

Uma chance para sentir minha falta, foi o que quis dizer. *Sentir minha falta enquanto ainda pode não sentir minha falta*. E, com toda a franqueza, ele estava com medo de Glynis. Se continuasse ali, ela conseguiria dissuadi-lo da ideia. Era boa mesmo nisso.

— Vou ficar na casa da Carol e do Jackson. Eles estão me esperando, e você pode me procurar lá quando quiser, até eu ir embora.

— Eu gostaria mesmo que você não fosse — disse ela, despretensiosamente. Depois de pegar o copo na mesinha, levantou-se e alisou as calças, num gesto que Shep reconheceu como o de Glynis se preparando para fazer mais um jantar banal. — Ao menos desta vez, a Randy vai ser realmente uma mão na roda, e acho que vou precisar do seu seguro de saúde.

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Glynis ainda arrumava a cozinha, Shep deu uma fugida ao segundo andar e tirou o roupão de banho da mala. Repôs as duas camisas na terceira gaveta da cômoda e as alisou, para deixá-las em estado respeitável para ir trabalhar. Retirou da mala os alicates de ponta fina, as chaves de fenda e a serra de arco, tornando a guardá-los nas prateleiras de sua surrada caixa de ferramentas de metal vermelho. Quando chegou ao pente, antes de recolocá-lo no lugar de costume, ao lado da caixa de charutos onde ficavam as moedas estrangeiras remanescentes, passou-o pelo cabelo.

CAPÍTULO DOIS

— Ele não vai nunca — disse Carol, lavando a rúcula.

— Vai, sim — discordou Jackson, roubando um pedaço de linguça italiana dos pimentões *sautés*. — Ele comprou a passagem. Eu a vi. Ou as vi. Eu disse para ele não desperdiçar dinheiro com as outras duas. Ela não irá nunca, pode ter certeza. Descobri isso muito antes do Shep. A Glynis achava que aquilo era uma brincadeira, aquelas viagens todas. Uma brincadeira da qual ela se cansou.

— Você sempre acha que eu quero dizer que ele é covarde demais. Não é isso. Ele é responsável demais. Nunca deixará a família na pior; não é do feitio dele. Pegar a mala e sair sem nem olhar para trás? Começar toda uma vida nova do zero, com quase cinquenta anos? Você já conheceu alguém que tenha realmente feito isso? E por que o faria, afinal? Mesmo que ele vá, para marcar uma posição ou coisa assim, vai voltar direto para casa... Flicka, já faz pelo menos meia hora. Você pôs o colírio?

A filha mais velha do casal emitiu um suspiro anasalado, algo entre um grunhido e um balido. Eram tons refinados, que conseguiam transmitir ao mesmo tempo o não e o sim. De má vontade, ela revirou o bolso do suéter para pegar o saquinho plástico tipo Ziploc, depois encharcou os olhos com um dos diversos tubinhos plásticos de lágrimas artificiais, cujo formato sempre lembrava Jackson a bomba lançada sobre Nagasaki. Como de praxe, os olhos de Flicka estavam inflamados, com uma crosta de vaselina nos cílios.

— Você quer dizer com o rabo entre as pernas? — perguntou Jackson. — Você não valoriza mesmo o orgulho masculino.

— Ah, não? — rebateu Carol, com uma olhadela para o marido. — Onde fica essa tal de “Pemba”, afinal?

— Na costa de Zanzibar. É famosa pelas plantações de cravo. A ilha toda cheira a cravo, ou assim me disse Shep. Fico imaginando meu amigo deitado na rede, sentindo cheiro de uísque quente e de torta de abóbora.

— Aposto que ele vai — comentou Flicka —, se está dizendo que vai. O Shep não é mentiroso.

Apesar de ser frequentemente confundida com sua irmã caçula, de onze anos, Flicka tinha dezesseis; tal como se calcula a idade relativa dos animais de estimação, a verdadeira idade dela, em termos de sofrimento humano, estava mais perto dos cento e três. Já que o aqui e agora tinha se revelado uma eterna provação, Flicka sentia-se naturalmente cativada pela ideia de estar em outros lugares.

Jackson afagou o cabelo louro e fino da filha. Quando a menina era pequena, eles o mantinham bem curtinho, para que não fosse constantemente sujado pelo vômito, mas, depois da cirurgia de funduplicatura, Flicka tinha apenas ânsias de vômito e por isso o estava deixando crescer.

— Isso é que é uma garota confiante!

— Mas o que ele faria? — insistiu Carol. — Construir chafarizes bem bolados no Terceiro Mundo? O Shep não é do tipo de homem que se contenta em ficar deitado numa rede.

— Chafarizes talvez não, mas, que diabo, ele poderia cavar poços. O Shep gosta de ser *útil*. Não consegue evitar. Se eu morasse numa cabaninha de barro, ele é o cara que eu gostaria de ter como vizinho.

— Flicka, saia desse fogão!

— Não estou nem perto da porcaria do fogão — retrucou Flicka, com o rosto inexpressivo e a fala arrastada de praxe. Sempre soava não apenas fanhosa, mas ligeiramente bêbada, como Stephen Hawking depois de uma garrafa de Wild Turkey. Também soava mal-humorada, e essa parte era mesmo verdade. Era uma das coisas que Jackson adorava na filha. Ela se recusava a bancar a criança deficiente ensolarada, de cabeça erguida, que iluminava a vida de todo mundo com sua garra admirável.

— Pare com isso! — disse Carol, tirando da mão de Flicka a faca de descascar legumes e batendo com ela na bancada.

Flicka se arrastou de volta para a mesa, com um andar que a maioria das pessoas considerava desengonçado, mas que Jackson sempre achava estranhamente gracioso: o tronco caía para um lado, depois para o outro, enquanto as mãos compensavam com uma pequena agitação elegante e os pés se posicionavam com cuidado um à frente do outro, como se ela andasse na corda bamba.

— O que você acha? — provocou a menina. — Que eu vou picar os dedos na salada, achando que são cenourinhas?

— Isso não tem graça — respondeu Carol.

Não tinha. Quando Flicka estava com nove anos, havia tentado ajudar a preparar o salpicão, e só quando a cor do repolho passou do verde ao vermelho é que Jackson notou que a ponta do indicador esquerdo da filha estava faltando. O dedo fora costurado no pronto-socorro, mas Jackson nunca mais tivera estômago para salada de repolho. Talvez parecesse uma bênção que os membros de um filho fossem tão insensíveis à dor que os pontos não precisassem de anestesia local, mas, quando ele forçou os colegas de trabalho a realmente pensarem no assunto, eles ficaram pálidos. Algumas dessas crianças, explicou Jackson, eram capazes de quebrar uma perna, arrastá-la por quarteirões inteiros e só notar que havia alguma coisa errada porque a perna ficava atrapalhando. Para Flicka, é claro, dar trombadas nas coisas e sangrar por todo canto era pura chateação, tipo fazer um furo num saco de arroz e ter que varrer o piso.

— Nunca entendi por que você parece tão ansioso por ver o Shep sair do país — recomeçou Carol. — Ele é seu melhor amigo. Não vai sentir saudade?

— É claro, meu bem. Vou sentir uma saudade desgraçada dele.

Jackson pegou uma cerveja, pensando que se havia uma coisa de que não sentiria falta seria de defender Shep perante todos os caras metidos a São Tomé na Knack. (Para Jackson, a empresa continuava a se chamar Knack Para Toda Obra, fosse qual fosse o nome embaraçoso, brega e apatetado que aquele sacana gordo quisesse lhe dar.) Talvez ele devesse ter esperado Shep entrar no avião, mas hoje não conseguira se conter, depois do almoço, quando o web designer tinha feito outro comentário sarcástico. Por isso, com enorme satisfação havia anunciado que não, na verdade, o Shep já tinha comprado a passagem, seu *panaca*, e nunca mais iria pôr os pés naquele escritório superaquecido, precisamente a partir desta tarde. Isso fizera o cretino calar a boca na mesma hora. E depois, Jackson ainda não tinha exposto a ideia a Carol, mas andava pensando que eles poderiam fazer uma visita, depois que Shep tivesse se instalado. Na verdade, embora essa fosse uma imagem que ele ainda não se dispunha a confrontar, Jackson tinha uma ideia muito vaga de levar a família e se juntar ao cara para sempre em Pemba. Era óbvio que Carol não pensaria nisso agora, mas se avultava no horizonte uma fase tenebrosa em que uma mudança de cenário poderia ser terapêutica.

— Mesmo assim, alguém tem que poder sair daqui, levar uma vida melhor que esta, não é? — continuou, depois de uma golada, pondo os pés para cima. — Pombas, os imigrantes que fiquem com ela. Adoro a ideia de toda a população nativa deste grande engodo de país fazer as malas, fechar a porta e jogar a chave para as *massas pululantes*. E se mudar para aqueles vilarejos incrementados e de etnias superminoritárias de Moçambique e Cancun, para todas aquelas casas que ficaram vazias, porque os donos estão limpando banheiros em Cleveland. Se eles querem tanto viver aqui, pois que vivam. Eles que

se matem de trabalhar e paguem metade do salário para um governo que de vez em quando pavimenta uma calçada, se eles tiverem sorte, e que invade outros países à custa deles, sem perguntar nada. Um lugar onde uma pocilga de dois quartos custa mais do que eles vão conseguir ganhar durante a vida inteira e onde os filhos deles nunca aprendem a fazer contas, mas são mestres na “autoestima”...

— Jackson, não comece.

— Não comecei. *Mal* estou começando...

— Você não vai querer deixar a Flicka agitada demais.

— Estou deixando você *agitada demais*, Flick?

— Você *parou* de falar nos impostos e nos parasitas e nos “Sugados e Sugadores” — respondeu Flicka, com sua fala engrolada. — E em como os asiáticos estão dominando o mundo. Em como “ninguém neste país faz mais nada que não quebre na primeira vez que é usado”. Em como “estamos transformando todas as nossas crianças em babacas”, não é? Aí, sim, eu ficaria *agitada demais*.

Flicka podia ter a aparência de dez anos e soar meio retardada, mas era uma garota muito esperta — ou “altamente funcional”, expressão que sempre parecera um insulto a Jackson. Não era justo, já que Carol arcava com a maior parte do pesado fardo parental, mas Flicka sempre se mancomunava com o pai. Podia ser uma garota pálida e magrela, de cabelo lambido, cheia de manchas vermelhas e com um sistema “autônomo” — uma rede biológica sobre a qual Jackson nunca ouvira falar antes do diagnóstico — todo ferrado, enquanto ele era um comerciante moreno, corpulento e meio basco de quarenta e quatro anos. Mas a configuração emocional padrão dos dois era idêntica: *repulsa*.

— Não saia por aí repetindo essa história de os “asiáticos dominarem o mundo” sem acrescentar que seu pai disse que eles merecem — ralhou Jackson. Na presença de qualquer outra pessoa capaz de decodificar os gemidos engrolados de Flicka, aquele tipo de retórica racial carregada poderia lhe arranjar, ou, para ser mais direto, arranjar para seu pai uma encrenca dos diabos. — Os chineses, os coreanos, eles dão duro no trabalho e ignoram o conselho infeliz dos professores de esperarem para aprender a tabuada de multiplicar quando *sentirem vontade*. Eles é que são os americanos de verdade, como os americanos costumavam ser, e estão colonizando todas nossas melhores universidades, não graças à mãozinha condescendente de alguma ação afirmativa, mas por *mérito*...

Como sempre, Carol não estava prestando a menor atenção. Quando ficava de saco cheio na Knack, Jackson descobria na internet uma porção de informações pouco conhecidas, mas sua mulher achava já ter ouvido aquilo tudo e o descartava. *Algumas* mulheres ficariam gratas por ter um homem que trouxesse para casa factoides novos e admiráveis (se bem que enfurecedores) todos os dias, e que tivesse um ponto de vista incisivo e inusitado para dar um sentido (ainda que deprimente) ao mundo. Mas ele não tinha essa sorte com Carol, que, ao que parecia, ficaria mais contente com um burro de carga dócil, que lavasse credulamente os seus potes de maionese, mesmo que a maior parte da sua “reciclagem” fosse acabar num aterro sanitário, que fizesse alegremente donativos para a Associação Beneficente dos Patrulheiros, desconhecendo o fato de que a palavra *beneficente* não chegava nem perto de ficar a dez quilômetros de um tira, e que defendesse sacrificar quase toda a sua renda disponível a burocratas charlatães e incompetentes, como um ato de consciência cívica. Em suma, ela preferiria um marido que engolisse toda a farsa dessa lavagem cerebral de “patriotismo” e que convertesse um acidente arbitrário de nascimento naquele tipo de frenesi irrefletido, sacudindo pompons para dar força ao time, que tinha levado Jackson a se dopar pelas escadarias durante as preleções animadoras feitas aos estudantes do ensino médio.

É claro, Carol sempre fora conservadora em política, mas, afora isso, não costumava ser assim. Quando os dois se conheceram, ela cuidava do jardim paisagístico de uma casa onde Jackson também fazia um grande trabalho com divisórias e painéis de gesso; eles encontraram uma causa comum no fato de o proprietário ser um babaca e a situação de ambos como empregados os ter colocado no mesmo nível. Por isso, na época não tinha sido significativo que, apesar daquele trabalho subalterno de recém-

formada na faculdade, ela se revelasse diplomada em horticultura pela Universidade Estadual da Pensilvânia, ou que seu pai (que sempre havia achado que a filha se casara com um homem abaixo do seu nível) não fosse nenhum “faz-tudo” que aprendeu seu ofício na prática, mas um construtor de imóveis. Na época dessa obra, Jackson sentira-se atraído por uma mulher bonita que não tinha medo de sujar as mãos e que carregava sozinha suas sacas de quinze quilos de turfa. Porém o que mais lhe agradara era que ela sabia discutir. Discordava dele em quase tudo, mas parecia gostar dessa discordância e, tomando umas cervejas depois do trabalho, os dois entravam fundo nas discussões. Hoje em dia, era como se ela já tivesse vencido sumariamente, logo, para que se incomodar? — o que era intrigante, visto que Jackson não conseguia se lembrar de ter perdido uma única disputa.

E Carol não costumava transparecer essa seriedade desmancha-prazeres. Costumava ser hilária, ou pelo menos ria das piadas dele, o que lhe dava uma sensação ainda melhor que rir das dela. Jackson atribuía isso a Flicka. A responsabilidade, isso mudava a pessoa. Uma das razões de Carol já não beber quase nunca era que, a qualquer momento, a vida da filha do casal poderia depender da cabeça lúcida da mãe. Era como ser médica, ela própria, mas sem os jogos de golfe. Ela vivia de plantão.

Assim, Jackson voltou ao assunto que pelo menos parecia interessar à sua mulher:

— Você não entende por que é tão importante para mim que o Shep leve a cabo seu projeto de sair desta caricatura de “liberdade”. Mas vamos inverter a questão. Por que é tão importante *para você* que ele não consiga?

— Eu não disse que era “importante” para mim. Disse que ele é uma pessoa boa e atenciosa, que nunca deixaria a família na pior.

Jackson deixou cair a bota no piso laminado imitando parquê azul da cozinha (e quem o tinha ajudado a instalá-lo? *Shep Knacker*):

— Você simplesmente não *suporta* a ideia de que alguém possa sair daqui! De que alguém possa não passar a vida inteira se arrastando feito um autômato e marchar com passo marcado para a sepultura! De que possa existir algo como um *homem de verdade*. Com coragem! Com imaginação! Com *vontade*!

— Quer dizer que você quer puxar briga? Ótimo, esse é um caminho certo, cem por cento garantido, para perturbar a sua filha. Mas vá em frente, deixe-a nervosa — murmurou Carol num tom desapaixonado, com aquela sua calma que beirava a insanidade. — Não é você que tem de enfiar o diazepam no ânus dela, porque ela não consegue engolir um comprimido.

À menção de remédios, como se fosse uma deixa, Heather entrou saracoteando na cozinha e perguntou:

— Não está na hora da minha cortomalafrina?

Jackson não fazia ideia; nunca se lembrava direito se eles fingiam que a filha tinha que tomá-la antes ou depois das refeições.

— Heather, eu preciso aprontar este jantar, porque nós temos um convidado que pode chegar a qualquer momento, então, por que você não deixa para tomá-la quando a Flicka amassar os remédios dela, depois de jantarmos?

— Mas eu estou começando a me sentir esquisita — objetou Heather, introduzindo uma ligeira oscilação na postura. — Estou zozza e formigando e suando e sei lá o quê. Não consigo me concentrar nem nada.

— Ah, então está bem, pegue um copo de leite para você — disse Carol.

Destrancou o armário do alto; obviamente, guardar as pílulas de açúcar trancadas a chave não era necessário, mas fazia parte do teatro. Assim como “cortomalafrina”, nome que eles tinham inventado sem esforço, após anos de comprimidos de Catapresan, clonazepam, diazepam, Florinefe, Ritalina, ProAmatine, Depakote, Lamictal e Nexium, que enchiam a lista de medicamentos de Flicka com as rimas absurdas das aventuras de *Alice no País das Maravilhas*. A “cortomalafrina” e suas doses recomendadas eram impressas em receituários formais. Jackson tinha ficado perplexo ao saber que os farmacêuticos

tinham placebos de pasta de açúcar como parte de seu estoque-padrão, de onde se podia presumir que Heather não era a única a se entupir de frasquinhos marrons de balinhas Good & Plenty comprados por dez dólares a unidade.

Quando Carol pegou três cápsulas, Jackson desviou os olhos. Não gostava daquela porcaria. Ah, sim, entendia o ponto de vista de Carol de que Heather era sempre forçada a ficar em segundo plano, diante das crises médicas incessantes da irmã. Mas, se a caçula precisava de mais atenção, a resposta não era uma receita falsa. Ela devia ser ensinada a valorizar sua saúde, a ser grata por ela. É claro que, quando Carol estava grávida, esperando Flicka, os laboratórios não tinham nenhum exame para detecção da disautonomia familiar e, quando lhes disseram que a bebê estava bem, eles haviam relaxado. (Quá-quá-quá, grande surpresa no futuro. Quando o pediatra *finalmente* parou de se esconder atrás do seu diagnóstico oitocentista esfarrapado de “insuficiência do crescimento”, e identificou por que a recém-nascida não conseguia mamar, estava emagrecendo e vomitava o dia inteiro, a falsa tranquilidade do primeiro trimestre tornou a notícia muito mais difícil de receber.) Mas, caramba, na segunda gestação de Carol, tinham acabado de desenvolver um teste, e eles já sabiam que a probabilidade de outro filho com DF era de um em quatro; na hora de receber os resultados da amniocentese, tinham ficado nervosos a ponto de quase infartar. Quando o obstetra abriu um largo sorriso e lhes deu o sinal verde, a futura mãe de Heather ficou tão aliviada que chorou. Será que a caçula fazia alguma ideia de que, quando feto, se também fosse portadora dos dois alelos do gene de DF que ela parecia cometer a tolice de invejar, não estaria aqui? Bem, não, ninguém dizia aos filhos que um dia eles tinham escapado por um triz de um aborto.

E também não se dizia isso à filha mais velha, uma vez que a implicação óbvia era que, se tivessem sabido, eles também teriam chapado em Flicka um carimbo de “Devolver ao remetente”. Jackson não chegava ao ponto de dizer que eles o teriam feito, ou que deveriam ter feito, mas ficava pensando. Durante algumas das piores fases — quando a cirurgia da escoliose mal havia cicatrizado, eles tinham sido obrigados a dar à filha a notícia de que estava na hora de uma “funduplicatura de Nissen”, para curar seu refluxo ácido crônico —, ele tinha desconfiado de que a raiva de Flicka não era apenas daquele estilo “por que eu?”, mas que ela também tinha raiva dos pais, em particular, por terem-na feito estar aqui. Simplesmente estar aqui.

Por mais que aquilo tudo fosse difícil para ela, Jackson tinha assegurado à filha muitas vezes — graças, inclusive, à própria recusa de Flicka em abraçar a encenação surrada de anjo de inocência, que teria matado seu pai de tédio — que ela realmente iluminava a vida dos pais. Era culpa dele Flicka ser uma garota mimada — uma mimada cáustica, uma mimada divertida, mas, ainda assim, uma garota mimada. Mas como era possível não paparicar a menina, nem que fosse um pouquinho? Por mais que ele procurasse não enxergar, a DF era uma doença degenerativa, e Flicka vinha se deteriorando como mandava o figurino. Ela já fora tão bonitinha! Embora ainda fosse bonitinha para o pai, às vezes ele reconhecia que o queixo da filha tinha começado a se curvar para cima e a se projetar para fora, como o do Popeye, o que lhe conferia ao rosto uma belicosidade permanente. O nariz achatado vinha crescendo na direção oposta, a ponta se arredondando para baixo e se curvando para dentro, como se nariz e queixo tentassem se tocar. A boca havia ficado desproporcionalmente larga, os olhos tinham-se afastado demais e, à medida que o queixo crescia para cima e para fora, Flicka havia começado a apoiar os dentes da frente na parte externa do lábio inferior. Jackson não se preocupava com o fato de ela ter ficado menos atraente; o que o preocupava era saber se essas seriam manifestações externas da ocorrência de algo muito mais terrível que não se podia ver, algo que ele ainda não entendia muito bem, embora entender não fizesse diferença.

Ele havia começado pensando em Heather e acabara pensando de novo em Flicka, de modo que talvez Carol tivesse razão sobre a caçula sentir-se negligenciada. Era provável que umas pílulas de açúcar fossem realmente inofensivas, e ela havia começado a falar difícil com as amigas para contar que

estava tomando “cortomalafrina”. A maioria das crianças do primeiro ciclo na escola de Heather vivia entupida de remédios e, aparentemente, ter um diagnóstico era um imperativo na geração dela, o equivalente das jaquetas franjadas de camurça dos anos sessenta. Mas o que realmente o deixava arrasado nessa história de placebo era que, mal havia iniciado a ingestão das tais pílulas, Heather, que já era meio rechonchuda, tinha começado a engordar. Não eram as pílulas em si, que não podiam ter mais de cinco calorias por unidade; era pura sugestão. Todas as suas colegas de turma que tomavam antipsicóticos e antidepressivos, ou qualquer outro “antidartrabalho” de venda controlada, eram umas porcas de gordas.

Jackson ficava desolado ao perceber que, já aos onze anos, Heather dava sinais de ser uma enturmada vocacional. Ele nunca havia entendido esse impulso de ser igual a todo mundo, especialmente quando todo mundo era uma porra de um idiota. Desde menino, Jackson sempre quisera se destacar; os colegas de suas filhas pareciam impelidos a se integrar. As únicas exceções, os únicos garotos realmente ambiciosos, decididos a chamar atenção para si como gente que estava num nível superior, iam para a escola com um arsenal embaixo dos casacos.

Por outro lado, talvez Jackson fosse mais conformista do que gostava de admitir. Bastava pensar no nome da Heather. Eles o haviam escolhido por achar que era incomum. Agora, havia outras três Heather na turma dela. O que acontecia com essa história do nome? A gente achava que nunca o tinha ouvido antes, mas ele estava no ar, ou coisa assim, feito um cheiro ou um gás, e enquanto isso, todos os outros casais grávidos do quarteirão resolviam chamar a filha de Heather porque era *incomum*. Por algum milagre, pelo menos a escola da sua primogênita não estava atulhada de Flickas. Cabia dar graças a porra nenhuma por Carol ter sido vidrada nuns livros idiotas sobre cavalos quando menina. Olhe só para você, ele se chutou mentalmente. Flicka de novo. Você não consegue passar dez segundos pensando na sua segunda filha. No entanto, com certeza chegaria uma hora, não havia como saber quando, em que teria de pensar na Heather, porque Heather seria a sua única filha.

— Jackson, será que eu devo servir logo o jantar das meninas? Está ficando tarde.

— Sim, é melhor. O Shep e a Glynis devem ter entrado numa discussão qualquer. Se eu conheço a Glynis, ela não vai deixar que ele saia sem uma briga. Não dá mesmo para saber a que horas vai chegar.

— Benzinho — disse Carol, em tom meigo. — Você deve se preparar para a possibilidade de que ele perca a coragem. Ou caia em si e perceba que tem mulher e filho e uma vida para cuidar, e que essa história de Pemba é ridícula. Cravos, ora, francamente!

Era uma forma particularmente feminina de condescendência: os homens e suas ideias infantis, seus projetinhos vãos e inviáveis.

Jackson fuzilou-a com os olhos. Foi mais um daqueles momentos em que olhar para sua mulher foi uma perfeita tortura. Ela era incrivelmente linda. Parecia mesquinhez, mas ele tinha ficado meio exasperado com o fato de, ao envelhecer, Carol continuar mais sexy que nunca: alta — mais alta que ele —, com o cabelo comprido cor de âmbar, e aqueles seios redondos perfeitos, do tamanho de uma metade de toranja. Nunca tinha engordado um grama. E não era por fazer dieta nem exercícios, mas por carregar trinta e nove quilos de carne humana contorcida e engasgada para uma cama no andar de cima, ou para um pronto-socorro. Jackson já não sabia ao certo se o rosto de Carol sempre estampara aquela expressão serena e impassível, como que cinzelado no mármore, ou se ela havia desenvolvido essa calma e essa compostura exasperante para projetar uma presença tranquila e reconfortante para Flicka. Como quer que fosse, já fazia anos que era tão difícil tirá-la do sério, que ela o inspirava a tentar.

Jackson sempre se orgulhara de ser visto na companhia da esposa na presença de outros homens, acompanhados por suas mulheres desbotadas e pesadonas, mas dentro de casa, a única pessoa em relação a quem Carol era mais bonita era ele. Jackson não era horroroso nem nada, mas tinha medo de eles serem um daqueles casais de quem os outros dizem, em conversas particulares: *A Carol é um arraso, mas o que foi que viu nele? Por que uma mulher daquelas havia de escolher um cara proletário, baixo e pesado,*

cheio de pelos nos ombros? Ele lera em algum lugar que uma das coisas que respondiam por um casamento feliz era os dois parceiros terem mais ou menos o mesmo nível de atrativos físicos, o que o deixara nervoso. A maioria dos homens o acharia maluco, mas ele gostaria que Carol fosse um pouquinho menos atraente.

Jackson pôs os pratos na mesa para as meninas e captou o olhar de pavor de Flicka. Linguíça com pimentões era uma das marcas registradas da cozinha de Carol, um prato que sempre agradava a todos, mas dar sementes de funcho e alho a Flicka era um desperdício. Com pouco olfato e a língua lisa feito uma calçadeira, ela não sentia o sabor de títica alguma. Podia ter aprendido, com grande esforço, a baixar a epiglote para não deixar a comida vazar para a traqueia, mas ainda mastigava cada porçãozinha por tanto tempo, que era como se estivesse roendo a própria mesa, e, se a mãe lhe dava as costas por um instante, ela raspava o que sobrasse do prato na lata de lixo. A estranha verdade era que Flicka não fazia nenhuma associação entre fome e comida. Por isso, achava de uma desproporção desconcertante o tempo que se desperdiçava cozinhando. O disparate cultural relacionado com a alimentação — tigelas separadas para salada e garfos para peixe, a angústia em torno dos pedidos nos restaurantes, a decepção compartilhada por uma casquinha de pizza caseira que ficava mole, uma tristeza aguda a ponto de estragar a noite — era tão impenetrável para Flicka quanto os rituais de sacrifício de um misterioso culto animista. O fato de sua irmã rechonchuda se empanturrar de chocolate, quando a rigor o organismo não precisava de mais calorias, parecia-lhe simplesmente absurdo, como se Heather continuasse a apertar o bocal da mangueira quando havia gasolina borbulhando da abertura do tanque e escorrendo pela lateral do carro.

— Flicka, eu fiz uma porção separada para você, sem molho.

— Fique com ela — retrucou Flicka, mal-humorada. — Eu posso muito bem tomar um copo de complemento alimentar.

— Não quero ter esta briga com você toda noite — disse Carol, num tom tão suave que qualquer pessoa que ouvisse perguntaria: que briga?

— Sei, sei, família que engole unida permanece unida. Faz *muito* sentido.

— A sua terapeuta nutricional diz que você tem que tentar comer alguma coisa todos os dias, e essa porção é muito pequena. Poder comer, nem que seja um pouquinho, é importante para fazer amizades.

A pretendida bufadela de Flicka saiu mais como um gorgolejo, e ela enxugou a baba do queixo na munhequeira de tecido felpudo que usava no pulso direito. Como esta vivia encharcada, a erupção cutânea por baixo dela tinha se tornado crônica.

— Que amizades?

— Nós pagamos aquela terapeuta do nosso próprio bolso...

— É, bom, e o que você acharia de um brutamontes lhe enfiando os dedos na boca o tempo todo? A Karen Berkley não é para mim, é para você...

— *Coma logo.*

Santo Deus, Carol soou quase agitada.

Depois de procurar na mochila da escola um saco Ziploc grande e surrado, Flicka se levantou, pendurando-se na cortina florida de Carol, e se arrastou até a panelinha de linguíça com pimentão em cima da bancada. Antes que a mãe pudesse detê-la, virou o conteúdo no liquidificador, derramou nele duas canecas de água e ligou o aparelho na velocidade máxima. A comida batida ganhou um tom marrom-rosado aerado que fez Jackson perder imediatamente a vontade de jantar. Com um brilho maligno na vaselina em volta dos olhos, Flicka prendeu a seringa de calibre grosso no tubo transparente que lhe servia de extensão, conectando a outra ponta à sonda com tampa de plástico de sua gastrostomia — não muito diferente dos bicos de atarraxar das caixas de suco de laranja. Puxou o êmbolo e sugou uma parte da pasta rosada e viscosa para a seringa. Liberada a sua pinça, a transparência do tubo tornou muito fácil acompanhar o progresso do líquido cor de vômito. Flicka levantou bem alto a seringa com a mão direita,

exibindo no rosto uma expressão vitoriosa, como a maldita Estátua da Liberdade.

Tudo bem, foi agressivo. Passando sal na ferida, Flicka anunciou:

— Estou comendo.

— Esse tubo vai ser muito difícil de limpar — observou Carol, cedendo a um toque de gelo na voz, enquanto o telefone começava a tocar. — Benzinho, pode atender, por favor? Parece que tenho uma faxina para fazer.

* * *

— Bem, é isso aí — anunciou Jackson em tom seco, enquanto voltava para a cozinha. — Ele não vem.

— Não vem ou não vai?

— Nenhum dos dois.

Carol pegou mais dois pratos e Jackson vislumbrou um esboço de sorriso em seu rosto.

— E o que é que a faz ficar tão contente com isso, cacete?

— Eu não disse nada!

— Você está *contente*, não está?

Carol fez um sinal discreto na direção de Flicka e balançou a cabeça. Talvez Jackson estivesse gritando.

— Estou contente — confirmou, a voz parecendo uma espátula que espalhasse uma cobertura de queijo cremoso — pela Glynis.

— Não fique.

* * *

Embora a Randy Mão na Roda se houvesse expandido para outros bairros, o escritório central e o depósito de suprimentos continuavam na Sétima Avenida, em Park Slope, a pouco mais de um quilômetro de Windsor Terrace. Como podia ir a pé para o trabalho, não foi difícil para Jackson chegar cedo na segunda-feira seguinte, na esperança de garantir que, na entrada de Shep, as piadinhas se restringissem ao mínimo. Assumiu de propósito um ar protetor de explosividade contida e violência iminente, o que, naquelas circunstâncias, veio com bastante naturalidade. Mesmo assim, o clima no escritório era de gozação mal reprimida; o contador, o web designer, o atendente da central telefônica, todos, até a recepcionista, estavam com cara de quem tinha enfiado o punho na boca para não cair na gargalhada. Quando Shep efetivamente entrou, não pareceu dar grande importância ao fato de, de repente, o resto do pessoal ficar em silêncio, e deslizou para seu cubículo com uma passividade robótica que pareceu familiar; talvez Shep e Carol tivessem algum traço de temperamento em comum. Por mais coisas que a vida lhe jogasse em cima — “vida” era um modo delicado de falar, a ideia estava mais para “as outras pessoas” —, Shep absorvia tudo, como aquela sacanagem despreocupada da família, que tinha desviado os olhos enquanto ele pagava pelo funeral da mãe, desde o caixão até o patê servido no velório, como se bancar todas aquelas despesas fosse parecido com soltar um pum, e isso não era coisa que se mencionasse na companhia de pessoas bem-educadas. Quando Mark, o cara que cuidava do site que Jackson tinha desancado na sexta-feira, perguntou de gozação “Ué, nada de bronzeado?”, Shep retrucou afavelmente que o tempo estivera nublado no fim de semana. Sentou-se diante de seu terminal e verificou as reclamações no correio eletrônico; com uma olhadela do outro lado da sala, Jackson percebeu que havia muitas.

Fazia calor. Jackson havia aprendido a usar camisas de manga curta no inverno, senão voltaria para casa encharcado. Pogatchnik mantinha o aquecimento na regulagem máxima, nem que fosse apenas para

irritar Shep, que deplorava esse desperdício. De acordo com a besta do patrão, o importante era o desperdício: uma empresa que mantinha suas instalações num clima tropical em janeiro e ártico em agosto incentivava a clientela a confiar em sua pujança. Era um sinal de prosperidade, assim como um dia a gordura fora uma insígnia de riqueza: antigamente, o sujeito podia comer demais; agora, podia aquecer demais. Shep tinha contra-argumentado que não conseguia entender por que alguma criatura de sangue quente se sentiria confortável com trinta graus numa estação e treze na outra, mas qualquer opinião que Shep emitisse diante de Pogatchnik era sempre um tiro pela culatra e, na última vez que ele tinha pedido, educadamente, para baixarem o termostato, a regulagem tinha subido mais um grau. Aliás, praticamente todas as inovações feitas por Pogatchnik tinham o objetivo específico de espicaçar Shep Knacker, inclusive o seminário especial sobre “Como se relacionar com colegas difíceis”, no qual o próprio Pogatchnik tinha sido o colega de trabalho difícil.

O patrão finalmente se dignou dar as caras às onze da manhã. Foi direto para o cubículo de Shep.

— Parece que você me deve um pedido de desculpas, Knacker.

— Devo, sim — veio a resposta impassível.

— E então?

— Peço desculpas.

Pogatchnik continuou postado diante da escrivaninha de Shep, como se quisesse algo mais.

— Peço *humildes* desculpas — ofereceu Shep. — Talvez eu estivesse num dia ruim.

— O simples fato de você ter sido dono disto aqui, quando era uma empresinha local de nada, não lhe dá nenhum direito especial. Vou deixar passar, desta vez, mas, se fosse qualquer outro empregado, eu o poria no olho da rua. Aliás, já que você é qualquer outro empregado...

— Eu lhe agradeço pela segunda chance. Nunca esperei consideração especial. Não voltará a acontecer.

Ao escutar toda aquela engolição de sapo a seis metros de distância, Jackson teve uma boa ideia de por que havia empregados chegando ao trabalho com sacolas de lona cheias de pistolas automáticas por todo o país. A “empresinha local de nada” era particularmente difícil de engolir. Shep tinha vendido a Knack Para Toda Obra mais ou menos na época em que a internet estava começando a deslanchar, e como havia de saber que o ramo dos serviços de reparos e instalações ia florescer *on-line*? Depois de Pogatchnik registrar o nome de domínio www.handiman.com (alguém já tinha escolhido www.handyman.com, mas a empresa pegou todos os clientes que não sabiam ortografia e, sendo os Estados Unidos o que são, isso não havia reduzido minimamente a sua clientela), o número de cadastrados havia explodido. Pogatchnik reivindicou todo o mérito para si, como se tivesse inventado a própria internet, como Al Gore. Agora, a empresa provavelmente valia quatro vezes mais do que aquele calhorda inútil pagara por ela, e Pogatchnik havia começado a apresentar comerciais dele mesmo na televisão, berrando em voz desafinada uma variação excruciante da gravação de Sammy Davis Jr., “The handyman, oh, the handyman can!”, que fazia Jackson mudar de canal com uma urgência que beirava a histeria. Na época, aquele cheque de um milhão tinha parecido o máximo, e agora se constatava que vender a Knack tinha sido a maior burrice cometida por Shep em toda a sua vida.

Quando os dois pegaram seus sanduíches de praxe, num café mais adiante na rua — Jackson viveria perfeitamente bem sem toda aquela conversa ridícula de mozzarella de búfala e *prosciutto*, ou seja, presunto com queijo —, Jackson foi obrigado a perguntar:

— O que foi todo aquele mea-culpa baba-ovo com o Pogatchnik?

Shep sempre fora um sujeito contido, mas, até para ele, sua disposição afetiva da manhã inteira tinha sido de uma insipidez desumana, cooperativa a ponto de não existir. Como se você pudesse mandá-lo cumprir todas as etapas de um teste de embriaguez ao volante, e ele tocasse o nariz e ficasse em pé numa perna só, e contasse de trás para a frente, desde o número cem, de sete em sete, sem se importar com o fato de você não ser tira e ele nem ao menos estar dirigindo.

— Ah, aquilo — disse Shep, em tom monocórdio. — Quando eu saí da Randy Mão na Roda na sexta-feira — o sujeito nunca chamava a companhia de Randy Mão na Roda, sempre a chamava de Knack; caramba, o pobre coitado parecia o Paul Newman em *Rebeldia indomável*, depois de passar dias naquela solitária minúscula, dizendo *Sim, senhor; Sim, senhor*, por terem-no feito baixar a crista —, acho que disse alguma coisa do tipo “Tchau, babaca”. Foi uma extravagância. Não pensei que eu fosse voltar.

— Está bem, eu entendo o pedido de desculpas, mas você tinha que rastejar?

— Tinha, sim.

Jackson pensou no assunto.

— O seguro-saúde.

— Isso mesmo. — Shep deu uma dentada no sanduíche e tornou a baixá-lo. — Corrija-me se eu estiver errado, mas tive a impressão de que meus colegas sabiam que eu tinha planejado uma viagem, originalmente. O fato de hoje eu ter voltado ao trabalho pareceu ser motivo de certa diversão.

— Olhe, eu sinto muito. Na semana passada, o Mark estava sendo sarcástico de novo e... acho que eu devia ter fechado a matraca. Mas eu tinha tanta certeza de que, desta vez, você ia mesmo embora... Não estou inventando desculpas, mas teria sido mais fácil para nós dois se você tivesse guardado para si o seu projeto grandioso, tempos atrás, quando estava prontinho para apertar o botão de ejetar.

— Tempos atrás não havia razão para eu me calar sobre isso. Era simplesmente o que eu ia fazer.

— Mesmo assim, eu gostaria que você me deixasse falar da Glynis com o pessoal da Knack. Para não deixar os caras pensando que você não foi para Pemba por ser um medroso, ou um maluco cheio de fantasias. Eles lhe dariam muito menos chateação.

— A Glynis não quer que isso seja divulgado. Ela me deu permissão para contar a você e à Carol. Mas, afora isso, é assunto dela. Não vou usá-la para tornar a minha vida mais agradável no trabalho. Ela não é agradável mesmo, e nunca será, logo, não faz a menor diferença.

— Por que você acha que ela quer guardar segredo?

Shep encolheu os ombros:

— Ela é reservada. E deixar que todo o mundo saiba torna a coisa real.

— Mas é real.

— Real demais — concordou Shep.

— Escute — disse Jackson, quando os dois voltavam —, quer dar uma passada lá em casa para uma cerveja, antes de voltar para Elmsford?

Era óbvio que, da noite para o dia, a perspectiva de fazer alguma coisa por diversão ou prazer, ou por qualquer razão que tivesse a ver com ele e com o que ele “queria”, tinha se tornado algo estranho para Shepherd Knacker; mas Jackson tinha lhe pedido uma coisa, e por isso ele a faria.

— Claro — respondeu.

* * *

— Não posso demorar muito — avisou, na ida de carro para Windsor Terrace.

— Tudo bem. Temos um encontro com aquele grupo de apoio de DF às nove, de qualquer jeito. O que me deixa apavorado. Ah, seria legal se fosse apenas uma troca de informações sobre os efeitos colaterais dos remédios e tal. É toda aquela coisa judaica que fica meio exagerada. Quer dizer, não me entenda mal, não sou um desses “judeus que têm ódio deles mesmos”. Só não sou, bem, especialmente judeu. — Jackson estava falando a esmo, mas, com um zumbi ao volante, alguém tinha que dizer alguma coisa. — Minha mãe não é ortodoxa, e meu pai se interessa por esse negócio dos bascos, o que é meio bacana... não que eu me dispusesse a explodir nenhum político espanhol por causa disso nem nada. E depois, a

Carol, bem, ela foi criada no catolicismo. Teve *um avô* do lado paterno que era asquenaze. E por isso, a gente sofre toda essa pressão no grupo de apoio para encher a Flicka de *gefilte fish* e, tecnicamente, a Flicka nem é judia.

Ele continuou:

— E esses birutas ortodoxos... quando eles se casam, se recusam a fazer o exame de DNA. Mesmo depois de terem um filho com DF, não querem fazer a amniocentese. Há uma família em Crown Heights que tem *três* filhos assim. Talvez seja castigo por serem tão burros. Porque, é claro, os judeus são contra o aborto. Mas, apesar disso, os rabinos de *todas* as formas de judaísmo, dos reformistas aos ultraortodoxos, sabe, todos eles dizem que, quando o feto tem DF, é para a pessoa se livrar dele. Tipo Deus não quer que eles sofram. A coisa é feia assim.

E completou:

— Isso me mata, sabe? Supostamente, a questão é a *religião* judaica, e a gente imaginaria que pode escolher no que acreditar, não é? Mas não. Essa porra desses genes vêm me espreitando, cara, por uma geração atrás da outra. É como ser assaltado por um rabino.

Pensando bem, Jackson não devia estar reclamando de nada que possuía, e calou a boca.

Carol e Shep se abraçaram, e Carol disse que lamentava muitíssimo. Uma vez instalado na cozinha, Shep explicou que tinha passado quase todo o fim de semana na internet, e contou o que sabia. Disse que ia tirar um dia de folga no fim da semana, para ir com Glynis a uma consulta com um oncologista, e depois disso eles ficariam mais bem-informados. Carol perguntou como ele achava que Glynis estava lidando com aquilo, e Shep respondeu que ela estava fula da vida, mas ela estava sempre fula da vida, de modo que era difícil saber. Então Carol perguntou como estava sendo para ele, e Shep pareceu achar a pergunta irrelevante. É óbvio que estou com medo, disse, mas não posso me dar ao luxo de sentir medo, nem coisa nenhuma, aliás. Sou eu que tenho de segurar a barra. Então, não importa como eu estou. *Não importa mais*. Foi a primeira coisa que ele disse com verdadeira paixão o dia inteiro.

Carol solidarizou-se com o amigo por Pemba, embora Shep soubesse perfeitamente que ela havia achado a ideia toda uma maluquice. Ele declarou que rifar a “Outra Vida” já parecia fichinha, como algo acontecido fazia muito tempo. Disse que a única coisa boa dessa guinada terrível da sorte era reconhecer o que era importante. Agora ele não tinha que decidir se ia embora ou não, porque, assim que Glynis lhe dera a notícia, não houvera mais decisão nenhuma a tomar. Pemba não existia. Era como se a ilha inteira tivesse afundado no oceano. Ninguém imaginaria, disse ele, mas nunca vivi outro momento na minha vida em que, de repente, tudo ficasse tão simples. Perguntou-se em voz alta se esse acontecimento surgido do nada seria uma espécie doentia de intervenção divina. Ele não queria ir para Pemba sem a Glynis e o Zach. Não deveria ir sem eles, e, agora, não poderia. Isso era líquido e certo. Portanto, nesse sentido, a virada da sorte fora um alívio. A falta de hesitação. A obviedade enorme, gritante, do que ele tinha que fazer. E queria fazer, acrescentou em tom enfático. Glynis precisa de mim. Talvez também precisasse antes, mas não era tão evidente. Quando Shep disse que era uma boa sensação saber que a mulher precisava dele, Jackson sentiu uma pontada de inveja que não compreendeu.

Comumente, Shep não era dado a essas confidências. Não era uma pessoa insensível, longe disso, mas era igual a uma porção de caras. Era um jeito perfeitamente decente de ser, na opinião de Jackson, um jeito digno: ele tendia a deixar os outros presumirem os seus sentimentos mais profundos. Não os nomeava nem os exibia. Por isso, quando disse com todas as letras que amava Glynis e que não se dera conta do quanto até então, e que agora sentia remorso pelo que tinha planejado, quando, não fazia nem uma semana, tinha apostado naquilo como um último recurso para se salvar, Jackson ficou ofendido e emocionado. Pensou no quanto Flicka os havia modificado, a ele e a Carol, e no quanto parte dessa mudança era ruim — como dormir tão pouco, por causa do regime de alimentação da filha de madrugada, que eles raramente transavam —, mas parte também era boa. Eles tinham um imperativo. Estavam fazendo juntos uma coisa que era mais vital que o sexo, e ainda mais íntima, como ele constataria, o que o

havia surpreendido. Então, talvez o fato de uma esposa anunciar que podia estar à beira da morte tivesse um efeito similar, rearrumando tudo, pondo tudo em foco, e unindo o casal de um jeito que não era total, irremediável e perpetuamente terrível.

Mesmo assim, quando Shep continuou a contar como estava contente por já não ter que assumir a responsabilidade por “abandonar a Glynis” e “abandonar o filho”, Jackson se assustou; nunca tinha ouvido o amigo usar essa palavra dura e inclemente ao descrever suas intenções: *abandonar*. Shep disse que o diagnóstico “havia afastado dele esse cálice”, como diria seu pai, e Jackson pensou, mas guardou a ideia para si, que a única transformação para a qual *não* estava disposto era, de repente, Shep vir todo cheio de cristianismo para cima dele. Em vez disso, comentou: é engraçado, você foge da responsabilidade aceitando toda ela jogada no seu colo de uma vez só. Shep disse: sim, mas agora eu me sinto mais sendo eu mesmo. Mais normal. Fazendo o que é certo. Cuidando da minha mulher. Eu achei, arriscou Carol, que sair cavalgando em direção ao pôr do sol não fazia o seu gênero. Não, admitiu Shep, com um toque de tristeza. Com certeza não fazia. Enfim, observou Carol, você sabe o que dizem sobre a vida e os outros planos que a gente faz. É, concordou Shep, é de admirar que a gente se dê o trabalho de fazê-los. Ao soar tão filosófico, ele também souou mais velho, e havia uma infantilidade em seu melhor amigo que só nessa hora Jackson notou que havia desaparecido.

Mas, quando se trata do tipo melhor de gente, os problemas a fazem lembrar que todo mundo tem problemas, que existe um “todo mundo”. E assim, Shep não continuou a falar de Glynis e Pemba, mas perguntou por Flicka — as meninas estavam no andar de cima, fazendo o dever de casa — e teve também a dignidade de perguntar por Heather. Perguntou até pelo trabalho de Carol, o que praticamente ninguém fazia, porque ele era muito chato, e perguntou se ela sentia falta do paisagismo. Sentia, sim, ela respondeu, sentia falta de fazer alguma coisa física, que envolvesse a terra. Shep disse ter a mesma sensação, uma saudade de consertar coisas, de melhorar palpavelmente a vida das pessoas e ver os resultados do seu trabalho, em vez de providenciar por telefone o conserto do trabalho atamancado dos outros. Pediu desculpas, mas não conseguia se lembrar: sabia que Carol tinha entrado para a equipe de vendas na IBM, em parte porque a empresa a deixava trabalhar em qualquer terminal de computador que lhe agradasse, fosse em casa, fosse no Taiti; ela podia investir quantas horas quisesse, do jeito que quisesse, desde que o trabalho fosse feito — uma política que, eles todos concordaram, dando risada, não deveria ser revolucionária, mas era, e o critério do cumprimento de uma tarefa era executá-la. Mesmo assim, o paisagismo tinha sido um trabalho autônomo, que também tinha um horário flexível, e ela não tivera problemas, ao que Shep se lembrasse, para chegar em casa na hora de as meninas voltarem da escola, nem para carregar Flicka para os terapeutas, ou até correr com ela para o pronto-socorro. Será que valera mesmo a pena o sacrifício, ele perguntou, para ter uma remuneração maior? Jackson reprimiu a irritação; ficava incomodado por Carol ganhar mais do que ele, e incomodado por ela ter tido que abrir mão do trabalho que adorava pela razão que a levava a isso, mas entre homens e mulheres tudo tinha mesmo era que mudar, e esse troço não deveria incomodá-lo.

— Ah, não foi realmente pelo salário melhor que eu aceitei o emprego na IBM — explicou Carol. — Quando o Randy comprou a Knack, e você sabe como ele é chegado a uma economia, como é fissurado no lucro, ele trocou o plano de saúde por outro mais barato. Com todas as despesas da Flicka, as terapias e as cirurgias e os períodos no hospital, não podíamos mais depender da cobertura do Jackson.

Ela prosseguiu:

— Sabe, essa tal de World Wellness Group é uma empresa de planos de saúde que saiu do inferno. O segurado tem de pagar uma parte de tudo, inclusive dos remédios, e todo mês nós temos que preencher formulários. Com a dedução colossal que eles fazem, você gasta cinco paus antes de receber dez centavos de reembolso. A ideia que eles têm de “valor razoável e costumeiro” dos honorários é o que custava uma consulta médica em 1959, e aí eles lascam a diferença em você. Fazem restrições demais quanto ao uso de serviços fora da rede conveniada, e a Flicka precisa de atendimento muito

especializado. E ainda por cima tem a coparticipação no seguro, além da participação nos pagamentos: vinte por cento do total da conta, e isso quando ficamos *dentro da rede*. Se você acrescentar o fato de que o limite de pagamento deles durante a vida inteira, você sabe, o total do que eles vão desembolsar pela vida afora, também é muito baixo, só chega a uns dois ou três milhões, quando uma pessoa como a Flicka pode facilmente ultrapassar esses valores antes de chegar aos vinte anos... Bem, nós tínhamos que arranjar outra cobertura.

— Nossa, eu não fazia ideia.

— Mas você precisa saber disso, Shep — disse Carol. — Também é o seu seguro.

CAPÍTULO TRÊS

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de dezembro de 2004 – 31 de dezembro de 2004

Valor Líquido em Carteira: US\$731.778,56

Enquanto se dirigiam ao hospital Phelps Memorial, em Sleepy Hollow, Shep manteve uma das mãos no volante, a outra na de sua mulher. Era um aperto de mãos relaxado; a palma da mão dela estava seca. Os dois olhavam diretamente para a frente.

— Não havia necessidade de você passar por todo o diagnóstico sozinha — disse ele.

— Você estava longe, no seu mundinho. Então eu fiquei no meu.

— Deve ter se sentido solitária.

— É. Mas fazia algum tempo que eu vinha me sentindo assim.

Na saída seguinte, Glynis acrescentou:

— Você é um planejador, Shepherd. Sempre olha adiante antes de pular. Na verdade, você pula antes de pular. Na sua cabeça, você pegou aquele avião para a Tanzânia meses atrás.

Shep estava aliviado por Glynis simplesmente falar com ele. Sentia-se disposto a ser castigado, ficava contente com isso.

Para seu horror, ela já tinha sido submetida a radiografias abdominais, a uma tomografia e a uma ressonância magnética. Lembranças vieram à tona. Em duas manhãs de dezembro, ela tinha recusado não só o café da manhã, mas até o café puro, algo que, para Glynis, não tinha precedentes. Shep não se lembrava de qual fora a desculpa, mas não devia ter sido convincente, porque a recusa do café, em particular, o deixara magoado; ela havia desdenhado de um dos rituais sagrados do dia do casal. Em duas noites, ficara se levantando para tomar um copo d'água atrás do outro. Portanto, não estivera saciando uma sede intensa, mas tentando limpar o contraste das veias. Do mesmo modo, uma lembrança estranha e solta dele finalmente se encaixou numa narrativa organizada: a de ter entrado no banheiro antes que ela tivesse chance de puxar a válvula, e ter notado que o vaso sanitário estava vermelho. Tinha chegado cedo demais aquele momento do ciclo menstrual, mas Glynis estava com cinquenta anos, talvez estivesse ficando irregular; ciente do quanto a mulher era sensível a respeito da aproximação da menopausa, ele não havia tecido comentários. Agora entendia: não tinha sido menstruação. Também se deu conta de que ela começara a dormir de camisola, e não, como dizia, por estar com frio; era para esconder a cicatriz da laparoscopia na barriga, que agora Shep tinha visto. Apesar de ter apenas uns dois centímetros de comprimento, ela o deixara assustado: era uma primeira violação, e não seria a última. A camisola também o havia magoado. Fazia vinte e seis anos que eles dormiam pele com pele.

Desde aquela sexta-feira marcante, na semana anterior, Glynis só havia compartilhado informações fragmentadas sobre os exames. Por isso, a menção que fizera a um pequeno detalhe técnico, no fim de semana, tinha se destacado. Antes da ressonância magnética, procedimento para o qual todas as joias têm

que ser retiradas, fora preciso fazer um raio X adicional antes de sua mulher ser posta no tubo. “Porque eles souberam que eu era metalurgista”, dissera Glynis. “A geração da imagem é magnética. O metal estraga tudo. Não se pode ter nenhum fragmento nem limalha preso ao corpo.”

Ele devia ter reconhecido por que a mulher lhe dissera isso: por sentir-se orgulhosa. Não devia ter lhe perguntado “E encontraram algum?”. Numa manobra eficaz, mas exasperante, que vinha aumentando de frequência, Glynis não dera resposta alguma à sua pergunta, o que, nesse caso, significava não. Não haviam encontrado limalha nem fragmentos. Fazia meses que ela trabalhava tão pouco no estúdio, que poderia ter feito a ressonância como qualquer outra pessoa. Mesmo numa situação dessas, ele tivera que lhe esfregar isso na cara.

O seu mundinho. O subterfúgio de Glynis nunca teria funcionado sem a correspondente negligência dele. Se Shep havia notado que, apesar do arredondamento recente da barriga, ela havia emagrecido, não dera muito valor a essa observação, o que era o mesmo que não reparar. Eu não fazia ideia de que o nosso casamento andava tão mal, pensou, e então se lembrou de que, até a sexta-feira anterior, estivera planejando deixá-la.

— Naquela noite — disse —, você não precisava ter me deixado falar daquele jeito sobre Pemba. Podia ter me interrompido.

— Eu estava interessada.

— Não foi legal.

— Não tenho me sentido *legal*.

— E *como é* que você tem se sentido?

Shep estava envergonhado. Fora solícito durante toda a última semana, talvez de uma solicitude irritante. Mas, nos meses anteriores, não se lembrava da última vez em que havia perguntado como estava sua mulher.

Glynis demorou um pouco para responder:

— Com medo. Por alguma razão, era mais fácil quando você não sabia.

— É que agora você pode se permitir ter medo — disse ele, apertando-lhe a mão, só um pouquinho. — Vou cuidar de você.

Era uma grande promessa, uma promessa que ele não conseguiria cumprir. Mas fracassaria valentemente, e essa era a promessa que fazia a si mesmo.

* * *

O Dr. Edward Knox estendeu a mão para Shep, num aperto firme e generoso. O oncologista exalava um odor penetrante de antisséptico, como se fosse um daqueles raros médicos que realmente lavam as mãos. Era um cheiro que Shep associava à angústia.

— Sr. Knacker, fico muito satisfeito por finalmente o senhor ter conseguido arranjar tempo para estar conosco.

Nessa frase Shep detectou uma censura, além das afrontosas deturpações da verdade feitas por sua mulher. Em outras circunstâncias, ele a censuraria por isso. Como agora não queria fazê-lo, intuiu que criticá-la fosse pelo que fosse, a partir desse momento, era basicamente coisa do passado.

O ar de familiaridade com que Glynis se sentou numa das cadeiras indicava que ela já estivera naquele consultório. Aqueles dois tinham uma história juntos e, apesar de “finalmente” estar ali, Shep sentiu-se excluído. Teve a impressão peculiar de que, para Glynis, aquele consultório era um centro de poder.

Enquanto o médico se instalava em sua cadeira giratória, Shep calculou que ele devia ter uns trinta e tantos anos, apesar de se sentir cada vez menos seguro no que dizia respeito à idade das pessoas. Embora

ainda fosse capaz de perceber a diferença entre sessenta e sessenta e cinco anos, nos últimos tempos, todos os seus conhecidos mais novos tinham entrado na categoria indiferenciada de Mais Jovem Que Eu, o que era estranho, porque ele já passara por aquelas idades, sabia como eram e que aparência tinham no espelho. Mas, da perspectiva de uma idade mais avançada, o sujeito sempre descobria que, na época, não havia entendido o que significava estar com trinta e sete anos, como era isso, que aparência tinha. Infelizmente, na situação atual, as pessoas mais jovens sempre lhe pareciam imaturas, e a confiança delas, que o Dr. Knox irradiava em pulsos, parecia oca e injustificada — ou seja, um autoengodo invejável. Mesmo assim, Shep queria confiar naquele homem, e torcia muito para que, entre os amigos, ele fosse chamado de “Edward”, e não do desrespeitoso e menos confiável “Ed”. Magro e atlético, provavelmente Knox optava por frutas na sobremesa, e arranjava tempo para se exercitar na esteira da academia do hospital; praticava o que pregava. Pessoalmente, Shep sempre tivera uma queda pelos profissionais de saúde que carregavam uns dez quilos de excesso de peso e fumavam cigarros escondidos no estacionamento da equipe médica. A hipocrisia era tranquilizadora. Nos médicos, Shep sempre havia buscado menos a autoridade que o perdão.

— Peço desculpas por termos demorado tanto a chegar a um diagnóstico claro — começou o Dr. Knox, dirigindo-se a Shep. — O mesotelioma é notoriamente difícil de identificar, e tivemos de excluir uma porção de outras explicações mais corriqueiras para a febre, a sensibilidade e o inchaço abdominais e a dismotilidade gástrica da sua mulher.

Shep não sabia o que significava *dismotilidade*, mas não perguntou, porque, nesse caso, o médico saberia que esse era mais um dos sintomas de sua mulher dos quais ele não tomara conhecimento, ou com o qual não se havia importado, ou o qual não tinha percebido.

— Afinal, como com certeza a sua esposa lhe disse, o mesotelioma peritoneal é muito raro — continuou o Dr. Knox. — E não vou enganá-lo. Também é muito grave. Como o peritônio é uma membrana muito fina, que envolve os órgãos abdominais quase como papel filme, o tecido doente pode se entranhar em cantos que são difíceis ou impossíveis de alcançar cirurgicamente.

Shep admirou a fraseologia do médico, que ao menos fingiu acreditar que, naturalmente, ele sabia o que era peritônio; Knox relutou em deixar implícito que o marido de sua paciente prestava tão pouca atenção à grave enfermidade da esposa que nem se incomodara em consultar o diagnóstico num dicionário.

— E lamento dizer que, em geral, os sintomas do mesotelioma só se fazem sentir quando o câncer está bastante avançado. Mesmo assim, temos um leque de terapias ao nosso dispor. Novos tratamentos, novas abordagens e novos medicamentos são desenvolvidos o tempo todo. O índice de sobrevivência só tem feito melhorar.

Shep sabia disso tudo pela internet, mas achou que soaria impertinente dizê-lo. Além disso, pareceu-lhe importante deixar o oncologista fazer essa introdução formal. Já lera o bastante para saber que quase todas as panaceias do saco de truques de Knox eram venenos. Diante da capacidade de fazer tão pouco, devia ser um consolo para o médico afigurar-se útil dessa maneira discursiva. Com seu estilo metódico, mas caloroso — dando sorrisos animadores e olhando Shep nos olhos —, Edward Knox deu-lhe a impressão, desde o começo, de ser muito gentil.

Mas, mesmo quando os médicos *agiam* com gentileza, a extensão de sua capacidade de *serem* gentis frequentemente lhes escapava. Por mais delicada que fosse a maneira de formulá-las, muitas mensagens que eles eram forçados a transmitir eram cruéis e, quando não soavam cruéis, eram falsas e, portanto, mais cruéis ainda. Pessoalmente, Shep não compreendia por que alguém quereria ser médico. Ah, é claro que as tarefas de introduzir um *stent* numa artéria e desobstruir um ralo de banheira eram tecnicamente similares. Mas o médico era uma espécie de faz-tudo que, numa percentagem apreciável do tempo, tinha que bater à porta e dizer: sinto muito, mas não posso desobstruir o seu encanamento. Era para isso que servia agir com gentileza: para a parte do *sinto muito*. E depois ele se retirava, talvez dando um

adeusinho, e deixava o sujeito com a água imunda estagnada na banheira. Por que é que alguém havia de querer um trabalho desses?

— E tenho, de fato, algumas boas notícias — continuou Knox. — Primeiro, como eu lhe assegurei na semana passada, Sra. Knacker, a ressonância magnética não revelou nenhuma anomalia na região pleural... nos pulmões. E, o que é ainda mais crucial, agora eu tenho o laudo do laboratório sobre a laparoscopia. O mesotelioma vem em dois sabores, digamos assim: dois tipos de células malignas. As epitelioides são menos agressivas, as sarcomatoides, muito mais. Nas amostras que extraímos, só foram detectadas células epitelioides. Isso torna o prognóstico consideravelmente mais otimista.

Glynis meneou a cabeça com um jeito de menina, como se tivesse feito uma coisa certa. Shep estava prestes a indagar que prognóstico era esse. Abriu a boca, mas ela estava seca. Fechou-a e engoliu. E então disse, querendo parecer agradecido, desempenhar seu papel, entrar no clima de euforia que claramente era esperado ali:

— Sim. Isso parece uma ótima notícia.

Na mesma hora, não pôde deixar de refletir que, apenas uma semana antes, “boa notícia” era o valor de seu investimento na Merrill Lynch aumentar 23.400 dólares sem que ele levantasse um dedo. Ou seu filho finalmente ser aprovado em álgebra no segundo ano. Ou Randy Pogatchnik ir vagabundear num resort de golfe, de modo que, durante três dias, trabalhar na Knack seria, se não o mesmo que nos bons tempos, pelo menos suportável. Ou Glynis ficar num estado de humor brincalhão e indolente, do qual agora ele mal conseguia se lembrar, e disposta a assistir a um velho episódio de *Os Sopranos*. Agora, de um segundo para outro, esperava-se que ele entrasse num mundo em que “boa notícia” era saber que o abdômen de sua mulher estava tomado por destrutivas células “epitelioides”, em vez do tipo ainda mais destrutivo das “sarcomatoides”, e no qual essa informação devia animá-lo.

— Quanto ao que vamos fazer daqui para a frente — disse o oncologista —, talvez vocês queiram ouvir uma segunda opinião. É sempre possível que outros especialistas recomendem uma abordagem alternativa, mas achei que devia prepará-los para o curso padrão do tratamento do mesotelioma epitelióide. Presumindo que o diagnóstico seja confirmado, Sra. Knacker, provavelmente a senhora deverá marcar uma cirurgia citorrredutora o mais depressa possível. Ela serve para retirar o máximo do câncer que se possa atingir. Localizamos três faixas de tecido doente no peritônio. Receio que os cirurgiões que consultei concordem em que uma dessas faixas é inacessível. Para reduzir a pequena parte que não pudermos alcançar e desestimular o crescimento adicional de células malignas, é quase certo que a quimioterapia tenha que vir em seguida, assim que a senhora se recuperar da operação. Para isso, um especialista em cirurgia do tórax instalará duas sondas no seu abdômen. Desse modo, poderemos fazer infusões intraperitoneais de cisplatina aquecida, que banhará os seus órgãos, em vez de administrarmos a quimioterapia pela corrente sanguínea. Com essa aplicação direta, os efeitos colaterais desagradáveis deverão ser marcadamente menos pronunciados.

— Isso significa que não vou perder o cabelo? — perguntou Glynis, levando a mão num gesto reflexo ao alto da cabeça, como que para ter certeza de que ele ainda estava lá.

Uma sombra cruzou o rosto do oncologista, uma tristeza, uma comisseração na qual Shep discerniu que um dano tão insignificante à vaidade de sua paciente estava fadado a ser o menor dos problemas dela.

— Os pacientes reagem aos tratamentos de maneiras diferentes — respondeu, em tom delicado. — Não há como prever.

— Além disso, ele torna a crescer, não é? — acrescentou Shep. Era esse o seu papel. Esperava-se que ele fosse otimista.

Uma segunda sombra, só que, dessa vez, Shep não conseguiu decodificá-la.

— Sim, depois de concluídos os tratamentos, ele certamente cresce de novo — confirmou o Dr. Knox, como quem despertasse. — Alguns pacientes acham que cresce ainda mais cheio que antes.

Shep teve a súbita impressão de que essa consulta, desde aquela preleção toda, desde os raios X e a

tomografia até os bisturis e as “sondas abdominais” e os remédios degradantes que viriam, era uma farsa, uma encenação macabra. Por mais útil e tranquilizador que esse médico estivesse tentando ser, Shep sentiu-se nitidamente tratado com indulgência. Por outro lado, também se sentiu cooptado para um conluio com o oncologista, no qual, juntos, os dois mimavam sua mulher. Era Glynis quem estava sendo feita de boba, como numa piada. E uma piada perversa, uma piada desprezível, pela qual ela pagaria com cada fibra do seu ser. Não era que Shep quisesse fazer parte disso. Mas faria.

— Mas vejamos, antes de ir adiante — continuou o oncologista. — Como esse é um câncer muito incomum, tenho uma experiência limitada com a doença. O Phelps Memorial só tratou de dois casos nos últimos vinte anos. Mas há um especialista em medicina interna no Columbia-Presbyterian que trabalha em equipe com um cirurgião muito competente. Eles possuem uma longa experiência clínica com o mesotelioma, e têm uma reputação fantástica.

— O senhor está tentando se livrar de nós? — perguntou Shep, com um sorriso forçado.

O Dr. Knox retribuiu o sorriso:

— Pode-se dizer que sim. Pacientes com mesotelioma vêm do mundo inteiro procurar por Philip Goldman. Vocês têm sorte, porque, para vocês, ele está realmente logo aqui ao lado. Mas não é barato. E também é provável que esteja fora da rede conveniada do seu plano de saúde. Vocês teriam de obter permissão da sua seguradora, se quiserem que ela cubra todas as despesas com um médico fora da rede, e certamente teriam um bom argumento. Mas, mesmo que a sua seguradora se recusasse, eu insistiria em que pensassem no Dr. Goldman. O seu plano ainda pagaria grande parte das despesas; não conheço os detalhes do seu convênio, mas talvez ele apenas cobrasse de vocês uma percentagem mais alta de coparticipação. E, considerando o que está em jogo... Bem, presumo que o dinheiro não seja problema.

— É claro que não — Shep se ouviu dizer. — Nós vamos pagar o que for preciso para que a Glynis volte a ficar boa.

Dados os trocados que sua mulher ganhava na fábrica de chocolates, o *nós* era mais uma farsa. Que o *volte a ficar boa* também pudesse ser qualificado como farsa era uma ideia que Shep ainda não estava preparado para contemplar.

No entanto, enquanto Knox anotava detalhadamente os contatos do tal famoso e caro xamã das artes ocultas, Shep considerou essa quantia que agora, oficialmente, “não era problema”. É claro que ela não tinha valor em si. O dinheiro era um meio. Mas para fins que não eram prontamente descartáveis como “não sendo problema”. Alimentação, abrigo, vestuário. Segurança, na medida em que isso existia, e, portanto, também a capacidade de resgate. Eficácia, poder, influência. Despreocupação, liberdade, escolha. Generosidade, caridade; se não amor — pelos filhos, a mulher, a irmã e o pai —, uma prova palpável de amor. Educação; se não sabedoria, seu pré-requisito de informações precisas. Se não felicidade, conforto, que podia substituir a felicidade numa emergência. Passagens aéreas — experiência, beleza e fuga. Pela descrição do seu aparente salvador no Columbia-Presbyterian, a sobrevivência animal, nua e crua. Isso porque, diante de um câncer violento, eles não iriam simplesmente seguir instruções e reunir seus recursos de força de vontade: iam comprar a vida. Comprariam a vida de Glynis, um dia custoso após o outro, e no fim, seria possível pôr uma etiqueta de preço em cada um.

— Até este ponto, algum de vocês quer fazer alguma pergunta? — indagou o Dr. Knox.

— Os efeitos colaterais... — disse Glynis. É claro que não havia neles nada de “colateral”. Eram efeitos. Grandes, brutais, e tudo menos secundários.

— Cada medicamento e cada paciente são diferentes. A senhora será avisada daquilo para o que deve estar preparada, eu prometo. Primeiro vamos passar pela cirurgia. Não vamos nos precipitar.

No silêncio que se seguiu, Shep olhou para sua mulher e, em seguida, para o oncologista, começando a entrar em pânico. Não queria trocar um aperto de mão e se descobrir no carro, e ver a omissão, a supressão, a fuga covarde se infiltrarem no veículo como vapores tóxicos. Mas também não entendia por que tinha de ser ele a fazer a pergunta. Talvez Glynis já tivesse levantado essa questão óbvia, mas, se

tinha, não compartilhara com ele o resultado da conversa, e isso parecia impossível.

Na tentativa de se atualizar a respeito de uma doença da qual nunca ouvira falar antes da sexta-feira anterior, Shep havia passado horas no computador durante todo o fim de semana. Conhece teu inimigo, pensara. No entanto, numa das páginas médicas da internet, lá adiante nas explicações serenas e cheias de apoio sobre cada exame e cada tratamento que as pessoas com mesotelioma poderiam esperar, ele havia chegado a uma seção intitulada “Índices de sobrevivência”. Quase havia decorado o primeiro parágrafo, de tanto olhar fixo para ele:

Mais adiante, nesta página, há informações bastante detalhadas sobre os índices de sobrevivência dos diferentes estágios do mesotelioma. Incluímos estas informações porque elas nos foram solicitadas por muitas pessoas. Mas nem todos os que recebem um diagnóstico de câncer querem ler sobre isso. Se você não tem certeza se quer ou não saber neste momento, talvez prefira pular esta página, por enquanto. Sempre poderá retornar a ela.

Sua impressão inicial fora que os autores do texto estavam sendo paternalistas. Seu primeiro impulso tinha sido rolar a página para baixo. Ele sempre havia enfrentado as dificuldades cara a cara. Só que aquilo era diferente, nem que fosse pelo fato de a dificuldade não ser sua. Em certos momentos, seria fatal que parecesse uma dificuldade sua, mas ele teria que tomar cuidado com isso. Não havia dúvida, porém, de que, enquanto aquele parágrafo estivera gravado na tela, o que havia desabrochado em suas entranhas tinha sido o pavor. Ele pegara o mouse. Tirara a mão do mouse. Não fizera a página rolar. Seguindo o conselho, *pule esta página*, tinha retornado ao mesmo ponto do mesmo website mais três vezes. Em nenhuma delas fizera a página correr. Não estava pronto. Mas ali, no consultório, com outro ser humano capaz de falar com toda aquela gentileza inútil, estava na hora de rolar a página.

— Quais são as chances dela — disse, num tom tão pesado que não conseguiu elevar o fim da frase para implicar a interrogação. — Quanto tempo. — Aquilo não era hora para ser obscuro. Shep formulou a pergunta inteira. — Quanto tempo de vida tem a minha mulher.

Mas foi Glynis quem falou:

— Não há como saber. Cada paciente é diferente, você ouviu o doutor. Cada paciente reage de um modo e, como ele disse, há novos medicamentos entrando no mercado o tempo todo.

Correndo os olhos entre os dois, o Dr. Knox pareceu avaliar cuidadosamente o casal:

— É importante conservar o otimismo. Muitas vezes me pressionaram a fazer um prognóstico específico e, mesmo nas ocasiões em que cedi, é impossível lhes dizer quantas vezes me enganei. Quantas vezes previ que um paciente tinha tanto ou quanto tempo de vida, e então, anos depois do momento em que eu esperava mandar flores, lá estava a pessoa, arrasando seu melhor amigo numa partida de squash.

— E ajuda, o senhor disse — interpôs Glynis —, que eu esteja partindo de uma ótima saúde. Não estou acima do peso, meu colesterol está ótimo, eu faço exercícios, não tenho nenhuma doença que traga complicações e mal completei cinquenta anos.

— Com certeza — confirmou o Dr. Knox. — Assumir um compromisso com uma data fatídica específica é como entrar numa guerra e escolher de antemão o dia em que se planeja perdê-la. Na medicina, assim como nas forças armadas, é a atitude positiva que obtém resultados.

Shep estava familiarizado com esse discurso sobre a doença como um confronto armado: a “batalha” contra o câncer, cujos pacientes eram invariavelmente classificados de “verdadeiros lutadores”, que tinham a seu dispor “um arsenal” de tratamentos para “derrotar” uma invasão de células insubordinadas. Mas a analogia parecia errada. Até ali, a experiência de Shep tinha sido mais a de mau tempo. Assim, era como se o médico tivesse declarado que eles “entrariam em guerra” com uma nevasca, ou um vendaval.

— Sim, bem, eu não pretendia parecer pessimista, e deve haver uma enorme variação...

Obedientemente, Shep recuou. Mesmo assim, ficou surpreso. Dada a ferocidade de Glynis, sua postura rebelde, seu jeito melancólico — entre eles dois, por temperamento, Shep era muito mais

propenso ao otimismo que Knox promovia —, ele teria classificado sua mulher como o tipo que rolaria a página para baixo. Sem dúvida, haveria mais coisas para descobrir a respeito dela, à medida que isso avançasse. Talvez nunca se conhecesse realmente uma pessoa até ela estar morrendo.

Assim impedido de “se precipitar”, Shep recuou.

— O amianto — disse. Achou estranho terem falado por tanto tempo, sem que ninguém mencionasse essa palavra. — O mesotelioma é quase exclusivamente associado ao amianto. Como é que minha mulher pode ter sido exposta a ele?

— Ela e eu conversamos sobre isso, e receio que não tenhamos resolvido o mistério. Sua esposa me disse que, ao que ela saiba, nunca trabalhou com esse material. Nem vocês mandaram substituir o isolamento da sua casa algum dia, pelo que entendo. Mas houve época em que ele era muito difundido... e basta uma única fibra inalada ou ingerida... O período de latência do mesotelioma varia de vinte a cinquenta anos, o que torna incrivelmente difícil identificar um determinado produto como fonte da doença. Isso tem mesmo importância?

— Tem importância para mim — respondeu Glynis, acalorada. Até esse momento, ela mantivera uma expressão muito mansa; finalmente, no lampejo de raiva, voltara a soar como ela mesma. — Se um estranho o esfaqueasse na rua com um facão de açougueiro, o senhor não quereria saber quem foi?

— Talvez... — disse o Dr. Knox. — Mas eu me preocuparia muito mais em chegar a um hospital para me costurarem. Se a desgraça resultasse de eu estar “no lugar errado, na hora errada”, saber quem era o culpado, ou o quê, nesse caso, seria basicamente uma questão de curiosidade inútil.

— Não há nada de *inútil* na minha curiosidade — retrucou Glynis. — Como estou prestes a ser cortada e estripada feito um peixe, e depois, entupida de remédios que vão me fazer vomitar e ficar careca e dormir o dia inteiro, digo, dormir se eu tiver sorte, eu *prefiro* saber quem fez isso comigo.

O oncologista mordeu a parte interna da bochecha. Esse consultório devia ter assistido a muitos episódios de fúria impotente:

— Talvez eu já devesse ter perguntado. Qual é o seu ramo de atividade, Sr. Knacker?

— Eu dirijo... trabalho numa companhia que faz reparos em imóveis. Basicamente, mandamos profissionais que fazem de tudo. Fornecemos o material...

Os olhos do médico se aguçaram:

— O senhor faz, ou fez, pessoalmente, algum trabalho desse tipo?

Faz-tudo soava mixuruca — sempre tivera um toque de classe baixa para seu pai, e Jackson inventava toda sorte de eufemismos atrapalhados para não usar a palavra —, mas Shep se recusava a considerar vergonhosa essa ocupação. Se Glynis também preferia descrever as funções mais executivas dele nos jantares, Shep não via nada de ignóbil no trabalho físico. Era mais propenso a achar ignóbil passar anos debruçado numa escrivaninha.

— Sim, é claro.

— E o senhor teria trabalhado com isolamento, ou com produtos de cimento... isolantes térmicos, ou acústicos, ou material para telhas... pisos de vinil, gesso... reservatórios de água?

Shep sentiu uma centelha de apreensão, uma intuição de que esse era o momento em que os criminosos espertos, nos interrogatórios policiais, apelavam para o direito de permanecer calado. Os inocentes, ao contrário, acreditavam não ter nada a esconder e soltavam o verbo feito uns idiotas. Não era de admirar que *inocente* tivesse duas conotações: sem pecado e ignorante.

— Todos eles, em um momento ou em outro. Por quê? Nunca levei a Glynis comigo para trabalhar. Se algum desses materiais tinha amianto, não teria sido eu a adoecer?

— O senhor poderia ter levado fibras para casa na sua roupa. Na verdade, recentemente eu soube do caso de uma mulher com mesotelioma, na Grã-Bretanha, que está processando o Ministério da Defesa de lá. O pai dela foi engenheiro de produtos isolantes num estaleiro naval, e ela tem certeza de que foi exposta ao amianto, por abraçar o pai quando era pequena.

Como adulto, Shep raramente enrubescia, mas nesse momento sentiu as bochechas arderem.

— Isso me parece muito improvável.

— Hmm — fez o Dr. Knox. — Uma única fibra na mão, levada à boca? Lamentável, sim, mas não improvável.

A onda de calor foi seguida por uma onda de frio, quando Glynis virou-se para ele com uma expressão acusatória. Primeiro, ele estivera tão envolvido com “seu mundinho” que a mulher não lhe havia confiado que vinha fazendo exames para investigar uma doença letal, e agora, ele é que a havia transmitido.

* * *

Shep finalmente rompeu o silêncio, ao abrir o carro no estacionamento da avenida Fort Washington:

— Eu achava que o amianto tinha sido proibido há muito tempo.

— Ele *ainda* não foi proibido — disse Glynis, encolhendo-se no banco do carona, enfurecida. — A Agência de Proteção Ambiental *finalmente* proibiu essa merda em 1989, mas, em 1991, a indústria derrubou a proibição nos tribunais. Ele não pode mais ser usado como isolante e outros sei lá o quê, só isso, nem em nenhuma construção nova.

Shep impressionou-se de imediato com o dever de casa que Glynis tinha feito sobre o assunto — não havia jeito de aquela cronologia da regulamentação ter estado guardada na sua cabeça como conhecimento geral —, ao mesmo tempo que se abstera, visivelmente, de obter as abundantes informações sobre sua doença que estariam na ponta dos dedos. Ela parecia não saber bem os efeitos colaterais de drogas cujos nomes e contraindicações eram meticulosamente listados em uma série de sites. Ela não tinha rolado a tela para baixo. Aparentemente, todavia, as buscas feitas por ela no computador de casa não tinham dito respeito ao que lhe estava acontecendo, ou ao que lhe aconteceria depois, e sim a quem era o culpado. A orientação equivocada de suas energias era dolorosamente típica.

— Não estou muito certo de como eu poderia saber — disse Shep. Não ligou o carro, embora olhasse atentamente para fora através do para-brisa, como se estivesse dirigindo. — Os materiais com que eu trabalhava eram os mesmos usados por todo mundo. Encanadores habilitados, telhadores profissionais... Nunca fui de usar produtos de baixa qualidade para reduzir custos, nem material que eu soubesse que outros profissionais tinham o cuidado de evitar.

— Seria muito fácil você saber, e você devia ter sabido! As provas sobre os riscos do amianto existem desde 1918. Os efeitos se tornaram mais conhecidos na década de trinta, mas a indústria reprimiu as pesquisas. A ligação específica entre o amianto e o mesotelioma foi feita em 1964. Isso foi antes mesmo de você abrir a Knack! Na década de setenta, era basicamente um fato conhecido que o amianto podia matar. Eu cresci cercada por essas histórias, e você também!

— Glynis, procure se lembrar — disse Shep, mantendo a voz calma, racional, baixa. — Naqueles primeiros anos, eu trabalhava doze, às vezes quatorze horas por dia para fazer a Knack decolar. Não tinha tempo para ler os jornais de ponta a ponta. Muito menos para enfiar o nariz numa lista microscópica de ingredientes, toda vez que eu abria uma lata.

— Não estamos falando de você não ter tempo para acompanhar todas as reviravoltas das conversações de paz no Oriente Médio. Você tinha obrigação de se manter informado sobre as questões de saúde e segurança que influíam diretamente no seu trabalho. E de fazer qualquer pesquisa que fosse necessária para escolher produtos seguros, e não *letais*. Nem é só você que vem ao caso, ou a sua mulher e filhos, aliás. E quanto aos seus empregados?

— Eu não tenho mais empregados — Shep respondeu, baixinho. — Glynis, por que você está fazendo isso? Está querendo se vingar de mim por causa de Pemba?

Ela não admitia ser desviada do assunto:

— Todas aquelas companhias levando um monte de processos pelo rabo, a torto e a direito, durante décadas, mas não, você tinha que enfiar a cabeça na areia e ignorar tudo por completo!

Pessoalmente, Shep nunca fora um homem dado a defender causas. Fazia parte da sua natureza ver os dois lados das coisas; pior, ver muitos lados, tanto que era comum seus conhecidos se enganarem, achando que ele não tinha opinião alguma. Ele se interessava por particularidades, complexidades e circunstâncias atenuantes. Não criticava os idealistas; achava Jackson divertido. Havia causas cujos proponentes tinham saído vencedores, fazendo melhorar a situação. Shep ficava contente por sua mulher poder votar e pelo fato de os negros já não terem que usar bebedouros separados. Também era claramente uma boa coisa que alguns ativistas políticos houvessem demonizado o amianto, para que os próprios colegas de trabalho de Shep já não tivessem que substituir isolamentos que poderiam matá-los nem corressem o risco de ser postos por suas mulheres nesse papel terrível de contaminadores.

Ainda assim, ele também havia fundado uma empresa, e tinha uma compreensão acima da média do que era uma companhia: não era um bicho de sete cabeças, nem uma abstração. Era um amálgama de muita gente — inclusive um ou outro empregado desleixado, ou um implacável fanático por lucros, capaz de solapar sozinho décadas de diligência coletiva. Era uma interseção de muitos produtos, cada um dos quais estava ligado a mais uma empresa, também feita por muitas pessoas, gente decente que nem sempre tinha vontade de ir trabalhar todas as manhãs, mas ia, e cada qual com uma multiplicidade de obrigações — com acionistas, investidores, planos de saúde e pensões. Mas uma companhia era também uma entidade amada por alguém. Não que ele desculpasse as práticas nocivas, mas o mau procedimento empresarial, por conseguinte, era difuso e profundamente pessoal. Dado esse caráter difuso, Shep não conseguia ver que satisfação havia em apontar o dedo para “uma empresa”, muito menos para “uma indústria”. Afinal, era só olhar para Glynis. Em vez de vociferar contra “uma indústria”, estava claro que ela sentia muito mais prazer em localizar um culpado em quem pudesse literalmente pôr as mãos.

Shep se perguntou se Edward Knox fazia alguma ideia de como tinha sido angustiante a sua sugestão de que Glynis teria ficado com câncer por causa de um abraço.

Mas, se isso a ajudava, se ela estava ávida por inventar uma história para si mesma, concordar com o papel de vilão era um serviço que Shep podia prestar-lhe. Talvez fosse um serviço modesto, embora não desse essa impressão.

— Desculpe — disse ele. — Eu não tinha ideia de que o amianto era tão mortífero. Nem de que estava em todos aqueles materiais que o seu médico mencionou. Mas você tem razão, eu deveria ter lido aqueles artigos. Antes de trabalhar com qualquer produto, deveria ter-me certificado do que ele continha. Fui irresponsável. — Engasgou-se um pouco com este último adjetivo, que nunca lhe fora aplicado em toda a sua vida, nem por ele mesmo nem por qualquer outra pessoa. — E agora, é você que tem de pagar por isso. Não é justo. O doente deveria ser eu. Gostaria que fosse eu. Gostaria de poder arcar com isso por você.

Não tinha certeza de que fosse verdade. Mas desconfiava que, com o tempo, viria a ser verdade, o que já o tornava bastante verdadeiro.

* * *

Ao chegarem em casa, Glynis admitiu que não estava com muita fome, mas Shep insistiu em que ela precisava conservar suas forças. Mesmo sabendo que essa sugestão era um anátema da vida inteira para sua mulher, chegou até a arriscar a ideia de que, antes da cirurgia, era provável que ela devesse tentar engordar. Depois da violência no estacionamento da Fort Washington — ninguém havia levantado a mão, mas era isso que tinha sido, uma violência —, os dois estavam calados, girando em torno um do outro

com exagerada deferência. Shep ofereceu-se para preparar o jantar, o que não era um dever habitual seu. Não estava tentando sugerir que isso fosse uma penitência; o que pretendia era dar a entender que o preparo de uma refeição era apenas o começo de uma penitência muito longa, com mais gestos e sacrifícios e muitas outras refeições. Glynis não estava com disposição para uma briga, como também não estava disposta a cozinhar, e por isso deixou que ele o fizesse.

— O papai está fazendo o jantar? — perguntou Zach, entrando na cozinha com andar arrastado. Fosse pela idade ou por temperamento, seu filho de quinze anos achava-se numa fase em que lutava pela invisibilidade. Virou-se para o pai, que estava descascando batatas. — O que você fez de errado?

A intuição infalível da garotada sempre impressionava Shep, além de deixá-lo nervoso.

— Por onde você quer começar?

O casal tinha resolvido não falar com os filhos sobre a doença da mãe até estar mais apto a prepará-los para o que eles deveriam esperar, e até confirmar o diagnóstico com uma segunda opinião. Ou, pelo menos, essa era a desculpa; sem dúvida, os dois estavam simplesmente adiando uma cena dolorosa. Mas Zach sabia que estava acontecendo alguma coisa. Como já quase nunca fazia uma refeição com os pais, essa entrada furtiva na cozinha era uma missão de espionagem, e vasculhar a geladeira era um mero pretexto.

Mesmo assim, Shep sentiu-se grato por um terceiro para diminuir a tensão e contribuir para manifestar a aparência de uma família normal — um adolescente faminto catando comida e, em troca, os pais lhe implorando uma migalha da despensa bem guardada de sua vida particular. Um quadro corriqueiro que logo seria relegado ao passado. Nos meses que estavam por vir, Zach teria que aprender a ser um “bom filho” e, portanto, um filho artificial.

— Você vai sair? — perguntou Shep.

— Nããã — respondeu Zach, ou “Z”, para os amigos. Os pais o haviam batizado de Zachary Knacker antes de conhecerem o garoto. Tinham gostado da assonância, da cadência de claqué-claqué de trem a vapor, a qual, para o portador do nome, soava “como um personagem do Dr. Seuss” (*O gatola da cartola* devia ter sido o último livro que Zach lera do começo ao fim). O nome era chamativo demais para um garoto aflito por manter a cabeça baixa, e por isso, agora ele se encolhia no fim do alfabeto, numa enigmática letra solitária.

— Mas é noite de sexta-feira! — disse Shep, mesmo sabendo das coisas. Só estava tentando manter o filho na cozinha. Zach não saía nunca. Ficava em seu quarto. Suas raras saídas eram incursões pelos quartos de outros garotos. Todos viviam on-line e passavam horas jogando jogos de computador, diversão com que Shep se afligira, no começo, até sacar do que se tratava. A atração não estava no mata, mata, explode, explode, tampouco na agressão. Na época em que tinha horas de folga — quando é que tinha sido isso? —, o próprio Shep havia gostado de fazer palavras cruzadas. Não era muito bom, mas tanto melhor: elas só serviam a seu objetivo ficando incompletas. Na comparação, eram de uma baixa tecnologia cômica, mas a atração era a mesma. A recompensa de todos esses jogos era a concentração, o foco pelo foco, não importava em quê. Não se podia fazer objeção a isso, e ele não fazia.

— Para mim, é só mais uma noite da semana — disse Zach, pondo uma pizza congelada no forninho. Magricela, podia se dar ao luxo de comer tanta gordura. Shep descascou devagar a última batata, avaliando o filho. Os traços do seu rosto estavam crescendo em velocidades completamente disparatadas, a testa larga demais, os lábios muito grossos, o queixo muito pequeno: tudo fora da proporção, como um calhambeque montado de qualquer jeito, com peças de carros diferentes. Shep ansiava por assegurar ao garoto que, em dois ou três anos, aqueles elementos se encaixariam na mesma simetria forte e quadrada de sua própria fisionomia. Mas não sabia dizer isso sem parecer que elogiava a si mesmo, e prometer a Zach que ele logo ficaria bonito só faria significar que no momento era feio.

— Oi, mãe — prosseguiu Zach, com uma olhadela de esguelha para Glynis, sentada à mesa da copa de um jeito mais sério que de hábito. — Está cansada? São só sete horas.

Ela esboçou um sorriso débil:

— Sua mãe está ficando velha.

Shep percebeu: de repente, para Zach, toda aquela encenação de família feliz foi demais. O menino não sabia que, até uma semana antes, seu pai estivera prestes a debandar para a costa oriental da África, e não sabia que a mãe acabara de ser diagnosticada com um câncer raro e mortífero, muito menos sabia que, na opinião da sua mãe, a doença era culpa do pai. Mas esses não ditos nada acidentais emitiram algo equivalente às ondas sonoras de alta frequência que, hoje em dia, as lojas de conveniência emitem do lado de fora da fachada, para afastar da porta as gangues que ficam zanzando por ali. O que os ouvidos adultos embotados já não conseguiam detectar era insuportável para os adolescentes, e o mesmo se poderia dizer da farsa afetiva. Zach tirou a pizza do forminho antes da hora e, com o jantar semicongelado num papel toalha, subiu para o quarto, sem nem se dar o trabalho de dizer “tchau”.

Frango assado, batata cozida e vagem no vapor. Glynis elogiou o preparo, mas só beliscou a comida.

— Estou me sentindo gorda — admitiu.

— Você está abaixo do peso. É só líquido. Tem que parar de pensar assim.

— E, de repente, eu devo me tornar outra pessoa?

— Você pode ser a mesma pessoa, comendo mais.

— Não é do seu frango, provavelmente, que eu sinto tão pouco apetite — disse ela. Com certeza era verdade. Dado o objetivo da alimentação, o apetite nas refeições implicava um apetite de futuro.

Nesse momento, Shep sentiu-se inundar pela sensação inútil, mas esmagadora, de que não queria que aquilo estivesse acontecendo. Foi quase como se, caso se recusasse a admiti-lo com firmeza suficiente, assim como tivera de enfrentar Zach, algumas vezes, e proibir qualquer outro jogo de computador enquanto as notas dele não melhorassem, aquilo iria embora. Não foi, e a sensação passou. Ele parou atrás da cadeira de Glynis e deslizou as mãos por seus ombros, inclinando-se para roçar a têmpora dela com a cabeça, como um cavalo afetuoso.

— Isso não é motivo para que uma mulher de respeito queira que o marido fique com ela — disse Glynis.

— Ah, acho que eu não conseguiria ir, tendo que enfrentar tudo. Mesmo sem isso.

Era outro pequeno sacrifício — o da opinião que ele tinha a seu próprio respeito. Por outro lado, talvez houvesse acabado não indo mesmo para Pemba. Como lembrava o gorgolejar da Fonte do Casamento, na sala ao lado, ele era feito de água.

— E se eu descobrisse isso uma semana depois, ou duas?

Havia um entendimento de que eles manteriam sua fala alusiva — sem especificar em momento algum aquele *isso* que não era razão para mulher alguma querer que o marido ficasse, nem o ir *para onde* enfrentando tudo, nem a descoberta *de quê*, uma ou duas semanas depois —, para o caso de Zach tornar a descer. Era um diálogo elíptico que a maioria dos pais reconheceria, e que estava destinado a sair pela culatra: os filhos bisbilhoteiros preenchem as lacunas com seus piores temores. Não fazia mal. Dessa conversa, Zach teria muita dificuldade de inferir alguma coisa pior que a realidade.

— Aí você me contava e eu voltava.

— Você acabou de dizer que nunca teria ido, de qualquer maneira.

— Você estava falando em termos hipotéticos. Eu também. Por favor, não se prenda a isso.

Era um pedido ridículo. Dez anos antes, Ruby, a irmã de Glynis, tinha-lhe mandado de presente um jogo de canetas para a escrivanhinha, e uma logomarca na base do suporte deixara transparecer que se tratava de um brinde do Citibank; Glynis havia lembrado esse insulto, sem falha, em todos os aniversários posteriores. Numa ocasião mais recente, Petra Carson, a melhor amiga e nêmesis dela da escola de arte, cometera a bobagem de acreditar na insistência de Glynis em que ela fizesse uma crítica, e havia arriscado a afirmação hesitante de que sua espátula para peixe, incrustada de baquelita, era “um pouquinho pesada, talvez”; desde então, a pobre mulher tentava compensar essa gafe com elogios

exagerados aos utensílios de mesa da amiga, mas em vão. Se Glynis não conseguia superar o ressentimento pela transferência de presentes recebidos ou por comentários pouco elogiosos sobre seu trabalho com metais, era baixa a probabilidade de que perdoasse e esquecesse uma tentativa de deserção conjugal.

Exausta, resolveu se recolher cedo, e Shep prometeu acompanhá-la logo em seguida. Depois que ela subiu, ele foi até a varanda da frente. No escuro, o campo de golfe do outro lado da rua perdia seu ar afetado e quase poderia passar por um pedaço de terra inculta. A noite estava fria e clara. Sem casaco, Shep encarou a friagem, acompanhou o curso de um avião que acelerava entre as estrelas, e esperou até o zumbido distante desaparecer e ele não conseguir mais ver as luzes vermelhas da cauda. Em seguida, entrou, trancou a casa e subiu pé ante pé para seu estúdio. Uma risca de luz ainda saía do quarto de Zach, por isso ele fechou a porta. Desdobrou os bilhetes eletrônicos impressos que estavam guardados na gaveta de baixo da escrivaninha. Eles exibiam a data desse dia. Folha após folha, Shep os inseriu na fragmentadora de papel. A boca voraz retalhou as páginas com um ronco intestinal; na cesta logo abaixo, a Outra Vida enroscou-se feito serpentina amassada. Ele havia comprado a fragmentadora para se proteger do risco de roubo de identidade; foi estranho que, nesse momento, a própria máquina roubasse a pessoa que ele tinha sido.

Por fim, Shep se instalou diante do computador e foi para a página da internet cujo endereço o browser fez surgir depois de três toques no teclado. Ao chegar aos “Índices de sobrevivência”, recusou-se a fazer sequer uma breve pausa; mergulhar sem hesitação sempre tinha sido o melhor método para entrar na gélida piscina natural de White Mountains, na sua meninice. Rolou a página para baixo. Leu cuidadosamente até o fim da seção, depois leu uma segunda vez. Ao desligar o computador, tentou chorar baixinho, para não acordar a mulher.

CAPÍTULO QUATRO

Na Randy Mão na Rola — um apelido obsceno tão óbvio, dado pelos funcionários, que seria de se esperar que Pogatchnik tivesse escolhido um nome de empresa menos vulnerável à perversão —, Jackson havia adotado uma nova perspectiva. Deixaria os colegas fazerem todos os comentários sarcásticos que quisessem sobre Shep e sua patética “fantasia de fuga”. Era fatal que viessem a descobrir por que o antigo dono ainda estava dizendo “sim, senhor” a Pogatchnik, e então se sentiriam mal. Realmente mal, mal para cacete. Jackson ansiava por isso.

Ele admitia que, nessa amizade, tinha desempenhado durante muito tempo o papel de uma espécie de coadjuvante, mas, desde a venda burríssima da Knack, que havia rebaixado Shep de patrão a um pateta de um colega, e agora, desde a história francamente desgraçada de Glynis e da Queda de Pemba, essa dinâmica dera uma virada sutil. Ultimamente, ele era o protetor de Shep. E esse papel tinha um preço. Jackson não podia pedir nada. Na época em que Shep era o arrimo estoico, ele podia se apoiar no cara. Não, nunca tinha estendido a mão para pedir coisas (como o resto do pessoal da vida do bobalhão). Mesmo assim, com a Flicka e um gosto intermitente pelo jogo, e com uma dificuldadezinha com a dívida nos cartões de crédito, que não deixava de se relacionar com isso, sempre fora ele quem tinha problemas e precisava de conselhos. Agora, era forçado a ficar de boca fechada e, para Jackson, ficar de boca fechada, em qualquer época e sobre qualquer coisa, não era natural.

Mesmo assim, havia um assunto que ele andara se sentindo tentado a levantar por algum tempo e, pelo menos quanto a isso, ficou aliviado por ter uma razão melhor para adiá-lo do que a covardia de praxe. Não era o tipo de coisa para se falar com outros homens, ainda que devesse, já que com certeza ninguém ia falar disso com mulheres. E além disso, podia-se aplaudir o resgate do conceito de privacidade num país em que, num ponto de ônibus qualquer, era tão provável um sujeito ser regalado com a história do aborto de uma desconhecida quanto lhe pedirem um fósforo. E Jackson já tinha marcado a data, de qualquer maneira, de modo que não havia mesmo nada para conversar.

Quando eles saíram, à uma da tarde, para seus míseros quarenta minutos de intervalo de almoço, Shep perguntou se poderiam dar uma caminhada, quem sabe, em vez de comer; decidido a ir direto para casa ao encontro de Glynis depois do trabalho, ele já não conseguia arranjar tempo para as sessões de levantamento de peso que os dois faziam, três vezes por semana, na Academia Quinta Avenida. (Jackson ficou *um pouquinho* aliviado por se livrar da malhação em conjunto: Shep sempre o superava.) Embora abrir mão do sanduíche o deixasse mal-humorado, Jackson foi forçado a dizer que tudo bem. Basicamente, diante do câncer, mesmo de um câncer já extirpado, o sujeito não tinha direitos.

— Sabe, a Glynis nunca teria conseguido guardar o segredo dela por muito mais tempo, mesmo que tentasse — comentou Shep, enquanto andavam depressa pela Sétima Avenida. Fazia um frio dos diabos para um passeio relaxado. — As contas começaram a chegar.

— É, nem me fale — disse Jackson. — Deixe eu adivinhar: não é uma conta, são dezenas, certo? Cada uma com quinze páginas, de tudo quanto é radiologistazinho e laboratóriozinho. E ainda tem aquela tal de “EDB”!

— Explicação dos Benefícios... ou da falta de benefícios, melhor dizendo. É uma tremenda

complicação.

— A Carol cuida da papelada da Flicka e eu fico tão agradecido por isso que quase chego a chorar.

— O que me mata é que é quase impossível a pessoa calcular o que deve. Antes de contratar um contador, eu mesmo cuidava dos livros da Knack, e não sou nenhum incompetente nesse assunto. Mas levei *horas* para descobrir o que mandar preenchido, e para onde.

— Porra, era de se esperar que eles facilitassem as coisas para liberar o dinheiro. Mas eu acho que é de propósito. Aquela enxurrada de papéis e todos aqueles números e códigos. É uma cortina de fumaça. Atrás dela, os caras cobram trezentos dólares por um band-aid e a gente não nota.

Jackson lançou uma olhadela desesperada pela avenida. Sentia saudade da antiga Park Slope — um punhado de pizzarias decadentes, cafeterias que não cobravam quatro paus por um café, lojas de ferragens com barris de parafusos, em vez de pacotinhos com quatro peças, tudo embrulhado em plástico. “Revitalizada como área nobre” — embora Jackson tivesse muita dificuldade de ver o que havia de “nobre” num exército de formandas esganiçadas da Faculdade Barnard, que os empurrava para a sarjeta com seus carrinhos de bebê do tamanho de caminhões de transporte de tropas —, a avenida era toda ocupada por academias de ioga, bares de *smoothies* orgânicos, e especialistas em TAA, a terapia assistida por animais.

— E sabe aquilo que a Carol mencionou? — perguntou Shep. — Só que na hora eu não entendi. Esse tal de World Wellness Group. Eles cobrem os procedimentos de acordo com preços “razoáveis e costumeiros” na área do segurado. Em outras palavras, o que *deveriam* ser os preços, e não o que realmente são.

— Esse troço é novidade para você, amigo? — retrucou Jackson, sentindo uma onda de condescendência piedosa.

— Fiz umas buscas na internet. A organização que gera essas cifras “razoáveis e costumeiras”, sabe? É outra divisão da *mesma companhia*. Elas não têm nenhuma obrigação de lhe dizer como chegaram a esses valores. E é do interesse das duas empresas que eles sejam os menores possíveis. Pelo que sei, podem estar inventando esses números.

— A coisa funciona assim: — explicou Jackson, em tom benevolente — nós vamos fazer uma viagem e o carro é seu, então eu concordo em pagar a gasolina. Paramos num posto, você enche o tanque, me diz que a gasolina custou cinquenta mangos e estende a mão. Com uma expressão no rosto de quem está fazendo um grande favor, eu lhe entrego uma nota de vinte. Você pergunta: o que é isso? E eu digo, ora, é o que um tanque de gasolina *deveria* custar... já que era isso que custava quando eu tinha doze anos. Basicamente, as seguradoras vivem no mundo da fantasia, e nós, os Sugados, estamos presos na vida real.

Shep balançou a cabeça:

— A Glynis e eu sempre mantivemos um orçamento apertado. Tentando fazer aquele pé-de-meia para a Outra Vida. Esperávamos as ofertas de dois xampus pelo preço de um. Comprávamos papel higiênico na embalagem econômica de doze rolos de folha única. Levávamos a oferta de hambúrguer de peru, mesmo quando estávamos mais a fim de carne. Agora, são quinhentos para isto, cinco mil para aquilo... E eles nunca dizem de antemão quanto vai custar. É como entrar numa orgia de compras, empilhando aquela merda toda no balcão, e nada vem com etiqueta de preço. Nós só arcamos com vinte por cento da coparticipação, mas isso é depois da dedução dos cinco mil. Só por uma única conta de laboratório... o que equivale a uma porrada de papel higiênico.

— De folha dupla — disse Jackson.

— Eu fico pensando: para que foi que nós comemos hambúrguer de peru? E aí me lembro de que não é para eu me importar. Em última instância, não me importo. Só o que importa é a Glynis.

— É com isso que eles contam, meu chapa. Esse é o resumo da trama toda. Com a Flicka é a mesma coisa. É a sua filha, certo? Então, o que é que você vai dizer: não, nós não vamos tratar da pneumonia dela, de novo, porque nós queremos aquele aparelho de DVD que grava? E isso, meu amigo... detesto ter

que dizer, mas, para você, isso é só o começo.

— Eu sei — retrucou Shep, baixinho, enquanto eles dobravam à esquerda na Rua Nove e seguiam para o Prospect Park. — Até para cobrir a última montoeira de contas... Bem, você sabe que eu mantive aquela outra conta onde pus o dinheiro da venda da Knack, depois de pagar aos caras da Receita Federal. Ela se destinava à Outra Vida e nunca a toquei. Mas não havia o suficiente na nossa conta conjunta, por isso tive que entrar na da Merrill Lynch. Nunca tinha emitido um único cheque daquela conta. O cheque de número 101 foi para a tomografia.

— Meu palpite é que você já deve estar no 115. Aceite o meu conselho e peça logo outro talão.

— Assinar aquele primeiro cheque foi uma emoção estranha. Apesar de ser “apenas” dinheiro, como diria o meu pai.

— Sei, “apenas” o produto de vinte anos construindo a sua própria empresa. “Apenas” oito anos de humilhação com o Randy Pogatchnik.

— Não faz mal. Eu só não tinha percebido, na época, para que é que estava realmente economizando.

— Você pensa nisso, às vezes? Em Pemba?

— Não — respondeu Shep, e mudou de assunto. — Mas acho que nós temos sorte. Vivemos nos Estados Unidos. Ei, nós temos o melhor atendimento médico do mundo.

— Você está enganado, amigo. Em comparação com todos os outros países ricos, como Inglaterra, Austrália... Canadá... não me lembro dos outros. Veja as estatísticas que importam: mortalidade infantil, sobrevivência ao câncer, pode escolher. Nós ficamos em *último* lugar. E pagamos *o dobro*.

— É, bom, pelo menos não temos uma medicina socializada.

Jackson deu uma risada. Shep não era burro, mas sabia ser de uma docilidade penosa. Esse bicho-papão da “medicina socializada” remontava aos idos da década de 1940, quando Harry Truman quisera criar um serviço nacional de saúde, como o dos ingleses. Com medo de que os médicos não continuassem a encher a burra, a Associação Americana de Medicina tinha inventado essa inspirada frase de efeito da Guerra Fria, que, desde então, infundia pavor no coração de seus compatriotas. Um golpe de gênio na rotulagem. Como quando os supermercados lançaram aquela linha “sem frescuras”, embalando produtos perfeitamente decentes e padronizados num preto e branco despojado, feio para cacete, e com isso garantiram que ninguém com um mínimo de classe se dispusesse a comprá-los, mesmo pela metade do preço dos produtos de marca. Funcionou. Nem mesmo a mãe de Jackson, sempre com a grana apertada, queria ser apanhada morta com papel higiênico sem frescuras no carrinho de compras.

— Você se dá conta de que uns quarenta e tantos por cento dos habitantes deste país estão no Medicaid ou no Medicare? — perguntou Jackson; as aulas de história sempre faziam Shep dormir. — Todo esse estardalhaço sobre nós não queremos uma “medicina socializada”. Bem, nós *temos* uma medicina socializada para quase metade da população. Por isso, a outra metade paga duas vezes. Os Sugados estão pagando pelas tomografias dos Sugadores com impostos que são um confisco — *confisco* era uma palavra maravilhosa, que Jackson tinha aprendido fazia apenas cerca de um ano e que usava em todas as oportunidades —, e pagam a segunda vez pela droga das suas próprias tomografias.

— Você parece criticar muito o Medicare e o Medicaid. Mas não está me dizendo que gostaria que os pobres e os idosos não tivessem acesso à assistência de saúde.

Jackson deu um suspiro. Essa argumentação era muito previsível. Shep era um Sugado de primeira. Nas fileiras de otários complacentes às quais, infelizmente, Jackson também pertencia, Shep Knacker poderia ser o mascote.

— Não, não estou dizendo isso. A questão é que os caras que recebem benefícios de saúde *pensam* que não estão pagando suas despesas médicas. Agarram-se ao seu precioso seguro de saúde de empregados como se fosse um grande presente gratuito. Não é de graça! Eles não entendem que ganhariam, digamos, uns quinze mil dólares a mais de salário por ano, se não fosse a porcária do benefício de saúde! É uma puta tristeza, cara.

— O dinheiro tem que sair de algum lugar, Jacks. Um grande serviço nacional faria os impostos darem um salto vertiginoso. E lá se foram os seus quinze mil. Pior ainda, se você ganhar um salário decente.

— Parece que é tudo farinha do mesmo saco, mas não é. Pense bem. Cada pedaço de papel que acabou de entrar na sua caixa de correio custou dinheiro. Algum palerma obsequioso foi pago para preencher todos aqueles códigos e ticar os quadradinhos, e despachar cópias para mais cinco lugares. *Trinta por cento* do dinheiro gasto com a assistência médica neste país vai para a chamada “administração”. A verdade é que existe toda uma gorda camada de empresas de seguros com fins lucrativos entre a Glynis e os médicos, um bando de parasitas sacanas e gananciosos ganhando dinheiro com a doença dela. E nenhum deles sabe consertar um braço quebrado. Se você chutar esses babacas para fora de cena, o país inteiro fica coberto, pelo mesmo custo, sem cinquenta contas diferentes chegando toda semana à sua caixa de correio.

— E é logo *você* que quer que o governo se encarregue do serviço de saúde? — perguntou Shep, balançando a cabeça com um sorriso torto. — Jacks, você odeia o governo. Você é anarquista.

— Essas companhias estão tão mancomunadas com o governo, que podiam muito bem ser o governo — rebateu Jackson, irritado com a perplexidade superior de Shep. É, podia ser que ele não fosse totalmente coerente, mas ao menos ele lia uns troços, pensava nas coisas, ao contrário de *certas* pessoas que aceitavam tudo que lhes era dito como se fosse o Evangelho. — Por que outro motivo você acha que nenhum candidato presidencial com um mínimo de credibilidade, inclusive entre os democratas, jamais se atreve a sugerir a eliminação completa desses sanguessugas? Além disso, se o governo federal não se saísse melhor, também não poderia se sair pior. E a ideia toda do seguro é compartilhar o risco, certo? Juntar pessoas sadias com gente como a Flicka, para que tudo se compense no fim. Bom, o que poderia ser uma “partilha de riscos” mais justa que a porcaria do país inteiro? A assistência à saúde é praticamente a única coisa para que a porra do governo *deveria* prestar. E aí, se você pudesse ao menos ir ao médico sem ter que fazer uma segunda hipoteca, talvez, apenas talvez, as pessoas descobrissem que, tudo bem, elas pagam impostos, mas pelo menos recebem alguma coisa em troca. No momento, você não recebe picas. Ah, desculpe — acrescentou, chutando uma borda de concreto levantada —, você recebe calçadas. Eu sempre me esqueço.

Jackson havia prometido a si mesmo calar a boca e se concentrar nos problemas de Shep, ao menos uma vez. Mesmo assim, nada disso era irrelevante.

— Ei — disse, enquanto Shep olhava fixo e com desânimo para a vista desbotada e verde-azulada do parque, que no inverno parecia um desenho que alguém apagou. — Isto não é um discurso vazio, parceiro. Tem a ver com você e a Glynis, neste momento, com o que vocês estão passando, e você nem está prestando atenção.

— Desculpe. É só que... bem, nós ouvimos a tal segunda opinião. Da tal dupla de medalhões do Columbia-Presbyterian. Eles trabalham em equipe, um clínico geral e um cirurgião. E, não me entenda mal, eles foram ótimos. De certo modo.

— De certo modo — repetiu Jackson, obrigando-se a escutar. Não era seu forte.

— Eu queria que eles dissessem alguma coisa diferente — explicou Shep, com ar carrancudo. — Esse tal de mesotelioma, isso é incrivelmente raro. Ninguém tem essa doença. Eu nem percebi como estava esperando que eles dissessem que tinha sido tudo um engano. Quando eles confirmaram o diagnóstico, pensei que eu fosse ter um troço. Verdade, fiquei com a vista embaçada, tudo escuro em volta, como se fosse desmaiar. Feito uma menina. Foi a Glynis que lidou com aquilo como um homem. Já estava resignada.

— Isso é difícil para cacete, parceiro.

— É difícil *principalmente* para a Glynis. Ela está fraca, e exausta, e com medo. E também sozinha a maior parte do dia, de modo que, quando chego em casa, tudo que eu quero fazer, e devo fazer, é ficar na

companhia dela. Mas não tenho essa sorte. Sabe, a gente imagina que outras pessoas vão cuidar pelo menos de levar a papelada para lá e para cá, mas elas não cuidam. Só para buscar essa segunda opinião, tive de pedir os *slides* da patologia. Os laudos da radiologia. Os “blocos de tecido”. Os resultados de cada maldito exame de cada um dos departamentos do hospital, e tudo por escrito. Tive de preencher formulários com a história clínica da Glynis uma dúzia de vezes. Fiquei acordado até às duas da manhã, todas as noites. Enquanto isso, preciso cozinhar. Fazer compras. Aparecer no escritório e pelo menos dar a impressão de que estou fazendo meu trabalho.

— É, eu estava querendo lhe avisar. Ouvi o Pogatchnik resmungando sobre os dias de folga que você tem tirado. Você vai precisar ficar de olho nas faltas.

— Não tenho tido escolha. Perdi dois dias inteiros brigando com o World Wellness Group. Os medalhões do Columbia não têm convênio, como o Dr. Knox bem tinha me avisado. Por isso, tive que implorar àquele pessoal da administradora do seguro de saúde para concordar em cobrir a consulta da Glynis com a equipe dos sonhos, o que significava falar com um ser humano. Você sabe como é, dez menus automáticos. Depois, você fica em espera por quarenta e cinco minutos, ouvindo “Greensleeves” centenas de vezes. Não consigo tirar essa música da cabeça, ela está me deixando maluco. Finalmente, transferem a ligação para alguém e você descobre que é o departamento errado. E volta à estaca zero. Naquele escritório sem divisórias, não posso passar horas no telefone, a menos que esteja falando sobre o fato de que, graças aos nossos serviços *especializados*, o boiler de uma senhora acabou de explodir.

Shep costumava ser muito sereno, e raras foram as vezes que Jackson o ouvira falar tanto.

— Enfim — ele continuou —, eu posso apelar, mas... Essa empresa com a qual o Pogatchnik assinou contrato, eles são uns verdadeiros babacas e, até aqui, não moveram uma palha. O Dr. Edward Knox tratou de um único caso de mesotelioma em toda a sua carreira. No que diz respeito ao World Wellness, isso faz dele um ás do mesotelioma. Se formos para o Columbia, teremos de engolir quarenta por cento de coparticipação.

— Quarenta por cento de quanto?

— Quarenta por cento de um cheque em branco.

— Deus do céu. Você não pode mesmo usar esse tal de Knox?

— Isso não é uma questão de aguentar usar um papel higiênico de folha simples. Se esses médicos do Columbia souberem o que estão fazendo, vou bancar o custo deles. Estamos falando da vida da Glynis...

— “Jim!”

Normalmente, Shep acharia engraçada a alusão ao bordão santimonial do Dr. McCoy em *Jornada nas estrelas* (“Estamos falando de vidas humanas, Jim!”), mas nem chegou a esboçar um sorriso.

— Não vou comprar atendimento médico como se fosse hambúrguer de peru — disse.

— Pelo menos, você tem a sorte de contar com um pé-de-meia. No seu lugar, a maioria dos otários estaria pondo essa merda nos cartões de crédito.

— Está aí uma versão bem esquisita de sorte. Mas é, eu tenho sorte. Merda, eu sou rico.

— Não ultimamente...

— Eu sou rico — Shep o interrompeu, e Jackson conhecia esse filho de pastor bem o bastante para saber que ele não estava contando vantagem. Sentiu-se culpado. Shep podia ser um presbiteriano não praticante, mas, com esses troços arraigados, havia um limite para quanto o indivíduo ficava mesmo indiferente à religião. — Você não viajou o suficiente.

— Bem, *descuuulpe*. Esqueci completamente de passar dez anos com o Corpo da Paz no Malawi.

— Eu não devia estar falando nada sobre dinheiro. Talvez só esteja desabafando, porque, comparado à Glynis... Não tenho nada que me queixar. Você deve sempre me lembrar disso.

— Quase nunca ouvi você se queixar de nada. Recomendo que pratique um pouco mais. Não é bom o sujeito receber de cabeça baixa toda bosta que a vida joga em cima dele.

— Nós dois recebemos de cabeça baixa, Jacks. Só que você abaixa a cabeça e solta o verbo.

— Por falar nisso, descobri um título novo para o meu livro — disse Jackson, na esperança de amenizar o clima. — Está pronto? *Tosquiados: como os parasitas espertos, de vagabundos a vice-presidentes, estão vivendo à custa de nós, as pobres ovelhas sem hombridade.*

Shep esboçou um meio sorriso:

— Nada mau.

— Gostei do negócio do *tosquiados* e *ovelhas*, preserva a metáfora.

— Mas o “parasitas” não se encaixa muito bem. É possível parasitar ovelhas?

— Vou dar uma melhorada.

— Esse “hombridade”. Já reparou como quase todos os seus títulos têm alguma coisa a ver com homem, com o pau?

Jackson deu uma olhadela constrangida para o amigo:

— Tipo andarem cortando o meu? Digamos, todo dia? É óbvio que essa experiência é central na minha tese.

— Esse negócio da castração é... muito usado. O meu favorito entre os seus é mais enxuto.

— Qual é?

— *A democracia é uma piada.*

— É. Bacana e de impacto — concordou Jackson, satisfeito. — E é uma boa tese. Teoricamente, cinquenta e um por cento da população pode escorchar os outros quarenta e nove por cento de tudo o que eles têm. Aquele cara da Venezuela, como é que se chama, Howard Chavez, ou coisa assim? É isso que ele faz. Na verdade, ele só manda os cheques para a classe desfavorecida. Você dá aos Sugadores o dinheiro dos outros, e aí eles votam em você.

— Você acha que algum dia vai escrever esse livro?

— Pode ser. — Jackson foi evasivo. — Mas a chave é o título. Se você acerta nele, não faz diferença o que tem dentro. Você poderia vender uma pilha de papel em branco chamada *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Aqueles “irlandas” todos iam ficar tão envaidecidos, que pagariam vinte e cinco paus para botar o livro na mesinha de centro, mesmo que nunca passassem da leitura da página de créditos.

— Talvez seja esse o problema dos seus títulos. — recordou Shep. — *Paus e pintos: de como nós, pintinhos sem colhão, estamos sendo depenados até a última gota, enquanto a outra metade do país mama nas tetas.* Não se pode chamar isso de elogioso.

— A ideia é fazer o comprador do livro se sentir um pouco menos panaca, porque ele sabe que é um iludido, ao contrário de todos os outros, que são tão incrivelmente iludidos que nem sabem disso.

— Aposto que eles prefeririam salvar a civilização.

— Não os meus leitores. Eles prefeririam botar fogo nela.

* * *

No trajeto de volta, Shep levantou o colarinho e se encolheu dentro do cachecol.

— Enfim, a Glynis está com a cirurgia marcada para daqui a menos de duas semanas.

Jackson grunhiu.

— Já passei por isso. A operação de escoliose da Flicka foi assustadora. Por mim, eu não queria ver uma faca nem a um quilômetro da medula espinhal da minha filha.

Ele teria que ficar atento a isso, parar de sempre reivindicar experiência no departamento dos pesadelos médicos.

— Aliás, eu estava querendo me desculpar — disse Shep.

— Por quê?

— Por tudo que você tem passado com a Flicka. Acho que não me solidarizei o bastante. Eu não tinha ideia de como devia ser para vocês, antes de me afundar até o pescoço na mesma merda. Eu devia ter sido muito mais compreensivo.

— Que nada, meu amigo. Você foi solidário à beça. E como é que ia ser “compreensivo”, até compreender?

Apesar de tudo, o diálogo foi gratificante. Shep não tinha feito a menor ideia, e a verdade era que ainda não fazia.

— Enfim, passei a vida inteira ouvindo falar de gente que “ia entrar na cirurgia”. Nunca pensei no assunto. Agora, parece uma coisa medieval. Como levar a própria mulher para o matadouro.

— É de arrasar mesmo. A gente pensa que o difícil é entrar na faca, mas a parte realmente difícil vem depois. Leva uma eternidade. A Flicka me contou que ficava ali, deitada, e tinha que passar, sei lá, uma hora pensando se valia mesmo a pena pedir à mãe para pegar uma revista para ela na penteadeira. Não para ela mesma ir lá buscar, não, só para *pedir*. É como se levassem o sujeito para os fundos de um bar e o cobrissem de porrada.

— Obrigado — disse Shep, em tom amargo. — Isso ajuda muito.

— Escute, o que você quer: que eu lhe conte histórias da carochinha? Que eu diga que a Glynis é “uma mulher valente”, que vai “superar isso em dois tempos” e “ficar novinha em folha”?

— Desculpe. Não, eu prefiro saber. É melhor estarmos preparados.

— Não se preocupe. Não vão ficar.

Jackson lançou uma olhadela desdenhosa para um corredor pesadão (que eles ultrapassaram *andando*), segurando sua Evian que tinha aquele nítido ar de integridade transmitido pela água engarrafada. Era assombroso que um dia os antepassados desse país houvessem atravessado a fronteira para o Oeste, andando com dificuldade entre nascentes situadas a centenas de quilômetros de distância umas das outras, quando, depois de cinco minutos sem uma boa golada, os americanos modernos, como o gorducho ali, ficavam secos de sede.

— Eu queria saber se você e a Carol poderiam ir jantar conosco — disse Shep. — No sábado que vem, se conseguirem arranjar uma babá. Só nós quatro. Será o último... Será a nossa Foto de Antes. Sei que parece inconcebível, mas eu gostaria que tentássemos passar umas horas agradáveis.

— Vamos fazer mais do que tentar. Eu não perderia isso — respondeu Jackson, calculando que aquele não seria o momento ideal. — Se bem que, para ficar todo mundo realmente feliz, talvez a gente deva se certificar de evitar a história do amianto, não é? Tenho a sensação de que é um assunto delicado.

— Se evitarmos os assuntos delicados, não vamos falar de nada.

— Ela ainda está lhe fazendo essa acusação?

Shep deu uma bufadela:

— O que você acha?

— Que isso a mantém quentinha à noite.

— Aconchegada. Ao que eu saiba, o câncer não muda as pessoas.

— Você não gostaria que ela mudasse.

— Ando me sentindo péssimo. Eu me sentiria péssimo de qualquer jeito, por isso é difícil saber quanto dessa sensação tem a ver com a história de que é tudo culpa minha. Eu fui desleixado. Sem consideração. Estou começando a entender como os gays se sentem quando transmitem aids a um parceiro.

— Muitas daquelas bichonas sabem muito bem que têm o HIV e continuam a trepar a três por dois sem camisinha. Mas você não sabia. Nem é garantido que as fibras tenham vindo de você, como disse aquele médico. Pare com essa punhetação... — Jackson se deteve, hesitante. — Quer dizer, de se castigar. De se sentir culpado por causa de Pemba.

— A Glynis está decidida a mover um processo, para fazer com que “eles” paguem. Mas não

podemos ir em cima de nenhuma empresa, se não me lembro de qual material eu possa ter usado que pudesse estar contaminado. Como é que vou me lembrar da marca do cimento que usei em 1982?

— É, eu fiz o que você pediu e fiquei pensando na mesma coisa, mas também não consigo me lembrar. Aquela lista toda de produtos que você me deu... uma marca de telhas, ora, isso não é o tipo de coisa que fique na cabeça da gente depois de vinte e cinco anos.

— Mas, se ela não puser as mãos numa empresa, vai continuar com as duas no meu pescoço. Só que eu já me desculpei até ficar roxo, e todas as vezes, depois que eu termino, ela continua com câncer.

Os dois eram amigos íntimos e tal, mas não era do estilo de Shep embargar a voz sem motivo e, por isso, Jackson lhe fez o favor de ficar observando um ciclista contornar o parque na direção errada, enquanto o amigo se recompunha.

— Merda — disse Shep, já recobrando o controle. — De hoje até sábado, tenho que contar a todo mundo.

— Sobre a cirurgia?

— Sobre o fato de que a Glynis está doente. Ninguém sabe até agora, exceto você e a Carol.

— Você não acha que a Glynis deve fazer as honras?

— Não. É melhor para todos que seja eu. Especialmente com a família dela no Arizona. Você conhece a Glynis. Provavelmente, ela pegaria o telefone, se recostaria e deixaria a mãe passar meia hora falando de como seus vizinhos mexicanos têm cinco picapes e não separam o lixo para a reciclagem. Depois de lhe dar bastante corda, ela chamaria a mãe de racista, para a Hetty ficar melindrada e ofendida e revidar com algum insulto. E aí, pronto, hora de botar para quebrar! “Ah, é? Bom, eu só queria informar a você que estou com câncer!” E *pou*, bateria o telefone.

— Parece até que estou ouvindo — disse Jackson, com um risinho. — Nossa, eu adoro a Glynis.

— É. Eu também.

Quando os dois se aproximavam da Randy Mão na Roda, Jackson começou a assobiar “Greensleeves”.

CAPÍTULO CINCO

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de janeiro de 2005 – 31 de janeiro de 2005

Valor Líquido em Carteira: US\$697.352,41

Depois do trabalho, Shep teve que dar uma passada para buscar Beryl, que havia telefonado antes, durante a semana, na esperança de ir a Elmsford e “ficar um pouco”, o que significava convidar-se para jantar. O momento era inoportuno, por um lado — inoportuno, bem entendido, como era fatal que o fosse de qualquer modo num futuro indefinido —, mas era bom por outro. Como Zach ia de novo passar a noite no quarto fedorento e cheio de cabos espalhados de algum colega, Shep poderia praticar a transmissão da notícia com Beryl em pessoa. O casal tinha decidido contar aos filhos no dia seguinte, e Shep queria encontrar a melhor maneira de falar. Ainda não sabia ao certo se devia compartilhar o prognóstico, já que ainda não o discutira com a própria Glynis.

“Dar uma passada” era uma expressão descuidada e imprópria, já que buscar a irmã em Chelsea significava se arrastar do Brooklyn a Manhattan durante a hora do rush. Jamais ocorreria a Beryl pegar o trem. (Se a situação se invertesse, é claro, Beryl nunca lhe ofereceria uma carona, nem Shep a esperaria. Mas estava resignado com o fato de que ele dava e a irmã recebia, como se os dois simplesmente tivessem tarefas diferentes. Jackson é que vociferava sobre o fato de o amigo viver fazendo favores que ele próprio nunca pediria aos outros, nem em um milhão de anos. Mas Shep preferia que os dois pesos e as duas medidas funcionassem nesse sentido, e não no oposto.) Aliás, a oferta de Beryl de arranjar tempo em sua atarefada agenda criativa para se rebaixar a um encontro com o irmão maçante significava que ela queria alguma coisa. Algo mais do que o jantar.

O mesotelioma manteve sua frustração com relação à irmã a distância, bem como qualquer sentimento de perda que ele pudesse alimentar a respeito de Pemba. Shep não havia mentido para Jackson. Não pensava nisso. Pensava numa coisa de cada vez, uma só, e nela punha todas as suas energias. O câncer de Glynis facilitava o mesmo tipo de foco, preciso como o laser de alguns dos jogos de computador de Zach, substituindo à perfeição a obstinação motivadora antes fornecida pela Outra Vida. A mera renúncia a Pemba, sem nada que a substituísse, teria deixado Shep perdido, fraturado, sem rumo e, ao menos uma vez na vida, talvez com raiva. Nas circunstâncias vigentes, ele continuava enquadrado em uma diretriz primordial. Faria qualquer coisa para deixar Glynis mais confortável ou para impedir que ela se incomodasse com o que quer que fosse. Faria qualquer coisa para salvá-la.

Com a visita de Beryl, ficara acordado até as três da madrugada na noite anterior, montando uma travessa de lasanha e lavando verduras para a salada. Nunca havia cozinhado muito nem se interessado por culinária, mas agora seu interesse não vinha ao caso. Ele consultava receitas. Estas se adequavam a um homem que era constitucionalmente obediente, e ele as seguia ao pé da letra.

Visto que, naquele momento, enquanto cruzava a duras penas a ponte do Brooklyn, não lhe restava

nada a contemplar que servisse à diretriz primordial — já tinha lido uma dúzia de páginas da *web* sobre a melhor maneira de preparar Glynis para a cirurgia, marcada para dali a duas semanas —, ele permitiu que sua mente se desviasse para Jackson e seu livro bobo. Nem Jackson acreditava que algum dia o escreveria. Afinal, ele era um desses sujeitos de uma lucidez admirável na conversa, mas que congelavam diante do teclado. Era estranho como algumas pessoas podiam ser tão loquazes e articuladas quando conversavam fiado pela rua, mas não conseguiam escrever uma frase que fizesse sentido, mesmo que disso dependesse a própria vida. Seu raciocínio se tornava espasmódico, seu vocabulário encolhia, reduzido ao nível dos monossílabos, e elas eram incapazes de fazer um relato coerente de uma ida à caixa do correio. Assim era Jackson. Ainda nessa tarde, tinha gostado da ideia de um título numa pilha de folhas em branco, porque era nos títulos que ele era bom. No entanto, *Paspalhões: como um bando de vagabundos e vigaristas, agindo pelas nossas costas, transformou os Estados Unidos num país em que não se pode fazer nada, ganhar nada nem dizer nada, quando ele já foi um lugar muito bom de se viver* — bem, em matéria de títulos ele era mesmo muito bom.

Quanto às teorias imaturas do amigo, Shep nunca soubera ao certo se, pessoalmente, depositava um mínimo de confiança nelas. (Era difícil ligar essas concepções a um partido político, visto que Jackson achava que não votar era um partido político.) Era algo mais ou menos assim: os americanos se dividiam entre pessoas que cumpriam as regras e pessoas que simplesmente as driblavam (ou as ignoravam por completo). Jackson costumava dizer que “metade” das pessoas chupava o sangue das outras, a título de referência, mas admitia ser provável que as proporções fossem muito mais terríveis: talvez a parcela da população explorada pelos tipos mais espertos, que sabiam o caminho das pedras, estivesse mais perto de um terço ou um quarto. Ao longo dos anos, Jackson havia batizado essas duas classes com uma série de denominações desprezíveis, cuja aliteração de livro infantil Shep recordava com afeição: Patos e Parasitas. Filantes e Ferrados. Bobões e Bicões. Escravos e Escroques. Pançudos e Panacas. Laciaios e Larápios. Agora fazia uns três ou quatro anos que ele usava Sugados e Sugadores; talvez esses rótulos fossem pegar.

De acordo com Jackson, os Sugadores abarcavam, acima de tudo, qualquer pessoa que fizesse parte do governo ou vivesse do governo: fornecedores, “assessores”, integrantes de centros de estudos estratégicos e lobistas. Ele reservava um desdém especial para os contadores e advogados, dois tipos que deixavam sonsamente implícito que estavam do nosso lado, quando, de fato, essa casta inchada e parasítica de interlocutores constituía uma extensão obscura do Estado, e seus honorários extorsivos equivaliam a mais impostos. Outros Sugadores: os beneficiários da assistência social, é óbvio, embora Jackson afirmasse que eles eram o menor dos problemas, e ao mesmo tempo vítimas e criminosos. Maratonistas de polegares torcidos e que recebiam auxílio-doença. Banqueiros, que não fabricavam nada de valor e cujo dinheiro extraído do dinheiro utilizava a suspeita ciência da geração espontânea. Do lado oposto do espectro: qualquer gênio que se recusasse a receber uma renda apreciável — para que se incomodar, só para lhe roubarem cinquenta centavos em cada dólar? (Jackson se indignava por ter sido criado com a propaganda anticomunista. Se você trabalhava metade da porra do ano em horário integral para o governo, dizia ele, o seu país *era* comunista.) Herdeiros de fortunas, o que abarcava Pogatchnik. Imigrantes ilegais, que permaneceriam eternamente “sem documentos”, se soubessem o que era bom para eles; sinônimo de tornar-se um Sugado de carteirinha, a cidadania como aspiração era patética.

Os criminosos também eram Sugadores, é claro. Mas, se por um lado Jackson desprezava os Sugadores pertencentes ao Sistema, que escondiam sua voracidade atrás de uma fachada de retidão, ou até, o que era exasperante, de sacrifício pessoal (a expressão “servidor público” o levava à loucura), os criminosos comuns decentes só conquistavam sua admiração. Traficar drogas, dizia Jackson, era uma possibilidade inteligente e bem pensada de carreira para o jovem médio — um trabalho autônomo, empreendedor, sem declaração de imposto de renda. Ele prezava qualquer um que trabalhasse sem registro ou prestasse serviços a algum mercado negro. Tinha um fraco por filmes sobre a Máfia e havia

assistido cinco vezes a *Os bons companheiros*. Para Jackson, os criminosos eram a encarnação do espírito seminal norte-americano.

Quanto aos Sugados, dos quais Jacks confessava alegremente ter feito parte a vida inteira, eles abrangiam todos os outros paspalhões que seguiam as regras, mas principalmente por não terem peito e por lhes faltar imaginação. Os Sugados não exibiam engenhosidade nem capacidade inovadora, pretensamente tidas como traços nucleares do caráter nacional. Sem nunca terem passado por uma rebelião adolescente propriamente dita, tinham um retardo no desenvolvimento e, quando adultos, continuavam, em termos figurados, a pôr a mesa e levar o lixo para fora. Podia ser que tivessem aprendido a dizer “porra” na frente dos pais, porém jamais conseguiriam se dispor a usar a palavra com a Receita Federal. Mesmo na escala de cinco pontos de raciocínio moral (de onde Jackson havia tirado isso, Shep não fazia ideia, mas a exposição dela havia consumido um dos encontros rituais dos quatro amigos no verão anterior), os Sugados ficavam presos na parte de baixo. É que não eram motivados pela virtude, mas pelo medo. Suavam sangue para declarar seus impostos, somando recibos esfarrapados de 3,49 e 2,67 dólares e se alvoroçando quando a calculadora não produzia o mesmo resultado, até o último centavo, na segunda contagem — a despeito do fato de que os destinatários de sua fervorosa contabilidade deixavam alegremente que 349 *milhões* de dólares escapassem à atenção do Superior Tribunal de Contas, ou torravam 267 *bilhões* numa guerra que era um beco sem saída num areal, um estonteante vaivém de casas decimais que nunca parecia aos Sugados ser injusto ou amargamente hilariante. Eles pagavam em dia o seguro do carro; só podendo arcar com a cobertura contra colisões, eram os mesmos otários que levavam uma batida na lateral, causada por um guatemalteco sem seguro que avançava um sinal vermelho, e tinham que bancar a conta. Não faziam ampliações em seus imóveis sem primeiro obter uma licença de construção, desmentindo o fato de serem realmente os donos das casas, para começo de conversa. Na medida em que não era por pavor que esses sujeitos servis seguiam pela vida pisando em ovos, abdicando de tudo por que haviam trabalhado, eles eram burros.

Mas não era para ser assim, insistia Jackson. Sorrateiramente, os Sugadores haviam sequestrado pouco a pouco um sistema que nem de longe tinha começado tão mal, levando-o a uma situação que mortificaria os pais fundadores, que nunca pretenderam criar um monstro. Eles também não haviam concebido a democracia como uma religião evangélica nem como uma empresa de exportação autodestrutiva, na qual efetivamente custava dinheiro vender os próprios produtos no exterior. O que a turma de Thomas Jefferson tivera em mente era um país que deixasse o indivíduo em paz e lhe permitisse fazer o que bem quisesse, desde que ele não ferisse ninguém — em suma, “um lugar legal para se ficar”, e não “essa grande chatice”.

É que agora, na opinião de Jackson, o governo era uma empresa com fins lucrativos, mas de um tipo com que o magnata médio da indústria só podia sonhar: um monopólio natural, capaz de cobrar o que quisesse, mas sem a obrigação de oferecer em troca nenhum tipo de produto. Uma empresa cujos milhões de clientes não tinham alternativa senão comprar esse produto mítico, para não serem trancafiados num quartinho com uma comida horrorosa. Dado que, por definição, todos os políticos “mamavam nas tetas”, nenhum deles tinha qualquer motivação para limitar o tamanho dessa maravilhosa companhia que, na verdade, não era obrigada a produzir nada. Apesar das ocasionais críticas da boca para fora feitas pelos conservadores, ao longo das décadas, é claro, a Estados Unidos S/A não fizera outra coisa senão se expandir. Jackson previa que, num futuro próximo, os últimos Sugados remanescentes perceberiam o jogo e se alistariam como empregados. Quando toda a população americana estivesse trabalhando para o governo ou vivendo à custa dele, o país pararia de vez. Já estava acontecendo na Europa, dizia ele. Com uma proporção de cem por cento de Sugadores para nenhum Sugado, não sobraria ninguém para ser arrojado, e era de se presumir que todos ficassem sentados, esperando a morte, ou matassem uns aos outros.

Shep relutava em acreditar que não recebia nada do governo. As estradas, assinalava. Pontes. Postes

de luz e parques públicos. Certo, era a isso que Jackson pretendia se referir com o termo abrangente “calçadas”. A infraestrutura mínima necessária para conduzir a vida do dia a dia era predominantemente fornecida pelas autoridades municipais, que controlavam uma fatia tão minúscula do bolo que, se colocada num prato, tombaria de lado. Como Jackson observava com frequência, se todos os cidadãos entrassem com a mesma contribuição para o bolo, poderiam cobrir todas as suas necessidades primárias comuns com “uma ninharia” — e era isso que George Washington tivera em mente, em contraste com “esse papo furado de obediência ao rei”.

Embora gostasse do jogo de se lembrar de outro serviço vital que vinha de cima e justificava o preço da entrada — exames para detecção de consumo de drogas, controle do tráfego aéreo —, Shep admitia que citar os benefícios palpáveis que angariava pessoalmente por seus impostos era de uma dificuldade surpreendente. No entanto, também sentia que o conjunto dos muitos órgãos que controlavam sua vida ainda se aproximava de uma certa ordem. Até uma ordem rudimentar e sem igualdade, em contraste com o caos sangrento de animais correndo em bando, era de valor inestimável.

Além disso, mesmo que aceitasse as categorias cartunescas elaboradas por Jackson, ele continuaria preferindo ser Sugado a ser Sugador. Alguém com quem os outros podiam contar, um homem, no seu entendimento da palavra. Mesmo acreditando num contrato social implícito — você concordava em cuidar de outras pessoas para que, quando chegasse a hora, elas cuidassem de você —, Shep não cumpria a sua parte para acumular a seu favor uma dívida que tivesse a intenção de cobrar. Se pudesse, continuaria a ser uma fonte de recursos até o fim da vida, em vez de um dreno, nem que fosse porque ser digno de confiança, autônomo e competente fazia com que ele se *sentisse bem*. Essa grande solidez genuína, de pés no chão, certamente superava o risinho discreto e sarcástico de passar a perna em alguém. Era melhor que a autocongratulação zombeteira do vigarista e o sigilo amuado do trapaceiro. Também não havia nada de invejável na gratidão ressentida dos que deviam favores. Curiosamente, apesar de viver ridicularizando o crédulo convicto que era responsável, confiável e firme, fazia muito tempo que Jackson admirava Shep Knacker por encarnar justamente essas qualidades.

O que causava ainda mais perplexidade era descobrir por que o melhor amigo de Shep havia de esbanjar tanto esforço num paradigma que o punha no papel de um homem fraco, impotente e covarde. Era graças às condições feitas por Shep quando da venda da Knack — uma garantia por escrito de Randy Pogatchnik de que o gerente de pessoal receberia um salário anual de mais de seis dígitos, incluindo uma cláusula de reajuste — que Jackson ganhava dinheiro suficiente para reclamar dos impostos que pagava sobre a renda, e às vezes Shep se perguntava se tinha mesmo prestado um favor ao amigo. O que haveria na vida de Jackson que o fazia sentir-se tão explorado, tão diminuído?

* * *

Milagrosamente, Beryl estava espiando pela janela de sua portaria, de modo que Shep não teria de ficar dando voltas na Sexta e na Sétima avenidas, à espera de que a irmã descesse. Ela se encolheu no banco do carona, embrulhada em camadas volumosas de capa, suéteres e cachecóis, chacoalhando joias da escola de pedras e plumas que Glynis detestava. Embora estivesse longe de ser uma confabulação de brechós — Shep desconfiava que ela pagava os tubos para ter aquela aparência displicentemente amarrotada —, a falsa roupa boêmia de Beryl era típica de uma geração que havia perdido por pouco os anos 1960. Embora seu próprio irmão mais velho quase houvesse perdido aquela época, ele havia experimentado o suficiente do seu finalzinho para não sentir saudade dessa coisa de hippies. *Aqueles* sujeitos é que eram Sugadores. Viviam tomando empréstimos ou roubando dinheiro, promovendo isto e aquilo gratuitos e papagueando um monte de baboseiras anticapitalistas, unicamente possibilitadas pelos pais batalhadores às custas dos quais eles viviam. Shep tinha pena dos garotos que haviam morrido no

Vietnã. Os demais não prestavam.

Beryl deu-lhe um beijo no rosto e exclamou “Shepardo!”, o apelido neorrenascentista da infância que ainda era imbuído de uma dose de afeição.

— Nossa, tomara que ninguém me veja neste utilitário. Você se lembra que eu fiz aquele filme sobre o SUV-IT, aquele grupo ativista que quebra esses troços como uma forma de afirmação política sobre o aquecimento global.

Se Beryl estivesse realmente interessada nas emissões de carbono, teria se oferecido para ir de trem.

— Este aqui é um Mini Cooper, comparado aos novos — retrucou Shep em tom manso.

A irmã lhe perguntou com displicência como ele estava e Shep se sentiu aliviado por ela não reparar em sua falta de resposta.

— E então, em que você está trabalhando agora? — perguntou ele.

Era mais seguro voltar ao assunto Beryl. A irmã nunca perguntava o que estava acontecendo na Randy Mão na Roda, já que o pressuposto era que lá nunca acontecia nada. Tratava-se de uma empresa e ela sem dúvida herdara o preconceito do pai contra isso.

— Num filme sobre casais que decidem não ter filhos. Com um foco especial em pessoas na casa dos quarenta, você sabe, bem no limite de já não terem escolha. Se elas estão contentes com sua vida, se acham que estão perdendo alguma coisa, o que as levou a não quererem ter filhos. É realmente interessante.

Shep fez um esforço ritual para se importar, porém foi mais difícil que de hábito:

— A maioria das pessoas está resignada ou arrependida?

— Nenhuma das duas coisas, em geral. Estão perfeitamente felizes!

Enquanto Beryl entrava nos detalhes, Shep refletiu que, visto de fora, o conjunto da obra de sua irmã devia parecer incoerente. O único documentário pelo qual ela era conhecida, se é que era conhecida, tinha sido uma ode a Berlin, em New Hampshire — pronunciada Ber-lan, uma corruptela provinciana das raízes europeias da palavra que ele achava estranhamente meiga, proveniente de uma dissociação patriótica da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial. Beryl gravara entrevistas com os residentes da decrescente população local, muitos dos quais haviam trabalhado nas fábricas de papel que agora estavam quase todas fechadas, e seu filme, *Reduzindo a papelada*, havia captado algo de arquetípico nas cidadezinhas pré-industriais e em declínio da Nova Inglaterra, algo que fazia lembrar Michael Moore, sem o risinho malicioso. Era caloroso, e Shep tinha gostado. Ficara realmente feliz pela irmã quando a elegia de uma hora tinha entrado no Festival de Cinema de Nova York. Ela também fizera um documentário meio bizarro sobre pessoas que não têm o sentido do olfato e outro, mais sério, sobre formandos sobrecarregados de dívidas esmagadoras, contraídas no ensino superior.

Entretanto, seus temas só se afiguravam universais até a pessoa se dar conta de que o namorado lunático de Beryl, na época, era integrante do grupo que quebrava para-brisas de utilitários esportivos e que a própria Beryl se ressentia de qualquer tipo de carro, já que não podia ter nenhum. Beryl estava com quarenta e tantos anos e não tinha filhos. Assim como Shep, havia crescido em Berlin, New Hampshire. Ela nascera sem o sentido do olfato — o que havia prejudicado bastante a apreensão plena do material de seu documentário, já que, ao longo de toda a meninice de Shep, Berlin fedia —, e ainda não tinha pago seus empréstimos estudantis. A natureza autorreferente do trabalho de sua irmã havia chegado ao auge quando, no ano anterior, ela fizera um documentário independente sobre os criadores de documentários independentes, um projeto maculado por um toque de autocomiseração que envolvia a maioria de seus amigos.

De modo geral, a impetuosa determinação, movida pela inspiração quando ela era mais jovem, tinha envelhecido sob a forma de uma obstinação mais sombria e taciturna, que era movida pelo rancor. Beryl ia “mostrar a eles”, fossem *eles* quem fossem, e agora, a realização de mais um projeto de filme com o dinheiro apertado tinha tanto jeito de hábito quanto de vocação. Já velha demais para ser aspirante, Beryl

não se estabeleceria o bastante para se qualificar como mais nada. Ah, sim, ela havia colocado o documentário sobre o olfato na PBS, a rede de televisão educativa, e recebera uma ou outra verba deste ou daquele conselho de arte. Mas o sucesso no Festival de Cinema de Nova York tinha sido anos antes. Os avanços tecnológicos das câmeras compactas, que permitiam a Beryl seguir em frente com um mínimo de financiamento, também significavam que inúmeros outros aspirantes podiam comprar as mesmas câmeras, e ela enfrentava mais concorrência do que nunca. Talvez Shep fosse muito convencional, mas o fato de sua irmã viver numa situação de aperto na meia-idade começava a parecer menos o sacrifício que uma mulher talentosa fazia por sua carreira e ter mais jeito de fracasso.

— Você pensou melhor em participar de um documentário sobre as pessoas que sonham abandonar a rotina da correria insana? — perguntou Beryl, quando os dois ficaram parados na autoestrada West Side. — Andei até pensando em chamá-lo de *A crença na Outra Vida*.

Shep se arrependeu de ter compartilhado seu apelido particular.

— Não muito.

— Você se surpreenderia. É uma fantasia muito comum.

— Obrigado.

— Só estou dizendo que você tem companhia. Quer dizer, é uma espécie de clube. Se bem que tenho tido muita dificuldade de encontrar alguém que realmente tenha feito isso. Nos dois casos com que topei, as pessoas voltaram. Um casal foi para a América do Sul e a mulher quase morreu; um outro sujeito vendeu tudo que tinha e se mudou para uma ilha grega, onde se sentiu sozinho e entediado, além de não falar a língua. Nenhum deles durou mais de um ano.

Shep estava decidido a evitar qualquer envolvimento com os projetos de Beryl, que já tinham canibalizado quase toda a vida dela e passariam com voracidade para a de seus parentes. Graças a Deus ele ficara de boca fechada com a irmã sobre Pemba.

— Mas é óbvio que qualquer pessoa com que você depare terá voltado — observou Shep. — As que foram embora para sempre não estão aqui.

Isso agora era só uma teoria para ele, mas, preso naquele rastejar agonizante de automóveis, Shep ainda queria que a Outra Vida fosse possível para alguém.

— Ei — disse Beryl —, você tem feito alguma fonte, ultimamente?

Um assunto mais seguro. Ao contrário de seus próprios familiares, Beryl achava as fontes de Shep encantadoras.

* * *

Ao virar em Crescent Drive, Shep se deu conta de que poderia ter contado à irmã durante o trajeto, o que talvez tivesse sido melhor. Mas havia compreendido o que Glynis quisera dizer com “Não ando me sentindo *legal*.” Por alguma razão, sentia-se inclinado a tornar isso o mais difícil possível para Beryl.

Sua mulher e sua irmã se cumprimentaram com frieza na cozinha. Na falta de um abraço teatralmente condoído, Glynis percebeu que Shep tinha guardado silêncio sobre seu diagnóstico no carro; uma olhadela entre os dois confirmou que ela havia aprovado. Eles tinham um segredo, e o momento de decidirem revelá-lo era assunto só deles. Na verdade, à medida que se iniciou a incômoda noite — incômoda para Beryl —, ele começou a compreender o que sua mulher podia ter extraído de guardar sigilo sobre todos aqueles exames e consultas. Havia algo de poderoso no ato de reter informação. Como circular pela casa com uma arma carregada.

Glynis andara mexendo no papel laminado da lasanha. Shep ralhou com ela, dizendo que cuidaria da comida. Beryl era desatenta demais para ver algo de estranho nisso, ainda que, em ocasiões anteriores, o jantar sempre tivesse sido a seara de sua cunhada. Ela também não pareceu reparar no cuidado com que

Shep conduziu gentilmente a mulher para uma poltrona na sala de estar e a acomodou com um copo de bebida. Dali a duas semanas, Glynis não poderia tomar vinho, e ele torcia para que ela se lembrasse de saboreá-lo. Beryl não tinha levado uma garrafa. Nunca o fazia.

Enquanto esperavam o prato principal esquentar, Beryl tomou um gole, encheu o copo pela segunda vez e começou a se entupir de azeitonas na sala, ignorando o potinho fornecido e depositando os caroços no tampo de vidro da mesa de centro, ao lado da Fonte do Casamento, onde eles deixaram uma mancha. Parecia nervosa, o que pôs Shep à vontade, por contraste.

— E então, Glynis? Tem feito algum trabalho ultimamente? Eu adoraria vê-lo — disse ela.

Como aquela pergunta não era apenas enchimento de linguiça, Beryl devia estar apostando na alta probabilidade de que a cunhada não tivesse visitado seu estúdio em meses. Glynis e Beryl se detestavam.

Em circunstâncias normais, Glynis se espinharia, mas, nessa noite, havia nela um ronronar felino complacente.

— Não desde a última vez que você me perguntou — disse. — Tenho andado distraída.

— Com a casa e essas merdas?

— Um pouco com a casa. E merda. Montes de merda.

— Você ainda está fazendo moldes para a loja de chocolates?

— Na verdade, eu me aposentei recentemente. Mas, se você quer saber se ainda temos a caixa habitual de chocolates rejeitados, sim. Meio deformados, mas fresquinhos. Pode levar para casa quantas trufas quiser.

— Bem, não foi isso que eu quis dizer... — Foi. — Mas, já que você está oferecendo, é claro. Seria ótimo.

Shep pôs a caixa da Viver em Pecado junto à porta, como lembrete. Glynis havia admitido sentir mais falta de seu ridículo emprego de meio expediente do que esperava. Como até ela era capaz de perceber que a qualidade dos moldes em formato de pintinhos para chocolates recheados de creme de framboesa não tinha a menor importância, esse trabalho, para Glynis, tinha sido, em décadas, a primeira experiência de criação sem medo. O triste era que, se houvesse abraçado esse mesmo espírito livre e brincalhão em seu estúdio no sótão, agora poderia ser uma artista de certo renome.

Shep tornou a encher a taça da irmã. Guardar segredo da programação principal da noite podia ter sido cruelmente gratificante, mas talvez logo parecesse impossível até mesmo levantar o assunto.

— Ei, sabia que na semana passada eu peguei o ônibus para visitar o papai? — perguntou Beryl, que raras vezes ia a New Hampshire sem pedir carona ao irmão. — Ando meio preocupada com ele. Acho que não poderá continuar a morar sozinho por muito mais tempo.

— Ele tem se virado muito bem até agora. E está com a cabeça quase horrivelmente afiada de sempre.

— Ele tem quase oitenta anos! Dorme a maioria das noites naquela poltrona da sala, para não ter de enfrentar a escada. Não come nada além de queijo- quente. Os ex-paroquianos o ajudam com as compras, mas a maioria também já está bem velha. E acho que ele se sente sozinho.

Como fazia visitas rotineiras a Berlin com frequência três vezes maior que a da irmã, Shep sabia da poltrona, que mais era uma questão de preguiça que de incapacidade. Seu pai pegava no sono lendo romances policiais — não a Bíblia, felizmente — e *gostava* de queijo- quente. Mesmo assim, Shep deveria ficar contente com o interesse da irmã:

— O que você tem em mente?

— É provável que nós devamos pensar em colocá-lo num desses lares para idosos — A irmã de Shep tinha um jeito engraçado de usar os pronomes.

— Você sabe que eles não têm cobertura do Medicare.

— Por que não?

— O porquê não vem ao caso — interpôs Glynis, exasperada.

Beryl imaginava que, quando se estabelecia a razão por que uma coisa *deveria* ser diferente, modificava-se o que ela era.

— Tecnicamente, não são clínicas médicas — disse Shep, paciente. — Já verifiquei isso. Esses lugares chegam a custar setenta e cinco mil, cem mil dólares por ano. O papai não tem economias, já que dava tudo o que tinha de sobra, e a pensão dele é uma ninharia.

— Shepardo! É típico: eu falo num assunto como a debilidade crescente do nosso pai, e na mesma hora você começa a falar em dinheiro.

— É porque isso que você está sugerindo envolve uma porrada de dinheiro.

— Uma porrada do *nosso* dinheiro, para ser mais exata — disse Glynis. O fato de Shep haver “emprestado” dezenas de milhares de dólares à irmã sempre havia indignado sua mulher, cuja renda mínima só a tornava mais possessiva em relação à dele. — Ou será que você está planejando dar uma contribuição? Ele também é seu pai.

Beryl levantou as mãos e exclamou:

— Isso é querer tirar água de pedra! Vocês acham que no dia que eu ganhei a loteria vocês simplesmente se esqueceram de ler o jornal? Já gastei toda a verba desse documentário sobre os casais sem filhos, e o estou terminando com meu próprio dinheiro... o pouco que tenho. Não é que eu seja algum tipo de babaca. Estou completamente dura!

A pobreza tinha lá suas tensões, mas, por um momento, Shep invejou a irmã pelo lado relaxante da penúria. Ela a eximia da responsabilidade por uma porção de coisas, desde a manutenção da Ponte de Williamsburg até os cuidados com o pai. Mas se, no jargão jurídico, Beryl seria “declarada judicialmente insolvente”, isso não necessariamente a eximia de outros tipos de julgamento e, nesse momento, pareceu importante a Shep tomar o partido da mulher, de forma resoluta.

— A ideia de pôr o papai numa casa de repouso é sua, mas você espera que nós paguemos a conta.

— Você não vendeu a Knack Para Toda Obra por, sei lá, *um milhão de dólares*? Caramba, Shep!

Na sua próxima vida, ele ficaria de boca fechada.

— Meus recursos não são infinitos. Eu tenho... outros compromissos. E, se o papai continuasse com a saúde razoável por mais cinco a dez anos, o que você está sugerindo poderia nos deixar completamente quebrados.

Os olhos de Beryl faiscaram; era óbvio que ela imaginava os *outros compromissos* do irmão em termos de um iPod para o Zach.

— Bem... e se o papai se mudasse para cá? Vocês têm o antigo quarto da Amelia.

— Não — disse Shep, categórico e irritado consigo mesmo, porque dar a notícia no carro teria evitado boa parte dessa discussão. — Não neste momento.

— E o seu apartamento? — perguntou Glynis. — Ele é palaciano, para os padrões de Manhattan. E, se você não pode fazer a sua parte em termos financeiros...

— É verdade — concordou Shep, entrando no jogo. — E, nesse caso, eu poderia ajudá-la nos gastos extras.

É claro que a recém-forjada preocupação filial de sua irmã jamais se estenderia a afetar sua conveniência pessoal, mas ele achou que já a haviam imprensado contra a parede o bastante para que ela ao menos desse sinais de embaraço. Em vez disso, seus olhos passaram do ressentimento ao ódio:

— Lamento, mas não vai dar — disse Beryl, em linguagem curta e grossa, num tom vitorioso. — Essa é uma das coisas de que eu queria falar com você.

Era, intuiu Shep, a coisa de que ela queria falar. Os três passaram para a cozinha, onde a lasanha já estava quase queimando.

Fazia muitos anos que Beryl morava num imenso apartamento de pé-direito alto, com todas as instalações originais, na rua Dezenove Oeste, pagando uma ninharia por ele. Possuir esse três quartos sem elevador tinha conferido a ela um poder desproporcional em seus muitos romances voláteis. Ela sempre podia ameaçar os parceiros de exilá-los de uma residência cuja despensa era maior do que o apartamento que eles poderiam bancar, se saíssem porta afora. Shep não diria que os namorados a amavam por seu imóvel de aluguel, mas, ainda que efetivamente se apaixonassem por Beryl, apaixonavam-se primeiro por seu apartamento.

É que esse era um daqueles prédios, em número cada vez menor, ainda sujeitos a um regime anacrônico de tabelamento do aluguel, estabelecido depois da Segunda Guerra Mundial. Os donos desses edifícios protegidos ficavam tão desesperados para desalojar os inquilinos ocupantes dos imóveis, e com isso fazer vigorar seu “justo valor” no mercado de aluguéis, que havia dispositivos legais inteiros para abordar as normas de desocupação e reocupação quando os proprietários punham fogo em seus próprios prédios.

— Toda vez que morre um inquilino — regalou-os Beryl, esfaqueando a salada —, e eu me refiro a quando o corpo ainda está quente, pronto, lá vêm os operários fazer a “reforma”, e, não, ninguém se importa em destruir aquelas gloriosas sancas e lustres antigos! Eles estripam tudo. O senhorio reformou completamente o saguão, embora ele estivesse em perfeitas condições, e transformou o porão nuns estúdiozinhos de mau gosto, de modo que agora não temos mais serviço de lavanderia. Enfim, ele acabou pondo as mãos na casa do meu vizinho do fim do corredor, que morreu de aids, e pronto. Agora, setenta e cinco por cento do prédio está oficialmente destruído, o que o põe na categoria de “reforma substancial”. Isso o tira completamente da lei de estabilidade do aluguel. Não sei o que vou fazer!

— Quer dizer que agora ele pode lhe cobrar o que o seu apartamento realmente vale? — perguntou Glynis.

— É! — espumou Beryl. — É isso aí, o meu aluguel pode passar de umas centenas para milhares de dólares! Milhares e milhares!

— Eu estou admirado — disse Shep. — Os inquilinos dos imóveis regidos por essa lei costumam ser protegidos como uma espécie em extinção.

— Nós *somos* uma espécie em extinção. Podia ficar tudo bem para mim, só que, no *instante* em que bateu na marca dos setenta e cinco por cento, o meu senhorio contratou uns bandidos para saírem numa caça às bruxas, à cata de sublocadores ilegais. O cara que está no meu contrato, como um puro detalhe técnico, e que morou lá, não sei, uns cinco períodos de locação atrás, na época da Idade da Pedra, mudou-se para New Jersey. E eu paguei a ele *uma fortuna* em luvas. Mas o idiota mudou o registro dele na zona eleitoral, e aí eles descobriram.

— Você quer dizer que o contrato nem é seu? — perguntou Shep.

— Moralmente, é claro que é! Eu estou lá há dezessete anos!

Apesar da intuição de Shep de que a dor de cabeça de Beryl também estava prestes a se tornar sua — os problemas dela comumente exibiam essa propriedade transitiva —, o término do regime de assistência social da moradia de sua irmã lhe trouxe uma insidiosa satisfação.

— No mercado — observou —, aquele apartamento poderia ser alugado por cinco ou seis mil por mês.

A expressão de Glynis não foi de *satisfação insidiosa*: ela fez um ar encantado. Desde o diagnóstico, parecia regozijar-se com a desgraça de qualquer outra pessoa — melhor ainda se fosse a de Beryl.

— Então, quais são os seus planos? Não me diga que *você* quer o quarto da Amelia — disse ela.

— Eu *gostaria* de *processar*.

— Quem, e por quê? — perguntou Shep.

— Faz anos que aquele sujeito vem tramando um jeito de chegar ao limiar de setenta e cinco por cento, e praticamente nenhuma das tais “reformas” foi necessária.

— O prédio é dele.

— O apartamento é *meu!*

— Só se você puder pagar o aluguel. Escute — disse Shep, tirando com o garfo uma ponta enrolada e preta da massa da lasanha —, talvez você deva pensar nisso em termos do “copo meio cheio”. Pense em como teve sorte. Pense na ótima situação que teve durante todos esses anos. Tudo bem, acabou... — Sua voz se embargou. *Pense em como teve sorte, na ótima situação que teve, tudo bem, acabou.* Ele poderia fazer um discurso igualzinho para si mesmo.

— Ninguém se sente *com sorte* quando a sorte acabou de desaparecer — declarou Beryl.

— Nisso você tem toda razão — disse Glynis. Rara concordância.

Shep serviu mais uma porção. Tinha inaugurado nessa refeição a famosa espátula de peixe de Glynis, feita de prata de lei, que era meio desajeitada para servir lasanha e reconhecidamente incompatível com o tabuleiro surrado de alumínio. Mas ele queria que sua mulher se sentisse talentosa, queria aproveitar a rara oportunidade de se exibir em nome dela. Na hora em que os três se sentaram para jantar, a curva flexível da prata e a incrustação oceânica de baquelita, em tons verde-água e azul-esverdeado, tinham obrigado sua irmã a admirar justamente o trabalho em metal que ela relutava em admitir que Glynis jamais chegasse a criar. A transparente insinceridade dos elogios de Beryl tinha dado a sua mulher um prazer sarcástico.

Glynis não quis repetir a comida. Por favor, murmurou Shep. *Por favor.* Serviu um quadradinho no prato dela, assim mesmo, resmungando: *Você não entende. Não tem mais a ver com a comida, com você querer ou não.* Beryl estava absorta demais com a perda de seu aluguel tabelado para inferir o que poderia significar aquele diálogo. Sem ideia de como contornar o tema da noite para chegar à verdadeira questão, Shep tentou ir mudando de assunto aos poucos:

— Sabe, por falar em má sorte — perguntou, de improviso —, você tem algum seguro de saúde?

— Eu daria o rabo para isso, mas não, não tenho.

— E o que aconteceria se você sofresse um acidente, ou adoecesse?

A resposta veio em tom de desabafo:

— Não faço a mínima ideia. O pronto-socorro não é obrigado a receber a pessoa?

— Só para o atendimento imediato. E, mesmo assim, eles lhe apresentam a conta.

— Que podem enfiar no rabo.

— Isso destruiria a sua avaliação de crédito — disse Shep, arrepiando-se por dentro; coisas como *avaliação de crédito* eram exatamente aquelas de que ansiava fugir, indo para Pemba.

— Isso é aí no seu mundo, maninho. Lá no meu, eu cago para essas coisas.

Pelo visto, o ressentimento furioso de Beryl tinha vazado do seu despejo iminente e passado a abarcar o irmão sisudo, sua casa convencional em Westchester, seu utilitário esportivo que bebia um horror de gasolina, e aquela diletante mimada que era sua mulher.

— Mas, se lhe acontecesse alguma coisa terrível... — arriscou Shep. — Bem, a pessoa que ia realmente acabar pagando por isso era eu, certo? Quem mais, se o papai vive da pensão? Na verdade, é por isso que eu pago o seguro da Amelia.

— Não vou impedi-lo, se você quiser pagar um plano de saúde para mim também, já que, pelo jeito, não está realmente preocupado comigo, mas com você mesmo.

— Uma apólice individual na sua idade poderia chegar a mil dólares por mês.

— Moleza — disse Beryl. — Tem meses em que nem chego a tirar mais de mil paus líquidos. Então, quer dizer, eu fico morando na rua e catando comida em latas de lixo, mas, cara, tenho o melhor seguro de saúde que a minha renda anual inteira pode pagar!

— Quando você não tem cobertura, os hospitais cobram o dobro — disse Glynis.

— O que faz um *enorme* sentido — enfureceu-se Beryl. — Cobrar o dobro da turma que menos pode pagar.

— Eu não criei o sistema — disse Shep, em voz baixa. — Mas você está ficando mais velha, as coisas acontecem, e essa é uma em que você deve começar a pensar.

— Olhe aqui! Por sorte, eu não estou caindo morta neste momento, porque eu tenho um problema muito mais premente, tá legal? Se você estiver realmente preocupado comigo, então, tudo bem, você pode ajudar. Supondo-se que eu não vá lutar contra esse negócio, coisa que, aliás, também não tenho como pagar, vou ter que me mudar de lá. Pensei que, por enquanto, eu poderia carregar minha tralha para Berlin; o papai disse que não tem problema. Talvez até me enfurnar lá por uns tempos, para economizar. Mas, para alugar outra coisa em Nova York, ainda vou precisar de ajuda com o depósito de garantia. São três meses de aluguel adiantados. E você sabe o que aconteceu em Manhattan: um estúdio do tamanho de um banheiro químico está saindo por três mil por mês! Então, olhe, eu detesto ter que fazer isto, mas... Bem, não faria mais sentido eu comprar alguma coisa, em vez de jogar pelo ralo todo esse dinheiro do aluguel? Se você pudesse cobrir, sei lá, só uns cem mil da entrada, mais ou menos... Pense nisso como um investimento.

— Você quer que eu lhe dê cem mil dólares. *Mais ou menos*.

— Nunca mais quero ficar na situação de ter um senhorio sacana me chutando para fora da minha própria casa. Quer dizer, isto é uma emergência, Shepardo. Eu estou implorando.

Shep segurou a mão de Glynis embaixo da mesa. Tinha havido umas brigas terríveis entre eles por causa dos *empréstimos* a Beryl; uma olhadela a tranquilizou, garantindo que, dessa vez, ele não passaria um cheque para a mão da irmã quando sua mulher não estivesse olhando.

— Beryl — disse, sem se alterar —, nós não vamos comprar um apartamento para você.

Beryl olhou para o irmão como se confrontasse um eletrodoméstico até então confiável, e que de repente não quisesse mais funcionar. Tentou ligá-lo de novo.

— Talvez você queira pensar nisso.

— Não preciso pensar. Nós não podemos.

— Não podem *por quê?* — Como de praxe, era presumível que uma justificativa insatisfatória revertesse a situação.

Mas essa era a abertura que Shep estivera esperando. Ele deu uma respirada funda preparatória, apenas longa o bastante para a raiva de Beryl entrar em alta rotação. Ela pareceu registrar que, ao contrário da questão intrinsecamente ambígua do consentimento sexual, no caso do dinheiro, o “não” realmente significava “não”, e a consternação diante disso a impeliu a queimar precipitadamente todos os seus cartuchos:

— Não venha me dizer — começou, em tom sinistro — que você tem que guardar o dinheiro da minha entrada para a *Outra Vida*. Que tem de continuar a estocar milhões e milhões de dólares para um Valhala fantasioso, enquanto a sua própria irmã é jogada no olho da rua. Você tem que fazer essas viagens de férias caras, anos após ano, a pretexto de fazer “pesquisas”. Caia na real! Se algum dia você fosse debandar para uma praia do Terceiro Mundo, para ficar bebericando *piña colada*, não acha que já teria ido? Você poderia fazer uma enorme diferença na minha vida, neste momento, mas não! Nós todos temos de pagar pelo seu delírio, por essa sua ideia arrogante de que você é especial e está acima da ralé, quando a verdade é que você é um assalariado comum, como praticamente todos os outros burros de carga do país. Eu tentei fazer alguma coisa interessante com a minha vida, e criar filmes instigantes, imaginativos, que façam diferença na experiência que as pessoas têm do mundo, e a culpa não é minha se isso não paga grande coisa. Eu dou tanto duro quanto você, e talvez mais, muito mais. Só que não tenho nada para mostrar como resultado, e agora não tenho nem mesmo onde morar, graças a capitalistas ricos iguaizinhos a você, que têm que ficar ainda mais ricos. Enquanto isso, você roda por aí num carrão e mora num casarão em um subúrbio elegante, com uma conta bancária que está estourando de tão gorda, e para quê? A única *Outra Vida* que você vai ver é depois desta, meu irmão, e vai ser uma experiência quente como o diabo, se durante a vida você não tiver sido um pouquinho mais caridoso com a sua

própria família!

Calculando que Beryl parecia haver terminado, Shep deu um leve aperto na mão da mulher, antes de entrelaçar os dedos sobre a mesa, bem em frente à irmã.

— Você tem razão — disse, calmamente. — Por mais que eu possa ter tido essa esperança durante muito tempo, neste momento não é provável que comecemos uma vida nova, fascinante e relaxante num país de custo mais viável. Eu sinto muito por isso. E sinto muito mais pela razão disso.

— E que *razão* é essa? — perguntou Beryl, com um olhar de desprezo.

— Acabamos de saber que a Glynis está com câncer. Um câncer raro e extremamente agressivo, chamado mesotelioma. Talvez eu mesmo o tenha transmitido a ela, por trabalhar com produtos que continham amianto. Vou precisar conservar as minhas forças e o meu dinheiro. Entre a saúde da Glynis e comprar um imóvel para minha irmã, no mercado imobiliário mais inflacionado do país, tenho que optar por salvar a vida da minha mulher.

Rir não seria apropriado, mas Shep teve, sim, de impedir que um canto de sua boca se curvasse em sinal de aprovação. Nessa tarde, no parque, ele dissera a Jackson que queria “fazer as honras” e informar a família de Glynis sobre a doença de sua mulher, já que era certo que ela costumava induzir seus parentes a dizerem alguma coisa desagradável e, em seguida, deixá-los atordoados com sua má notícia chocante. Talvez eles dois não fossem tão diferentes quanto Shep muitas vezes temera.

* * *

— Sei que é uma perversidade — disse Glynis, relaxando numa cadeira enquanto ele lavava a louça —, mas hoje eu passei umas horas maravilhosas. Nunca imaginei que ter câncer pudesse ser tão divertido.

— Ela sempre achou isso, sabe? Que a Outra Vida era um “delírio”.

— A Beryl é a criativa, e você é o palerma. As pessoas se apegam muito a essas denominações. Ela não gostaria que você fosse capaz de fazer nada corajoso ou estranho.

Da pia, Shep virou-se para a mulher:

— E você?

— Talvez — ela considerou. — Mas não sem mim.

— Seja franca. Sem... isto. Você consideraria seriamente largar tudo para ir comigo?

— Segundo as suas palavras, você nunca teria ido.

— Isso é discutível — fez ele, e recomeçou a esfregar a crosta enegrecida do tabuleiro da lasanha.

— Não é discutível se você me ama.

Shep parou. Enxaguou as mãos e as enxugou numa toalha. Ajoelhou-se junto à cadeira de Glynis e segurou seu rosto com as duas mãos.

— Gnu. Nos próximos meses, você vai descobrir quanto eu a amo — prometeu. Beijou-a, e deixou seus lábios se demorarem até sentir os nervos dela se acalmarem.

Voltou para sua tarefa anterior. A água demorou um minuto para chegar de novo à pia. Quando se evidenciara pela primeira vez que eles tinham se mudado para sua casa alugada de Elmsford “temporariamente”, no sentido adulto da palavra — ou seja, como sinônimo de *para sempre* —, Shep tinha-se consolado construindo uma fonte na pia da cozinha. Era uma engenhoca extravagante, com um tema culinário: a água subia da torneira por uma mangueira de borracha que terminava num injetor de tempero para aves, cujo jato girava em torno de um batedor de ovos metálico e descia em cascata por uma xícara de faiança lascada, uma concha de sopa torta, um espremedor de limão antiquado, de vidro, uma cremeira em formato de vaca e uma concha de sorvete de cabo de madeira, comprada num brechó caseiro e que devia ter uns cem anos de idade, e finalmente caía num funil de lata que reorientava a água para a pia. Era um prazer ver que a água mantinha mais ou menos o mesmo fluxo e pressão obtidos sem o

trajeto que lhe era imposto, ainda que a água quente perdesse alguns graus pelo caminho. O mecanismo era uma coisa excêntrica e infantil, que lembrava o jogo da ratoeira de que ele havia brincado com Beryl durante toda a infância. Mas sua afeição por esse brinquedo feito em casa havia sofrido um golpe quando ele e Glynis voltaram de Puerto Escondido, anos antes. Na ausência dos pais, as crianças tinham desligado a mangueira. Pelo visto, dispensavam aquele disparate em cima da pia sempre que ficavam sozinhos em casa, e religavam a mangueira na hora do retorno do pai; pela primeira vez, tinham esquecido. Shep não dissera aos filhos que eles o haviam magoado. Naturalmente, gostaria que eles valorizassem o produto do seu lado brincalhão. Mas não podia obrigá-los a valorizar no pai o que prezava em si mesmo.

— Será que você sacou aquela história toda de Berlin? — perguntou Glynis, depois que ele retomou a batalha com o tabuleiro. — Enquanto você ficasse às voltas com a compra de um apartamento novo para ela, a Beryl planejava levar todas as coisas dela para a casa do seu pai. E, nesse meio-tempo, você deveria colocá-lo numa casa de repouso, para ela poder morar lá sem o incômodo da companhia do velho.

— A perda do apartamento de aluguel tabelado... ela não está raciocinando direito, e está entrando em pânico.

— Você é bom demais.

— Sorte sua.

— Deus do céu, e que indignação! Como se o tabelamento do aluguel fosse um *direito humano*. E que história foi aquela do duro que ela dá no trabalho, e de “não ser sua culpa” se ela não ganha dinheiro? Ela fez as escolhas que quis. Isso se chama semear. Depois o sujeito colhe.

— Estamos em melhor situação que ela — disse Shep, e acrescentou —, pelo menos em termos monetários. Ela fica com inveja.

— Mas ela despreza você.

— Isso a faz sentir-se melhor. Pois que se sintam.

— Imagine, que desplante! Cem mil dólares! Que seriam só o começo, porque ela também não faria os pagamentos da hipoteca. Eu avisei há muito tempo que, se você continuasse a ceder nos valores menores, a coisa só faria piorar.

— Eu não me incomodava em ajudá-la de vez em quando — disse Shep. Passou-lhe pela cabeça uma dúvida: saber se, em circunstâncias diferentes, teria cedido à proposta da irmã, afinal.

— Você ouviu aquela história dos “milhões e milhões”? De onde ela tirou essa ideia?

— A Beryl é igual a uma porção de gente que sempre viveu apertada. Elas acham que existem pessoas iguais a elas, e que todas as outras são inimaginavelmente ricas. Algum dinheiro é o mesmo que dinheiro infinito. Ela não tem filhos e não sabe o preço das coisas. A escola do Zach. O seguro de automóveis em Nova York. Os impostos...

— Pode apostar que ela não paga nenhum. E são pessoas como a sua irmã que acham que gente como nós deve pagar ainda mais.

— Bem, eu detesto parecer o Jackson falando, mas a Beryl não tem a menor consciência de que a vida dela é subsidiada. De que o seu lixo é recolhido, de que ela pode sair para dar um passeio num parque, de que os prontos-socorros realmente vão tratar dela sem seguro, se ela estiver sangrando, e de que tudo isso é pago por outras pessoas. Tenho absoluta certeza de que essa ideia nunca lhe passou pela cabeça.

— Pelo contrário — concordou Glynis. — Ela não se sente uma beneficiária, mas uma vítima. Tem uma índole agressiva do tamanho de um bonde.

O fato de que o mesmo se poderia dizer sobre Glynis, isso Shep guardou para si.

— A minha parte favorita da noite nem foi o seu anúncio — Glynis prosseguiu. — Foram as lágrimas de crocodilo que vieram depois. Que coisa falsa! Igualzinha a toda aquela bajulação exagerada por causa

da espátula de peixe. A Beryl é uma péssima atriz. O que mais a afligiu foi que, de agora em diante, ela não pode mais pôr as mãos no seu cofrinho.

— Bem, acho que a expectativa é que, diante de uma doença grave, todo esse... atrito entre as pessoas, como você e a Beryl...

— *Atrito?* — riu Glynis, e o som foi maravilhoso. — Ela me detesta!

— Certo, mas até isso... a gente espera que desapareça. Ela não podia mais se sentir dessa maneira a seu respeito, mas é o que ainda sente, e é constrangedor.

— Há alguma coisa deliciosa nisso. Não sei explicar, mas adorei vê-la fingir de maneira tão flagrante. Tenho a sensação de que há umas poucas coisinhas nesse negócio de mesotelioma das quais eu vou gostar.

Enquanto Shep enxugava com carinho a espátula de peixe, o fato de Glynis ter-se disposto a se levantar e abraçá-lo por trás foi estranhamente comovedor. Ela estava tão abatida que os pequenos gestos de afeição deviam custar-lhe um dispêndio extraordinário de energia.

— Ah, e você reparou? — resmungou Glynis na camisa dele, rindo de novo. — Ela ainda se lembrou de levar o chocolate.

CAPÍTULO SEIS

A escolha da data do jantar da Foto de Antes, na casa do Shep, foi ainda pior do que Jackson tinha previsto. Na noite anterior, o papel filme que Flicka enrolava como uma venda nos olhos, para reter a vaselina, soltou-se enquanto ela dormia — Jackson nunca deveria ter comprado aquela fita cirúrgica de marca desconhecida —, e por isso, de manhã, ela estava com os olhos em fogo. Enquanto o pai saía por algumas horas, a menina parecia ter ficado, bem, “irritadiça” seria um eufemismo.

É que, embora Carol vivesse insistindo em que o marido evitasse submeter Flicka ao “estresse”, a maior fonte de tensão da filha mais velha do casal, de longe e sem comparação, era a própria doença que a deixava tão sensível ao estresse. Flicka não se incomodava com a conhecida vociferação do pai sobre não ser coincidência que toda nova lei “verde” hipócrita proposta pelos legisladores, como um *imposto* sobre os sacos plásticos, um *imposto* sobre as emissões de carbono dos aviões, levava o Estado a ganhar mais dinheiro. O que a incomodava, sim, era acordar com os olhos vermelhos e inchados, a meio caminho de ter uma conjuntivite antes do café da manhã. Incomodava-a não poder falar direito, quando tinha tanto a dizer. Incomodava-a babar o tempo todo, e suar o tempo todo; ainda que a garotada da escola tivesse ouvido sermões sobre não fazer gozação, talvez ela preferisse um pouquinho da implicância sofrida pelas crianças comuns à cortesia exagerada e aos olhares desviados que tinha de aguentar. Ficava farta de ter que pôr aquela solução de água, açúcar e sal no tubo gástrico de alimentação a cada hora e meia, o que não produzia nada da satisfação ofegante que ela via na irmã depois de uma golada longa e sedenta de Coca-Cola. Ficava farta de usar durante quinze minutos aquele enorme colete preto de “desobstrução das vias aéreas”, toda manhã e toda noite, como se pusesse seu sono entre parênteses com dois assaltos de boxe.

Flicka talvez se sentisse grata pelo fato de agora o colete a poupar da percussão incomodamente íntima que um de seus pais fazia com os dois punhos em suas costas, montado sobre suas nádegas. Talvez também se sentisse grata por eles terem desistido das sessões de drenagem brônquica que a haviam tiranizado durante a infância: eram desagradáveis a passagem da sonda pelo nariz, o gorgolejo e a sorvedura repulsivos da bomba, a acumulação grotesca de muco no recipiente de coleta; Jackson sempre se admirara com a quantidade de muco espesso e viscoso que podia derivar daqueles dois pulmõezinhos minúsculos, e, embora Carol sempre houvesse descartado o efluente com sua habitual obsequiosidade pragmática, não era possível que ele fosse o único a achar nauseante aquela substância pastosa e filamentosa. Mas, se o próprio Jackson sentia-se grato por ter se tornado menos enojante desobstruir a congestão da filha, para ela, a gratidão era uma sensação estranha. Flicka sofria de tantos outros incômodos, que simplesmente transferia sua irritação para outra coisa: a constipação crônica, por causa de todos aqueles remédios, ou então os enemas humilhantes.

Além disso, o maior desencadeante de uma crise disautônômica era, com certeza, o simples pavor de que, só de sacanagem, ela estivesse prestes a ter outra crise disautônômica.

Os sinais deviam ter começado a se encaixar na ausência de Jackson, enquanto Carol fazia uma torta alemã de chocolate para levar para o jantar na casa dos Knacker. Ele conhecia a rotina. Flicka havia suportado mais indignidades médicas aos dezesseis anos do que a maioria das pessoas o faria ao longo

da vida inteira, e sua verdadeira natureza era estoica. Claro, ela resmungava muito, mas, quando começava a choramingar abertamente, era um sinal de alerta; a “alteração da personalidade” e a “labilidade emocional” eram indicadores clássicos de crise. A questão era que a maioria das crianças com síndrome de Riley-Day — rótulo mais antigo da disautonomia familiar, que soava como uma dupla de cantores populares que apresentasse músicas animadinhas em estações de rádio cristãs — “choramingava” pelo fato de uma irmã estar monopolizando o computador da família. Mas Flicka tinha uma veia existencial de um quilômetro de largura, e sua personalidade nunca se alterava tanto assim. Sua versão de “labilidade” era muito mais difícil de assimilar. Ela “choramingava” pelo fato de odiar sua vida e odiar seu corpo; por não ter nada que esperar senão submeter-se a mais internações hospitalares, acabar numa cadeira de rodas e ver toda a sua cornucópia de sintomas — a oscilação enlouquecida da pressão arterial, a congestão crônica, o péssimo equilíbrio, as infecções na córnea, as convulsões — *piorar*. Cambaleando e transpirando pela cozinha, ela “choramingava” que preferia morrer. Para qualquer pai ou mãe, isso era difícil de escutar, já que a declaração não podia ser imputada à melodramatização adolescente comum. Ela realmente queria morrer. E não se tratava de uma garota que “não compreendesse o conceito de morte” — coisa, aliás, que Jackson nunca havia encontrado. Como a maioria das crianças, Flicka compreendia perfeitamente o que era a morte e, em dias como esse, achava que ela parecia maravilhosa.

Como seria de esperar, ele ouviu os guinchos nasalados da filha dos fundos da casa, quando ainda estava na varanda. (“Não, eu não botei o colete, eu o odeio, odeio tudo, todo esse troço de como é genial poder ao menos estar viva, não sei o que vocês veem nisso!” Os breves intervalos, sem dúvida, eram preenchidos pela asseveração ritual de Carol de que ela não devia falar assim, de que “a vida era uma dádiva preciosa” — homilias sentimentais que só faziam intensificar a raiva da filha.) O próprio Jackson ainda se sentia meio boiando e atordoado; fora avisado de que não devia dirigir e tinha ignorado a ordem. O sedativo parecia ter trazido uma euforia secundária, porque, ao encher o tanque do carro na Quarta Avenida, a falação dele com o frentista tinha parecido maníaca até para os seus próprios padrões.

— Por que vocês não me deixam simplesmente dar o fora? Isto não vale a pena! — lamuriou-se Flicka na cozinha.

Entrar naquele alvoroço confirmou a convicção de Jackson de que, caramba, ele tinha conquistado o direito de fazer uma coisa para ele mesmo, não tinha? Uma só?

— Não quero esses seus ovos mexidos idiotas! — dizia Flicka, com a voz chiando, quando o pai entrou na cozinha. — Não quero passar a tarde toda de sábado com meu fonoaudiólogo e meu terapeuta ocupacional e meu fisioterapeuta. Eu vou morrer de qualquer jeito, então, me deixem ver televisão em paz! Que importância tem?

Carol tinha segurado a filha pelo cabelo e estava espremendo mais lágrimas artificiais em seus olhos. (Um dos primeiros sinais da DF, a incapacidade de chorar do bebê, era uma espécie de piada de mau gosto; qualquer bebê com um futuro como aquele tinha toda razão para chorar.) Ao exclamar, ofegante, “Me deixe em paz! Deixe eu desmoronar sossegada!”, Flicka começou a dar sinais de hiperventilação.

Certo, nem sempre era fácil distinguir os sintomas da DF dos efeitos colaterais dos remédios: náusea, tonteira, zumbido, aftas, dor nas costas, dor de cabeça, cansaço, flatulência, erupções cutâneas e falta de ar, tudo isso vinha dos dois lados. Mas a natureza desse episódio ficou mais clara quando, no meio dos arquejos, Flicka começou a ter ânsias de vômito. Essas ânsias eram uma visão excruciante, pior ainda que antes da funduplicatura, quando ela teria expelido o pouco que houvesse ingerido do prato indesejado de ovos mexidos servido por Carol, num jato projetado a dois metros de distância. Pelo menos, o vômito propriamente dito parecia oferecer algum alívio. As ânsias eram incessantes e inúteis, como se um embrião alienígena nas entranhas de Flicka usasse as garras para tentar sair.

— É uma crise — disse Carol ao marido, em tom sombrio. A maioria das esposas faria essa afirmação num clima de melodrama hiperbólico; para Carol, o veredicto era friamente clínico. — Graças

a Deus você voltou. Segure-a.

Jackson agarrou a filha miúda e convulsionada e a estreitou junto ao peito. Depois de lutar com o botão e o zíper por trás, com certa dificuldade, Carol arriou os jeans de Flicka, revestiu apressadamente o dedo médio de vaselina e inseriu no ânus da filha, o mais fundo que pôde, um comprimidinho de cor laranja. Sem fazer a medição, para a qual eles não tinham tempo, era sempre complicado discernir se a pressão arterial de Flicka estava entrando em órbita ou despencando, mas Carol fez uma suposição fundamentada de que estava caindo — a pele de filha estava pegajosa, pálida e fria — e administrou um comprimido rosa de ProAmatine pelo mesmo método rude. Àquela altura, todo o aparelho digestivo de Flicka já teria parado de funcionar, e nem os remédios ministrados pelo tubo gástrico seriam absorvidos.

— Agora, lembre-se... — disse Carol.

— Sim, sim, eu sei — interrompeu Jackson. — Temos que mantê-la ereta nas próximas três horas.

Carol nunca lhe dava crédito. Ele sabia perfeitamente que deitar depois do ProAmatine poderia fazer a pressão arterial de Flicka subir vertiginosamente.

Durante tudo isso, Heather ficara circulando em volta, a meia distância, com ar invejoso, e a inveja, numa situação dessas, fez Jackson temer que ela fosse muito mais burra do que tinham dito os testes.

Para rematar, Carol introduziu mais um comprimido de diazepam e, em poucos minutos, as ânsias convulsivas nos braços de Jackson transformaram-se em espasmos mais espaçados. Felizmente, Carol havia entupido Flicka de Valium com rapidez suficiente para evitar uma crise completa — o equivalente humano de um travamento do disco rígido —, que os teria mandado direto para o Hospital Metodista de Nova York. Mas o preço do resgate foi a torta, que agora enchia a cozinha com o cheiro penetrante e não totalmente desagradável de chocolate queimado.

* * *

— Peço desculpas pela torta comprada pronta — disse Carol, à porta. — Tivemos um contratempo com a que foi feita em casa.

Carol nunca usava Flicka como desculpa, uma disciplina que Jackson admirava. Nenhum dos dois tampouco mencionaria o prejuízo que teriam com o pagamento da babá. Como Flicka estivera muito agitada, eles tinham chamado Wendy Porter, sua enfermeira diplomada de praxe, plenamente familiarizada com a DF. Que diabo, teriam cancelado a saída toda, não fosse por causa da filha.

— Eu *gosto* da Glynis — Flicka havia enfatizado, enquanto os pais a rondavam, indecisos, para ter certeza de que a menina não se deitasse. — Ela nunca me trata feito idiota. Pergunta pela minha coleção de celulares, e não só pela porcaria da DF. E também sabe ser, assim, meio malvada, coisa de que eu gosto muito mais que dos dengos melosos daqueles puxa-sacos dos terapeutas. E agora ela está doente. Mais doente que eu, mesmo que isso pareça completamente impossível. Deve estar esperando pelo jantar de hoje e, se de repente vocês não aparecerem, ela vai ficar arrasada. Por isso, se vocês ficarem em casa por minha causa, juro que eu vou beber leite pelo lugar errado e pegar uma pneumonia.

Era chantagem, mas tinha funcionado; Flick não fazia ameaças vazias.

Jackson entrou apressado na cozinha, levando um exagero de bebidas — duas garrafas de vinho e mais duas de um champanhe decente — cuja intenção era impor um caráter festivo a um encontro que não passava facilmente por comemoração. Marcando o fim de uma era, essa seria a última reunião do quarteto tradicionalmente loquaz e argumentativo, que se recusava a ser solapado por restrições dietéticas, fadiga, dor ou resultados decepcionantes de exames de sangue, e o verdadeiro fim de qualquer era consistia, na verdade, no começo da era seguinte.

Shep tinha adotado a mesma abordagem atordoante em relação à comida. Sobre a mesa da varanda fechada dos fundos havia uma quantidade de tira-gostos suficiente para alimentar um grupo de vinte e

cinco pessoas: *homus*, espetos de camarão grelhado ao molho de pimenta, aspargos obtidos fora da estação e vieiras enroladas em *bacon*; o *dim sum* chinês, que não combinava muito com o restante, fora claramente incluído para usar os hashis de prata feitos por Glynis. Nas janelas havia fileiras de pequenas velas decorativas. Glynis desceu trajando um longo de veludo preto, que combinou com o tecido negro cintilante do vestido formal curto de Carol; entre a luz de velas e o traje das mulheres, o clima da varanda era de uma sessão espírita ou um ritual satânico. Quando Jackson envolveu a anfitriã num abraço caloroso, seus dedos afundaram no veludo de forma alarmante; era muito pano e pouquíssima Glynis por baixo. As escápulas dela estavam pontudas como asas de frango. Aquilo não era corpo para ser submetido a uma cirurgia de grande porte, e foi então que ele entendeu a razão de toda aquela comida.

— Você está fantástica! — exclamou Jackson.

Ela agradeceu com uma timidez de menina, porém ele havia mentido. Foi a primeira das muitas mentiras que viriam, e portanto, mais um lembrete de que essa noite mais marcava um começo que um final. Glynis tinha posto mais maquiagem que de hábito; o *blush* e o batom vermelho vivo não convenciam. O medo de envelhecer já se desenhara em seu rosto. Ainda assim, ela era uma mulher alta, que chamava a atenção, e essa era a melhor aparência que tenderia a exibir por algum tempo. Que poderia ser a melhor que jamais voltaria a exibir, foi uma ideia que Jackson tentou bloquear.

Os três se acomodaram em poltronas de palhinha, enquanto Shep ia buscar *flutes* para o champanhe. Nos velhos tempos, o que significava seis semanas antes, Glynis ficaria circulando mais à parte, conversando informalmente. Ciente de que os comentários esparsos tinham mais peso que a tagarelice, ela era do tipo que deixava todos os outros discutirem detalhes até não mais poder, e então fazia aquele único pronunciamento de grande alcance que punha fim à discussão. Agora, porém, exibia um porte majestoso, como se concedesse uma audiência real: Rainha por um dia. Por sua vez, Jackson e Carol mostravam-se solícitos, parando de falar no instante em que ela abria a boca. Deixaram-na descrever passo a passo o procedimento marcado para a manhã de segunda-feira, apesar de Shep já os ter deixado por dentro dos fatos. Se Glynis era o centro das atenções nessa noite, tratava-se do tipo de atenção que qualquer pessoa em seu juízo perfeito dispensaria alegremente.

— Pelo menos, acabei entrando em contato com a família da Glynis por causa disso — comentou Shep. — Contar à mãe dela foi uma piração.

— Ela é uma tremenda prima-dona — disse Glynis. — Ouvi o berreiro pelo telefone do outro lado da cozinha. Sabia que ela ia sequestrar o meu drama para ela. Dava a impressão de que ela é que estava com câncer. Consegui até fazer eu me sentir mal por a estar deixando com mal-estar, se é que vocês acreditam nisso.

— Pelo menos, não é um alívio saber que ela se importa? — arriscou Carol.

— Ela se importa com ela mesma — respondeu Glynis. — Vai explorar isto até a última gota lá com aquele grupo de leitura: você sabe, a terrível injustiça que é um filho adoecer antes dos pais etc. etc. As minhas irmãs, enquanto isso, falam tudo certinho, juram me visitar, mas, acima de tudo, estão felizes por não ser com elas. Talvez eu dê sorte e a Ruth me mande uma vela perfumada que tiver ganho de brinde do MasterCard.

Nas melhores circunstâncias, havia em Glynis uma certa aspereza, e Jackson se perguntou qual das reações da família dela a teria deixado mais satisfeita.

— E como foi contar aos seus filhos? — perguntou Carol.

Glynis se retraiu visivelmente.

— Mais difícil — interveio Shep, em tom gentil. — A Amelia chorou. O Zach não, mas eu preferia que tivesse chorado. Acho que para ele foi pior. Eu não imaginava que fosse possível aquele garoto ficar mais retraído, mais entocado no quarto. Mas acho que é. Ele simplesmente... fechou para balanço. Nem sequer fez perguntas.

— Ele já sabia — disse Glynis. — Pelo menos, sabia que havia alguma coisa terrível a caminho. Que

eu dormia demais e estava sempre de olhos vermelhos. Que cochichávamos muito, e parávamos de falar quando ele entrava.

— Aposto que achou que vocês iam se divorciar — comentou Carol.

— Não, eu duvido — disse Glynis, segurando a mão do marido e fitando-o nos olhos. — O Shepherd tem sido muito meigo. Muito obviamente meigo.

— Bem, espero que uma afeiçãozinha não seja tão rara que tenha sido ela que disparou os alarmes do Zach! — retrucou Shep, parecendo grato, mas sem jeito. — Sabe, essa história de o Zach ficar o tempo todo no quarto... a Nanako, a nossa nova recepcionista, me falou de uma garotada japonesa que nunca sai do quarto, hora nenhuma. Como é que eles se chamam: *haikumori*, ou coisa assim? Os pais deixam as refeições do lado de fora da porta, apanham a roupa suja, às vezes esvaziam urinóis. Os garotos não falam e nunca passam da soleira da porta. Ficam quase todos enfiados com seus computadores. É um grande fenômeno por lá. Você devia dar uma olhada, Jacks, é bem o seu tipo de coisa. Toda uma subcultura de garotos que dizem: dane-se, não estou interessado nas suas merdas, me deixe em paz. E não estou falando de crianças desajustadas de oito anos; uma porção desses excluídos voluntários está na casa dos vinte. A Nanako acha que foi uma reação à competição muito acirrada no Japão. Em vez de correrem o risco de perder, eles se recusam a entrar no jogo. É a versão da Outra Vida em recinto fechado, sem a despesa da passagem.

Ao estender a conversa ao Japão, Shep deixou implícito que agora não fazia mal falar de outra coisa além da doença. Até Glynis pareceu aliviada.

— Esses *hiki-kimchi*, ou lá o que seja — disse Jackson. — Sugadores precoces, isso é que eles são. A gente tem que reconhecer o mérito desses caras por perceberem tão cedo que, se o sujeito se recusa a cuidar de si, aparece outra pessoa para enrolar o sushi dele.

— Mas está longe de ser uma vida invejável — disse Carol. — Não é o que nenhum de nós quereria para o Zach.

Às vezes, a sinceridade persistente de sua mulher era cansativa.

— Ei, Shep, andei pensando naquele problema de meus títulos não serem agradáveis o bastante para o meu pretensu público. — Jackson mergulhou um triângulo de pão árabe no *honus*, fingindo apetite. — Então, escute este: *O simples fato de você ser um palerma acovardado e tímido, de quem caras mais safos e mais peitudos estão chupando todo o sangue, não significa que você não continue a ser uma boa pessoa.*

Saiu bem.

— Por falar em chupar todo o sangue — disse Glynis —, a Beryl veio aqui uma noite dessas. Vocês acreditam que ela esperava que nós bancássemos toda a entrada da compra de um apartamento em Manhattan?

— Por que vocês não aproveitam para incluir um iate, já que estão com a mão na massa? — disse Jackson. — Caramba, essa mulher é uma Megassugadora! Já repararam como esses tipos boêmios, metidos a artistas, acham que nós temos a obrigação de bancar o sustento deles? Como se todos devêssemos ficar muito gratos por eles criarem *sentido* e *beleza* para nós, pobres ignorantes do Neandertal. Enquanto isso, vivem chacoalhando uma latinha na cara da gente, para arranjar outro financiamento do governo, ou então uma cobertura no centro de Manhattan, cortesia do Mesquinho Irmão Mais Velho Capitalista.

Ele e Beryl tinham-se encontrado uma vez: azeite e água. Ela o achou um maluco direitista sem coração, e ele a achou um purgante liberal de cabeça oca. Toda vez que a irmã de Shep aparecia na conversa, Jackson não conseguia se conter.

— Mas, benzinho — disse Carol —, eu pensava que os Sugadores deviam ser “mais safos e mais peitudos”. Pensei que você os admirasse. Sendo assim, você devia admirar a Beryl, não?

— Eu prefiro gente que se safas das sacanagens sabendo que está se safando das sacanagens. A Beryl,

ao contrário, tem aquela postura de vítima de uma terrível injustiça. Como se o mundo precisasse de mais um documentário. Ela devia ligar a TV. Tem uma porrada deles, e a maioria me parece um pé no saco, francamente.

Quando Jackson foi atrás do anfitrião para lhe oferecer uma ajuda na cozinha, Shep observou:

— Ei, está tudo bem com você? Você está com um andar esquisito.

— Nada, só exagerei na dose na academia. Distendi um troço qualquer. — A desculpa tinha funcionado com Carol.

* * *

O jantar foi opulento, com um assado e uma profusão de acompanhamentos. Apreensivo quanto às interações, Jackson fez um esforço inicial de ir manso no vinho, mas, toda vez que estendia a mão para a taça, ela parecia ter-se esvaziado de novo. Por fim, desistiu e se entregou. Era uma noite especial, e não entrar no espírito da ocasião seria grosseiro. A noite animou-se em ritmo acelerado, se bem que com um toque subjacente de nervosismo, todos com o riso muito fácil, muito alto e muito prolongado. Pelo menos, algazarra era melhor que lamúria.

— Vocês têm acompanhado o julgamento do Michael Jackson? — Shep trouxe à baila.

O assim chamado “Rei do Pop” estava sendo acusado, mais uma vez, de mexer com garotinhos em seu rancho de fantasia de porra-louca.

— É, a promotoria está fazendo uma trapalhada — disse Jackson. — Ele vai se livrar.

— Não consigo acompanhar os detalhes — comentou Carol. — Fico distraída demais com aquele rosto, toda aquela cirurgia plástica. Para mim, o rosto dele é sempre a verdadeira história. Exerce um fascínio deturpado, tipo um desastre de trem.

— Sabe, antigamente, quando o sujeito tinha problemas mentais, eles ficavam dentro da cabeça — disse Shep. — Agora, todos temos que olhar para eles.

— Sei o que você quer dizer — concordou Glynis. — É como se, agora, todo mundo andasse exibindo suas neuroses. Costumávamos ser cercados por um bando de gente de aparência sofrivelmente normal, que ia para casa e se olhava no espelho, infeliz. Agora, você anda pela rua e as mulheres têm seios do tamanho de um dirigível. Homens de vestido, entupidos de hormônios, usam sutiã de armação e, pela dobra das calças colantes de lycra, dá para ver que foram todos esculpidos com um talho grotesco de vagina. É como ter que viver nas paisagens oníricas dos outros.

— No caso do Jackson, digo, do Michael Jackson — falou Carol —, o que me deixa desolada é a vergonha. O modo como, por algum motivo, ele foi levado a achar que ser negro é humilhante, algo para se apagar.

— Nesta altura dos acontecimentos — disse Glynis —, eu não entendo como é que alguém faz uma cirurgia, seja do que for, se não tiver que fazê-la.

— O cara tem dinheiro — interveio Jackson. — Se o que ele quer comprar é ficar parecido com a Elizabeth Taylor, o problema é dele.

Todos o olharam como se ele tivesse três cabeças. Jackson levantou as mãos:

— Só estou dizendo: o que há de errado em tentar transformar em realidade uma coisa com que o sujeito sonha?

— É que não funciona — disse Shep.

— Não era isso que você achava da Outra Vida — retrucou Jackson. — Você queria transformar aquilo em realidade.

— Nós estamos falando de retalhar o próprio corpo, não de mudar para uma casa nova — disse Carol. — É óbvio, por exemplo, que cada cirurgia e cada processo de branqueamento da pele a que o

“Wacko Jacko” se submeteu só fizeram deixar o homem mais infeliz. Cada plástica decepcionante no nariz é mais um lembrete de que ele não só odeia sua raça e seu gênero, mas também a si mesmo.

— É como as fantasias sexuais — disse Glynis. — Não quero entrar em detalhes...

— Diabos! — exclamou Jackson.

— ...mas algum de vocês já tentou pôr isso em prática? É chocho. É sujo, ou então desajeitado e encabulado. Quando você transforma a fantasia em realidade, ela não dá prazer. Funciona melhor quando fica na cabeça. Solta no mundo, vira uma espécie de aborto sangrento da natureza. E, Shepherd — Glynis acrescentou, após uma pausa, pegando uma garfada de vagem —, eu acho que a Outra Vida *não era* diferente disso.

Jackson temeu que eles estivessem entrando num terreno perigoso, mas Shep estava acostumado a levar socos no estômago com um *uuff* mínimo. “Pode ser”, foi tudo que Glynis arrancou do marido, que perguntou se ela estava gostando da amêndoa na vagem. Pelo menos, Glynis estava fazendo um esforço para comer, o que claramente deixava o sujeito tão extasiado, que ele não dava a menor importância para o que a mulher dissesse.

Só depois de eles afastarem as cadeiras da mesa abarrotada de comida foi que alguém falou em Terri Schiavo, a paciente com lesão cerebral que vivia na Flórida com as funções vitais mantidas por aparelhos, e cujo rosto empapuçado aparecia na reportagem principal de praticamente todos os noticiários de televisão, já fazia semanas. O marido queria desligar a sonda alimentar e de hidratação, enquanto os pais dela estavam decididos a manter viva uma coisa que já não era uma filha, nem mesmo o peixinho dourado da família, e estava mais para uma moita de azaleias.

— Cara, eu estou farto de assistir àquela mesma gravação — disse Jackson. Imitou a paciente, afrouxando a boca e deixando um filete de baba escorrer pelo queixo, enquanto emitia um balido nasal fino.

— Pare com isso — disse Carol. — É falta de respeito.

Tarde demais, Jackson se deu conta de que a imitação era meio inconvenientemente próxima de Flicka.

— O que me dá raiva é que isso não tem mais nada a ver com a Terri Schiavo — disse Glynis. — O marido e os sogros se odeiam, a coisa toda está mais para quem vence a disputa, e aquela pobre moça fica perdida na confusão. É o mesmo que eles brigassem por um naco de carne.

— Já não está mais no âmbito da família — observou Shep. — O país inteiro tem pessoas pulando no pescoço umas das outras por causa disso. Mas, francamente, se vocês vissem um filme em que um confronto médico particular acabasse envolvendo o governador da Flórida, que é irmão do presidente, a câmara de deputados estadual, o Superior Tribunal de Justiça estadual, o Supremo Tribunal Federal e o Congresso dos Estados Unidos, vocês achariam a trama completamente exagerada e sem credibilidade.

— Quando a gente assiste àquelas imagens da Terri — disse Carol —, parece bem claro que há uma pessoa ali. Retirar a sonda de alimentação seria assassinato.

— Ai, meu Deus — rebateu Jackson. — Aquilo são movimentos involuntários. Como quando se cutuca uma anêmona-do-mar. Só que a anêmona-do-mar tem mais cérebro.

— O que me fascina — comentou Shep —, em toda essa publicidade que vem rolando há meses, é que não ouvi um único locutor sensacionalista especular sobre quanto *custa* manter aquela mulher ligada aos aparelhos há quinze anos.

— É — concordou Jackson —, e se você somar os honorários de advogados, as custas judiciais e o tempo desperdiçado na assembleia legislativa e no palácio do governo? Aquela planta humana da Flórida deve ter custado, sozinha, milhões, dezenas de milhões, talvez até centenas de milhões.

— E daí? — perguntou Glynis, correndo os olhos, horrorizada, entre o marido e o melhor amigo dele. — Que importância tem isso, o custo?

— *Estamos falando de vidas humanas, Jim!* — propôs Jackson, mas Glynis não sorriu.

— É só isso que importa para vocês dois: quanto *custa* a vida de alguém?

— Não é a única coisa que importa — respondeu Shep. Jackson calculou que o amigo estava prestes a recuar de novo, mas, surpreendentemente, ele se manteve firme. — Mas importa. Custa uns cinco dólares per capita salvar a vida de uma criança com diarreia na África. Algo assim como uns dois milhões de crianças, naquele continente, morrem todo ano, basicamente se esvaindo em cocô. Se você pegasse todo o dinheiro gasto para manter a Terri Schiavo viva, se é que se pode chamá-la de viva, e o gastasse na África, aposto que poderia salvar cada uma daquelas crianças este ano.

— Mas o dinheiro não seria gasto na África, não é? — contrapôs Glynis, furiosa. — Quem mais você gostaria de eliminar, para economizar dinheiro?

— Ninguém, Glynis — respondeu Shep. Verdade seja dita, ele enfrentou o olhar da mulher. — Como você disse, o dinheiro não iria mesmo para a África.

Jackson decidiu socorrê-lo:

— O negócio é que esses evangélicos sensacionalistas que andam todos inflamados para salvar a Terri Schiavo, que se converteu, na melhor das hipóteses, num bebê de setenta e cinco quilos, são os mesmos caras que defendem a pena de morte. Dão pulos de alegria com qualquer aventura militar no exterior. Se dependesse deles, retrocederiam o relógio e ninguém poderia fazer controle de natalidade fora do casamento. Eles se opõem à pesquisa sobre células-tronco porque ela usa uns fragmentos microscópicos de um embrião que, de outro modo, seria jogado no lixo hospitalar. Podem apoiar um seguro nacional de saúde para crianças, mas não dão a mínima para um seguro de saúde para os pais das crianças. Ficam histéricos com pedófilos como o Michael Jackson, mas não se agitam com o fato de haver mulheres que são estupradas e, depois, têm que gerar os filhos dos agressores. Somando isso tudo, esses caras? Eles estão se lixando para os *adultos*.

A digressão teve um preço. Carol não era evangélica, mas, ainda assim, Jackson tinha depreciado uma porção de opiniões de sua mulher. A voz dela saiu gelada:

— É porque os adultos podem se defender sozinhos.

— Não dessa gente!

— *Essa gente* defende os fracos.

— Prefere os fracos — discordou Jackson. — Não há concorrência. E eles *usam* os fracos para sair dando ordens a outros adultos.

Carol revirou os olhos:

— A questão é que nós não fazemos ideia do tipo de vida interior rica que a Terri Schiavo talvez esteja levando. Os sonhos, as lembranças, o quanto ela sabe que a família está ali e sente que essas pessoas se importam com ela, mesmo que não possa se comunicar. O marido não tem o direito de tomar a decisão arbitrária de apagar a mulher, por estar cansado de visitá-la e ter se apaixonado por outra pessoa.

— Tenho de concordar com a Carol — disse Glynis. — Nunca se sabe que tipo de vida alguém pode valorizar, mesmo que a própria pessoa ache que não a aguentaria. Na verdade, ela pode estar enganada. Talvez aguentasse. A pessoa nunca sabe o que se disporia a suportar, se a alternativa fosse nada.

Enquanto ajudava a tirar a mesa, Jackson deslumbrou-se com os curiosos alinhamentos da discussão anterior. Convencionalmente, esse quarteto se dividia a respeito das questões do momento segundo os mesmos eixos. Shep e Carol eram sentimentais (eles diriam *compassivos*). Glynis costumava ficar do lado de Jackson. Ambos eram práticos (os outros dois diriam *insensíveis*). O fato de *Glynis* defender a continuação do uso de suportes artificiais para manter a vida de uma mulher que, a julgar pelas fotografias anteriores, tinha sido muito bonita, e que, se soubesse que as fotos do seu rosto, estampadas nas primeiras páginas de jornais do país inteiro, eram de uma imbecil gorda, desenxabida e flácida, daria voltas na sepultura — se lhe deixassem ter uma sepultura... Bem, Shep devia estar enganado. O câncer realmente mudava as pessoas.

Na hora em que eles beliscavam a torta recheada de confeitaria, o clima tinha ficado mais sóbrio. Todos pareceram lembrar-se da razão dessa reunião; passada a meia-noite, a cirurgia de Glynis seria dali a apenas um dia e meio. Não deviam mantê-la acordada até mais tarde. Ela parecia cansada, e Jackson estava preparando uma fala para a despedida quando Glynis o imprensou:

— Jackson, você teve alguma chance de pensar nos produtos com que você e o Shep teriam trabalhado, no começo dos anos oitenta, que poderiam conter amianto?

— Bem, andei pensando muito nisso, mas...

— O Jackson e eu já conversamos sobre isso, e eu lhe disse que conversamos sobre isso — interrompeu Shep, num tom atipicamente irritado. — Talvez você deva esquecer o assunto.

— Ei, eu não me importo... — começou Jackson.

— Eu me importo — declarou Shep.

— Se uma empresa tivesse feito isso com vocês — disse Glynis, atacando os convidados —, vocês se inclinariam sinceramente a *esquecer o assunto*?

— Se isso tivesse acontecido com qualquer um de nós — respondeu Shep, num tom monocórdio hiperuniforme que era um óbvio substituto dos gritos —, e se você tivesse razão sobre o lugar de onde teriam vindo essas fibras, todas as pessoas nesta mesa poderiam ter estado expostas... e eu esperaria que todos nos concentrássemos, antes de mais nada, em ficar bons.

— Uma coisa seria eu levar um tombo e bater com a cabeça — disse Glynis. — Ou fumar a vida inteira, sabendo que aquilo me fazia mal, e depois ter um câncer. Mas isso foi feito *a mim*. Por pessoas que esconderam deliberadamente os indícios médicos. Que mantiveram produtos letais no mercado, porque queriam ganhar mais dinheiro. Essas pessoas têm que pagar.

Shep fitou seus convidados com ar tristonho. Eram amigos íntimos de décadas, mas não era comum ele travar briguinhas de casal na presença dos dois.

— Eu sei que não é justo — disse, em voz baixa. — Mas é você que vai pagar o preço, Gnu, mesmo que vença um processo na justiça.

— Gente que se importa tanto com dinheiro só pode ser punida se o perder — retrucou Glynis. Para quem estava doente e no finzinho de uma noite longa, ela se muniu de uma veemência surpreendente, o que permitiu a Jackson vislumbrar um atrativo dessa sua fixação: ela lhe dava energia. — Existe uma especialidade inteira, exercida por “advogados do mesotelioma” que põem anúncios na internet. Todo o trabalho deles é com o amianto, e eles representam os clientes com base na taxa de contingência. Portanto, não nos custaria um centavo, se é com *isso* que você está preocupado.

Jackson raras vezes via Shep com dificuldade de manter o controle. Mas os músculos da mandíbula do sujeito estavam contraídos e ele segurava o talher como se fosse um forçado.

— Eu repito: os registros de compras daquela época não existem mais nos arquivos — disse ele. — Verifiquei com o Pogatchnik. Fiz pesquisas exaustivas sobre todos os materiais potencialmente suspeitos com que teríamos trabalhado na Knack. De vez em quando, uma marca soa vagamente familiar. Mas “vagamente familiar” nunca resistirá à inquirição pela parte contrária na justiça. Eu não tenho, não tenho, Glynis, nenhuma prova física de jamais haver trabalhado com um determinado produto cujo fabricante pudéssemos arrastar para o tribunal.

Jackson se perguntou quantas vezes Shep teria recitado aquele mesmo discurso. Visto que, também dessa vez, Glynis não dava sinais de tê-lo ouvido, seu palpite foi que tinham sido várias.

— Quando você compra uma coisa — disse ela —, e especialmente quando trabalha com essa coisa profissionalmente, você confia em que os fabricantes tenham consciência! Ao comprar um pão, você precisa poder confiar em que ele não estará envenenado com arsênico! No trabalho com metais, tenho de poder presumir que, se eu puser um pedaço de solda sob o maçarico, ele não vai emitir vapores tóxicos,

ou, se eu puser um pedaço de prata na solução decapante, ela não vai explodir! Eu..

E então, parou de falar, com o rosto suspenso numa expressão de intensa concentração. Inclinou a cabeça e olhou meio de lado, com o cenho franzido.

— Não sei por que demorei tanto para pensar nisso — disse. — Na escola de arte. Os blocos de solda. Os cadinhos de confecção de moldes, o revestimento interno que usávamos. As luvas de proteção térmica. Tenho quase certeza de que eles continham... amianto.

— *Quase certeza* — repetiu Shep, cansado. Se sua mulher lhe estava livrando a cara da acusação de homicídio doloso, ele não parecia muito encantado com isso.

— Bem, sim, bastante certeza. Na verdade, certeza absoluta. Pensando bem, eu me lembro de um de meus professores ter mencionado de passagem esse material. Mas, quando você é estudante, você trabalha com o que eles mandam. Você... confia.

— Você não pode processar a escola — disse Shep. — Você me disse que a Escola de Arte Saguario fechou há anos.

— Não, mas praticamente todos os nossos suprimentos vinham da mesma companhia. Sou capaz de visualizá-los perfeitamente, inclusive a logomarca elíptica impressa na base dos blocos de solda. O revestimento isolante dos cadinhos era embalado num cilindro de papelão com tampa de metal, como os úsques de primeira linha, só que mais largo e mais baixo. O rótulo era preto e verde. As luvas eram de tom creme, com florezinhas roxas e raminhos verdes, e debruadas de cor-de-rosa. Agora, esses produtos com certeza foram descontinuados, ou tiraram o amianto que havia neles, mas a companhia continua funcionando, porque fiz uma encomenda ainda no ano passado. — Glynis ergueu os olhos, com uma expressão de revelação beatífica, como Maria depois do aparecimento do arcanjo: — É a *Forge Craft*.

* * *

— Aquilo foi esquisito — comentou Jackson, no trajeto para casa. Carol estava dirigindo. Após uma taça cerimonial de champanhe, ela só havia tomado água. Era a ela que realmente conviria poder soltar-se um pouco, de vez em quando, e ele se sentiu meio culpado pelo fato de sua, digamos, *expansividade* raras vezes o permitir.

— Como assim?

A frieza de Carol derivava, em sua opinião, de Jackson ter bebido demais. Cabia a ela cuidar do marido, assim como cuidava de Flicka. Não era de admirar que, nos jantares, ele defendesse os direitos dos adultos. Carol era o suprassumo da adulta, e às vezes ele se preocupava em saber onde a mulher encontrava alguma alegria na vida.

— O que terá feito ela demorar tanto a se lembrar de que trabalhou com amianto na escola de arte? Já faz semanas. Nesse meio-tempo, o Shep andou se torturando por ter sido descuidado na Knack.

— A memória é caprichosa.

Embora praticamente não houvesse nenhum outro carro na I-87, Carol sempre dirigia dentro do limite de velocidade.

— Acho que essa história de amianto se revelou uma mina de ouro para uma porção de gente — comentou Jackson.

— Duvido que a Glynis dê a mínima importância ao dinheiro em si. Fico contente por ela ter parado de culpar o Shep. Ele vai ter muito com o que se preocupar nos próximos meses, sem ter que achar, ainda por cima, que o câncer da mulher foi culpa dele. Mas esse negócio do amianto dá a Glynis um senso de objetivo. Faz o câncer parecer maior do que seu pequeno infortúnio pessoal; faz com que ele pareça mais importante do que um azar comum e sem sentido. É uma coisa que a liga ao mundo: à história, à política, à justiça. Entendo por que ela quer se agarrar a isso. É que, quando a pessoa adoece, acho que esta é a

parte mais difícil: viver num universo separado de todo mundo, como se estivesse exilada num país estrangeiro.

Tal como Shep, Carol não era dada a discursos, mas, quando chegava a dizer alguma coisa, o pensamento saía inteiro, ponderado. Jackson também sabia o que ela queria dizer. Ao se despedirem dos amigos com um abraço, na porta, a sensação fora a de estar no convés de um transatlântico com o aviso de partida soando. Hora de os não passageiros desembarcarem. Quando o carro saía de ré da entrada da garagem, com os dois amigos acenando na varanda, a casa é que tinha parecido afastar-se, despreendida de suas amarras e recuando num horizonte do qual era impossível mandar cartões-postais.

— É parecido com a Flicka e aquela história judaica — disse Jackson.

— É, exatamente — concordou Carol, com um ar desconcertantemente satisfeito por eles estarem mantendo uma boa conversa. — Os membros do nosso grupo de apoio... O fato de a DF só afetar crianças asquenazitas os leva a acharem que esse gene, transmitido ao longo das gerações, equivale a outra perseguição contra o Povo Eleito, é uma outra maneira de Deus pôr à prova a sua fé. Como se a DF significasse alguma coisa. — Carol permitiu-se uma rara acelerada no carro. — Não significa, é claro.

Embora as pessoas de fora nunca o imaginassem, Carol era muito mais niilista que o marido. Passava horas entorpecidamente sentada diante do computador, trabalhando na expansão das vendas da IBM, enchia o umidificador do quarto de Flicka, antes de pegar um novo rolo de papel filme para sua versão tristemente plástica de ajeitar as cobertas da filha na hora de dormir, e durante anos se levantara, exausta, à uma da madrugada, para virar a primeira das duas latas noturnas da fórmula nutricional na sonda alimentar de Flicka — tudo sem o menor senso de missão. Ela apenas o fazia.

* * *

Ao pagar a Wendy em dinheiro, Jackson ponderou que a enfermeira talvez tivesse valido a pena, já que, por algum milagre, as duas meninas estavam dormindo. Quando ele e Carol se preparavam para se deitar, ele a esperou terminar de escovar os dentes e correu para dentro do banheiro da suíte, captando uma expressão de susto ao fechar a porta na cara da mulher.

— É para o seu bem — explicou, do outro lado da porta. — Tenho que soltar um pum terrível.

Quantas vezes por dia teria que peidar? Esse negócio ia ser mais complicado do que ele havia suposto, e Jackson se perguntou se tinha pensado bem em sua estratégia. Aproveitou a privacidade para examinar a situação, já que a *situação* tinha começado a doer. No início, ele se sentira aliviado por ser tão ínfimo o “desconforto”; a história real era que só agora a anestesia local começava a perder o efeito.

Quando ele saiu do banheiro, Carol estava deitada, com os seios nus curvados sobre o lençol de cobrir. Para seu corpo esguio, eles eram incomumente cheios, o tipo de peitos que outras mulheres viviam tentando comprar e não podiam. No entanto, a lição de que ou a pessoa tinha uma coisa, ou não tinha, era algo que ele não podia aceitar em relação a si mesmo.

— Qual é a da cueca?

— Ah, eu estava querendo lhe dizer — explicou Jackson, que passara o dia ensaiando essa fala. — Aquela consulta que eu fiz hoje de manhã. Parece que estou com um tipo de doença de pele, provavelmente por tomar banho na academia. O dermatologista me disse que é microbiano, ou coisa assim. — Tinha tirado essa palavra de um comercial de remédio durante o noticiário da noite da véspera. — É contagioso, e você pode pegar, se eu não tomar cuidado.

— Bem, então me deixe ver.

— De jeito nenhum. É meio nojento. Não quero fazer você perder o tesão. Carol escorregou para baixo nos travesseiros.

— E desde quando você me faz perder o tesão?

Santo Deus, era um desperdício, com aqueles mamilos de cereja que pareciam o enfeite de um banana split com duas bolas de sorvete. Jackson a adorava de cabelo solto, e tinha passado a noite toda com vontade de soltar os grampos. No entanto, embora a maioria dos caras o considerasse um homem de sorte, para Jackson, desejar a mulher era sempre acompanhado por uma pequena tortura corrosiva. Nunca se sentia inteiramente à altura dela. Mesmo depois de tantos anos de casados, nunca sabia ao certo o que Carol via nele.

— Esse é o outro pedaço — disse-lhe. — Nós não podemos... não por algum tempo. Esse troço demora muito para sarar, ou, pelo menos, foi o que ele me disse.

— Eu ainda queria que você me deixasse dar uma olhada.

— Você cuidou da Flicka o dia inteiro — retrucou Jackson, deitando-se ao lado dela com uma olhadela discreta para a braguilha, que ficou mesmo fechada, com a ajuda do alfinete de fralda. — Não tem que cuidar de mim também.

Jackson não gostou de mentir sobre a cueca, mas Carol não entenderia se ele fosse franco — se explicasse que, quando se dá um presente a alguém, especialmente um presente realmente grande, primeiro é preciso embrulhá-lo.

CAPÍTULO SETE

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de fevereiro de 2005 – 28 de fevereiro de 2005

Valor Líquido em Carteira: US\$664.183,22

No domingo anterior à cirurgia, Glynis não podia comer nenhum alimento sólido. Para ser solidário, Shep achou que também não deveria comer nada. Para seu constrangimento, ficou com fome. A geladeira estava abarrotada de sobras do jantar da véspera com Jackson e Carol. Jejuar com tanta comida fadada a estragar, parecia perverso. Por isso, ele esperava Glynis ir ao banheiro para enfiar um dedo sub-reptício no *honus*.

Zach voltou da casa de um colega *hikikomori*, onde passou a noite, cortou um naco de rosbife gelado e foi direto para o quarto. Esgotada e transbordando de uma angústia que não conseguia verbalizar, Glynis ficou assistindo à televisão na sala íntima. Toda vez que Shep ia dar uma espiada nela, mais um comercial farmacêutico os lembrava de todas as outras doenças que havia à espreita, e, se elas não matassem o sujeito, os tratamentos o matariam:

...não é para todos. Fale com seu médico, se você tiver uma reação alérgica que provoque inchaço no rosto, boca ou garganta, que afete a respiração ou cause erupções na pele ou urticária. Os efeitos colaterais podem incluir infecção no trato respiratório superior, congestão nasal ou coriza, e dor de garganta e de cabeça... doenças graves do estômago, como hemorragias, podem piorar. Algumas pessoas podem sofrer desmaios. Algumas pessoas podem apresentar náusea, diarreia, vômitos, equimoses, ou distúrbios do sono. Algumas pessoas podem ter câibras, falta de apetite, cansaço... Se você tiver febre, fraqueza ou confusão inexplicáveis, fale com seu médico, porque esses podem ser sinais de uma doença rara e potencialmente letal, chamada púrpura, ou PTT... pode haver maior probabilidade de pneumonia... pode aumentar o risco de osteoporose e alguns problemas oculares... pode aumentar a probabilidade de infarto ou derrame, que podem levar à morte. Todos os anti-inflamatórios não esteroides de venda controlada aumentam a probabilidade de graves reações cutâneas ou problemas estomacais e intestinais, como sangramento e úlceras, que podem ocorrer com ou sem sinais de advertência e podem causar a morte.

Acompanhados pelo dedilhar do violão e pelas animadoras cadências de flauta que, na infância de Shep, marcaram os ofícios religiosos populares na igreja de seu pai, todos esses avisos eram transmitidos com uma afabilidade cantante e lobotomizada — o tom de voz com que se leriam histórias para criancinhas, na hora de dormir, sobre ursos malvados e gatinhos curiosos demais. Enquanto isso, os comerciais de remédios para pressão alta se alternavam com os de batata frita sabor sal e vinagre; os de remédios para o colesterol alto, com anúncios de pizza em promoção pague uma e leve duas; os de remédios para azia, com os de costela de novinho de uma cadeia de restaurantes. Avesso a inferir conspirações, Shep via nisso apenas uma curiosa espécie de equilíbrio.

Continuou tentando arranjar coisas reconfortantes para dizer. Combateu repetidamente o impulso de garantir que a operação seria um sucesso absoluto, porque era óbvio que não fazia a menor ideia. No

entanto, na falta de uma falsa clarividência, havia pouco que ele pudesse fazer por Glynis, além de lhe servir mais suco de maçã do que ela queria. Agora, o jantar de conversa fluente da véspera parecia improvável. Hoje, Shep e a mulher mal haviam falado. Apenas um afago caloroso no pescoço dela parecia fazer diferença. Esse era um momento do corpo. Comunicar-se era comunicar-se com o corpo.

Shep não queria contar a Glynis o que estava pensando. Seus pensamentos eram egoístas, mas é que havia tempo demais. Um excesso de espaço vazio e silêncio sufocante. Por isso, não conseguia parar de pensar se haveria alguma coisa, qualquer perspectiva, por menor que fosse, a que pudesse aspirar.

Ele odiava seu trabalho. Também odiava odiá-lo; desprezar a empresa que havia trazido ao mundo parecia uma traição paterna. Temia que o filho ficasse tão velho quanto o próprio Zach — visto que, ultimamente, isso era tudo que o garoto parecia fazer: apenas ficar mais velho, não mais sensato nem mais lúcido, não mais decidido ou seguro de si. Shep receava processar a Forge Craft para obter uma indenização pelos danos causados, quando o dano já estava feito; o processo civil acarretaria mais formulários, procedimentos e esperas, nos quais ele já estava afundado por causa da doença de Glynis. E não lhe agradava nem um pouco a chegada iminente das parentas dela do Arizona. Shep iria hospedá-las enquanto Glynis se recuperava. Iria dar-lhes comida, levá-las ao hospital, distraí-las. Agora, a controlada neutralidade que durante anos ele mantivera em relação à família da mulher estava fadada a resvalar para a impaciência.

Tentou ter ideias convencionais, imaginar o dia radioso do casamento de sua filha. Mas Amelia estava naquela idade em que sem dúvida se casaria com o rapaz errado, de quem enjoaria rapidamente. Shep perceberia isso, devastado, logo na festa de casamento. Na recepção, imaginava seu brinde aos noivinhos felizes como algo forçado, já se sentindo pesaroso pelo iminente divórcio do casal. Imaginou todos os outros convidados especulando em vão sobre quanto tempo essa união duraria, enquanto cinicamente faziam largo uso do serviço de open bar. Ao posar para as fotos em grupo, Shep as visualizaria sendo jogadas, com muita vergonha, na gaveta do fundo. As flores exuberantes murchariam, em sua imaginação, como nas fotografias em velocidade baixa. Qual uma visão divina, desceria sobre o pai da noiva a compreensão de que, em poucos anos, aqueles dois jovens alvoroçados e dedicados já não teriam o endereço atualizado de e-mail um do outro.

Ainda assim, Amelia era do tipo que ansiaria por uma cerimônia de casamento com toda a pompa e circunstância. Era uma mulher moderna que, ao longo da vida, recitaria alegremente “até que a morte nos separe” umas duas ou três vezes, sem o menor constrangimento. Era uma garota com jeito de garota. Roupas. Tão sarcástica a respeito da violação das regras da moda quanto sua mãe se sentia acima delas. Sua determinação excitada e febril de “curtir a vida” era meio cansativa. Shep temia que a intensidade dessa decisão de aproveitá-la ao máximo, na casa dos vinte anos, deixasse transparecer um pessimismo correspondente sobre a vida que ela teria depois. Também temia que Amelia visse no pai a encarnação da própria maturidade de fim de festa que ela buscava desesperadamente evitar.

Shep estava contente, supunha, por sua formatura. Mas se perguntava se a abundância de informações fornecida por um bacharelado de duzentos mil dólares em “estudos de mídia”, na Dartmouth, não estaria disponível por meio de uma assinatura do *Atlantic Monthly*, durante um período gratuito de experiência, aliada a uma assinatura básica de canais de televisão a cabo que incluísse o Turner Classics, ao custo de cinquenta dólares por mês. O diploma duvidoso da filha havia dizimado, por si só, todas as economias que Shep havia acumulado antes de vender a Knack. Pode ser que ele não houvesse esperado que o pai custeasse seus estudos até o fim, mas agora isso era comum: os filhos tinham direito à formação universitária. Assim, ele não devia se ressentir do gasto, e por isso não se ressentia. No entanto, após décadas de economia, na base do papel higiênico de folha simples e do hambúrguer de peru, ser castigado por essa frugalidade, a rigor, tinha sido, bem.. desconcertante. Seu patrimônio em dinheiro tinha desqualificado Amelia completamente para ajuda financeira.

Shep guardava para si, é claro, a opinião de que o estilo da filha — a barriga de fora, os *tops*

mínimos, a purpurina nos seios — era menos ousado que óbvio. Amelia se esforçava demais para parecer adulta, e por isso ficava infantil. Por conseguinte, naquela visão do casamento, ele a previa entrando em choque com a mãe, que tinha um bom gosto clássico e que...

Não estaria lá.

Em relação a Glynis, não havia nada por que esperar. Nada. Embora os amigos nunca descrevessem Shep Knacker como um sujeito de uma animação irritante, mesmo assim, ele era otimista. Mas não via o que um otimista poderia contemplar, quando não era plausível que o futuro lhe reservasse nenhuma ocorrência animadora.

Amelia havia telefonado no fim da tarde. E o surpreendera. Tão flagrantemente perturbada pela notícia, no início, com certeza ela planejava uma visita antes da cirurgia. Sua razão para adiá-la — ter que passar todo o fim de semana trabalhando na próxima edição do jornal de arte que ajudava a editar, uma publicação que só dava prejuízo e tinha uma circulação desprezível — havia soado vago. A conversa da filha para encorajar a mãe tinha sido curta. É claro, nesse dia, Shep não tinha o direito de se queixar de que ninguém mais na família tivesse nada a dizer.

Pegou outro espeto de camarão gelado, que comeu escondido enquanto subia a escada. Parou diante da porta do filho. Que gesto radical tinha passado a representar a simples travessia daquela soleira. Sua primeira batida foi leve, de uma deferência inaudível. Na segunda vez, ele tentou bater mais alto. Abrindo formalmente a porta, Zach ficou bloqueando a entrada, como se o pai estivesse tentando lhe vender alguma coisa.

— Importa-se se eu entrar?

Zach se importava. Mas era, na superfície, bem-comportado. Recuou e retomou seu assento diante do computador. Sentindo-se meio tolo por ainda segurar o espeto de bambu, Shep sentou-se de leve na beirada da cama, pouco à vontade. Não eram os pôsteres de bandas de que nunca ouvira falar, nem a bagunça. Era o fato patente de não ser bem-vindo. Os filhos nunca pareciam se dar conta de que “seus” quartos eram uma concessão generosa por parte do pai ou da mãe que bancava a casa inteira. Shep tinha o direito legal, moral e financeiro de entrar naquele quarto quando bem entendesse. Mas, por outro lado, a vaga consciência de não possuírem território algum, na verdade, talvez explicasse por que os filhos defendiam com tanta ferocidade sua ilusão territorial.

— Eu queria saber se você tem alguma pergunta — disse. — Sobre o que vai acontecer.

— Acontecer? — repetiu Zach, sem dar qualquer indicação de fazer a menor ideia do que o pai estava dizendo.

Primeiro Amelia, agora isto.

— Com a sua *mãe* — disse Shep, como se lembrasse ao filho que ele tinha uma.

— Eles vão operá-la. E aí, ela volta para casa e toma remédios e perde o cabelo e outras merdas.

A formulação do garoto foi rude, mas sem nenhuma inflexão.

— É mais ou menos isso.

— Então, por que eu deveria ter alguma pergunta — disse Zach, enunciando a própria pergunta como uma afirmação. — Isso aparece o tempo todo na televisão.

— Não, nem tudo — retrucou o pai, pouco convincente.

No mundo do entretenimento, o câncer era um ótimo expediente de uma palavra só para descartar os personagens que haviam cumprido seu objetivo, e que desapareciam polidamente da frente das câmeras. Conferia gravidade a um seriado que corresse o risco de parecer banal. Proporcionava uma reviravolta na trama, da qual era líquido e certo que os personagens principais se recuperariam em um ou dois episódios — nunca em mais que uma temporada.

— E qual é a parte que eles deixam de fora?

A agonia, Shep teve vontade de dizer. O tempo, teve vontade de dizer. O dinheiro, mesmo não tendo vontade de dizer, mas isso também.

— Acho que vamos descobrir da maneira mais difícil.

O garoto não manifestava curiosidade. Deveria ter perguntas. E não era como se Zach não tivesse um senso de mistério, como se considerasse o mundo algo conhecido. Ao contrário, os dispositivos e acessórios da sua vida não eram nada senão mistério. Bastava ver aquele computador. Quando Shep tinha quinze anos, fazia seus deveres de casa numa máquina de escrever. Era elétrica. Ele podia não compreender completamente o circuito através do qual um toque numa tecla levantava o braço de uma letra. Mas via o braço se levantar e podia examinar o *a* tridimensional invertido afixado no metal. Podia apreender o processo elementar pelo qual ele batia numa fita impregnada de tinta e deixava a mancha de uma marca preta em forma de *a* num pedaço de papel. Quando Zach digitava um *a*, entretanto, era mágica. Seu iPod era mágica. Sua TV digital era mágica. A internet era mágica. Até o carro de seu pai, a máquina por cujo meio, em certa época, os garotos conquistavam sua primeira forma de domínio do mundo físico, era agora controlado por um computador. Diagnosticar defeitos não envolvia remexer num motor e se sujar de graxa. O carro era ligado a outro computador impenetrável na concessionária. Se alguma coisa desse defeito no mobiliário técnico da vida de Zach — e, hoje em dia, as máquinas não tossiam nem começavam a fazer um som engraçado de assobio, nem a dar guinchos: ou funcionavam, ou paravam por completo —, a ideia de consertá-la pessoalmente jamais lhe passaria pela cabeça. Havia feiticeiros para essas coisas, embora o próprio conceito de conserto se houvesse tornado um mistério; era muito mais provável a pessoa sair e comprar outra máquina que funcionasse magicamente, e que depois parasse magicamente. Como coletividade, a raça humana adquiria conhecimentos ainda mais abalizados sobre a mecânica do universo. No plano individual, a experiência da maioria das pessoas era de uma impotência e incompreensão ainda mais aceleradas. Elas viviam num mundo de superstição. Acreditavam em feitiços — amuletos, fetiches e bolas de cristal cujos caprichos não tinham esperança de controlar, mas sem os quais a condução da vida cotidiana ficava paralisada. A confiança em que o computador ligaria mais uma vez e faria o que lhe fosse mandado tinha uma base mais religiosa que racional. Quando a tela enegrecia, os deuses estavam zangados.

Nesse momento, Shep teve o primeiro vislumbre de por que Zach estaria envelhecendo num sentido exclusivamente temporal. Nada do que fora ensinado ao menino na escola lhe fornecia a menor jurisdição sobre as forças que controlavam sua vida. A álgebra do ensino médio não conseguia lhe dar nem mesmo informações fragmentadas sobre o que fazer quando o serviço de banda larga saía do ar, a não ser ligar para a operadora — os feiticeiros; não conseguia esclarecer o que vinha a ser realmente um “serviço de banda larga”, afora um misericordioso acesso à magia. Essa relação passiva e sem domínio com o mundo material mantinha seu filho permanentemente em suspenso, na dependência impotente da infância. Por isso, fazia perfeito sentido que Zach não fosse inquisitivo a respeito do tratamento da mãe. O jargão mistificador da medicina moderna era, com certeza, tão sobrenatural quanto todo o resto.

Sobrenatural? Shep teve vontade de relembrar o filho da pele membranosa, fina e escorregadia presente nas camadas de uma cebola. Isso, diria ele, é como o *mesotélio* da cebola. Seria tedioso, mas não seria requintado: iam retalhá-la como um vegetal. E depois catar, pedacinho por pedacinho, os fragmentos minúsculos daquela pele de cebola que parecessem peculiares — muito duros, ou muito gosmentos, ou da cor errada. Recosturá-la não seria muito diferente do modo como se amarra um peru no Dia de Ação de Graças, para impedir que o recheio escape. Este é o mundo antigo, teve vontade de dizer. Este é o mundo das máquinas de escrever e dos legumes meio estragados, e o que o torna tão assustador para mim e sua mãe não é ele ser inconcebível, mas sim o fato de o compreendermos.

— Acho que seria bom se você ajudasse a fazer companhia à sua mãe hoje — sugeriu ao filho. Era exatamente o tipo de quase ordem que seu próprio pai teria dado.

— Não sei como — retrucou Zach.

Shep quase rebateu com um *eu também não*, sem conseguir entender como todos tinham ficado reduzidos a uma inépcia social tão rudimentar. Era de se presumir que tivesse havido gente adoecendo de

maneira catastrófica antes que a espécie assumisse a postura ereta. Devia haver um protocolo, talvez rigoroso.

— Ela só está vendo televisão — acrescentou Zach.

— Então, vá ver com ela.

— Nós não gostamos das mesmas coisas.

— Vá assistir ao que ela quiser, e pelo menos finja que está gostando.

Emburrado, seu filho desligou o computador.

— Ela vai saber que foi você que mandou.

Glynis saberia. E ele podia obrigar seu filho dócil a fazer uma vigília ao lado da mãe, mas não tinha como fazê-lo querer isso. De modo geral, Zach herdara o que havia de pior nos pais: a submissão do pai e o ressentimento da mãe. Era uma combinação mortífera. O ressentimento rebelde pelo menos levava a algum lugar — à ousadia, à derrubada às vezes espalhafatosa da ordem vigente. O tipo submisso fomentava apenas uma inércia mal-humorada.

Shep pôs a mão no braço do filho:

— Os próximos meses vão ser difíceis para todos nós. Sua mãe não vai poder lhe dar carona para a escola; você terá que ir de bicicleta. Talvez eu precise da sua ajuda na limpeza, ou para fazer as camas de hóspedes. Você só deve se lembrar de que, por mais difícil que seja para nós, vai ser muito mais difícil para a sua mãe.

Foi um discurso desnecessário. Ele estava bancando o bom pai, em vez de ser um de fato. Em algumas ocasiões, Zach tinha sido rabugento, apoquentando-o por causa de coisas que “todo o mundo” tinha — para Shep, um monte de engenhocas dispendiosas que só preencheriam a lacuna entre a última aquisição obrigatória e a seguinte. Zach achava desnorteante, se não amalucada, a constante preparação orçamentária do pai para uma “Outra Vida”, e sua campanha pelo iPod tinha sido tão persistente, que o pai acabou cedendo por cansaço. Mas, em todos os outros aspectos, o garoto pedia muito pouco. Por isso, a única faceta da doença da mãe que ele devia ter registrado, desde o começo, era que a importância do que quer que ele quisesse, necessitasse ou fosse havia acabado de ser rebaixada de insignificante para nula.

* * *

Nessa noite, Glynis encolheu-se no seu lado da cama, assumindo a mesma posição de quando estivera grávida. Shep colocou-se bem perto, por trás dela, cômico de ter ficado receoso de tocar seu abdômen, mas intuindo que era preciso resistir a essa evasiva instintiva. Sentia-se distante da mulher. Não era por causa de Pemba; não era a Forge Craft. Era que o que estava para acontecer com Glynis não estava para acontecer com ele. Aproximou-se mais, porque ela sentiria a distância entre os dois. Mas, quando pôs delicadamente a mão em sua barriga, com igual delicadeza ela se afastou.

O que Shep vivenciou nessa noite foi insônia, mas, por se lembrar do sonho na manhã seguinte, ele devia ter dormido. Estava refazendo o telhado de uma varanda fechada, e os donos desejavam que os telhados originais fossem retirados antes da substituição das telhas de madeira. Era uma casa atraente, que parecia ter o que eles chamavam de “um bom esqueleto”. Havia muitas camadas de trabalhos de telhamento anteriores e, à medida que Shep as retirava, cada uma ia revelando desenhos que ele reconheceu como a sequência de papéis de parede que costumava arrancar de um rasgão ao lado de sua cama de menino. Ao retirar a última cobertura fina do telhado, esperando encontrar as vigas de madeira clara daquela casa robusta, a cavidade embaixo da última lâmina de papel alcatroado estava negra e podre. As tábuas tinham sido tomadas pelo mofo. Besouros e lagartas fugiram correndo da luz. A madeira da estrutura estava úmida e se desmanchou ao seu toque. Embora aparentemente sólido, visto de fora, o

telhado tinha infiltrações de anos. Quando Shep se levantou para chamar seus operários lá embaixo, as vigas não conseguiram mais suportar seu peso e a estrutura desmoronou.

* * *

Como Glynis não podia beber nada, Shep dispensou seu próprio cafezinho matinal, e a mobilização para a saída consumiu pouquíssimo tempo. Ele se perguntou se, ao longo da vida inteira, tinha feito café todas as manhãs não pela bebida em si, mas para ter uma ocupação.

Ainda era tão cedo que o trânsito em direção ao norte de Manhattan estava leve. O sol ainda não tinha saído. Shep associava dirigir na escuridão da madrugada ao frio na barriga, a um voo para a Índia, chegando para o *check-in* com três horas de antecedência. Também sentia um frio na barriga nesse momento, mas era o frio na barriga dos alarmes, das nevascas, do onze de setembro.

— Vai parecer maluquice — disse Glynis, e Shep sentiu-se grato por ela falar —, mas o que mais me assusta são as agulhas.

Glynis tinha sido avessa a injeções durante a vida inteira. Como acontece com tantas aversões, esta, não tendo sido superada, só piorou. Quando os dois assistiam a filmes em que viciados em heroína se injetavam a droga, ela virava a cabeça e Shep tinha que lhe dizer quando era seguro voltar a olhar para a tela. Nas matérias de noticiários sobre a descoberta de novos medicamentos ou campanhas de vacinação, Glynis saía da sala. Envergonhava-se disso, mas nunca havia reunido coragem para doar sangue nas campanhas de coleta, e as viagens para países que exigiam vacinas contra o cólera ou reforço de antitetânicas sempre foram um problema. Shep levava anos para reconhecer a imensidão do gesto dela, o tamanho de sua determinação anterior de cooperar com a aspiração do marido, ao se submeter a injeções por causa dele.

— Pensei nisso — disse Shep. — O meio de contraste nas tomografias... Como foi que você fez?

— Com enorme dificuldade. Antes da ressonância magnética, eu quase desmaiei.

— Mas você também precisou de exames de sangue...

— Eu sei. — Ela deu de ombros. — E haverá outros. A química... Você fica lá sentado durante horas, com uma agulha intravenosa no braço. Quando lembro disso, chego a ficar tonta.

— Mas, em relação às outras coisas, você é tão forte! Lembra de quando cortou o dedo médio no estúdio?

— Não é o tipo de coisa que a gente esqueça. Eu estava usando aquela broca de cabo flexível, que tem o formato de uma serra circular em miniatura. Ela prendeu na prata e pulou. Tive sorte de não arrancar metade do dedo. Até hoje não sinto nada na ponta.

— É, mas você desceu com a maior naturalidade e anunciou em voz baixa, assim: *Na minha opinião clínica, talvez eu precise de uns pontos, Shepherd, e estou meio preocupada, acho que não devo dirigir só com uma das mãos*. No mesmo tom de voz com que você me pediria para passar no mercado porque, infelizmente, estávamos sem cebolinha. E foi por isso que eu demorei tanto a notar que o trapo em volta da sua mão esquerda estava carmesim e começava a pingar. Que durona!

Ela deu um risinho:

— Aposto que, se olhasse bem, você veria que eu estava um tiquinho pálida. E nunca mais usei aquela broca tipo serra circular. Ela continua nas minhas ferramentas, com os dentes manchados de marrom.

— Mas essa fobia a agulhas. Será que não é provável que ela diminua? Digo, tendo que enfrentá-la tantas vezes?

— Até agora, não diminuiu. Mas é uma coisa muito irracional, Shepherd. Estou prestes a ser estripada feito um peixe, e tudo em que consigo pensar é numa espetadela de agulha.

— Talvez — propôs ele, hesitante — você se concentre no medo irracional para se distrair dos racionais.

Glynis deslizou a mão pela coxa dele, e foi um contato tão bem-vindo que lhe deu arrepios.

— Você pode não ter formação superior, meu bem. Mas, às vezes, é brilhante.

Ao enfrentar o trânsito da Saw Mill River Parkway, Shep se intrigou com o fato de ter parecido não haver nada para dizer na véspera, e agora haver coisas demais, e muito pouco tempo para dizê-las. Com um mau pressentimento, percebeu que aquela inércia vazia, desperdiçada, seguida por um abarrotamento sôfrego, tardio demais, bem poderia revelar-se um paradigma do futuro dos dois.

— Acho que eu nunca lhe contei isso — comentou Shep. — Não me lembro o que eu estava vendo, talvez fosse um daqueles seriados de investigação, tipo *CSI*. Havia uma equipe médica fazendo uma autópsia. O legista disse que, pelo cadáver da moça, dava para perceber que ela tinha feito muitos abdominais. Não sei dizer se a cena era real, mas aquilo ficou gravado na minha cabeça desde então. A ideia de, mesmo depois da morte, saberem se a pessoa frequentou a academia. Às vezes, quando estou fazendo ginástica, tenho uma visão de morrer num acidente e de os médicos admirarem os meus músculos abdominais no necrotério. Quero que reconheçam meu mérito por fazer abdominais, mesmo como cadáver.

Glynis riu:

— Isso é hilário. A maioria das pessoas se preocupa com a roupa de baixo limpa.

— Acho que isso tudo é para dizer que... bem, esses cirurgiões devem operar todo tipo de gente que parece uma bosta. Velhos pelancudos, gente gorda, pacientes totalmente fora de forma. Não faço ideia se isso os incomoda, se causa repulsa, ou se, para eles, dá tudo na mesma. Mas o seu corpo é muito esguio. Perfeitamente proporcional e musculoso.

— Ultimamente, andei faltando a umas aulas de aeróbica com *step* na Y — disse ela, em tom seco.

— Não, uma vida inteira de amor-próprio, isso não desaparece assim. O que eu quero dizer é que fico meio enciumado por alguém tocar você desse jeito. Olhar para você, até olhar para partes de você que eu nunca verei. Mas também fico orgulhoso. Se isso importa para eles, esses cirurgiões vão operar uma mulher linda, e vão se sentir privilegiados.

Enquanto mantinha os olhos no trânsito, Shep a sentiu sorrir a seu lado, e ela segurou sua mão:

— Acho que eles não enxergam o corpo das pessoas como nós. E não sei se existe algum órgão interno que seja “lindo”. Mas é muito meigo você dizer isso.

Shep estacionou o carro e conduziu Glynis à recepção, comovido e aliviado por ela dar a impressão de querê-lo a seu lado pelo máximo de tempo possível. Ela não era mulher de admitir facilmente uma necessidade. Shep preencheu os formulários, satisfeito por ter finalmente decorado o número de sua mulher na Seguridade Social. Glynis assinou a autorização. Os dois aguardaram juntos. Seu silêncio já não era vazio, impotente. Era um silêncio denso, profundo e aveludado, que dava ao ar entre eles a sensação de água morna.

Ele subiu com a mulher no elevador, apresentou-se às enfermeiras, dobrou a roupa de Glynis enquanto ela se trocava e a ajudou a amarrar a camisola. Não foi muito útil para prender as tiras elásticas bege, mas tentou. Depois, tornaram a aguardar. Shep ficou contente com essa espera; poderia ter esperado para sempre. Por fim, chegou o Dr. Hartness. Era um homem rijo e eficiente, que se poderia facilmente confundir com um contador; até seu cabelo era seco. Shep sentou-se junto ao leito de Glynis enquanto o cirurgião tornava a explicar o procedimento, usando o tom monótono e sem emoção com que alguém leria em voz alta as instruções complicadas para a montagem de móveis que vinham desmontados. Já acostumado com a abordagem do cirurgião, no estilo fixe a parte A no encaixe B, Shep não se sentiu ofendido, uma vez que não era essa a intenção. Na verdade, apesar de todas as coisas depreciativas que as pessoas diziam dos médicos, esse parecia bem-apegoado e decente.

— Por favor — pediu Glynis, depois que o Dr. Hartness se retirou —, você fica comigo até o

sedativo fazer efeito?

— É claro — respondeu Shep, virando a cabeça da mulher. — Não olhe para lá. Não pense nisso. Olhe só para mim. Só olhe bem, bem fundo nos meus olhos.

Manteve a mão na face dela e reteve seu olhar, tomando o cuidado de não deixar seus próprios olhos correrem, nem por um instante, para a anestesista que enchia a seringa. E então, disse à sua mulher que a amava. O efeito da injeção foi quase imediato, e essas devem ter sido as últimas palavras que ela ouviu.

Shep havia impregnado esse ritual de todo o sentimento que três palavras podiam carregar. Mas gostaria que, por convenção, a invocação delas fosse rara. Entre cônjuges, não era incomum que essa declaração fosse feita em despedidas apressadas e distraídas, ou enunciada com inconseqüência para rematar conversas telefônicas. Shep preferiria um costume que restringisse essa confissão radical a umas três vezes na vida, talvez. O racionamento a protegeria da vulgarização e a manteria sagrada. Isso porque, se lhe concedessem três desejos sob a forma de “eu te amo”, ele teria gasto um nessa manhã.

Depois de deixar o número do seu celular no posto de enfermagem, emergiu do saguão na Broadway, piscando os olhos contra o branco e ofuscante sol de inverno. Não tinha pensado em como ocuparia o restante do dia, afora uma vaga ambição de tomar um café. Glynis não iria prontamente para o centro cirúrgico; depois do sedativo, ainda teria que receber a anestesia geral, e depois seria operada por pelo menos quatro horas. Em seguida, ficaria sob o efeito da morfina por mais de um dia. Shep ansiou de novo por algum protocolo. Não conseguia ver a utilidade de uma sociedade que tinha uma regra de etiqueta para o envio de cartões de boas festas em dezembro, ou para a colocação do garfo à esquerda do prato, mas que, no que concernia ao que o indivíduo devia fazer enquanto sua esposa era retalhada, deixava-o por sua própria conta.

No entanto, bastou apenas um *café con leche* em Washington Heights para ele perceber que havia um protocolo. Era abençoadamente específico, e tão rígido que poderia ter sido gravado na Constituição: nos Estados Unidos, se o sujeito tinha um emprego que fornecia nem que fosse o mais mísero seguro de saúde, e se sua mulher estava muito doente; se ele tinha se ausentado desse trabalho com frequência e tendia a faltar ainda mais; e se o seu patrão era uma besta; então, quando a mulher dele entrava na faca, e também em todas as outras ocasiões:

Ele ia trabalhar.

* * *

Jackson pareceu surpreso ao vê-lo, mas só por um momento; também era muito versado na Constituição não escrita. Minutos depois da chegada de Shep, Mark, o web designer que tinha sido especialmente cáustico a respeito de Pemba, aproximou-se da mesa dele e lhe apertou o ombro, dizendo “Hoje andei pensando em você, mano”. Outros colegas deram sorrisos encorajadores, sobretudo os que haviam trabalhado no antigo regime da Knack — os poucos que restavam. Até Pogatchnik demonstrou o que, para o padrão dele, era uma sensibilidade inusitada, ao menos sumindo de vista. Portanto, Jackson tinha contado ao pessoal. Shep poderia ter-se indignado — o sujeito havia ultrapassado os limites e, até onde sabia, seu amigo estava vivenciando um violento senso de privacidade —, mas, em vez disso, descobriu-se grato. É que estava se sentindo tudo, menos reservado: em carne viva, desprotegido, com as próprias entranhas expostas, como se não tivesse pele. Jackson devia ter pretendido que o anúncio fosse uma gentileza. Shep o receberia como uma gentileza.

Ao telefonar para clientes insatisfeitos, talvez esperasse sentir-se irascível, irritar-se com a insignificância de cada reclamação. Ao contrário, cada placa mal colada de linóleo pareceu importar, porque tudo importava. Ele se sentira muito grato por um ínfimo ato de consideração de uma completa estranha naquela manhã: uma enfermeira que havia encostado um pedacinho de gelo nos lábios rachados

de sua mulher. A consideração por outros estranhos pareceu-lhe uma retribuição adequada. Ele deixou os reclamantes se estenderem, expressou sua lástima pelo fato de os operários não terem feito um trabalho satisfatório, e prometeu corrigir o problema sem demora. Quando uma mulher de Jackson Heights recusou-se a receber os funcionários mexicanos da Randy Mão na Roda, insinuando que todos eram imigrantes ilegais — o que, sejamos francos, provavelmente era verdade —, Shep não questionou a falta de liberalidade dela, mas explicou com toda paciência que, embora os técnicos hispânicos fossem esforçados e competentes, era comum terem o inglês precário. Nem sempre compreendiam o que era solicitado. Ele se certificaria de que um falante nativo fluente fosse à casa dela consertar os alizares da porta, até que a porta de tela se fechasse com um clique gracioso.

Solitário, sentiu prazer na companhia dos clientes, ficou satisfeito pelo contato, pelo som da voz humana. Era um trabalho de relações com a clientela em formato de videogame: concentração — em qualquer coisa, menos no Columbia-Presbyterian. Shep teve uma consciência incomum de seu controle sobre a qualidade da vida desses clientes — afinal, as vidas eram feitas de momentos, apenas momentos. Ele poderia redimir, sozinho, cinco minutos do dia deles. Não era pouca coisa. A redenção também se propagava pelo futuro, por fornecer a lembrança de um contato com um homem prestimoso e receptivo, que se solidarizara com os problemas deles e se esforçara para resolvê-los. Ele podia fazer piadas gloriosas, simplesmente por não precisar fazê-las. Como era estranho que, em todas as formas de contato com outras pessoas, o que significava dezenas, se não centenas de vezes por dia, ele sempre houvesse disposto desse poder — o de elevar o cotidiano ao nível do brincalhão, do divertido, do compassivo — e tão raras vezes o tivesse usado.

Trabalhou durante a hora do almoço e telefonou às duas da tarde. Glynis ainda estava na cirurgia. Telefonou às três. Ela continuava na cirurgia. Às quatro também. Ele disse a si mesmo que era bom os médicos estarem sendo minuciosos. Mas era tempo demais para a pessoa ficar com partes do corpo escancaradas, as partes em que nunca pensava, em que não queria pensar, aquelas cujo valor, em santa ignorância, eram subestimadas. A essa altura, as reclamações dos clientes já não estavam conseguindo desviar a atenção de Shep e, em mais de um momento, ele precisou pedir ao dono da casa que repetisse o problema, o endereço, a data do serviço.

O fato de Glynis passar quase o dobro do tempo previsto na cirurgia permitiu que Shep cumprisse um dia inteiro de trabalho — o que, em sua tênue linha vital de dependência do plano de saúde, era importante, ainda que não devesse ser. Quando conseguiu falar com o Dr. Hartness por telefone, eram quase seis da tarde. Jackson continuava ali, e obviamente estava escutando.

— Bem, pelo menos existe isso... entendo. E o que é isso, exatamente? ... O que significa? ... Não, comigo, prefiro que o senhor seja franco. ... Essa noite, será que adianta alguma coisa eu...? ... Não, eu faço isso. É melhor que venha de mim. ... Dr. Hartness, o senhor trabalhou muito, e por muitas horas. Deve estar exausto. Obrigado por ter tentado com tanto empenho salvar a minha mulher.

Ao desligar, percebeu, pela expressão abalada de Jackson, que sua última frase se prestava a mal-entendidos.

— Os sinais vitais dela estão bons e ela está descansando — garantiu-lhe. — Mas, ah... — Lembrou-se de Glynis descendo a escada com a mão embrulhada em vermelho, e da aridez de sua mensagem. Este era outro momento para ser factual. — Foi pior do que o esperado. Eles encontraram o que chamam de uma área “bifásica”. São células epitelioides, mas misturadas com sarcomatoides. Como sorvete mesclado sabor baunilha e chocolate, o médico disse. A biópsia não tinha detectado isso. As tais células sarcomatoides são umas sacanas desgraçadas e... acho que a aplicação direta da quimioterapia não funciona nelas. Os médicos não instalaram as sondas. Tiraram o máximo que podiam, o que não é tudo, eu acho, e depois a recosturaram.

— Isso é... ruim — resumiu Jackson.

— É ruim.

Shep viria a ganhar muita prática na repetição desse mesmo resumo à noite. Foi para casa e contou ao filho. Zach fez apenas uma pergunta. O pai se esquivou: “Isso depende de como ela reagir à quimioterapia.” Zach não engoliu. Exigiu um número. Então, se o garoto queria saber, devia saber. Ele recebeu a informação como um lago tragando uma pedra: depois de um pequeno *ploft*, Shep a viu afundar, sumir de vista, e a sentiu acomodar-se no fundo com um baque surdo. Pareceu fazer sentido. O filho não se mostrou chocado. O pai se angustiou, pensando em que tipo de mundo pavoroso Zach devia habitar rotineiramente, para que esse tipo de coisa pudesse lhe parecer normal, ou até previsível.

Pelo menos, de agora em diante, os dois ocupariam o mesmo universo. Um universo em desmoronamento. Era uma serventia dos filhos que Shep não tinha valorizado até então: quando acontecia uma coisa terrível com a mulher do sujeito, uma coisa terrível também acontecia com eles. Compartilhava-se o mesmo estarrecimento, o qual, para as pessoas de fora, era um mero infortúnio. Essa visão do “mero”, que ele às vezes intuía nos outros, tinha-se tornado intolerável, e era por isso que, até esse dia, Shep tinha evitado qualquer conversa sobre a doença de Glynis no trabalho.

Os dois jantaram juntos, o que era inédito. Zach ofereceu-se para ver televisão com o pai, o que era realmente extraordinário. Shep pediu desculpas por ter que dar alguns telefonemas. Enquanto lavavam a louça, ficou satisfeito ao ver que, apesar de sua autorização bem-humorada, o filho não quis desligar a fonte em cima da pia.

Recolheu-se ao seu estúdio. Preparou uma lista no computador. Voltaria a precisar dela para outros momentos decisivos, outras notícias, e não queria admitir, mas admitiu, a notícia que a lista serviria finalmente para transmitir. Anotou números de celulares e também de telefones fixos, copiando-os do caderno de endereços da mulher. Separou os contatos entre “Família”, “Amigos íntimos” e “Não tão íntimos” e, enquanto incluía tal ou qual nome nesta última categoria, pensou em como algumas dessas pessoas ficariam mortificadas com essa designação. Inclinou-se mais a pôr na lista de “Amigos íntimos” os poucos amigos de Glynis que se lembraram de ligar no domingo para lhe desejar boa sorte.

Discou metodicamente. Obrigou-se a fazer em primeiro lugar a ligação mais difícil, para Amelia. Falou com hesitação e pouca clareza, e a filha ficou interrompendo: “Mas ela está bem, não é? Saiu bem da operação, não é?” Shep demorou mais na linha do que lhe era viável, para ter certeza de que Amelia entendia, e por fim se deu conta de que ela havia compreendido muito bem desde o começo e estava à espera de que o pai lhe dissesse outra coisa. Tirá-la do telefone foi tão doloroso quanto a hora de dormir, em tempos idos, quando a filha se agarrava à sua canela e ele tinha que soltar à força seus dedinhos de menina da perna da calça.

Logo, porém, sua transmissão dos detalhes tornou-se fluente: “‘bifásico’, que significa que há células epitelioides menos agressivas misturadas com as mais agressivas...” Sua voz era calma. Se o tom comedido fosse mal interpretado como falta dos sentimentos apropriados, pouco lhe importava. Ao ser pressionado sobre o prognóstico, ateu-se à expressão “um desfecho menos otimista”, que ainda mantinha a palavra *otimista*. Toda aquela gente tinha acesso à internet, se quisesse mesmo saber.

Agora isto fazia parte de suas tarefas: disseminar informações, orquestrar visitas, proteger Glynis dos visitantes. De agora em diante, Shep faria um bico combinando a função de planejador de eventos com a de secretário executivo. Entre as pessoas com quem falava, descobriu-se desconfiando instintivamente das que se derramavam em manifestações mais profusas de tristeza, e que faziam ofertas inespecíficas de ajudar “de todas as formas possíveis”. Na experiência dele, as mais articuladas na expressão dos próprios sentimentos eram as menos capazes de expressá-los de qualquer outra forma que não com mais palavras. Beryl, por exemplo, foi de especial eloquência, lançando-se numa lembrança de momentos maravilhosos das duas, que eram exagerados ou apócrifos, e enaltecendo o caráter de uma mulher de quem não gostava. Constrangido, Shep a interrompeu, explicando ter outras ligações para fazer. Em

contraste, seu pai lhe disse, simplesmente, que “estaria rezando por toda a família”. Embora às vezes Shep se impacientasse com as frases feitas cristãs, nessa ocasião admirou uma religião que propiciava uma linguagem de bons votos que era sucinta e soava sincera.

Mais e mais, ele reconhecia os limites do verbal. Quanto pior se sentia Glynis, mais importante se tornava aquilo que não era conversa solícita, e sim uma mão no ombro, um travesseiro afofado, o controle remoto da televisão trazido da mesa, ou uma xícara de chá de camomila. Por isso, ficou muito mais comovido, ao telefone, com o silêncio, os suspiros, o embaraço palpável. Por pessoas como sua vizinha do lado, Nancy, uma entusiasta ardorosa da Amway com quem Glynis não tinha quase nada em comum, ou assim parecia. Quanto à descoberta desoladora da cirurgia, Nancy não teve sinceramente nada a dizer, e assim, não tentou dizê-lo. Além disso, não fez uma oferta nebulosa de “ajuda” que Shep nunca poderia cobrar. Perguntou quando Glynis poderia receber visitas, quando começaria a ingerir alimentos sólidos e se gostava de biscoitos amanteigados feitos em casa. Nancy tinha trazido no fim de semana um guisado de forno de brócolis e queijo, que foi o que Shep e Zach dividiram no jantar. Shep já começava a perceber que, nas horas de aperto, as pessoas consideradas “amigas íntimas” não eram necessariamente as mesmas com quem se podia contar.

Para sua surpresa, dormiu um sono profundo. Para sua vergonha, estar na cama sozinho foi um alívio. A simplicidade, a vastidão sem exigências dos lençóis vazios. Não se apercebera da tensão de um outro corpo ao lado do seu, apodrecendo um pouco mais a cada minuto, de dentro para fora. Da energia que a impossibilidade de protegê-la drenava dele. Ninguém imaginaria que uma coisa que não se podia fazer e não se vinha fazendo pudesse tirar alguma energia, mas tirava.

* * *

Duas manhãs depois, o nervosismo de Shep antes de visitar a mulher refletia, em certos aspectos, seu medo da chegada dela em casa na Noite de Pemba, aquele nítido pavor de dizer a uma pessoa algo que ela não queria ouvir. Mais amalucado foi seu medo de que a tivessem modificado ou trocado por outra pessoa, de que tivessem retirado ou introduzido algo, naquelas remexidas com o bisturi, que a tornasse irreconhecível para ele.

Mas, enfim, não era uma ansiedade inteiramente descabida. Shep não sabia o que vinha a ser o caráter nem sob que grau de pressão ele se desestruturava e se adaptava a uma nova forma, sem qualquer semelhança com a pessoa que a “Família”, os “Amigos íntimos” e até os “Não tão íntimos” imaginavam conhecer. Era até possível que o “caráter” e sua prima-irmã mais superficial, a “personalidade”, fossem requintes, gentilezas decorativas da saúde perfeita, diversões eletivas como o boliche, que os doentes não podiam se dar ao luxo de ter. Dada a sua constituição robusta, Shep era forçado a tomar por referência umas indisposições ridículas, como gripes ou resfriados. Toda vez que se sentia mal, pensava no embotamento das cores, na estridência irritante dos pássaros e da música e na inquietante inutilidade de qualquer esforço, como se ele tivesse continuado o mesmo e o mundo a seu redor é que houvesse adoecido. Seu ânimo se abatia, o apetite minguava, as piadas desapareciam. Assim, pela introdução de um vírus minimamente tóxico, como quem acrescentasse umas gotas de limão a uma xícara de leite, um homem vigoroso, otimista e bem-humorado azedava e virava um purgante taciturno e indiferente. Lá se ia a durabilidade do “caráter”. Multiplicando esse efeito por mil, não era de admirar que ele temesse quem ou o que estaria na UTI do Columbia-Presbyterian.

Era provável que não fosse o único a detestar hospitais, ao visitar uma pessoa querida e, mesmo assim, ter de lutar contra a ânsia de fugir. Não eram só os cheiros nem o impulso biológico instintivo de evitar a doença. Se a doença era o grande nivelador, o problema era saber a que nível levava. Usando camisolas frouxas idênticas, humilhantemente abertas nas costas, os pacientes ao longo do corredor eram

privados de tudo o que os singularizava lá fora como pessoas talentosas, interessantes ou úteis. Absorvendo líquidos, medicamentos e nutrientes e sem produzirem nada em troca além de eflúvios, eram uniformemente incômodos. Vislumbrar aqueles amontoados adormecidos nas enfermarias, ver os olhares vazios fixados nos televisores, não induzia à impressão de que todas aquelas pessoas fossem igualmente importantes, mas à de que eram igualmente sem importância.

Ainda assim, Shep se comovia com o fato de todas serem internadas para tratamento, tanto o atendente da lavanderia quanto o maestro da Filarmônica. Confiava em que o atendente de lavanderia, por mais obtuso, grosseiro ou indolente que fosse, ou por mais que o substituíssem prontamente por outro desistente do curso médio, não recebia cuidados significativamente menos diligentes que o maestro. Devia fazer uns quinze anos que, um dia, quando Shep podava uma árvore em Sheepshead Bay, a serra elétrica havia escapulado e atingido a base do seu pescoço — tal como aquela broca em formato de serra circular tinha atingido o dedo de Glynis, só que em escala maior e perto da jugular. O sangue fora abundante. Ele ainda tinha a cicatriz. Sua lembrança disso tudo era o espanto. Afundando rapidamente nos primeiros estágios do choque, ele não pudera mais podar a árvore do cliente. Não pudera divertir os paramédicos com tiradas da Rádio Pública Nacional. Homem que sempre medira sua utilidade nos termos mais palpáveis, tinha ficado impossibilitado de fixar o suporte de persianas de alumínio ou instalar uma claraboia com painéis de vidro duplos. Mesmo assim, perfeitos estranhos tinham se apressado para comprimir toalhas limpas sobre seu ferimento, e outros desconhecidos haviam posto ternamente na maca o seu corpo ensanguentado. Um lado pragmático de Shep consideraria perfeitamente razoável que, no setor de internações de um hospital médio, perguntassem não só que medicamentos você vinha tomando e se era alérgico à penicilina, mas também qual era o seu QI e se você sabia construir um prédio de dez andares, quantas línguas falava e qual fora a última vez que tinha feito alguma coisa útil, ou seja, para que você servia. Em vez disso, espantosamente, eles envidavam todos os esforços para estancar o sangramento, mesmo que você não tivesse a menor serventia terrena para ninguém.

Com uma multiplicidade de tubos saindo de baixo do lençol, Glynis ocupava o espaço de uma criança sob as cobertas. Parecia um saco, algo descartável. Segundo o Dr. Hartness, eles haviam reduzido aos poucos a administração de morfina na noite anterior, e retirado a sonda nasal. O cirurgião tinha avisado que, ao acordar, ela ainda estaria grogue e desorientada. Com uma coloração cinzenta, parecia cochilar. Por uma vez na vida, Shep olhou para sua mulher e não se deslumbrou por ela ter cinquenta anos completos.

Puxou uma cadeira, tomando o cuidado de não fazer barulho. Sentou-se na beirada. A uma simples subida de elevador do alvoroço da Broadway e suas enormes roscas retorcidas, vendidas em carrocinhas, esse era um estranho mundo de estase, onde quase sempre os prazeres mínimos eram mais atraentes enquanto esperados do que ao serem recebidos — um gole de suco de abacaxi, o manjar branco de terça-feira, com calda de morango, uma visita trazendo flores cujo cheiro doce e penetrante acabava perturbando os estômagos delicados. Um mundo em que o esquecimento era o nirvana, em que nunca se podia ter a esperança de não sentir dor, mas apenas menos dor. Shep queria tanto não estar ali, que era como se não estivesse. Ansiou por cortar aqueles tubos com uma espada poderosa, como se rompesse os grilhões da amada num calabouço, e por erguê-la nos braços, com a camisola arrastando, e arrebatá-la de volta para o mundo luminoso, barulhento e frenético de táxis, cachorros-quentes, viciados em crack e penhoristas dominicanos, onde pousaria os pés rosados e descalços de sua donzela no concreto frio e ela voltaria a ser uma pessoa.

Quando lhe segurou a mão sem a agulha intravenosa e a aqueceu com a sua, a cabeça de Glynis pendeu para o lado dele, virando-se da outra ponta do travesseiro. Suas pálpebras tremeram. Ela passou preguiçosamente a língua nos lábios e engoliu.

— *Shepheerd.*

Pela rouquidão de uma garganta dolorida por causa da entubação, ela impregnou em seu nome o

ronronar erótico e grave que sempre havia mexido com ele, mesmo quando a intenção de Glynis era repreender. Nessa hora, os olhos dela se abriram por completo e Shep reconheceu sua mulher.

Era Glynis, embora ela não estivesse muito presente. Tinha feito uma longa viagem e ainda não havia regressado por inteiro.

— Como está se sentindo?

— Pesada... e leve, ao mesmo tempo. — Ela soou meio bêbada e pareceu ter dificuldade de mexer a boca. Shep teve muita vontade de lhe dar água, mas era proibido. Nada por via oral até os intestinos voltarem a funcionar. — Pensando... — Glynis pareceu dizer, deixando os olhos correrem pelo teto. — Tudo incrível.

Bem, com certeza ela não via o quarto como Shep.

— Procure não falar muito.

— Sonhos... Muito reais. Muito longos e complicados. Algo sobre um diadema de prata. Foi roubado, e você me ajudou a vingar...

— Psssiu. Você pode me contar depois. — Depois ela não se lembraria. — Sabe onde você está? Lembra-se do que acabou de acontecer, e de por que você está aqui?

Glynis respirou fundo e houve em sua exalação um desmoronamento, um afundar-se no colchão.

— Não me lembrei, por um tempão — disse, num tom que já era todo rouquidão sem ronronar. — Foi adorável, como fazer o tempo retroceder. Mas então veio a lembrança. A gente não imagina que possa esquecer que tem câncer. Mas pode, e essa é a parte amena. Aí vem a recordação, e essa parte é terrível. Como ter que passar por tudo de novo.

— E sozinha, pela segunda vez — disse ele. — Você nunca deveria ter tido que ouvir o diagnóstico sozinha, Gnu. Eu devia ter estado lá com você.

— Sem diferença. Sozinha, assim mesmo.

— Não, você não está.

Ela estava.

— Cirurgia. Não se preocupe, eu entendo. Não estou tão fora do ar assim. Esse foi o único consolo, quando me lembrei — acrescentou, tornando a engolir com dificuldade. — Porque também me lembrei que eles o raspam fora.

Não todo, nem de longe não seria uma réplica terapêutica. Apesar disso, Glynis estava mais lúcida do que ele esperava, apenas engrolando um pouco a fala, e Shep tinha prometido ao médico que lhe contaria. O cirurgião deveria passar por lá mais tarde para falar com ela, nessa manhã. Se Shep ia dar a notícia — *delicadamente*: era esse o advérbio convencional, embora não houvesse nada de delicado na notícia —, tinha que fazê-lo nesta visita.

— Gnu, a cirurgia foi um sucesso. Você está estabilizada e se recuperando bem. Não houve complicações. Ou melhor, houve apenas uma complicação. Quer dizer, eles... encontraram uma coisa.

E Shep enunciou toda a sua arenga, com a grande prática adquirida ao telefone. *Desfecho menos otimista*. A mesma expressão.

— Sem sondas — foi tudo que disse Glynis, quando ele terminou. — Graças a Deus. Eu não gostava dessa ideia. Nunca disse isso à Flicka, mas aquele bico de plástico no estômago dela sempre me deu arrepios. Como ser metade humana e metade... uma cremeira.

Shep pestanejou. Era como se Glynis não o tivesse ouvido.

— Você entendeu tudo que acabei de lhe dizer?

— Eu o ouvi — fez ela, soando aborrecida. — Células diferentes, sem sondas, químio. Vamos fazer a químio assim mesmo.

Alguma coisa deixara de ser registrada por completo. Talvez o problema fosse a morfina.

Shep havia tirado a manhã de folga e ficou por ali para aguardar o cirurgião. O Dr. Hartness se atrasou, e ele procurou não se zangar com o homem que tinha batalhado com tanta valentia em prol da sua

mulher. Mesmo assim, as duas horas adicionais lhe custariam parte da tarde de trabalho. Ele não podia se dar ao luxo de muitos dias inteiros de ausência. Ficou difícil continuar conversando e, quando Glynis cochilou, ele foi buscar um café horroroso que não queria. Por fim, o cirurgião entrou, com o andar tranquilo, e Shep pôde assistir de fora ao mesmo drama, à mesma recitação sobre a apresentação *bifásica*, à mesma perfeita falta de captação por parte de Glynis — sem decepção, sem perguntas, sem lágrimas.

O Dr. Hartness passou rapidamente ao toque de clarim:

— Mas não pense que estamos jogando a toalha. Vamos começar logo com o Alimta. É um remédio potente. Nós vamos entrar com tudo. Temos planos de ser muito agressivos com esse negócio.

Agressivo era uma palavra que os praticantes da medicina imputavam com frequência ao próprio câncer, e a cooptação do mesmo adjetivo para se referir ao seu adversário invocou novamente uma batalha — contra o mau tempo. Uma nevasca, um vendaval.

CAPÍTULO OITO

Engolindo Tylenol como se fossem balinhas Tic Tac, Jackson começava a temer que os antibióticos não estivessem funcionando. Mas não era hora de se concentrar em suas inquietações médicas comparativamente insignificantes, e ele ficou grato por esse senso de proporção. Era a segunda semana de Glynis no hospital; fora do tratamento intensivo e instalada num quarto particular, agora ela recebia visitas.

Ele havia quebrado a cabeça para decidir o que levar. Shep dissera que o intestino dela tinha finalmente voltado a funcionar, e Glynis estava ingerindo pequenas quantidades de alimentos sólidos. Mas o que levar para uma pessoa em recuperação de uma cirurgia de grande porte: pudim de baunilha? Para protegê-la de infecções, as flores estavam proibidas. Nesse dia, ao dar uma corrida ao hospital, mais cedo, Carol tinha levado um casaco quentinho de lã macia, com zíper, que Glynis poderia usar na cama, num vermelho-vivo que favorecia seu tom de pele — um presente inspirado, do qual ele sentira inveja. Por fim, Jackson acabara optando por uma embalagem de um litro de suco fresco de maracujá. Mesmo que não fosse, *soava* revigorante e, ao menos daquela vez, ele se alegrou por Park Slope ter ficado toda metida a besta, afetada e ridícula; o suco estava à venda na primeira delicatessen em que entrou, na Sétima Avenida. Droga, não havia como saber quantas outras visitas ele faria até esse pesadelo acabar, e já estava ficando sem ideias para os presentes. Era certo instalar-se um padrão no qual, quanto mais Glynis os merecesse, menos encontraria serventia para a comida, os livros, a roupa ou a música.

Foi fácil identificar o quarto dela: o clube da Luluzinha estava reunido em frente à porta. Hora inoportuna. Jackson parou para se recompor e alterar o caimento da calça, enfiando as mãos nos bolsos. Era a calça mais larga que tinha, de quando pesava cinco quilos a mais. Ele havia aprendido a andar empurrando os bolsos para frente, por dentro e com sutileza, para que o tecido não encostasse em nada.

Reconheceu a senhora que tagarelava com as duas mulheres mais jovens, que com certeza já passava dos setenta, mas usava uma roupa florida, toda cheia de acessórios, que anunciava em voz alta: *Posso estar envelhecendo, mas ainda tenho amor-próprio*. Era Hetty, a mãe de Glynis. Jackson a encontrara uma vez, na casa do Shep, onde ela havia tagarelado com uma vivacidade exaustiva no jantar. O que mais o havia impressionado, em Elmsford, era como Hetty tinha que estar sempre a mil. Suas infinitas atividades em Tucson iam desde uma campanha para impedir que os imigrantes ilegais tirassem carteira de motorista até um cardápio mais neutro, como um curso de acabamento em antiguidades e ioga para maiores de sessenta e cinco anos. Hetty o fizera lembrar-se daquela variedade desconcertante de colegas do ensino médio que abarrotavam as horas de lazer com “atividades extracurriculares”, todos os dias da semana; ela bem que poderia participar dos ensaios da banda e concorrer à vice-presidência do Clube de Debates. Jackson não conseguira discernir se essa azáfama frenética da mulher era o que alegava ser — uma ardorosa determinação de viver na plenitude todos os dias que lhe restavam — ou justamente o inverso: uma fuga. Uma determinação igualmente ardorosa de desviar a atenção daquilo que só ela poderia saber, e, portanto, uma completa incapacidade de preencher sua vida no mais ínfimo aspecto. Como quer que fosse, Hetty era o tipo de senhora que estaria aprendendo hindu no leito de morte, e jamais lhe entraria na cabeça que agora ela nunca iria a Nova Délhi para praticar a frase “Onde fica a

estação ferroviária?”.

Por mais que o tempo passasse, aquela noite continuava fresca na memória por Glynis ter ficado tão irritada. Hetty fizera uma observação bastante inofensiva, aos olhos de Jackson, e Glynis a havia interpretado no sentido de a mãe estar pondo aquela baboseira de aula de cestaria no mesmo nível que seu trabalho artístico com metais. Tinha se levantado e anunciado em tom gélido que era formada num curso superior, obrigada, citando os dois museus que haviam incluído peças dela em suas coleções permanentes e listando todas as galerias que haviam exposto seu trabalho, na *cidade de Nova York*, ainda por cima — e não, como ficara subentendido, naquela roça insignificante no sudoeste do país. Jackson lembrou-se de ter ficado constrangido. Glynis tinha idade suficiente para deixar para lá um ou outro comentário descuidado. Listar cada uma daquelas galerias a havia transformado de volta numa garotinha.

Embora Jackson percebesse que, com o tempo, aquela efusividade compulsiva podia tornar-se desgastante, Hetty Pike, vista com frieza, era uma pessoa bastante comum. Ele sempre se admirava com o nível de emoção que as deficiências corriqueiras e as excentricidades banais do mais insignificante dos personagens podiam provocar, quando por acaso esse fulano ou fulana vinha a ser um de nossos pais. Certo, Glynis e a mãe estavam em polos diametralmente opostos. Perfeccionista, Glynis era reservada, extremamente crítica e totalmente sombria; Hetty era de um bom humor radiante, emotiva, e não se preocupava nem um pouco se o vaso moldado por ela na oficina de cerâmica saísse torto e vazasse. As duas não tinham qualquer semelhança física: Hetty era baixa, de rosto redondo e alegre e cabelo grisalho, com um permanente fofo. As feições alongadas e angulosas de Glynis eram um eco das fotos de seu pai, magro e desengonçado (Glynis o adorava; de certo modo, talvez acusasse a mãe pelo fato de ele, e não Hetty, ter despencado da encosta de uma montanha num acidente de escalada, uns vinte anos antes).

No entanto, em vez de descartar a incongruência, Glynis se deixava levar à loucura pela constatação de que ela e a mãe não eram iguais, e de que ela nunca seria conhecida nem compreendida, muito menos receberia o selo de aprovação da Boa Dona de Casa. Na meia-idade, ainda queria algo da velha senhora, e naquele jantar, Jackson havia lutado contra a ânsia de chamá-la no canto e cochichar em seu ouvido que ela deixasse para lá. Hetty era uma mulher normal, limitada, que provavelmente tinha sido tão boa mãe quanto era capaz — ou seja, a versão medíocre de praxe. E daí? Era muito tarde para buscar algo mais. Além disso, em última instância, aquilo por que Glynis ansiava — e, de algum modo, o monte de abstrações banais como *validação*, *reconhecimento* e *aceitação* não conseguia captar a natureza dessa carência — não estava ao alcance das possibilidades de nenhum pai ou mãe.

Afinal, os pais do próprio Jackson eram despreziosos, de modo que, durante muito tempo, haviam administrado em sua garagem um negócio de móveis usados. Com os problemas de coluna do pai, ele podia implorar aos dois que o deixassem carregar a picape, quando, enfim, vendiam um dos elefantes brancos mais pesados, porém, com certeza, não iria a Bay Ridge comer Marmitako requentado — prato de nome vistosamente étnico, mas indistinguível de um ensopado de atum, quando feito com aquela bosta enlatada — para se sentir melhor a respeito de si mesmo. Seu senso de autoridade, masculinidade, vigor e segurança era de sua responsabilidade, e era *por isso* que ele havia tomado providências por conta própria, dez dias antes. Não era do tipo que ficava esperando que outra pessoa lhe desse o que ele queria: ia lá e o pegava. *Isso* era conferir poder a si mesmo, e *isso* transmitia amor-próprio.

— Jackson Burdina! — exclamou Hetty, acenando. Pôs sua lata decorada no chão, para melhor segurar a mão dele entre as suas, e não a soltou. Era provável que a boa memória para nomes fizesse parte do repertório de uma professora primária aposentada e, sendo assim, o dele devia ter sido acrescentado a uma lista com os nomes de milhares de crianças de seis anos. — É um prazer vê-lo, mas sinto *muito* pela ocasião. Você também tem filhos, e por isso sei que compreende... — Seus olhos ficaram marejados. — Esta é a pior coisa que pode acontecer a uma mãe.

— Sim, é duro — concordou ele, torcendo para que Hetty soltasse sua mão.

Em vez disso, ela o puxou para as duas mulheres paradas logo adiante. É de supor que arrastá-los

com firmeza pela mão fosse a maneira de apresentar alunos da primeira série a seus novos amiguinhos.

— Bem, acho que você não conhece minhas outras duas filhas. Ruby? Deb? Digam olá a Jackson. Ele e a mulher são muito queridos pela sua irmã.

Jackson apertou as mãos de ambas, maravilhado ao ver como Ruby, a irmã do meio, podia ser tão fantasticamente parecida com Glynis e, no entanto, ser tão fantasticamente menos bonita. Glynis era esguia; Ruby era um palito. Glynis era majestosa; Ruby, desengonçada. O mesmo conjunto de traços praticamente idênticos se reposicionava sutilmente no rosto de Ruby, em detrimento da irmã mais nova, e, embora não se pudesse chamar a mais velha de bem-dotada, ao menos Glynis tinha seios. Glynis vestia-se de maneira simples, porém elegante; os jeans pretos de corte reto e muito surrados de Ruby, com o moletom cinza comprido e largo, faziam o gênero simples, mas esmolambado. A maior diferença, porém, talvez fosse o jeito. Glynis tinha um ar distante e malicioso que a fazia parecer misteriosa e quase régia. Ruby se mantinha a igual distância, no entanto, o efeito era fechado e mesquinho; ela consultava o relógio com demasiada frequência e tendia a andar de um lado para outro, como se fosse melhor esse tal de câncer andar logo, porque ela precisava ir a outro lugar. Previsivelmente, mal eles terminaram o “muito prazer”, o celular de Ruby tocou. Franzindo o cenho para o painel digital, ela recitou o lema da mulher atarefada contemporânea:

— Desculpe, mas tenho que atender essa ligação.

O hospital não permitia o uso de telefones celulares, alegando que o sinal interferia nos equipamentos. (Pura conversa fiada, segundo as buscas de Jackson na internet, por causa da Flicka. Eles só queriam cobrar tarifas exorbitantes pelos telefones dos quartos. Mas Jackson nunca tivera coragem de jogar suas pesquisas na cara de uma autoridade hospitalar. Esse hábito de ser macho com os ratos e rato com os homens era outra coisa que tinha de mudar.) Assim, Ruby desceu para dar seu telefonema na rua, o que o deixou com Deb, uma figura gorducha, de ar inofensivo, que irradiava boas intenções vazias. A blusa laranja justa de gola alta e a saia azul-marinho debruada, de comprimento matronal, não a valorizavam em nada.

— Tenho rezado pela Glynis desde que soube — disse. — Toda a nossa igreja em Tucson está rezando por ela. Você sabe que já fizeram estudos. Isso funciona.

É claro que não era justo descartar todos os cristãos renascidos como autômatos. Mas, desde quando Jackson precisava ser justo?

— Bom, nós estivemos conversando sobre como proceder aqui, Jackson — disse Hetty, pondo a mão no braço dele. — A Glynis vai estar muito cansada, e não queremos sobrecarregá-la. Acho que devemos entrar um de cada vez, e procurar não demorar muito. Agora o Shep está com ela e, se você puder esperar, Jackson, nós decidimos que a Deb vai em seguida, depois a Ruby, e aí eu posso entregar os biscoitos favoritos dela. — Era como se Hetty estivesse arrumando as crianças em fila para irem ao bebedouro.

Shep saiu de mansinho pela porta e, ao cruzar o olhar com Jackson, revirou os olhos. Não há nada mais estranho que a família dos outros, e ver seu velho amigo encheu Jackson daquela sensação clara, segura e agradecida de quando se dobra a esquina e avista a própria casa.

— Ela é toda sua — anunciou Shep a Deb e Hetty, e puxou Jackson para o corredor.

— Rapaz, essa não foi fácil — murmurou. — Convencer a Glynis a ver a família que veio lá do Arizona. Foi por um triz que não tive que simplesmente levá-las de volta para Elmsford. A Glynis está se sentindo uma bosta e não entende por que tem que se esforçar para fazer outras pessoas se sentirem melhor. Esse negócio de visitas... Quero dizer, tenho certeza de que ela vai gostar de ver você. Mas, para a Glynis, isso é uma imposição. Ela fica fula da vida.

— Bem, e como se sentiria se ninguém viesse vê-la?

Shep sorriu:

— Fula da vida.

— É preciso adorar aquela sacana — disse Jackson, com admiração.

— Sabe, a palavra *paciente* não é especialmente apropriada no caso da Glynis.

— Se ela não estivesse sendo impossível, você ficaria preocupado.

— É. Mas continuo preocupado.

Quando os dois voltaram devagar em direção ao quarto, cuja porta estava entreaberta, a ânsia de escutar foi irresistível. Mesmo com a saída de Ruby, a conversa que ela e a mãe fingiam manter era, no mínimo, desanimada. Ninguém queria conversar sobre o show.

— Não acredito que você esteja usando o fato de eu estar de cama, depois de uma cirurgia como essa, para bancar a missionária. — A voz de Glynis estava um pouco arrastada, por causa do baixo nível de morfina, mas Jackson ficou contente ao reconhecer sua contundência tradicional. — Isso é que é chutar uma garota quando ela está no chão.

— Mas, e se eu estiver certa? — implorou Deb. — É uma coisa lógica, Glyn. Se você tem razão e tudo que nos espera é um grande negrume vazio, não faz diferença no que você acredita. Porém, se eu estiver certa, se Jesus estiver certo, você precisa aceitá-lo como seu Salvador para entrar no paraíso. Faz sentido se precaver, não é? Por via das dúvidas? É quase como... a matemática, sabe? Do seu jeito, você não ganha nada, definitivamente; e, do meu, você tem uma chance de vida eterna. Quer dizer, se a loteria é grátis, por que não pegar um bilhete? Todos os seus professores diziam que você era muito inteligente.

— Do *meu* jeito, eu preservo a minha dignidade — disse Glynis, em tom áspero. — E não gosto que você se despenque para Nova York para me riscar do mapa. Eu não quero ir para o céu. Quero ir para casa.

— Nunca é cedo demais para se preparar para o encontro com Deus, e para receber Jesus no coração.

— Hoje em dia, toda família tem um — cochichou Shep. — Em geral, é o tampinha do grupo.

— Aquela gorduchona, com ênfase no aumentativo, não é nenhuma tampinha — murmurou Jackson em resposta.

— É, ela está na dieta de Atkins. Produz umas massas lá no rancho, o que é um porre. Mas eu falei em tampinha pensando na base do pilar do totem. Ela nunca teve muita coisa a seu favor. Sem carreira, dona de casa, cinco filhos. Essa história de cristianismo lhe dá uma força.

— É vigarice.

— Ei, o que funcionar serve. Se a pessoa tem duas irmãs que não consegue superar, então, ela muda as regras. E pronto, passa a deter a superioridade espiritual e finalmente pode falar com condescendência com todo o pessoal que falou assim com ela durante quase toda a vida.

— Será que vocês, abutres, saem voando pelo país, baixando em cima das pessoas que estão fracas demais para encarar a briga? — disse Glynis. — Parecem esses advogados de porta de hospital. Santo Deus, nem a Nancy veio aqui tentar me empurrar a Amway.

— Você não deve usar o nome do Senhor em vão — argumentou Deb. — Uma porção de gente como você, que finge não acreditar, continua a usar *Jesus Cristo* e *Jesus Todo-Poderoso* e *Santo Deus* como exclamações. O nosso pastor fez um sermão inteiro sobre isso. Disse que vocês clamam pelo amor e pela redenção de Deus, mesmo sem saber. Algo dentro de vocês sabe que a mão misericordiosa Dele está próxima.

— Deb, nem que eu me ferre toda eu consigo ver o que há de tão “misericordioso” nos últimos três meses.

— Viu? Você fez de novo: “Nem que eu me ferre toda.” Você *está* condenada à danação, se não abrir seu coração para Deus. Quem sabe, talvez essa doença seja a maneira de Deus fazê-la ver a luz Dele.

— Quer dizer que estou sendo castigada pelos meus hábitos pagãos? Não é possível que você esteja dizendo que os seus amigos cristãos renascidos lobotomizados nunca tenham câncer.

— ...Pelo menos, ele com certeza a deixou magra — disse Deb, em tom melancólico.

— É, é isso aí. A Dieta do Mesotelioma. O livro ainda não saiu, mas você pode levar vantagem na largada, mastigando uns pedaços velhos de isolamento.

— O Shep disse que isso tem alguma coisa a ver com o amianto, não é?

— É provável que eu tenha sido exposta a ele na Saguario. Se pudesse, eu “abateria” neste instante todos os acionistas do fornecedor da escola com um mesotelioma peritoneal. Mas arrancar algum dinheiro deles vai ter que bastar.

— Você não deve ter esses maus pensamentos.

— Não tenho outra coisa senão maus pensamentos.

— Eu esperaria — arriscou Deb, hesitante — que uma doença mortal...

— Adoro essa expressão. Já ouviu falar de alguma “doença imortal”? — O risinho gaguejou e virou uma tosse. — Pensando bem, a doença é imortal. “Paciente mortal atingido por doença imortal”, é mais por aí.

— Pensei que essa situação trouxesse naturalmente à tona a bondade, a misericórdia e a gratidão numa pessoa — disse Deb, parecendo aborrecida.

— O que *esta situação* traz naturalmente à tona em mim é amargura e raiva. Quando a pessoa tem câncer, pode agir como quiser.

— Mas agora você tem a oportunidade de ver quanto os seus amigos e familiares se importam com você. O Shep me disse que tem tido uma dificuldade enorme para cuidar do seu horário, por causa da quantidade de pessoas que querem vir visitá-la. É um momento para você se sentir abençoada.

— Eu me sinto amaldiçoada. Principalmente por esse tipo de homilia triste e pobre de gente como você, que não sabe nem de longe do que está falando.

— Pode ser rancorosa o quanto quiser! — exclamou Deb, que, por alguma razão, tinha começado a chiar, ofegante.

— Pode apostar que eu serei — rosnou Glynis.

— Ainda quero que você saiba que eu sempre a admirei... — *chiado* — e respeitei você. Você é linda e talentosa e... — *chiado, chiado*. — Você tem sido uma esposa amorosa, e criou dois... dois... dois filhos lindos. Sempre se lembre... — *chiado, chiado, chiado* — de que eu me orgulhei de ter você como irmã!

— Cuidado com a porra do tempo verbal! — atirou-lhe Glynis nas costas, como um sapato que estivesse à mão, enquanto a irmã mais nova fugia pela porta, às lágrimas, apertando um inalador.

— Isso está parecendo assaltos de rinha de galo — comentou Ruby, enquanto Hetty abraçava e dava tapinhas na caçula soluçante. — O garnisé campeão do Quarto 833 encara quem vier. Deseje-me sorte.

— Não demore — disse Shep.

— Pode contar com isso, parceiro — retrucou Ruby. — Meu plano é fugir enquanto ainda tiver as penas da cauda.

Talvez atenta à chatice do corredor, Ruby deixou a porta escancarada. Como Shep as alertara para que não dessem beijos, Ruby apertou o pé esquerdo da irmã antes de puxar uma cadeira, apoiando as pernas compridas e magras na barra lateral da cama.

— Você tinha que atingir a Deb desse jeito? Ela é um alvo tão fácil.

— Só tenho energia para golpes baixos. E depois, usar esta ocasião para tentar me converter, mais uma vez, é um desafio.

— Ela está tentando consolar você. Só tem esse número-padrão com Jesus.

— Ela sofreu uma lavagem cerebral, e é como receber uma visita dos Cretinos Zumbis Assassinos dos Mortos-Vivos.

Ruby deu uma olhadinha na direção do corredor e disse em voz baixa:

— Ela pode ouvir.

— Não me importo.

— Mas ela acredita mesmo nesse troço. O simples fato de não acreditarmos não faz com que ela seja insincera.

— Abomino a sinceridade.

— Ótimo. Então, vou tentar ser o mais falsa e superficial que puder.

— Seria genial.

— Então, *como vai você?* — perguntou Ruby. Essa indagação curiosa, enfática, esse apoio nas palavras, devia ser um refrão tonal regular nas visitas hospitalares, mas provavelmente saía pela culatra.

Glynis suspirou:

— O que posso dizer? Meu corpo inteiro dói. Não consigo dormir de noite. Cinco minutos, deitada aqui no escuro, passam com a velocidade da era paleozoica. Aí, durante o dia, fico grogue. E ainda tenho de conversar com pessoas como você, quando não há nada para falar. Porque, o que pode ter acontecido? A televisão é minúscula e só recebe canais abertos, com chuvisco. De tarde, a luz do sol que entra pela janela apaga a imagem. É humilhante chorar por não poder assistir ao programa *The Price Is Right*. Mas, com os remédios para a dor, não consigo me concentrar nem mesmo até o fim de um artigo sobre a cor das sombras para olhos desta primavera. A agulha intravenosa na minha mão me dá nervoso. Tenho a constante convicção de que o esparadrapo vai se soltar e a agulha vai me rasgar de lado, saindo da veia. Eu me condicionei a nunca olhar para ela.

Jackson sabia o que ela queria dizer, embora ele próprio oscilasse entre a mesma decisão de não olhar de jeito nenhum e o exame obsessivo.

— A comida é nauseante — continuou Glynis, depois de um gole de água. — Quando não a devolvo, ela fica entalada, e aí me enfiam uma mangueira no rabo. Quando o Shep não está aqui para me ajudar a ir ao banheiro, na maioria das vezes, as enfermeiras não atendem meu chamado. Assim, eu luto sozinha com a comadre. Faço xixi nos lençóis e nas coxas. Você queria mesmo saber disso tudo?

— É claro que sim.

— Mentira sua. Logo, logo as pessoas vão perguntar “E então, como *vaaaaai* você?”, e eu vou dizer “Ótima”, e todos ficarão felizes.

— Quando vão deixá-la sair daqui?

Não havia dúvida de que Glynis respondera inúmeras vezes a essa pergunta:

— Eles acreditam que em pouco menos de uma semana — respondeu, com a voz arrastada de tédio.

— A mamãe e a Deb vão ficar. Mas é provável que eu tenha de pegar o avião de volta antes de você ir para casa.

— Você acabou de chegar e a primeira coisa que faz é me dizer que tem de ir embora.

A tentativa de inspirar culpa foi uma piada, considerando-se que Glynis não tivera a menor vontade de ver a família, mas talvez seu uso da doença até o limite fosse um bom sinal. Significava que ela ainda era Glynis.

— Não foi a primeira coisa que eu disse. Mas a Feira da Quarta Avenida começa neste fim de semana, e nós temos uma banquinha lá. Alguém tem que voltar para a galeria e cuidar da loja.

— Ou seja, não faz mal se a sua irmã está com câncer, quando se trata de ganhar mais dinheiro.

— Glynis. A vida continua.

— Para algumas pessoas.

— É, Glyn, para algumas pessoas. O que não é culpa minha.

— Pensei que a sua galeria estivesse indo às mil maravilhas. Faturando alto.

— Ela está indo bem — disse Ruby, com moderação.

— É claro que alguns artesãos de metal veriam nisso uma oportunidade e tanto, uma irmã que se juntou ao inimigo. Pior para mim.

No corredor, Shep soltou um gemido:

— Lá vem isso de novo.

Ruby pôs uma das mãos na têmpora:

— Você não tinha peças em quantidade suficiente para uma exposição individual.

— Porque eu sou muito preguiçosa. Fico me refestelando na minha linda casa, comendo bombons.

— Porque você se angustia com tudo, Glynis. Nunca entendi o motivo.

— Você não conseguiria.

— Mas a vida é curta demais para essa sua mania de ficar esfregando as mãos. Talvez agora você possa avaliar melhor isso. Os outros artesãos que eu conheço simplesmente criam coisas. E depois criam outras coisas. Não têm que parir o trabalho.

— Eu, sim. *Eu tenho que pari-lo*. E depois, quando você me regalou com a informação do quanto Tucson tinha se tornado urbana e chique, e de que o seu espaço não era uma lojinha local de segunda, mas uma *instituição respeitada*, num *grande centro artístico*, não é? Eu me ofereci para contribuir com apenas uma ou duas peças para uma exposição coletiva, e ainda assim você rejeitou!

— Já discutimos isso! Àquela altura, tínhamos trocado o nome para Arte Nativa e nos especializado em trabalhos dos pueblos e navajos, além de exibir outros artesãos, a maioria do sudoeste, que possuem essas influências. O seu trabalho destoaria completamente de tudo. Ele é muito... rígido, muito... contemporâneo.

— Meu Deus, eu odeio aquela porcaria étnica — resmungou Glynis.

Ruby colocou os pés no chão e deu um tapa nas pernas:

— Para que passar por isso de novo? Essa briga já não parece insignificante? Não é uma estupidez?

— Do que você quer falar, então: do Iraque? Da Terri Schiavo?

— Talvez de... como ainda gostamos uma da outra, ou coisa assim.

— Perfeito. Ainda gostamos uma da outra. Essa está resolvida. Próxima?

Tinha razão. Seguiu-se um silêncio incômodo em que as duas ficaram paralisadas.

— De qualquer jeito, não me importo mais com o Iraque — resmungou Glynis. — Nem com a Terri Schiavo. Fico feliz se todos eles morrerem. Fico feliz com o aquecimento global e com a proliferação nuclear e com a escassez de água potável. Sou fã de terremotos e enchentes e gripe aviária. Ficaria encantada se as reservas mundiais de petróleo se esgotassem em 2007. Adoraria ver a porcaria toda pegar fogo, depois de levar uma trombada de lado de um asteroide do tamanho de Saturno.

— Meu Deus, Glyn. Acho que ficar doente nem sempre traz à tona o que as pessoas têm de melhor, não é?

— Talvez traga — disse Glynis, lutando para se aproximar dos travesseiros. — Mas talvez o que eu tenha de melhor, para mim, não seja o que eu tenha de melhor para você. Talvez o que eu tenha de melhor, para mim, seja cheio de ódio, vingativo e malevolente. Na verdade, essa é a palavra perfeita. Eu gostaria que todos também ficassem doentes.

— Fui orientada para não demorar e a não cansar você — disse Ruby, embora fosse ela quem soasse esgotada. — Amanhã, talvez?

— Ótimo. E aí poderemos falar mais meia hora de como *gostaaaamos* uma da outra.

— Como você quiser, Glynis.

— Não, já entendi. Não é como eu quiser. É óbvio que há um roteiro aí que eu devo seguir. Vou me certificar de pedir ao Shepherd para baixá-lo da internet.

* * *

Quando Ruby saiu, Shep sugeriu que os quatro fossem à cafeteria dominicana do outro lado da rua enquanto Hetty fazia, como frisou seu genro, uma visita *rápida e discreta*. Bater papo com apenas parte do clã de Glynis era agradável; toda vez que famílias inteiras se reúnem, ninguém pode falar mal dos

outros pelas costas, e não há nada a dizer.

Acomodaram-se num compartimento reservado. Sentar foi um alívio. Jackson tinha começado a se sentir meio tonto e sofria com uma sensação quente e latejante na qual procurava não pensar. Não era hora de se deter em seus próprios problemas; ele nem sequer tinha um problema, não de verdade. Era a solução de um problema, e ele estava simplesmente demorando mais para se recuperar do que esperava. Aquele... grumo esquisito, a protuberância. Era só inchaço, um inchaço normal que ia desaparecer. Ele lutou contra a ânsia de ir ao banheiro para fazer uma nova inspeção, apesar de não ver nenhum; numa zona suspeita como aquela, os banheiros atraíam vagabundos. E assim, sentou-se com os joelhos bem afastados, para arejar. Um deles bateu na perna de Shep e, quando Jackson não se mexeu, o amigo lançou-lhe um olhar.

— Francamente, toda aquela animosidade por eu não ter exposto o trabalho dela na minha galeria — Ruby estava falando com Shep. — Por que ela não pode esquecer isso de uma vez?

— Vocês duas sempre entram numa discussão sobre a Arte Nativa, mais cedo ou mais tarde — disse Shep.

— Um dia desses talvez não haja “mais tarde”. Essa é a questão. Está na hora de acabar com isso. E depois, nestas circunstâncias, será que ela também não podia dar uma folguinha à Deb? Pelo menos, dizer alguma coisa como *Eu tenho a minha espiritualidade e talvez ela não seja tão diferente da sua quanto você pensa*. Sabe, tentar contemporizar um pouco com ela.

— Bem, *algum dia* a Glynis “contemporizou” com você, Deb? — perguntou Shep.

— Ela nunca demonstrou nada senão desdém pela minha fé — respondeu Deb.

Shep reclinou-se na cadeira, correu os olhos pelo cardápio plastificado e disse:

— Vocês querem que tudo seja diferente. Querem acabar com todas as rixas antigas. Eu luto contra o mesmo impulso. Todos queremos ter certeza de que a relação seja seguramente mantida, digamos, no que o meu pai chamaria de “estado de graça”. Assim, se acontecer o pior, ainda conseguiremos dormir à noite. Mas pensem nisso da seguinte maneira: talvez a *Glynis* não queira que tudo seja diferente.

— Por que a Glynis não quereria que o nosso relacionamento ficasse, como você diz, em “estado de graça”? — perguntou Ruby. — Isso também é do interesse dela.

— Num certo nível, mais profundo do que vocês imaginam, a Glynis percebe que, dentro em breve, talvez não haja nenhum interesse. Por isso, os únicos interesses que ela tem estão no presente.

— Não entendi — disse Ruby.

— Bem, vocês três não tiveram sempre essas briguinhas?

— Sim! Então, vamos estabelecer um limite, dar isto por encerrado!

— Mas a Glynis está tentando se agarrar ao que tem. E o relacionamento é... do jeito que é.

Jackson riu:

— Não acredito que você disse isso — comentou. Uma fonte corrente de ridicularização era o fato de Randy Pogatchnik adorar tautologias (“É o que é, cara!” ou “Gente é gente, certo?”) e viver sob a ilusão de ter dito algo profundo, em vez de absolutamente nada.

— É, eu sei, devo estar cansado — disse Shep.

— Mas eu entendo o que você quer dizer — retrucou Jackson. — Ela está se agarrando à substância. Até uma merda de substância ainda significa alguma coisa. Além disso, se ela abrandar o foco e virar um cartão da Hallmark, a Glynis, tal como a Glynis se entende, vai desaparecer. É quase como morrer por antecipação.

— Eu ainda gostaria que ela pensasse em nós — disse Deb. — Depois do que você falou sobre as tais células, Shep. — Seus olhos tornaram a ficar marejados. — As... *sarmacoides*, ou sei lá o quê. Quero dizer, quem sabe... Sei lá, toda vez que fazemos uma visita, sempre pode vir a ser a última... E aí, tudo que teremos de lembrança será um monte de mau humor e rispidez e mesquinharia!

— É, bem — retrucou Shep, com um sorriso —, isso só quer dizer que você teria que se lembrar da

sua irmã de verdade.

— E como você acha que estão sendo recebidos aqueles biscoitinhos? — perguntou Ruby, depois que os cafés chegaram.

Shep arqueou as sobrancelhas por cima da borda da xícara:

— Mal.

— Fiquei preocupada com todo aquele chocolate, as castanhas-do-pará e a manteiga... É terrivelmente gorduroso, para uma pessoa cujo aparelho digestivo mal está funcionando.

— Pode-se dizer que sim — concordou Shep.

— Quer dizer, isso é não pensar no que a Glynis realmente quereria.

— Sim. — Os olhos de Shep brilharam. — Acho que a questão será essa.

— A mamãe sempre foi assim — disse Deb. — Ela diz que a gente deve dar aos outros os presentes que gostaria de receber.

— Isso explica os arranjos de flores secas e os aventais quadriculados — constatou Shep. — Eles também não combinaram muito bem com a Glynis. E o jogo de luvas artesanais de cozinha foi um desastre.

— A mamãe não queria dar biscoitos à Glynis, queria fazê-los — disse Ruby. — E eu realmente lamento toda a chateação — explicou a Jackson. — Depois de inventar esse projeto, ela mandou o Shep ao mercado, e depois ele teve de ir pela segunda vez, porque ela havia esquecido a castanha-do-pará. O supermercado não tinha nenhuma, então tivemos que ir até a loja de produtos naturais lá em Scarsdale. Ela precisou perguntar onde ficava cada colher e cada tigela da cozinha e como funcionava o forno, e depois estragou a fonte em cima da pia. Não está acostumada a usar batedeira e a massa respingou por todo lado: nos eletrodomésticos, no chão e nas paredes. E isso tudo foi para ser *prestativa*.

— A mamãe quer ser *vista* como prestativa — disse Deb. — Quer o mérito. Já reparou que ela só lava a louça quando o Shep está na cozinha? Quando ele está trabalhando, ela deixa tudo para nós.

— Se ela quisesse mesmo encantar a sua irmã — disse Shep —, traria algumas peças da antiga coleção de pedras e minerais do seu pai. Faz séculos que a Glynis anseia por aqueles espécimes. Sempre teve a esperança de incorporá-los ao trabalho dela.

— E como é que ela vai fazer isso agora? — perguntou Ruby, baixinho.

Shep afastou seu café com leite:

— Tem a quimioterapia... Não sabemos. Talvez funcione. Senão, por que eles a fariam?

Era uma conclusão sensata.

* * *

O grupo voltou vagarosamente para o hospital. Enquanto aguardavam no sinal, Deb perguntou se poderia usar o computador de Shep em Elmsford. Ela integrava um grupo nacional de oração que fazia uma vigília on-line pela Terri Schiavo, que mal vinha se aguentando sem os aparelhos.

— Eles a desligaram feito uma torradeira! — afluuiu-se Deb.

— Acho que essa ideia que você sempre teve — disse Ruby, ao lado de Shep —, de se mudar para o exterior... Deve ter sido suspensa.

— Bem, a sua família toda sempre achou que fosse uma ideia maluca.

— Acho que nunca a entendemos completamente — rebateu Ruby, com cautela.

— Eu não disse que vocês não a entendiam. Disse que a achavam *maluca*.

— *Excêntrica*, talvez. Embora essa ideia de que exista um outro país, um Valhala em algum lugar... nem sempre um lugar diferente, mas um trabalho diferente, ou o casamento perfeito, ou uma gravidez, algo que fosse uma resposta... Eu entendo o atrativo, mas não sei ao certo se existe uma resposta. Por

exemplo, no mês passado, assisti a uma montagem de *As três irmãs*, de Tchekhov, lá no Temple. Aquelas mulheres no interior, ansiando pela possibilidade de irem para Moscou. E a plateia sabe muito bem que nada seria diferente para elas em Moscou. Por isso, de certo modo, é bom elas não irem. Talvez seja uma sorte para você também. Você pode ficar com a ilusão de que existe uma solução em algum lugar, um recurso.

— Mas isto aqui é uma espécie de outro país — observou Shep, em tom ameno, quando cruzaram a porta dupla do hospital. — Sabia que, em algumas economias, você pode viver um mês com o que custa uma caixa de clipes de papel no Ocidente? Bem, pois aqui você pode trabalhar um mês para comprar uma caixa de clipes.

Shep tinha pago a conta da cafeteria antes que Jackson pudesse pegá-la e, embora o valor fosse pequeno, o gesto era o símbolo de uma suposição muito mais ampla: a de que todas as contas levavam a Shepherd Armstrong Knacker, tal como, em certa época, todas as estradas levavam a Roma. Jackson tinha certeza de que Shep tinha pago a viagem da sogra, ponderando que a pensão de professora que ela recebia era insignificante, e que já era “suficientemente duro” para uma mulher da idade dela, de repente, ter uma filha a quem ela poderia sobreviver. Shep também tinha pago a passagem de avião da Deb. A cristã renascida tinha todos aqueles filhos estudando em casa e um marido que trabalhava em horário integral para a Sistemas de Mísseis Raytheon — que tal isso para uma cristã? —, e por isso tivera que pagar a alguém para cuidar das crianças enquanto estivesse no leste; comprar a passagem aérea tinha sido “o mínimo que ele podia fazer”. Desde a chegada daquela turma, também se podia apostar que estava bancando os mantimentos, a gasolina e a biritá, que a moçada entornava feito água nessas ocasiões. Quando Glynis voltasse para casa, ele planejava instalar as parentas num hotel (e, depois de bisbilhotar aquelas visitas familiares no hospital, Jackson sabia por quê). Ocupado por causa da mulher, Shep não pudera ajudar Beryl a mudar sua tralha do apartamento não mais praticamente gratuito da Rua Dezenove Oeste com a força braçal que lhe ofereceria, em condições normais, e por isso lhe dera — até Beryl começava a renunciar à farsa de que os valores que pegava com o irmão eram empréstimos — os dois mil paus para que a mudança fosse levada para Berlin numa picape profissional. Ele continuava a subsidiar Amelia, caso contrário, a filha jamais poderia trabalhar para aquele jornal que circulava entre dez pessoas, e as mensalidades escolares do Zach eram tão altas quanto se ele frequentasse um colégio particular. O pai de Shep não tinha ideia de como eram altas as suas contas de combustível para aquecimento no inverno, pois fazia anos que não pagava nenhuma. *Nada* disso era dedutível na declaração do imposto de renda.

E tudo isso por cima das despesas não negociáveis habituais que os aspirantes a imigrantes não levavam em conta, ao verem os Estados Unidos através dos cifrões de seus olhos: o aluguel pesado (está bem, Shep fora um idiota, mas, se tivesse comprado um imóvel em Westchester, haveria a hipoteca, a manutenção e o imposto predial — ou seja, como se o indivíduo fosse inquilino da própria casa —, de modo que a diferença era mais desprezível do que se poderia supor). O seguro da casa. O seguro do carro e os consertos de preço extorsivo. Contas de gás, luz e água, todas numa ascensão veloz. A conta E-ZPass do passe do pedágio, sedutoramente simples para o sujeito não notar que pagava oito dólares a cada vez que passava pelo túnel Holland. As contas do telefone celular, que podiam chegar a centenas de dólares por mês, quando você tinha filhos que trocavam mensagens de texto com cada cidadão da China. A Previdência Social (que pretensamente economizava *pelo* sujeito para a velhice dele, mas rendendo zero de juros, o que garantia que, quando ele e Shep chegassem aos sessenta e cinco anos e fossem “avaliados quanto à sua carência de recursos”, nunca veriam um centavo do “seu” fundo de aposentadoria, porque o sistema estava falindo). Isso para não dizer que quase metade da renda do indivíduo ia para as *calçadas*. Portanto, se, além disso tudo, o pobre sujeito estava sendo garfado em quarenta por cento de cada aspirina de trezentos dólares naquela catedral da assistência médica, Jackson calculou que a conta do Merrill Lynch, antes intocável, devia estar começando a encolher.

Quando eles voltaram ao oitavo andar, Hetty estava parada no corredor, ainda segurando a lata que equilibrava cuidadosamente a noite toda. Tinha os olhos inchados e parecia desnorreada.

Com a mão livre, segurou o braço do genro:

— Sheppy, meu querido, graças a Deus você voltou. Francamente, sei que ela não está passando bem e não é a mesma de sempre. Mas gastei horas nesses biscoitos crocantes de chocolate com castanha-do-pará. Colocando e tirando a assadeira do forno, tomando cuidado para não deixar queimar nenhuma fornada, pondo os biscoitos nas grades para esfriar, tornando a untar o tabuleiro... Só para que a minha filha tivesse uma comidinha caseira, um lembrete junto à cama do amor e do cuidado da mãe. Eu entenderia que ela pudesse não querer um biscoito neste minuto, quem sabe. Mas, por que ficar tão zangada comigo? O que eu fiz de errado? É muito difícil ser forte por ela, quando ela está terrivelmente magra e pálida e eu só tenho vontade de segurá-la no colo e chorar...

Shep passou o braço em volta dos ombros da sogra e a estreitou:

— Confie em mim. A Glynis sentiu mais prazer criando problemas com os seus biscoitos do que jamais teria comendo um deles.

— *Substância* — disse Jackson.

— Escute — falou Shep —, eu vou levar essa turma para comer alguma coisa. — (E pagar a conta, pensou Jackson, reflexivo.) — Quer dar um alô à Glynis? E procure...

— Não se preocupe.

A mente de Jackson bradava advertências: *não a faça repetir detalhes da cirurgia só para parecer interessado, quando você já os conhece; não fale da descoberta do tecido bifásico, a não ser que ela mesma toque no assunto; procure não ficar encarando, porque ela está com uma cara horrível de doente, mas também não evite olhar por ela estar com essa aparência.* Só que essa enxurrada de negativas era paralisante. Ao entrar, Jackson se lembrou de ter notado que até as próprias irmãs dela haviam mantido uma distanciazinha estranha; nada drástico, mas ambas tinham-se colocado sutilmente longe demais. Embora todo o mundo soubesse que o câncer não era contagioso, a evitação da doença nascia de um profundo pavor biológico. Ele mesmo o sentiu e o combateu, abstendo-se da cadeira e se sentando na beirada da cama, perto dos joelhos de Glynis. Não esperava nada dela. Como o Tylenol estava fazendo tanto efeito quanto um punhado de balas de hortelã, Jackson percebia, melhor que a maioria das visitas, que a dor não era apenas perturbadora: exercia um poder absoluto de veto e, mesmo em níveis baixos, podia eliminar com tamanha perfeição qualquer outra coisa que competisse pela atenção do indivíduo, que não restava mais nada na cabeça do qual desviar essa atenção.

— Oi — disse.

Temeu que o fato de Glynis fechar imediatamente os olhos significasse que estava cansada demais para isso, embora também pudesse ser um elogio; ela se sentia suficientemente à vontade com ele para fazer o que tinha vontade. Jackson tirou da mochila a caixa de suco de maracujá e a pôs na mesinha de cabeceira. Resolveu não chamar a atenção da amiga para ela; não queria parecer a Hetty. A ideia era dar alguma coisa de que ela pudesse gostar, sem precisar ser valorizado por isso.

Passaram três ou quatro minutos assim. Por natureza, Jackson era tão maníaco que, provavelmente, fazer companhia a Glynis dessa maneira, imóvel e sem dizer qualquer palavra, era tão bom para ele quanto para ela. Aproveitou o tempo para estudar a estranha fonte caseira que estava na mesinha; do corredor, sem refletir, ele havia tomado aquele gotejar constante por um aparelho mantenedor das funções

vitais.

A fonte era tosca, mas bonitinha. A bacia era uma comadre. Uma bomba fazia a água subir por um tubo de borracha e entrar numa seringa de calibre grosso (então, tinha sido para isso que Shep havia pedido uma das velhas seringas do tubo gástrico da Flicka), colocada em posição vertical, de cujo topo ela borbulhava serenamente num pequeno esguicho. Em todo o contorno da comadre ele havia colado luvas cirúrgicas de látex enchidas com papelão; o papelão era recurvado, de modo que as mãos em volta das laterais envolviam protetoramente a fonte, conseguindo, de algum modo, transmitir uma sensação de segurança, ternura e refúgio. A qualidade artesanal era mais tosca que de hábito — tratava-se, obviamente, de uma peça colada com epóxi —, e era impossível saber como o pobre filho da mãe tinha arranjado tempo para montar aquela maluquice. Mas, no lugar da Glynis, Jackson a teria achado reconfortante.

Ela entreabriu os olhos:

— Não tenho coragem de dizer a ele que a fonte me deixa o tempo todo com vontade de fazer xixi.

— É bem... coisa do Shep.

Glynis sorriu e tornou a fechar os olhos:

— Mais Shepherd, impossível.

Quando não se sabia como agradecer, às vezes o melhor era fazer perguntas:

— Do que você gostaria, Glynis? Por mim, eu me contento em ficar sentado aqui. Você não precisa falar. Ou, se já estiver farta e preferir que eu caia fora, será um prazer deixá-la em paz.

— Não, fique um pouco. — A cabeça de Glynis pendeu para o lado e ela disse, em tom sonhador. — Por que você não esbraveja?

— Esbravejar?

— É, esbravejar. Você sabe, como costuma fazer. Sobre o que quiser. Qualquer coisa que o irrite. Seria música para mim. Como tocar uma canção favorita.

Fugindo à regra, Jackson não estava especialmente irado, e sentiu o nervosismo que associava às raras ocasiões em que ia para a cama com Carol e ela estava a fim, mas ele não. Medo do desempenho, era o nome que davam a isso.

— Bem — disse, ganhando tempo. — Pensei num novo título.

— Manda.

— *Lavagem: De como nos deixam limpos, a nós, uns bananas frouxos de pernas bambas, e de por que provavelmente o merecemos.* Eu estava pondo roupa na máquina para a Carol, e por isso trabalhava num tema de lavanderia.

— Hmm. Já é um começo. Continue.

— E, ahn... ontem levei uma multa por estacionamento irregular.

Glynis estalou a língua:

— Você pode fazer melhor que isso.

— Mas não foi aquela coisa habitual de perder a hora. Fui comprar um Häagen-Dazs para a Heather na Key Food, lá perto da Knack, sabe? A Flicka não pode tomar sorvete... nada líquido, e ele derrete; logo, naturalmente, a Heather adora tomá-lo na frente dela, fazendo *nham-nham*. Mesmo assim, nós sempre o temos à mão, para a Heather saber que também fazemos um esforço extra por ela.

Jackson levantou-se da cama. Andar pelo quarto e gesticular não serviam para nada, com Glynis de olhos fechados, mas aquilo era um pacote: as macaquices faziam parte do show.

— Assim, parei do lado de um parquímetro e enfiei uma moeda de vinte e cinco centavos, o bastante para meia hora, certo? Não havia ninguém na fila do caixa rápido e eu garanto a você que voltei em cinco minutos. E aí deparei com um dos nossos *servidores públicos* locais escrevendo uma multa para mim. Eu disse: ei, eu estou aqui, já estou saindo, e é claro que isso não fez a menor diferença, já que a merda da multa não tem nada a ver com o acesso justo e equiparável aos recursos públicos. É uma jogada

lucrativa... quer dizer, para arrecadar dinheiro para o Estado, e é uma forma de assalto. Aí, eu disse: Olhe, eu pus vinte e cinco centavos há cinco minutos. Aí, o palerma arrogante e intrometido apontou para o mostrador do parquímetro, e tinha razão, a bandeira vermelha estava levantada. Fiquei tão incrédulo que pus outra moeda, para testar o aparelho e, como era de se esperar, girei a maçaneta e o visor continuou a mostrar a bandeira vermelha. Ou seja, a porra do parquímetro estava com defeito. Mas veja só: era minha culpa. Legalmente, era culpa minha ter estacionado junto a um parquímetro defeituoso, embora, àquela altura, eu já tivesse pago por uma hora de estacionamento, sem usar nem dez minutos. O sacana acabou de teclar os detalhes e tirou a multa do computador com um floreio e um risinho moleque, e aí eu entendi. Aquele canalha sabia que o parquímetro estava quebrado. Provavelmente, está quebrado há semanas. Ele fica por ali, perto do aparelho, esperando por um babaca feito eu, que estivesse com pressa e não checasse duas vezes se aquela porcaria estava funcionando. Sei que o preço do sorvete é meio salgado, mas pagar sessenta e cinco dólares por um pote de Häagen-Dazs é dose.

“E qual é a lógica disso?”, perguntou Jackson, olhando de relance para Glynis, para confirmar que ela mantinha aquela expressão serena no rosto; faltando só ronronar. “Eu pago impostos para que façam a manutenção daqueles parquímetros, já que, o que é o cúmulo da indignidade, espera-se que financiem os instrumentos da nossa própria opressão. Mas, quando eles não conseguem se organizar, quando não usam o dinheiro que eu perco para esse fim, a culpa é minha, e eu pago em dobro. O Estado manipula tudo a favor dele, e não vá esperando que a razão ou a justiça, ou mesmo o bom senso, entrem nessa história.

Jackson achou que tinha finalizado bem o discurso, mas, após um ou dois minutos, os olhos de Glynis tornaram a se abrir e ela amarrou a cara:

— Seu pão-duro. Isso mal chega a ser um começo. Ande. Acelere. Dê tudo o que tem.

— Está bem — disse Jackson, dando de ombros sem entender e calculando que não lhe competia dizer à *imortalmente enferma* o que ela queria ouvir. — Você sabe que eu e Shep fazemos um jogo, o do Sr. Honrado, Sr. Todos Temos de Fazer a Nossa Parte, ou seja, Sr. Paspalho-Mor, em que ele tenta mostrar exatamente o que nós recebemos, pessoalmente, pelos nossos impostos. Supostamente, esse modelo fajuto de tarifas por serviços impede que o exercício seja pura ladroagem, puro cachorro lambendo o saco, só porque pode. Para mim, acredito que eles tiram nosso dinheiro porque podem. Tiram mais a cada ano que passa, porque podem. Se você pensar nisso, o poder absoluto é aterrorizante. Com o “domínio eminente”, eles podem roubar a sua casa. Podem aprovar as leis que quiserem e, na verdade, nada impede que amanhã mudem a alíquota para 99,9%. Você se dá conta de que a Receita Federal pode estender a mão, como se fosse a mão de Deus, e simplesmente limpar a sua conta bancária? Não só sem perguntar, mas sem sequer lhe *dizer*. No ano passado, um dos caras da Knack foi a um caixa eletrônico e a tela lhe mostrou uma mensagem de erro, “saldo insuficiente”. Ele verificou o saldo e, em vez de vários milhares de dólares, a máquina registrou zero. O sujeito não podia nem comprar uma cerveja. Levou dias para descobrir que tinham sido os caras da Receita. Acontece que a *ex-mulher* dele tinha uma dívida de impostos atrasados. Apesar de eles terem se divorciado anos antes, o fato de terem apresentado uma única declaração conjunta, nos tempos idos, significou que, quando ela não pôde pagar, caíram direto em cima dele. E raspam, simplesmente tiraram tudo. Dá para acreditar? E ele não devia um centavo aos sacanas! Estou lhe dizendo, a única coisa que nos protege de nos roubarem até o último centavo é que esses filhos da puta dependem de que os escravos continuem a produzir. Se tirarem tudo, eles matam a galinha dos ovos de ouro. Então, a determinação das alíquotas é só uma questão de calcular quanto eles podem garfar, mas ainda nos deixando o bastante para que nós, pobres infelizes, possamos continuar a trabalhar, para haver mais para roubar no ano seguinte. O governo cultiva cidadãos feito uma lavoura e é preciso deixar um punhado de sementes para o plantio seguinte.

Jackson prosseguiu:

— Enfim, um dia, há muito tempo, o Shep enumerou todos os supostos benefícios óbvios dessa,

digamos, *agroindústria*, e um dos primeiros que ele mencionou foi a polícia. Ela nos protege dos cafajestes, nos mantém seguros. Sei. É claro, aquele guarda de trânsito estava na espreita para completar a sua quota de multas. Mas será que a minha multa deixou alguém *seguro*? E experimente só ter algum sucesso com os nossos rapazes de azul, se lhes disser que você foi assaltada na rua ou que a sua casa foi roubada. Eles riem da sua cara. Para eles, isso é só papelada para preencher. Eles nunca pegam esses caras, e nem ao menos tentam. Estão muito ocupados correndo atrás dos traficantes de drogas, que, numa “sociedade livre” de verdade, seriam empresários comuns, vendendo um produto que não faz mal a ninguém senão a seus consumidores, plenamente informados. Vender heroína a viciados não é diferente de vender bebida alcoólica a bêbados nem manteiga a gordos, nem cigarros a qualquer um. Mas não, nós pagamos a esses guardiães da decência, de dedo mindinho em riste, para cumprirem uma conversa mole moralista e totalmente hipócrita da década de cinquenta, que ocupa todo o tempo deles e, enquanto isso, rende bilhões, *bilhões*, aos criminosos que eles fingem combater. É simbólico... Quer dizer, como é que se diz?, *simbiótico*”.

Jackson se corrigiu, se confundindo por um momento.

— Os tiras e os chefões do tráfico estão do mesmo lado, na verdade; precisam uns dos outros. Os dois grupos tiram sua grana da mesma atividade ilícita. Digo, pense bem — acrescentou — qual é a sua primeira reação quando você vê um tira passar? “Nossa, como eu me sinto protegida?” Não! Qualquer pessoa em pleno juízo entra em pânico. “Será que estou fazendo algo errado?” Ou melhor, já que é provável que você fique atordoada demais para desfrutar de um momento de introspecção, “Será que estou sendo *vista* como fazendo algo errado?” A polícia é só mais uma espécie predatória, mais um animal perigoso no meio ambiente, e o fato de você pagar pessoalmente pela porcária das rosquinhas dos tiras e de reabastecer seus carros para eles a espionarem melhor e surrupiarem a sua carteira, só torna o insulto ainda mais afrontoso.

Jackson deu uma espiada no travesseiro e, como era de se esperar, sua cantiga de ninar acalmara Glynis, levando-a a um sono profundo. Ele puxou as cobertas até o queixo da amiga. O agasalho vermelho caía bem, mas Jackson já não invejava mais o talento de Carol para escolher presentes. Sabia o que Glynis queria e o que lhe dar, em muitas visitas vindouras: *fúria*.

CAPÍTULO NOVE

Ao voltar de mais uma visita a Glynis, já com alta hospitalar, mas ainda de cama em Elmsford, Jackson entrou em casa embalado. Talvez algumas pessoas tivessem pavor do contato com doentes graves, mas, de sua parte, ele havia começado a gostar desses encontros. Agora a par do que Glynis considerava um presente adequado para os convalescentes — um ódio perfeitamente destilado, que ele imaginava como petróleo bruto: grosso, viscoso e alcatroado, uma substância que grudava nos dedos e manchava a roupa e deixava marcas inerradicáveis nas maçanetas das portas —, ele havia armazenado as consternações anteriores do dia. Assim, ao chegar a Elmsford depois do trabalho, tinha preparado um crescendo de acrimônia que se desenrolara como um número de comediante numa apresentação solo, exceto pelo fato de que, no que lhe dizia respeito, nada disso era engraçado. Será que a Glynis sabia que, se *ganhasse* um carro num programa de prêmios da televisão, teria que entregar uma percentagem do preço de venda aos caras da Receita, *em dinheiro*? Será que sabia que, agora, havia tantos americanos sendo apanhados pelo Imposto Mínimo Alternativo, que um regime flagrantemente inescrupuloso, que cobrava, por exemplo, impostos sobre *impostos*, vinha se *transformando* no código tributário?

— Em 1969, o IMA só se aplicava a duzentas famílias em todo o país! — esbravejou, andando pelo quarto dela. — Como eles mal modificaram a alíquota tributária para levar em conta a inflação, agora ele se aplica a quase metade da população. Então, é como se tivéssemos um sistema realmente justo, decente e progressivo, mas acontece que ele é um engodo, como um daqueles patos de madeira que a gente põe na lareira, em cima do console. São bonitinhos, mas não se pode comê-los. Esse regime tributário, que é *real*, é um escândalo, mas não assumimos a responsabilidade por isso, já que ele é *alternativo*. É a mesma coisa com essa balela do “imposto sobre mansões” no estado de Nova York. Eles também não alteraram a faixa da alíquota. Por isso, temos todas aquelas espeluncas de uma família só, espalhadas por todo o Brooklyn, com quintais do tamanho de um tapete de banheiro, cheios de ervas daninhas, carpetes finos, empapados de xixi de gato, e porões cheios de mofo. Mas, por causa dessa expansão imobiliária lunática, as casas estão sendo vendidas por um milhão de dólares. E nesse ponto, abracadabra! Aquilo vira uma *mansão*, e o Estado leva três por cento. Essa coisa toda dos imóveis, eu juro que o próprio governo pode estar por trás dela. Ninguém pode dizer que seja de grande interesse social transformar o lugar básico que o sujeito tem para morar num artigo de luxo, fora dos recursos das pessoas comuns, como copos de água vendidos a cem paus a unidade. Mas é do interesse do Estado. Ele está ganhando uma grana preta! A coisa anda tão mal em New Jersey, que você vê uns casais idosos, que são donos das suas casas, livres de qualquer ônus, e moram nelas há cinquenta anos, sabe?, tendo que se mudar. Não podem pagar o imposto predial. São umas casinhas de três quartos que sempre foram deles, onde eles criaram os filhos, e, de repente, esses aposentados têm que pagar mais de vinte e cinco mil paus por ano pelo privilégio de morarem na porra da sua própria casa!

Já tendo logrado uma pequena recuperação das forças, em alguns momentos Glynis havia cuspidado seu próprio escarro de revolta espontânea a meia distância. Jackson deixara o quarto numa espécie de euforia estranha, aparentemente o tipo de barato que se teria ao mastigar *khat*, aquelas folhas amargas que Shep havia explicado que os vagabundos subempregados da África oriental passavam o dia inteiro moendo

entre os molares. O *khat* era uma anfetamina branda, que Shep havia experimentado uma vez. Ele dissera que aquilo deixava o sujeito irrequieto, nervoso, irritado sem nenhuma razão especial, e pronto para alguma coisa que provavelmente não iria acontecer. Tinha dito que o fizera lembrar-se de Jackson.

Detendo-se na entrada da cozinha, ele avaliou que Flicka estava apenas medianamente mal — o que queria dizer, como sempre, que não podia andar direito nem falar direito nem respirar direito, ou sequer chorar, ou seja, a situação de praxe —, donde, ao menos dessa vez, ele não estava entrando no meio de uma calamidade, mas apenas na desgraça em câmera lenta do que eles tinham aprendido a considerar como sua vida normal. A cara amarrada da filha bastou como cumprimento. Outros membros do grupo de apoio da DF descreviam seus filhos deficientes como pura doçura e luz — pessoas que lidavam serenamente com o sofrimento e iluminavam famílias inteiras, com sua gratidão por sobreviver para cada novo e glorioso dia —, e Jackson sempre havia desconfiado que os pais mentiam. Mas, ainda que esse tipo irritantemente jovial e conformado não fosse um mito, Jackson sentia alívio por ter sido agraciado com uma filha rabugenta, ressentida e precocemente misantrópica.

Flicka estava debruçada sobre o dever de casa na mesa da cozinha, deixando um filete de baba pingar desdenhosamente sobre a página. Podia tê-lo enxugado, antes que ele atingisse suas equações algébricas, mas deixou de propósito a saliva borrar os números.

— Quero saber por que tenho de aprender fatoração, se nunca vou viver o bastante para usar essa porcaria — resmungou.

— Se você se sente melhor com isso — disse Jackson —, os seus colegas que viverem até os noventa e cinco anos também nunca vão usar a fatoração.

— Eu acho que, se posso cair morta a qualquer momento, devia poder fazer o que quisesse. Isto está longe de ser a maneira de aproveitar ao máximo uma vida com a duração da de um cachorro.

— Se nós a deixássemos viver como um cachorro, sem estudar, você nem saberia o que gostaria de fazer.

— Prefiro assistir a *Friends*.

— Você é uma garota inteligente. Ficaria cansada de *Friends*.

— É tudo uma farsa — insistiu Flicka. — E não é para mim, é para você e a mamãe. Tenho de fingir que sou uma garota normal que vai à escola. Para vocês poderem fingir que têm uma família normal. Para poderem fingir que vou me formar e ir para a faculdade, e também me casar e ter filhos. Como se eu quisesse os pirralinhos, o que não quero. É tudo uma mentira, e estou farta disso. E também estou avisando. Pode ser que eu pare de cooperar.

O problema era que Jackson concordava com ela. Talvez fosse mais fácil se eles houvessem preservado a “inocência” — leia-se ignorância — de Flicka, mas, hoje em dia, não se conseguia manter nada em segredo diante das crianças, ainda mais com a internet. Ele e Carol tinham contratado seu primeiro provedor de serviço de discagem em 1996, e fora uma decisão fatal. Flicka descobrira prontamente como a coisa funcionava e sua primeiríssima consulta a um dos antigos buscadores — Northern Light ou AltaVista — tinha sido o nome de sua doença. Descera a escada precipitadamente (ou seja, quicando entre a parede e o corrimão) e vomitara de imediato um jato de indignação vingativa. Não ficara propriamente ofendida com o prognóstico em si, mas com o fato de os pais o haverem escondido. Flicka tinha oito anos.

Assim, nessa noite, Jackson resistiu ao teatro recomendado. Deveria entrar na conversa dizendo que *há novas terapias sendo desenvolvidas o tempo todo para lidar com os sintomas*, e que ela *não fazia ideia* de quanto tempo teria de vida. Deveria lembrar-lhe de que, no passado, a maioria das crianças com DF estaria morta na idade dela — quando Flicka nasceu, sua expectativa de vida era de apenas cinco anos —, *mas agora, muitas chegavam a viver até os trinta anos*. Jackson tinha ouvido esse número fervorosamente alardeado em reuniões e mais reuniões do grupo de apoio, mas Flicka sabia muito bem que, se essa propaganda fosse analisada, descobria-se que praticamente todas tinham morrido *antes* dos

trinta. Ela não queria ter por pai um animador de torcida, e Jackson não desejava sê-lo.

— Pense nisso assim — disse à filha, em tom leve: — se os seus dias estão contados, mais vale você ser capaz de contá-los.

— Ha-ha. A propósito, a mamãe deixou chouriço com purê de grão-de-bico para você no fogão.

— Está bom? — ele perguntou, distraído, espetando um garfo dentro da panela.

Flicka deu uma bufadela.

— Como é que eu vou saber?

Jackson serviu um pouco do chouriço guisado numa tigela e a colocou no micro-ondas.

— De qualquer modo, Flick, nós temos que mandá-la para a escola. É a lei.

— Não acredito que meu pai venha com essa de *a lei*. “Tirania arbitrária”, nas suas palavras. E, de qualquer jeito, nós poderíamos fazer os estudos em casa.

— A sua mãe tem que trabalhar para cobrir o seu seguro de saúde. Ela não teria tempo...

— Ela não teria que fazer xongas. Eu podia ficar por aqui e ler, nos poucos dias em que consigo enxergar alguma coisa e não passo cada minuto usando o colete, triturando remédios, exercitando a deglutição para poder comer uma comida que eu não quero, fazendo aqueles exercícios chatos da fisioterapia e insguichando lágrimas artificiais nos olhos.

— *Insguichando*? E você acha que não precisa de instrução.

— Não preciso. Não adianta me preparar para ser *um membro produtivo da sociedade*. Mal vou chegar a ser adulta. O simples fato de eu ter que ir à escola denuncia a coisa toda como um grande serviço de babá. Não preciso aprender as causas da Guerra da Secessão, e você sabe disso. O que vai acontecer com esses fatos todos? Vão ser cremados. Vão virar fumaça, literalmente.

Ter logrado êxito em ensinar a Flicka o significado correto de *literalmente* dava a Jackson um profundo senso de realização. Era curioso como, na maior parte do tempo, ele conseguia manter a distância a condição indeterminadamente terminal da menina, como uma abstração ou um material para gracejos fáceis entre pai e filha — algo tão teórico quanto sua própria morte. Aliás, sua mortalidade pessoal tornara-se um consolo. Mantinha os dois no mesmo barco.

— Você não gosta de poder encontrar outros jovens e fazer amizades?

— Na verdade, não. Sou mais como a mascote deles. Serem bonzinhos comigo faz com que eles se sintam melhor a respeito de si mesmos. Eles podem se exhibir para os pais, arrastando para casa essa garota mirrada e magrela, que anda como se estivesse quase caindo de um muro de tijolos, e bancar os *tolerantes*. Aí, quando eu babo o sofá inteiro, os pais pensam duas vezes. Já fizeram a parte deles. E eu não torno a ser convidada.

O micro-ondas apitou e Jackson sentou-se diante da filha com seu jantar. Tinha exagerado no aquecimento e o chouriço ficara duro nas bordas.

— Todos os seus professores e colegas de turma parecem admirá-la.

— A única razão de todo o mundo me achar tão inteligente é que, quando eu abro a boca pela primeira vez, eles presumem que eu seja idiota. Pareço uma idiota falando. Se a minha voz não fosse toda estrangulada, e se eu fosse mais alta e tivesse seios... não que eu dê a mínima para seios, papai. *Por favor*, não saia por aí comprando sutiãs com enchimento para mim, ou coisa do gênero, porque eu nunca vou ter namorado, nem se eu gostar de algum patife. E não gosto. A questão é que todo mundo acha incrível eu conseguir juntar uma frase inteira. E eu tiro proveito do Stephen Hawking. Nem sei lhe dizer, papai, quantas vezes já ouvi alguém dizer que eu falo igualzinho a ele. Como se isso fosse um elogio! Ele parece abobalhado.

— Você poderia estar pior — disse Jackson, soprando o garfo e pedindo desculpas, mentalmente, por ter traçado, ele mesmo, essa comparação. É claro que aquela história de não ser excepcionalmente inteligente era uma grande besteirada. Flicka estava se exibindo, gabando-se de como tinha de ser inteligente, inteligente de verdade, para perceber que, no panorama geral, não era realmente tão

inteligente.

— Tiro notas melhores do que eu mereço. Minhas redações são uma porcaria. Não sei digitar. Mas nenhum dos meus professores tem peito para me reprovar. Eles acham que vão ser presos. Vai parecer *discriminação*.

Como as redações da Flicka tendiam, ainda que de uma forma enigmática e, às vezes, inquietantemente parodística, reiterar o anarquismo ebuliente do pai, Jackson se ofendeu:

— As suas redações podem ser curtas, mas são mais originais que a maioria dos trabalhos dos seus colegas, eu garanto.

— Pode ser — ela admitiu. — Não que algum daqueles retardados saiba a diferença. Eles diriam ohs e ahs se eu entregasse material tirado de uma caixa de flocos de milho. Todo o corpo docente da Henry Howe tem medo de mim. Todos os professores foram avisados de que eu não posso ser “perturbada”. Você sabe, que nem a mamãe. Com aquele jeito calmo, sereno e feliz, quando ela tem mesmo é vontade de me dar uma surra de cinto. Se algum dia eles me veem ter uma crise, ficam *realmente* apavorados. Como naquele episódio de *Twilight Zone* em que o garotinho assustador transforma qualquer um que dê uma resposta torta num palhaço de caixa de surpresa, ou o manda para o milharal. Por isso, ninguém me manda calar a boca nem cria caso comigo por eu não ter lido o texto. Se eu não fizer este dever de casa, ninguém vai dizer porra nenhuma. — Flicka amassou a folha do trabalho numa bola frouxa e a atirou na direção da cesta de lixo.

Errou.

— Lá se foi a sua carreira no basquete — disse Jackson, pegando a bola no chão. Pensou em alisar de novo o papel e devolvê-lo à mesa, mas de que adiantaria? Jogou-o no lixo. É que Flicka tinha razão em todos os pontos; já era brilhante em matéria de fatorar as variáveis da sua vida que tinham importância. Jackson deveria ser severo, insistir em que, como todas as outras crianças, a filha tinha que dominar os conhecimentos básicos. Também devia admoestá-la a não dizer palavrões, mas detestava puritanismo paterno, e Flicka só estava usando a mesma linguagem que ele. Por outro lado, deixá-la sair impune de não fazer o dever de matemática e de dizer “porra” na cara do pai era parte integrante de deixá-la safar-se de praticamente qualquer outra coisa. Jackson a amava, mas ela era detestável. Amava-a justamente pelo fato de ela ser detestável, o que só fazia encorajá-la a ser mais detestável ainda.

No entanto, realmente confiava na educação, por não ter confiado nela quando a estava recebendo. Sentira desprezo por seus professores do ensino médio, certo de saber mais do que eles, e só anos depois havia especulado que eles poderiam transmitir-lhe duas ou três coisinhas, na época em que ele ainda era jovem o bastante para que os conhecimentos ficassem gravados. Já adulto, havia tentado compensar esse sentimento equivocado de superioridade, empanturrando-se de toda e qualquer informação em que conseguia pôr as mãos, mas sentia-se torturado por lhe faltar uma estrutura; não era capaz de separar aquela mixórdia em escaninhos cuidadosamente etiquetados, conseguindo apenas jogar de qualquer maneira os fatos dispersos numa caixa de papelão mental. Grande parte do que ele encontrava na internet parecia maculada pela dúvida, porque a rede era como a Bíblia: fuçando por tempo suficiente, podia-se encontrar apoio sólido para qualquer visão. Desistir da faculdade tinha parecido esperto na época, quando a Knack Para Toda Obra estava inundada de mais trabalho do que conseguia dar conta e, ei, o *Shep* não precisava de diploma, certo? Provavelmente, a formação universitária era papo-furado, de qualquer maneira. Mesmo assim, aquilo fora só uma intuição e, se tivesse obtido a formação, ele teria *sabido* que era papo-furado.

O que talvez o incomodasse mais fossem as palavras. Ao entrar na casa dos trinta anos, Jackson tinha feito um esforço sistemático de aprimorar seu vocabulário, o que lhe rendera uma boa dose de gozação na Knack, onde ele era ridicularizado por se referir ao “feliz dono de uma casa própria” como um *oximoro*: “Oxi uma ova, professor; nossos clientes são *é morons* mesmo, puros e simples idiotas.” (Com a nova leva de faz-tudo, essa era uma gozação de que agora ele sentia bastante falta. Praticar o termo

imprimátur com um imigrante ilegal hondurenho seria perversidade.) Mas nenhuma palavra aprendida na idade adulta jamais pegara como quando ele era garoto. Os significados ficavam meio de esguelha, e ele tinha de recitar para si mesmo uma pequena definição de *hegemonia* antes de empregar o termo com um mínimo de confiança, e não raro, a essa altura, a oportunidade havia passado. Já *vaca* era um sinônimo tão perfeito de um animal grande e abestalhado de fazenda, que a palavra em si não existia realmente. Se soubesse o que era bom para ele, Jackson teria decorado o dicionário quando tinha dez anos.

— Papai, eu passei mal no Laboratório Rastro de Carbono e tive que vir para casa mais cedo! — exclamou Heather, que entrou na cozinha com passos ruidosos e foi direto para o freezer pegar um sorvete Dove Bar. Nos dois meses anteriores, a menina devia ter engordado mais uns dois quilos e pouco. Era bobagem, não havia solução. Se os pais os deixavam soltos na despensa, eles engordavam. Se tentavam regular sua dieta, eles ficavam todos neuróticos com a comida e comiam em segredo, e engordavam. Talvez ele e Carol tivessem sorte, pelo menos, por Heather não tentar competir com a irmã mais velha para ver quem ficava mais magra, porque nessa disputa ela poderia morrer, se tentasse ganhar.

— Mas agora você está passando bem? — indagou Jackson.

— Na verdade, não. — Heather moderou o comportamento impetuoso e fez uma cara indisposta. — Ainda estou meio zozna.

— Se não está se sentindo bem, talvez não devesse tomar sorvete.

— Pode ser que eu esteja com pouco açúcar no sangue. A Kimberly tem que comer doce o tempo todo, senão ela desmaia. Papai — a menina subiu no seu colo; quando o peso de sua bunda atingiu uma certa área, a dor foi tão aguda que os olhos de Jackson lacrimejaram. Ele tentou ajeitar discretamente a posição da filha. — Ando tendo dificuldade de prestar atenção nas aulas e sou muito irrequieta. Fiquei pensando se eu não preciso de uma dose mais alta de cortomalafrina, quem sabe.

Santo Deus, fazia meses que ela vinha tentando descobrir a denominação da deficiência na aprendizagem. A verdade nua e crua era que Heather não era tão brilhante quanto a irmã mais velha, e talvez ter um simples QI mediano fosse uma espécie de deficiência. Era estranho que, quando a pessoa era francamente burra, isso fosse culpa dela, de alguma forma obscura, mas que, com TDA, o transtorno do déficit de atenção, todas as falhas intelectuais se tornassem médicas e isentas de culpa. Na verdade, não fazia muito sentido que os “deficientes da aprendizagem” recebessem um período ilimitado de tempo para fazer provas padronizadas, enquanto as crianças irremediavelmente tapadas continuavam a ter que terminar quando tocava a sineta, se ambos os campos eram vítimas da genética. Diabos, eram as crianças completamente burras que deveriam ganhar o tempo extra, já que ainda não se havia inventado um remédio para tornar as pessoas inteligentes.

— Pode ser — respondeu Jackson. — Mas você não acha que a resposta seria prestar mais atenção?

— Não entendi.

— Prestar atenção não é uma coisa que aconteça. É uma coisa que a pessoa faz. Uma coisa que ela se obriga a fazer. Do mesmo modo que você também poderia parar de ser irrequieta.

— Como?

Jackson sacudiu o joelho em que a pusera sentada e, ao sacolejar, Heather foi dizendo *a-hã a-hã a-hã* e rindo.

— Para! — exclamou.

— Estou irrequieto! De acordo com você, não posso parar! — e continuou a chacoalhá-la de propósito, até a filha parecer achar aquilo desagradável, antes de plantar o pé no chão. — Viu? E você pode fazer a mesma coisa com a atenção. A professora está falando de uma história que a turma acabou de ler e você começa a pensar em qual sabor de sorvete está com vontade de tomar. Nessa hora, você resolve pensar no sorvete depois e pensar na história naquele momento.

— Acho que não é assim que funciona. Acho que eu preciso de mais cortomalafrina. — Remexeu-se no colo do pai e virou a cabeça. — Eca, tem alguma coisa fedendo! — declarou, e escorregou do colo do

pai.

Ao menos por uma vez, a deficiência olfativa de Flicka foi uma bênção.

— Seguinte — disse Jackson, pescando no paletó uma pilha de folhas impressas dobradas: — o que vocês acham de jogar um jogo?

— Não podemos jogar nada — disse Heather. — Não temos computador na cozinha.

— Neste jogo você não precisa de computador. É um jogo para o cérebro. Um amigo meu me mandou por e-mail a cópia de uma prova de uma escola pública, de 1895. Sabe há quanto tempo foi isso?

O rosto de Heather nublou-se:

— Foi antigamente?

Mesmo através dos óculos grossos, ficou óbvio que Flicka estava revirando os olhos:

— Seria de se supor que uma menina do sexto ano fosse capaz de subtrair 1895 de 2005 sem uma calculadora — disse ela.

— Está bem, Flick, se você quer ser tão dura com a sua irmã, vamos ver como se sai numa prova destinada a duas séries abaixo da sua.

— Três — objetou Flicka, com desdém. — Não fosse todo o tempo que passei no hospital, eu estaria na penúltima série.

— Então, *três* séries. Sabe, em 1895, essa era a prova em que todos os estudantes tinham que ser aprovados para se formar no nono ano, lá em Salina, no Kansas. Que fica na roça. No meio de lugar nenhum. E nós vivemos na cidade de Nova York, ou seja, no centro do universo, o que deveria nos tornar mais inteligentes e sofisticados que os caipiras do centro-oeste, certo?

— Certo! — concordou Heather.

— E vivemos numa época com tecnologia e tudo o mais, portanto, no mínimo, devemos saber mais do que eles sabiam há cem anos, certo?

— Certo! — repetiu Heather.

Flicka desdenhava a participação grupal e não entrou na conversa. Além disso, intuiu uma armadilha e deu uma olhadela desconfiada nos impressos do pai.

— Então, Heather, é óbvio que isso vai ser muito difícil para você, porque foi feito para crianças três anos mais velhas. Mas a Flicka deve poder acertar tudo, já que é para uma série na qual ela se formou há séculos. Vamos começar pela primeira pergunta, que é uma verdadeira moleza. “Liste nove regras para o uso de letras maiúsculas.”

— Meu nome, meu nome! — berrou Heather.

— Muito bem. Essa é uma regra. Quais são as outras oito?

Jackson percebeu que Flicka estava tentando decidir se entrava ou não na brincadeira. Como a maioria das pessoas realmente presumia, ao conhecê-la, que ela apresentava um “retardo na aprendizagem”, a menina raras vezes deixava passar uma oportunidade de provar o contrário.

Ela encolheu os ombros:

— Países. Cidades. Estados.

— Certo. Mas aposto que os nossos amigos de Salina, no Kansas, provavelmente diriam que os nomes de lugares contam como uma regra só.

— Sr. e Sra. e coisas assim — disse Flicka. — ...Os começos de frases.

— Ótimo — aprovou Jackson, sentindo-se um pai respeitável, para variar. — Temos quatro regras. Faltam cinco.

— Quando a gente fica com muita raiva num e-mail! — disse Heather.

— É verdade, mas eles não tinham e-mail em 1895, por isso acho que essa não serve.

— Títulos de livros e filmes — disse Flicka. — Organizações, como a Associação de Pais e Mestres.

— Excelente. Faltam três regras.

Silêncio.

— Isso está me entediando.

— Você não está entediada com isso, Flicka, está embatucada.

Certo, ela de fato tinha que pingar lágrimas artificiais nos olhos praticamente o tempo todo, mas escolher fazê-lo nessa situação pareceu proposital.

— Está bem, então, vamos para outra — disse Jackson. — “Nomeie as classes de palavras e defina as não flexionáveis.”

— Que porra é *flexionável*? — perguntou Flicka.

— Olhe a linguagem — advertiu Jackson, abraçando seu novo papel de Papai de Verdade. — E não pergunte a mim, porque eu sou apenas o humilde aplicador da prova. Você sabe pelo menos nomear classes de palavras?

— Gritar e cochichar? — perguntou Heather.

Flicka estreitou os olhos:

— Isso é como as *palavras de nome* e as *palavras de ação*?

— Elas se chamam *substantivos* e *verbos*. Não é possível que você esteja me dizendo que, no primeiro ano do ensino médio, ainda as chamam de *palavras de nome* e *palavras de ação*.

— Bem, chamam. E a culpa não é minha — disse Flicka.

— Não, não é. Mas eu pago impostos até não poder mais para vocês aprenderem alguma coisa, e não quero pagar por um jargão bobo e paternalista como esse.

— Eu lhe disse, quando você chegou em casa, que eu não devia aprender nada dessa merda. É um desperdício do tempo deles e um desperdício do meu.

— O sistema de ensino não é destinado a estudantes que provavelmente vão morrer antes de fazer vinte anos — Jackson rebateu. Não devia ter dito isso, mas Flicka era tão bruta no seu modo de encarar seu estado terminal que, às vezes, ele cometia o erro de retribuir com brutalidade. E, mais importante, agora a dor na sua virilha estava quase ininterrupta, o que lhe encurtava o pavio e lhe toldava o juízo. Ele tentou retomar o controle da brincadeira.

— Vamos passar para a parte de matemática — propôs. — “A caçamba de uma carroça tem dois pés de profundidade, dez pés de comprimento e três pés de largura. Quantos alqueires de trigo ela pode comportar?”

— Nem vem! — disse Flicka.

— Não gostou? Experimente esta aqui: “Se uma carga de trigo pesa 3.942 libras, qual é o seu valor, a cinquenta centavos por alqueire, deduzindo 1.050 libras da tara?”

— Isso é besteira — disse Flicka. — Logo se vê que é só um monte de coisas de fazenda, para matutos. É o que alguém precisaria saber na porcaria do Kansas.

— Então, está bem, aqui está um problema que você precisaria saber resolver na Nova York de hoje: “Calcule os juros sobre 512,60 dólares, por oito meses e dezoito dias, a 7% ao mês.” Vamos lá. Você pode usar seu lápis. Na verdade, se quiser, eu até deixo você usar a calculadora.

Flicka cruzou os braços:

— Você sabe que eu sou uma droga em matemática.

— Então, que tal geografia? “Nomeie todas as repúblicas da Europa e indique a capital de cada uma.”

— Está certo, papai, entendi. Somos todos idiotas e, nos “velhos tempos”, eles eram gênios.

Mas Jackson estava tão fascinado com a prova que não conseguia parar.

— “Identifique e descreva os seguintes: Monróvia, Odessa, Denver, Manitoba, Hecla, Yukon, Santa Helena, Juan Fernandez, Aspinwall e Orinoco.”

Como ele tivera dificuldade para pronunciar *Orinoco* — fosse essa porra o que fosse —, Flicka o apanhou no pulo:

— Você também não sabe essas respostas.

Jackson riu, e já ia admitindo que não seria capaz de responder a mais de duas ou três perguntas de toda a prova de cinco horas, quando Carol deu uma entrada rápida na cozinha.

— Por que você está tentando fazer as suas próprias filhas se sentirem burras?

— Não estou! Estou tentando fazer com que se sintam sem instrução, o que não é a mesma coisa.

— Sou capaz de apostar que essa distinção escapa a elas — retrucou Carol, tirando a pilha de folhas da mão do marido. — O que é isso? “O Distrito 33 está avaliado em 35 mil dólares. Qual é o imposto necessário para manter uma escola por sete meses, a 50 dólares por mês, e dispor de 104 dólares para gastos extras?” Ora, por favor. No nono ano? Alguém andou lhe pregando uma peça, Jacks. Heather, está na hora de escovar os dentes.

— Não é piada. Isso foi uma prova de verdade.

— Ah, é? E como você sabe? Você acredita em tudo que aparece na sua caixa de entrada da AOL para reforçar a sua atitude amarga e pessimista.

— Nós pagamos um bom dinheiro para essas meninas aprenderem alguma coisa. Em vez disso, elas são tão paparicadas que a Heather nem sequer recebe notas propriamente ditas. O que é que recebemos nos boletins dela? “Trabalha com consistência”, “trabalha habitualmente” ou “trabalha com ajuda”. Não há “não trabalha”, “recusa-se a trabalhar” nem “trabalha, mas é uma porcaria”. E você viu aquele boletim informativo: não deixam mais os professores dela usarem *caneta vermelha*. O vermelho é “agressivo” e “ameaçador” demais, e por isso, agora as provas dela são corrigidas com um verde “tranquilizador”. Acabaram com a sineta entre as aulas para tornar o ambiente mais “acolhedor”. Se continuarem assim, a Heather vai crescer, arranjar um emprego e, na primeira vez que o chefe disser “você está atrasada” ou tiver um pequeno probleminha em pagar a ela por um trabalho que ela não fez, porque *não estava disposta*, vai acontecer o quê? Ela vai pular de uma ponte.

— O simples fato de a sua escolarização ter sido cruel e crítica, jogando as crianças umas contra as outras — disse Carol —, não significa que as suas filhas tenham que sofrer o mesmo tipo de humilhação pública.

— Mas esse incentivo obsessivo à autoestima... bem, não tenho nenhum problema com o amor-próprio, desde que a pessoa tenha uma boa razão para ter uma opinião positiva a seu respeito. Mas agora dizem a essas crianças que elas todas são uma dádiva de Deus, aprendam ou não a soletrar. Li um estudo que não estava na minha “caixa de entrada da AOL”, obrigado, mas no *New York Times*, que você idolatra, de modo que presumo que você não o descarte como uma invencionice. Perguntaram a uma porção de crianças coreanas e a uma porção de crianças americanas se elas se achavam boas em matemática; trinta e nove por cento das americanas se acharam ótimas. Apenas seis por cento das coreanas se acharam boas, e o restante se julgou uma porcaria. Mas, examinando os resultados delas nos testes, as coreanas estavam muito à frente das americanas em matemática. Os estudantes deste país são ensinados a se iludirem.

— E assim, a sua solução é fazer as nossas crianças se envergonharem delas mesmas, o que não melhora em nada a sua proficiência em matemática.

Os movimentos agitados de Carol eram a única indicação de que ela estava furiosa. Não chegou propriamente a bater com os pratos na lavadora de louça, mas Jackson percebeu, pela firmeza chocantemente controlada com que os encaixava no lugar, que ela preferiria quebrá-los na parede.

— Ei, aquele prato de chouriço e grão-de-bico estava de primeira.

— Por favor, não venha me bajular. Flicka, você terminou o seu dever de matemática?

A filha mais velha não se dispôs a experimentar com a mãe o seu discurso de “não tenho que fazer dever de casa porque eu vou morrer”.

— Eu... acabei com ele — respondeu, obscuramente. Para sorte de Flicka, sua mãe tinha outras coisas na cabeça.

— Como vai a Glynis? — perguntou secamente a Jackson, como se não se importasse de verdade.

— Ligeiramente melhor. Meio nervosa, achando que devia ter ficado mais tempo no hospital, porém a seguradora quis que ela saísse. Mas você deve saber disso, já que esteve com ela ontem.

— Ela ainda está sentindo muita dor. Realmente acho que a mandaram para casa cedo demais. Mas presumo que você a tenha infernizado com as suas opiniões políticas retrógradas de direita.

— Minhas opiniões não são direitistas. Nesta cidade, de qualquer modo, isso é só um rótulo para o “mal”. E eu ficaria muito surpreso se a Glynis me descrevesse como “infernizante”. Ela está possesa de raiva e gosta da companhia de outra pessoa que também está possesa de raiva.

— Jackson, você sabe perfeitamente bem que isso é impróprio.

Jackson odiava a palavra *impróprio*, que hoje em dia os puritanos com um espeto no rabo soltavam por aí a torto e a direito, para fazer as outras pessoas se sentirem sujas e envergonhadas. Tinha o efeito imediato de fazer o sujeito querer verificar se estava com manchas na cueca. A palavra também era de uma imprecisão proposital, como se o que a pessoa fizera de errado fosse enojante demais para nomear. E atribuía qualidades morais ao meramente normativo. O incessante recurso moderno ao *impróprio* punha um fino verniz progressista no que era, na verdade, um conformismo regressivo. As pessoas que brandiam esse adjetivo repreensivo eram os mesmos paranoicos que viam pedófilos atrás de todas as moitas, já que, ultimamente, o indivíduo podia ser tão tenso e sexualmente repressivo quanto quisesse, desde que projetasse a sua repulsa vitoriana pudica nas crianças. Jackson ficou tão insatisfeito com o fato de sua própria mulher ter escolhido esse termo quanto se ela voltasse de uma piscina pública com verrugas plantares contagiosas.

Carol passou a esponja pelas bancadas, numa demonstração de eficiência cheia de censura, como se, em vez de fazer as filhas perderem tempo com uma prova obviamente falsificada do nono ano, seu marido pudesse ao menos ter limpado a cozinha. E era um falso ressentimento, além disso, porque ela estava claramente fumegando de raiva e, portanto, grata por ter algo que fazer. Sem a lavagem da roupa, as contas para pagar, uma criança suarenta e fanhosa em constante necessidade de ser hidratada ou embrulhada em papel filme, e outra com uma necessidade constante de elogios e atenção compensatórios, Carol enlouqueceria. Por mais que vivenciasse esses deveres domésticos como imposições, ela era profundamente dependente dessa diligência febril desde a manhã até a noite, pois havia muito que perdera a capacidade vital de não fazer nada. A laboriosidade de Carol assemelhava-se ao chá-chá-chá ininterrupto da mãe de Glynis, exceto pelo fato de que ao menos Hetty fazia uma busca malfadada de uma autorrealização fugidia; a atividade agitada de Carol tinha que estar sempre a serviço de outra pessoa. Esse altruísmo compulsivo lembrava a abnegação, porém era mais sinistro que isso. Ela já não fazia a mais vaga ideia do que poderia desejar por si mesma, portanto, o que é que estava sacrificando? Jackson se entristecia ao notar que, ao longo dos anos, sua mulher tinha substituído insidiosamente o prazer pela virtude.

Carol distribuiu o chocalhar usual de comprimidos. Depois de Heather ser intimidada a se aprontar para dormir, Flicka demorou-se à mesa, levando tempo demais, de propósito, para amassar seus remédios. A menina era uma abelhuda incurável e intuiu que havia alguma coisa no ar. A mãe ficaria feliz por frustrar a bisbilhotice de Flicka, mas acabou não conseguindo se conter. Enquanto catava grãos-de-bico perdidos com uma vassoura, murmurou para Jackson, em tom severo:

— E então, você deve estar feliz.

— Por coincidência, não estou de mau humor — disse ele. Com os pés numa cadeira ao lado e bebericando a segunda cerveja, ajeitou-se, enfiando discretamente uma das mãos num bolso da calça. — Mas tenho a impressão de que não é isso que você quer dizer.

— Você viu o noticiário?

— Ah, aquilo — fez ele, aliviado. É claro, Carol não aludiria a certas outras questões com Flicka no mesmo cômodo. Ainda assim, qualquer assunto conversado por eles, ultimamente, tinha um toque de algo

velado, e Jackson sentiu-se grato até mesmo por essa distração cansativa, assim como Carol parecia grata por varrer o chão. — Por que eu ficaria “feliz” com a morte da Terri Schiavo?

Esgotadas todas as possibilidades jurídicas de apelação por parte dos pais, a sonda alimentar da floridense, a pedido do marido, fora desligada duas semanas antes. Na verdade, a pobre mulher havia durado mais do que seus médicos esperavam.

— Bem, toda aquela *despesa* desnecessária — retrucou Carol. — Você e o Shep devem estar radiantes. Agora poderemos mandar o equipamento de alimentação intravenosa dela e um novo jogo de roupa de cama para a África.

— Acho que estou aliviado por ela haver saído daquele sofrimento — disse Jackson, com cautela.

— Mas, de acordo com você, ela não era capaz de sentir nada. Nem sequer existia, na sua opinião. Então, como poderia vivenciar o fim de algum sofrimento?

— Meu bem, não faço ideia de por que você dá tanta importância a essa história. Você não a conhecia; ela não era sua melhor amiga. Havia apenas alguns instantâneos sugerindo como ela teria sido, quando era um ser humano.

— Ela ainda era um ser humano, essa é a questão! E foi assassinada. Tão certo como se lhe tivessem dado um tiro no meio dos olhos.

— Mas *eu* não a matei. Então, por que você está zangada comigo?

— Matou, sim. O seu modo de pensar a matou. Ah, olhem, aquela mulher já não é bonita e divertida, então, vamos desligar a tomada! E quem mais você gostaria de jogar fora, já que estamos com a mão na massa? Quem mais é caro ou inconveniente demais? Os velhos? Ou será que são as crianças com síndrome de Down? Você as poria numa câmara de gás, por elas não conseguirem passar na sua prova “do nono ano”? Isso é um terreno escorregadio!

— Ah, me poupe dessa conversa de “terreno escorregadio”! — exclamou Jackson. — Querendo ou não, nós vivemos num terreno escorregadio. É incrível que algum de nós possa se manter de pé. Nós matamos pessoas, sim. Aplicamos injeções letais em assassinos em série e dizíamos os talibãs no Afeganistão...

— Não o faríamos, se eu pudesse dizer alguma coisa a esse respeito — argumentou Carol, refreando-se, com uma olhadela desolada para Flicka. Já era tarde demais para tocá-la para fora da cozinha, sem deixar implícito que a participação dela não era bem-vinda nas discussões sobre o noticiário noturno com os pais.

— Bem, *eu* estou feliz por ela ter morrido — declarou Flicka.

— Flicka, não se atreva a dizer isso. Nunca. Sobre ninguém. É feio.

— O que é que tem de tão feio? A Terri Schiavo estava com morte cerebral e não tinha serventia para ninguém. Era toda gorda e não podia falar, e só ficava na cama feito uma massa amorfa.

— Quer dizer que agora nós vamos matar os gordos, é?

— Aposto que, se aquela moça soubesse que tinha se transformado num balão, ela mesma teria desligado o tubo. Ela era toda ligada em bulimia e esses troços.

— Não nos cabe julgar o que é uma “vida boa” ou uma “vida ruim” — disse Carol —, nem o que alguém preferiria, quando ele já não pode falar por si. A vida humana é sagrada, querida. Em qualquer forma. Nunca se esqueça disso.

— Não vejo o que há de tão *sagrado* nela — rebateu Flicka, impassível. — Às vezes, ela é um horror e uma estupidez. Ficar toda perturbada porque a Terri Schiavo bateu as botas é que nem chorar por ter pisado num inseto.

Flicka estava dando corda à mãe de propósito, forçando-a a ultrapassar um limite; um ponto de união entre a menina e o pai era que ambos morriam de vontade de ver a mamãe perder as estribeiras. Carol não partia para a agressão a fim de que a filha não ficasse “nervosa”. Mas todo o objetivo da repreensão parental era deixar os filhos nervosos. Se isso não os afetasse, seria por falha dos pais. Então, como

podia Carol ser uma mãe severa e responsável, que estabelecia “limites” firmes, sem jogar a filha na versão de choque anafilático dos pacientes com DF?

— E você? — disse Carol, em tom frio. — Como se sentiria se alguém falasse de você como um inseto?

Mesmo sabendo que não devia fazê-lo, Flicka tirou os óculos e esfregou um olho:

— Às vezes eu me sinto um inseto. Não vejo por que estar viva deva ser sempre tão genial. Eu acho que é um horror. Na verdade, não suporto a vida. Você pode ficar com ela. A Terri Schiavo teve sorte.

Se Flicka não tivesse DF, Carol poderia ter-lhe dado uma bofetada. Mas a menina tinha a doença.

— Estar vivo é maravilhoso, comparado com a alternativa — sugeriu Jackson.

— Como você sabe? — questionou Flicka. — Por mim, acho que “a alternativa” parece formidável.

— Benzinho, você está cansada — disse Carol. — Vamos andando para a cama.

— É, estou cansada — disse Flicka, com a voz arrastada. — De tudo. Dos lençóis suados. Dos olhos coçando, embrulhados em papel filme, feito sobras na geladeira. De nunca poder andar pelo corredor da escola sem aquela bocó daquela assistente de saúde nos meus calcanhares...

— Ora, nós tivemos de fazer uma campanha longa e difícil com a Diretoria de Ens...

— Eu *sei* que tivemos “muita sorte” de eles concordarem em pagar pelo trabalho dela, mas como é que vou fazer alguma amizade? A Laura é uma palerma, e fica rondando. Nunca me dá o menor espaço. O que ela mais teme é ser processada, se eu levar um tombo ou me engasgar. Vive me chamando de “benzinho” e “fofinha”, e eu detesto isso. *E* estou cansada de dormir com aquele oxímetro no dedo. Daquele bipe idiota. De como o alarme acorda todo mundo, quando, na metade das vezes, não há nada errado comigo, é só defeito da porra do aparelho. De dormir com aquela máscara de oxigênio no rosto. De não poder me virar, por causa da alimentação pelo tubo gástrico. De pôr o despertador para a uma e as quatro da madrugada...

— Olhe — disse Jackson —, nós lhe dissemos...

— Eu *sei* que vocês têm “muito prazer em encher o recipiente para mim”. Mas não quero que façam isso! Quero que *alguém* possa dormir! Vocês fizeram isso durante anos. Levantando aos tropeços no meio da madrugada, porque a sua filha precisa de outra lata de complemento alimentar. É como dirigir um calhambeque que vive vazando óleo. A questão é que eu estou farta disso. É tudo bobagem.

— É claro que é! — declarou Jackson em tom animado, suspendendo Flicka no ar pelas axilas; ela era tão miúda e leve que era fácil se esquecer de que tinha dezesseis anos. — Mas é só o que temos. E você e a Heather são tudo que temos. Por isso, agente firme, só para ser boazinha.

Às vezes a própria Flicka se esquecia de que tinha dezesseis anos, e se enroscou no ombro do pai enquanto ele subia a escada, carregando-a no colo.

* * *

— Detesto quando ela fala daquele jeito — disse Carol, quando os dois se preparavam para se deitar. — Sei que ela não fala sério e que, provavelmente, isso é por causa do Klonopin e do Depakote. Ambos listam “ideias suicidas” como efeito colateral. Portanto, ela não entende realmente o que está dizendo, mas, mesmo assim, aquilo me perturba.

— Talvez ela tenha uma ideia melhor do que está dizendo do que você supõe.

— Nesse caso, ela é cruel. E nós? Ela fica nos lembrando o tempo todo, como se precisássemos nos lembrar. Usa essa coisa da DF para nos ferir.

— É claro que sim. Cada um usa o que pode, não é?

Quando Carol abriu o sutiã, Jackson sentiu uma vibração, seguida por uma pontada aguda e latejante.

— Que cheiro é esse?

Jackson farejou o ar:

— Não estou sentindo cheiro de nada.

— Está me incomodando a noite toda. Na cozinha, aparecendo e sumindo. Pensei que talvez alguma coisa houvesse estragado na despensa, mas agora ele está aqui.

— Ah — disse Jackson, com ar tímido. — Ando tendo uns problemas com o intestino. Vai ver que é o grão-de-bico.

— Eu sei o que é cheiro de pum, Jackson. Esse não é de metano; é fétido. Feito carne podre.

Ele encolheu os ombros:

— Você sempre teve o nariz mais sensível. Eu não estou sentindo.

— Você acha que pode ter morrido algum bicho embaixo da casa? Acho que um rato não causaria isso. Talvez um gato ou um guaxinim. Se continuar assim, acho que você vai ter que fazer uma busca.

— Tem que haver alguma vantagem em se viver com um faz-tudo. Esse é o tipo de trabalho divertido que todo dia pedem por telefone na Knack.

Depois de jogar a camisa na cadeira, Jackson foi andando devagar para o banheiro, de calças.

— Você está fazendo aquilo de novo — observou Carol.

Jackson levantou a voz acima do som do esguicho de sua urina; o fluxo entrecortado saía em jatos desiguais e ardia.

— Fazendo o quê?

— Fechando a porta na hora do xixi. Há semanas que você faz isso. Desde quando ficou tão tímido? Eu já vi você urinar milhares de vezes.

Na semana anterior, Carol tinha apenas tentado entrar, e deparara com a porta do banheiro trancada. Isso não caíra muito bem — ela achou que o marido tinha perdido o juízo — e Jackson inventara uma explicação ridícula, dizendo que estava acostumado a trancar a porta do banheiro no escritório e simplesmente não havia pensado; felizmente, Carol não o havia questionado, lembrando que os mictórios não têm portas, nem indagado por que ele agora haveria de urinar rotineiramente no banheiro masculino da Knack, na privacidade de sua única cabine individual. Depois disso, porém, trancar a porta do banheiro levantaria mais suspeitas do que valia a segurança adicional. E, por isso, nessa noite, ela pôde espiar pela porta sem ser anunciada.

— Ora, vamos — disse, mexendo com o marido —, você sabe que eu gosto dele.

Interrompendo a função, Jackson pôs o pênis para dentro da calça antes da batidinha final e pingou urina por dentro da braguilha.

— Tarde demais! A emoção terá de esperar por outra noite.

Mais de uma emoção já havia esperado por outra noite, fazia algum tempo.

— Conheço um jeito de você me recompensar — disse Carol, abraçando-o por trás e encostando os mornos seios nus em suas costas.

Caramba, já havia passado muito do dia para o qual ele planejava marcar a revelação, e o “problema contagioso de pele” se aproximava de sua data de expiração; logo, logo, Carol não engoliria mais essa história.

Apesar disso, Jackson calculou que poderia ganhar mais uma ou duas noites, do mesmo jeito que às vezes se arranca um número surpreendente de escovadas a mais de um tubo de pasta de dentes que tudo indica estar vazio:

— Eu adoraria recompensá-la, minha flor — disse, atrapalhando-se para fechar o alfinete na cueca —, mas você sabe o que médico disse sobre esse treco de pele. Garanto que você não vai querer essa ziquizira.

Carol enrijeceu o corpo e arriou os braços. Ao roçá-la a caminho do quarto, Jackson sentiu um nó no estômago. Chegava um momento em que era forçoso admitir que a Colgate havia acabado.

— As doenças de pele não costumam ser contagiosas.

— Bom, esta é. Como pé de atleta — ele respondeu. Sentiu-se meio ofendido, como se não tivesse bolado o seu pretexto até o fim.

— Procurei no Google o nome dessa sua doença. Nada.

— Eu lhe disse que ela é muito rara — retrucou Jackson, tirando o relógio de costas para a mulher.

— É praticamente impossível que um problema de saúde que seja partilhado até com apenas cinco pessoas não seja citado em algum lugar.

— Talvez você tenha escrito o nome errado.

— *Cortamacríase genital*, não é? (Vá lá, o nome de sua escrófula apócrifa era incomodamente próximo da *cortomalafrina* da Heather, mas ele tivera que inventá-lo sob pressão.) Há um limite para o número de formas plausíveis de grafá-lo. Tentei todas.

— Parece que a IBM não está merecendo o dinheiro que recebe!

Carol não estava para brincadeiras:

— Nada disso explica por que não posso ver. A erupção não pode ser tão terrível assim. E, se é tão terrível, eu *realmente* preciso vê-la. Esse pedaço do seu corpo é parcialmente meu.

— Um homem tem direito a seu orgulho — retrucou Jackson, despindo a calça com cuidado para não tirar junto a cueca. Ela estava nas últimas, e o elástico dessas cuecas de última geração era fraco. — O creme parece estar funcionando, mas está demorando mais do que eu havia esperado.

— Que creme?

— O creme! Pombas, por que esse interrogatório, se eu só estou pensando em você?

Raciocinando que a melhor defesa era um bom ar de ofendido — um enfrentamento da consternação com o amuo —, Jackson agitou os braços, para dar mais efeito à coisa:

— Não gosto de dormir de cueca ao lado do seu corpo nu. Não gosto de ficar sem sexo. Só estou tentando proteger a sua saúde, também com certo sacrifício para mim...

Agitar os braços cobrou seu preço: com eles afastados, Carol segurou rapidamente a bainha das duas pernas da cueca e a arriou até os joelhos de Jackson. Recuou um passo, meio sem equilíbrio, e soltou um grito.

Carol não era dada a frescuras; em matéria de vasculhar um porão inacabado com uma lanterna, à procura de um guaxinim em estado de putrefação, o temperamento equilibrado dela a tornava muito mais adequada que o marido para essa tarefa. A verdade era que talvez ele nunca a tivesse ouvido gritar. Aquilo o assustou. Além disso, o horror no rosto dela lhe permitiu ver seu pênis com enojada objetividade pela primeira vez.

Estava com a cor errada. Vermelho, mas não aquele tom de cereja animado que o órgão havia assumido algumas vezes, em sua adolescência atlética. Tinha um toque arroxeadado de fígado cru.

As suturas acima do escroto apertavam. A carne intumescia com o aperto. Uma exsudação amarela e reluzente brotava por entre os pontos. Livre do abafamento da cueca, o cheiro se intensificou, mais penetrante. Embora as secreções do próprio corpo costumem ser menos ofensivas que as do corpo de outra pessoa, esse mau cheiro deixou até mesmo Jackson meio tonto. O animal do porão havia rastejado para o segundo andar.

Mas o pior de tudo era o formato. Aquilo não parecia um pau.

A bem da verdade, Jackson nunca se convertera inteiramente ao culto fálico de seus pares. Quando tinha uns oito anos, uma menina no parquinho invadira a sua privacidade, quando ele fazia xixi numa moita, e dera um grito, exatamente com o mesmo espírito de horror reflexivo de Carol, um minuto antes. Presumivelmente, a menina nunca tinha visto um pênis e não ficara bem impressionada com ele. “Ah, que nojo! O que é esse negócio? É nojento!” Assim tinha gritado e saído correndo. Depois houvera aquela outra vez, no ginásio da escola onde ele cursava o nono ou oitavo ano. Jackson mal havia entrado na puberdade; ainda molhado do chuveiro, estava com frio. Mesmo assim, a chacota de um garoto muito maior tinha doído: *você parece que tem uma minicenoura e dois grãos de feijão*. Depois disso, os

garotos o haviam apelidado de “Vegetariano”, termo cuja inocência, aos ouvidos dos professores, protegera seus colegas do castigo. Aliás, a própria palavra *pênis* sempre lhe soara como uma coisa boba, trivial e sem valor. Desde que se entendia por gente, esse seu quinto membro lhe parecera sutilmente estranho, afastado e passível de traí-lo. Talvez fosse justamente essa ideia de que aquela extrusão não era propriamente parte do seu corpo que lhe havia permitido fazer uma experiência com ela.

A experiência foi um fracasso. Talvez ele nunca houvesse decifrado muito bem por que as mulheres haveriam de achar atraente um *pênis* — com sua pele enrugada e fina demais, os testículos parecendo dois grumos pendentes, com fiapos de cabelo e a pequena cabeça de cogumelo na ponta do órgão, uma forma que, de algum modo, a carne humana não deveria assumir. Em repouso, parecia assustado e deprimido; quando alerta, impertinente, mas inseguro, balançando para lá e para cá e tentando chamar a atenção, como um fanfarrão em cena. Jackson nunca havia acreditado inteiramente no entusiasmo de Carol pela coisa; a bondade natural dela a tornava indigna de confiança. Mas havia limites para o altruísmo de sua mulher, já que, nesse momento, ela não fazia o menor esforço para disfarçar sua repugnância, e também havia limites para a antipatia de Jackson pelo falo de proporções convencionais. A versão não aprimorada ainda tinha sido preferível à atual.

Agora, o tubérculo entre suas pernas parecia um daqueles bichos que os animadores de festas infantis esculpiam rapidamente com balões de inflar nos aniversários, com meia dúzia de torções. A região em que antes o fuste era mais grosso, perto da base, tinha se tornado a parte mais estreita, porque o colágeno usado no engrossamento tinha escorrido para a ponta do membro, tornando-se protuberante ao redor da borda e escondendo parcialmente a cabeça. O pau de Jackson ficara com pneuzinhos. O tecido de preenchimento também havia migrado de forma assimétrica e a protuberância era maior à direita. Dominada pelo que agora pendia como algo que mais lembrava um terceiro testículo, a glândula parecia menor e mais acanhada, nada além de uma bala de goma. E o tronco emergia de um ponto baixo demais. A secção do ligamento suspensor deveria ter liberado uma polegada inteira de comprimento que, sem isso, desperdiçava-se no interior da pelve, onde ficava embutida; agora, o pau parecia brotar diretamente dos próprios ovos. O ponto de origem mais baixo era chocante para os olhos, como um rabisco sujo na parede de um banheiro masculino, feito por um garoto que não soubesse desenhar. Inflamado, inchado e exsudativo, esse *pênis* era o tipo de extremidade fatalmente infeccionada que os auxiliares médicos, nos campos de batalha da Guerra da Secessão, amputavam no ato.

— O que você fez? — perguntou Carol, ao recobrar o fôlego.

— Mamãe? — veio a vozinha atrás da porta. — O que foi?

— Heather, docinho, volte para a cama. A mamãe... viu uma coisa que a assustou, só isso. Um camundongo.

— Mas eu tenho medo de camundongo! Ele vai me pegar na minha cama!

— Não, benzinho, esse camundongo não vai pegar ninguém, nem você nem a sua mãe, *definitivamente*. Nem era um camundongo, aliás. Era um pé de meia. Uma meia embolada e fedida que não pode fazer nada, absolutamente nada. Desculpe eu tê-la assustado. Volte para a cama.

A cueca enroscada nos joelhos havia intensificado a humilhação de Jackson, que aproveitou a batida de Heather na porta para tirá-la. Sentou-se com os ombros arriados na lateral da cama, com as mãos cruzadas sobre a virilha.

— Não quero tornar a acordar as meninas — disse Carol, num cochicho tenso. — Mas quero que você entenda que, por mais baixo que eu diga qualquer outra coisa nesta noite, eu continuo gritando.

Quando ela vestiu o robe e o amarrou com dois nós no cinto, Jackson percebeu que deveria ter tornado a vestir a cueca, quando tivera essa chance. Agora, tinha ficado em desvantagem. Estava fadado a manter essa conversa nu em pelo, porque Carol o havia desmascarado, e vestir a roupa pareceria uma ocultação de provas — como repor a barra de chocolate no bolso depois de ser flagrado furtando uma loja. Ele não conseguiu se lembrar da última vez em que se sentira tão intensamente como um garotinho.

— Estou certa em inferir que você fez isso consigo mesmo? Que mandou fazer isso? Que não prendeu o pênis numa prensa no trabalho e se esqueceu de mencionar o acidente?

A escolha de palavras de Carol foi gélida: *inferir*. No passado, ela nunca teria chamado o órgão de *pênis*. Não era puritana e gostava do som de *pau* e *pica*, do impacto monossilábico, ou quase. Mas era isso que Jackson tinha agora entre as pernas — um *pênis*, com seu *ê* fechado e seco, seu *n* negativo, seu sibilo encolhido.

— Eu pensei...

— Você fez uma daquelas cirurgias estúpidas, não foi?

— A gente recebe todas essas mensagens *spam* pelo *e-mail*, e...

— Os anúncios de aumento do pênis são a razão para Deus ter inventado a tecla *delete*. Você não vai me dizer que encontrou algum charlatão na internet, vai?

— Não! Eu tive uma recomendação. Mesmo assim, calculei que eles não mandariam tantos anúncios se não fossem... Bem, é óbvio que uma porção de gente faz isso.

— Uma porção de gente se vicia em heroína. Uma porção de gente comete suicídio. Uma porção de gente ultrapassa o limite de velocidade e enfia a cara numa barreira de concreto. Isso não quer dizer que você também tenha que fazer as mesmas coisas.

— Carol, se nós vamos falar disto, realmente não ajuda você bancar a mamãe comigo. É evidente que a cirurgia não correu muito bem.

— Esse é o eufemismo do século. Como você pôde fazer uma coisa dessas, sem primeiro conversar comigo?

— Eu queria lhe fazer uma surpresa — disse Jackson, arrasado.

— Então, parabéns. Eu estou surpresa. Na verdade, estou pasma. Você se diz tão independente. Tão dono da sua cabeça, tão eloquente, um homem que não se deixa tapear por imposições como o *governo*, que o resto de nós, “Sugados”, aceita como um fato corriqueiro. Como é que você pôde ser tão... *vulgar*?

— Não fiz essa cirurgia por achar que ela era original. O simples fato de eu ter convicções políticas sólidas não quer dizer que eu não queira medir meu valor como homem... literalmente. — Nessa noite, ser um dos poucos americanos que usavam com correção esse advérbio não o inundou das autofelicitações de praxe.

— Será que nada do que você faz aí embaixo tem implicações para mim?

— Tem, é claro. Mas você teria dito não. E não se dá a isso o nome de conversa, quando ela é apenas um veto. E você pode dizer que o meu pau é “parcialmente seu”, o que é muito meigo, mas ele não é seu. Eu o empresto, e adoro emprestá-lo. Mas ele continua a ser fundamentalmente o meu pau.

— Ah, agora ele é, sim! Cem por cento. Sinta-se à vontade para ficar com ele.

— Achei que você gostaria, mesmo que não necessariamente achasse que ia gostar antes de ver os resultados. E, você sabe, nós costumávamos fazê-lo funcionar o tempo todo... até a Flicka.

— Comigo tendo de alimentá-la à uma hora da manhã, e você fazendo isso às quatro, toda santa noite? Era só uma questão de exaustão, não de falta de apetite.

— É, mas quando a Flicka começou a se alimentar sozinha, neste último ano, nós não... A frequência não aumentou, certo? Não de verdade.

— O sexo é um hábito, como qualquer outra coisa. Um hábito que se pode perder. E não houve tanta mudança assim; quando não é a alimentação, é alguma outra coisa, e continuamos exaustos. Mas a questão não é essa; se você queria transar mais vezes, era só dizer.

— Eu só achei que podia nos dar um empurrãozinho. Achei que lhe daria um estímulo... com a aparência dele. E que a sensação seria melhor. Para você.

— Você fez isso por mim? Não acredito nisso nem por uma fração de segundo.

— Tá, é claro que achei que eu também me sentiria melhor. Ele sempre me pareceu, você sabe... meio pequeno, só isso. Em comparação. Acho que as mulheres não entendem. É como eu não conseguir

entender por que você se sente gorda na época da menstruação, quando eu não vejo nada diferente.

Carol o forçou a olhá-la nos olhos:

— Pequeno em comparação com *quem*?

Jackson a olhou fixo:

— Só... outros caras!

— A-hã. — Ela o encarou até o marido desviar o rosto e, ao baixar os olhos, Jackson pareceu admitir alguma coisa. — Diga-me — insistiu —, alguma vez eu reclamei?

— Não, mas você não reclamaria. Você é irremediavelmente gentil.

— Eu não reclamaria porque não tinha problema algum. Mas agora nós temos.

— Vou consertar isso — disse Jackson, obstinado, embora a afirmação tivesse um ar conhecido de improbabilidade; como acontecia com muitos faz-tudo da Knack, a última coisa que ele fazia, se é que chegava a fazê-la, era consertar interruptores de corda emperrados e porta-toalhas despencados em sua própria casa.

— Você sabe que isso vai precisar de cirurgia plástica, que o seu seguro não cobre. E isso quando já temos uma dificuldade danada para cobrir as despesas dedutíveis e as coparticipações, e gastamos mil dólares por mês só com o complemento alimentar da Flicka!

— Eu arranjo o dinheiro em algum lugar — retrucou Jackson, mal-humorado. — Sempre posso pegar uns trabalhos pedidos à Knack e tirar um extra por fora.

— Isso é tapear o Shep.

— Não. Seria tapear o Pogatchnik. Nunca tirei trabalho do Shep. Diminuir os lucros do Pogatchnik seria um prazer.

— Mas, pensando bem, o nosso seguro também não cobre automutilações. Quanto custou isso?

Jackson encolheu os ombros:

— Alguns mil.

— *Quantos?*

Carol sempre poderia verificar o preço de mercado na internet e, se ele mentisse, isso era exatamente o que faria. Se ela começasse a bisbilhotar, também descobriria que, na verdade, não se devia fazer o alongamento e o engrossamento ao mesmo tempo; decidido a fazer as cirurgias rapidamente e em sigilo, ele havia insistido no pacote todo de uma vez só. Talvez devesse ter desconfiado quando o médico cedeu, mediante a cobrança de um acréscimo.

— Hmm.. sete ou oito.

— Oito mil dólares! Santo Deus, onde você arranjou o dinheiro?

Os homens normais, homens de verdade, controlavam os cordões da bolsa da família — que, aliás, não chamavam de *cordões da bolsa* —, mas, na família Burdina, Carol controlava cada centavo. Acaso era de admirar que Jackson quisesse um pau maior?

— Os cachorros — respondeu ele, em tom débil.

— Você me *prometeu* que ia parar de jogar!

— Olhe, a probabilidade de que aquele gene desgraçado se transmitisse à Flicka pelo *braço distal longo do cromossomo nove* das nossas duas famílias, através de gerações, deve ter sido de uma em dez mil! Eu bem que podia fazer uma grana com um talento natural para acertar em azarões.

— Não acredito que eu deva esta calamidade a um infeliz de um galgo que estava se sentindo cheio de energia. Se pudesse fazer o tempo voltar atrás, eu arrebentaria os miolos desse animal idiota com um pedaço de pau.

— Não fiz nenhuma aposta desde então. Juro pela minha vida.

É claro que essa versão dos acontecimentos era uma balela, mas a história dos cachorros também era uma confissão que contrariava os interesses de Jackson, e foi por isso que Carol acreditou. A verdade era que ele havia enfim aberto sua própria conta — será que era tão escandaloso um homem de quarenta e

quatro anos ter sua própria conta bancária? —, onde depositava as gorjetas recebidas em espécie e a receita dos serviços nada hipotéticos que vinha surrupiando de Pogatchnik fazia anos. Jackson não havia acumulado fundos suficientes com os biscates para pagar mais do que o valor mensal mínimo dos cartões de crédito dos quais Carol também não tinha conhecimento, como o Visa com que ele efetivamente pagara a conta de 8.700 dólares para destruir sua vida. Mas ela era a rainha da preocupação, já inquieta com o saldo negativo dos cartões dos quais tinha conhecimento e ansiosa para quitar o empréstimo hipotecário que eles haviam contraído para pagar as despesas extras na época da cirurgia de escoliose da Flicka. Jackson não se comprazia com o sigilo fiscal, mas se via como fazendo um nobre sacrifício para proteger a pouca paz de espírito que restava a sua mulher.

De olhos fechados, Carol esfregou o rosto e soprou as mãos. À medida que sua mulher se recompôs, Jackson se perguntou se agora poderia inferir que ela já não estava gritando.

— Isso dói? — perguntou ela, enfim. — Está com jeito de doer.

— Dói, sim.

— Muito?

— Muito.

— É melhor você me deixar dar uma olhada. — Tocou a coxa dele e, pela expressão mais branda de seu rosto, Jackson concluiu que era seguro. Tirou as mãos e afastou os joelhos. Ela se agachou diante do seu pênis e segurou cuidadosamente o eixo, como se tentasse fazer amizade, no abrigo para animais, com um cão arisco que tivesse sido violentamente espancado pelo dono anterior. Quando o movimentou para um lado, depois para o outro, Jackson se encolheu. — Que espécie de açougueiro fez isso?

— Consegui o nome dele com meu primo Larry, quando tomamos umas cervejas no verão passado. O Larry disse que o médico era “um verdadeiro artista” e que a namorada dele tinha ficado louca com o resultado. A cirurgia o tinha deixado muito maior, ou “ainda maior”, segundo ele disse. Diabos, o Larry nem se acanhou ao falar disso, como se nem fosse um segredo a ser abafado. Disse que o indivíduo “devia isso a si mesmo”. Ficou tão fanático pelo sujeito que estava planejando voltar lá, para fazer um novo aumento.

Carol revirou os olhos:

— Como se fosse possível encomendar um pênis, feito um par de sapatos. Você chegou a ver o aspecto da cirurgia dele?

— É claro que não! Não se pede a um sujeito para botar o pau para fora num bar. Não era esse tipo de bar.

Com muito cuidado, Carol pôs a mão sobre as suturas:

— Está quente. Ele ainda funciona?

— Mais ou menos. Não... experimentei muito. É doloroso demais.

— Está tão inchado que é difícil dizer como ficará quando o edema diminuir. Mas isso está muito infeccionado. Você pode ter uma infecção generalizada. Tomou antibiótico?

— Pelo período receitado, mas já acabou. Tenho passado bacitracina.

Carol tocou o rosto do marido, que pôde sentir o cheiro da infecção em seus dedos:

— Temos que levar você a um hospital.

Jackson desviou os olhos:

— É muito vergonhoso.

— É melhor a vergonha que a septicemia. E, se você deixar isso piorar ainda mais, ele vai cair. Sinceramente, eu iria para o Hospital Metodista de Nova York neste minuto, não fosse pelas meninas. Quando elas saírem para a escola de manhã, você vai tirar o dia de folga e nós vamos direto para o pronto-socorro. Eu vou com você. Embora você não mereça.

— Carol, é realmente importante que isto não se espalhe, está bem? Não conte a ninguém, por favor. Se descobrirem, lá na Knack, nunca mais vou conseguir me livrar disso.

— O Shep está sabendo disso? Do que você fez?

— Não! Não conte especialmente ao Shep!

— A versão masculina do que significa ter um “melhor amigo” me deixa completamente perplexa. De que adianta ter esse amigo?

— Só me prometa.

— A última coisa que me interessa alardear é que eu me casei com um idiota. Além disso, é você que não consegue ficar de boca fechada. Foi você quem falou com todo mundo no escritório sobre a Glynis, quando o Shep tinha lhe dito para não contar.

— Foi para o bem dele mesmo. Os caras ficavam zombando dele por causa de Pemba e, durante um tempinho, enquanto se fazia de solidário, o babaca do Pogatchnik largou do pé dele.

Jackson não se importou com a crítica severa de Carol; falar sobre qualquer outra coisa além do seu *pênis* era um alívio. Depois que os dois escovaram os dentes, ela tirou o robe e se deitou nua embaixo do lençol.

— Pelo menos, agora que você sabe — disse Jackson, considerando que era difícil encontrar algum lado bom —, não tenho que dormir de cueca com você.

Carol virou-se de lado, de costas para ele, e apagou a luz.

— Na verdade, meu bem, prefiro muito que você a vista.

CAPÍTULO DEZ

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de abril de 2005 – 30 de abril de 2005

Valor Líquido em Carteira: US\$571.264,91

Ele sabia que era errado. Mas, durante a vida inteira, ficara de olho no futuro — ingenuamente, na suposição de que sempre haveria futuro. Assim, por mais que tentasse proibir-se com rigor, ou traçar uma linha na areia, sua mente arrastava-se para diante e para depois de um certo evento, e passava animadamente a um território proibido cuja contemplação deveria ser intolerável. Essa metáfora da areia era peculiar, aliás: sejam quais forem as consequências terríveis de que o sujeito é avisado que se seguirão, atravessar uma linha na areia é moleza. Além disso, a areia que ele imaginava de forma compulsiva era branca, intermitentemente cortada por mangues, pontilhada de canoas talhadas à mão e puxadas para a praia, marcada pelas rodas de carros de boi e iluminada pelas cores vivas de cangas variadas. Se Shep Knacker estava traçando alguma linha na areia, era no litoral de Pemba.

Estava em seu escritório no segundo andar, preenchendo cheques. Embora o cômodo fosse realmente, realmente um escritório domiciliar, e nada mais, seu contador o havia dissuadido de incluí-lo na declaração de renda para efeito de dedução. Isso era um sinal de alerta, dissera Dave, e fazia a probabilidade de auditorias dar um salto. Todo mês de abril — o anterior não fora exceção —, Jackson esbravejava sobre o fato de a Receita pôr aquele quadradinho, “Você fez deduções baseadas num escritório domiciliar?”, bem no alto da primeira página do formulário 1040, praticamente como a primeira coisa que eles queriam saber, depois do nome e endereço do declarante. “Por acaso eles perguntam especialmente, na primeira página, se você deduziu os elásticos de borracha?”, espumava. “Perguntam, logo depois da porra do seu número da Previdência Social, se você deduziu aquele casaco velho de inverno que doou para o Exército da Salvação? Não! Com aquele quadradinho do *atreva-se, experimente só*, eles intimidam o indivíduo a omitir a única dedução legítima que manteria mais que o preço de um donut com geleia fora das suas mãozinhas ávidas de ladrões.” Bem, se era uma intimidação, funcionava.

Dadas as somas que vinham voando daquele cômodo nos últimos meses, alguns milhares de dólares a mais ou a menos para cobrir o imposto nem chegavam a importar: o que pesava eram os jantares com aquela tropa do Arizona, nas noites em que ele não conseguia inventar mais uma refeição sem carboidratos; as contas astronômicas de combustível, porque Glynis sentia frio com facilidade e, durante uma primavera incomumente gelada, ele andara aquecendo a casa a vinte e cinco graus ou até mais, quando ela sentia calafrios; contas de laboratório pelos exames de sangue que ainda a deixavam zozna; e, é claro, apequenando todo o restante para o nível dos trocados, a cirurgia, que arrancara um naco substancial da conta no Merrill Lynch, como que para espelhar em termos financeiros a violência infligida ao abdômen de Glynis, e depois a quimioterapia, que saía por mais de quarenta mil dólares a

cada vez que era ministrada. Antes tão cheio de picuinhas para que se comprasse a mostarda fabricada pelo próprio mercado, ultimamente Shep vinha ficando descuidado com o dinheiro, quase indiferente a ele. Algo em seu peito tinha vontade de sair pela rua no dia seguinte e enfiar um maço de notas na mão do primeiro estranho com que ele topasse. *Tome, leve logo tudo. Poupe-me a agonia de me separar dele aos bocadinhos.* Isso era uma espécie de tortura, na verdade, como morrer por causa de mil cortes, quando ele preferiria uma punhalada na barriga — um colapso econômico mundial, da noite para o dia, que transformasse seus dólares em belas folhinhas retangulares com que limpar a bunda.

Shep deixara a porta entreaberta para ficar atento a Glynis e, como era de se esperar, pôde ouvi-la começando a vagar pela casa. Passava da uma da manhã, porém a insônia que a havia atormentado no hospital também era um dos efeitos colaterais do Alimta (ou do que Glynis passara a chamar de *efeitos especiais*, denominação que conferia às consequências da química um toque do espetacular). E isso parecia muito injusto, dado que outro *efeito especial* do medicamento era a fadiga. Shep logo iria lhe fazer companhia, mas ainda não. Primeiro tinha que se controlar, tinha de refrear o terrível reconhecimento de que, embora isso tudo mal houvesse começado, ele já esperava que acabasse.

Acima de sua escrivaninha havia toda uma prateleira de cadernos de apontamentos Black n' Red, de capa dura, que durante anos ele havia comprado de uma papelaria de Londres, por encomenda especial — uma rara indulgência. As lombadas tinham títulos cuidadosamente grafados com caneta hidrográfica de ponta fina: Goa, Laos, Puerto Escondido, Marrocos... Cada caderno era repleto de anotações manuscritas: o preço de produtos básicos — manteiga, pão, leite. Os preços médios de casas de dois ou três quartos. As leis sobre a aquisição de imóveis por estrangeiros e, nos países mais restritivos, a suscetibilidade das autoridades à persuasão. A confiabilidade do serviço telefônico, do abastecimento de energia elétrica e do correio. No caso das missões de reconhecimento dos dez anos anteriores, o acesso à internet. Cidades e bairros almejados. Índices de criminalidade. Clima. Especialmente meticolosas, nos cadernos mais antigos, listas pormenorizadas da disponibilidade de suprimentos para o trabalho com metais — prata, solda, colcotar, fundente — e da distância que o casal precisaria percorrer para reabastecer o tanque de acetileno de Glynis para seu maçarico. À medida que a produtividade dela em casa fora minguando, estas últimas anotações tinham se tornado menos rigorosas, pois serviam a um mito cada vez mais tênue: o de que a mulher dele só faria encarar sua arte com mais seriedade num local distante no exterior, onde seu material tivesse de ser importado e arrancado das mãos de funcionários alfandegários corruptos, quando ela raramente se aventurava a subir até seu estúdio no sótão, tendo ao alcance das mãos tudo de que pudesse precisar ali no bairro das joalherias, no centro de Manhattan.

A caligrafia era de Shep: a letra caprichada e arredondada de um estudante diligente, com as pernas dos gês e dos ípsilons curvando-se lealmente de volta à linha e a parte superior das as e os meticulosamente fechada. Essa escrita cursiva nunca tinha perdido aquele desejo de agradar que era próprio do menino de escola, a determinação nervosa de copiar corretamente do quadro-negro. Além de anotações logísticas, essas páginas tinham várias fotos coladas: bangalôs à beira-mar na Cidade do Cabo, de preço anteriormente modesto; Glynis posando diante de uma pilha de rambutãs vermelhas como fogo, numa feira livre do Vietnã. Cartões de hospedarias, menus de restaurantes. Endereços de amigos recentes, em geral membros das pequenas comunidades de língua inglesa dos expatriados britânicos e norte-americanos que, desde o início, eles haviam concordado que seriam necessários. Shep e Glynis, assim dizia o catecismo, eram aventureiros, mas realistas: ansiariam pela companhia dos seus. No entanto, por melhor que tivesse sido travado o conhecimento, eles haviam perdido o contato com praticamente todos esses conhecidos locais, que já não os seduziam com convites para jantar, com a vaidade compartilhada de quem tinha construído um mundo à parte, com a inevitável saudade compartilhada de quem também perdera um mundo. Aliás, depois que Glynis vetava um país, com isso condenando todo esse exercício a uma mera reminiscência, Shep não voltava a abrir seu Black n' Red. O alto dos volumes da esquerda ficara empoeirado.

Como o casal nunca estivera lá, o último caderno à direita, marcado “Ilha de Pemba”, estava quase vazio. Nele se encostava uma pasta com material impresso. Na falta de suas anotações e instantâneos pessoais, o arquivo de Pemba no disco rígido de Shep estava cheio de links para sites de viagens e fotos de férias de outras pessoas, postadas na internet. Com pouca paciência para pesquisas que não fossem tridimensionais, ele havia reunido material suficiente apenas para preencher uma apresentação de um aluno do quarto ano à sua turma. Pemba situava-se oitenta quilômetros ao norte de Zanzibar. Como a ilha fora colonizada por Portugal, os habitantes locais ainda faziam uma tourada todo ano. As grandes fazendas não plantavam apenas cravo, mas também arroz, dendê, coco e manga. A fauna local incluía raposas-voadoras, mangustos dos charcos, caranguejos-dos-coqueiros e cólobos-vermelhos. Naturalmente, a culinária era carregada de frutos do mar: polvo, cavala-branca, camarão.

Shep nunca havia comido cavala-branca e gostaria de experimentar.

A população era de trezentos mil habitantes, embora esse censo fosse antigo. Em sua maioria hoteleiros, os estrangeiros residentes somavam apenas um punhado. No entanto, quanto mais a Outra Vida havia cozinhado em sua mente, menor o número de “sua gente” de que Shep imaginara precisar; talvez um único vizinho rabugento, num ponto mais adiante na praia, bastasse para ajudá-lo a se lembrar da palavra inglesa *carrossel* sem quebrar a cabeça. Mantendo os turistas em número reduzido em qualquer época do ano, a ilha, por ser de acesso difícil, havia atendido a seus propósitos. Se era difícil chegar a ela, também seria difícil ser procurado nela, e igualmente difícil ir embora.

Shep havia transcrito alguns nomes de cidades, para poder experimentar sua sensação na boca: *Kigomasha, Kinyasini, Kisiwani. Chiwali e Chapaka. Piki, Tumbi, Wingi, Nyali, Mtambili e Msuka. Ou Bagamoyo*, um vilarejo cujo nome significava “mantenha o coração leve”. Ele adorava a ideia de morar num lugar cujo nome seu corretor ortográfico não reconhecesse — que saltasse da tela, sublinhado por alarmadas ondinhas vermelhas. Adorava a alegre perspectiva de pousar num aeroporto em *Chaka Chaka*. Havia decorado algumas expressões, enquanto reunia coragem para anunciar suas intenções a Glynis, e já tinha passado a saborear o júbilo saltitante do suaíli. No passado, Shep sempre fora intimidado pelas línguas estrangeiras. Dentre todas as tarefas que a Outra Vida poderia lhe apresentar, a que mais o deixara ressabiado tinha sido ter que aprender búlgaro, ou, pior ainda, uma daquelas línguas tonais sutis, como o tailandês. Mas o suaíli era uma língua brincalhona, cheia de repetições bobas, do tipo inventado pelas crianças pequenas: *polepole, hivi hivi, asante kushukuru*. A língua não o assustava. Parecia estar brincando.

Com o ar furtivo de quem procura pornografia na internet, Shep pôs o talão de cheques de lado e estreitou a abertura da porta do escritório. Ligou o computador e procurou os links. A tela azulou-se com uma água que parecia limpa. A areia era não só luminosa e fina, porém, o que era mais maravilhoso, deserta. Ele não era ingênuo no que concernia a praias. Não as idolatrava, com sua brancura ofuscante e implacável. Tinha plena consciência de como ficavam quentes e monótonas; da aspereza incômoda da pele, depois que a água salgada secava; de como a areia se entranhava no couro cabeludo, entrava pelas frestas das lombadas dos livros e seguia o indivíduo para dentro de casa. Sabia das moscas. Porém nada em morar perto de uma praia obrigava o sujeito a estacionar numa esteira, em estupefação, de manhã à noite. Ao cair da tarde, o calor diminuía, as cores se aprofundavam. E, por mais que se ficasse habituado à vista, às aves e aos caranguejos-dos-coqueiros correndo na maré baixa, nenhuma das paisagens daquelas fotos poderia se tornar tão entediante quanto as dos shoppings de Elmsford, Nova York.

— Shepherd?

Glynis estava encostada no batente da porta, comprimindo um lenço de papel no rosto. Havia sangue escorrendo por seu braço. Em sua aflição, Shep demorou uma fração de segundo a mais para minimizar a praia. Embora a cabeça de Glynis estivesse inclinada para trás, seus olhos amarelados estavam abertos. Shep realmente teria ficado menos sem jeito se ela houvesse vislumbrado seios nus ou uma xoxota vista de frente.

— Outro sangramento nasal — comentou, declarando o óbvio, para distraí-la do que ela pudesse ter visto. Com a mão sob o cotovelo de Glynis, levou-a depressa ao banheiro do corredor. Ela deixara pingar sangue no carpete bege. Shep não notou o rastro com repreensão; a questão era apenas que agora ele era responsável por cuidar da casa e precisaria limpar aquelas manchas antes que elas se fixassem. — Fique com o nariz para cima.

Pegou uma toalhinha de mão, umedeceu-a e a passou no braço de Glynis. Ao retirar os filetes de sangue, revelou em sua pele os pontinhos vermelhos como espetadelas de alfinete, que não saíam ao ser esfregados e pareciam o halo em volta dos grafites pintados com spray. Como se ela tivesse andado apanhando sol naquela praia da tela, sua tez estava escura para maio, quase da cor de um bom bronzeado, porém não exatamente — era mais cinzenta, mais amarelada, mais sombria. O tom trouxe à lembrança de Shep aqueles produtos de bronzeamento artificial que se esfregam na pele e não enganam ninguém. E ele lamentou notar que, apesar da dexametasona, as faixas de erupção vermelha e escamosa da pele tinham voltado. Estavam inflamadas; Glynis andara se coçando outra vez.

— Eu tinha que estar usando este suéter — disse ela.

Shep a ajudou a tirar o cardigã longo de caxemira creme, um agasalho de que ela gostava desmedidamente. O suéter luxuoso tinha o calor e o conforto de um roupão de banho, sem nenhuma das conotações deprimentes do “estou pouco me lixando para me vestir”, e agora estava salpicado de sangue na frente. De momento, portanto, ela teria que se contentar com o roupão, que Shep foi buscar, prometendo tirar cada manchinha de sangue do cardigã. Qualquer coisa que despertasse a afeição de Glynis, que aumentasse em termos infinitesimais o seu apego aos destroços perdidos e descartados desta vida, teria que ter precedência sobre o carpete.

Trazendo uma caixa de lenços de papel, ele a acomodou no térreo, no sofá de dois lugares que havia deslocado permanentemente para a cozinha, para que Glynis pudesse enroscar-se nele enquanto o marido preparava suas refeições. Ou refeições num sentido frouxo. Shep tivera mais sorte com lanches variados do que com banquetes imponentes. Como era comum Glynis não ter forças para se levantar e se sentar à mesa da sala, ao lado do sofá ele tinha posto uma mesinha de centro, na qual também fazia suas refeições, para que sua mulher não se sentisse exilada. Ajeitou um cobertor de lã macia em volta dos ombros dela. Pelo menos, o sangramento nasal parecia estar diminuindo.

— Desculpe a sujeira — disse Glynis, enquanto Shep levava o cardigã para a pia. — Eu teria segurado melhor o sangramento, mas esse negócio da antipatia neurótica — ela se referia, é claro, à neuropatia periférica — me transformou numa desajeitada. Não consigo sentir direito o Kleenex, por isso acho que o estou segurando, mas não estou e o deixo cair. É muito esquisito. É quase como não ter mãos. Como ser amputada.

Lavando e torcendo e tornando a lavar, Shep procurou ser vigoroso na remoção do sangue, mas fazendo gestos displicentes, rotineiros, como se a tarefa não fosse problema algum. É claro que não era problema, porém havia uma arte extra em passar essa impressão.

— É melhor eles terem razão sobre o desaparecimento destes sintomas depois de terminar o tratamento — acrescentou Glynis. — Se eu não conseguir sentir as mãos, vai ser difícil sair cortando coisas com uma serra de joalheiro.

— Pelo que sei, o único *efeito especial* que eles temem que possa ser permanente é a perda auditiva.

— Desculpe, o que você disse?

Ele elevou a voz:

— Disse que, pelo que sei...

— Shepherd. Eu estava brincando.

É claro que estava brincando. Em condições normais, ele teria percebido. Era preciso estar concentrado para lembrar que Glynis ainda era Glynis — aquela tautologia tão amada pelo Pogatchnik — e que não lhe convinha tratá-la com um excesso de gentileza ou feito uma criança. Mas o que Shep disse

em seguida foi realmente paternal e fomentou um incômodo conhecido, a mesma sensação de cumplicidade conivente que ele sentira pela primeira vez com o Dr. Knox:

— Você precisa se concentrar no fato de que tudo isso é temporário. Sei que parecem os nove meses mais longos da sua vida. Mas, na outra ponta, a urticária, as feridas e a neuropatia, tudo isso vai desaparecer, depois que você tirar os medicamentos do organismo. Procure manter o foco na linha de chegada.

— Só sei dizer que, se isto é tolerar “incrivelmente bem” A Linda Manhattan, eu detestaria saber como é tolerá-la mal.

A *Linda Manhattan* referia-se, é claro, ao Alimta e à cisplatina. Rebatizar com rebeldia os componentes do tratamento não só proporcionava a Glynis uma fonte contínua de distração, como também de posse — um frágil sentimento de controle. As empresas farmacêuticas não iam tiranizá-la com seus nomes comerciais ridículos e pomposos, de cujo otimismo subliminar sobre os estragos do corpo ela zombava sem piedade: Emend (*Amém*), Ativan (*Ativação*), Maxidex (*Maxilar*). Mas a própria Glynis tinha uma tendência a transformar os nomes genéricos pesados, com um número medonho de sílabas, em desvios inofensivos ou até agradáveis: o lorazepam se adoçava em *marzipã*, a domperidona borbulhava em *Dom Pérignon*, e o lansoprazol cadenciava-se em *lamzy divey*, das rimas alegres e disparatadas da canção *Mairzy Doats*, da década de 1940. Essa profusão de medicamentos pretendia contrapor-se aos *efeitos especiais* da quimioterapia; esses remédios também tinham *efeitos especiais*, contrabalançados por mais outras drogas, talvez com mais *efeitos especiais* ainda, de tal sorte que o número de pílulas e poções que Glynis tomava era potencialmente infinito. Por isso, nenhum dos seus apelidos despreocupados compensava o fato de seu corpo ter se tornado, nas palavras dela, “um depósito de lixo tóxico”.

— Pelo menos, no seu caso, a náusea parece não durar mais que uns dois dias — observou Shep. — Uma porção de gente passa semanas vomitando a alma.

— É, que sorte a minha.

Shep levantou o cardigã contra a luz. Ainda havia pálidas sombras arroxeadas. Ele o levaria para lavar a seco no dia seguinte, na hora do almoço. Tinha que se “levantar” dali a três horas, embora o verbo implicasse em deitar-se primeiro, o que parecia duvidoso.

— Você falou com a sua mãe hoje ou a abandonou de novo na secretária eletrônica?

— Não, não falei com ela. Por que o faria? O que há para dizer? Sim, tomei meu ácido fólico e meu pterodáctilo? (Até para Shep, agora já dava trabalho lembrar que o verdadeiro nome do suplemento era piridoxina.) — Nunca acontece mais nada comigo. Nunca faço nada além de ver televisão. Não podemos nem conversar sobre o clima. Se nunca saio de casa, não existe clima. Acabamos passando meia hora falando do que eu comi.

— Ou seja, não o bastante.

— Não comece.

— Eu nunca parei.

Shep saiu para buscar um cabide e pendurou cuidadosamente o suéter, para ele não ficar com bicos estufados nas mangas. Enquanto estava lá em cima, lavou a toalha de mão e foi cuidar dos pingos no carpete. Só conseguiu transformar as gotículas discretas em grandes manchas rosadas. Era o tipo de dano que, em épocas passadas, ele teria tentado melhorar com esfregadas obsessivas e produtos de limpeza fortíssimos. Teria medo de que o depósito de garantia do aluguel corresse perigo, de que o senhorio os desfalcasse do preço do carpete. Agora, pensou, foda-se, depois eu jogo um pouco de sal nisso. Havia algo que se podia arrancar dessa história de mortalidade, algo mais esclarecedor do que a mera perspectiva: a apatia. Shep não se incomodou com o carpete do senhorio. Não se incomodou com o depósito de garantia. Logo, não se incomodou com as manchas no corredor e jogou a toalhinha molhada na pia. Percebeu como esse estado libertário poderia tornar-se progressivo. Como, diante de uma partida

final, praticamente não havia limite para o que não tinha importância.

De volta à cozinha, retomou o assunto que tinha ficado em suspenso:

— Sei que é chato ocupar o tempo ao telefone. Mas a sua mãe só quer saber como você está passando.

— Eu estou com câncer! Estou me sentindo uma merda! O que há para dizer?

A respiração de Glynis ficou arfante. A anemia lhe tornava difícil recobrar o fôlego.

— Ela está tentando ser uma boa mãe — disse Shep.

— Está tentando *parecer* uma boa mãe. É um teatro, para ela poder dizer a todas aquelas brucacas com quem anda como tem sido atenciosa, para que sintam pena dela. Não de mim! *Dela*. Mamãe liga todo dia para se sentir melhor.

Shep quase disse: bem, e o que há de errado nisso?, mas mordeu a língua. Glynis não queria que os outros se sentissem melhor.

— O Jackson tem andado meio esquisito, ultimamente — comentou, apoiando os pés dela numas almofadas; a elevação mantinha o edema sob controle, ainda que não o diminuísse.

— Como assim?

— É difícil dizer. Distante? — disse, massageando o peito do pé da mulher. Os dedos inchados se destacavam individualmente, como balõezinhos amarrados. — Uns dias ele some no intervalo do almoço, e nós sempre passamos essa “hora” juntos. Parece distraído. Por exemplo, quando vamos caminhando até o Prospect Park, ele fica sem ter o que dizer.

— Essa é novidade.

— Talvez esteja com dificuldade de saber como ser consolador a respeito de você.

Os tornozelos dela tinham sido tão esbeltos! Shep queria que sua mulher ganhasse peso, mas não nos pés.

— Ele pareceu lidar bem com a situação quando você ainda estava no hospital — prosseguiu —, mas você disse que foi principalmente com aquelas diatribes prontas...

— Elas foram uma bênção. Tiraram minha obrigação de manter uma conversa... Shepherd, não quero parecer ingrata, mas não estou conseguindo sentir isso.

— O Jackson não estava lidando com o que acontecia — retrucou Shep, interrompendo a massagem nos pés com um tapinha que tentou disfarçar sua mágoa. Não fazia sentido ficar magoado. — Emocionalmente.

— O Jackson é a pessoa mais incomunicável que eu conheço. Não sei como a Carol aguenta. Ele é o tipo de pessoa extremamente divertida em grupo. No cara a cara, pelo menos comigo, não consegue comunicar nem “passe o sal, por favor”. Mas com vocês dois deve ser diferente.

Shep sentiu o cansaço nas observações dela. Glynis era uma aguda analista do caráter. Não tendo nada de eremita artística, contava com uma ampla rede de amizades e fazia muito que um de seus passatempos conjugais favoritos era a análise luxuosa e às vezes cruelmente precisa, digamos, de como Eileen Vinzano supercompensava a sensação de ser ofuscada pela proeminência do marido, um correspondente estrangeiro itinerante do *ABC News*, fazendo elogios rasgados a Paul em sociedade. “Parece meio vazio, não é?”, percebia Glynis astutamente, depois que os convidados do jantar se retiravam. Agora, porém, tinha que investir tanta energia para expressar qualquer ideia, que restavam poucas forças para a opinião em si. Agora, ao longo de um dia médio, sem dúvida ela pensava uma porção de coisas, que simplesmente não conseguia reunir forças para articular — atravessar o árduo processo de escolher as palavras e colocá-las na ordem certa; abrir a boca, forçar a passagem do ar na garganta e fazer vibrarem as cordas vocais. Shep se solidarizava com ela, mas também se sentia roubado. Num prazo assustadoramente curto, talvez as reflexões de sua mulher já não ficassem infinitamente disponíveis, mas passassem a constituir, em vez disso, uma coleção finita e bastante pobre de citações, como um daqueles livrinhos finos e pequenos de ditos espirituosos que eram vendidos nos caixas das

livrarias na época do Natal.

— Era diferente, entre mim e Jackson — confirmou Shep —, mas, nos últimos tempos, até as diatribes...

— Ele sente muita raiva, mas não sei direito de quê.

— Não sei se o nome é “raiva”, quando a pessoa se diverte tanto — disse Shep, servindo um copo de água com gás que Glynis não tinha pedido e espirrando nele umas gotas de limão. Não suportava o tempo ocioso, sem fazer alguma coisa para ela. — Mas, nos últimos tempos, há uma tensão nele. O Jackson não está se divertindo.

— É uma barragem de fogo, uma... — as palavras eram difíceis de encontrar e pesadas para levantar — ...uma transmissão sonora. Um campo de força, para manter os outros afastados.

— Fico me lembrando de quando fui visitá-lo no Metodista de Nova York, quando ele teve aquela “infecção” e precisou ficar tomando soro com antibiótico. “Uma infecção”... ele nunca disse de quê. Achei aquilo esquisito. Em geral, a pessoa tem “uma infecção de alguma coisa”, não é?

— Não sei, já estive hospitalizada três vezes com “uma infecção”.

— Mas isso é porque você é suscetível a qualquer micróbio que passa. E depois, você não gasta uma porção de tempo falando com as visitas sobre os detalhes do seu tratamento? Nós, não. Quer dizer, não conversamos *nada* sobre o problema dele. E ele faltou ao trabalho um dia, na semana passada, e em momento algum explicou por quê.

— Esqueci de lhe contar. A Petra passou aqui hoje — resmungou Glynis. Havia encerrado a conversa sobre Jackson.

— Ah, é? E como foi?

Enquanto esvaziava a lavadora de louça, Shep se preparou. Agora morando no Upper West Side, Petra Carson tinha sido colega de turma de Glynis na Escola de Arte Saguro e era a mais antiga amiga de sua mulher. A relação entre as duas artífices da metalurgia era delicada, nas melhores ocasiões. Assim como sua cunhada Ruby, cuja simples industriiosidade Shep sempre havia admirado, embora nunca diante de Glynis, Petra trabalhava muito e tinha uma produção prodigiosa. Era provável que a diligência, mais do que o talento, explicasse sua ascensão no ramo: sua inclusão frequente em exposições de artesanato em turnês nacionais, sua galeria em Nova York, que lhe servia de apoio. O fato de que o atributo decisivo, nos elevados campos da criação artística, talvez não diferisse do ingrediente mais vital que fizera decolar a pequena e prosaica empresa de Shep — a perseverança rotineira — era uma intuição sem tato que ele havia guardado para si.

Glynis depreciava o trabalho de Petra como avesso a riscos e produzido em série. Ao contrário de Glynis, Petra não buscava ultrapassar os limites do “artesanal” nem ansiava ligar-se ao mundo artístico propriamente dito. Ela fazia joias, ponto, para as pessoas usarem. Outra observação sem tato? Shep gostava disso. Gostava de funcionalidade. Era faz-tudo. Sempre tinha valorizado o fato de sua esposa criar objetos que eram não só atraentes, mas também úteis, o que deveria torná-los *mais* valiosos, não menos. Por isso, não tinha paciência com a distinção amalucada entre *arte* e *artesanato* que deixava este último em desvantagem, em termos comerciais. Se a pessoa fazia um jarro de cerâmica que retinha a água, ele era praticamente sem valor. Se lhe abria um buraco no fundo, virava “arte”, e se podia cobrar uma fortuna por ele. Que merda de maluquice era essa?

Seria de se supor que uma doença que punha a vida em risco finalmente neutralizasse a tensão permanente dessa amizade sobre qual das duas metalurgistas era mais talentosa. (Glynis considerava óbvia a resposta.) Embora nenhuma das duas questionasse quem tinha mais sucesso, fazia décadas que travavam uma batalha tácita sobre se uma certa pessoa merecia a fama que tinha. Com certeza, diante do câncer, Glynis deveria ter dado uma trégua, ou até, numa explosão de esclarecida generosidade, finalmente atribuído algum mérito a sua colega. (Está certo, refreou-se Shep, não venha com fantasias.) Mas, no que dizia respeito a Glynis, a rivalidade continuava mais feroz que nunca. Ela relutava em

rebaixar sua mais antiga amiga e nêmesis à condição de mais uma pessoa meiga e benevolente que cuidava de enfermos.

— Quer parar de se remexer?

Confuso, Shep ficou imóvel, com uma espátula suspensa no ar.

— Só estou...

— Eu passo o dia inteiro sem fazer nada. Seria um consolo estar com outra pessoa que também não fizesse nada.

Ele encolheu os ombros, deixou a espátula na gaveta e puxou uma cadeira para junto do sofazinho. Era estranhamente difícil fazer o que Glynis pedira. Nos últimos meses, ele nunca parava, com todas aquelas incumbências além do trabalho, e também tentando, em geral sem conseguir, encontrar tempo para dar uma olhada no Zach, cujo retraimento o tornava muito fácil de ignorar. Ficar simplesmente sentado deixava Shep inquieto, claustrofóbico. A ocupação ininterrupta era uma espécie de terapia. A prestimosidade agressiva disfarçava o fato de que, em qualquer sentido importante, ele era inútil.

— A Petra só fez se queixar, se você consegue acreditar nisso — disse Glynis, lutando para se soerguer nas almofadas, o que lhe causou um acesso de tosse. Era óbvio que a amiga a havia ofendido, já que rara era a visita em que não o fazia. O ressentimento era seu remédio favorito. — Oh, puxa vida — disse, com aspereza —, ela tem que ir a Los Angeles esta semana para a abertura da sua exposição. Andar de avião não é terrível, hoje em dia? Antigamente, ela ansiava pelas viagens aéreas, e agora tem pavor delas, com essa questão da segurança e as filas. E as inaugurações de exposições são chatíssimas, com todos aqueles elogios bajuladores, e depois ninguém compra nada, donde é evidente que é um puxa-saquismo vazio. E isso foi só o começo. Não importava do que falasse, todas as coisas que tinha de fazer, como o polimento interminável, a remessa do material e o seguro, os jantares com os donos de galerias, era tudo terrível, terrível, um grande ônus para os explorados, quando eu não posso nem mesmo atravessar a rua! Quer dizer, que desaforo! No fim, eu estava a ponto de dar um soco no nariz dela.

— Mas... você não acha que é difícil as pessoas lhe falarem das coisas boas da vida delas, quando a sua está tão sofrida?

— Ela não faz ideia da sorte que tem! Todo o mundo à minha volta parece estar se lamentando, e por nada!

Induzir Glynis a se colocar no lugar de qualquer outra pessoa, nos últimos tempos, era quase impossível. Justiça seja feita, a compaixão requer energia. Por outro lado, a raiva também.

— Ela fica sem jeito, Gnu — insistiu Shep, baixinho. — Instintivamente, vai pintar tudo o que tem de fazer como desagradável, para que pareça uma coisa que você não gostaria de fazer, já que não pode fazê-la. Não é que ela esteja se lamentando, é que está lamentando você.

— Ah, vá você se danar com toda a sua compreensão! Podia usar um pouquinho dessa compreensão comigo!

Glynis chorava com facilidade. Shep abaixou-se junto ao cobertor da mulher e lhe enxugou as lágrimas com o indicador. Enquanto isso, passou de leve um lenço de papel em volta do nariz dela, para retirar as últimas crostas de sangue.

— Os seus amigos gostam de você, e nem sempre sabem como demonstrar isso.

— Estou farta disso. — Empurrou o lenço e tornou a lutar para se sentar mais ereta. — Esse desfile de visitas. As primas, as tias, as vizinhas que mal conhecemos. As amigas de quinze anos atrás, que saem rastejando das frestas da madeira... como se não houvesse uma razão para não nos termos encontrado durante todo esse tempo: *não gostamos muito umas das outras*. Mas não, todas querem sua plateia. Todas preparam de antemão a sua apresentaçãozinha. As coisas que querem *ter certeza de se lembrar de dizer*. Falando sério, elas cruzam as mãos como se estivessem na igreja ou fazendo uma palestra sobre um livro. Já ouvi o quanto as outras pessoas me *adooram* até isso me sair pelas orelhas! Para dizer a verdade, a esta altura, eu realmente gostaria que alguém entrasse por aquela porta e dissesse: “Sabe de

uma coisa, Glynis? Francamente, nunca me interessei pela sua companhia. Francamente, nunca nos demos bem. Nunca entendi qual é a sua.” Ou até “eu detesto você”. Seria reconfortante. Qualquer coisa, menos esses discursos enjoativos. Glynis, você é tão talentosa. Glynis, você fez trabalhos tão lindos. Glynis, você criou dois filhos maravilhosos. Nem sei do que eles estão falando. Sim, talvez os filhos sejam maravilhosos para mim, mas, para outras pessoas, o Zach e a Amelia não são maravilhosos, são apenas meus filhos. E as reminiscências nauseantes. Glynis, lembra-se de quando nós fomos esquiar em Aspen e você se perdeu? Glynis, lembra-se de quando éramos pequenas e você se fantasiou de explorador de ouro do Velho Oeste? Metade do tempo, não tenho a menor recordação dessa lembrança supostamente preciosa. O que é que eu vou dizer? O que essa gente quer de mim? Sim, é claro que eu me lembro, aquilo foi mesmo engraçado, ou assustador, ou idiota? Quá-quá-quá? E também *adooro* você? Eu não *adoro* a maioria das pessoas que vem aqui. Metade do tempo, não gosto de ninguém, nem de coisa nenhuma, nem mesmo de você!

Shep sabia que não era para se sentir magoado e afagou o cabelo ralo da mulher. Glynis tinha aversão a sentimentalismos, que associava a Hetty. Mas, nessa noite, alguma outra coisa a estava aborrecendo, e ele não entendia muito bem o que era. Fosse o que fosse, ela precisava pôr isso para fora. Como naqueles primeiros dias depois da quimioterapia, quando ele a segurava no banheiro até a última gota de baba cair no vaso sanitário.

— Todo esse... sentimentalismo! — continuou, agitando as mãos. — É igualzinho à minha mãe. Eles estão tentando fazer com que eles mesmos se sintam melhor. Estão só *se garantindo*. Estão *se garantindo* para que, mais tarde, não tenham que se sentir culpados. Cumpriram seu dever. Fizeram seu discursinho. Podem voltar para seus jantares felizes e suas férias felizes e seus filhinhos felizes e suas voltas felizes de bicicleta pelas pistas de ciclismo de Tucson. Podem voltar para o tênis e o vinho e o cinema, com a consciência tranquila.

— Você não... não quer que eles fiquem com a consciência tranquila?

— Eu estou tentando ficar boa. Não estou injetando esse veneno nas veias, de duas em duas semanas, por pura perversidade, mas para ficar boa. E essa gente... eles estão lendo meu obituário, Shepherd! Há tardes em que eu tenho a sensação de nem estar no quarto. É como se eles tivessem vindo ver o corpo, como se eu estivesse deitada num caixão aberto. Estou eu aqui, vomitando e com a pele estourando nessas erupções nojentas, e, na semana passada, mal conseguia engolir, por causa das aftas no fundo da boca. É verdade que eu *pareço* um cadáver, mas ainda estou aqui, e estou passando por essa merda toda para tentar ficar aqui. Não ajuda ter uma fila de babacas passando pelo meu quarto e jogando terra na minha sepultura!

— Está bem — disse Shep, encostando a cabeça dela em seu ombro. — Agora eu entendi.

Em todos aqueles meses, isso era o mais perto que Glynis havia chegado de dizer a palavra *morte*.

* * *

Shep a persuadiu a comer alguma coisa — purê de batata, propôs, com certeza você pode comer um pouquinho de purê de batata. Suave, tranquilizador. Glynis só acedeu por saber que ele continuaria a persegui-la e, depois de tirar toda aquela bile do organismo, ela não tinha forças para resistir ao marido. Shep descascou e cozinhou duas batatas grandes, depois amassou-as com meia xícara de creme de leite fresco e com tanta manteiga que quase desandou a mistura. Pegou umas sobras de frango assado, o que era otimismo, mas não fazia mal tentar. Mesmo não estando com fome, pegou dois pratos e serviu para si uma porção generosa, para simular um grande apetite. Glynis não comeria sozinha. Ele teve o cuidado de acrescentar um raminho de salsa e uma rodela de tomate, para introduzir um pouco de cor. Com a primeira garfada, fez ruídos de *nham-nham*, como no passado, na hora de fazer os filhos comerem

alguma coisa nova e suspeita, quando eles eram pequenos. Infelizmente, Glynis olhou para seu prato como se lhe apresentassem um punhado recém-preparado de massa para calafetar banheira, quando ela não estava com disposição para fazer consertos domésticos.

— Experimente umas garfadas — ele incentivou. — Talvez um pedacinho de frango.

A quantidade de batata que ela equilibrou no garfo não alimentaria um hamster.

Pessoalmente, houvera tempo em que Shep tivera um desses metabolismos de lata de lixo, pondo para dentro pilhas de cinco centímetros de *pastrami* na hora do almoço, sem a menor preocupação. Mas isso tinha sido na época em que estava no trabalho externo, batendo pregos, subindo em escadas e levantando sacos de cimento de vinte quilos. Depois de assumir um papel predominantemente administrativo na Knack, havia começado a ganhar peso e descoberto sua vaidade. Desde então, juntara-se a Glynis na vigilância da cintura e, com isso, conseguira abrandar o antigo ressentimento da mulher pelo fato de ele poder comer feito um cavalo, enquanto ela, para se manter em forma, tinha de comer como um pardal. Assim, os dois haviam passado a estocar leite desnatado e pastinhas feitas sem derivados de leite, que tinham gosto de óleo lubrificante. Tal como a maioria de seu grupo de meia-idade, fazia anos que encaravam a comida na geladeira com a hostilidade desconfiada de anfitriões antipáticos, forçados a alojar soldados inimigos. Como Shep sempre tivera a sensação de que bem que poderia perder um ou dois quilos, fazia anos que cada garfada sua tinha uma leve mancha de autocensura e, quanto a Glynis — bem, nesse departamento, as mulheres eram piores. Por isso, ele se sentia apto a falar pelos dois, por terem mais ou menos esquecido que a comida não era puramente uma tentação a ser desafiada. Da noite para o dia, entretanto, seus temores tinham sofrido uma inversão completa. Ele estava vendo a mulher evaporar diante dos seus olhos.

Ultimamente, quando saía para fazer compras, Shep verificava o teor calórico no rótulo e, quando ele não era alto o bastante, repunha o produto na prateleira. Desprezava as sopas saudáveis em lugar das sopas cremosas com peixe ou mariscos, as quais pudesse reforçar com creme de leite. A geladeira estava abarrotada de coalhadas, queijos (cremosos como o *brie* e tão gordurosos quanto possível), patês e descobertas afortunadas feitas no setor de confeitaria, como tortas de nozes-pecãs e de chocolate, que chegavam a seiscentas calorias por fatia. O *freezer* estava repleto de sorvetes — nunca de iogurte congelado, mas os de verdade: com marshmallow e nozes ou *banana split*. Na despensa havia uma fatura de biscoitos amanteigados e garrafas de calda de chocolate; fazia meses que ela não via bolos à base de arroz nem bolachas de água e sal. Em retrospectiva, havia uma racionalidade animal em maximizar o combustível por dólar, assim como, em todos os anos anteriores, seu esbanjamento da mesma quantidade de dinheiro em sacos de vento — flocos de milho e travesseirinhos de batata cozida — fora contrastantemente louco. Mas, se essa nova permissividade tinha um caráter onírico de fantasia transformada em realidade — olhe, agora você pode comer os pratos mais gordurosos e mais doces que quiser, e quanto mais, melhor —, a carta-branca calórica vinha num momento tragicamente errado. Sua mulher podia enfim comer todos os alimentos que se havia negado durante décadas, e todos lhe causavam repugnância. Diabos, se ele fosse mesmo um marido leal, estaria empurrando esse purê de batatas por uma mangueira na boca de Glynis, como quem engordasse um ganso para fazer *foie gras*.

— Você se lembra que, nas nossas viagens de pesquisa, saíamos para caminhadas de quinze quilômetros, o dia inteiro, tomando notas e tirando fotografias, tudo com apenas duas xícaras de café? — lembrou Shep. — Resistindo ao talharim à tailandesa ou às chamuças dos vendedores ambulantes, fingindo que não víamos todos aqueles doces em Portugal? Cara, que desperdício! Se há um arrependimento que eu tenho, é de algum dia ter deixado você ficar sem almoço. Você teria mais umas semanas de margem de segurança nesta primavera e, naquelas ocasiões, teria pelo menos saboreado as comidas.

— Você não gostaria de uma esposa gorda, não é?

— Gostaria. Neste momento? Adoraria uma esposa gorda. Queria que você fosse um saco de banha.

Gostaria que fosse *enorme*. Na verdade, com o que sei agora, não entendo por que os médicos não recomendam a todo mundo que armazene uns dez quilos a mais, enquanto tem essa chance. Eu não defenderia a obesidade escancarada, mas existe uma razão para a gordura. Ela é um recurso.

Glynis beliscou alguma coisa com as pontas dos dentes do garfo e o depôs na mesa:

— É irônico. Acho que fiz uma boa dose de esforço para me manter magra. E agora sou castigada por isso. Há uma lição aí, em algum lugar, mas não sei ao certo qual é.

— Você precisa parar de comer só o que tem vontade.

— Na verdade, não *tenho vontade* de comer nada.

— Essa é a questão. É uma tarefa. Vamos, você pode fazer melhor que isso.

Havia uma sugestão de ameaça em sua voz, uma surpreendente insinuação de violência física iminente. Shep também via a coisa chegando a esse ponto. Infelizmente, a perseverança de Petra e Ruby nunca tinha sido o forte de Glynis, mas a rebeldia, sim. Quanto mais ele a pressionasse a engolir aquela batata, com mais vigor ela a rejeitaria. Mas Shep estava ficando desesperado. Na maior parte do tempo, não reparava na aparência da mulher; acostumara-se com ela, do mesmo modo que, ao longo da infância, basicamente não se dera conta do fedor das fábricas de papel que inundava sua cidade natal. De vez em quando, porém, captava um vislumbre dela pelo canto do olho, observando sua mulher como faria com uma estranha. E aquela figura cadavérica — os olhos fundos, os ossos do peito à mostra, os pulsos que ele podia envolver entre o polegar e o indicador — de repente o atingia, como o penetrante mau cheiro de Berlin, New Hampshire, quando ele voltava de férias com a família na montanha.

Glynis comeu mais um pingo de batata e baixou o garfo, resoluta. Com uma astúcia de criança, havia empilhado a sobra, reduzindo o perímetro para fazer o prato parecer o mais vazio possível. Tinha escondido o fiapo de peito de frango sob a borda do prato. Shep desistiu e tirou a mesa; enquanto a incentivava a comer mais um pouco, ele havia, de algum modo, despachado sua própria porção. Quanto a engordar dez quilos como seguro contra a doença, ele já estava com meio caminho andado para seguir seu próprio conselho. Comia os mesmos alimentos que Glynis, reforçados na manteiga, e sempre tivera aquela aversão presbiteriana a jogar qualquer coisa fora. Glynis comia duas colheradas de cuscuz, banhadas em meia xícara de azeite, e ele limpava a vasilha. O tempo anteriormente passado na academia, agora ele o gastava no supermercado. Apesar de seu próprio enaltecimento da “*margem de manobra*”, tinha feito exercícios, de um modo ou de outro, durante a vida inteira, e o alargamento flácido da cintura era o sacrifício pessoal que sentia da maneira mais aguda. Mesmo assim, decidira não se preocupar com isso. Haveria bastante tempo para perder o peso — bastante tempo, depois. Dado o seu pragmatismo natural, era preciso um esforço para não formar mentalmente, com demasiada clareza, a imagem de depois do quê.

* * *

Shep a havia seduzido a ir para a cama, porém Glynis continuava desperta. Ele se deitou a seu lado e deixou a luz acesa. Pensativa, ela deslizou o dedo pela cicatriz deixada pela serra no pescoço do marido. Após um longo silêncio, que sugeria incerteza sobre como abordar o assunto, por fim anunciou:

— A Outra Vida.

Fazia semanas que o assunto não vinha à baila. Portanto, Glynis tinha visto a praia na tela do computador.

— Sei que falamos disso até enjoar — ela continuou —, mas, depois de todos estes anos, ainda não entendo muito bem. Do que você precisava tanto se afastar. O que tinha esperança de encontrar.

Para sua surpresa, Shep reagiu mal ao uso que Glynis fez do pretérito. Já que os dois *havam* falado disso até enjoar, ele lutou contra sua irritação, por ser inconcebível que ela ainda não “entendesse”. Mas

agora, expressar irritação com sua mulher — ou raiva, ou exasperação, ou até uma negativa branda, como o desânimo — contrariava as regras. Batalhando para manter a calma, ele tentou mais uma vez pôr aquilo em palavras:

— Do que eu gostaria de me afastar? Da complexidade. Da angústia. Da sensação que tive, durante a vida inteira, de que a qualquer momento haverá alguma coisa que estou esquecendo, um detalhe ou uma tarefa, algo que eu deveria estar fazendo ou já ter feito. Essa sensação irritante com que eu acordo, passo o dia inteiro e vou dormir. Quando era pequeno, eu tinha o hábito de chegar da escola nas tardes de sexta-feira e fazer imediatamente o dever de casa. Assim, na manhã de sábado eu acordava com aquela sensação maravilhosa, uma sensação livre e franca de alívio e possibilidade e calma. A sensação de não haver nada que eu tivesse de fazer. Aquelas manhãs de sábado eram um gostinho de verdadeira liberdade que raras vezes experimentei como adulto. Nunca acordei em Elmsford com a sensação de ter feito o dever de casa.

— Mas você está acostumado com o dever de casa. Sem nada para fazer, você subiria pelas paredes. Como ia preencher o seu dia: fazendo fontes?

— Eu faria fontes — disse Shep, com moderação —, se quisesse fazer fontes.

— Mas chegar a ter uma compreensão do que se “quer” é a tarefa mais difícil do mundo. A mim me parece que o que você sempre andou projetando para si mesmo foi uma enorme crise existencial.

De novo o pretérito, espetando-lhe o pescoço como uma etiqueta de borda áspera na camisa, e Shep nunca havia entendido muito bem essa palavra, *existencial*.

— Talvez isso confirmasse que não há nada que eu queira especialmente.

— E aí, o quê: você ia ficar deitado, cochilando? Acredite, isso não faz o sujeito se entusiasmar.

Ao contrário, parecia fantástico. O despertador ia tocar dali a uma hora e vinte minutos.

— Você não pode sentir prazer com o seu ócio porque ele lhe foi imposto — disse. — E porque você está se sentindo péssima. Logo, é o tempo de que dispomos quando nos sentimos *bem* que é precioso. Não estou apenas desperdiçando a minha “vida” em trabalhos malfeitos com painéis de gesso no Queens. Estou desperdiçando a minha *vida saudável*. Você, logo você, deveria poder reconhecer como isso é injusto. Trabalhamos feito escravos durante os poucos anos em que somos capazes de sentir prazer. E aí, o que sobra são os anos em que estamos velhos e doentes. Nós adoecemos no tempo que é nosso, fora do trabalho. Só temos ócio quando ele pesa sobre nós. Quando nos é inútil. Quando já não é uma oportunidade, e sim um fardo.

Na verdade, Shep havia refletido mais sobre como preencher a Outra Vida do que Glynis se dava conta. Não venerava a preguiça, ou não a preguiça sozinha. Poderia aprender a mergulhar; a vida marinha na região de Pemba era espetacular, e havia vários lugares que alugavam equipamento. O mergulho com snorkel era uma alternativa atraente, de baixa tecnologia. Na ilha praticavam um jogo de tabuleiro chamado *baò*, que envolvia a distribuição de sessenta e quatro sementes em trinta e duas concavidades entalhadas na madeira, um passatempo agradavelmente insondável que punha muita ênfase na graça e na delicadeza. Ou o *keram*, que parecia ser um cruzamento divertidíssimo de damas com hóquei e sinuca; bater com peças em formato de disco umas nas outras, sobre um tabuleiro irregular de madeira feito em casa, certamente se revelaria uma diversão que se correria pouco risco de levar muito a sério. Afora isso, Shep sempre obtivera suas maiores satisfações — ou seja, a sensação que se extraía de fazer alguma coisa, em vez de já tê-la feito — realizando projetos físicos discretos e sumamente eletivos: pintar uma varanda que suportaria facilmente mais uma estação, montar um armário de condimentos cujas prateleiras tivessem a medida exata para comportar as latas de aço inoxidável da Zabar’s e — sim, Glynis, mesmo que você o achasse cômico — construir fontes. Por isso, talvez ele aprendesse a fazer uma canoa. Havia na ilha muitos daqueles barcos toscos, chamados *mtumbwis*, e escavar uma gamela numa tora de madeira com ferramentas manuais de gume cego poderia levar um tempo fabulosamente longo.

— Mas, Shepherd — Glynis interrompeu seu devaneio —, parece óbvio que aquilo de que você estava realmente tentando se afastar, em todos esses anos, era você mesmo.

Ai, Deus, aquele eterno clichê. O volume de esforço necessário para não ficar aborrecido foi estupendo:

— Não tenho nenhum problema *comigo mesmo*. Eu gostaria de me afastar é de outras pessoas.

— Como eu.

— Gnu — disse Shep, erguendo o corpo sobre um cotovelo e virando-a para ela —, nunca, em toda a minha vida, eu considereirei você *outras pessoas*.

Passou a mão em torno do pescoço da mulher, notando, entristecido, como os seus tendões tinham crescido, como saltavam as veias. Mas ainda era o pescoço de Glynis. Os seios na abertura da camisola estavam menores, embora nunca tivessem sido grandes; os mamilos haviam escurecido e a pele começava a enrugar, mas ainda eram os seios de Glynis. Shep a beijou. Ela retribuiu o beijo com toda a voracidade que se evidenciara tão pouco durante a sua ceia improvisada.

Shep sempre sentira certa culpa pela intensidade com que se sentia atraído por sua mulher. Fisicamente atraído — e não confundia o desejo com qualquer outra coisa mais etérea ou romântica. Adorava a aparência dela, não apenas bem-arrumada, mas especialmente nua, e tinha medo de gostar demais dessa aparência. Era viciado na borda do seu osso do quadril, em deslizar a mão para sua concavidade e descer para a dobra escurecida. Por ter lhe implorado que não o fizesse, Glynis não depilava a virilha na linha do biquíni, o que permitia a mudança sutil de tom e a gradação sedutora da penugem mais clara para a densidade de um bosque ensombrecido, em cujos mistérios ele sempre se aventurara com a inquietação extasiada de um menino numa floresta mágica. Glynis tinha pernas compridas e as patelas bem desenhadas e meio pontudas. Essa atração remontava à primeira vez que eles se haviam encontrado e se mostrava dolorosamente específica por Glynis. Era provável que se classificasse como uma obsessão doentia. Shep ficaria constrangido por admitir a seus colegas grosseiros e obscenos da Knack que, durante toda a sua vida de casado, nunca se sentira atraído por outra mulher que não a sua. Eles jamais acreditariam ou, se acreditassem, sentiriam pena dele, como um homem que de algum modo era inferior, sem imaginação nem vigor.

Talvez fosse verdade. Talvez houvesse algo errado com ele, alguma coisa faltando. Mas a fixação era exclusiva e não estava a seu alcance relaxá-la. Sua intensidade parecia aumentar e diminuir um pouco, mas dentro de uma faixa estreita. Num momento qualquer, ele podia sentir-se atraído por Glynis, incrivelmente atraído por Glynis, ou irresistivelmente atraído por Glynis.

No começo, os dois haviam experimentado os tipos de improvisações que pareciam obrigatórias naquela época. Mas não havia demorado muito, nessa abordagem variada do sexo, para que Glynis detivesse o deslizar da cabeça dele por sua barriga chata e anunciasse, com um brilho malicioso nos olhos: “Sabe, eu gosto mesmo é de *trepapar*.” Tinha sido a declaração mais erótica já ouvida por ele, e recordá-la ainda o deixava com uma ereção. Portanto, era isso que os dois faziam. Trepavam. Ora com frequência, ora com menos frequência, mas Shep podia dizer, com toda a honestidade, que nunca se entediara, nunca ficara cansado. Não que isso fosse da conta de ninguém, mas Glynis gostava da coisa um pouquinho bruta.

E isso vinha lhe trazendo alguns problemas nos últimos meses. Primeiro houvera a incisão da cirurgia, na qual ele precisava tomar o cuidado de não tocar. Se bem que Glynis não o tivesse desejado logo em seguida; mãos e instrumentos demais tinham vasculhado seu interior e ela não suportava nem mesmo essa violação tão gentil, dormindo enroscada, solitária e tensa. Agora a cicatriz já não estava tão sensível e, aos poucos, Glynis tornara-se menos protetora em relação a ela; Shep tinha certeza de que, no começo, sua mulher sentira vergonha, medo de ter ficado estragada. É verdade que ele não chamaria propriamente aquela crista vermelha, que agora começava a ficar amarronzada, de um detalhe excitante, mas a cicatriz fazia outra coisa com ele, que dava, esta sim, uma sensação de virilidade: cortava-lhe o

coração. Impelia-o a abrigá-la, a estreitar o tronco dela contra o seu e, com isso, a pôr toda a massa do seu próprio corpo entre sua mulher e o mundo apunhalante.

Glynis acabara tendo de lhe pedir que parasse de tratá-la como porcelana. Ela realmente passara a lhe parecer quebrável e, sob a influência do Alimta, era literalmente passível de sofrer contusões, de modo que, quando Shep fazia o que ela pedia, sua mulher acordava na manhã seguinte com manchas roxas em forma de polegar pelas coxas.

A questão era que ele sabia que a amava do jeito mais refinado. No entanto, por mais que lhe desse prazer mesclar os dois sentimentos, também sabia que esse desejo físico era separado — um querer distinto, que tinha a ver com a linha e a forma e a cor, com seios e cabelo e cheiro. Não tinha a ver com o senso de humor seco de Glynis, com sua malícia, com a sedutora brutalidade de seu caráter. Não tinha a ver com seu voluntarismo, sua autodestrutividade exasperante ou sua aliança espiritual com os metais. Não tinha a ver nem mesmo com seu talento estético, lamentavelmente mal-explorado. Tinha a ver com as proporções de suas pernas, com sua cintura fina, com a bunda pequena e musculosa. Tinha a ver com sua xoxota escura, secreta, envolta numa floresta. Durante anos, Shep se angustiara em segredo, temendo a iminente velhice dela — cuja perspectiva agora era um luxo. E assim, como seria inevitável, desde janeiro ele se angustiava em particular com o câncer. Sentia-se atraído demais por sua mulher, mas estava acostumado a se sentir muito atraído, e, se tudo o que restasse fosse o amor gentil, o amor caloroso, apreciativo e admirador, sem o amor ignóbil, o amor animalesco indecoroso e sórdido, ele se sentiria menor, e o amor pareceria diminuído em sua pureza e altivez e em sua mera bondade, menor e menos interessante e menos viciador. Shep não queria parar de sentir atração por sua mulher. Não era fácil encarar isso, mas, durante vinte e seis anos, ele havia amado não apenas uma mulher. Havia amado um corpo.

Assim como a casa do seu sonho na noite anterior à cirurgia, aquele corpo tinha bons ossos. Mas, do mesmo jeito que o indivíduo quer poder caminhar sobre um piso e sentir uma solidez reconfortante, sem necessariamente contemplar as próprias vigas que sustentam seus pés, ninguém tem um desejo especial de ver os ossos sólidos da esposa. Ao deslizar a mão pelos degraus da caixa torácica de Glynis, ele pôde apalpar a estrutura subjacente, as vigas de que ela era construída. Talvez sempre houvesse saboreado a angulosidade dos ossos de seus quadris, mas agora eles estavam pontudos demais, a pele esticada por cima, como o mais barato dos carpetes, tão fino que permite discernir não só as rachaduras entre as tábuas do piso, mas também os pregos. Ultimamente, Shep se deitava com um esboço de corpo, um projeto de corpo, traços, a partir dos quais precisava inferir a mulher a quem havia possuído alegremente durante um quarto de século. Lutou contra um calafrio. Não queria achar Glynis repulsiva, e foi preenchendo as linhas dela de memória, como se estudasse um desenho arquitetônico e caminhasse mentalmente por cômodos que eram meras linhas no papel.

— Tem certeza de que você está com disposição para isto? — murmurou.

Em resposta, Glynis buscou o ponto em que a relutância do marido era mais palpável; ele se arqueou numa murchidão tímida. Mas uma metalurgista tem mãos poderosas, e o aperto de seus dedos o fez lembrar que sua mulher não era um cadáver. Ele não precisava se esquivar do corpo dela como se fosse violá-la, cometer uma indecência. A mão de Glynis trouxe à vida uma sensação aguda e carente, uma sensação de que ele se esquecerá por completo em meio às necessidades constantes e mais prementes de batatas, cobertores de lã fina, líquidos batizados com licor de vacínio, viagens lentas e suaves de carro rumo à quimioterapia. Supunha-se que os homens pensavam em sexo o tempo todo, mas Shep já não o fazia e, nesse momento, a lembrança foi tão aguda que chegou a doer.

Ficou apreensivo com a ideia de se apoiar em cima dela. Embora Glynis sempre tivesse gostado de sentir todo o seu peso, ele não queria esmagá-la, e apoiou-se nos braços em ambos os lados do corpo. Arriando de leve o peso sobre um cotovelo, estendeu a mão para o lubrificante na mesa de cabeceira, tirou a tampa com uma das mãos e espremeu um pouquinho da gelatina transparente no indicador. Quando

eles tinham recorrido a essa pequena ajuda pela primeira vez, Glynis se mostrara magoada, como se sua excitação se houvesse revelado insuficiente. Mas Shep havia insistido em que o corpo dela estava sofrendo um assalto, e sua impossibilidade de lubrificar a passagem não era, em absoluto, uma falta de disposição. De fato, quando introduziu o dedo entre as pernas dela, os lábios estavam secos; somente a lambuzada com o creme do tubinho lhe deu a sensação de que aquela era sua mulher.

Ainda eram capazes de fazer isso. Shep a beijou, e o sabor, com aquele toque metálico, foi como chupar uma moeda, como se Glynis já não estivesse meramente ligada ao metal, mas houvesse se transformado em metal por dentro. Olhou-a nos olhos, entristecido com a coloração amarelada, mas ainda a encontrou no fundo deles. As pupilas estavam pequenas, permanentemente assustadas. O que Shep leu nelas não foi propriamente desejo, mas um desejo de desejo, que teria de servir. Baixando os olhos, sem jeito, ele se sentiu enorme, esparramado e flácido, por comparação. Glynis apertou seu peito, cravando-lhe as unhas. Shep estava deslizando para dentro de sua mulher com a ternura acanhada que ela detestava. Ela segurou uma nádega em cada mão e o puxou com força.

E assim, Shep se deixou esquecer. Permitiu-se montá-la, penetrando-a forte e fundo como Glynis sempre tinha gostado, com aquele toque de violação. Ao gozar, permitiu-se acreditar que aquela era a injeção que a curaria, enfim uma injeção, para variar, que não estava cheia de veneno, mas cheia de vida. O veneno custava quarenta mil dólares. O elixir era grátis.

Deveria ter acabado aí. Mas, antes de adormecer em seus braços, Glynis murmurou, nitidamente:

— E então, você acha que vai sobrar o suficiente?

Shep sentiu o rosto arder. Afagou em silêncio o cabelo da mulher (vários fios saíram em sua mão), a pretexto de não saber do que ela estava falando. Mas era execrável, depois de um homem viver tanto tempo com uma mulher, quão bem ela o conhecia. A que ponto era capaz de dizer no que ele estava pensando, mesmo que ele tentasse vigorosamente não pensar naquilo, esconder o pensamento até dele mesmo. Sobrar o suficiente de quê? Dinheiro, é claro. *Apenas* dinheiro — com o que mais o primogênito dos Knacker era famoso por ser obcecado?

Se ser capaz de fazer cálculos como os que ele fizera naquela noite, mais cedo, era algo que o marcava como um homem pecador e egoísta, essa era uma verdade a seu próprio respeito com a qual ele teria de conviver. Uma Outra Vida para um custaria pouco mais da metade de uma Outra Vida para dois. Shep conservaria os recursos para uma fuga solo, mas só se Glynis morresse logo.

CAPÍTULO ONZE

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de junho de 2005 – 30 de junho de 2005

Valor Líquido em Carteira: US\$452.198,43

Ao conduzir Glynis mais uma vez ao Columbia-Presbyterian, Shep teve muita dificuldade de conceber uma analogia para suas emoções que ficasse aquém do ridículo. Seria como abrir o envelope que continha as notas do seu Teste de Aptidão Acadêmica? Nem de longe ele se importara tanto assim com a ida para a faculdade, nem mesmo no tempo em que se importava com a ida para a faculdade. Como abrir a porta do escritório do Dave, no abril seguinte à venda da Knack por um milhão de dólares, prestes a descobrir quanto devia à Receita Federal? É claro, sentira um certo nó no estômago naquela ocasião; a Outra Vida estava em jogo. Mas ele tinha familiaridade com as taxas dos ganhos de capital e estava em condições de ter uma ideia aproximada do valor. Aliás, a famosa preocupação de Shep com o dinheiro era extremamente exagerada. Por isso, ele nunca dera igual importância a nenhuma cobrança de impostos, nem mesmo ao cheque que havia endereçado Tesouro dos Estados Unidos, em 1997, de quase trezentos mil dólares.

Não, para o trajeto que os levaria a receber os resultados da primeira tomografia de Glynis desde o início da quimioterapia, não havia paralelo. Eles não falaram. Já tinham falado. Nenhuma conversa afetaria a redução ou a ampliação das sombras nas imagens dela. Glynis estaria na mesma, ou estaria melhor, ou estaria pior. O veredicto não era dado com base nos esforços de ambos. Esse era um problema da frívola comparação com resultados de provas do tipo educacional, cujas notas avaliavam se o indivíduo tivera um bom ou um mau desempenho; elas eram resultados determinados pelo sujeito. Por mais que o pai de Shep tivesse encarado o filho como um filisteu estranho, o homem inculcara com sucesso em seu primogênito o impulso de ser bom, fazer o bem e de sair-se bem. Se Glynis se *sairia bem*, no entanto, não era algo que decorresse de qualquer dos dois ter *agido bem*. Sempre tendo se esforçado para chegar à excelência, mesmo em tarefas menores como instalar um armário novo num banheiro, Shep ficava confuso com consequências que eram, ao mesmo tempo, absolutamente vitais, mas exclusivamente determinadas pelos ditames negligentes do destino. Assim, seu nervosismo era parecido com o que Jackson devia sentir quando os galgos davam a partida e corriam, e ele tinha feito uma aposta considerável num dos cães.

Shep distraiu-se examinando o Dr. Goldman. Vigoroso e agressivo, o clínico geral era um homem de beleza rude; com um metro e noventa e tanto, era *grande*. Embora não se pudesse chamá-lo de gordo, o tronco volumoso o traía como um homem de bom apetite. Visto que uma boa costela e uma dose dupla de *scotch* provavelmente não lhe eram estranhas, ele exibia justamente a impossibilidade de seguir os próprios conselhos, algo de que Shep sentira falta no Dr. Knox — o qual, magro, sarado e uns quinze anos mais jovem, tinha, pelos padrões convencionais, uma aparência muito melhor. Então, por que Philip

Goldman era o mais atraente dos dois? Em termos objetivos, sua beleza era mesmo muito “rude” — o que equivale a dizer que não era nada bonito. O rosto largo era meio achatado e os olhos eram juntos demais — pequenos, quase de porquinho. Mas ele se movia com energia e autoconfiança, tragando corredores com as mesmas arremetidas famintas com que sem dúvida abatia uma refeição. Ele se *movia* como um homem de extrema beleza, e por isso arrebatava o observador na ilusão de que a possuía. Sua atração era cinética, jamais se traduziria em fotografias estáticas. Uma namorada apaixonada exibiria com orgulho um instantâneo dele a uma confidente e a amiga abanaria a cabeça para si mesma, intrigada com que diabo a pobre mulher teria visto naquele cara desajeitado e sem graça.

Francamente, Shep ficou com certo ciúme. Não era só que o médico fosse mais instruído, mais bem-sucedido e mais rico. Havia entre ele e sua paciente uma intimidade que Shep não podia igualar, com vinte e seis anos de casamento. Não sabia que nome dar à devoção sem questionamento de sua mulher pelo médico, a não ser amor. Glynis havia meramente confiado no Dr. Knox, o que era bastante atípico; no Dr. Goldman ela *tinha fé*, e com uma paixão que parecia erótica. Quando o marido a admoestava para que comesse, Glynis fincava pé. Mas quando, no fim de maio, o *Dr. Goldman* insistira em que ela se alimentasse, a paciente tinha feito um projeto consciente de ganhar peso, pedindo com animação todos os seus pratos favoritos. O que havia inspirado as bochechas mais cheinhas dela não deveria ter importância, mas, mesmo assim, Shep ficou chateado.

O absenteísmo dele no trabalho já pendia para a zona de perigo com Pogatchnik; a concordância de Goldman com essa consulta no finzinho da tarde ao menos lhe permitira trabalhar um dia inteiro.

Em silêncio, Shep caminhou de mãos dadas com Glynis do edifício-garagem até o consultório no sétimo andar, usando a mão livre para acionar os comandos na chave do carro e apertar os botões do elevador. Antes de bater timidamente à porta, fez uma pausa para trocar um olhar com a mulher. Foi o tipo de olhar que os réus e seus cônjuges trocariam enquanto o júri voltava para a sala do tribunal. Glynis era inocente, mas esse judiciário era caprichoso.

A porta se escancarou:

— Sr. e Sra. Knacker, entrem, por favor!

Shep deu uma olhadela para o rosto risonho de Goldman e pensou: *Inocente*.

— O senhor está com bom aspecto! — exclamou Goldman, apertando a mão de Shep e pondo uma segunda palma no seu braço, para ser mais caloroso. (Shep não estava com bom aspecto. Após meses dando cabo das sobras altamente calóricas da mulher, ficava mais parecido com Goldman a cada dia que passava, só que vários centímetros mais baixo e sem aquele truque mágico da poesia em movimento.) Quando o médico apertou a mão de Glynis — E a senhora está com *ótima* aparência! —, os ossudos metacarpos dela ficaram perfeitamente à altura do aperto de mão do homem corpulento. Glynis podia não ter prestado serviços adequados a seu talento, mas o simples limar, serrar e polir intermitentemente haviam produzido nela o aperto de mão mais forte que Shep conhecia em qualquer mulher.

Sentaram-se diante da escrivaninha. Shep ficou feliz por usar a cadeira. Sentia-se trêmulo. Havia asteriscos girando em seu campo visual, como se o consultório estivesse cheio de moscas. Ele rezou para Goldman não ser do tipo que enfeita as coisas, enunciando um resultado apenas mediano em termos deslumbrantes.

O médico zuniu para seu lugar, cruzou as mãos na nuca e se inclinou para trás na cadeira de molas, pondo na beirada da escrivaninha um pé calçado com o sapato de couro de cabra. Estava com o jaleco aberto, a camisa amarrotada, o cabelo em desalinho; era meio desleixado. Mas, enfim, qualquer especialista com pacientes que vinham da Nova Zelândia e da Coreia podia se dar ao luxo de parecer descuidado.

— Bem, meninos e meninas, tenho notícias fabulosas!

Shep arriou os ombros de alívio. O clínico geral era um homem de ciência, não um vendedor de automóveis, e, pelo código da profissão, não poderia adulterar o odômetro de um calhambeque caindo

aos pedaços.

— O mal se encolhe diante da mão poderosa da retidão — prosseguiu Goldman, em tom alegre. — Eu sei que o Alimta é uma desgraça, Sra. Knacker, e a senhora tem sido uma tremenda batalhadora. (Essa expressão tão querida, *uma tremenda batalhadora*, parecia ser a abreviação médica para *não acorda o médico no meio da madrugada quando está sofrendo os efeitos colaterais para os quais a equipe do hospital já a preparou*.) Mas valeu a pena. Vou ser franco: aquele pedaço bifásico tem sido teimoso. Por outro lado, também não aumentou, portanto, interrompemos o seu avanço. Os outros dois tiveram uma redução significativa no tamanho. E também não encontramos nenhuma metástase.

Shep puxou Glynis pelo pescoço e a beijou na testa, como se a abençoasse. Eles se apertaram as mãos, atropelando-se em exclamações:

— Que maravilha! Isso é fantástico! Estamos muito agradecidos!

Goldman pôs um CD no computador e lhes mostrou cortes dos órgãos de Glynis, que pareciam fatias de uma terrina de carne de caça exótica de um restaurante chique. Shep se repreendeu por ter criticado mentalmente Philip Goldman em qualquer ocasião. Talvez o sujeito realmente fosse bonito. Shep não era mulher, logo, quem era ele para julgar? E, se Glynis “tinha fé” no médico, essa confiança tinha sido bem depositada.

Shep, ao contrário, sentiu-se traiçoeiro, cínico e superficial, por ter sido um cético religioso cheio de dúvidas. Seu realinhamento repentino na opinião que fazia sobre a doença da mulher não foi nada sutil e ele se perguntou se teria sofrido o tempo todo de um problema de postura. Não engolia essa história de Nova Era sobre emitir “energias negativas” — ou achava que não a engolia. Mas qualquer contribuição atmosférica que ele pudesse ter feito para a convalescença de sua mulher (será que agora se atreveriam a chamá-la de “recuperação”?) tinha sido em prejuízo dela. Visto que o clínico geral produzia uma redenção mais tangível do que o presbiterianismo tradicional de Gabe Knacker, ou a seita amalucada de cristãos renascidos de Deb, em Tucson, era hora de ele se converter. De se tornar um paroquiano fiel e pagador do dízimo na igreja de Philip Goldman.

Exercendo essa fé recém-descoberta, Shep fitou o médico com uma nova apreciação. Pela segurança de seus gestos, percebia-se que ali estava um homem habituado a fazer discursos para grandes plateias de médicos extasiados. A ter seus artigos publicados na *Lancet* e a receber pesquisas de autores menores para resenhá-las. A ver pessoas agonizantes lhe implorarem para aceitar seus casos, talvez em lágrimas. No entanto, não parecia cheio de si, quer dizer, não irradiava uma fanfarrice compensatória que camuflasse um sentimento íntimo de fraude. Não, Goldman simplesmente parecia importante.

O médico assinalou o contraste entre a tomografia anterior de Glynis e a mais recente. A olho nu, as diferenças pareciam de uma insignificância deprimente; ia dar trabalho essa conversão, para rechaçar um agnosticismo natural e entrar direito no espírito da coisa. Goldman empregou o tempo todo o pronome inclusivo da primeira pessoa do plural: *nós* reduzimos isto, *nós* reduzimos aquilo. Mas o pronome era generoso demais. *Nós* não tínhamos feito nada, como Goldman sabia muito bem.

O apetite mais óbvio do médico era de realização, e sua ânsia de excelência punha no chinelo a pífia meta de Shep de nivelar remendos em telhados com as placas originais. Talvez Goldman gostasse de Glynis; ele gostava de ser querido, de modo que era difícil dizer. Mas sua relação primária era com o câncer dela. A paciente, portanto, era um veículo para sua própria beatificação. Ao domar a malignidade dela, era provável que ficasse satisfeito por Glynis; ficava indubitavelmente satisfeito consigo mesmo. Mais projeto que pessoa, Glynis era um instrumento para a promoção da ambição galopante desse médico, não apenas de fazer o bem, mas de *acertar*.

O uso de Glynis como ponte para seu sucesso era obscuramente inquietante, mas Shep não conseguiu identificar o que havia de errado. Comumente, ele era defensor do egoísmo saudável. E o fato de Goldman haver fundido a sobrevivência de sua paciente com sua vitória pessoal também era do interesse de Glynis. Ela não precisava de mais um incentivador, disse Shep a si mesmo, de mais um amigo.

Precisava de um técnico competente e habilidoso que fizesse o melhor trabalho possível, e a razão para o homem fazer esse esforço máximo era problema dele. Aliás, talvez Shep devesse inverter a ideia de quem estava usando quem. Ele e Glynis estavam sequestrando o narcisismo de Goldman para fazê-lo servir a seus próprios interesses e, visto dessa maneira, o cenário parecia perfeitamente animador.

— Já que está funcionando e que a senhora parece vir tolerando melhor os medicamentos do que a média, por enquanto vamos continuar a atacar o câncer com o Alimta e com... “A Linda Manhattan” — concluiu o médico. Ao vê-lo abrir um sorriso conspiratório para Glynis, Shep fez uma valente tentativa de não se sentir magoado por ela ter contado a Goldman a brincadeira particular dos dois. — Estou um pouco preocupado com o seu hemograma, mas nós dispomos de muitas outras opções, caso a sua tolerância venha a baixar ou o seu progresso com o Alimta diminua.

Ele matraqueou uma lista de drogas alternativas, depois perguntou pelos efeitos colaterais que vinham surgindo. Glynis os minimizou.

* * *

Era verão. Pela primeira vez na estação, parecia verão, e o clima gostoso não era uma piada. Na luz prolongada do início de julho, só agora o sol começava a se pôr atrás de Hackensack, lançando camadas de tons tangerina sobre as águas do Hudson. Dirigindo com ímpeto, Shep recalibrava o futuro. Talvez Glynis superasse a doença, afinal. Talvez ele não tivesse que ir sozinho para Pemba. Talvez ainda restassem recursos suficientes no Merrill Lynch, se não para a segunda vida relaxada e luxuosa que ele tinha planejado, ao menos o bastante para levar a vida, comprar uma casinha por uns trocados e comer mamões. Talvez ele ainda precisasse insistir para que a mulher o acompanhasse, mas podia ser que essa experiência a tivesse modificado, dando-lhe um vislumbre de como era curto o tempo que restava, até para quem não tinha câncer. Talvez ele pedisse aquele peixe especial à luz de velas, para dois.

— Você gostaria de jantar fora hoje? — propôs. — Eu poderia levar você para “A Linda Manhattan” de verdade.

— É meio arriscado, com os micróbios das outras pessoas... Mas, que diabo. Vamos comemorar. Eu adoraria ir ao Japonica, mas é provável que um sushi seja uma certa forçação de barra.

Por mais restaurantes que houvesse experimentado, era comum Shep ter um branco nesse tipo de situação, e os dois acabavam num daqueles lugares muito alardeados para turistas, como o Fiorello, por ser esse o único nome que ele conseguia desencavar. Mas essa era uma noite encantada:

— O City Crab?

— Perfeito!

Cintilante como uma tiara de pedras preciosas, a ponte George Washington acabara de acender suas luzes. Por estar em manutenção, fazia anos que o trecho do lado de Manhattan ficava apagado, deixando um único pico iluminado, na extremidade de Nova Jersey, a balançar sobre a escuridão no meio do rio; o efeito torto era incômodo para a vista. Mas nessa noite, finalmente, a ponte inteira estava acesa, de uma margem à outra. A simetria renovada parecia significar alguma coisa. Ritmo e equilíbrio se haviam restabelecido.

Agora, sair em público era novidade. A noite teve um começo tumultuado, quando eles notaram um cliente tossindo nas imediações e insistiram em trocar de mesa. Quando a garçonete fez um ar contrariado, Glynis jogou seu trunfo:

— O meu sistema imunológico está comprometido. Eu tenho câncer.

Depois de deslocá-los rapidamente para o segundo andar, a garçonete voltou com uma iguaria de aperitivo, por cortesia e com as desculpas da casa. Depois que ela se afastou, Glynis murmurou:

— Pelo menos o mesotelioma serve para alguma coisa.

Glynis não estava sob uma proibição rigorosa de consumir álcool, e Shep examinou a carta de vinhos. Não dava muito valor ao champanhe, que a seu ver podia ser substituído por refrigerante Mountain Dew, e sua mulher provavelmente bebericaria uma única taça. Mesmo assim, ele escolheu um Veuve Cliquot de preço alto. Não estava comprando champanhe. Como a maioria das pessoas, suspeitou, comprava a *ideia* do champanhe.

— À sua saúde — brindou, satisfeito ao notar que, na penumbra, a cor da pele de sua mulher, alterada pela quimioterapia, podia passar por um bronzeado. Ela estava linda com seu turbante de seda creme combinando tão bem com seu rosto longo e anguloso, que um observador poderia facilmente presumir que ela havia optado por enfaixar a cabeça numa afirmação de estilo.

— Andei pensando em lhe dizer — comentou Glynis, atacando sua tortinha de caranguejo — que tenho tido *uma porção* de ideias sobre novos projetos de utensílios de mesa. Como agora há pouco, no carro. Tive uma imagem de um conjunto para salada, duas colheres encaixadas, uma delas maior e mais grossa, a outra mais fina e resistente, as duas diferentes, mas com um encaixe perfeito. Forjadas, não fundidas, tudo com uma leve curva... É difícil explicar.

Era uma imagem romântica.

— Se você voltar a trabalhar — propôs Shep, tímido —, fico pensando se consideraria fazer outra fonte. Comigo. Não daquelas apatetadas, que eu faço de qualquer jeito, mas classuda. Como a Fonte do Casamento. Não fizemos nenhum trabalho juntos de lá para cá.

— Hmm... Para a mesa de jantar, talvez? Poderia ser divertido. É uma ótima ideia. Porque estou doida para compensar o tempo perdido.

Na verdade, seu “tempo perdido” no trabalho com metais abarcava não só os seis meses anteriores, mas a maior parte da sua vida de casada. O único sinal que Shep deu dessa observação indiscreta foi lamentar:

— Eu gostaria que você nunca tivesse desperdiçado tardes inteiras fazendo coelhinhos de chocolate.

— A ideia era essa.

— Você desperdiçava o tempo com coelhinhos de chocolate para me provar que não devia estar desperdiçando o tempo com coelhinhos de chocolate.

— O resumo é mais ou menos esse. Ou, dito de outra maneira, eu queria que você visse que o seu ressentimento por eu não pôr muito dinheiro em casa não era nada, comparado ao meu ressentimento por você me forçar a ganhá-lo.

— Nunca a forcei a ganhá-lo nem me resenti de você não ganhar dinheiro.

— Conversa.

— Conte mais. Fale das suas ideias de talheres.

— Você está mudando de assunto.

— Estou. — Mergulhando seu camarão graúdo no molho *rosé*, Shep arriscou o tipo de pensamento do qual a havia protegido durante meses. A delicadeza de Glynis era física. Talvez ele não precisasse tratá-la com luvas de pelica em todas as outras questões. — Se a situação fosse o inverso, você teria trabalhado para sustentar a mim e a toda a família, enquanto eu ficava em casa cuidando da minha paixão? De fontes, por exemplo? De bom grado? Sem uma palavra de protesto?

— Você jamais conseguiria suportar isso.

— Isso é uma evasiva. A pergunta foi: você conseguiria?

— Sinceramente? Não. Eu não o sustentaria enquanto você fizesse fontes. As mulheres... Bem, nós não fomos criadas para esperar isso.

— E isso é justo?

— Justo? — riu Glynis. — Quem falou em justiça? É claro que não é justo!

Ela estava tão bem que Shep seria capaz de chorar. Terminou as tortinhas de caranguejo; comeu todo o linguado ao molho de limão. Comeu a batata *sauté* com salsa e duas fatias de pão. Teve a gentileza de

não mencionar que os pratos chiques de peixe e frutos do mar se desperdiçavam em seu paladar embotado. Em vez disso, afogou, em silêncio, os dois pratos no Tabasco, para lhes dar o sabor de algo diferente daquele toque de níquel que fazia a língua enrolar, contaminando tudo, do caranguejo aos beijos. Parecendo afrouxadas as restrições impostas aos temas de conversa, eles finalmente falaram do sumiço de Amelia. Sua filha só fora uma vez a Elmsford, na primavera, pedindo licença para se retirar depois de uma única hora, para não deixar a mãe “muito cansada”.

— Eu sou próxima demais — especulou Glynis. — Ela me olha e se vê com câncer, e não consegue suportar.

— Mas não é ela que está com câncer — retrucou Shep.

— Ela fica com medo.

— Não me incomodo que ela sinta medo *por* você. Mas me incomoda que tenha medo *de* você.

— Ela é jovem — contrapôs Glynis, que não fizera esse esforço de se projetar na cabeça de ninguém desde o início de toda essa coisa terrível. — Não consegue se controlar. Aposto que nem se dá conta do que está fazendo.

— E que é o quê?

— Evitar a mim, é claro. Se você assinalasse que ela só me visitou uma vez, aposto que ela ficaria chocada. Aposto que imagina ter vindo uma porção de vezes. Aposto que, quando ela finalmente me telefona, depois de já ter pensado tantas vezes em ligar, aí, misteriosamente, sempre surge alguma coisa e ela adia para o dia seguinte, sabe? Aposto que isso acontece tantas vezes, se não quase todo dia, que ela pensa que tem telefonado o tempo todo.

— Tenho medo de que a Amelia possa se sentir mal, depois...

Shep se interrompeu. Esse era o pensamento antigo, baseado nas velhas suposições. As de antes das sete horas dessa noite.

— Mal com quê?

Ele entortou a ideia:

— Quando você ficar boa. Talvez ela olhe para trás e se dê conta da desconsideração que demonstrou. De como se envolveu pouco nessa grande crise da sua vida. Talvez se sinta culpada; seria justificável você ficar ressentida. Eu gostaria que ela tomasse jeito, pelo bem da relação posterior de vocês. Talvez eu deva falar alguma coisa.

— Não se atreva. Ela deve me visitar por vontade própria, não porque o papai lhe passou um sermão. E, de qualquer modo — continuou Glynis, tomando um gole de champanhe —, pelo menos ela tem aparecido mais do que a *Beryl*. Ao ameaçar a sua irmã com o fantasma de uma pessoa de quem ela tenha que sentir mais pena que de si mesma, talvez eu sozinha a tenha despachado para New Hampshire.

— Você não quer mesmo ver a *Beryl*. E agora, por pura mesquinharia, ela se imprensou na situação de ter que assumir alguma responsabilidade pelo meu pai. Não poderia ter sido melhor. Talvez até que aprimore o caráter dela.

— Com a matéria-prima de que ela dispõe, a sua irmã aprimorar o caráter é como você construir uma estante de papelão.

Com falsa displicência, Shep levantou o assunto durante o *cheesecake* da sobremesa:

— Agora que o prognóstico parece promissor, você ainda quer levar adiante esse processo do amianto?

— Com certeza! Posso estar superando isto, mas suportei uma agonia durante o processo. As pessoas que fizeram isso comigo têm que pagar.

— Bem, não são as mesmas pessoas... — disse Shep, em tom de dúvida. — Nos trinta anos que passaram desde que você frequentou a escola de arte, o escalão mais alto da Forge Craft deve ter tido umas duas ou três gerações diferentes.

— Eles continuam a receber salário de uma empresa que se aproveitou do *mal*. E o melhor é que,

agora que estou melhorando, terei forças para prestar depoimento e enfrentar o interrogatório da outra parte. Você pode encarar a pressão, se os executivos forem a julgamento.

Shep ficou desolado. Estava ansioso por escapar do litígio.

— Tudo bem, se é o que você quer — disse, encolhendo os ombros. — Tenho outro encontro marcado com aquele advogado, o Rick Mystic, na semana que vem.

Durante o café e o chá de hortelã, ele tomou o cuidado de reconduzir a conversa para o trabalho metalúrgico e, com isso, encerrar a noite num clima positivo. No carro, sugeriu que marcassem um jantar com Carol e Jackson para comemorar a tomografia.

— Uma noite temática — concordou Glynis. — Podemos servir comida de hospital.

* * *

Shep ficou contente ao pegar Zach na cozinha, ficasse ou não o filho satisfeito por ser apanhado. O garoto fazia tanta questão de desaparecer que, por um momento, imobilizou-se, sem registrar a entrada dos pais, como se os dois pudessem passar através dele. Sua postura havia deteriorado mais. Ainda assim, Shep sentiu alívio por chegar em casa e, pelo menos uma vez, não começar a repreender o filho, dizendo-lhe que, se ele não podia contribuir com a lavagem de sua roupa, ao menos podia casar seus pares de meias, nem brigando com o garoto para ele fazer o favor de abaixar a música, porque a mãe não estava passando bem (“E o que isso tem de novo?”). Shep não se lembrava da última vez que tivera uma boa notícia para dar, e o refrigerante caríssimo do jantar tinha revigorado seu humor.

— Ei, que bom você estar por aqui, parceiro — disse-lhe. Zach recebeu com ar carrancudo o tapinha de camaradagem no ombro, como quem suportasse um forte murro de direita. — Hoje nós recebemos uma notícia sensacional sobre a sua mãe lá no Columbia-Presbyterian.

Zach se encolheu. Não parecia um garoto prestes a receber uma boa notícia. E protegeu seu sanduíche de peru como se eles o houvessem flagrado fazendo uma coisa feia. O guri era magrelo e ainda estava crescendo; por que haveria de agir com culpa por causa de um sanduíche?

— Qual é a novidade? — perguntou, macambúzio.

Shep detalhou os resultados da tomografia, descrevendo a diminuição dos dois pedaços de podridão que estavam encolhendo; como omitiu por completo a referência à parte bifásica “teimosa”, poderia ser acusado, com acerto, justamente da douração de pílula que havia temido em Philip Goldman. Mas não havia nada de errado em enfatizar os pontos positivos, especialmente para um garoto de dezesseis anos que tivera de enfrentar um monte de guinadas sombrias da sorte, com pouca ajuda do pai aflito e atormentado.

— A-hã.

Shep continuou esperando que o menino tivesse alguma reação, até se resignar ao fato de que aquela vontade fracassada, passiva e inalterada de sumir era a reação de seu filho.

— Talvez você não entenda todas as implicações disto. Significa que a sua mãe está melhorando. Que a química está funcionando. Que estamos derrotando esse troço.

— A-hã. — Zach ergueu os olhos da sua meia distância preferida e encarou o pai. Tristonho e penalizado, o olhar suave, castanho e fixo do menino fez com que, de repente, Shep se sentisse o mais novo dos dois. O filho virou-se para Glynis, que estava sentada à mesa, e pôs uma das mãos no ombro da mãe, para apertá-lo; seus gestos foram entrecortados e hesitantes, como se ele operasse a mão por controle remoto. — Isso é ótimo, mãe — disse, em tom abatido. — Estou muito feliz que as coisas estejam melhorando.

O ato pareceu ter-lhe custado caro e ele se arrastou escada acima, exausto.

Shep já ia resmungando “Que diabo foi isso?” quando o telefone tocou. Era tarde para telefonemas.

Teve um estranho pressentimento de que deveria deixar a secretária eletrônica atender. Fazia um ano ou mais que ele e Glynis não passavam uma noite tão agradável, e a interrupção não era bem-vinda. Ele não conseguia pensar em ninguém com quem quisesse conversar naquele momento senão sua mulher, que agora lhe fora devolvida com toda a sua aridez, perspicácia e bom humor anteriores — uma ressurreição milagrosa, cortesia da Igreja de Philip Goldman. Shep não queria estourar sua própria bolha de champanhe e a magia da noite tinha um jeito frágil.

Seu “alô” foi desconfiado.

Enquanto a ligação prosseguia, falou pouco, fez algumas perguntas e foi andando para a varanda. Ainda fazia uma bela noite — Elmsford era suficientemente distante da cidade para que se pudessem ver as estrelas —, mas nesse momento pareceu menos idílica. Ele deveria ter deixado o telefone tocar.

* * *

Enquanto dirigia para Berlin, no que era, catastroficamente, o fim de semana do Quatro de Julho, Shep pensou no pai. Dada a devoção profissional do homem a questões mais elevadas, ele tinha levado anos para notar que Gabriel Knacker se preocupava, sim, com dinheiro, o qual, quando se prestava atenção, consumia uma proporção assombrosa da conversa do reverendo. Durante muito tempo, ele fizera sermões sobre apagar as luzes, não porque quisesse salvar o planeta, mas por ser sovina. Nos tempos em que dirigia uma paróquia, o ministro tinha sido tão ganancioso quanto qualquer executivo de empresa, espremendo sem cerimônia os seus paroquianos lisos para que eles depositassem uma contribuição mais gorda no pratinho das esmolas, para reequipar a antiquada igreja revestida de madeira com um encanamento um pouco menos antiquado. Na verdade, o choque orçamentário entre os custos crescentes e a congregação minguante havia dominado a maioria dos jantares de domingo, quando Shep era garoto. Seu pai ficaria mortificado com essa inferência, mas, nas observações mordazes do pastor sobre os ricos donos das fábricas, suas casas de veraneio e seus carros esportivos, Shep havia aprendido a detectar um vestígio, só um pequeno vestígio, de inveja comum.

Além de umas contusões e manchas roxas, seu pai havia quebrado o fêmur esquerdo. Tinha descido a escada com o nariz enfiado num romance de Walter Mosley. Aliás, o acidente fora de um tipo que qualquer fã de histórias de detetive poderia ter sofrido, mesmo sendo mais jovem, e pelo menos não tinha atingido a bacia, embora qualquer osso quebrado aos oitenta anos fosse grave. Por sorte, Beryl estava em casa na hora. Por infelicidade, seus socorros imediatos haviam esgotado rapidamente seu reservatório raso de altruísmo *à la* Clara Barton, ou, como diria Glynis, a estante de papelão do seu caráter já havia desmoronado sob a pressão. Agora, qualquer batalha adicional com a papelada, as contas e a logística de um pai idoso e inválido — resolver se ele poderia voltar para casa, ou, caso contrário, ir para onde — era problema de Shep. Para ser sincero, falar com a irmã por telefone na noite anterior tinha sido como falar com um motorista de táxi que houvesse largado aquele velhote no hospital e quisesse alguém para pagar a corrida.

Shep gostaria de ter se mostrado sentimental. Mas, como qualquer americano moderno e sensato diante de uma emergência médica, não podia se dar ao luxo de desperdiçar suas energias com a mera afeição, a simples preocupação. O custo da crise imediata de seu pai seria coberto pelo Medicare, mas só até oitenta por cento; Shep xingou-se por não ter feito um plano suplementar do Medigap para o pai quando tivera essa chance. A grande inquietação viria depois de passada a crise. No tocante ao pagamento de um cuidador domiciliar ou do custo de uma casa de repouso, nem era preciso dizer que Beryl só entraria com uma ajudinha no sentido figurado da expressão.

Erguendo-se sobre a margem do rio, a fachada austera da Igreja de Santa Ana surgiu no campo visual, denotando retidão e uma clemência parcimoniosa em suas severas linhas verticais de tijolo vermelho.

Com a ponta alongada datorre esquerda elevando-se assimetricamente acima da que ficava à direita, esse marco característico de Berlin sempre fizera Shep pensar numa solteirona empertigada e pudica, brandindo o guarda-chuva. No contexto do conjunto desordenado de casas situado atrás dela, a altiva grandeza da catedral parecia deslocada. É que, à medida que a cidade havia entrado em declínio, o fato de ela se localizar na confluência dos rios Morto e Androscoggin tornara-se mais adequado. Berlin podia não acabar literalmente num beco sem saída, mas ficava no fim do Morto.

Em frente à catedral erguiam-se as últimas chaminés da cidade. Diziam os boatos que a fábrica Fraser Paper estava condenada. (Que Deus livrasse sua cidade natal de ter que depender do proposto parque para quadriciclos e similares para sobreviver. Uma garotada irritante, em veículos irritantes, que soavam coletivamente como uma nuvem de mosquitos: não era uma salvação respeitável para os adultos.) É claro, as chaminés de tijolos da sua infância, cobertas de fuligem, costumavam bombear na atmosfera uma fedentina branca e nebulosa. Os operários das indústrias de papel tinham índices elevados de câncer colorretal e leucemia. Em termos estritamente ambientais, talvez fosse mais saudável para Berlin que quase todas as fábricas houvessem fechado. Mesmo assim, Shep sentia saudade delas. A linha recortada e pontiaguda do horizonte tinha sido característica. Em sua meninice, o fato de os turistas a caminho de White Mountains taparem o nariz ao passarem por sua cidade tinha sido um motivo perverso de orgulho. As fábricas barulhentas e cavernosas a que suas turmas haviam feito peregrinações admiradas na escola primária sempre tinham sido as verdadeiras catedrais de Berlin, New Hampshire. Além disso, Shep sempre havia gostado de ser de um lugar que fazia uma coisa palpável, que se podia segurar e dobrar e na qual era possível escrever. Não ligava para cidades cuja economia se baseava em “serviços” efêmeros ou numa engenhosidade esquiva, como programas de computador. Não pertencia realmente a este século, e sabia disso.

Ao se mudar para Nova York, ficara constrangido por vir da roça e treinara para perder o sotaque interiorano. Tinha praticado a pronúncia dos erres e dos eles. Passadas poucas semanas, já pedia “*milkshake*” em vez de “frapê” e “refrigerante” em vez de “refresco”. Mas fazia muito tempo que a vergonha tinha desaparecido. Era interessante provir de um lugar tão especial. Qualquer pessoa saída de um povoado de apenas dez mil almas era uma mercadoria rara; um monte de gente vinha de Nova York. Ele devia a esse gélido vilarejo nortista uma robusta resistência ao clima frio. Chapinhar para a escola sobre três palmos de neve, com o granizo intenso a lhe alfinetar as bochechas e se acumular nos cílios. Sentir os pés ficarem dormentes, logo depois das duas primeiras ruas — que tal *isso*, Glynis, em matéria de neuropatia periférica? Manter a cabeça baixa, a frente contra o vento e se concentrar apenas no passo seguinte, e depois no outro... Bem, a mesma garra instilada em sua meninice viera socorrê-lo nos seis meses anteriores: como se empenhar com afinco diante da dificuldade, abster-se de reclamações e se encolher num eu nuclear pequeno e protetor, quando as forças externas hostis o açoitavam.

Mesmo em regime de funcionamento parcial, a Fraser Paper ainda exalava seu odor estonteante. No estacionamento do Hospital do Vale do Androscoggin, Shep encheu os pulmões daquele ar ácido: saudade. Com sua fachada de granito polido e liso, esse não era o hospital vitoriano mambembe do mesmo nome no qual ele havia extraído as amídalas aos dez anos. Com sua atmosfera de sofrimento, falta de recursos e lençóis esterelizados pela fervura, o Vale do Androscoggin original tinha parecido mais honesto, com mais jeito de hospital de verdade. O novo, construído na década de 1970, tinha uma inocência municipal: mais parecia um prédio em que renovassem a carteira de habilitação de um sujeito que um local onde amputassem sua perna. Mais arrumado, mais limpo e mais claro, também parecia um engodo — como o sol resplandecente das manhãs de inverno em New Hampshire, que podia parecer muito convidativo, até se pôr o pé do lado de fora e receber no rosto a bofetada de um vento gélido de trinta e cinco graus negativos.

Ao ser encaminhado ao quarto em que seu pai ainda dormia, sob o efeito da anestesia da cirurgia feita naquela manhã, Shep já não estava pensando no Medicare. Eles tinham tido suas divergências, mas

Gabriel Knacker sempre fora impressionante. Seus poderes sonoros de oratória não combinavam com sua congregação modesta, e seu intenso engajamento em questões como a pobreza mundial e o *apartheid* na África do Sul destoavam das preocupações mais imediatas de seus paroquianos com a conservação do emprego nas fábricas. Como pai, ele havia brandido seus juízos com a mesma mão pesada com que outros pais batiam no traseiro dos filhos, e a ardência da lambada tinha durado mais que a de qualquer surra. O maior pavor de Shep na infância era “decepcionar” o pai. Como ex-magnata dos concertos domésticos que se rebaixara à condição de funcionário de sua própria empresa, sem dúvida ele se transformara numa decepção permanente. Mas, por outro lado, para Gabe Knacker não fazia diferença se o filho era dono da companhia ou trabalhava nela. Uma entidade empresarial, quando não francamente iníqua, era, se tanto, moralmente neutra, e na visão do pastor, um homem de bem que não fazia nada era sinônimo de iniquidade. Como seria de se prever, o argumento de que, se toda a população do Ocidente ingressasse no Corpo da Paz, *todos* morreríamos de fome, não levava a lugar nenhum, embora Shep tivesse obtido o reconhecimento relutante de que ao menos tinha dado emprego a numerosos imigrantes hispânicos em dificuldade. Considerando-se que ele não se lembrava de jamais ter ouvido o pai expressar simpatia por pessoas de origem europeia em seu próprio país, era de admirar que aquela congregação de americanos brancos tivesse aguentado o sujeito.

Cedo ou tarde, esse momento deve chegar para a maioria dos filhos adultos: a espantosa compreensão de que o pai ou a mãe envelheceu. Tão duradoura é a marca de autoridade deixada na infância, que, comumente, essa percepção pode chegar anos depois de o genitor em questão se afigurar flagrantemente geriátrico para todas as outras pessoas. No entanto, por mais rotineira que seja essa revelação, ela não pareceu rotineira. Lavar as mãos no aparelho de desinfecção, do lado de fora da porta do pai, foi o presságio do primeiro e tardio contato de Shep Knacker com a realidade crua e objetiva do declínio paterno.

A figura imponente de sua meninice ocupava um espaço incongruente pequeno na cama estreita; talvez Shep devesse ter tentado dar uma reforçada na dieta sistemática de sanduíches de queijo quente do pai, afinal. A pele de Gabe tinha uma transparência aquosa que decerto havia adquirido anos antes, mas que Shep preferira não notar; não gostou de notá-la nesse momento. Mesmo quando já bem passado dos sessenta, o reverendo tinha exibido uma cabeleira farta e notavelmente escura — o que, de algum modo, havia permitido a seu filho não observar, na última década, que o homem tinha, enfim, começado a ficar calvo e que, finalmente, os fiapos que restavam tinham-se tornado brancos. A mão que segurava o lençol era enrugada, cheia de manchas e frágil, e era de se presumir que essa transformação da extremidade um dia larga e abobadada, que se erguia uma vez por semana para dar bênçãos, não houvesse ocorrido da noite para o dia.

Shep e o pai tinham brigado muito — por Shep ter “desdenhado do ensino superior” e, com isso, “desperdiçado sua bela inteligência”, por ter se vendido ao deus Mammon e por sua busca indecorosa de uma “Outra Vida” que era uma apostasia. (Economizar para ajudar os pobres do Terceiro Mundo seria uma coisa; guardar dinheiro para tomar drinques dentro de um abacaxi era outra, muito diferente.) Mas o conflito entre gerações era uma batalha que nenhum filho que se respeitasse teria a esperança de vencer. Shep não queria que seu pai capitulasse por força do mero número de anos no planeta, o que se convertia furtivamente de vantagem em desvantagem enquanto a gente virava as costas; a vitória pela simples juventude era vulgar. Ele não queria que o pai deixasse de ser assustador, ou intimidante, ou enfurecedor, ou insuperável. Se não queria que o pai fosse velho, isso era só um jeito de dizer que não queria que o pai deixasse de ser seu pai.

Beijou de leve a testa do paciente adormecido; a pele fina que seus lábios roçaram era desconcertantemente móvel sobre o crânio. Ele ocupou uma cadeira ao lado da cama. Ali ficou em vigília por cerca de meia hora. Ouviu a respiração entrecortada, vez por outra descansando a mão no braço atrofiado do pai. Foi uma breve sessão do simples existir que ele tanto havia cobiçado para a Outra Vida.

Aquilo que Glynis chamava de “não fazer nada” — o cheirar e ver e ouvir e notar pequenas coisas da pura presença animal no mundo — certamente constituía uma espécie de atividade, talvez do tipo mais importante. Shep não tinha certeza se o pai sabia que ele estava ali, mas tudo bem. Era uma forma de companheirismo que ele vinha valorizando especialmente com Glynis, nos últimos tempos: sem conversa, mas surpreendente em seu contraste com estar só.

* * *

Shep parou na entrada de garagem da rua Mt. Forist, grafada assim, com *i*; não era de admirar que ele se houvesse achado um matuto ao se mudar para Nova York, vindo de um lugar que não sabia pronunciar o nome da capital da Alemanha ou sequer soletrar *floresta*. Como sempre, a casa colonial de dois andares, revestida de ripas em tom sépia e com uma varanda em toda a volta, gerou uma impressão confusa. Trazia uma sensação calorosa e acolhedora, ambigualmente mesclada com a depressão, como um galão de tinta dourada contaminado por umas gotas de marrom-esverdeado, compondo uma tonalidade enjoativa que não tinha nome. As vagas imagens idealizadas da memória chocaram-se com a percepção atual, mais áspera, de que o lugar estava ficando dilapidado. As ripas lascadas de cedro mereceriam ser substituídas. A balaustrada da varanda estava empenada. Ainda assim, era uma sólida construção de 1912, com certa distinção arquitetônica na bizarra torreta arredondada que se erguia à direita, formando um terceiro andar. O antigo quarto de Shep ficava no alto. Embora fosse impossível dispor os móveis direito num quatinho redondo, esse não era o tipo de coisa que incomodasse um menino. Ele tinha adorado a escada em espiral e o clima de casa da árvore, assim como o som do regato da encosta que das janelas curvas ele via gotejar. Convencido sem esforço de ocupar o centro do universo, o sujeito nunca parecia notar, quando garoto, que vivia no meio do nada.

Beryl acenou da varanda. Os pontos de crochê do seu top deformado, cor de chocolate, eram largos o bastante para deixar transparecer o sutiã, de um rosa incomodamente chamativo. Ela já não tinha propriamente corpo para usar aquele short justo feito de uma calça de brim cortada. Por outro lado, no norte de New Hampshire, contavam-se nos dedos os dias em que se podia encarar o uso de shorts, e as garotas locais tendiam a vestir a roupinha curta no instante em que o termômetro passava um pouco dos quinze graus. Além disso, o próprio Shep não estava em condição de censurar as gordurinhas de ninguém.

— Shepardo! Que alívio você estar aqui! — exclamou ela, dando-lhe um abraço apertado. — Você não faz ideia... eu me senti tão sozinha! Nossa, fico revivendo aquele *tum-tum-tum* repentino, vindo da escada. Não preguei o olho. E não consigo parar de pensar no que teria acontecido se eu não estivesse em casa.

— É, foi sorte — disse Shep, entrando com a mala no ombro, enquanto Beryl tagarelava sobre ter feito “tudo que podia” e ficado “arrasada” e “sem saber o que fazer” — com as duas mãos puxando o cabelo castanho grosso e ondulado, para aumentar o efeito — e “realmente precisando de ajuda por aqui”. Shep não conseguiu imaginar o que teria sido necessário, além de chamar uma ambulância e internar o pai no hospital, mas não devia ser ingrato.

Começou a subir a escada para deixar a mala.

— Ah, você deve ficar no meu antigo quarto — disse Beryl. — Eu estou no seu.

Shep parou:

— Por quê?

— Você sabe que eu sempre quis o seu quarto. Era o mais legal. E eu estou morando aqui; você está só de visita, não é?

Ele reprimiu a irritação, na qual ressoava um velho toque de ressentimento pelo fato de, aos dezoito anos, Beryl *ter tido* que ir para Nova York atrás do irmão mais velho, como a ativação de uma pontada

de reumatismo quando chovia.

De volta ao térreo, ele observou a que ponto a irmã havia ocupado a casa do pai. Suas antiguidades excêntricas do apartamento da Rua Dezenove Oeste estavam enfiadas por todo canto, atravancando o que tinha sido uma arejada amplidão de piso de tábuas corridas. Revistas de cinema e equipamento fotográfico salpicavam todas as superfícies, feito xixi de cachorro. O laptop de Beryl ocupava o lugar de honra na mesa de jantar, cheio de impressos espalhados em volta. Um buquê murcho de flores de cenoura-brava, num vidro de maionese, ignorava o fato de que o pai deles era alérgico a flores.

— Você viu o papai?

— *Ver* é a palavra certa — respondeu Shep, desabando no sofá. — Ele ainda estava dormindo. Mas as enfermeiras disseram que parece ter saído muito bem da cirurgia.

— Eu sei, eu sei. Andei telefonando, assim, de meia em meia hora.

Shep se perguntou se sua irmã telefonava para o hospital com a mesma frequência imaginária com que Amelia ligava para a mãe.

— Ei, você tem alguma coisa aí para beber? Estou acabado.

— Bem, sim... acho que posso encontrar alguma coisa.

Foi arrastando os pés com relutância até a cozinha e voltou com uma garrafa quase vazia de vinho ordinário. O copo que serviu tinha uns três goles e Shep entendeu a mensagem. Além de ter dado uma passada na casa de sua vizinha, Nancy, para garantir que Glynis pudesse recorrer a ela numa emergência, de ter servido o café da manhã a sua mulher, que por acaso tinha câncer, de ter pesquisado casas de repouso de New Hampshire na internet, preparando-se para assumir a responsabilidade completa pelo que viria a seguir, e de ter dirigido oito horas até a Nova Inglaterra no tráfego pesado de um feriado, ele deveria ter se lembrado de chegar com algumas garrafas de vinho tragável (ao contrário desse), meia dúzia de cervejas e um pacote tamanho família de Doritos, de preferência o sabor Cool Ranch, que era o favorito de Beryl.

— E então? Onde vamos jantar? — perguntou ela. — No Moonbeam Café? No Eastern Depot?

O Moonbeam ficava no bairro de Gorham, por onde Shep tinha acabado de passar, e a viagem de volta restringiria seu consumo de bebida a menos do que seu estado de espírito exigia. O Eastern Depot era o restaurante chique que a maioria das pessoas reservava para os aniversários e as comemorações de aniversário de casamento, e a generosidade natural de Shep andava apertada.

— Qual é o problema de ir a pé ao Black Bear?

Beryl franziu o nariz.

— Só tem carne. Eu voltei a ser vegetariana.

— Desde quando?

— Desde aquela lasanha na sua casa. Ela me deixou, sabe, completamente enjoada.

O que a deixara enjoada tinha sido não conseguir satisfazer sua vontade.

— Obrigado.

— Não se ofenda com isso.

— Por que não comemos em casa? Eu dou uma corrida até a loja de bebidas da rua Pleasant, mas só tenho disposição para isso.

Quanto a não levá-la para jantar fora, Beryl o faria pagar. De um modo ou de outro, Shep acabava pagando tudo.

* * *

— Estou morrendo de fome — anunciou ele, pondo as garrafas na bancada.

Beryl arqueou uma sobrancelha para a cintura do irmão:

— Você não parece morto de fome.

— Tenho que fazer a comida mais pesada possível para a Glynis. E acabo comendo a mesma coisa.

— Ah, me desculpe, com toda essa história do papai, me esqueci de perguntar! — Beryl virou-se para ele do fogão e franziu a testa, assumindo uma expressão de indagação profunda e apreensiva: — *Como vai a Glynis?*

Era uma expressão que Shep tinha aprendido a reconhecer. A própria entonação da pergunta — esticada, perscrutadora, em tom mais baixo — era idêntica, no timbre, às perguntas que ele vinha recebendo, fazia meses, de personagens secundários. Por trás da encenação superficial do cenho franzido espreitava a esperança de que a resposta não fosse incômoda, não pedisse nada e, acima de tudo, fosse curta.

— Parece que vamos superar esse troço — respondeu Shep, forçando-se a lembrar que agora ele era um crente, um evangelista, um devoto. — A quimioterapia está funcionando.

— Fantástico!

A enigmática resposta positiva a tinha livrado do aperto, e acabou-se a história.

Beryl cozinhava como se vestia. Tudo que preparava era encaroçado e marrom. A gororoba saída do fogão nessa noite foi clássica: uma pasta de cajus empapados, grumos de tofu manchado de soja e grãos estufados de feijão-rajado que começavam a se desintegrar.

Abandonado no fogo alto, o grude estava obviamente queimando, mas Beryl jamais detectaria o cheiro de queimado no ar. Acrescentando discretamente um pouco de água, Shep refletiu sobre o fato de sua irmã não encarar a falta de olfato como uma deficiência, mas como uma insígnia de honra. Nos últimos tempos, tudo havia sofrido uma misteriosa inversão, de modo que não ser capaz de ver, ouvir, aprender ou andar tornava o indivíduo superior. Por isso, Shep ficava perplexo, sem saber o que fazer com sua solidariedade. Agora, aparentemente, desejar que sua irmã pudesse saborear o aroma de toras de pinheiros cortados seria um insulto.

Quando se sentaram à mesa, a porção no prato de Shep parecia um bolo de estrume de uma vaca com problemas digestivos. O Moonbeam Café servia pão da casa e tortinhas crocantes de frutas, ambos maravilhosos; talvez Beryl gostasse dessa massa esfarinhada e grudenta, mas Shep não pôde evitar a sensação de estar sendo punido. Pelo menos, aquele jantar terrível não os distrairia da agenda principal, embora a agenda principal não fosse mais apetitosa.

— Sabe, sobre o papai — começou Beryl. — Detesto dizer que eu avisei...

— Não, não detesta. Vá em frente. A presunção é um dos prazeres da vida.

— Só estou querendo dizer que, como eu falei em Elmsford, era fatal que isso acontecesse...

— Está bem, acabou? Aconteceu. Próxima.

— Você não precisa ser tão malcriado. Isto é difícil para todo mundo.

— É difícil principalmente para o papai.

— Bem, é claro — ela recuou.

Raspar a crosta do fundo da panela tinha sido um erro. Os flocos pretos apareciam em camadas no garfo.

— Estou horrorizada com a razão, naturalmente — continuou Beryl —, mas ter um descanso da proximidade entre mim e o papai vai ser um certo alívio. Ele deu para ser tão cheio de exigências! O dia dele é todo ritualizado, e tudo tem que ser feito só do jeito dele.

Shep fez sinal com a cabeça para o computador na ponta da mesa:

— Parece que ele acolheu as suas coisas. Isso é bastante flexível.

— Mas eu faço o queijo quente dele, não é? Tentando ser gentil, sabe? E, ao que parece, sai escuro demais, e o queijo não derrete o bastante. É preciso manter a temperatura exatamente naquele pontinho do botão, e pôr uma tampa em cima do sanduíche, uma tampa especial que tem o tamanho exato do pão Branola. E Deus nos livre de esquecer as duas rodela de pepino em conserva, ou voltar do mercado com

uma marca que não tenha o corte denteado. Eu o vejo como um homem tão frugal, mas ele chegou até a jogar fora o sanduíche e a fazer outro!

— Que bom para ele. Quantos outros sanduíches de queijo quente um homem da idade dele vai comer?

— Cara, a outra coisa que me deixa doida — continuou Beryl, tentando valentemente atrair o irmão para uma cumplicidade filial — é o jornal. Ele ainda recorta todos aqueles artigos, você sabe, sobre o perdão da dívida do Terceiro Mundo, ou alguma coisa a ver com Abu Ghraib, e é óbvio que fica todo agitado quando há alguém passando fome. Então, eu pego o jornal e ele parece aqueles recortes de flocos de neve que a gente fazia na escola. Eu disse a ele, sabe, que se ele quiser um artigo, podemos imprimir uma cópia da internet, mas não, ele tem que ter a versão do jornal. Você viu o escritório dele, lá em cima. Tem pilhas de pastinhas cheias de artigos amarelados e sujos. Sei lá, é meio triste. Quer dizer, o que é que ele vai fazer com aquele troço, afinal?

— Parece bom que ele ainda se interesse tanto pelo mundo — disse Shep, resoluto. — A maioria das pessoas de oitenta anos nem leria o jornal, muito menos ia tirar recortes.

Beryl não captou a indicação de que ele não ia endossar suas opiniões:

— Você sabia que ele escreve uma carta ao editor praticamente todos os dias? Às vezes é para o *Sentinel*, mas em geral é para o *New York Times* ou o *Washington Post*. Elas quase nunca são publicadas. É como se, toda vez que acontece alguma coisa, o mundo inteiro ficasse esperando para saber o que o Gabriel Knacker acha. Ora, isso é triste. Fico imaginando todos aqueles editores da seção de cartas recebendo mais um envelope com o selo de Berlin, New Hampshire, revirando os olhos e jogando-o no lixo sem abrir.

Inquieto por estar longe de Glynis. Shep não planejava se demorar muito ali; um prolongado festival de besteiras sobre o genitor que lhes restava poderia esperar por outra ocasião.

— E qual é o prognóstico? — perguntou à irmã. — Você acha que ele vai poder voltar para cá?

— Isso significaria contratar uma enfermeira, ou coisa assim, porque é provável que ele passe semanas de cama. Na verdade, talvez precisemos de assistência vinte e quatro horas por dia, sei lá, para sempre.

— É verdade... — disse Shep, olhando duro para ela.

— E quem sabe que tipo de pessoa seria essa. Se fosse uma megera intrometida e mandona, a vida por aqui poderia se tornar insuportável.

— Pelo que li, a assistência médica domiciliar em horário integral pode chegar a mais ou menos cem mil dólares por ano.

— Não acredito que estejamos conversando sobre isso, sei lá, há apenas um minuto, e você já esteja falando em *dinheiro*.

O sorriso de Beryl tentou disfarçar a alfinetada de pilhéria, mas sem sucesso.

— Já que ele não está aqui para nos dizer o que quer fazer depois, a única coisa sobre a qual você e eu podemos falar é dinheiro.

— Custe o que custar, o importante é o que for melhor para o papai — declarou Beryl.

— Você não espera que ele prefira voltar para casa?

— Mas acho que já não é viável ele morar aqui. Talvez seja até perigoso; ele pode facilmente levar outro tombo. E depois, isso só adiaria o inevitável. Este é o momento perfeito para fazer uma mudança decisiva para algum tipo de lugar onde ele tenha médicos, e refeições feitas para ele, e a companhia de pessoas da idade dele.

— Deixando você nesta casa. É isso que você imagina?

— *Talvez* eu passasse mais algum tempo aqui. O que há de tão terrível nisso? Alguém tem que defender o forte.

— “O forte” é o único bem do papai. É tudo que ele tem para ajudar a bancar o que tenderá a custar

uns cem mil paus por ano, seja qual for a opção dele: assistência domiciliar, uma clínica geriátrica ou um lar para a terceira idade.

— Você está dizendo que venderia esta casa e a tiraria de mim? E para onde eu iria, porra?

— Para qualquer lugar para onde vão os adultos quando não moram com os pais.

— Isso é ridículo! E para que serve aquela merda toda de Medicare e Medi sei lá o quê?

— Tentei lhe explicar isso quando a minha lasanha a deixou enjoada — retrucou Shep, com um olhar significativo para seu prato. — O Medicare não cobre assistência a longo prazo, ponto final. Você está pensando no Medicaid.

Beryl agitou a mão com ar de tédio:

— Nunca sei direito essa porcaria.

— As exigências do Medicaid são rigorosas e seria necessária uma enorme papelada só para incluí-lo na lista. O plano cobre apenas os desfavorecidos. O papai nunca se qualificará, enquanto ainda for dono desta casa e receber uma pensão regular. Portanto, ou vendemos a propriedade, usamos o dinheiro e liquidamos o fundo de pensão dele, ou então, nós — fez uma pausa ao usar o pronome, mas decidiu que mantê-lo era bom para a educação moral da irmã — ou nós pagamos a conta.

— E a minha herança?

— Que herança?

— Metade desta casa será minha e estou contando com o dinheiro dela para dar a entrada na minha própria casa! — gemeu Beryl. — De que outro modo vou ter uma casa própria algum dia?

— Eu não tenho casa própria, Beryl.

— Isso é uma opção sua. Você poderia comprar o que quisesse, e sabe disso. — Cruzou os braços, amarrando a cara. — Merda, tinha que haver um documentário sobre isso. O papai trabalhando a vida inteira, e pagando impostos, e aí, quando ele precisa...

— A diminuição do patrimônio — Shep a interrompeu — para custear os cuidados paliativos na fase final da vida não tem passado despercebida.

Com evidente disciplina, Beryl descruzou os braços e pôs calmamente as mãos dos dois lados do prato:

— Olhe. Podemos fazer o seguinte. Você paga a clínica geriátrica do papai, ou o lar assistido, seja o que for. E me dá dois ou três anos aqui, para eu poder economizar algum capital. E aí, quando o papai tiver falecido e nós vendermos a casa, a sua parte da herança cobriria o seu desembolso.

Shep reclinou-se na cadeira. Só podia ver tamanha audácia como algo realmente magnífico. Ninguém poderia dizer que sua irmã não era divertida.

— A minha parte vai para uma clínica geriátrica e você fica com a sua?

— É claro, por que não? E assim eu saio das suas costas. Chega de bater na sua porta para pedir xícaras de açúcar. Eu poderia voltar para Nova York.

— Deixando de lado a questão de eu cair ou não nessa sua conversa, exatamente quanto você imagina que valha esta casa?

— O mercado imobiliário deu um salto no país inteiro. Tudo meio que, não sei, triplicou de valor em, sei lá, uns dez anos. Todo o mundo, *menos eu*, anda ganhando dinheiro a três por dois. Cinco quartos, três banheiros... esta casa deve valer uma fortuna!

— Eu repito: exatamente quanto você pensa que vale esta casa?

— Sei lá... quinhentos? Setecentos e cinquenta? Com aquele quintal enorme, sei lá, talvez até um milhão!

Shep sabia que sua irmã adorava a casa e, até certo ponto, por boas razões. Todo o revestimento de madeira escura do interior era original e nunca fora pintado. A casa era espaçosa e tinha estilo. Na cabeça de Beryl, era mais valorizada por ser o lugar em que ela havia crescido, e suas lembranças eram agradáveis; ela sempre fora a favorita. Shep detestou desfazer suas ilusões, mas os corretores de imóveis

não eram muito sentimentais:

— Andei pesquisando uns sites de imóveis. As casas deste tamanho em Berlin estão sendo vendidas por menos de cem mil.

— É impossível!

— A Fraser Paper está fechando e todos sabem disso. Você não notou a quantidade de casas vazias e dilapidadas neste bairro? Falam em construir um grande presídio federal e um parque para quadriciclos, mas, mesmo que isso aconteça, significa algumas centenas de empregos, no máximo. Justamente você, que fez *Reduzindo a papelada*, deveria saber que todo mundo está se mudando daqui. O valor dos imóveis nesta área está *caindo*.

— Ele não está caindo em lugar nenhum! Esta casa é o melhor investimento que o papai fez!

— Beryl, pense um pouco. Quem quer morar aqui? Criadores de documentários exilados de Nova York, que perderam o aluguel tabelado. É só. E esse é o verdadeiro problema. Mesmo que puséssemos este lugar à venda amanhã, ele poderia passar meses ou até anos no mercado e, enquanto isso, o Medicaid não tocaria na despesa de uma casa de repouso para o papai nem com uma varinha comprida. Portanto, não se preocupe com a possibilidade de esta casa ser “vendida e tirada de você”. A preocupação é que ela não o seja.

— Bem... nós não sabemos quanto tempo ele vai durar, não é? Quer dizer, eu sempre soube que, para uma porção de gente idosa, quebrar um osso é o começo do fim.

Essa foi pesada.

— É, se pelo menos ele morrer logo, você pode receber a sua *herança* — retrucou Shep, com um sibilo final na última palavra.

— Não gosto dessa insinuação! Eu só estava dizendo...

Shep recolheu os pratos. Parou junto à pilha de louça, pensando. Quase deixou o assunto morrer, mas — talvez fosse por estar com o pai prostrado no Hospital Vale de Androscoggin — começava a se sentir menos como irmão que como pai de Beryl:

— Quanto mais tempo o papai puder continuar a morar em casa — disse —, melhor será para ele, e também para nós. Mas a assistência de enfermagem domiciliar seria cara e, como você assinalou, uma intromissão. Por isso, estou curioso. Existe uma possibilidade da qual nós não falamos. E se ele voltasse para cá e *you* cuidasse dele?

— De jeito nenhum! — exclamou Beryl. Era óbvio que essa opção nunca lhe passara pela cabeça.

— Você sugeriu o antigo quarto da Amelia em janeiro, embora isso tenha sido antes de lhe contarmos que a Glynis estava doente. Na ocasião, a ideia de ele morar com você em Manhattan estava fora de cogitação, já que você estava prestes a perder seu apartamento. Mas agora, você está entocada aqui, e ninguém seria desalojado de casa, nem você nem o papai. Você poderia se tornar útil.

— Não tenho qualificação para isso! Não sou *enfermeira*.

— Tenho certeza de que o hospital poderia fornecer a fisioterapia. Mas as funções principais seriam cozinhar, fazer compras e manter a casa limpa. Trocar a roupa de cama dele, lavar sua roupa, fazer-lhe companhia. Dar banhos de esponja nele e ajudá-lo a usar o urinol. Para tudo isso, você é tão qualificada quanto qualquer pessoa.

— O papai nunca ficaria à vontade com a filha limpando a bunda dele. Seria completamente constrangedor para nós dois.

— As pessoas mudam aquilo que se dispõem a aceitar, quando você muda o que está disposta a dar. — Shep sorriu. Era um sermão muito parecido com os da mãe deles.

— Não acredito que você possa me pedir isso! Não estou vendo *you* se oferecer para deixar tudo de lado e passar o dia inteiro cuidando de outra pessoa!

— Ah, não? *Deixar tudo de lado e passar o dia inteiro cuidando de outra pessoa*, ou a noite inteira, conforme o caso, é exatamente o que eu faço pela Glynis. E ao mesmo tempo, mantenho um emprego de

horário integral, que eu abomino, e que só conservo para garantir que a minha mulher tenha algum tipo de planos de saúde.

Qualquer embaraço que a gafe pudesse ter provocado em Beryl foi de curta duração:

— Você está falando em eu deixar a minha vida toda em suspenso, possivelmente por anos! Bem, você só tem um emprego, mas eu tenho uma carreira! E por acaso é uma carreira em que o próprio papai confia. Ele nunca me deixaria sacrificar meu trabalho cinematográfico sobre questões sociais importantes só por essa merda de banhos de esponja! Na verdade, talvez eu *faça* um documentário sobre cuidados paliativos na fase final da vida. E, nesse caso, farei muito mais bem a um número muito maior de idosos do que jamais conseguiria, se ficasse aqui perguntando a um único idoso se ele precisa de um copo de água!

— Então, é isso: não? Fim de papo?

— Pode acreditar. Sem negociação, sem chance de aceitação. Decididamente, absolutamente não, fora de cogitação, pode esquecer, ponto final — disse, e pareceu frustrada por ter esgotado suas negativas.

Ao vender a Knack Para Toda Obra, Shep nunca havia esperado ser tratado com maior consideração — receber lugares preferenciais em restaurantes, ver um peso extra ser atribuído às suas pequenas opiniões —, pelo simples fato de ter ganho algum dinheiro. Mas também não havia esperado ser punido por isso.

— Então, isso me deixa pagando pela alternativa, seja ela a assistência domiciliar em horário integral ou algum tipo de instituição. Quanto à sua estada no *meu* antigo quarto, você está com sorte, já que não vou pôr esta casa à venda enquanto o papai achar que existe a mais ínfima esperança de voltar para cá. Mas quero que você entenda que arcar com o custo do tratamento dele não vai ser fácil para mim. Tenho despesas enormes com a Glynis e já não sou o ricaço que você imagina.

— Não entendo — disse Beryl, com sincera perplexidade. — Você disse que tinha seguro de saúde.

Shep riu. Não foi um riso muito agradável, mas foi melhor que chorar.

CAPÍTULO DOZE

Muitos casais paravam de ter relações sexuais e ficavam bem, provavelmente. Grande coisa, sua libido diminuiu. Ainda havia aquela coisa aconchegante, quando se dividia a mesma cama, o que ele e Carol continuavam a fazer, mas apenas porque ela não quisera inquietar as meninas nem mesmo com uma explicação fantasiosa sobre por que o papai tinha sido exilado no sofá. Como pequena indicação do exílio, podia-se dizer que o fosso de lençol frio de um palmo de largura entre eles era mais doloroso. Carol não suportava olhá-lo. De vez em quando, virava-se para ele durante o sono, mas só por hábito; ao se mexer e se descobrir com o rosto no peito do marido, pulava de volta com um resmungo para o extremo oposto do colchão. E era líquido e certo arrastar junto a roupa de cama, deixando Jackson sem nada além da cueca para se cobrir. Ele passara a detestar dormir de roupa de baixo. A cueca havia adquirido o mesmo caráter vergonhoso de suas sungas da meninice, quando ele ficava tão mortificado com a perspectiva de sua mãe avistar uma mancha escura no fundilho que, em vez de jogá-las no cesto de roupa suja, enterrava-as na lata de lixo.

Ainda que muitos casais renunciassem alegremente ao sexo, ele nunca havia esperado que Carol e Jackson Burdina figurassem entre esses pares. Podia ser que o praticassem com menos frequência depois de Flicka nascer, mas era só perguntar a Bobby Sands: havia uma enorme diferença entre uma dieta e uma greve de fome. A perda criava uma sensação de espoliação que se estendia muito além do sono. É que, quando não estava na cama, ele pensava com pavor na hora em que estaria. Aquela languidez flutuante, de pernas enroscadas, entre um alarme e outro do despertador, tinha sido sua parte favorita do dia.

Durante todo o casamento, Jackson se irritara com uma sutil impossibilidade de possuir sua mulher. Ela era esquiva, mantinha-se isolada. Embora a completude de Carol sempre o houvesse impressionado, Jackson não cobiçava para si essa mesma alegre inteireza desnecessária. Por mais feminina que fosse essa imagem, uma pequena ausência interior, aquele pequenino e macio buraco sem fundo que clamava incessantemente por ser preenchido, fazia dele um homem mais desejoso e, por isso, mais desejável. Ora, se de repente ele se transmudasse numa criatura similar, um organismo distinto e autossuficiente, que se ocupasse com suas coisas aqui e ali, como Carol se ocupava das dela, sem pedir nem esperar nada, fazendo com eficiência e de modo incansável o que era preciso, bem... ela ficaria muitíssimo desolada.

É que, no passado, a frustração com a impossibilidade... não propriamente de ser dono dela, mas de *tê-la*, dera a Jackson um revigorante senso de propósito, e aos dois, uma fonte inesgotável de diversão. Carol gostava de se manter provocantemente quase inalcançável; ele gostava de bancar o caçador que, por nunca pôr a caça na bolsa, jamais ficaria sem uma presa. Agora, porém, o traço provocador de Carol se endurecera numa absoluta inacessibilidade, e não tinha a menor graça entrar num safári quando não havia sequer uma pretensa presa a buscar no parque de caça.

Visto que o que havia começado como uma travessura caprichosa e sexualmente renovadora do próprio Jackson tinha se enegrecido num desastre, a insensatez dele trazia embutido o seu próprio castigo, e Carol não precisaria puni-lo duplamente. Está certo, ele não *consultara* ninguém, o que era só um modo de dizer que quisera fazer uma diabrura, uma coisa inesperadamente travessa e que, para variar, não tivesse nada a ver com as meninas, porque, pelo amor de Deus, a pobre mulher tinha muito pouco na

vida que não fosse apenas mais uma conta ou — surpresa! — uma bactéria novíssima invadindo as córneas de Flicka. E, claro, talvez ele não tivesse aderido à regra geral de que, em matéria de qualquer parte do corpo que seja pelo menos parcialmente funcional, o bom é deixá-la sossegada. Mas, exceto por isso, não via como a consequência catastrófica dessa idiotice impetuosa pudesse ser culpa sua. Porventura era capaz de ter previsto a infecção, e acaso não tinha tomado toda a série de antibióticos? Não tinha feito uma porção de pesquisas prévias? E, depois do testemunho entusiástico de seu primo Larry, como poderia saber que o médico era um charlatão? Era culpa dele se os resultados das duas exorbitantes cirurgias plásticas restauradoras tinha sido decepcionante, e se seu pau ainda parecia uma salsicha mole, amassada pelo pão do cachorro-quente e com uma mordida arrancada no meio? Ele já estava sofrendo muito e a frieza de Carol era de uma crueldade imerecida. Mas ela nunca havia reconsiderado sua convicção de que o marido tinha vandalizado não a sua própria pessoa, mas a dela. Acontece que ela achava *mesmo* que aquele pau lhe pertencia — pertencia pessoalmente, com a mesma simplicidade e totalidade com que ela era dona de uma espátula —, e que era ela que fazia a gentileza de emprestá-lo de tempos em tempos, quando Jackson precisava fazer xixi.

Além disso, Carol o forçava a uma introspecção que o deixava impaciente. Não era que ele não “se conhecesse”, ou outra baboseira do gênero; simplesmente achava que ficar olhando para o próprio umbigo era afeminado, indulgente e inútil. O que estava feito estava feito, certo? Então, de que adiantava uma necrópsia emocional? Por mais que fosse cortado, cadáver era cadáver.

Bem, seu pau não era exatamente um cadáver. Era pior que isso. Apesar de deformado e encurvado, ele continuava vivo, o que só o tornava mais terrível. Seu pau o fazia lembrar da história que ele tinha lido na aula de inglês da Sra. William, na oitava série, chamada “A pata do macaco” — o filho querido que era fatalmente destruído num acidente, ressuscitado por um feitiço, e ficava mugindo, todo retalhado em tiras, atrás da porta da entrada. Porcaria, na história, pelo menos a pessoa era poupada de ter que olhar para aquilo, com o exercício bendito do terceiro desejo, aquele do “por favor, Deus, faça isso desaparecer”. O pau dele era o segundo desejo — acenando, mugindo e querendo entrar.

Algumas semanas antes, Jackson se esforçara da melhor maneira possível, com todo o amor, para tentar explicar por que fizera aquilo, embora, como de praxe, a elaboração não tivesse parecido fazer diferença e ele ficasse pensando em por que se dera esse trabalho.

— Foi só de farra — começou. — Uma daquelas ideias birutas e animadas que a gente tem, como quando o sujeito sempre deu bombons, e num ano ele quer aparecer com um presente de aniversário mais extravagante, do qual, para variar, a mulher dele se lembre. Vivemos cercados por toda essa gente que usa piercings, ou faz plástica no nariz, ou lipoaspiração, gente que trata o corpo como uma casa que redecora quando tem vontade. Eu vivo consertando a casa dos outros, não é? Então, eu fiz uma brincadeira, certo? Um pequeno gesto, só por diversão. Droga, fora isso, não estou pondo um anel no estômago para emagrecer, nem fazendo cirurgia de redução de “mamas masculinas”, não tenho nem tatuagens.

— Não se mexe nessa parte do corpo por “diversão” — insistiu Carol. — Não engulo essa, Jackson. De que a cirurgia foi uma brincadeira, um capricho intempestivo e engraçadinho.

— Eu já disse que sinto muito, até cansar. Mas não vejo para que serve analisar isso até a morte. É como se eu saísse para fazer uma excursão, como subir uma montanha, e a ideia da excursão fosse uma simples aventura, só para encher uma tarde de sábado. Aí, de repente, o tempo fica esquisito e o que era uma diversão despreocupada vira um risco à vida, com ventos que ameaçam arrancar a gente do rochedo e deixam metade do grupo com hipotermia. Acontece, não é? Mas, quando os helicópteros descem para fazer o resgate, os paramédicos não dão uma tremenda prensa para saber as motivações profundas e obscuras por trás da porra da decisão demente de escalar no fim de semana.

— Você está me deixando cansada, Jackson — disse Carol, com os olhos semicerrados. — Não me importo quando você mantém as pessoas afastadas nos jantares com essa merda de conversa, mas espero

que não venha com disparates para cima de mim.

Ele deu um tapa nas pernas, levantou-se e ficou andando pelo quarto — cujas dimensões pareciam diminuir dia após dia. Teria que dar a Carol alguma coisa mais substancial que a história da ideia maluca.

— Olhe, você quer saber a verdade?

— Seria reconfortante.

— É constrangedora.

— Não consigo pensar em nada mais constrangedor do que a situação atual.

— Eu... — cacete, isso era, decididamente, completamente constrangedor. Jackson pôs a cabeça do lado de fora da porta, para ter certeza de que nenhuma das meninas estava acordada, apertou a maçaneta até ouvir o clique, passou a chave e baixou a voz: — Um dia eu cheguei em casa numa hora inesperada, porque acontece que nós tínhamos feito um trabalho aqui por perto. As meninas estavam na escola, e por isso você devia se sentir... Bem, era óbvio que você imaginava estar sozinha em casa. Saí à sua procura e você não deve ter me ouvido, porque estava... distraída. Acontece que você estava aqui no quarto e tinha deixado a porta aberta.

Parou e torceu para que Carol inferisse o resto, mas, em vez disso, ela cruzou os braços e perguntou “e daí?”. Ele teria que ser explícito.

— Eu não estava espionando, Carol. Só ia perguntar se você queria almoçar comigo. Mas você estava... bem, você tinha tirado a roupa, e era o meio do dia, e aquilo era meio esquisito. Você estava parada diante do espelho, com as mãos cobertas de... sei lá, uma coisa cremosa e escorregadia...

Carol riu:

— Condicionador de cabelo. Suave, aquele barato. Tem a textura perfeita.

— Lamento ter violado a sua privacidade, e não quero que você pense que fiquei ofendido nem nada...

— Por que você se ofenderia?

— Na verdade, retiro o que disse. Fiquei meio ofendido.

— Não tenho permissão para me masturbar? Você devia ter me dito isso há muito tempo.

— Não é isso que eu quero dizer. E *ofendido* é a palavra errada. Fiquei sentido.

— *Sentido*? Jackson, eu dou um duro desgraçado, o trabalho de vendas para a IBM é uma chatice e, de vez em quando, tenho que descarregar um pouquinho.

— Você não está entendendo. A questão é que você estava nas nuvens. Fazia uma coisa lá embaixo com as duas mãos, e era óbvio que estava curtindo se olhar, e esse... bom, o tal de condicionador... pois esse negócio estava por todo canto. E você arfava e dizia sacanagens para você mesma. Merda.

— É evidente que causei uma impressão e tanta. Mas por que diabos você não entrou na brincadeira?

— Eu não fazia parte daquilo. E você continua a não entender. Você estava... estava gozando sozinha mais do que comigo.

Jackson baixou a cabeça. Pronto. Tinha dito.

Carol segurou-lhe a mão com a ternura pela qual ele ansiava.

— Ou seja, você me viu sozinha. É meio diferente. Talvez eu seja um pouquinho mais desinibida sem você por aqui. Gostaria de não ser, mas é quase impossível perder completamente o constrangimento com outra pessoa, mesmo que a gente a ame e se sinta mais ou menos relaxada com ela. Ainda não entendo por que a sessãozinha que você surpreendeu teve alguma coisa a ver com você fazer uma cirurgia malfeita de aumento do pênis.

Jackson sempre se arrepiava quando ela o dizia com toda essa clareza. Dado que tinha seus próprios rituais particulares, cuja frequência — isto é, frequência anterior — detestava admitir, relutou em entrar no fato de que, nos dois anos anteriores, a “sessão” que ele havia surpreendido tinha sido seu próprio parâmetro para ficar nas nuvens, ele mesmo. Só de falar no assunto, havia ficado de pau duro. (Ou o que

se fazia passar por isso. Pelo visto, Jackson devia sentir-se grato por ele subir até mesmo a esse nível esponjoso de excitação, para o qual ele era alertado principalmente porque o pênis doía; o tecido cicatricial da infecção prendia o eixo no centro, feito um anel peniano empacado no meio do caminho.) Pensar em Carol se alisando diante do espelho, toda coberta de gosma, o fazia gozar com a maior facilidade. Mas esse instantâneo caseiro também o atormentava. Nossa, quem havia de imaginar, olhando para aquela mulher, tão sóbria, tão... Bem, era provável que outras pessoas achassem Carol meio rígida. Jackson não se dispôs a lhe repetir algumas das coisas que a entendeu dizer naquele dia — seu comentário contínuo de obscenidades seria embaraçoso demais para os dois e, ao mesmo tempo, tão excitante que deixaria seu pau em agonia —, mas ela tinha sido um verdadeiro bicho, porra! Naquela tarde, ele se sentira muito tapeado, por ter vivido durante anos com uma gata selvagem, uma gata selvagem de seios grandes, generosos, com uma das mãos enfiada até a metade na xoxota e o rosto contorcido num violento espasmo de gozo, e enquanto isso ele passara anos fazendo um sexo pacato, convencional e bem-comportado com uma gatinha domesticada.

— Eu queria que você se sentisse daquele jeito comigo — disse. — Queria introduzir alguma coisa que a deixasse tão excitada comigo quanto você ficava com você mesma. Eu não sabia, até vê-la por acaso, que você era... que você era capaz de virar a cabeça daquele jeito.

— Eu não parecia ter prazer com você? Nós tínhamos uma vida sexual esplêndida. Se não tivéssemos, por que eu estaria tão aborrecida, agora que não a temos?

— Está vendo? *Ter prazer* comigo. Uma vida sexual *esplêndida*. Esse é o tipo de linguagem que se usa quando se vai a um piquenique. Não quero que você *tenha prazer*. Quero que você enlouqueça.

— Então, parabéns. Eu estou enlouquecida. Loucamente decepcionada e magoada. Você podia ter conversado comigo sobre isso, em vez de se retalhar feito uma costela assada. Caramba, se tudo que você queria era um pouquinho mais de sacanagem, eu podia ter comprado a oferta de condicionador na embalagem de dois por um no supermercado.

Na piada de Carol ele sentiu um abrandamento e se sentou ao lado dela na cama. Sua mulher tinha passado a usar camisola, apesar do ar denso e abafado do verão, mas a porta já estava trancada e camisola é coisa que sai. Jackson pôs a mão na coxa de Carol, que olhou para a mão, depois para os olhos do marido; sua expressão era cética, mas não hostil, para variar. Era meio cedo, depois da segunda cirurgia plástica — as cicatrizes ainda estavam vermelhas e sensíveis —, mas, como quem procura emprego num período de declínio da atividade econômica, ele teria de se candidatar às poucas oportunidades que surgissem. Quando a beijou, Carol se manteve passiva, mas não recuou. E, à medida que ele foi pensando na coisa, o mutilado da Pata do Macaco tornou a mugir, porém nada poderia ser mais doloroso do que a geladeira em que sua mulher o deixara por meses.

Quando Jackson deslizou a mão por baixo da camisola, os dois estavam a quilômetros de distância de um inovador roça-roça erótico com condicionador Suave. Ele foi supergentil e supercuidadoso, pedindo permissão implicitamente a cada carícia, como se Carol ainda fosse virgem e tivesse de ser iniciada com vagar e doçura, e não sua mulher e mãe de suas filhas. Ainda assim, ele finalmente lhe tirou pela cabeça a maçante camisola de algodão branco — nem morta ela pensaria em usar *négligé* — e deslizou as mãos para aquelas duas bolas de sorvete de baunilha. Carol não participou muito, mas não o deteve. Faltava apenas uma etapa, que era tirar a maldita cueca, num desvelamento que nessa hora o encheu de pavor; devia ter apagado a luz do lado da cabeceira de Carol quando tivera essa chance. Ao puxar a cueca às pressas para tirá-la, o elástico estalou; ele viu Carol detestando olhar, mas tendo que olhar e olhando, e em seguida desviando os olhos. A ereção dele era a melhor que podia ser, o que significava que não era muito boa, e, embora esse estivesse longe de ser o momento para pensar nessas coisas, Jackson teve de admitir que, se é que isso era possível, depois de todo aquele cortar e repuxar e desbastar e remendar, a espiguinha mutilada — que parecia um pescoço de galinha meio mastigado que tivesse ficado preso numa lata de lixo — estava ainda menor do que tinha sido antes.

Quando ele ajeitou o corpo sobre o dela, o rosto contorcido e crispado de Carol exibia uma semelhança superficial com a expressão que havia estampado na ocasião em que ele a flagrara besuntando a xereca com Suave, mas era provável que estivesse mais perto da careta insegura de uma paciente prestes a se submeter a uma colonoscopia. Como era óbvio que Carol não ia ajudar, Jackson apoiou-se numa das mãos e, com a outra, tentou posicionar seu pupilo inválido para a penetração, perguntando a si mesmo se seria possível ganhar acesso a uma vagina numa cadeira de rodas. Quando impulsionou o quadril, encolheu-se ao sentir o pau vergar. Tentou de novo, mantendo o dedo médio por baixo do eixo do pênis, como uma tala improvisada, mas, com uma só manobra, que ele teve de admitir que foi graciosa, Carol saiu de baixo do seu corpo e ficou de pé ao lado da cama.

— Não posso. — Trêmula, apesar do calor úmido de julho, pegou a camisola embolada atrás do travesseiro. — Desculpe. Eu tentei, mas, mesmo que você conseguisse fazê-lo entrar, Jackson, eu não posso. É repulsivo demais.

Carol não era uma pessoa teatral, e Jackson não acreditou realmente que tivesse corrido para o banheiro para vomitar. Mas ela fugiu, sim, para o banheiro, e fechou a porta, e ficou sumida lá dentro por muito tempo.

* * *

— Sim, Sr. Pogatchnik, é só que...

— Está me ouvindo? No meu horário, não. Tenho dado bastante folga a você por causa da sua mulher, Knacker. Mas o que eu dirijo aqui não é um asilo. Empresa é empresa.

Jackson espiou pelo canto de sua divisória. Com o rosto salpicado de sardas, Pogatchnik tinha pernas curtas, pescoço curto e dedos curtos, feito salsichas-aperitivo. Com aquela camisa listrada vermelha e branca, a bermuda larga e o boné virado para trás, que, visto desse ângulo, parecia uma touca de criança, ele só precisava de um pirulito grande para completar a imagem de um garotinho gigante dando os primeiros passos. Era a única pessoa do escritório com acolchoamento natural suficiente para se manter aquecido usando roupa de verão; em contraste, em pleno agosto, Shep usava um colete de pelo de carneiro e tinha aprendido a digitar de luvas. Pogatchnik claramente encarava esse traje alpino como uma advertência e, desde junho, o ciclo só fizera acelerar-se: Shep chegava com um cachecol de lã, Pogatchnik baixava o ar-condicionado mais três graus; Shep aparecia com um protetor de orelha.

— Receio que as linhas telefônicas do World Wellness Group só funcionem no horário comercial — explicou Shep num tom calmo, de uma uniformidade desumana, que lembrava o de Carol. — Enquanto eu espero na linha, vou recebendo as ligações para a Randy Mão na Rola...

— Do que foi que você chamou minha companhia?

— Eu quis dizer Randy Mão na Roda, é claro. Foi só um lapso, o senhor sabe...

— Você está pisando num terreno perigoso, Knacker. Na situação atual, acha esperto confundir o nome do seu único empregador com uma punheta?

— Não, Sr. Pogatchnik. Não sei como isso saiu da minha boca. O senhor deve estar me deixando nervoso. Por causa da... do seu desagrado.

Putá merda. Era como ouvir um recruta bunda-suja no treinamento básico, encolhendo-se diante do sargento dos velhos tempos, antes que o exército formado por voluntários começasse a seduzir os soldados com casadinhos de chocolate. Aquilo deixou Jackson com raiva, e talvez não fosse justo, mas com raiva de Shep. Aquela bajulação subserviente no cubículo ao lado o fazia sentir-se pessoalmente traído. Quem iria apostar que o lapso do “Randy Mão na Rola” tinha sido mesmo um erro, e não a subversão sonsa e proposital que deveria ter sido? Norma recém-estabelecida no escritório, pelo menos aquele discursinho de “Sr. Pogatchnik” não era uma inovação baba-ovo de Shep. Numa época em que

todo mundo, de clientes de restaurantes a primeiros-ministros, era conhecido pelo prenome, essa formalidade absurda tinha sido gratificadamente deturpada num deboche; embora aquele sapo gordo ruivo fosse burro demais para notar, o “Sr. Pogatchnik” ressoava com um sarcasmo escancarado no escritório inteiro.

— Telefonema pessoal é telefonema pessoal — disse Pogatchnik. — Que você faz na hora do almoço, no seu celular.

Enquanto organizava as turmas de operários durante a outra parte da manhã, Jackson foi remoendo um mistério que nunca havia conseguido entender. O restante do pessoal sempre havia gostado dele, ou pelo menos o tolerava — e a tolerância, num trabalho ombro a ombro tão próximo, pode crer, já era alguma coisa. Mas eles sempre haviam *respeitado* Knacker, ainda que, no tempo em que era Shep quem dava as ordens, nem sempre tivessem gostado dele. Shep dirigia a empresa com mão firme. Se pegasse um empregado tomando um gole de uma garrafa aberta de vinho branco na casa de um cliente, o cara estava no olho da rua. Seus princípios altivos de trabalho podiam ser alvo de gozação pelas costas, mas, ainda assim, seus trabalhadores se orgulhavam ao ver que as práticas corretas traziam uma multidão de clientes, que sempre voltavam. Se um bombeiro licenciado deixava um buraco enorme no teto de uma sala, Shep optava pelo reparo com uma placa de gesso meticulosamente recortada, que saía mais barata para o cliente, embora substituir o painel inteiro levasse metade do tempo e trouxesse o dobro do dinheiro para a Knack. Ele calculava os orçamentos por baixo, quando sentia que o dono da casa estava apertado. E também mantinha a cotação de preço, mesmo quando um trabalho se mostrava mais complicado do que eles haviam esperado. A culpa era deles, dizia Shep, se um trabalho levava o triplo do tempo que deveria levar; eles deveriam ter previsto os problemas.

É claro que o próprio Jackson raras vezes ultrapassava o tempo previsto, uma vez que era rápido — *atabalhado*, às vezes dizia Shep, e a palavra machucava. Jackson era rápido, mas era eficiente, ou, pelo menos, suficientemente bom — e suficientemente bom era suficientemente bom. Trabalho refinado era um desperdício naquelas choças dos bairros mais distantes. Quase todas as espeluncas que eles consertavam tinham sido, originalmente, casas de proletários, construídas para empregados de lavanderia ou para negociantes como eles mesmos. A não ser que o lugar fosse estripado e reformado do chão ao teto, o tipo de trabalho metido a certinho em que Shep era especialista só fazia o restante da casa parecer pior. Sabe como é, ele instalava uma porta e uma moldura nova num *closet*, e ela passava a ser a única porta da casa que era paralela ao chão. O efeito era fazer o resto do lugar parecer um trem fantasma, todo fora de esquadro — como se ele escrevesse “Lave-me!” na lateral de um furgão imundo.

Nos tempos da Knack, Jackson havia gozado de um status elevado, por ser ouvido pelo patrão, quase como se fosse um vice-presidente oficioso. E o que aconteceu quando Shep vendeu a firma e o cargo de gerente ocupado por Jackson tornou-se realmente oficial? A deferência de seus colegas de trabalho saiu voando pela janela. Em contraste — era esse o mistério, e Jackson tinha de admitir que ele o incomodava um pouco —, apesar de toda a gozação por causa da “fantasia de fuga”, e apesar de toda a subserviência pública diante do “Sr. Pogatchnik”, e apesar de ele ter se tornado um João-ninguém da noite para o dia, como um príncipe de conto de fadas que se transformasse num sapo, Shep ainda impunha uma consideração que nunca descia abaixo de um nível basal surpreendentemente alto. Caramba, o cara não podia ter se humilhado de maneira mais completa! Mesmo assim, toda vez que aparecia um trabalho complicado para valer — como o dessa manhã, no qual abrir um buraco para criar uma janela de comunicação entre a cozinha e a sala significava perfurar trinta centímetros de concreto —, a quem é que os caras recorriam para pedir orientação? Uma dica útil: não era a Burdina.

Quando enfim chegou a hora do almoço, Jackson se obrigou a ir ao cubículo de Shep. Já se esquivara tantas vezes do almoço para “resolver umas coisas”, que evitar seu melhor amigo estava ficando evidente demais. O problema era que agora ele tinha o compromisso de omitir da conversa tudo por que estava passando com a Carol; tal como no boxe, nenhum de seus assuntos podia mirar abaixo da cintura. Embora ele sempre pudesse recorrer aos Sugados e Sugadores, uma chuva de impropérios não dava a mesma satisfação quando tinha um objetivo puramente diversionário.

— Você tem que fazer alguma ligação, ou dá para comermos alguma coisa?

— Quarenta minutos não são suficientes para se conseguir falar com um ser humano nessa mesa telefônica — disse Shep. — O negócio é que recebi uma conta que eles recusaram por completo. E são quarenta e oito mil paus e uns quebrados. A secretária do consultório do Goldman disse que pode ter havido algum número anotado errado. Basta um algarismo faltando, em qualquer lugar do formulário, para eles se recusarem a pagar tudo.

— Dá para perceber o que é um belo pedaço dos “custos administrativos” deles, não é? — indagou Jackson. — Segundo a Carol, essas companhias contratam montes de gente cujo trabalho é descobrir maneiras de *não* pagar as despesas médicas das pessoas que elas deveriam segurar. A Carol diz que esses sacanas são tão bons nisso que, em média, conseguem se livrar de trinta por cento das contas que recebem.

— É, bom, toda vez que eles “se livram”, ou que algum intermediário troca um número, a conta toda vem direto para mim. Tenho quarenta e cinco dias para recorrer desse troço, e já se passou um mês. Terminados os quarenta e cinco dias, sobra para mim. E isso é só um pequeno senão. Esses lacaios do Wellness questionam tudo. O Goldman contou que eles chegam até a dizer que remédios ele pode receitar. Ele queria que a Glynis usasse o Dermovate junto com uma dosagem de cetirizina para as erupções cutâneas, mas não, o Wellness rejeitou os dois. Mandaram usar *loção de calamina*. O que é uma piada. Sem explicação, como de praxe. Acho que eles não são obrigados a explicar nada. Só que essas pessoas não são médicos. Não entendo como é que diplomados em administração com dois anos de ciclo básico tomam decisões sobre o que receitar para a minha mulher.

— Seguro de saúde é seguro de saúde — trovejou uma voz atrás deles. — Vocês têm uma cobertura e ainda estão *reclamando*? — Era o Sr. Pogatchnik, que achava que bisbilhotar a conversa alheia era privilégio dos cargos superiores. — Aquele contrato me custa uma fortuna, Knacker.

— Sim, eu me dou conta de que é um item pesado do orçamento. No meu tempo...

— Este não é o seu tempo. Será que isso ainda não ficou claro? *Este não é o seu tempo*. Quer repetir comigo?

— Não é o meu tempo.

— Portanto, não imagine que você faz alguma ideia. Quando você dirigia isto aqui, você dava cobertura a uma fração do pessoal que eu tenho hoje. Posso ter substituído aquele plano Cadillac que você tinha na Knack por um Ford Fiesta bem bonzinho. Mesmo assim, em apenas oito anos, sabe quanto dá isso *per capita*? O prêmio para os pequenos empresários *dobrou*.

— Ei, ele custa o que custa, não é? — disse Shep, e Jackson aliviou-se ao detectar, para quebrar a monotonia, um brilho de sublevação na expressão do amigo.

— O que ele custa é dinheiro para cacete — retrucou Pogatchnik, que tinha tão pouca consciência de sua fama pelas tautologias frouxas, falsamente profundas, quanto era capaz de compreender essa própria palavra. — E acabei de fazer a renovação, e *a sua mulher* foi citada como uma das justificativas do aumento do preço. Eu espero, com certeza, que você seja caidinho pela sua senhora, porque ela está me custando uma baba.

— Gosto muito da minha esposa, obrigado.

— De qualquer jeito, todos os novos empregados trabalham por contrato, sem benefícios. Portanto, considere-se um homem de sorte.

— Eu me considero com muita sorte — retrucou Shep, como que insensível. — Mas o pessoal novo: se eles adoecerem ou se um filho adoecer, o que eles fazem?

— Pronto-socorro, ou então, eles que aguentem. A questão é que não é problema meu. Na minha cartilha, é assim que tem de ser. Se quiserem um pacote sofisticado de seguros, eles que o comprem.

— Os planos de saúde privados... — disse Shep. — Você não lhes paga o bastante...

— Eu pago o que eu pago. E são salários bem dignos, aliás, senão, a maioria desses chicanos estaria embalando carne de porco ou colhendo toranja.

— Mas esses problemas de saúde podem ser... uma questão de vida ou morte — propôs Shep, com uma hesitação nauseante. — Não oferecer nenhum benefício me parece... meio forte.

— Eu sou eu, certo? Não estou aqui para distribuir sorvetes. Sou um homem de negócios. Se eu não tiver lucro, vocês estão *todos* na rua. E depois, por acaso eu sou responsável por comprar mantimentos para os meus empregados? Tenho que arranjar apartamento para eles? Por acaso alimentação e abrigo também não são questões de “vida e morte”?

— Tudo bem — admitiu Shep.

— Quando eu der por mim, vou ter que bancar para eles as TVs de tela plana e os pacotes top de linha da televisão a cabo. O que, aliás, seria muito mais barato que a porra dos seguros de saúde, mesmo que de quebra eu acrescentasse um jogo de copa novo e um carnê de cupons da Pizza Hut para o cara comer o quanto quiser.

— É, andei pensando em perguntar: — disse Jackson — eu queria trocar a minha salsicha por linguiça à calabresa.

— Eu contrato pessoas — continuou Pogatchnik, em tom intimidante, sem o menor interesse em brincadeiras que pusessem os seus empregados ingratos e a gerência do mesmo lado. — Não as adoto. Muito menos adoto toda a desgraçada da família delas. Com vocês dois, por enquanto, eu estou empacado. Mas vou logo dizendo: essa merda, essa grande merda comunista de emprego do berço ao túmulo, *acabou-se*. Não faz o menor sentido no mundo que, pelo simples fato de eu contratar um empregado para limpar os ralos entupidos de cabelo de outras pessoas, de repente eu tenha que pagar para tratar as unhas encravadas dele. A insulina do diabetes, porque ele exagera nos donuts recheados de creme. A cirurgia de hérnia, depois que ele traça com entusiasmo exagerado a amante que tem por fora. Os remédios para o TDA do filho dele de dez anos, só porque ninguém mais admite que tem um filho tapado feito uma toupeira. Os cinco meses que o bebê prematuro dele, cego, com lábio leporino e uma perna só, tem que passar na UTI, quando devia ter sido jogado fora com a água suja. Isso para não falar nos bilhões de dólares que custa o câncer terminal da mulher dele, antes que ela bata as botas de qualquer jeito, já que ninguém mais pode morrer neste país sem arrastar junto para o buraco a economia inteira.

A pausa de Pogatchnik foi uma isca para Shep se ofender, mas, desde o “tchau, babaca”, seu empregado autorrebaixado tinha sido um modelo de comedimento.

— A menos que eu deixe de ser refém do seguro de saúde dessa turma toda, sabem? — continuou Pogatchnik —, a Randy Mão na Obra vai pro brejo. Vocês percebem que essa é uma das razões principais de as companhias americanas estarem mudando para o exterior, não percebem? O seguro de saúde. Diabos, eu também mudaria esta joça para a China, se os meus mexicanos pudessem ir e vir de metrô entre o Queens e Pequim. Se vocês me procurassem hoje, podiam arranjar um emprego. E só. Emprego é emprego. Quanto ao câncer, vocês que morressem às suas custas. Por isso, se não gostam do World Wellness Group, o caminho da porta é por ali. Eu substituiria vocês dois por um par de guatemaltecos por uma fração do seu salário, e eles ficariam gratos pelo cheque de pagamento e não me viriam com insolências, não *errariam* o nome da companhia que tem a bondade de empregar esses infelizes e não teriam um *problema de conduta* porque um deles sofre de delírios e pensa que ainda é o patrão.

— Ele acabou de gastar quinze minutos do nosso horário de almoço — resmungou Jackson, depois que os dois fugiram para a Sétima Avenida. — Não dá tempo para enfrentar a fila da Brooklyn Bread. Acho que vamos dar só uma andada. Babaca.

— Ele é quem ele é, certo? — disse Shep, e seguiram para o Prospect Park.

* * *

— Detesto admitir — comentou Jackson na Rua Nove —, mas o Pogatchnik tem certa razão. Não sei o que aqueles sacanas recém-contratados vão fazer quando forem atropelados por um caminhão de entregas. Mas uma porção deles tem família grande. Como é que uma empresa pequena como a Randy Mão na Rola pode cobrir todas essas despesas de saúde? Nem sei direito por que deveria ter que cobri-las.

— Alguém tem que pagar por elas.

Tinham ficado tão ansiosos por fugir de Pogatchnik, que Shep se esquecera de deixar o colete de pele de carneiro no trabalho e, nessa hora, enfiou-o na mochila. O sol escaldante tinha sido um alívio, depois da caverna gelada do escritório, mas só por um ou dois minutos. Shep arregaçou as mangas; mesmo depois de meses de renúncia às sessões de musculação que os dois faziam juntos, ainda tinha braços potentes. Quanto ao aumento sistemático de peso do pobre coitado, desde janeiro, Jackson lutou entre a satisfação condenável e a desolação.

— Mas esse negócio do empregador, isso é apenas um acaso histórico — disse Jackson, com ar de autoridade; que diabo, provavelmente seria capaz de preencher toda essa caminhada com informações factuais. Era isso que os homens de verdade trocavam entre si, afinal. Devidamente instruído, Shep nunca poderia objetar que tinha ouvido um discurso só para encher linguça. — Até mais ou menos a década de 1920, não havia nada parecido com seguro de saúde. Se o sujeito recebia a conta de um médico, ele pagava. Mesmo naquela época, os planos privados eram raros e pouco comuns, e só serviam mesmo para cobrir catástrofes. Essa história de planos patrocinados pelo empregador surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, quando a mão de obra era escassa. As grandes empresas disputavam a meia dúzia de homens que havia sobrado, a que não estava no Exército, mas não tinham liberdade de ação, por causa do controle salarial imposto pelo governo, e por isso não podiam oferecer salários altos. Para contornar as restrições legais, elas acrescentavam a cobertura de saúde como chamariz. Era uma pequena bonificação. Não custava muito, já que, naquela época, todo o mundo batia as botas depressa e jovem. Não se podia gastar tanto dinheiro com a assistência à saúde das pessoas, porque ainda não tinham inventado a quimioterapia nem os transplantes de coração nem a ressonância magnética. O Pogatchnik acha que está sendo engraçado, mas, naquela época, oferecer benefícios de saúde não era mesmo muito diferente de dar uns cupons de pizza para os pobres-diabos.

— Pois é. Bem, agora a pizza vem com cogumelos e anchova e queijo extra.

— O problema não é a pizza, são as companhias de seguros, cara! Elas são perversas para caralho, cara! São parasitas, parasitas do sofrimento alheio!

— Elas não são *perversas*, Jacks, são apenas empresas. Caramba, você parece o meu pai falando.

— Elas produzem alguma coisa? Aprimoram alguma coisa? Fazem alguma coisa por alguém, além dos seus próprios empregados e acionistas? Até o McDonald's faz hambúrguer. Aqueles putos do Wellness ficam só remexendo papéis. Tudo que eles realizam é uma pequena redistribuição da riqueza, quase toda para eles próprios. São puros e simples Sugadores.

— São empresas privadas. Espera-se que gerem lucros.

— A questão toda é essa, panaca! Essa é toda a porra da questão!

Haviam chegado ao parque; talvez Jackson estivesse berrando um pouquinho demais, pois uma

senhora que passava o olho de esguelha, alarmada, e virou rapidamente o carrinho de bebê na direção oposta.

Jackson se esforçou por moderar o tom para um nível que não ameaçasse a segurança das criancinhas:

— Você se lembra do que me disse sobre o jogo? Que se, em média, a maioria das pessoas não perdesse, não haveria indústria da jogatina, para começo de conversa? Para haver dinheiro nela, o quadro geral tem que ser uma marmelada.

— Sim, é claro — disse Shep. — Mas você não continua a...?

— Dá um tempo, cara, eu jurei abandonar os cachorros completamente — apressou-se a dizer Jackson. Já que estava mantendo a matraca fechada a respeito de todas as outras coisas da sua vida, bem que podia fazer uma limpeza geral e mentir sobre as apostas. — Só estou querendo dizer que o seguro de saúde funciona do mesmo jeito, tá? Qualquer seguro. Para essas empresas fecharem as contas no azul, a maioria dos clientes tem que sair perdendo. Em média, você tem que pagar mais do que retira durante a sua vida inteira, senão as firmas não existiriam, para começo de conversa.

— Bem, acho que os casos difíceis são subsidiados pelos caras que vivem de leite de arroz e pagam prêmios altos por quarenta anos, e depois caem mortos na rua. Você sabe, como aquele ali — disse Shep, apontando com a cabeça para um corredor sem camisa que ostentava sua magreza, exibia os peitorais cobertos por pelos grisalhos e carregava um haltere em cada mão. Ninguém ficava rijo e magro daquele jeito, depois dos cinquenta, sem ser um pé no saco, e, com uma olhadela, Jackson teve pena da família do cara. Arfando para ultrapassar uma mulher que corria um pouco adiante, no calor do meio-dia, o velhote não corria, simplesmente: era “um corredor”. Ficou óbvio que a droga do circuito daquele pentelho em volta do Prospect Park era a coisa mais importante da vida dele. Patético para cacete.

— Por outro lado — prosseguiu Shep —, a Flicka, a Glynis, elas têm custado carradas de dinheiro além do que foi pago pelas nossas famílias. Nós é que somos os Sugadores, nesse caso. Demos sorte.

— Lá vem você com mais uma visão de otimismo implausível sobre uma desgraça nacional. É sério mesmo que você se sente *com sorte*?

— A sorte é relativa.

Jackson ficava meio cansado da *sensatez* incessante de Shep, do seu senso de perspectiva certinho de escola dominical.

— O que eu disse continua de pé. O próprio fato de essas companhias terem que obter lucro significa que a maioria das pessoas paga mais do que recebe, ponto final. E o seguro de saúde, *ipso facto*, é uma falcatrua.

— *Ipsa facto!* — repetiu Shep, com um risinho. — Parece anúncio de detergente da década de 1950: “Use Whiz e, *ipso facto*, as manchas desaparecem!” Não sei de onde você tira essas coisas.

— Eu leio muito. Você deveria experimentar.

— É, claro. Depois de trabalhar o dia inteiro, dar uma passada no supermercado, fazer o jantar, dar os remédios da Glynis, e a água, e o creme para a pele... De lhe aplicar uma injeção de Neupogen na bunda, depois de dopá-la com lorazepam para ela não ter um ataque histérico por causa da agulha... De lhe fazer companhia, porque ela não consegue dormir, e lavar a roupa às duas da madrugada e pagar as contas às três... Aí eu posso botar os pés para cima, com um livro educativo grosso e denso, até o despertador tocar, às cinco horas.

— Qual é a diferença? Só a Flicka, meu chapa, é trabalho para horário integral, e eu encaixo um bocado de livros no meu tempo.

— Você tem a Carol.

O tema das reflexões recentes era justamente que, na verdade, Jackson não “tinha” a Carol, agora menos que nunca.

— É, bom, isto não é uma disputa.

— Uma disputa sobre qual de nós sente mais pena de si mesmo? Ora, isso seria um horror.

— Eu nunca disse que sinto pena de mim — declarou Jackson.

— Bem, eu sinto.

— Por que você sentiria pena de mim? — rebateu ele, ríspido.

Shep deu uma olhadela no amigo:

— Eu quis dizer que sinto pena de mim mesmo, seu bocó. Sentir pena de você também já seria uma tarefa impossível.

— Então, pode dispensar.

Os dois seguiram caminhando num silêncio rígido.

Jackson havia notado que, toda vez que comprava um novo par de sapatos, passava um período em que não conseguia parar de olhar para os sapatos dos outros — perguntando-se por que eles teriam escolhido aquele par específico, avaliando se eram bonitos ou medonhos. Agora, o mesmo fenômeno se dava com o pau dos outros homens. A cada um que passava, fosse alguém correndo ou passeando com o cachorro, ele se via checando compulsivamente o bolo embaixo da braguilha, olhando com azedume para os bem-dotados. Os ciclistas, com suas malhas justas de Lycra, atraíam seu olhar para a virilha, onde com certeza guardavam um equipamento liso, reto e funcional que tinham a estupidez de subestimar. Agora, um parque inteiro, cheio de ginastas, provavelmente achava que ele era bicha.

— Ontem a Glynis tomou outra transfusão de sangue — disse Shep, passado um tempinho, numa tentativa de conversa sociável. — Os linfócitos estavam com o nível lá embaixo. Tiveram de cancelar a quimioterapia. Ela não tem força suficiente.

— Pelo menos, isso dá uma folga a ela — resmungou Jackson.

— É, mas também dá uma folga ao câncer. O Goldman concluiu que ela não consegue mais tolerar o Alimta e a cisplatina e, quando voltar para a química, eles vão mudar o coquetel. O que acha dessa palavra, hein? *Coquetel*.

Jackson tinha de reconhecer: Shep estava realmente tentando — ou tentando fingir que estava tudo bem entre eles, ou fazer com que ficasse bem.

De má vontade, fez um esforço para retribuir:

— É, eu fico imaginando uma taça de martíni deslumbrante da Tiffany, suando de gelada e com uma azeitona recheada num palito, só que o que cintila lá dentro não é gim Bombay com uma borrifada de vermute, e sim estricnina.

No entanto, mal Jackson se cumprimentou por ser tão *solidário*, ficou difícil prestar atenção, porque ele se viu torturado por uma lembrança de uns dez anos antes. Na ocasião, estava substituindo os espelhos bambos dos degraus da escada de um palerma e, embora fosse trabalho para um homem só, a coisa se estendeu por três ou quatro dias; por acaso, o patamar ficava bem em frente ao estúdio do infeliz. Jackson sempre se orgulhara de ser uma presença animada na casa dos outros, não só o tipo médio caladão contratado para fazer trabalhos braçais. Desde que o cliente parecesse obviamente satisfeito por prestar atenção, ele mantinha um papo constante — às vezes, sobre a obra em si, porém, com mais frequência, sobre as questões básicas da época. Era meio como assobiar durante o trabalho, só que menos chato. Dado o seu *status* de autodidata de conhecimentos abrangentes — por exemplo, ele aprendera sozinho o significado de *autodidata* —, a sua falação edificante dava àqueles proprietários de imóveis a chance de aprenderem alguma coisa. A trilha sonora proporcionava estímulo grátis, informações grátis, e eles deveriam ficar agradecidos por Jackson não cobrar um extra por isso.

Mas, no terceiro dia do trabalho na escada, quando ele ia saindo, Shep o puxou de lado e disse: “Aquele cara lá de Clinton, ele quer que você, bem... Quer que você cale a boca.” Aparentemente, o cara dos degraus era algum tipo de escritor de ficção — e Jackson já tinha avaliado o idiota, que era sem dúvida um amador cheio de pose — e não conseguia “se concentrar”, com todo o comentário que vinha da escada. O cliente era um completo papo-furado, já que tinha devorado tudo o que Jackson dissera e,

com certeza, já estava planejando usar aquele “personagem” de imponência inusitada, inteligência incomum e agilidade verbal, saído do mundo dos consertos domésticos, num de seus contos maçantes, que, sem isso, seriam impubescíveis.

É, Jackson tinha despachado o resto do trabalho de boca fechada — ou mantendo-a fechada quando se lembrava —, mas teria apreciado um pouco mais de solidariedade de Shep. Ao contrário, quando ele objetara que Shep sabia como eram esses tipos pomposos metidos a *escritor* — apavorados com a tela em branco e desesperados por qualquer distração, qualquer desculpa para fugir dos confins empobrecidos da sua imaginação minúscula, e “estou lhe dizendo que aquele cliente ficou extasiado, praticamente tomando notas” —, Shep não havia concordado, dizendo *É, aposto que ele estava mesmo*, mas o interrompera: “Olhe, feche a boca, está bem? Só por esta vez. Nós temos trabalho para fazer, eles têm trabalho para fazer. Você não é apresentador de programa de entrevistas, é faz-tudo.” Aquilo tinha sido um tremendo pontapé, já que Shep sabia muito bem que Jackson detestava a palavra *faz-tudo*, a qual havia batalhado para substituir, nos cartões de visita deles, por alguma coisa mais digna, menos baixo nível — sabe como é, algo como *consultor de construções domésticas*. Mas não, os cartões precisavam dizer *faz-tudo*, porque essa era a palavra que a clientela “entendia”. Pior, Shep tinha praticamente deixado implícito que os comentários contínuos de Jackson davam nos nervos de todo mundo e que aquele tinha sido meramente o primeiro sujeito a apresentar uma reclamação formal. Bem, Jackson tinha sido supersolidário durante toda a venda da Knack e o descarte de Pemba, e agora com a Glynis, e, francamente, esse apoio nem sempre tinha funcionado no sentido inverso.

— Essas malditas transfusões de sangue levam umas *cinco horas* — explicava Shep. — E a Glynis continua querendo desmaiar quando eles introduzem a cânula. Agora, essa vizinha nossa, a Nancy, tem sido incrível. Vai com a Glynis toda vez que eu não posso ir. Fica segurando a mão dela e a distrai com receitas e outras merdas, e por isso, ontem a Glynis chegou em casa sabendo recitar todos os ingredientes de uma pastinha complicada de queijo cottage com abacaxi que parece um nojo. A ideia é impedir que ela olhe para a agulha. E não é tarefa simples. Ultimamente, eles têm tido dificuldade para encontrar uma veia e têm que espetá-la várias vezes. A Nancy é de uma chatice incrível, mas é delicada. Estou começando a não me incomodar com a chatice. Só o que me interessa é a delicadeza.

Jackson não soube ao certo se esse elogio a uma fulana que ele nunca tinha visto pretendia ser uma censura velada. Fiel no começo, fazia semanas que ele não visitava Glynis. Distrair clientes era uma coisa; manter a ladainha compacta com uma amiga que estava passando por um inferno tornara-se artificial, era forçoso admitir. Mas, fora isso, ele não sabia o que conversar com ela, e tinha seus próprios problemas.

— Enquanto isso, transferiram o meu pai do Vale do Androscoggin para uma clínica geriátrica particular lá perto — continuou Shep. — A ideia é que seja apenas temporário, enquanto ele se recupera. Mas papai não acredita nisso. Acha que foi jogado lá pelo resto da vida, feito um saco de roupa velha jogado num depósito da Goodwill. Por isso, ele enche a paciência da Beryl. A solução da minha irmã é não visitá-lo.

— Legal — disse Jackson, sentindo-se culpado ao reconhecer que havia chegado à mesma solução para o problema da Glynis.

— Isso significa que tenho de ficar fazendo viagens a New Hampshire. O que é complicado, já que não posso deixar a Glynis sozinha por muito tempo. Não posso tirar mais férias nem dias de folga do que o absolutamente necessário. Mas não quero que ele se sinta abandonado. Ah, e o pessoal da Medicare o cortou da lista, uma vez que agora eles já cobriram o “atendimento em crise”. De modo que essa tal de Twilight Glens fica toda por minha conta. Oito mil por mês, com um depósito adiantado de três meses. E toda aspirina é por fora.

Normalmente, Jackson se solidarizaria com o amigo, se bem que, depois de vender a Knack, Shep tinha mais dinheiro no banco do que ele jamais veria num mesmo lugar. Mas nenhuma de suas operações

supostamente *restauradoras* tinha sido coberta pelo World Wellness nem pela seguradora da IBM, já que, tecnicamente, tratava-se de cirurgias plásticas eletivas. Por isso, ele fora forçado a pagar todas as suas despesas médicas com cartões de crédito, a vinte e dois por cento de juros anuais; também ainda estava pagando a cirurgia original, e essas eram só as dívidas de que a Carol tinha conhecimento. Mal conseguindo pagar o valor mínimo das faturas, ele não sentiu a branda compreensão de praxe pela benevolência excêntrica de Shep.

— Como sempre — prosseguiu a cantilena de Shep —, tenho que pagar a escola do Zach e continuar a completar o aluguel da Amelia...

— *Por que* você tem que ser tão frouxo? — explodiu Jackson. — Quanto ao seu pai, simplesmente *não vá* a Berlin, certo? Você não pode. A sua mulher está com câncer. Ponto final. E, quando chegar a próxima conta dessa clínica geriátrica, *é só não pagar*. Porra, você pode fazer isso! O que acha que vai acontecer: eles vão jogá-lo na rua? É ruim, mas não é tão ruim assim. Você me disse que ele tem aquela casa, o que o deixa fora do Medicaid. Bem, ótimo, quando você não pagar a conta, aquele cu de mundo particular só vai transferi-lo para um cu de mundo público, certo? Aposto que não faz muita diferença, quando o sujeito está puto, de qualquer jeito, e deitado de costas. Aí o Medicaid vai entrar em cena e pode ser que confisque a casa. Pois que fique com ela! Eles que deem um pé no rabo daquela babaca egoísta da sua irmã. É só você saltar fora, cara! E, enquanto estiver com a mão na massa, tire o Zach daquele clube esportivo de preço exorbitante e se conforme com o fato de que ele é uma porra de um aluno vadio mediano, que pode muito bem ser mediano e vadiar numa escola pública, pela qual você já paga. Diga à Amelia que ela já é adulta e que, se não tem um salário que cubra o aluguel e a bosta do próprio seguro de saúde, trate de arranjar outro emprego que faça isso, quer ele preencha ou não as ternas ânsias criativas dela! Por que você é o único que tem de ser responsável? Por que não pode deixar as pessoas por conta dos recursos delas, como você sempre ficou com os seus? Por que não pode começar a tratar os outros do jeito que eles tratam *você*, há anos?

— Eu sou quem eu sou.

O dito de Shep foi tão robótico, que era impossível saber se ele estava brincando.

Os dois deram meia-volta e seguiram marchando em silêncio. Jackson não sabia se devia se desculpar, mas não se inclinou a fazê-lo. Percebeu que estava sendo irracional, mas a coisa continuou a se infiltrar de novo, assim mesmo: a convicção de que a ideia “caprichosa” que tinha pulverizado a sua vida sexual e ainda lhe dificultava urinar era, em certa medida, culpa de Shep Knacker. Ei, a explicação que ele dera à Carol tinha sido muito sincera. Ele quase esbarrara nela ao flagrá-la, e a exibição tinha sido simultaneamente excitante e perturbadora. Mas havia um pouco mais que isso, se bem que ele jamais viesse a deixar Carol saber, porque, para tornar o insulto ainda mais afrontoso, a explicação adicional era um lugar-comum. Se ela soubesse, sentiria desprezo por ele — quer dizer, ainda mais desprezo, se é que isso era possível. Todo aquele pesadelo nunca teria acontecido, para começo de conversa, não fosse pelo Shep.

Além disso, apesar da afirmação anterior do cara de que a escala das angústias dos dois “não era uma disputa”, Jackson se perguntava se, deixando de lado toda a brincadeira, não haveria, afinal, um elemento sutil de competição no catálogo de sofrimentos do Shep. Ele sempre quisera assumir o papel do herói, do sujeito estoico que aguentava firme sob toda sorte de imposições, do Atlas em cujos ombros se apoiava o destino das nações. Jackson ficava cansado da virtude inviável do amigo — da empatia, do não medir esforços para enxergar o outro lado, daquela história do otário que aceita tudo —, e podia ser que tivesse soltado o verbo, pouco antes, para mostrar a esse trouxa como é que se devia agir. Viu? Você não dá um suspiro e torna a pegar o talão de cheques; você fica com raiva.

E depois, a Flicka era um osso mais duro de roer do que Shep poderia supor, e agora, ainda cabia a Jackson baixar a cabeça e se curvar diante da situação terrível dele com a doença terrível da Glynis. Ora, o Shep não era o único a lidar com o fato de que uma pessoa que ele amava provavelmente iria morrer.

Na verdade, havia momentos em que Jackson tinha vontade de agarrar o sujeito e sacudi-lo. Será que *agora* você entende o que tem sido para mim, desde que a Flicka foi diagnosticada no berço, justamente, imagine, por que não conseguia chorar? Sem nunca saber quando aquela pessoa com quem você conta para fazer com que a vida pareça valer a pena vai fazer uma saída súbita, rude e sem aviso prévio, e aí você vai descobrir que tinha razão, puxa, que agora realmente não vale a pena viver? Então o Shep não sabia que, apesar de agora a Flicka acertar o despertador para pôr suas latas de complemento alimentar no frasco da sonda enteral, o pai dela continuava a se levantar no seu antigo turno das quatro da manhã, quase toda noite, fingindo pegar um copo d'água, mas, na verdade, só para passar pelo quarto da menina e se certificar de que ela ainda estava viva? Porque era assim que a maioria dessas crianças desaparecia: simplesmente ia dormir e nunca mais acordava. Ora bolas, segundo aquela última tomografia, a Glynis parecia ter uma chance mínima. Mas jamais chegaria para a Flicka um resultado de exame que de repente descortinasse um futuro, com uma carreira e uma família que ela criasse. Ocupado em bancar o amigo incentivador nessa tarde, Jackson ainda estava para mencionar que Flicka voltara a ser internada no Metodista de Nova York na véspera. As infecções respiratórias vinham se repetindo com frequência crescente e estavam piorando. Os antibióticos iam ficando menos eficazes e havia um monte de porcarias microscópicas predatórias que vicejavam ali e eram completamente imunes às drogas. As simples reuniões de família, como a que ele tivera na primavera, quando havia aplicado às meninas aquela prova do nono ano de 1895, bem, desde então Jackson não se lembrava de ter participado daquele mesmo tipo de brincadeira barulhenta depois do jantar. A Carol tivera de estragar tudo, mas eles estavam se divertindo.

Houve até algo de exibido, do tipo oferecer a outra face, no jeito de Shep trazer gentilmente à baila uma pergunta, quando eles se aproximavam da Randy Mão na Roda, depois de ter sido espinafrado como idiota e otário:

— Será que você já conseguiu encontrar alguma folga na sua agenda?

— Ah, é, claro. Aquela comemoração da tomografia da Glynis. Com certeza. Vou dar uma olhada na agenda assim que voltarmos.

Depois de se esquivar repetidas vezes do convite, Jackson não sabia dizer se ficara com inveja da boa notícia sobre a tomografia animadora ou se simplesmente não confiava nela.

CAPÍTULO TREZE

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de agosto de 2005 – 31 de agosto de 2005

Valor Líquido em Carteira: US\$274.530,68

Shep se alvoroçara o dia inteiro com a lista de coisas por fazer. Guardar as compras do mercado. Comprar carvão. Cortar as verduras cruas, que acabavam nunca sendo comidas por ninguém. Preparar a pastinha — à qual, apesar de sua repugnância, tinha acabado acrescentando o abacaxi em conserva da Nancy, por não conseguir pensar em outra coisa. Embrulhar as batatas em papel-alumínio. Pôr a mesa — com um sentimento de desolação, por não ser plausível que o cardápio incluísse a espátula para peixe da Glynis.

Mas os convidados estavam atrasados. Todos os itens da lista tinham sido ticados. Não havia nada para Shep fazer. Reconhecendo um certo mérito no ceticismo de sua mulher sobre sua Outra Vida, idilicamente ociosa, a falta do que fazer era a única coisa que ele não conseguia suportar, nos últimos tempos. De um modo comicamente microcômico, esse hiato de inatividade pós-preparação do jantar pressagiava um abismo mais assustador. Desde a tarde da véspera, Shep havia retomado residência num mundo totalmente plano. Batalharia por todo o mapa, apenas para despencar vertiginosamente de sua borda íngreme. Assim, no panorama geral, o padrão dessa noite, que ia do alvoroço à queda livre, viria a se repetir. Ele atenderia febrilmente a todas as necessidades — mandar aviar todas as receitas, providenciar transporte e companhia para todas as consultas, buscar líquidos, afogar travesseiros e elevar pés. E então, de repente, não haveria nada — não haveria nada — não haveria nada para fazer.

Tornou a checar se Glynis estava comodamente instalada na varanda coberta dos fundos. Bem-acomodada demais: arriara o corpo e dormia. Vestir-se para o jantar a deixara exausta. Ele não devia forçá-la a participar de compromissos sociais. O momento era péssimo. Mas tinham sido precisos dois meses e meio para conseguir que seus melhores amigos viessem a esse jantar. Shep não tivera disposição para cancelar o convite e passar de novo por toda aquela patacoada de procurar datas na agenda com Jackson. Remexeu as brasas na churrasqueira. Havia acendido o fogo muito cedo, e agora ele estaria quente demais para os filés. Que tinham custado trinta e seis dólares o quilo. Não fazia mal. Só que, se não fazia mal deixá-los passados demais, ele não precisava ter bancado o preço do contrafilé. Estava começando a não perceber muito bem por que iam receber aqueles dois para jantar. A não perceber muito bem por que alguém convidava alguma pessoa para jantar. Por que alguém falava com alguém. Ou talvez não soubesse direito, acima de tudo, por que ele próprio havia de falar com Jackson.

Por fim, pegou a mangueira e circulou pelo quintal, enchendo suas fontes amalucadas: a fonte cinética e festiva, cheia de cata-ventos, remos e uma transbordante lancheira de plástico do Snoopy, que não fora do especial agrado de Zach como presente de aniversário, nem mesmo quando o garoto tinha nove anos; a estrutura mais industrial, com um faz-tudo por tema, que jorrava água em pás, colheres de pedreiro e

sobras de canos de escoamento. A pura gratuidade das fontes costumava animá-lo, mas, ultimamente, aquelas engenhocas lhe pareciam tolas e ele dera para depreciar todo o conjunto, com ácido sarcasmo, como “adornos aquáticos”. Numa vida regida pela sombria necessidade, a própria gratuidade era mais uma coisa de que ele podia prescindir.

Quase uma hora depois do horário marcado, Jackson saltou do carro e foi entrando às pressas, com os braços carregados de bebidas — não apenas vinho e cerveja, mas todos os ingredientes para fazer *margaritas*, como se o projeto da noite fosse deixar todo mundo de porre. Talvez Shep devesse ter telefonado, para avisar que a natureza desse encontro tinha se modificado.

— Sabem o que me mata em todos esses cruzamentos principais do Brooklyn? — começou Jackson de imediato, se é que havia parado em algum momento. — Botam guardas de trânsito lá no meio, e tudo que eles fazem, *tudo que eles fazem*, é acenar para os carros passarem, em perfeita sincronia com os sinais de trânsito. Como se fossem simples sinais de trânsito humanos. Será que nós precisamos mesmo de um merda metido a besta apontando para a esquerda, na hora que o sinal de virar à esquerda fica verde? Precisamos *pagar* para aquele babaca ficar lá parado, feito um espantalho urbano, quando os sinais estão funcionando, só para variar, e são mais fáceis de ver? Você sabem que a única hora que a gente *não vê* nenhum *servidor público* dedicado lá fora é quando o sinal enguiça. As luzes ficam pretas e vira tudo um pandemônio! Não se vê um único guarda.

Seria uma noite longa.

— Ah, e adivinhem qual é a última da internet — continuou, cortando fatias de lima.

Não adiantava interromper. Jackson era como as fontes cheias do quintal, que borbulhariam noite adentro e reciclariam os mesmos poucos galões de água suja, ou de asneiras.

— Você sabem que, lá no centro — prosseguiu Jackson —, perto da prefeitura, é completamente impossível achar um lugar para estacionar, não é? Acontece que existe um motivo, e não se trata apenas de isto aqui ser Nova York e as pessoas terem que dividir. São os Sugadores do governo. A prefeitura emitiu *cento e quarenta e duas mil* licenças que dizem que as normas não se aplicam a elas. Esses sacanas parasitas põem aquele cartãozinho em cima do painel e pronto, podem estacionar a bunda nas zonas exclusivas para veículos autorizados e até nos lugares onde a placa diz claramente Proibido Estacionar. Na Baixa Manhattan, eles têm mais de onze mil vagas gratuitas para escolher. Sabem quantas vagas o pobre coitado do público em geral tem para escolher naquela área? Seiscentas e sessenta e cinco. Isso não é democracia, meu chapa. É tirania. Nós pagamos a pavimentação, a colocação do meio-fio, o conserto dos buracos e até as próprias placas que nos mandam cair fora, e eles estacionam onde bem entendem, sem gastar nada, e podem ficar quanto tempo quiserem.

Shep sabia muito bem que nunca era conveniente tentar estacionar na Baixa Manhattan e não se incomodava com isso. Trocou um olhar com Carol, que pareceu sem graça:

— Essa é só a maneira canhestra de Jackson se desculpar por estarmos atrasados. Ele insistiu em parar na Astor Liquors, na Lafayette, onde a tequila seria mais barata, e passamos quarenta e cinco minutos procurando uma vaga para estacionar. Mas, como isso não fica propriamente na “Baixa Manhattan”, acho que não podemos culpar a prefeitura pela nossa indelicadeza.

Naturalmente, Carol perguntou se podia ajudar em alguma coisa, enquanto Jackson tratou de espirrar suco de lima em todas as bancadas que Shep havia acabado de limpar. E, naturalmente, ela quis dizer um alô para Glynis. Shep se adiantou, correndo à varanda dos fundos para acordar a mulher, embora o fato de seus convidados a encontrarem em estado de colapso catatônico fosse uma apresentação mais edificante à vida em Elmsford, nos últimos tempos, do que qualquer “que prazer em vê-los”, seguido de um abraço apertado. Infelizmente, não chegou a tempo de rearrumar o turbante, que tinha caído no chão. Glynis sempre fora orgulhosa de sua aparência, se bem que Shep evitasse a palavra *vaidosa*, e ainda tinha orgulho.

Carol andara atolada até o pescoço cuidando da Flicka, cuja pneumonia de agosto tinha se revelado

tenaz, e por isso Shep não a censurava por ter passado umas seis semanas ou mais sem visitar Westchester. Ela disfarçou bem, mas foi fácil perceber o choque em seu rosto. Ao que Carol soubesse, eles ainda estavam “comemorando” a notícia maravilhosa da tomografia de Glynis do começo de julho, que dizia que o câncer estava regredindo. Portanto, tinha todos os motivos para esperar que sua amiga parecesse, se não robusta, ao menos tridimensional e com uma coloração humana.

Mas as múltiplas desculpas esfarrapadas e adiamentos de Jackson haviam empurrado o encontro para meados de setembro. O clima se tornara outonal para além do sentido da estação do ano. O próprio Shep não costumava notar, mas, ao ver Glynis pelos olhos de Carol, reconheceu que a exuberante folhagem estival de sua mulher tinha amarelecido. O toque moreno da pele se acinzentara, tal como o bronzeado de férias passadas na praia desbota num malhado interiorano que parece apenas sujo; o leve matiz alaranjado da tez fazia lembrar um chá rançoso. Com a nova quimioterapia à base de Adriamycin (ou, na linguagem de Glynis, “Adrenalina do Mike Tyson”, o que conferia ao medicamento um toque pugilístico), ela havia finalmente perdido quase todo o cabelo; na época em que conservara boa parte dele, com o Alimta, isso tinha trazido a esperança de que ela fosse um daqueles afortunados pacientes em quimioterapia cujas madeixas são poupadas. Havia algo de horrivelmente nu quando o couro cabeludo ficava à mostra, e que se fazia notar especialmente pela cor escura dos poucos fios que restavam. Mais que um decote pronunciado numa blusa, aqueles pedaços carecas eram de uma intimidade desconcertante, como uma coisa que os outros realmente não deveriam ver. Glynis tornara a emagrecer, é claro, mas uma ova se também não parecia mais baixa.

Pelo menos, a exclamação forçada de Carol — “Glynis, que vestido lindo!” — foi melhor do que *Glynis, sua aparência está uma merda!*

Grogue, Glynis pareceu confusa, como se não soubesse por que havia outras pessoas em casa. A travessa de salgadinhos de milho na mesa pareceu dar-lhe uma dica.

— Ah, obrigada, Carol. Espero que você não se incomode por eu não me levantar. Você também está linda. Você trabalha à beça, mas ninguém diria. Está sempre viçosa e... cheia de vida.

Talvez não fosse político Shep notá-lo, mas Carol estava realmente encantadora. Talvez encabulada, com medo de ofuscar a anfitriã — Carol era assim, teria pensado no assunto —, ela claramente pusera uma roupa modesta para o jantar. Mas a tática de apenas jogar qualquer coisa velha por cima saíra pela culatra. Ninguém podia culpar a pobre mulher por ficar tão mais bonita quanto mais simples era o seu traje. O tubinho turquesa só fazia enfatizar sua figura esbelta e apertava um pouquinho nos seios, de um jeito que chamava a atenção para eles. Isso com certeza fora um acidente, é claro. O vestidinho leve de verão podia ser uma peça do fundo do armário — tinha aquelas marcas de dobras anatomicamente incorretas que são típicas da roupa que passou meses, se não anos, pendurada num cabide — e não servir muito bem, mas a consequência era que os mamilos saltavam visivelmente por trás do tecido e era difícil não fixar os olhos neles. Glynis já não tinha seios, na verdade. O contraste implícito poderia deixar meio amargurada qualquer mulher que um dia tivesse sido igualmente bonita. Se era assim, sua mulher conseguiu dominar essa amargura com algum sucesso. Na verdade, ninguém senão Shep saberia avaliar o esforço que Glynis estava fazendo, embora a voz dela fosse frágil.

Jackson entrou com estardalhaço, carregando uma bandeja em que o jarro com as *margaritas* quase transbordava e os copos tinham uma crosta de sal grossa demais. Havia nele um lado descuidado, que provocara desavenças entre os dois amigos algumas vezes, na época em que Jackson ainda executava trabalhos externos de faz-tudo como empregado de Shep, e provavelmente era melhor para todos, inclusive os clientes, que ele houvesse ascendido a um cargo de gerência. Tudo que Jackson fazia tendia para o exagero.

— O Shep me contou que receitaram um novo *coquetel* para você — disse ele, servindo uma dose generosa para Glynis. — Pensei em cumprir a instrução.

Glynis não pareceu captar a alusão. (Shep tinha se decepcionado ao descobrir que, no nível

darwiniano, a natureza considera dispensável o senso de humor.) Enquanto Jackson servia o resto da rodada, ela fitou seu copo como quem olhasse uma fotografia de tempos melhores. Glynis não devia beber muito durante o tratamento com a Adrenalina de Mike Tyson, o que Jackson poderia ter sabido, se houvesse perguntado. O copo servia, sim, como um alegre acessório, embora o fato de ser exatamente isso ajudasse a frisar o caráter teatral de todo aquele evento. Eles seguiriam a direção cênica de *Mais um Jantar Ruidoso com Jackson e Carol*, porque ninguém escrevera outro roteiro do que seria isso.

— Vocês têm acompanhado essa trapalhada do Katrina? — introduziu Jackson.

Ao menos dessa vez, Shep ficou contente pelos acontecimentos da atualidade, um tópico formal que os levaria até o fim dos salgadinhos de milho.

— É, temos ficado com a CNN ligada quase o dia inteiro — disse Glynis.

Ela poderia ter acrescentado que vinha se deleitando com o Katrina. Glynis sempre tivera uma faceta obscura, maldosa, mas agora já não se tratava de uma mera *faceta*. Adorava assistir à destruição — aquelas casas amplas e generosas, do tipo que ela e o marido nunca haviam comprado, cobertas até o segundo andar por uma água malcheirosa e cheia de óleo. As matriarcas negras ilhadas, acenando em vão nos telhados por um socorro que não chegaria nunca, agora cientes de que estavam sozinhas no mundo e ninguém se importava. *Bem*, ele intuía a resposta fria de Glynis, *bem-vindas ao clube*. O sofrimento dos outros não a inquietava. Glynis não fazia nada além de sofrer e, se outras pessoas também sofressem, era simples justiça. Parecia satisfeita com a perspectiva de uma cidade inteira que não sobreviveria a ela. Se dependesse da sua vontade, talvez também agarrasse outras cidades, com especial destaque para Nova York, e as arrastasse consigo para as entranhas da terra, como no final de *Carrie, a estranha*. Num só golpe de autolibertação, ela abria mão da empatia em relação a outras pessoas, espelhando a própria apatia que percebia cada vez mais, no que dizia respeito a seu destino pessoal, naqueles que pretensamente desejavam o seu bem. Ela percebia, sabe como é, por mais que alguns amigos ainda frequentassem zelosamente sua cabeceira, que eles ficavam aliviados ao partir.

— Tem sido terrível ver toda aquela gente de Nova Orleans perder tudo — observou Carol, com uma solidariedade louvável, mas maçante. — Apertou um pouquinho o orçamento, mas foi absolutamente imperativo eu mandar um cheque para a Cruz Vermelha.

— Você está de brincadeira — disse Jackson, em tom ríspido.

— Pense nisso como uma coisa que saiu da minha renda, se precisar. Eu não conseguiria viver comigo mesma, se não fizesse alguma coisa.

— Mas nós já *pagamos* para “fazerem alguma coisa”! — exclamou seu marido.

— Como é que você tira essa conclusão? Essa é a ideia toda de termos um país, não é? Para nos unirmos, para darmos a mão uns aos outros nas horas difíceis.

— A ideia toda de haver um *governo* é ele dar a mão às pessoas nas horas difíceis! — contrapôs Jackson, que já tinha abatido a primeira *margarita*. — É para isso que os impostos *devem* servir. Calçadas. E furacões!

— E seguros de saúde — disse Shep. — Para quem diz não ser a favor do gigantismo do governo, você com certeza espera que eles cuidem de um monte de merdas.

— Não, não espero. Por exemplo, não espero jogar *três bilhões de dólares por semana* num areal do Oriente Médio, nem carregar nas costas metade dos vagabundos sacanas do meu país. Mas, sim, se vão meter a mão no meu bolso por meio do roubo legalizado, quero um mínimo de serviço em troca. Não quero a minha mulher fazendo um trabalho que ela detesta para que a minha filha possa ir a um hospital. E espero que, se uma cidade inteira se afogar por causa de *mais* administração pública incompetente das suas barragens, alguém em Washington dê aos pobres-diabos uma garrafa d'água, um punhado de biscoitos e uma carona para algum lugar seco! Esse é só mais um exemplo do *punhadinho* de tarefas para o qual esse monstro de governo poderia servir, e está aí, eles não se dão nem mesmo o trabalho de entregar uma toalha àqueles caras.

Shep talvez se animasse com a compaixão de Jackson por seus pobres compatriotas da Louisiana, não fosse pelo tantinho de alegria que energizava palpavelmente a sua preleção. Esse prazer mal escondido o fez lembrar de Glynis. Seu amigo ficava extremamente grato por qualquer acontecimento, por mais terrível que fosse, capaz de prestar serviços ao seu adorado constructo: o daqueles Sugadores ardilosos e vorazes chupando o sangue dos Sugados trouxas, com cérebro de minhoca. Toda vez que a desgraça alheia corroborava a visão pessoal que o indivíduo tinha do mundo, talvez fosse corriqueiro ele sentir mais satisfação que tristeza. No entanto, ainda que a fraqueza de Jackson fosse comum, continuava a ser uma fraqueza: a exultação por ter sempre tido razão, a despeito de quantas outras pessoas tivessem que ver sua felicidade sacrificada para comprovar isso.

— Isso é porque eles são negros — disse Carol. — Eles são democratas, se é que chegam a votar.

— É, eu sei que você pensa assim, e todo mundo pensa assim — retrucou Jackson. Molhou um pedaço de aipo na pasta duvidosa, deu uma dentada e largou o resto do aipo na mesa. — Mas eu acho que a coisa é mais simples, e mais sinistra. Você tem um governo que, na verdade, não passa de uma empresa gigantesca, cuja finalidade propulsora é sua própria perpetuação e sua ampliação infinita. Por isso, nunca lhe ocorre ajudar as pessoas. Isso de ajudar pessoas não é da conta deles. O negócio deles é ajudar a si próprios e aos seus amiguinhos fornecedores, ponto final. Aliás, escreva o que estou dizendo, a limpeza vai acabar enchendo mais os bolsos dos fornecedores apadrinhados e, quando terminar, esses caras estarão ricos e o lugar vai continuar parecendo um charco. Milhões, se não bilhões de dólares depois, aqueles pobres infelizes vão continuar vivendo com *freezers* que entraram em curto-circuito e fedem a camarão estragado. Thomas Jefferson deve estar se revirando na sepultura, cara. Este país é uma paródia do que era para ser. Uma caricatura.

— Há algum lugar que você ache que é melhor? — perguntou Shep.

— Não — respondeu Jackson, de pronto. — É claro que não. São todos iguais. Isso é da natureza humana, cara. Você dá a alguém o poder de tirar dinheiro de outras pessoas, o quanto ele quiser, e acha que, com o tempo, ele vai começar a tirar *menos*? Ou trabalhar *mais* para consegui-lo, quando pode se safar sem fazer praticamente nada? Todos os governos são iguais, cara. Devoram seus próprios países até não sobrar nada. São canibais.

Carol revirou os olhos:

— Certo. Então, não deveríamos ter governo. E não teríamos exército para nos proteger, ninguém para defender as nossas fronteiras.

Seria de se supor que, sendo casada com o sujeito, Carol não se deixasse cair nessa.

— Um milhão de mexicanos e centro-americanos atravessam o Rio Grande todo ano e você acha que as nossas fronteiras estão *protegidas*? — gritou Jackson. — E esse nosso exército, essa história toda de superpotência, nos transforma em *alvos*. Dois caras vão andando pela rua em Riad, um dos Estados Unidos e um da Lituânia. Quem é que vai ser sequestrado? O americano! Que hotel das Filipinas vai ser destruído por um homem-bomba suicida: o que hospeda cidadãos locais, o que serve aos chineses ou o que é famoso por atrair americanos? Você acha que esses caras de turbante estão doidos para explodir os finlandeses, os argentinos ou os nativos da Nova Guiné? Os japoneses não têm exército desde a Segunda Guerra Mundial, e vão muito bem, obrigado.

Shep já ia assinalando “É porque eles tiveram os Estados Unidos para lhes dar respaldo”, ou objetando ter visto em algum lugar que os japoneses tinham invertido toda essa política, e agora mantinham o quinto maior Exército do mundo. Mas se deteve. Não queria alimentar essa conversa, que não parecia levar a nenhum lugar a que ele quisesse ir. Beijando a mulher na testa, como uma oportunidade para ajeitar seu turbante colocado às pressas — Glynis lançou-lhe uma olhadela de agradecimento —, ele saiu de fininho para virar as batatas e pôr os filés na grelha.

A solidão do quintal foi um alívio, com o gotejar das fontes conferindo à paisagem simples de capim-das-hortas a tranquilidade de um jardim de pedras. Não fazia muito sentido chamar convidados só para

aproveitar um pretexto para fugir deles. Mas é que as vociferações de Jackson contra os céus tinham mudado. As palavras eram as mesmas, porém o espírito já não era jubiloso nem de uma rebeldia brincalhona: era pura raiva. Nada daquela galhofa alterava minimamente o funcionamento do mundo, de modo que, se não servia como autêntica diversão, não fazia muito sentido.

Quando Shep foi voltando devagar para a varanda, com a intenção de espichar a cabeça pela porta e perguntar como cada um queria o seu filé, Jackson havia tirado uns impressos do bolso, o que era sempre um mau presságio:

— Cem anos atrás, nós éramos o país mais próspero da Terra, não é? Tínhamos a maior classe média da Terra, não é? *E não tínhamos dívida pública. Também não tínhamos nenhum dos seguintes impostos...*

Alisou o maço de folhas, que estava amassado e marcado, como se ele já tivesse feito essa apresentação mais de uma vez. Sempre que enunciava a palavra *imposto*, ele batia na mesa, o que transformou o recitativo numa mescla de leitura de poesia com show de *hip-hop*.

— *...imposto sobre contas a receber, imposto sobre a construção civil, imposto sobre habilitação de condutores de veículos comerciais, imposto sobre cigarros, imposto de renda de pessoas jurídicas, imposto sobre licenças para a posse de cães, sem falar no maioral dentre todos: o imposto federal sobre a renda...*

Quando Jackson fez uma breve pausa para respirar, Shep se deu conta de que a pilha de folhas era grande e ele mal havia chegado a uma parte da primeira.

— *Imposto federal para o desemprego, imposto sobre licença de pesca, imposto sobre venda de produtos alimentícios, imposto sobre combustíveis para veículos pesados, imposto sobre a gasolina, imposto sobre licenças de caça, imposto sobre a herança, imposto sobre estoques, imposto de juros da Receita Federal (esse é um imposto sobre imposto), imposto de multas da Receita Federal (mais imposto sobre imposto), imposto sobre bebidas alcoólicas, imposto sobre artigos suntuários...*

— Meu bem, já chega — disse Carol.

— *Imposto sobre licenças de casamento, imposto de contribuição para o Medicare, imposto sobre o valor de bens imóveis...*

— Benzinho, nós já entendemos. Quer dar um tempo, por favor?

— *Imposto sobre utilização de vias públicas, imposto sobre veículos recreativos, imposto sobre vendas de mercadorias e serviços, imposto estadual sobre a renda...*

— Se você não calar a boca neste instante...!

— *Imposto para financiamento de escolas públicas, imposto sobre tarifas de serviços prestados, imposto da Seguridade Social...*

— ...eu juro que pego o carro e vou embora daqui sem você!

— Olhe, fofinha, espere um instante, sim? *Imposto estadual para o desemprego, imposto federal sobre serviços telefônicos...*

Dessa vez, foi Carol quem bateu na mesa com a mão espalmada, e foi alto:

— *Do que é que você está com tanta raiva, Jackson? De verdade? O que há de tão terrível na sua vida?*

— Imposto federal, estadual e local sobre serviços telefônicos — resmungou Jackson depressa, sem a teatralidade da percussão.

— Chega! — gritou Carol, e ficou de pé.

— Epa, sente aí. A gente pode pular o resto. Já acabei.

— Pode apostar que acabou — retrucou ela, e permaneceu de pé, erguendo-se imponente diante do marido de costas recurvadas. — Portanto, você pode responder à minha pergunta. Você tem uma casa decente. Sua filha tem uma doença genética, mas pelo menos ainda está viva, não é? Você come bem — e apontou com a cabeça a barriga de Jackson —, um pouco bem demais. O que você quer que não tem? Por que se sente tão usado, tão explorado, tão fraco e lamuriendo e ressentido? Quem são todas essas outras

peessoas que você acha que estão controlando a sua vida e por que elas sempre saem ganhando? Por que você *nunca* se sente no controle da situação, por que *sempre* se sente derrotado e impotente? E será que, como sua mulher, você espera que eu ache isso atraente? Por que você não se sente homem, Jackson? Por que se sente tão... *pequeno*?

Jackson fuzilou-a com os olhos. Virando bruscamente outra *margarita* no copo, jogou dentro dele quase todo o sal que restava na borda. Glynis e Shep desviaram os olhos, sem jeito. Carol podia entrar na briga política, de vez em quando, mas costumava ser a voz da razão, sem falar na bondade, e seu tom só errava pelo lado da firmeza. Lavar a roupa suja afetiva na frente dos amigos era, para ela, uma coisa sem precedentes.

Talvez os outros três imaginassem que Shep escapuliu pela porta de tela por se recusar a participar da crucificação do seu melhor amigo. Mas a verdade é que fazia anos que ele próprio morria de vontade de dar o mesmo esporro no Jackson, e o “qual é o seu problema” da Carol já estava atrasado. Shep nunca havia compreendido o que inflamava Jackson por dentro, nem de onde vinha aquele fogo.

Não, acontece que ele acabara de se lembrar da churrasqueira abandonada. Ao pegar os filés, que pareciam mais dignos para revestir um pátio que bons para ir à mesa, sentiu-se inundar de culpa e remorso. Os contrafilés especiais tinham confiado nele. Ao voltar para a varanda com a travessa de carne estorricada e batatas chamuscadas, ouviu Jackson resmungando:

— Ninguém gosta de ser enganado. De ser tapeado. É universal. Lembra de quando aquele garoto apareceu lá na porta de casa, se oferecendo para lavar as janelas por vinte paus? Você lhe deu o dinheiro e ele saiu correndo na bicicleta. Nunca mais o vimos. Você ficou chateada. Não foram os vinte dólares, você mesma admitiu. Foi ser passada para trás.

— Fiquei zangada comigo mesma — disse Carol, que ao menos tornara a se sentar. — Eu tinha sido boba.

— Certo, bom, é assim que eu me sinto. Feito de bobo.

— Não, eu não me senti *feita de boba*. Eu tinha sido boba. Mereci aquilo.

— Talvez eu também me sinta assim. — O casal se entreolhou.

Depois de Shep buscar a salada na geladeira e abrir a garrafa de vinho, Carol anunciou:

— O Jackson gostaria de pedir desculpas.

— Por quê? — protestou o marido.

— Está tudo bem, Carol — disse Glynis, soerguendo o corpo na poltrona de palhinha. — Se ele não estivesse reclamando dos impostos, estaria reclamando de outra coisa.

— Mas isto aqui é para ser uma comemoração — insistiu Carol. — O Jackson parece ter esquecido por que estamos aqui. Mas eu não. Nós estamos muito, muito aliviados por você estar melhorando, Glynis. Eu juro, quando o Shep me falou da tomografia, eu chorei. Então, eu gostaria de propor um brinde — disse, elevando sua taça. — À recuperação. Ao milagre da medicina moderna. A nos reunirmos assim, para comer filés e tomar *margaritas*, quando a Glynis estiver inteiramente boa de novo, e aí *talvez* eu deixe o Jackson reclamar dos impostos!

Foi uma brava tentativa de desfazer o tom belicoso da reunião, mas nem Glynis nem Shep levantaram suas taças.

— Desculpe, Carol — disse Shep. — Talvez tenhamos que brindar a alguma coisa um pouco mais modesta. À esperança de uma contagem melhor dos leucócitos ou algo assim.

Carol olhou de Shep para Glynis e pousou a taça:

— Qual é o problema?

— Ontem nós recebemos o resultado de outra tomografia — respondeu Shep. — Da última vez, o Goldman nos convidou a ir ao consultório. Por isso, acho que eu devia ter sabido que a notícia era... — Ele reconsiderou *terrível*, depois *meio terrível*, assim como *péssima* e *insatisfatória*, e por fim descartou até mesmo *ruim*. — Que a notícia era *menos animadora* que da vez anterior, já que ele preferiu

dá-la por telefone. Acho que foi sorte não termos recebido um e-mail.

— Que diria o quê? — indagou Carol.

— Que... — Desde o começo, Shep adotara a política de evitar eufemismos, mas, nessas circunstâncias, não teve coragem de usar mais uma vez a palavra *câncer*. — Que a situação avançou. Olhando para trás, lamento não termos chegado a brindar a tomografia anterior quando tivemos essa chance. A de agora... bem, os resultados simplesmente não foram tão esplêndidos.

— É só um retrocesso — disse Glynis, obstinada.

— Sim — concordou Shep. — Foi isso que eu quis dizer. Tivemos um retrocesso.

— Significa simplesmente que eu posso ter que fazer quimioterapia por mais um tempinho — afirmou Glynis.

— É — disse Shep. — Talvez signifique que a Glynis vai fazer quimioterapia por mais um tempinho.

— Merda, isso é um porre — comentou Jackson.

— Eu lamento muitíssimo, isso é... — Carol pareceu folhear seu dicionário mental. — É decepcionante. Até que ponto é des... é *menos animador*?

Shep tentou atrair a atenção de Carol, mas ela havia dirigido a pergunta a Glynis.

— Não é tão bom quanto havíamos esperado, só isso — retrucou Glynis, irritada. — Mas a minha tolerância à Adrenalina... ao Adriamycin parece persistir. — A tosse, para efeito ilustrativo, foi inoportuna. — E também há um monte de outros remédios que não experimentamos — acrescentou, enfrentando o olhar de Carol com ar desafiador, até que ela baixou os olhos.

— É, as terapias que existem hoje em dia são incríveis — admitiu Carol, com os olhos no prato. — Tudo que eu li diz que, a cada dia que passa, torna-se mais possível sobreviver a todos os tipos de câncer. Que ele está virando, cada vez mais, uma doença que a pessoa tem que administrar, como uma porção de outros problemas crônicos com que as pessoas convivem: herpes, problemas de coluna. Eu... eu tenho certeza de que eles podem reverter isso. Às vezes, é só uma questão de descobrir a droga certa, não é? De eles experimentarem até acertar.

Tornando a levantar os olhos, Carol conseguiu dar um sorriso. Era muito mais arguta do que parecia, quando se falava com ela pela primeira vez. Em um ou dois minutos, tinha entrado no espírito da coisa.

No entanto, sempre que há uma coisa de que não se pode falar — não havia meio de Shep entender como isso funcionava —, torna-se misteriosamente impossível falar de qualquer outra. Em dois tempos, enquanto mastigava trabalhosamente a carne passada demais — Glynis não tocou na dela —, o quarteto ficou sem ter sobre o que conversar.

— Glynis, você não pode comer alguma coisa? — arriscou Carol, depois de outro tilintar de talheres. — Deve ser importante você manter as forças. E a carne pode estar meio passada demais, mas é obviamente de ótima qualidade.

Glynis cutucou seu filé:

— Não quero entrar em detalhes no jantar. Mas não consigo olhar para uma coisa dessas sem imaginar como vai ser difícil... fazê-la sair pelo outro lado.

— Ah — disse Carol.

As facas produziam um guincho desagradável ao serrarem a carne nos pratos de porcelana. A essa altura, Shep desejou que Jackson trouxesse à baila algum assunto proveitosamente enfiado, como o Imposto Mínimo Alternativo. Após mais dez minutos, durante os quais, numa interjeição isolada e aflita, Carol elogiou o molho de salada engarrafado, ele mesmo se sentiu tentado a falar no IMA.

CAPÍTULO QUATORZE

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de outubro de 2005 – 31 de outubro de 2005

Valor Líquido em Carteira: US\$152.093,29

Durante toda a sua vida adulta, Shep se esforçara muito para não se irritar com as pessoas. Aquelas que conhecia, as pessoas em geral. Mas estava esgotando seu estoque de desculpas — pela rede de amigos que até então presumira alegremente serem decentes, generosos e atenciosos; pela indiferença da raça humana. Embora pudesse não ter sido uma grande noite, ao menos Jackson e Carol tinham finalmente aparecido. Era mais do que Shep podia dizer sobre a maioria dos outros. Na verdade, as pessoas da vida de Glynis vinham se revelando tão sistematicamente decepcionantes que às vezes ele era tomado por uma misantropia sufocante, tarde da noite, como um miasma que brotasse de um esgoto defeituoso.

Nos idos de março, Deb havia decidido que Glynis precisava encontrar a salvação, antes que fosse tarde demais. Ruby se comprometera a superar as velhas rivalidades e a levar a relação com a irmã mais velha a um “estado de graça”. E assim, na ocasião, Shep tinha previsto que sua tolerância às cunhadas, em muitos meses de visitas repetidas, seria posta à prova. Não estava preparado para ver a devoção de Deb ficar tão magrinha, sem falar em sua última dieta da moda. Sabia que ela nunca pararia de tentar catequizar a família laica dos Knacker para as orações pela misericórdia divina, nem pararia de atormentar o filho dele, reservado e introspectivo, para dar graças com a tia por cada dia adicional que Deus concedesse à sua mãe doente. Em frequentes retornos a Elmsford, a rigidez de Ruby também poderia tornar-se cansativa. Shep imaginara irritar-se um pouquinho com a insistência dela em dar uma corrida, toda santa noite, quando todos os demais já estivessem prontos para se sentar à mesa do jantar, e considerando que ele teria sacrificado sua própria ginástica para preparar a comida.

Se as visitas coincidissem, ele previra cansar-se de ver as irmãs disputando para saber qual delas comia menos. Era fatal que se impacientasse com a exibição de Ruby diante da irmã caçula gorducha, pegando apenas uma coxa mirrada de galinha, se Deb pegasse duas. Dada a persistente aflição de Deb com a falta de apetite de Glynis, ele se antevia finalmente perdendo a paciência, dizendo em tom malcriado que as míseras porções de sua mulher não eram nenhuma marca de superioridade, mas implicavam uma ingestão insuficiente de calorias, ou seja, a inanição, que poderia vir a matá-la, se o câncer não o fizesse. Em linhas gerais, Shep tivera certo medo de que, após estadas de duração crescente, suas cunhadas lhe dessem nos nervos.

Nem em um milhão de anos havia esperado lutar com o problema diametralmente oposto: o de que, após a corrida inicial para junto do leito de sua mulher, depois da cirurgia, nenhuma das irmãs voltasse a aparecer.

Certo, as duas ainda telefonavam, porém com frequência cada vez menor, e a constância dessas ligações ocasionais havia despencado, de modo especialmente agudo, justo no momento em que a

brevíssima “recuperação” da irmã delas dera lugar a um recomeço da deterioração. Enquanto isso, pelo menos Hetty continuava a ligar todos os dias, e de modo tão confiável, no mesmo mágico horário das dez da manhã, que era possível acertar o relógio pelo telefonema.

No fim de setembro, depois que uma ligação se arrastou por quinze minutos, com Glynis ainda mais vaga e emburrada que de hábito, ela entregou o telefone a Shep:

— Minha mãe quer falar com você. Sirva-se.

— Sheppy? — disse Hetty, e ele se contraiu.

A voz da sogra tinha aquela inflexão sentida e amuada que Glynis desprezava, já que mais soava como uma das alunas do primário da própria Hetty, injustamente privada de seu pirulito, do que como uma professora aposentada de setenta e dois anos. Em pessoa, ela tendia a lhe agarrar o braço ou a se pendurar em seu ombro, e essa entonação súplice era o equivalente em áudio desses gestos. Fazia muito que o fato de ela adorar o “Sheppy” (ou seja, aquele homem maravilhoso que pagava tudo) tinha introduzido uma alcunha entre ele e Glynis.

— Eu me esforço *muito* para a Glynis saber que, em todo esse período de tribulação, eu estou aqui para apoiá-la. Mas ela consegue ser tão... desafortada! Sei que ela está muito doente e procuro levar isso em conta, mas... — começou a fungar — agora mesmo, ela foi de uma crueldade terrível!

— Você sabe que ela não faz por mal, Hetty.

É claro que fazia. O que quer que Glynis tivesse dito, era exatamente o que queria dizer, e mais até.

— Desculpe eu ter que perguntar... — Shep a ouviu assoar o nariz e imaginou um daqueles lenços de papel esfarrapados e reutilizados que povoavam os penhoares de Hetty — ...mas, será que a Glynis *quer* que eu telefone? Ela tem alguma vontade de falar comigo? Porque, com certeza, não dá essa impressão! Não quero me intrometer, se a minha procura não for bem-vinda.

Depois de ele conseguir fazer a sogra desligar, Glynis teve um ataque cujo roteiro Shep conhecia de cor:

— Esse jeito constante de ficar me puxando pela manga... Ela vive tentando tirar alguma coisa de mim, e eu não tenho isso! Nunca tive e, justamente agora, não tenho mesmo! Ela não telefona por mim, telefona por ela mesma! Quer que eu a tranquilize, falando repetidas vezes da mãe maravilhosa que ela foi, mas ela não foi, e eu não quero e não vou falar! A ideia é que eu a distraia e a console e invente alguma coisa para preencher esse espaço telefônico vazio, dia após dia após dia, e essa imposição é um abuso! Pelo amor de Deus, ela é um buraco negro! Justo agora que, numa das primeiras vezes na minha vida, seria realmente bom eu contar com uma mãe! Não com mais uma dependente, mais um problema, mais uma exigência, mais um dreno, e sim uma mãe de verdade!

Por sorte, o acesso de raiva deixou Glynis tão exausta, que ela desabou no sofazinho da cozinha e dormiu um pouco. Shep ficou contente por ela não ter insistido em saber o que Hetty havia perguntado, já que não gostaria de aguentar a bronca ao responder.

Andando com o telefone para a varanda dos fundos, ele havia insistido em que Hetty continuasse a telefonar. Todos os dias. Em que não desanimasse, atribuísse os desaforos frequentes da filha à doença, absorvesse toda sorte de grosserias e comentários ríspidos, e se abstinésse de reagir. Implicitamente, que ela se elevasse a um nível de maturidade que não tinha a mínima esperança de alcançar, se ainda estava tão longe dele aos setenta e dois anos. Exatamente quem precisava de quem, nesse relacionamento aguerrido, era um eterno motivo de disputa. A resposta mais simples, porém, era que elas precisavam uma da outra. Glynis odiava esses telefonemas e tinha verdadeiro pavor deles. Mas, se um dia desse dez horas e sua mãe não ligasse, ela ficaria arrasada.

Dito isso? Podia ser que Hetty estivesse “lá” para dar força à filha, mas não estava *aqui* para a filha. Desde aquela primeira viagem em março, *nem mesmo a mãe de Glynis* tinha voltado a Elmsford. Nem uma única vez. Shep mal conseguia acreditar. Além disso, o distanciamento sistemático de Glynis e de seu câncer “capaz de me transmitir germes” estava longe de ser exclusivo de sua família imediata. Era

universal.

Os primos e sobrinhos de Glynis, assim como seus vizinhos (exceto a incansável Nancy) e, o que era mais chocante, todos os seus amigos, ligavam com frequência cada vez menor, em telefonemas cada vez mais curtos. Todos haviam espaçado mais e mais as visitas, e suportavam a companhia dela por períodos sempre mais curtos.

Shep conhecia todas as desculpas típicas. Sobre não querer cansá-la, ou incomodá-la, ou interromper seu sono. Sobre nunca saber se ela estaria no hospital, ou fazendo quimioterapia, ou arrasada depois de uma dose recente. Alertados para o fato de que Glynis não podia expor-se a infecções, alguns amigos cancelavam sucessivamente múltiplas visitas, por causa de resfriados renitentes. Estavam apenas demonstrando *consideração*. Outras desculpas eram de uma criatividade tão impressionante, que daria muito menos trabalho deixar para lá as explicações misteriosas dadas ao marido da doente, após meses de silêncio, do que fazer uma ligação para a pobre mulher.

De acordo com Zach, os Eiger — pais de um de seus colegas mais próximos, bem como amigos de muitos anos em churrascos de Quatro de Julho e festas de Natal — estavam tão assoberbados, preparando o filho mais velho para o Teste de Aptidão Acadêmica do final do ensino médio, que a desgastante vinda de Irvington, a dez quilômetros de distância, ficava fora de cogitação, embora esse fosse um percurso regularmente feito por Zach de bicicleta. Nem é preciso dizer — ou, pelo menos, ninguém dizia — que essas rigorosas aulas particulares dadas por ambos os pais, em todas as horas disponíveis do dia, também deviam impedir um gesto tão demorado e debilitante quanto um telefonema.

Marion Lott, a dona da Viver em Pecado, de quem Glynis se tornara muito amiga, fofocando durante o período daquele seu emprego ridículo, tinha sido atenciosa por algum tempo. Pedindo desculpas pelo fato de que, provavelmente, Glynis não estaria com disposição para comer chocolate, no começo Marion tinha aparecido na porta com um saquinho de trufas tortas para Zach e Shep, junto com uma cesta de frutas para a paciente. Mas os embrulhos carinhosos e as visitas que os entregavam haviam minguado por completo em maio. E assim, quando Shep topou com Marion na farmácia, no começo de outubro — ele estava procurando mais cápsulas para os enemas de Glynis —, a chocolateira lançou-se num balbucio nervoso sobre como havia crescido o movimento da fábrica, e agora eles estavam recebendo encomendas até de Chicago, e depois, uma de suas empregadas havia engravidado e tido enjoos matinais terríveis, e você sabe como seria desagradável, nesse caso, ficar perto do cheiro de chocolate, e por isso agora ela estava com escassez de pessoal... Ah, e Shep precisava saber que a moldadora que substituíra a Glynis não era nem de longe tão habilidosa quanto ela, e não tinha o mesmo senso estético nem senso de humor, e por isso, por favor, ele tinha de contar à sua mulher maravilhosa a falta que ela estava fazendo... Shep poderia ter se apiedado da mulher e tentado interrompê-la, mas agora, sentir pena dessas pessoas não lhe vinha com facilidade. Com um sadismo consciente, ele a deixara falar durante o que deviam ter sido uns bons cinco minutos. Esse era um dos estilos de desculpas, o estilo pia da cozinha, uma abordagem atrapalhada e cansativa que costumava ser usada por pessoas que não sabiam mentir direito. A incontinência verbal fora, no mínimo, a revelação de que Marion se sentia culpada.

Em contraste, os Vinzano optaram pela desculpa ampla, limpa e geral, que ao menos era eficiente. Glynis havia conhecido Eileen Vinzano na época em que ambas davam aulas no Departamento de Arte da Parsons, o que fazia a amizade do casal com ela e seu marido, Paul, datar de mais de vinte anos. Mas Shep não se lembrava de ter recebido qualquer notícia deles desde que lhes telefonara para transmitir a má notícia decorrente da cirurgia. Não muito depois de ele topou com Marion, Eileen finalmente dera um telefonema apressado, para dizer que ela e Paul tinham estado fora do país desde junho.

O tom em que ela havia perguntado pela saúde de Glynis fora inquieto. Estava com medo de ter ligado tarde demais. Ficou claro que havia se preparado para alguma coisa dita em palavras delicadas, do tipo “Sinto muito ter que lhe dizer isto, Eileen, mas a Glynis se foi em setembro”. (Ela *se foi*, era essa a expressão que Eileen esperaria. Como se sua mulher não tivesse morrido em agonia, mas simplesmente

passado pela porta da casa.) Em vez disso, Shep lhe informou que Glynis estava aguentando firme e explicou que agora eles estavam no terceiro coquetel de quimioterápicos. No entanto, quando se ofereceu para chamar a própria Glynis ao telefone, Eileen entrou em pânico. “Não, não, deixe-a descansar!”, pediu, com algo próximo do pavor — e do que é que essa gente tinha medo? “Só dê os meus melhores votos a ela, por favor.”

Se um efêmero telefonema de cinco minutos desde março representava os “melhores” votos de Eileen, Shep detestaria saber quais seriam os piores. Afinal, até para um correspondente estrangeiro itinerante, cinco meses eram muito tempo para estar “fora do país”; a base de Paul ficava na ABC de Nova York. Essa não foi a única explicação dubiamente vaga oferecida a Shep, repetidas vezes, por amigos “íntimos” que haviam praticamente desaparecido. Sem maiores rodeios, altas horas da noite do Dia das Bruxas, ele ligou o computador, exclusivamente para copiar sua lista de “Amigos íntimos” da época da notificação sobre o estado de saúde de Glynis e colocá-la na lista de “Não tão íntimos”. O arquivo dos “Amigos íntimos” ele apagou.

Em sua encarnação mais caridosa das horas do dia, Shep admitia que um sem-número dessas pessoas já dera depoimentos emocionados sobre como Glynis tinha sido importante para elas. Quão enorme era a admiração que sentiam por seu trabalho. Quanto ela havia se caracterizado, durante a vida inteira, pela elegância e pelo senso de originalidade. Com que carinho eles se lembravam de tal ou qual acontecimento... Ao fazerem discursos apaixonados e grandiloquentes, que, como Glynis havia observado com extrema indignação, também poderiam servir de necrológios, essas visitas anteriores tinham se impressado dramaticamente na parede. Em termos teatrais, não era natural passar de proclamações grandiosas de amor e admiração para um papo descontraído sobre como parece que finalmente vão recapar a Rua Walnut. Multiplicado por dez, o constrangimento posterior assemelhava-se ao vexame cênico de alguém se despedir com frases floreadas, depois de um jantar — despedidas empoladas e cheias de estilo, do tipo pelo qual o sujeito se dá parabéns ao entrar no carro — e então descobrir que esqueceu o suéter. E aí tem que tocar timidamente a campainha, enquanto seus anfitriões põem a louça na lavadora automática. E pronto, todo o estilo, os ditos espirituosos e os agradecimentos profusos da despedida original são substituídos por um acanhado arrastar de pés no vestíbulo, enquanto os anfitriões limpam as mãos engorduradas num pano de prato e vão procurar o tal agasalho. Com as pessoas mortalmente enfermas, supunha Shep, era sempre difícil dar um jeito de sair da relação com uma nota positiva. A única tática que garantia um adeus comovedoramente climático era fazer o discursinho terno, lacrimoso e bem-ensaiado de despedida e nunca mais voltar.

Além disso, o que *havia* para dizer a Glynis, depois de esgotadas as indagações sobre a saúde? Ela não queria saber como era maravilhosa a vida de ninguém e tinha uma violenta intolerância a reclamações. Os acontecimentos de sua própria vida tinham se reduzido a eventos corporais: inflamações nos braços, nos pontos em que os quimioterápicos tinham vazado da cânula e queimado a pele; as drenagens torácicas para sugar o fluido pleural que lhe dificultava a respiração; o cansaço, que tinha ligeiras melhoras ou pioras paralisantes, mas nunca desaparecia por completo; as irritações cutâneas e os edemas e o curioso estriamento das unhas escurecidas. Eram essas as histórias que Glynis tinha para contar, e eram deprimentes e monótonas para ela mesma.

As visitas também pareciam ter uma aguda intuição de que debater os assuntos do dia — a duvidosa nomeação que o presidente fizera de seu próprio advogado para a Suprema Corte, os discursos arrogantes e verborrágicos que Saddam Hussein tinha a liberdade de fazer em seu julgamento por crimes de guerra no Iraque — era como conversar sobre as fascinantes configurações rochosas da Lua. Afora um ocasional prazer com a desgraça alheia, ligado a pessoas sobre as quais também havia desabado uma chuva de infortúnios, como os desfavorecidos de Nova Orleans, Glynis não dava mostras da menor consciência do mundo, fora dos confins de sua modesta casa. Afinal, o costumeiro Assunto do Dia derivava sua urgência de ser, na verdade, um Assunto do Amanhã: as mudanças climáticas, a degradação

da infraestrutura americana, o déficit crescente. A pessoa só se importava com alguma dessas coisas quando também se importava com a possibilidade de que, um dia, São Francisco viesse a afundar no Pacífico, ou de que dezenas de carros despencassem dentro em breve de uma ponte que ruísse na rodovia interestadual I-95, ou de que o país pudesse, em pouco tempo, pertencer inteiramente à China. Mas Glynis não se perturbava com o advento de nenhuma dessas ocorrências. As duas primeiras lhe pareciam animadoras. Quanto à venda da totalidade dos Estados Unidos num bazar de garagem, bem, no que lhe dizia respeito, os chineses podiam ficar com o país.

É que a dica mais reveladora de que o processo de negação de Glynis não era tão intenso quanto ela fingia ser estava em seu desinteresse pelo futuro. Isso deixava todo mundo praticamente embatucado. Se a pessoa não se interessava pelo futuro, também não se interessava pelo presente. Sobrava o passado, e Glynis realmente não estava interessada nele. (A única exceção a essa apatia geral era qualquer coisa que dissesse respeito ao processo em andamento contra a Forge Craft. Este sempre despertava em seus olhos uma expressão que Shep reconhecia dos programas de televisão sobre a vida selvagem — quando, de boca aberta e olhar fixo, uma pantera se preparava para dar o bote numa presa viva. Mas ele evitava levantar o assunto. A motivação que impulsionava sua mulher o deixava nervoso: vingança, e do tipo mais indiscriminado.)

Por último, para ser justo — Shep não tinha vontade de ser justo, mas ver as coisas pela perspectiva dos outros era um hábito da vida inteira —, Glynis era difícil. Havia uma multiplicidade de assuntos proibidos. Um assunto, em particular, era circundado por grossas linhas vermelhas, com placas de Proibida a Entrada espinhando-se à menor aproximação. O problema era que, nas circunstâncias vigentes, esse era um assunto de peso, possivelmente o assunto principal, ou até o único. Como Shep havia notado ao final daquele jantar com Carol e Jackson, situado em algum ponto entre o completo fiasco e a experiência francamente horrorosa, toda vez que havia alguma coisa de que não se podia falar, também não se conseguia falar de mais nada. Por isso, as visitas pareciam patinar no artificialismo; não davam a impressão de serem reais; tinham um toque de paparicação, um toque de paternalismo e, bem, um toque de mentira, que eram todos culpa da Glynis.

Mas era só até aí que podia ir a compreensão de Shep. Depois de se esticar até esse ponto, ela sempre recuava feito elástico para a desalentadora impressão de que, simplesmente, a duração da doença de sua mulher havia ultrapassado a capacidade de concentração de seus compatriotas, sabidamente curta. Havendo o mesotelioma perdido seu valor de novidade, Glynis se transformara num grande “já chega disso”. Assim como a maioria deles era incapaz de correr duas voltas em torno de um campo de futebol sem desabar na arquibancada, os amigos e familiares do casal tinham uma capacidade afetiva precária.

Shep era nascido e criado num país cuja cultura havia produzido o telefone, o avião, a linha de montagem, a autoestrada interestadual, o condicionador de ar e o cabo de fibra ótica. Seu povo era brilhante com coisas inanimadas — íons e prótons, titânio e urânio, plástico capaz de conservar-se por mil anos. Com a matéria senciante — daquele tipo que não consegue deixar de notar quando um confidente some de repente do mapa, no instante em que a amizade se torna inconveniente, desagradável, exigente e, a propósito, também útil para alguma coisa, enfim —, seus conterrâneos eram incompetentes. Era como se ninguém jamais houvesse adoecido. Jamais houvesse definhado, jamais confrontado você sabe o quê. Como se a mortalidade fosse uma dessas superstições bobas, como a convicção de que sempre se deve beber oito copos de água por dia, uma convicção agora sumariamente desmentida na seção de Saúde do *Science Times* da terça-feira.

É que *não havia protocolo*. A visão mais otimista que ele podia ter desse desconcertante desgaste social era que nunca haviam ensinado a essas pessoas como se portarem em relação a todo um lado da vida — o lado extremo —, que estava na cara delas desde o dia em que passaram a ter cara. As mães desses indivíduos podiam ter-lhes ensinado a não comer com os cotovelos na mesa nem falar de boca cheia, mas nenhum pai ou mãe jamais sentara com eles para explicar que é tal e tal coisa que se faz e se

diz quando alguém com quem eles ao menos afirmam se importar tem uma doença mortal. Isso não fazia parte do currículo. Como triste consolo, muitos desses exemplares furrecas da espécie também enfrentariam o mesmo tipo de desculpa, “xi, acabei de me lembrar que preciso ir a tal lugar”, quando viessem a adoecer. Já então, porém, eles mesmos se sentiriam desgraçados demais para experimentar um mal-estar retrospectivo por terem virado as costas a Glynis Knacker em 2005.

Com um sabor amargo na boca, às vezes Shep se lembrava das ofertas obsequiosas de ajuda com que amigos e familiares tinham recebido a má notícia inicial. Os Eiger o haviam incentivado a lhes dizer *qualquer coisa* que eles pudessem fazer para aliviar seu fardo, porém nunca tinham feito um só gesto não solicitado de qualquer natureza; com certeza percebiam que Shep nunca lhes *pediria* para acompanharem Glynis à quimioterapia, para se sentarem com ela durante horas, ao lado da poltrona acolchoada. Eileen Vinzano tinha se estendido longamente sobre como poderia ajudar Shep a manter a casa limpa. Nada seria subalterno demais, ela havia jurado, nem mesmo limpar os banheiros ou o piso da cozinha. Mas isso tinha sido antes de os Vinzano ficarem “fora do país”. Nesse íterim, Shep fora obrigado a contratar uma moça hispânica para fazer uma vez por semana a limpeza de que não conseguia dar conta, e Eileen não tinha movido um dedo para manejar uma escova de vaso sanitário. Uma ex-vizinha do Brooklyn, Barbara Richmond, havia proposto um esquema regular de entrega de jantares inteiramente prontos, que só precisariam ser postos no micro-ondas — praticamente um serviço completo de bufê, que, no final das contas, tinha se reduzido a uma torta. Lavinia, uma prima-irmã de Glynis, havia declarado que se mudaria para lá por semanas a fio, só para eles terem alguém à mão para cuidar das providências de rua e fazer companhia à prima! Naturalmente, nunca se instalara no quarto de Amelia e estava desaparecida desde abril. Será que essa gente se lembrava de ter feito esses oferecimentos extravagantes, na primeira onda de precipitada compaixão? Caso se lembrasse, será que imaginava que Shep havia esquecido? Por natureza, ele não era dado a guardar rancor, mas não tinha esquecido.

* * *

É claro que, em matéria de decepção, *Beryl* compunha uma classe especial.

Os oito mil e trezentos dólares a mais por mês para a clínica geriátrica do pai vinham acelerando a devastação dos recursos de Shep. Mesmo supondo que ele fosse empedernido o bastante para considerar tal perspectiva, a essa altura a conta do Merrill Lynch se esvaziara demais para financiar uma aposentadoria solo em Pemba, ou em qualquer outro lugar. Agora, o problema era cobrir os copagamentos, o cosseguro e o preço dos remédios do tratamento de Glynis, ponto final. Assim, ao falar com *Beryl* por telefone no começo de novembro, ele arriscou a ideia de que talvez eles tivessem de começar a pensar em transferir o pai da *Twilight Glens* para uma instituição pública. Foi como se tivesse sugerido mandar o homem para Auschwitz.

— Aqueles asilos públicos são umas pocilgas! — gritou *Beryl*. — Eles largam a pessoa deitada no próprio cocô durante dias, e ela fica cheia de escaras. Os asilos públicos são sempre carentes de pessoal e as enfermeiras são sádicas. A comida é terrível, quando se tem a sorte de receber alguma, já que alguns velhotes são tão negligenciados que morrem de fome. Você pode esquecer qualquer recurso como os que eles têm na *Twilight* — nada de sala de recreação nem de aparelhos de fisioterapia. Eles não têm nenhuma atividade lúdica — nada de aulas nem coral. Talvez umas revistas, e é só.

— Bem, além de um suprimento constante de romances policiais, praticamente tudo de que o papai precisa é uma pilha de jornais e uma tesoura.

— Mas esses lugares públicos são como lixões para idosos! Velhinhas em cadeiras de rodas jogadas nos corredores, de boca aberta, babando na camisola e resmungando que logo à noite vão ao baile de formatura do colégio com o Danny, porque acham que ainda estão em 1943. Você faria isso com seu

próprio pai? Ele nunca o perdoaria, nem eu!

Pessoalmente, Shep desconfiava que a diferença entre o atendimento público e o privado era exagerada. Ele vira muitos casos de demência na Twilight e muita baba por lá também. A menos que estivesse conduzindo a congregação num hino de louvor a Deus, Gabriel Knacker jamais participaria de nenhum “coral”, nem na mais palaciana das instituições. Apesar disso, a imagem soturna de Beryl tinha aceitação popular. Assim, ele não se importaria com a evocação desse estereótipo pela irmã, se fosse realmente seu temor pelo sofrimento do pai que estivesse dando vida a tal imagem. Também não se importaria que Beryl insistisse tão arduamente na continuação do atendimento particular, se estivesse ajudando a pagar por ele.

O que o incomodava, sim, era que essa defesa virtuosa do conforto do pai vinha de outra fonte. O único objetivo da transferência que ele havia sugerido era deslocar o ônus fiscal para o tesouro público. A culpa era dele se Beryl conhecia a sequência de eventos que realizaria esse milagre financeiro moderno, porque o próprio Shep a descrevera para ela em julho. Para que seu pai se habilitasse ao Medicaid, antes de mais nada eles teriam que vender a casa. Ou, como Beryl certamente aludia a essa estrutura, longe dos ouvidos do irmão, a casa *dela*. (Talvez a ideia de Jackson fosse tecnicamente viável: simplesmente recusar-se a pagar a Twilight e deixar as engrenagens da burocracia irem rangendo até o governo confiscar o imóvel. Afinal, para sereno espanto de Shep, ele e Beryl não tinham nenhuma obrigação legal de cuidar do pai nem de pagar suas contas. Mas nunca fora essa a maneira de Shep Knacker conduzir seus assuntos. Fugir de suas obrigações e esperar que outra pessoa limpasse a sujeira parecia uma coisa malfeita, desrespeitosa, negligente e irresponsável. Ele era, pensou com ironia, quem era.) A renda da venda do imóvel cobriria os custos da clínica geriátrica, até seu pai tornar-se oficialmente indigente. Adeus, moradia de graça, adeus, herança — e *essa* era a fonte da indignação que se esganiçava ao telefone.

Ainda assim, faltava a Shep a determinação para lutar contra a irmã. Ele tinha seus próprios receios sobre os lares públicos para idosos, além de um profundo senso de dever filial. A Twilight era melhor, provavelmente. Talvez seu pai não gostasse muito de lá, mas ao menos estava se acostumando. Além disso, se Shep continuasse a sofrer aquela hemorragia de noventa e nove mil e seiscentos dólares por ano, chegaria rapidamente a uma situação em que deixaria de pagar a Twilight, não por ser mau filho, mas por não ter esse dinheiro. Obviamente, era um desperdício gastar até o último tostão que lhe restava para acabar exatamente no mesmo lugar: transferindo o pai da Twilight, liquidando o fundo de pensão e vendendo a casa. Contudo, em sua simplicidade, o desamparo completo poderia revelar-se uma bênção, e com certeza Jackson tinha razão ao dizer que, num país que confiscava até metade da renda do indivíduo, e que exigia uma grana adicional toda vez que o sujeito fazia qualquer coisa, desde comprar uma chave de fenda até ir pescar, não se era realmente livre. Nesse caso, porém, seria possível encontrar uma verdadeira liberdade na falência.

Enquanto isso, Shep procurava falar com o pai mais ou menos duas vezes por semana. O fêmur quebrado parecia estar se consolidando aos poucos. Mas, durante a primeira quinzena de novembro, o telefone ao lado da cama de seu pai tocou sem ser atendido. Em vez de falar diretamente com a equipe da Twilight, Shep cometeu o erro de buscar as informações médicas concretas com Beryl. Tudo que ela disse foi que o pai parecia estar emagrecendo. Ou assim devia ter informado a equipe da clínica, já que esse foi o mesmo telefonema em que Beryl anunciou que estava “em greve”.

— Você não pode esperar que eu continue a visitar o papai o tempo todo. Não é justo. Não é só por estar perto que eu devo assumir esse fardo sozinha. É verdade, Shep, estou começando a me sentir usada. Eu não aguento. As visitas são muito deprimentes. Eu tenho um filme para editar e tenho que proteger meu *chi*, você sabe.

— Qual é a frequência que você considera como “visitá-lo o tempo todo”?

— Eu não estou a fim, Shepard, só isso. Tudo que escuto quando vou lá é por que passei tanto tempo

sem ir, quando parece que eu acabei de vê-lo, tipo, naquela manhã. Se você acha tão importante que ele receba atenções constantes da família, você mesmo vai ter que vir aqui de vez em quando.

Shep deu um suspiro:

— Você faz alguma ideia do que eu tenho enfrentado aqui?

— Nós dois enfrentamos coisas. E ele também é seu pai.

Relutante, ele prometeu tentar voltar logo a New Hampshire. Quando estavam terminando o telefonema, Beryl mencionou:

— Antes que eu me esqueça, qual é o problema do aquecimento? Acabei de receber, sei lá, um negócio feito uma notificação de despejo da companhia de gás.

— Eu transferi a conta para o seu nome. Tenho certeza de que mencionei isso.

— Bem, para o meu *nome*, tudo bem, mas você não espera que eu pague, não é?

Ele respirou fundo.

— Espero, sim.

— Você sabe quanto custa aquecer este lugar no inverno?

— É claro que sei. Faz anos que pago as contas de combustível.

— Olhe, eu estou tomando conta da casa. Não se espera que as pessoas que tomam conta de uma casa paguem os serviços de fornecimento. Às vezes, elas são até *pagas* para cuidar dos lugares.

— Você quer que eu lhe pague um salário? — perguntou Shep, incrédulo. Beryl tinha invertido astutamente sua cooptação da casa da família, transformando-a num grande favor. Era bem o tipo de esperteza da irmã que sempre o deixara pasmo.

— Não tenho dinheiro para a conta do gás, ponto final. Então, a menos que você queira que eu fique aqui com pingentes de gelo no nariz, queimando os móveis para não morrer, você vai ter que mandar um cheque para eles.

Fazia anos que Beryl havia descoberto a estonteante libertação trazida pela penúria. Ele a invejou.

* * *

Shep foi a Berlin no fim de semana de Ação de Graças, com planos de passar apenas a noite de sábado para domingo. O trânsito da volta seria um horror, mas uma visita noturna e outra na manhã de domingo, numa época de reuniões tradicionais de família, ao menos aliviariam temporariamente o sentimento de abandono de seu pai.

A Twilight Glens não era nenhum clube campestre, mas parecia limpa; talvez o leve aroma fecal que penetrava no cheiro forte de desinfetante fosse inevitável em qualquer instituição que cuidasse de idosos e doentes. Aliás, tal como o enegrecido hospital vitoriano da sua infância, a clínica bem que se beneficiaria de uns riscos de sujeira, que talvez dessem alguma singularidade ao prédio quadrado e feio. Tal como era, a Twilight havia sofrido uma lobotomia arquetônica. Na verdade, Shep ficou impressionado. Uma falta tão perfeita de identidade constituía, com certeza, um feito tão expressivo no mundo físico quanto faria na esfera social, se um indivíduo conseguisse não ter personalidade alguma. O saguão e os corredores eram decorados com vasos de plantas e gravuras medíocres. O linóleo era luminoso e bege. Os quartos particulares tinham um acabamento de bordo claro e polido. O efeito era de uma paisagem onírica. Afinal, havia noites em que o cérebro simplesmente não estava disposto a inventar mais um cenário com um simbolismo satisfatório, e a Twilight era o tipo de deslugar em que o cérebro ambienta as aventuras esquecíveis de segunda classe: aquelas fabulações a esmo, de lógica precária, com imagens distorcidas de gente superficialmente conhecida, sem importância para quem sonha, e buscas frustradas de um banheiro.

Pelo menos, quando Shep avistou o pai do corredor, o velho não estava catatônico nem tagarelando

sobre o baile de formatura da escola que se aproximava, e sim com as costas escoradas na cabeceira, de óculos de leitura, sublinhando atentamente uma passagem do *New York Times*. Fantástico: perfeita normalidade. No entanto, ao entrar e beijá-lo no rosto, Shep ficou desanimado. O emagrecimento era mais dramático do que se preparara para ver. Ele estava farto de viver no país mais gordo do mundo e ver as pessoas a quem mais amava evaporarem.

— Sobre o que é a matéria? — perguntou ao pai, puxando uma cadeira. A mesinha de cabeceira exibia uma pilha de recortes, tal como ele havia imaginado.

— Sobre quanto estão ganhando esses malditos executivos chefes. Milhões, dezenas de milhões por ano! É uma obscenidade. Enquanto o resto do mundo passa fome.

Com sua pronúncia característica, trocando erres mediais por agás aspirados, Gabe Knacker, ao contrário do filho, continuava alegremente apegado a seu sotaque de New Hampshire.

— É, bem, caso você esteja se perguntando, eu não pagava dezenas de milhões de dólares por ano a mim mesmo quando dirigia a Knack.

Isso era o mais perto que ele chegaria de aludir ao preço da Twilight, sobre o qual o pai nunca lhe fizera perguntas. O reverendo parecia alimentar a ilusão conveniente de que o governo continuava a pagar a conta.

— A meu ver — grunhiu o velho —, nenhum ser humano pode ser tão desgraçado de importante que valha dez milhões por ano. Nem uma única alma, nem mesmo o presidente. Bem, especialmente esse presidente.

— Mas, se você acha que há um limite para quanto se deve pagar de salário a qualquer pessoa — especulou Shep —, será que também há um limite de quanto se deve pagar para manter uma pessoa viva?

O pai soltou um resmungo, as voltinhas da testa franzida mais fundas e mais numerosas que em julho. Shep riu:

— Desculpe, falei em termos abstratos. Não é que a Beryl e eu estejamos tentando decidir se a sua vida é economicamente compensadora.

— Não tomei sua fala como pessoal. É uma boa pergunta, só isso. Quanto vale uma vida, em dólares. Quando os recursos não são infinitos, o que nunca são. Quando o dinheiro gasto com uma pessoa não é gasto com outra.

(*Pessoalmente... o valor de uma vida... recursos não são infinitos... não é gasto com outra* — as vogais acentuadas, os erres aspirados, aquilo era música para os ouvidos de Shep, nos quais o sotaque de New Hampshire era a própria trilha sonora do pragmatismo e da proibidade.)

— Não é tão simples assim — disse Shep. — Por exemplo, quando a Twilight Glens economiza cinco paus, dando ibuprofeno genérico a você em vez de Advil, o dinheiro não acaba num hospital de Nairóbi. Mas... a pergunta continua a me incomodar.

— Glynis.

— Sim.

— Você não tem escolha. Tem que fazer tudo que estiver ao seu alcance para ajudar sua mulher.

— Isso é... o esperado.

— Mas, teoricamente — disse o pai, empertigando-se mais na cama e dando uma manifestação de vigor que Shep torceu para não ser encenação —, como você chegaria a um número? É lícito você gastar cem mil dólares com uma única vida, mas não cem mil e um? (A citação dessa cifra risivelmente pequena pelo reverendo despertou um vago sorriso em seu filho.) E os ricos sempre conseguem contornar qualquer limite. Quando se limita o gasto com a assistência à saúde, ele só é limitado para os pobres, na verdade.

Seu pai continuava arguto e, pensou Shep, esse era o tipo de conversa de que sentiria saudade quando ele se fosse.

— Mais importante que isso — acrescentou Gabriel —, como vai a Glynis?

— A química a deixa desgastada. Ela está sempre com raiva e, a esta altura, isso é bom sinal. Meu medo é de quando parar de sentir raiva.

— Não há nada a temer. Ela terá que fazer as pazes: consigo mesma, com você e com todos os amigos e parentes. Sei que é difícil ver as coisas desta maneira, mas a doença grave é uma espécie de oportunidade. Uma oportunidade que não se tem ao ser atropelado por um ônibus. Ela tem uma chance de refletir. Uma chance de se voltar para Deus, embora eu não esteja ansioso por isso. Certamente, uma chance para dizer tudo que ela não gostaria de deixar de dizer antes de partir. Da maneira mais estranha, ela tem sorte. Espero, pelo bem de vocês dois, que este seja um momento em que vocês fiquem muito próximos.

— Duvido que a Glynis pense no câncer como “uma oportunidade”. Embora duvido que eu saiba o que ela realmente pensa. Ela não fala disso, papai. Pelo que sei, continua a acreditar que está fazendo quimioterapia para melhorar. Não há nada desse... dizer as últimas palavras. Isso é normal?

— Nessa área, não existe normal. E que importância teria ela ser anormal, se esse for o seu jeito? As pessoas se agarram à vida com mais ferocidade do que você faz ideia. Ou talvez agora você faça uma ideia.

— Ela sempre foi muito franca. De uma franqueza contundente. Assustadora. E agora, diante da coisa mais importante sobre a qual já teve que ser franca...

— Lembre-se: você não sabe como é. Eu posso ter quebrado a perna e levado um susto, mas também ainda não sei como é. Nenhum de nós sabe, até acontecer conosco. Você não faz ideia de como reagiria. Da mesma maneira, talvez. *Suspende o teu juízo* — acrescentou, num tom que zombava ironicamente de seus próprios sermões, e Shep ficava satisfeito com qualquer inclinação para a suspensão do juízo, já que no passado o pai sempre lhe dera bordoadas com seu julgamento.

— Há outra coisa que eu queria lhe perguntar. Quando você era pastor. Você deve ter tido que lidar muitas vezes com doentes. Na sua época, as pessoas... eram bondosas com eles? Atenciosas? Ficavam firmes, apoiando umas às outras? Digo, até o fim. Até todo o amargo e horroroso fim.

— Algumas sim, outras não. Da minha parte, era meu trabalho ficar ao lado delas. É uma das coisas para as quais serve o ministério, ainda que você mesmo não lhe dê muito crédito — respondeu Gabriel. O carão foi quase bem-vindo. Veio do pai de que ele se lembrava e, na Twilight, isso era um alívio. — Por que a pergunta?

— As pessoas... os amigos dela, até a família. Eles... uma porção deles a abandonou. Fico envergonhado por eles. E esse sumiço de tanta gente, bem, isso fere os sentimentos dela, mesmo que ela finja ficar contente por ser deixada em paz. Ando muito desanimado. Fico me perguntando se as pessoas sempre foram tão... fracas. Desleais. Frouxas.

— Os cristãos aceitam o dever de cuidar dos enfermos. A maioria dos meus paroquianos levava a sério esse compromisso. Os seus amigos laicos têm apenas a consciência moral para instigá-los, e isso nem sempre é o bastante. Não há substituto para as crenças profundamente arraigadas, filho. Elas convocam o indivíduo para o que ele tem de melhor. Cuidar de doentes é um trabalho árduo, e nem sempre é bonito; agora não preciso lhe dizer isso. Quando a pessoa se fia na ideia esfarrapada de que aparecer com uma torta seria *atencioso* — um estranho espasmo de apreensão cruzou o rosto do velho, que fechou os olhos por um instante —, pode ser que essa torta de atum não... não chegue até o forno.

— Papai, você está se sentindo bem?

Procurando a campainha, o pai respondeu:

— Desculpe, filho. Eu sei que você acabou de chegar. Mas terá que me deixar sozinho por um minuto com a atendente.

Passaram-se alguns minutos incômodos, enquanto Gabriel se enroscava, em aguda concentração, e não podia falar. Carregando uma comadre, uma filipina entrou às pressas, com uma roupa branca pouco adequada a seu objetivo. Shep esperou no corredor. A atendente saiu um pouco depois, com uma trouxa

de lençóis. Uma mancha marrom aguada deixou transparecer que ela não havia chegado a tempo.

— Quinze vezes por dia, no mínimo — resmungou Gabriel, de pijama trocado, quando Shep voltou.

— Se você imagina que o corpo se acostuma com isso, está muito enganado. É humilhante.

Shep se remexeu, inquieto, e afastou a cadeira mais alguns centímetros da cama.

— Você pegou algum tipo de germe?

— Pode-se dizer que sim. Um germe do tamanho de um cachorrinho. *Clostridium difficile*. Ou *c-diff*, como é afetuosamente conhecido por aqui.

— O que é isso?

— É uma dessas infecções que tomam conta de hospitais inteiros. Metade dos pacientes desta instituição a tem. As enfermeiras daqui lavam as mãos feito Macbeth, o que, pelo que posso perceber, não faz a menor diferença. Você reparou, até no corredor? Ele cheira mal. Estão me entupindo de antibióticos, mas, até agora, é como tentar derrubar um elefante com um tiro de espingarda de ar comprimido. E é preciso vencer esse troço, já que é o maior obstáculo à minha volta *para casa*.

Um obstáculo ainda maior era Beryl, mas Shep tinha outras coisas na cabeça. Levantou-se, as mãos caídas junto ao corpo, os dedos esticados, tentando se lembrar de todas as superfícies em que havia tocado desde que chegara.

— Não tenho palavras para me desculpar, papai, mas preciso ir embora.

No banheiro masculino do corredor, passou minutos ensaboando as mãos e subindo a espuma pelo braço, abrindo e fechando as torneiras com uma toalha de papel que tirou do porta-toalhas puxando a alavanca com a ponta da camisa. Usou a mesma ponta da camisa para abrir a porta do banheiro.

* * *

— Você me pediu, exigiu, eu diria, que eu viesse aqui visitar o papai — Shep acusou Beryl, depois do banho de vinte minutos ao chegar em casa. — Antes que eu a atendesse, por que não me *disse* que ele estava com uma dessas infecções hospitalares?

— Que importância tem isso?

— Essas cepas de superbactérias são *resistentes a antibióticos*. Não posso me expor a uma coisa dessas!

Beryl fez um ar perplexo:

— Você está bastante saudável. São principalmente os idosos que correm riscos. Entendo a preocupação com o papai, mas não compreendo essa sua preocupação com você. É um risco pequeno para correr pelo seu próprio pai.

— Mesmo que eu não adoeça, poderia virar um portador!

— Bom, acho que isso não é legal, mas, e daí...?

— A Glynis. Está lembrada dela? *Minha mulher*. O sistema imunológico da Glynis está um caco. Uma coisa como o *c-diff* poderia matá-la.

— Nossa, você está sendo terrivelmente melodramático!

— Vou lhe mostrar o que é melodramático — retrucou Shep, e saiu a passos largos em direção ao carro.

* * *

Chegou em casa às cinco da manhã de domingo e tomou outro banho de chuveiro. Jogou as roupas na máquina e girou os botões de lavagem e enxágue para a temperatura máxima. Não gostava da ideia de tentar apagar qualquer remanescente da presença do pai, mas não era hora para sentimentalismos. Pegou

um vidro de antibiótico de reserva que Glynis mantinha à mão, para emergências infecciosas, e engoliu dois comprimidos antes de se enroscar no sofá do térreo para umas duas horas de sono irrequieto. Entrara em guerra consigo mesmo. Suas fezes não estavam moles; na verdade, ele estava constipado, e o sanduíche maçudo da ida para New Hampshire deveria piorar a situação. A ideia de manter uma distância física de Glynis era intolerável. Mas, se houvesse algum risco...

Não podia se dar ao luxo de permitir que a mulher o temesse; era seu principal enfermeiro. Assim, quando Glynis acordou, surpresa por vê-lo tão cedo em casa, ele explicou que, depois de uma visita longa e fecunda, mas cansativa para seu pai, tinha voltado à noite para evitar o trânsito do feriado. Quando não a beijou nem a tocou, ela não pareceu notar, embora o distanciamento pudesse ter se registrado num nível inconsciente. Assim, ele ficou especialmente satisfeito por Glynis ao saber que, para quebrar a monotonia, nessa tarde ela esperava uma visita.

Petra Carson tinha passado por lá com mais persistência que a maioria das amigas de sua mulher, embora essa antiga rival de Glynis na Saguro Art não tivesse carro e precisasse vir de trem da Grand Central. E também insistia em pegar um táxi na chegada e na volta para a estação, mortificada com a ideia de dar mais trabalho a Shep.

Ele não pretendia bisbilhotar, mas, por causa do Dia de Ação de Graças, Isabel não fizera na casa sua faxina regular das quintas-feiras, na semana anterior. Assim, depois de levar Petra até o quarto onde Glynis descansava, Shep voltou à limpeza do banheiro no fim do corredor (o último enema de Glynis tinha feito uma sujeira). Petra devia ter deixado a porta entreaberta, pois a conversa das duas era audível, mesmo acima da televisão, que agora Glynis mantinha com o som baixo o dia inteiro.

Shep sempre gostara de Petra. Glynis podia achar superficial e convencional o trabalho da colega, mas a mulher em si era de uma seriedade e uma rebeldia social que ele respeitava. (Seu segundo casamento, aos quarenta e sete anos, tinha sido com um garoto de vinte e cinco.) Por isso, não seria natural para Petra observar os avisos implícitos de Entrada Proibida de sua amiga; para ela, com um dar de ombros, aquilo eram apenas avisos. Petra o fazia lembrar de Jed, o vizinho impulsivo da casa ao lado, na meninice de Shep. Uma tarde, os dois exploravam a vizinhança e depararam com um campo cercado — o que o pessoal de New Hampshire chamava de mateira — com avisos de “Proibida a Entrada na Propriedade” colados em toda a cerca. “Não podemos entrar aí”, dissera Shep, e Jed havia retrucado: “Por quê?” “Está escrito ‘Proibida a Entrada’”, ao que Jed rebatera: “E daí?” E tinha levantado o arame. Aquele pequeno momento fora uma revelação: a de se abaixar, passando por baixo do arame, e não acontecer nada. Aparentemente, as regras só tinham o poder que a pessoa lhes conferia. Bem, Petra era do tipo que levanta o arame da cerca. Depois de avançar até o perímetro da área de entrada proibida da amiga, mergulhou de cabeça:

— E então, como é? — Shep a ouviu perguntar. — Qual é a sensação? Em que você se apanha pensando?

— Como é o *quê*?

Glynis não ia ajudar.

— Não sei... Enfrentar o inevitável, acho.

— O *inevitável* — repetiu Glynis, em tom azedo. — Você não o enfrenta também?

— No plano abstrato.

— Isto é tudo, menos abstrato.

— Bem, é claro. E é claro que, sim, estamos todos no mesmo barco furado, suponho.

— Então, diga-me você *como é*.

— Você não facilita mesmo as coisas, não é?

— Não é fácil para mim — rebateu Glynis. — Por que eu deveria facilitar para você?

— Só acho que não devíamos passar este tempo, este tempo limitado, falando de rebites.

— Era assim que passávamos o outro tempo: com rebites. Era o mesmo tempo: o nosso tempo, nosso

“tempo limitado”, todo o que existe. Se agora é um desperdício, era um desperdício naquela época. Logo, de acordo com você, deveríamos ter-nos encontrado todas aquelas tardes para falar da morte.

— Talvez tivesse sido um tipo de desperdício diferente.

— Bem, pois vá em frente, se é o que você quer. Fale da morte. Sou toda ouvidos.

— Eu... Desculpe, não sei o que dizer. — Petra pareceu embaraçada.

— Não achei que soubesse. Então, por que eu deveria saber?

Quando Glynis aumentou o volume da televisão, Shep não pôde mais ouvir com clareza a conversa. Suspeitou que aquele tipo de beligerância generalizada, de agressividade e, às vezes, de franca hostilidade se dirigia a muitas das visitas restantes de sua mulher, o que obviamente afugentaria algumas delas para sempre.

Vinte minutos depois, quando Petra apareceu, ele a convidou para um café no térreo. Ela declinou do café, mas disse que umas “dicas” decididamente lhe fariam bem, e despencou no sofá da sala. Shep ficou contente por ela não chamar um táxi na mesma hora. Jackson tornara-se tão carrancudo, intermitentemente calado e, depois, explosivo, que Shep vinha mantendo uma boa distância dele desde aquele jantar. Não tinha muita gente com quem conversar.

— Nossa, está quente aqui! — comentou Petra, sacudindo a blusa. — É por isso que café é a última coisa de que eu preciso. Está a quanto: vinte e sete, vinte e nove graus?

— A Glynis sente frio. Então, que tal uma cerveja?

— Boa pedida, obrigada. Mas, Deus do céu, manter a casa toda neste calor deve lhe custar uma fortuna!

— Custa, sim.

Shep sempre se impressionava quando alguém reconhecia o lado desse pesadelo que era supostamente secundário.

Buscou uma Brooklyn Brown Ale para cada um. Petra não era feia, para uma mulher acima dos cinquenta, mesmo com a camisa cheia de furos de ácido e os jeans folgados, todos salpicados de metal fundente: roupa de estúdio. Como muitos metalurgistas que criavam adornos, ela nunca usava joias. O cabelo era ressecado, as unhas, lascadas e pretas. As palmas das mãos tinham riscas carmesim de colcotar, o composto usado para polimento e apelidado de ruge — a coisa mais próxima de maquiagem que ela usava. Petra era uma dessas pessoas que não pareciam se incomodar com a aparência, ou mais até: que não pareciam se dar conta de serem vistas. Uma qualidade rara e revigorante.

— E então, ela consegue me ouvir, daqui? — perguntou em voz baixa.

— Não. A química fez uns estragos na audição dela.

— Ela não está com uma cara boa, Shep.

— A coisa está ficando bem feia — ele admitiu.

— Acho que quero pedir desculpas. Eu realmente deveria me desculpar com a Glynis, mas acho que ela não deixaria. Não me deixa falar de nada, na verdade, e quando eu tento, fica zangada.

— Não é só com você. E, se você pensa que *aquilo* é ela zangada, experimente mencionar a Forge Craft.

— Como vai indo esse processo do amianto, afinal?

— Tivemos uma porção de táticas de adiamento da Forge Craft, o que era previsível. Mas o que tem impedido o processo de ir adiante, neste momento, é a Glynis. Ela tem que prestar um depoimento, e depois se submeter à inquirição dos advogados da empresa. O depoimento teve de ser remarcado umas duas vezes, porque ficou perto demais da química e a Glynis estava passando muito mal. Mas, numas duas outras ocasiões, ela parecia suficientemente bem, ou tão bem quanto ficaria, e, mesmo assim, insistiu em adiar.

— Eu entendo a procrastinação. Não parece muito divertido. Toda aquela pressão para ela se lembrar de tudo com exatidão, sem se confundir, quando se está falando de trinta anos atrás. Mas é

engraçada a clareza com que ela parece se lembrar de todos aqueles produtos com que trabalhávamos. Digo, estávamos nas mesmas aulas de metal. Para mim, as ferramentas, os produtos do estoque, os materiais, é tudo um borrão. Nem de longe eu me lembro de florezinhas roxas, estampadas com ramos verdes nas luvas de proteção térmica, isso é certo.

— Não quero estragar o seu dia, mas, em tese, você também poderia ter sido exposta ao amianto na Saguaro.

— É, isso me ocorreu. Só que eu tenho uma lembrança estranha...

— De quê?

— Ah, deixe para lá. Não pode estar certo. Devo estar fazendo confusão. É óbvio que a Glynis tem uma memória melhor que a minha.

Petra tomou um longo gole da cerveja e pôs a garrafa em frente à Fonte do Casamento. Por um instante prolongado e incômodo, somente o fluxo gotejante da água encheu o ar abafado e superaquecido.

— Escute — começou Petra. — Eu... eu disse que queria me desculpar. Digo, por não vir aqui mais vezes. Por não manter um contato maior.

Shep se preparou para o amontoado habitual de justificativas: vinha sendo um período tremendamente atarefado para ela, havia as encomendas exigentes que tinham que ser produzidas dentro do prazo...

— Não tenho desculpa — disse Petra, em vez disso. — Tem sido um ano de pouco movimento. Faço meu próprio horário. Eu poderia vir aqui a qualquer hora e o tempo todo. E é óbvio que também não seria o menor problema telefonar sempre. Eu simplesmente não o faço.

— Você tem mantido mais contato que a maioria dos amigos dela.

— Lamento saber disso. Fico surpresa por saber disso. Ela sempre inspirou uma intensa lealdade. A sua mulher é esquisita, mas aquela ferocidade dela, aquela mordacidade, aquela rebeldia cortante, do tipo dane-se... que ela ainda tem, mesmo que, ultimamente, isso a venha tornando um pé no saco, bem, uma porção de gente adora isso. Chega até a se alimentar disso.

— Durante algum tempo — disse Shep —, quando as visitas foram diminuindo, ela continuou a receber uma boa quantidade de e-mails. Você sabe, *como é que você tem segurado as pontas, estamos pensando em você*. Pessoalmente, acho que é um meio de comunicação para covardes. Mas aqueles textos de duas linhas eram melhores que nada, pelo menos. Agora, eu abro o correio eletrônico para ela e é tudo spam. Excetuando a ligação diária da mãe dela, o telefone pode ficar mudo por dias.

Petra pôs uma das mãos na testa:

— Eu tenho uma nota num post-it na tampa do computador. Diz “LIGAR PARA A GLYNIS”, em maiúsculas. Eu a coleí lá em fevereiro. Uns dois meses depois, acrescentei uns pontos de exclamação. Não fizeram a menor diferença. Agora estou acostumada com aquela nota. Era amarelo-limão, mas já está desbotada e meio suja. Faz parte do cenário. Sei o que ela diz, sei por que está ali e penso o tempo todo em ligar para a Glynis, mas não ligo. Em vez de telefonar, fico me sentindo péssima por não ter telefonado, como se a idiotice de me sentir péssima fizesse algum favor a ela.

Ela prosseguiu, depois de tomar metade da cerveja:

— E, é claro, eu apareço uma vez ou outra, e telefono uma vez ou outra, mas, quando o faço, tenho que encostar um revólver na minha cabeça, e não entendo isso. Sei que ela se irritou comigo algumas vezes... Você sabe, ela não produziu muita coisa, o que também não sei explicar, já que é realmente talentosa. Acho que eu devia ter lhe dito isso na cara em algum momento, porque ela é uma designer extremamente original, e, na verdade, tem a execução melhor que a minha... ainda melhor, quero dizer, já que não sou nenhuma desleixada, mas ela é muito perfeccionista. Sei que ela se ressentiu do quanto eu vendo, e também sei que acha que aquilo é porcaria. Bom, eu não acho que é porcaria, então, tudo bem. Sei que as minhas peças seguem a tendência dominante, e é por isso que vendem, aliás. De modo que isso causou um certo atrito. Mas, ei, eu sempre gostei dos nossos atritos. Tínhamos uma energia, juntas. Eu adorava entrar na discussão com ela, debater toda essa história de artesanato *versus* arte, ou até, sei lá,

se radicchio assado é nojento (e é; ganha um tom marrom-arroxeadado medonho). Eu nunca tinha evitado a companhia dela. Por que não tenho sido melhor como amiga? Justo agora, que ela precisa mais do que nunca de mim? Eu devia vir aqui toda semana, ou praticamente todo dia! Ela está *morrendo*, não é?

Shep recostou no sofá com um solavanco. Não estava habituado a ouvir essa pergunta formulada de maneira tão direta.

— Provavelmente. Não diga à Glynis.

— Ela tem que saber. Só pode saber, melhor que ninguém.

— “Saber” é uma coisa engraçada. Ela se recusa a saber. Se a gente se recusa a saber uma coisa, tem que sabê-la primeiro? Ou é possível des-saber as coisas? Ela nunca fala disso.

— Nem com você? Isso me parece inacreditável.

— Talvez não haja nada a dizer.

— Não seja ridículo. A Glynis não pergunta como você vai se arranjar sem ela? Se vai ficar em Westchester, depois que o Zach sair de casa? Eu sei que você detesta isto aqui. Nem o que você pensa sobre voltar a se casar? O que ela acha disso? Ela quer um funeral, e como gostaria que fosse? Quer ser enterrada ou cremada? Há alguma papelada para cuidar, enquanto ela ainda tem chance de deixar as coisas em ordem? Há alguém para quem ela gostaria de deixar uma de suas peças, ou será que gostaria que eu tentasse pôr a obra dela, por menor que seja, numa galeria ou num museu?

— A Glynis não vê nada disso como problema dela. Quanto a deixar as coisas arrumadas e organizadas, acho que ela preferiria deixar tudo numa grande bagunça. Como retaliação. Ela é vingativa, você sabe disso. É uma coisa sedutora, aliás. E depois, talvez ela compreenda a morte melhor do que nós supomos. Ou seja, se ela não estiver aqui, eu não estarei aqui. Westchester não estará aqui. Se a Glynis morrer, tudo morre. Por que ela haveria de se incomodar com a minha mudança ou meu novo casamento, se eu já não existir?

— Mas ela ama você.

— O amor também morre. Às vezes eu acho que ela não está sendo evasiva, nem mentindo para si mesma, nem vivendo num mundo de fantasia. Às vezes, acho que ela é um gênio espiritual.

Petra riu.

— Você é um homem muito generoso.

— É, bom. Isso é mais uma coisa que a Glynis nunca pôde suportar em mim.

— Então, qual é o prognóstico?

— O médico dela diz que não confia em prognósticos. Mas, de acordo com as minhas pesquisas na internet... Bem, desconfio que ela está quase no limite.

— O que significa...?

— Que você tem razão. Que, provavelmente, deve tentar fazer visitas mais frequentes.

* * *

Na noite seguinte, enquanto preparava outro jantar superengordativo para Glynis, nas habituais quantidades otimistas e tomando o cuidado de lavar repetidamente as mãos, Shep pensou em Amelia. Da longa lista de personagens negligentes desse drama, sua própria filha talvez fosse a maior decepção. Era raro Glynis ser mais clemente do que Shep, mas ele mesmo não conseguia relevar com facilidade o comportamento da filha, que Glynis chamava de compreensível e ele considerava estarecedor.

Certo, Amelia tinha enfim voltado à casa em agosto, com o banco traseiro do carro abarrotado de compras de mercado. Tecnicamente, passara a maior parte de um dia em casa, mas gastara quase todo esse tempo preparando uma refeição complicada, composta de canelone (chegou até a fazer a massa), uma sofisticada salada italiana de pão, que exigiu picar uma porção de coisas, e taças geladas de

zabaione. Fazer para a família um jantar rebuscado, a partir do zero, *parecia* um gesto generoso. Mas fazia pouco tempo que Glynis começara a tomar o Adriamycin, e seus remédios contra a náusea eram de eficácia limitada. Portanto, não conseguiria comer boa parte da refeição. O momento era inoportuno; ela passara a maior parte da noite anterior em claro, e os preparativos demoraram tanto que, quando a família enfim se sentou para jantar, ela teve dificuldade de manter os olhos abertos. Pior ainda, alguma coisa nesse exercício extravagante pareceu diversionária. Amelia gastou atentamente as horas mexendo, picando e batendo, enquanto Glynis apagava e despertava no sofazinho, pedindo desculpas por não poder ajudar muito. Com certeza, sua mulher teria ficado muito mais satisfeita se, em vez disso, Amelia tivesse aparecido com um frango Swanson ao molho de creme, congelado, e passado o dia inteiro encolhida no outro canto daquele sofazinho, conversando com a mãe.

Em contraste, sem maior instigação do pai, Zach tinha adquirido o hábito de entrar de mansinho no quarto do casal, depois da aula, e se deitar ao lado da mãe. Shep não achava que os dois conversassem muito. Glynis ficava assistindo ao Food Channel, o que matava Zach de tédio. Apesar disso, fora assim que ele os encontrara mais uma vez, ao voltar do trabalho nessa noite: os olhos de Zach calmamente pousados numa receita de “Salada de Repolho no *Bagel* com Todos os Temperos”, enquanto ele apertava de leve a mão da mãe. Sentiu muito orgulho do filho.

Quando o adolescente entrou na cozinha para fazer um sanduíche, Shep lhe perguntou:

— E então, como foi a escola?

Envergonhou-se de recorrer a uma pergunta que detestava que lhe fizessem quando garoto.

— Um saco — respondeu Zach, evitando o contato visual. — Foi um saco ontem e vai ser um saco amanhã, logo, você pode parar de perguntar isso.

— Desculpe. Eu não tinha alternativa.

— É, você também já disse isso. Então, pode dar um tempo.

Com relutância, Shep havia entrado no quarto do filho, pouco antes do início do período letivo do outono, para lhe informar que eles teriam que tirá-lo do colégio particular. A transferência repentina na penúltima série significaria a separação dos amigos, atividades extracurriculares mais restritas, turmas maiores e instalações menos luxuosas. Pondo tudo para fora de uma vez só, Shep havia acrescentado que eles também não poderiam bancar uma faculdade particular sofisticada; o garoto teria que pensar numa instituição pública e, mesmo assim, teria que pleitear ajuda financeira e obter empréstimos estudantis. Na ocasião, Zach tinha se permitido uma única explosão, que nunca se repetira. Diante da explicação do pai de que os recursos que lhes restavam tinham que ser reservados para as contas do tratamento da mãe, o garoto tinha estourado: “Para quê? Ela vai morrer de qualquer jeito. Então, o que vocês estão comprando? Com uma educação, pelo menos você recebe de volta o valor do dinheiro.”

O filho de dezesseis anos não tivera a intenção de parecer desalmado. Saíra ao pai. Seu raciocínio tinha sido eminentemente sensato.

— A propósito — disse Zach, indicando com a cabeça as coxas de frango ao alecrim que Shep havia acabado de tirar do forno elétrico —, a mamãe disse que chega de frango. Está farta disso.

Shep respirou fundo. Ainda não havia conseguido pôr o sono em dia, tendo tirado apenas um cochilo na manhã da véspera, depois de dirigir por quinze horas. Estava cansado. Mas, dentre os muitos direitos dos quais havia abdicado desde janeiro, um era o direito ao cansaço.

Pôs o frango de lado para esfriar. As coisas de que Glynis estava ou não estava farta mudavam num segundo e, no dia seguinte, talvez ele fosse atraente. Achou no freezer uns bifés de contrafilé e os descongelou cuidadosamente no micro-ondas, com vinte por cento da potência, virando-os a cada sessenta segundos. Fritou a carne. Glynis gostava dela malpassada.

Preparou a bandeja da mulher. Na tentativa de tornar a refeição mais atraente, colheu uns galhinhos de hera na varanda e os colocou com um pouco d’água num vaso de cristal pintado à mão, da viagem que eles tinham feito à Bulgária. Entregou a bandeja e buscou seu próprio prato, para comer na cadeira ao

lado de Glynis. Perguntou-se com displicência se Petra teria razão, se ele devia ficar aborrecido por sua mulher nem sequer perguntar por seus planos para depois — e parou nesse ponto. Depois do quê? Como é que ele poderiam falar em “depois”, se nunca chegavam ao “quê”?

Glynis estava novamente grudada no Food Channel. Era neste canal que agora mantinha ligado durante a maior parte do tempo. Talvez Shep julgasse mais animadora a fixação de sua mulher nos programas de culinária, se a quantidade de comida que ela via na televisão não fosse inversamente proporcional à que ingeria.

— Sabe o que me deixa desconcertada? — disse Glynis, ainda sem tocar no prato, que logo ficaria frio. — É o modo com as pessoas esperam que eu tenha uma espécie de *resposta*. Como se eu devesse ter descoberto o Grande Segredo, e aí tenho que aparecer com uma visão ofuscante, uma revelação de abrir as nuvens, vinda das alturas. Merda, além da química e das drenagens torácicas e das ressonâncias magnéticas, ainda tenho que mostrar o caminho das pedras para todo mundo. É irracional para cacete. Na verdade, é um desaforo. Quer dizer, que fardo para se jogar em cima de alguém que já se sente como vômito de gato: Qual é o sentido da vida? Em que você mudou? Como é tudo, visto daí? Agora que você viu a luz, diga-nos o que é realmente importante. Caramba, eu estou doente, não estou dirigindo um *ashram*. Assim como a minha mãe, todos querem alguma coisa de mim. E aí, quando eu não os atendo, sou uma grande decepção. Fazem com que eu me sinta inadequada, só porque não consigo rastejar até o banheiro para tomar uma lavagem, engolir cinquenta comprimidos por hora e recitar a Bíblia de Gutenberg ao mesmo tempo.

Isso era o máximo que ela se aproximaria de discutir sua conversa com Petra.

— Entendo que possa parecer uma imposição — disse Shep —, mas também entendo por que as pessoas achariam que você pode lhes dizer alguma coisa. Sobre como é enfrentar... algo que elas nunca enfrentaram.

— Bem, elas vão ter que procurar a porra da salvação em outro lugar. A Igreja de Glynis Knacker está fechada para reforma. — Finalmente comeu uma garfada. — O que você fez com o arroz? — perguntou, irritada, enquanto uma moça toda animada na televisão quebrava um ovo cru sobre um steak tartare e fazia uma piada sobre a salmonela.

— Eu o cozinhei no caldo de galinha — respondeu Shep. — Achei que ficaria mais nutritivo.

Substituir a água por caldos era uma ideia que ele havia tirado do canal de culinária.

— Tem um sabor horrível. Não gostei. — Glynis empurrou o prato para a ponta da bandeja. — Prefiro arroz simples.

— Está bem — disse Shep, pacientemente, pegando a bandeja. — Então, vou fazer um pouco de arroz simples.

Deixou seu próprio prato esfriando. Lá embaixo, devolveu o arroz ofensivo à panela. Cozinhou outra porção. Quando ficou pronta, deixou-a descansar, como mandavam fazer em *A alegria de cozinhar*. Pôs uns pedaços de manteiga em cima — meio tablete ou mais — e soltou os grãos com um garfo. Reaqueceu o prato de Glynis no micro-ondas, de novo com vinte por cento da potência, para não cozinhar demais a carne, e voltou ao quarto.

Glynis pôs na boca uma garfada do arroz novo e passou um longo tempo mastigando. Era tudo que comeria dele. Típico. Ultimamente, ela tendia a fazer pedidos muito específicos, às vezes obscuros, de pratos que estava com muita vontade de comer, e nenhuma outra coisa serviria. Shep sempre satisfazia seus desejos. O último pedido fora de macarrão com molho de gergelim à moda chinesa, e decididamente tinha que ser o do Empire Szechuan, em Manhattan. Buscar o prato para viagem, na volta do trabalho para casa, tinha custado a Shep duas horas no trânsito na hora do rush. Do macarrão Glynis também tinha comido uma garfada. Shep acreditava compreender. A ideia da comida ficava cada vez mais atraente, à medida que sua realidade ficava cada vez mais vil.

— Você acha que não estou fazendo direito, não é? — perguntou Glynis, depois de empurrar o prato

quase intacto para a beira da bandeja, pela segunda vez.

— Fazendo o quê?

— Você sabe — ela resmungou com voz rouca. — Espera-se que eu seja gentil. Filosófica. Bondosa. Amorosa e magnânima e valente. Pensa que eu não sei o roteiro? É para eu ser como aquela garotinha de *A cabana do Pai Tomás*. Como é o nome dela? Nell. Abnegada... grande titica.

— Ninguém está lhe pedindo para fazer nada nem para ser de nenhum jeito particular.

— Conversa fiada. Você pensa que eu não sei, mas eu sei. O que você pensa. O que a Petra pensa. O que todo o mundo pensa, isso quando chegam a pensar em mim, o que é — ela tossiu — quase nunca. Ainda por cima, tenho que ter câncer *adequadamente*.

— O simples fato de atravessar o dia já é ter câncer *adequadamente*.

— Ah, que monte de besteira. Isso é uma daquelas *baboseiras*... gentis... blá-bla-blá. Não aguento isso. É como se eu estivesse presa num daqueles sucessos populares dos Carpenters. Olhe só a Petra. Ela costumava brigar pelas coisas em que acredita. Agora, vem aqui e é como se eu recebesse a visita de um pudim de baunilha. Posso dizer o que quiser. *O seu trabalho é uma droga. Você é medíocre*. Ela só faz engolir. No que vocês pensam que eu me transformei?

— Numa pessoa doente, só isso. O que significa que não é você, e sim todos os outros, que têm que ser bons. Gentis. Como você disse.

— Bons? Não é “bondade” me tratar como uma... uma rainha má, que vai lhe cortar a cabeça se você não ficar sempre dizendo que ela é a mais bonita do mundo. E *you* é o pior de todos. Nunca se aborrece comigo! Não me questiona em nada! Posso fazer a grosseria que eu quiser, como a Linda Blair cuspiendo pus verde. Tudo que escuto de volta é: *que pus verde lindo, Glynis! Agora, espere só um instante para eu limpar isso, que depois eu afofo seus travesseiros*. Você é tão interminavelmente bonzinho! Isso me dá náuseas. Toda essa gentileza me deixa *ainda mais enjoada*. Você sempre foi mole. Mas agora, está avançando a toda no caminho de minhoca para *verme*.

Ao agitar a mão por cima da bandeja, no *verme*, Glynis virou o vaso com a hera. O gargalo se espatifou no prato. A água derramou na comida e em cima do lençol. Shep pôs sua bandeja de lado. Colheu com agilidade os cacos de vidro da cama e do carpete.

— Vou pegar outros lençóis para você — prometeu.

— Olhe só para você! Agora, está literalmente de joelhos! Qual é o seu problema? Por que não diz: “Glynis, sua babaca idiota”? Por que não diz: “Glynis, limpe isso você mesma”? Eu acabei de chamá-lo de verme! E o que obtenho como resposta? *Vou pegar outros lençóis para você*. Você não é nem um verme! Um verme tem mais peito! Você virou uma espécie de... de ameba!

Shep levantou-se e pegou a bandeja:

— Glynis, você está cansada, é só isso.

— Cansada, eu estou sempre cansada! E daí?

Havia arroz nos lençóis. Embora estivessem limpos, trocados dois dias antes, secá-los não bastaria. Shep teria de lavá-los.

— Não sei o que você quer de mim — retrucou.

— É isso que eu quero dizer! É sempre o que eu quero. Você já não quer mais nada? Você... desapareceu! Já nem está aí. É um prestador de serviços. Poderia ser substituído por um bom robô japonês.

— Glynis. Por que você está tentando me magoar?

— Santo Deus, que alívio! Só uma centelhazinha de autodefesa. Só um tiquinho. Um traço. Uma pitada. — Deu um peteleco num grão de arroz no lençol com o polegar e o indicador, mas não conseguiu reunir nenhuma força propulsora, e o arroz grudou em seu dedo. — Mas, para responder à sua pergunta, eu vou magoá-lo porque você é a única pessoa em quem posso pôr as mãos. E, talvez, para descobrir se você *tem* algum sentimento que possa ser magoado.

— Tenho muitos sentimentos, Glynis — retrucou ele, mas a entonação foi estoica.

Com os muitos assuntos que Glynis evitava — seu futuro, para não falar na falta de futuro —, muitas vezes Shep se sentira privado de tudo que ela não lhe dizia. Então, talvez ela também pudesse intuir e se ressentir de tudo que ele não lhe dizia.

— Você quer saber o que eu quero? — ela rosnou. — Quero alguém que me deseje. Você já nem trepa comigo.

Shep surpreendeu-se:

— Achei que você não estava disposta.

— Dane-se o que você acha que eu tenho ou não tenho disposição de fazer! Queira alguma coisa por você mesmo!

— Está bem. Vou tentar.

— Mais do mesmo. Submissão. Então, você vai “tentar” me arrebatá-lo. Vai “tentar” me violentar, com o mesmo espírito com que vai “tentar” me dar mais suco de vacínio. Submissão, nada além de submissão! Você acha que isso é sensual? Toda essa *bondade* é nauseante. É tão pouco sensual para mim quanto é para a Carol o chororô derrotista do Jackson.

Shep não sabia ao certo como lidar com isso. Glynis estava com o humor muito volátil. Ele não queria piorar tudo. Mas, se fizesse muita força para não piorar a situação, ia meter os pés pelas mãos com seu próprio cuidado e tornar tudo pior.

— Eu devo me sentir mal por ser bom demais?

Embora a própria hesitação de seu tom pudesse inflamá-la ainda mais, ela balançou a cabeça envolta no turbante, com ar de pena.

— Olhe, você é incrível. A infatigabilidade. A paciência. A dedicação infalível. Sem nunca uma palavra ríspida. Nunca uma reclamação. Trabalhando naquela merda de emprego e cuidando de mim de manhã à noite, ou melhor, da noite à manhã. Um dia desses, espero ver sua fotografia na capa da *Time*. Mas eu não quero um modelo, quero um marido. Sinto falta de você. Não sei onde você foi parar. Achava que você era o mesmo homem que anunciou, há pouco menos de um ano, que ia se mudar para o leste da África com ou sem mim. Para onde foi aquele cara, Shepherd? Eu quero um ser humano! Quero um homem que tenha limites! Que às vezes fique mal-humorado, que às vezes fique ressentido, se não com desejos homicidas. Um homem de verdade, que, ao menos de vez em quando, fique *puto da vida*!

Shep fez força para pensar:

— Fiquei puto com a Beryl.

— E com vinte anos de atraso. Mas estou falando de mim. Quero que você fique puto comigo! Eu me recuso a acreditar que toda essa história de carregar pedra e buscar coisas e ser feito de pateta não o esteja deixando maluco!

— Está bem — concordou Shep, que continuava de pé, segurando a bandeja: lamentavelmente, uma pose de subserviência. — Não gostei muito... — Teria de começar de novo. Glynis tinha razão. O próprio vocabulário desse tipo de discurso estava sumindo da sua cabeça. — Fiquei aborrecido quando você pediu outro arroz.

— Bravo! — provocou Glynis.

Era difícil lembrar como as pessoas falavam entre si, as pessoas saudáveis, os cônjuges. Como ele costumava conversar com Glynis.

— Fiquei aborrecido porque sabia que, se me desse o trabalho de fazer outra panela, você não comeria mais que uma garfada.

— Isso mesmo. — Ela pareceu estranhamente satisfeita, e tudo que Shep tivera que dizer era que tinha ficado chateado. — E foi só isso que eu comi, não foi?

— Foi. E o arroz feito com caldo... eu tinha visto esse modo de preparo na TV. Tinha me lembrado de comprar o caldo de galinha no supermercado. Só estava tentando tornar o arroz um pouco mais

interessante, e melhor para você. Em vez de me agradecer, você me puniu. Disse que o arroz com caldo de galinha tinha um gosto ruim. Isso também me irritou. Porque a verdade é que tudo tem gosto ruim. A verdade é que, em vez de fazer qualquer arroz, eu podia ter misturado mais um punhado de cimento. Para você, é tudo cimento, e a culpa não é minha. Faria uma grande diferença para mim se, de vez em quando, você reconhecesse um pouco mais o duro que eu dou para deixá-la confortável e... para mantê-la viva.

— Pronto — disse Glynis. — Foi tão difícil assim?

Shep se surpreendeu. Começou a chorar. Não havia chorado desde a noite em que lera o prognóstico de sua mulher na internet.

Era provável que ele não tivesse contraído o *c-diff* e, vez por outra, o risco de fazer uma coisa é ultrapassado pelo risco de não fazê-la. Assim, pôs a bandeja no chão. Subiu na cama e se deitou no lado molhado do lençol. Apoiou a cabeça no peito encolhido da mulher. Ela lhe afagou o cabelo. Era provável que Glynis não se sentisse muito bem — o que, como sempre, seria um bruto eufemismo. Mas, pela primeira vez desde aquele jantar delirante no City Crab, Shep teve a impressão de que ela estava feliz. Isso nunca lhe havia ocorrido: que uma das coisas de que mais sentiria falta uma mulher que “recebia alento” dia após dia era dar alento.

CAPÍTULO QUINZE

Mais uma vez, o *New York Times* estava sobre a mesa da cozinha, novinho e sem abrir. Eles tinham uma assadura — *assinatura*, corrigiu-se Glynis, como se isso tivesse importância. Mas, ultimamente, ninguém lia o jornal, muito menos ela. Ficava lá todas as manhãs, em frente à mesma cadeira, onde Shep o colocava ritualmente ao trazê-lo da varanda. Logo, seu conteúdo era um símbolo de mudança, as “novidades”, mas o objeto em si era um símbolo de nada acontecendo.

Azul. O saco plástico em que chegava o jornal era de um azul-cobalto vivo. O fato de o saco plástico do *New York Times* ser azul tinha o mesmo nível de importância das reportagens de sua primeira página. Isso tinha sido uma revelação, se é que havia alguma: tudo era igual. Já não havia coisas grandes e pequenas. Afora a dor, que havia assumido uma posição elevada de incrível santidade, todos os assuntos tinham a mesma importância. Portanto, essa tal de importância já não existia.

Uma experiência. Sentar diante do jornal. Como nos velhos tempos, quando também tomava uma xícara de café. (*Eca, como era possível, francamente? Eca!*) Impossível recuperar os velhos tempos. Pensando na ginástica com step na Y: *Pior que café. Como era possível? Eca.*

Difícil sentar ereta. Difícil enxergar as letras. Ficavam escorregando. Nenhum problema com a visão, na verdade. Os olhos ainda funcionavam — uma das únicas partes do corpo que funcionavam. Olhos, *em foco*, ordenou. Por um momento, as letras borradas ficaram quietas. “Estudo não Constata Ligação entre Dieta de Baixas Calorias e Câncer ou Cardiopatias.” Hum, pensou, sem ânimo. Houvera época em que ficaria aborrecida; todo aquele queijo cottage aguçado, o leite desnatado azulado que deixava seu café cinza: um desperdício. “Toque de Recolher Põe Fim a Três Dias de Tumultos Sectários...” Iraque. Ou podia ser outro lugar, e quem se importava? Um dia ela podia ter feito distinções, mas agora todas as guerras eram a mesma. Ruído de fundo. Sempre havia guerras, e era impossível detê-las, então, não se devia ter o trabalho de tentar. Quando uma parava, começava outra em outro lugar, portanto, bem que podiam continuar brigando onde estavam. Era meio misterioso para Glynis que as pessoas se agitassem com alguma coisa a ponto de aquilo realmente justificar uma saída de casa.

Incrível, houvera época em que ela se sentava nessa cadeira todas as manhãs, sem falta, e virava todas as páginas do primeiro caderno. Sempre lia o caderno de cultura também, procurando críticas a exposições de pessoas conhecidas (na esperança de que fossem ruins — com o que era de se presumir que se sentisse mal, mas não se sentia). Recortava receitas do caderno de Culinária, às... terças-feiras? Quartas. Em contraste, seu marido raramente dava mais do que uma folheada superficial no jornal. Assim, durante o jantar (*Jantares de Antes, comida como prazer: dados não mais disponíveis; prazer: dados não mais disponíveis*), ela regalava Shepherd com os detalhes chocantes de uma reportagem sobre...

O quê? O que a Glynis de Antes depreciava? Impressionada consigo mesma, pensou: os planos de reconstrução do World Trade Center. Como uma comissão estava estragando o projeto daquele sujeito... *Não consigo lembrar o nome do arquiteto. Ou melhor, não consigo me importar o bastante para me lembrar do arquiteto.* (Outra revelação: antes, nunca lhe ficara claro que pensar era um esforço. Que os pensamentos exigiam energia. Poucos daqueles pensamentos antes formulados com empenho, como se

viu, mostraram-se dignos dessa energia. Nem mesmo este: ela poderia viver sem ele. E essa era a norma de tudo, agora: meramente viver, estar viva. Mas começava a escapar o que vinha a ser estar viva, exatamente. Era bem possível, por exemplo, que viver fosse primordialmente definido pela capacidade de sentir dor e, nesse caso, era confuso saber por que se valorizava tanto esse estado.)

Isso mesmo; houvera determinada noite. Ela ficara animada. Antes, ela e Shepherd tinham comparecido à exposição pública dos projetos que competiam pela substituição das torres gêmeas. Das sete maquetes exibidas no centro da cidade, Shepherd, como era típico, havia preferido um treco quadrado, um arranha-céu convencional. Glynis havia adorado uma outra, a do fulano de tal, um estrangeiro. Quase conseguia evocar a imagem: uma montagem fractal dinâmica — complexa, cristalina, como uma explosão de quartzo. Milagre civil nada insignificante, seu projeto favorito acabara sendo selecionado como o que mandariam construir.

Era por isso que ficara tão irritada naquela noite. Um artigo do jornal da manhã havia informado que aquela criação atrevida, inspirada, tinha sido sistematicamente submetida a um assassinato pela tal comissão. Um a um, todos os elementos do projeto que haviam tornado a maquete singular, estimulante, incomum, tinham sido cortados e embotados, tornados sem imaginação, corriqueiros. Os ângulos agudos tornaram-se perpendiculares. Todo o estilo tinha sido esvaziado dos planos originais do projeto vencedor, assim como todo o estilo fora esvaziado da própria Glynis, até ficar desgracioso, pesado — sim, era disso que Petra havia chamado a espátula para peixe: *pesadona*. Sem alegria, sem exultação, sem jocosidade, o novo World Trade Center seria um monumento à Glynis de Depois.

A lembrança vinha e tornava a ir embora: a de ter ficado ofendida, indignada, por causa de um edifício. Porque, naquela época, ela se importava com a aparência das coisas, de tudo. A linha das coisas, de tudo. Talvez tivesse sido maravilhoso ter essas paixões. Não conseguia se lembrar de ler o jornal e se emocionar com as matérias. Agora, era incompreensível que algum dia ela se houvesse sentado e lido do começo ao fim uma matéria sobre a Bulgária. *Bulgária*. Era espantoso que ainda conseguisse evocar essa palavra.

Seria possível se lembrar de verdade de alguma coisa que já não se conseguisse vivenciar no presente? A própria pergunta começou a deslizar, como as letras da primeira página, no instante em que ela a formulou. Forçou-se a pensar com clareza, *não. Não é possível*. Antes que a minúscula distração mental rolasse pela mesa e caísse no chão, Glynis teve uma pálida ideia: *isto quer dizer que tudo o que estava armazenado na minha cabeça apodreceu*. Era como se tivesse guardado seus preciosos bens de família num sótão cheio de vazamentos, onde eles tivessem sido roídos por camundongos, amolecidos pela umidade, apodrecidos pelo mofo. O enamoramento por Shepherd — a primeira ida dele a seu apartamento como faz-tudo, para construir a bancada presa no chão — ficara sarapintado, coberto de manchas, úmido. Ela não conseguia evocar a sensação do desejo. Tecnicamente, era capaz de se lembrar de ter-se extasiado com aqueles braços grossos, cheios de veias, mas só como um dado inerte, como a capital do Illinois. Sua exposição solo no SoHo em 1983 — a satisfação trazida por ela, a esperança gerada sobre o futuro, a ambição impulsiva que ela simbolizava, a bebedeira comemorativa hilariante na Little Italy, depois da inauguração... tudo transformado numa pasta monocromática, como livros enfurnados sob o beiral em caixas de papelão mole, não mais legíveis, a tinta escorrendo, as páginas grudadas, as capas retorcidas. Lembrar era uma experiência mais ativa do que ela havia... lembrado. Só se podia reconstruir o passado com os tijolos do presente. Para recordar a alegria, era preciso ter alegria à mão. Portanto, para ressuscitar a comemoração na Little Italy depois de sua exposição, ela precisaria dispor imediatamente de satisfação, esperança, ambição, hilaridade, embriaguez. Produtos que estavam em falta no armazém. Só o que lhe havia restado eram as palavras, como etiquetas sob prateleiras vazias. O armazém só guardava mal-estar, pavor e — poupada para ocasiões especiais — uma ou outra caixa fechada de fúria. Apenas uma caixa fechada continha não fúria, mas autorrecriação, uma autoacusação negra e grudenta, e que estava vazando, espalhando-se continuamente, como alcatrão quente não

endurecido.

Talvez isso fosse uma bênção, essa incapacidade de lembrar-se realmente de alguma coisa. Porque, se pudesse se lembrar, ela desconfiava que a perda que mais lamentaria seria o importar-se. A Glynis de Antes investia profundamente em tudo, desde a disposição dos camarões em espiral numa travessa até um único arranhão persistente num pretense acabamento espelhado. A Glynis de Antes fazia uma superfície praticamente impecável, daquelas em que a gente podia se maquiuar no reflexo, voltar do ruge para a lixa cem, para removê-lo, e mais uma vez passar arduamente pelas lixas de espessura duzentos, trezentos, quatrocentos, tomando o cuidado de usar cada espessura em sentido perpendicular à anterior, e em seguida pelo polidor, e depois de novo pelo ruge, até um polimento final furioso com a flanela do ruge. Levava horas, e suas mãos doíam, as articulações dos dedos inchavam — tudo para eliminar um pequeno arranhão. Portanto, ela devia ter se importado muito. Não sabia mais qual era a sensação de se importar, e não se pode sentir falta daquilo que não se consegue imaginar. Portanto, a seu modo, o não se importar estava bom. Era só o que ela sabia.

A Glynis de Antes tornara-se uma espécie de mistério para a Glynis de Depois — como aquele tipo de parente vagamente exasperante com quem se tem poucas coisas em comum e sobre quem só se tem alguma opinião, para começo de conversa, por haver, casualmente, um parentesco consanguíneo. (Será que eles o tinham? Um parentesco consanguíneo? Não mais, podia-se argumentar. O sangue em suas veias fora substituído diversas vezes. Glynis já não era parenta “consanguínea” nem dela mesma.) Essa Glynis de Antes, ela depreendeu, tinha sido uma mulher que gostava do luxo de vastos períodos de tempo não estorvados por nada, nem pela necessidade de ganhar dinheiro, como Shepherd vivia martelando, nem tampouco — e era só isso que importava, como se viu — pelas imposições do corpo. Aquela tinha sido uma mulher que estava “bem”. (Talvez mais que qualquer outra qualidade, esse estado teórico escapava à apreensão da Glynis de Depois. Mas apenas como experiência. Como conceito, ela compreendia melhor que qualquer pessoa no planeta o estar “bem”. É que a Glynis de Depois descobrira um segredo terrível: *Só existe o corpo. Nunca houve nada senão o corpo. “Estar bem” é a ilusão de não o ter. Estar bem é a fuga do corpo. Mas não há como fugir. Portanto, estar bem é um adiantamento.*) O que a Glynis de Antes, a Glynis Bem, a Glynis Pré-Ficar-Inexoravelmente-Nauseada-A-Qualquer-Momento, fizera com sua benesse, com sua dádiva da ilusão, prestes a ser revogada, de que ela não era um corpo, afinal, um corpo e apenas um corpo?

Ela fizera levíssimas tortas de limão com merengue, de altura quase igual à largura da base. Salpicadas de ondinhas de crista dourada, agora as cúpulas brancas erguiam-se em sua visão mental como realizações puramente arquitetônicas, como as maquetes de... *Daniel Libeskind*. (Ela se lembrou. O nome do novo arquiteto do World Trade Center era Daniel Libeskind. Um triunfo. Um daqueles momentos de vitoriosa lucidez mental que diferenciavam um “bom” dia do resto.) Fugazes, destrutíveis, frágeis e destinados a ser devorados vivos, agora esses projetos culinários causavam pasmo, como se essa mulher adulta tivesse passado o tempo fazendo cavalinhos de massinha Play-Doh ou construindo pirâmides com cubos de letras que ela derrubaria no fim da tarde. Glynis andara trabalhando com o *material errado*.

Criara filhos, mas a Glynis de Depois tinha sentimentos surpreendentemente neutros também a esse respeito. Eles não eram como as tortas. Glynis não os fizera. Eram os pais que pensavam ter feito os filhos que ela reprovava, na época em que tinha opiniões. Zach e Amelia eram ótimos, Glynis não tinha problemas com eles, mas, no sentido mais gentil, eles realmente não tinham nada a ver com a mãe.

Ela havia limpado coisas que só faziam voltar a ficar sujas. Ninguém jamais punha numa lápide “Aqui jaz etc. etc. que esfregava o chão da cozinha”.

Mas, além de tortas, filhos e pisos, era difícil dizer com precisão de que maneira a Glynis de Antes havia preenchido seu tempo. Especificamente, o que não tinha preenchido seu dia médio era a metalurgia. Esse era o foco da perplexidade.

A Glynis de Antes havia frequentado a escola de arte. A Glynis de Antes era muito habilidosa, e

levava muitos anos de precioso bem-estar físico para se tornar habilidosa.

Afastando o jornal — não tinha nem passado os olhos pela primeira página —, ela se arrastou até a gaveta da cozinha reservada para seus próprios talheres e utensílios. De volta à mesa, desenrolou lentamente as peças do feltro que as protegia. Ao fitá-las com olhos baços, perguntou a si mesma se era possível fitar “de olhos baços” objetos tão brilhantes. A sensação que eles lhe proporcionaram não poderia ser chamada de orgulho, já que esse era mais um produto em falta no estoque, como se ela morasse num daqueles países do antigo bloco soviético onde se passava horas numa fila, por ter corrido o boato de que uma única loja tinha lâmpadas. Mesmo assim, ao contemplar seu trabalho manual desconcertantemente escasso, alguma coisa a comoveu. Talvez fosse possível chamar de saudade. Glynis havia amado o marido, ou, pelo menos, dispunha-se a admitir que tinha amado o marido, como um fato do estilo capital de Illinois. Mas esses reluzentes artefatos de prata eram o centro. Sempre tinham sido o centro. Eram, pensou anemicamente, aquilo com que eu me importava. O importar-se já não existia, mas seus resultados ainda cintilavam no acabamento do metal.

A Glynis de Antes importara-se acima de tudo com o metal. Logo, a Glynis de Depois se importaria com metal se pudesse importar-se com alguma coisa. Não tinha certeza, mas talvez isso significasse que ela ainda era capaz de se importar, que ao menos ainda era capaz de se importar com o não se importar.

Não depunha necessariamente a seu favor ter se identificado com um material tão duro e frio. Esperava-se que a pessoa se importasse com gente. Isso mesmo, esperava-se que ela visse a casa pegar fogo e apertasse as mãos das pessoas queridas na calçada, talvez sentindo uma fisgada por causa dos livros e das roupas e da porcelana, mas radiante por reconhecer que havia retirado lá de dentro os bens realmente importantes, que ainda tinha a família. Mas Glynis seria capaz de enfrentar a casa em chamas para resgatar a espátula de peixe enquanto pensaria duas vezes antes de arriscar a vida por um bebê. Isso a tornava aterradora. O que não a inquietava. Glynis — tanto a de Antes quanto a de Depois — era indiferente a causar boa ou má impressão. Importava-se com a forma. Nunca dera a mínima para a virtude. Nunca fora especialmente interessada em outras pessoas, pensando bem, e agora não tinha que fingir nada diferente. Essa era uma coisa boa: a libertação. Agora ela podia ser do jeito que quisesse. Podia ser uma mulher capaz de salvar uma espátula de peixe e largar um bebê.

O metal era tudo que tinha de seu.

Por que não havia mais peças? Estranho, isso era estranho: durante anos, em seu íntimo, ela pensara em si mesma como uma diletante. Os outros, os picaretas como a Petra, e sua própria família, que ela não salvaria de um prédio em chamas, pensavam que ela não sabia que era disso que a chamavam pelas costas: uma amadora, ou, usando o máximo da gentileza, um ex-sucesso. É claro que Glynis sabia. Mas, e o que eles não percebiam? É que também era assim que ela havia pensado em si mesma. Com desprezo. No entanto, ali nesse cruel lugar terminal, vinha a descoberta inútil de que ela agira com seriedade o tempo todo. De que não valorizava as tortas nem o piso nem os filhos, ou não desse jeito. A espátula de peixe contorcida, os fachis de prata com uma pequena bossa na ponta, o pegador de gelo de modelagem delgada com seu engaste sedutor de cobre e titânio, o par de talheres para salada com vidro carmesim engastado nos cabos, o reluzente vidro vermelho trabalhado a maçarico escorrendo pela prata, como se a pessoa tivesse cortado a mão... Esses objetos eram e sempre tinham sido o objetivo de sua existência.

Todos se perguntavam o que fazia Glynis conseguir atravessar cada dia, e ela não contava. Estava atravessando um deserto sem água, mas do outro lado ficava o oásis da Glynis de Depois de Depois, a mulher que ela sempre fora e voltaria a ser, só que melhor. O que a fazia seguir adiante era a visão da última quimioterapia, Goldman anunciando triunfalmente que ela havia terminado, que aquela coisa repulsiva seria lavada de suas veias, do mesmo jeito que Shepherd lavava anualmente os detritos e o lodo daquelas suas fontes idiotas do lado de fora. Dia a dia, o xixi dela perderia aquele cheiro cinza-pálido de concreto molhado, as alarmantes cores erradas de tudo quanto era substância química que a vinha destruindo mais recentemente, como vermelho-cereja ou azul-malva. Não, no fim, seu xixi voltaria

ao ensolarado amarelo úrico e exsudaria aquele odor argiloso e penetrante que, estupidamente, os outros achavam ofensivo, e que ela nunca havia percebido que era precioso e lindo. Glynis dormiria a noite inteira e teria bons sonhos e levantaria cedo, antes até do Shepherd, e subiria imediatamente de mansinho para o estúdio no sótão. Onde permaneceria o dia inteiro. A prata obedeceria. Sua produção seria assombrosa. Shepherd teria medo de que ela estivesse trabalhando demais. Shepherd queria fazer suas “viagens de pesquisa”, mas ela diria não, tenho que trabalhar; vá sozinho se quiser...

Ele andara planejando ir sozinho! Aquele traidor, para Pemba, a tal Pemba que era um ponto minúsculo no mapa, uma ilha sórdida, de sandálias havaianas, superando vinte e seis anos com sua mulher...

Pare. Ele está pagando. Estava pagando o preço por isso. Continuaria pagando, e devia pagar. E também pode ter certeza de que nunca vai parar de pagar, como aqueles devedores de cartões de crédito pendurados por um valor principal tão grande, que nunca podem fazer mais do que pagar os juros, e a dívida continua inflexível, irreduzível... Um tanque de areia, imagine. Ninguém senão Glynis compreendia que seu marido era louco, e afinal, de onde vinha toda aquela insatisfação? O que havia de tão errado na sua vida que ele tinha de fugir dela, fugir da própria Glynis, traí-la? Na verdade, nos últimos tempos, ele andava trôpego por ali, todo murcho, todo humilde, mas ele podia sair, não é? Podia simplesmente sair dirigindo o carro, ir ao cinema se quisesse, ou ir ao supermercado, e nem compreendia que isso era um privilégio — sim, o supermercado, por incrível que parecesse, era mais um privilégio! Glynis o apanhara fazendo flexões... Flexões! Ele ainda podia fazer flexões! E reclamava de quê? Reclamava implicitamente, fingindo não reclamar, mas ela ouvia aquele resmungo subterrâneo de autocomiseração, de nobre sacrifício, de subjugação prostrada e, em surdina, admiração por si mesmo, e maquinações. Tramando! Ele estava tramando! Tinha uma imagem completamente diferente do Depois de Depois, *como se ela não soubesse*. Quando tudo “acabasse”, mas Glynis sabia o que ele queria dizer com “acabar”, sabia o que, ou melhor, quem ele esperava que “acabasse”, e suas tramas, seus planos não a incluíam, não a punham no sótão, de volta a seu maçarico, seu polidor, seus poderes...

Pare. Pense em Depois de Depois. Faltavam mais seis sessões de químio. Não era justo, é claro. Eles tinham dito nove meses, nove meses de tratamento. Os nove meses tinham passado. Ela já devia ter terminado e estar do lado de lá. Mas todas as transfusões, a anemia, as semanas de “você não está forte o bastante”, haviam feito aquele troço extenuante se arrastar. Era fevereiro, ela devia ter acabado! Calma. *Eu devia ter acabado?* Não. Quieta. Agora mais calma. Agente firme. Termine a série. Seis. Mais seis. Concentre-se no outro lado. Concentre-se. No outro lado...

É que a Glynis de Depois de Depois estaria “Nova e Aperfeiçoada!”, como um detergente em nova embalagem. Porque agora ela compreendia. Guardaria sua compreensão para o outro lado. Todos haviam clamado por esclarecimento, e ela havia negado estar a par de qualquer esclarecimento, mas houvera uma espécie de iluminação, e eles não podiam ouvi-la porque era segredo. Porque Glynis tinha pagado muito caro por ela, e isso era seu.

Viu? Nunca houvera nada a temer. Criar coisas, começar aquele corte inicial da serra na borda de uma nova lâmina de prata, sempre tinha sido apavorante. Glynis tivera medo de se decepcionar, de apenas erguer um monumento a suas limitações, porque também tinha avaliado suas peças acabadas como mirradas, dotadas de qualidade apenas até certo ponto. Bem, sim. É claro. Mas agora, percebia que as limitações delas eram parte de sua beleza. Ou seja, a tendência de Glynis a sempre desenhar utensílios sutilmente parecidos, aquela pequena rotina a que ela havia resistido, aquele desespero no final, ao reconhecer que os talheres de salada ainda tinham um jeito meio profundamente aparentado com o pegador de gelo, apesar da inclusão inovadora do vidro trabalhado a maçarico, e até sua tendência a cometer os mesmos erros, tudo isso era parte integrante do que tornava seu trabalho algo específico de Glynis Pike Knacker. O artesão sem limitações não tinha identidade. Podia fazer qualquer coisa e, portanto, nada. Logo, as limitações também eram pontos fortes. Além disso, agora ela também se dava

conta de que, se fizesse algo que não ficasse direito, poderia consertá-lo. Não havia nenhum risco, nunca houvera. Ao contrário, havia apenas um risco: não fazer nada. Ceder à sedução do não formado, do vago constructo mental que era, por isso mesmo, infinitamente aperfeiçoável e, em tese, infinitamente refinado. Ela por fim entendeu: a concepção é acidental, a execução é tudo. E Glynis tinha olho para a coisa. *Era mestra do metal*. Em comparação, os materiais dominados pelos outros — barro sujo e flexível, nada além de terra molhada, na verdade; ou madeira, pedaços de cadáveres da matança de plantas — eram todos menores, tristes, tímidos, fáceis e pequenos. Glynis tinha certo respeito pelo vidro. Mas eram os peritos no metal que dominavam o mundo.

Fazia muito tempo que pensava num cabo de faca que pudesse ser fixado numa boa lâmina Sabatier, depois de retirado o seu medonho cabo preto — ou talvez ela pudesse encomendar uma lâmina estreita de aço inoxidável de ponta perigosa, ilegalmente afiada. Para o cabo, algo delicioso, voluptuoso, uma criação sensual em prata de lei maciça, com peso e ondulação, com uma liga perfeita, e sutilmente, infinitesimalmente não muito reta... Uma linha desfilou por sua cabeça, entrando e saindo como um fio de alinhavo.

Afinal, os utensílios da violência eram atraentes. Ela podia ver a Glynis de Depois de Depois desenhando tão somente bainhas para armas, jogos de facões, bastões, socos-ingleses com incrustações de diamantes finos e reluzentes, para causar estragos ainda maiores, ou até instrumentos de tortura — não apenas facas de esfolar com um delicado trabalho em filigrana, mas também os instrumentos da sua própria tortura. Uma réplica em prata brilhante das bolsas de veneno que por meses haviam balançado acima de sua cabeça, penduradas num suporte para soro; suas dobras espelhadas de prata captariam a luz. Talvez ela pudesse enfrentar o pior de seus pavores, já que, para Glynis, o caminho do controle e da posse de qualquer coisa era funcionar como Midas, transformar tudo que tocava em metal, naquilo de que era feita, que havia amado e conhecia. Assim, também poderia fabricar uma réplica perfeita e reluzente de uma seringa, inclusive com um êmbolo funcional, cuja mecânica lisa e suave deslumbraria as galerias, com sua agulha assustadoramente atenuada, feita em ouro branco, para o mercado de luxo. Porque havia um mercado. Ela o conhecera no Columbia-Presbyterian, o mercado de todos aqueles “companheiros” de sofrimento, injetando a morte em cadeiras reclináveis sinistramente cômodas. Os que nunca se calavam, que passavam horas tagarelando nos celulares e tinham sorte por Glynis não possuir um revólver. Todos ansiosos por quinquilharias, mimos que distraíssem, e pela ilusão do significado. Ela seria capaz de criar uma linha completa de utensílios de metal para pacientes cancerosos.

Como Shepherd, também tinha planos, mas eram planos respeitáveis. Não os planos de um covarde cansado, ou que se achava cansado, mas não tinha a menor compreensão do cansaço. Não os planos de um fraco que só queria se livrar do sufoco, que estava só esperando, esperando o desfecho, esperando sua libertação, planejando a libertação, escavando em silêncio de madrugada, quando pensava não haver ninguém olhando, feito um detento de Alcatraz com uma colher.

Nada de colheres; eram quentes e envolventes demais, muito arredondadas e peitudas e seguras. Mas a cabeça de Glynis já estava entulhada de novo, com tudo o que faria a Glynis de Depois de Depois. Coisas afiadas, coisas agressivas, coisas intransigentes. Começaria pela faca. Poderia começar agora mesmo com o desenho da faca, já se adiantando ao Depois de Depois. Porque não havia um minuto a perder. Seu pobre marido havia acumulado equivocadamente os seus tostões, quando a única moeda gasta por eles que tinha alguma importância era o tempo.

Fazendo o que realmente era um esforço espetacular, que seria interpretado pelas pessoas de fora como um banal levantar-se da cadeira, Glynis buscou o lápis e o bloco que estavam junto ao telefone. Voltou para a mesa da cozinha, arrastando os pés. Tentou virar para uma página em branco. Virar a página levou séculos. Ela não conseguiu levantar o canto com o dedo e acabou recorrendo a levantá-lo com a borracha. As mãos... (As mãos, não *suas* mãos; se tanto, elas eram suas donas. Era isso: agora estava tudo errado nas referências ao “seu” corpo, pois o corpo era dono de Glynis, na verdade; o corpo possuía a

gente, não o inverso.) Bem, as mãos estavam tão dormentes que ela poderia acertá-las com o catálogo telefônico sem o menor sobressalto. As unhas também estavam escamando, pipocando, parecendo saltar de seus dedos como as fichas de plástico de um joguinho infantil — estriadas, deformadas, tão escuras que eram quase roxas. Pareciam os dedos de um fumante inveterado que gostasse de fazer reformas em casa e fosse propenso a dar com o martelo nas unhas, em vez dos pregos. (Glynis as futucava quando Shepherd não estava olhando. Elas sangravam. Não devia fazer isso. Mas mexer nas unhas levantadas, futucar doentivamente embaixo delas, podia mantê-la absorta por horas.) As unhas dos pés eram ainda piores, porque não havia nenhuma; os leitos ungueais a olhavam fixo e sem alma na cama, cegos, como dez globos oculares vazados — minuto após minuto após minuto após minuto após minuto, até o fim.

O lápis parecia uma pá. Quando Glynis arrastou a ponta pelo papel, o rastro bamboleante de grafite não teve a menor relação com a linha nítida em sua cabeça — seu cabo ondulante de faca, como um utensílio de cozinha feito por Henry Moore. Assim, ela abandonou o desenho do cabo para traçar primeiro a lâmina, mas ela também saiu vacilante — franzina, trêmula e caída, com a parte pontiaguda parecendo côncava.

Glynis era capaz de desenhar melhor que isso quando tinha três anos. Num derradeiro esforço matinal, puxou a folha, não conseguiu arrancá-la da encadernação de borracha, e se contentou em riscar a imagem embaraçosa, com um rabisco cujo traçado tênue mal captou sua raiva.

* * *

Acordou com o rosto achatado sobre a mesa da cozinha. Os rabiscos no bloco não fizeram muito sentido. Engraçado, o pedaço dos destroços mentais que havia restado do ciclone matutino de reflexões fugidias era uma ideia clara: “fontes idiotas do lado de fora”. Glynis se retratou. Isso tinha sido mesquinho. Na verdade, adorava as fontes de Shepherd. Eram meio birutas, mas vinham do lado biruta de que ela gostava no marido.

Ao lado do bloco havia um prato de salada de macarrão, colorida por pedacinhos de pimentão-doce vermelho e salsa, junto a meio sanduíche de atum com maionese demais. Nancy, que tinha a chave. Que bênção ter escapado daquela gentileza. Não ter que ser grata pela bondade. Mais que tudo, não ter sido forçada a comer essa porcaria.

Devia ser de tarde. Sexta-feira. Era para ela receber uma visita. Comumente, isso seria uma perspectiva odiosa, mas essa era uma rara visita que ela não se incomodava muito em receber. Flicka. As duas se pareciam. Que estranho ela ter agora mais coisas em comum com uma garota de dezessete anos do que com a mãe vigorosa da menina, com seus seios fartos.

Tateou até o segundo andar, uma mão à frente da outra no corrimão; ninguém jamais saberia a energia que ela teria de gastar para pôr um vestido limpo de veludo de lã. A meio caminho do lance de escada, ficou arfante e parou, apoiando-se na balaustrada para recobrar o fôlego. Respirar: ultimamente, por alguma razão, toda vez que ela inspirava, era tarde demais. A respiração demorava muito; ela havia precisado do ar dessa inspiração na anterior. Os pés doíam, estufados dentro dos chinelos felpudos, a pele esticada por causa do edema e começando a rachar. Não devia ter pegado no sono naquela cadeira dura da cozinha; a pressão nas nádegas tinha agravado os machucados dos dois lados do ânus, porque, nas raras ocasiões em que eliminava fezes da maneira normal, o processo deixava buracos de queimadura na bunda. Cocô tóxico, *Toxic Poo*. Parecia nome de banda de rock, ou de alguma terrível sequência ecológica contemporânea dos livros de A. A. Milne sobre o Ursinho Puff.

Meias soquete, para esconder os tornozelos inchados horrorosos. Gorro de lã. Não convinha perturbar as visitas com a cabeça careca.

Voltando ao patamar, subiu o termostato mais dois graus, sem olhar para os números, sem se importar

com os números. Estava sempre com frio.

Três e meia. Carol tinha dito quatro horas. Sem nada melhor para fazer, Glynis espiou pelas janelas do vestíbulo, à procura do carro. O que viu, em vez dele, inundou-a de um nojo pavloviano, conhecido, irremediável.

Um dos vizinhos, correndo. Com a malha chique de moletom riscado, os tênis chiques com mais risquinhas. Uma faixa vistosa na cabeça. Todo cheio de si. Exsudando a mesma autocomiseração sub-reptícia, mesclada de autofelicitação, que ela detestava no marido. Com o agasalho chique para combinar e luvas esportivas especiais, ele corria em torno do campo de golfe. Irradiando uma disciplina viril. Decidido a não se deixar desanimar pelo vento cortante de fevereiro, com uma insinuação de neve. É, claro, corra até explodir, seu babaca santarrão. Acha que eu não corria? Espere só. Você vai ver. Um dia, quá-quá-quá, você vai fazer um *checkup de rotina* e o médico vai lhe fazer uma arenga pomposa e cansativa, cheia de termos derivados do latim, e pronto, você não vai mais correr em volta de campo de golfe nenhum; vai agradecer à sua boa estrela se ainda conseguir levantar da cama. Portanto, corra, corra, corra. Por enquanto. Porque, não se deixe enganar, só não aconteceu *ainda*.

Às vezes, Glynis lamentava que o mesotelioma não fosse contagioso.

Certo, ela mesma tinha frequentado aulas de ginástica e instituído uma multiplicidade de regimes de exercícios para manter o que agora lhe fora roubado, não por falta de disciplina, não por complacência ou relaxamento, não por preguiça ou falta de determinação. Durante aquelas horas de malhação, também se imaginara exercendo sua força de vontade, às vezes até o limite máximo. *Errado*. E essa era a fonte central do desdém que o vizinho lhe inspirava, ao contornar a colina pelo alto e descer pelo lado oposto. Ele pensava estar se “esforçando”, quando, exatamente nessa tarde, Glynis precisara de *cinquenta vezes aquela força de vontade só para subir a escada*. Ele julgava estar “enfrentando as forças da natureza”, mas não era capaz de reconhecer como era branda uma mera ventania de fevereiro, comparada ao vento perverso que cortava o corpo dela por dentro. Julgava estar se obrigando a fazer uma coisa que não queria particularmente fazer, e não percebia que queria correr, sim, que correr, como ir ao supermercado, era um privilégio. Pensava estar construindo sua resistência, mas estava a caminho de uma grande surpresa, na chegada do seu próprio navio portador da peste, quando então descobriria não ter acumulado um pingo do tipo de resistência exigido pelas novas circunstâncias desagradáveis. Ele pensava, hilariamente, estar superando a dor.

Glynis, é claro, já não podia correr da varanda à caixa de correio. Mas, neste último ano e pouco? O câncer havia exigido resistência de verdade, disciplina de verdade, força de vontade de verdade, comparadas às quais uma aulinha de *step* ou uma corridinha em volta do campo de golfe eram uma piada.

A meia hora de espera levou um século para passar. Como era desconcertante descobrir que o tempo era tão precioso no exato momento em que cada sacolejo do ponteiro de segundos tornava-se excruciante! O que fazer quando a mesma quantidade que era preciosa era também execrável? Aquilo era sádico: uma epifania aliada à perfeita incapacidade de agir com base nela. Quando gente como a Petra clamava por sua Verdade lá nos píncaros, era isso, realmente, que ela devia lhe cuspir na cara: espere só. Você terá a sua amada revelação no devido tempo. Mas só quando for *tarde demais*.

* * *

Exatamente às quatro da tarde, o carro parou na entrada da garagem. Glynis abriu a porta da entrada com esforço e tentou fazer um ar acolhedor. Como sua família inútil e seus amigos das boas horas tinham-na deixado se defendendo sozinha, ultimamente ela andava com pouca prática em dar boas-vindas.

Carol acenou do carro, depois ajudou Flicka a descer do banco do carona. Libertando-se do veículo mediante um apoio pesado no ombro da mãe, a menina parecia visivelmente mais fraca e desajeitada que

na visita anterior. Macérrima como sempre, de peito achatado e óculos grossos e assexuados, parecia mais perto dos nove que dos dezessete anos. Tinha sido quase adorável quando pequena, mas, à medida que fora crescendo, o rosto se tornara mais desconjuntado: o nariz mais chato, o queixo protuberante. A despeito de seus surtos de maus votos, Glynis não era tão dura — tão feita de metal — que tirasse algum prazer do declínio de Flicka. Ao contrário, sentia ter com ela uma camaradagem que a alegrava. Por natureza, a compaixão era feita para se voltar para fora, e, sem nenhum outro objeto suficientemente digno de sua solidariedade, a de Glynis comumente voltava para ela mesma, sem a menor utilidade.

De sua parte, Glynis havia abolido a fotografia. (E era incrível como as pessoas podiam ser grossas, sempre tentando lhe enfiar uma câmera na cara. Totalmente alheios às mórbidas implicações de agora-ou-nunca de seu impulso, os amigos ansiavam por lhe imortalizar a imagem, agora que ela exibia feridas na boca e não tinha cabelo. Quantas vezes tinham aparecido com câmeras quando ela era *linda*?) Sem sobrancelhas nem cílios, suas feições não eram demarcadas, tinham um traçado incompleto. Tudo bem, a estranha maciez de suas pernas dispensava os tratamentos com cera quente. Mas braços sem pelos numa mulher adulta eram esquisitos. Olhando para ela, Carol não teria como saber, é claro, mas a perda maior no departamento dos pelos era mais embaixo; Shepherd sempre havia celebrado seu exuberante matagal. Era desagradável descobrir a aparência que tinha a genitália de uma mulher de cinquenta e um anos quando ficava careca: murcha, enrugada, flácida e estranhamente roxa. A estética já não devia ter importância, é claro, e na verdade, Glynis descobrira na degeneração de seu corpo um fascínio perverso e obsessivo, um frêmito depravado. Mas, sempre que tinha um vislumbre de fotos anteriores — o álbum de casamento, o retrato formal para a documentação apresentada às galerias, as poucas fotografias emolduradas de viagens ao exterior —, ela olhava para aquele rosto jovem e mais cheio, para o porte majestoso que um dia tivera, e sentia inveja. Inveja de si mesma. Por isso, vestindo nessa tarde uma roupa amorfa de veludo de lã e aqueles chinelos felpudos ridículos, que eram a única coisa em que seus pés cabiam, batalhou com a vergonha. Desde o diagnóstico, aliás, era atormentada pela sensação persistente de ter feito algo errado. Na sua mente, o hospital nunca se diferenciara de um presídio e, toda vez que ela era encarcerada, lá vinha aquela sensação kafkiana de nunca saber direito de que crime a acusavam.

Carol, em contraste, estava linda.

Não convinha odiá-la.

— Oi, Glyn! — disse Flicka, com sua voz choramingona, e abriu os braços. Para Glynis, foi como abraçar seu próprio tronco: todos aqueles ossinhos de pássaro discerníveis nas costas da menina. Pássaros da mesma plumagem. Flicka era mais baixa, mas, afora isso, as duas tinham o mesmo tamanho.

— Na verdade, ela não está em muito boas condições para fazer viagens a Westchester — disse Carol com um abraço. — Mas insistiu.

— Quer subir para o meu ninho? — Glynis convidou.

— É claro — veio a resposta mal articulada de Flicka. — Mas só se você desligar a porra do canal de culinária.

Por sorte, os tons nasalados e agudos da menina ocupavam um registro que Glynis ainda conseguia distinguir; os zumbidos graves de Shepherd comumente se desfaziam num som de moedor de grama ao longe.

— Está bem. Mas só para você. — Glynis agarrou o corrimão e puxou. — Todos os outros têm que aprender a fazer salada de ovos com *curry*.

— Eca.

— Tem alguma coisa de que você goste?

— Sorvete. — Arrastando-se atrás de Glynis e sem fôlego já no quarto degrau, Flicka olhou de relance para a mãe, embaixo, e murmurou: — Não é para eu tomar, mas às vezes roubo uma colherada do da Heather, quando a mamãe não está olhando.

— Eu acho que quero coisas. Mas aí descubro que não quero.

Ainda não tinham subido metade da escada e Glynis arriou num degrau:

— Vamos dar uma parada aqui, sim?

Observando do vestíbulo as duas estropiadas, Carol falou:

— Vou deixar vocês conversarem um pouco sozinhas, está bem? Glynis, não se preocupe comigo, posso ler o jornal.

— Que bom que alguém vai lê-lo — disse Glynis, aliviada por Carol não ficar pairando em volta. Flicka achava a mãe opressiva e, na presença dela, tendia a fechar a boca e amarrar a cara.

— Pelo menos, até que enfim achamos uma marca de fecho de tubo gástrico que dá para trocar em casa — disse Flicka em tom estrídulo, também desabada num degrau. — Assim não tenho que ir para a droga do hospital toda vez que ele quebra. O papai tem razão, este país idiota não consegue fazer nada que dure uma semana.

— Mas, no hospital, você não nota que começa a se sentir estranhamente em casa?

— Um pouco. A gente acaba aprendendo a rotina. Tipo quais enfermeiras vêm pra cima da gente com uma agulha hipodérmica que parece uma furadeira. Eu não sinto nada, mas, quando elas espetam, espetam, espetam meu braço por meia hora, tentando achar uma veia, é incrivelmente chato. Ei, você ainda tem medo delas? Das agulhas?

— Pavor. O Shepherd esperava que a fobia desaparecesse, mas, se é que é possível, ela piorou. Depois de cada sessão de químio, ele tem que me dar cinco injeções para elevar minha contagem de glóbulos brancos. Não sei como ele aguenta. Não posso nem pôr os olhos na agulha. Faço-o preparar a injeção atrás de mim e primeiro tenho que tomar um lorazepam. Ou “marzipã”, como ele é afetuosamente conhecido por aqui. Na primeira vez, antes de aprender a tomar o marzipã, eu desmaiei. Sou um perfeito bebê.

— Então, você escolheu a doença errada. Devia ter pegado uma dessas em que eles jogam as mãos pro alto. Uma coisa incurável.

— O mesotelioma é incurável — disse Glynis, baixinho. Nunca o dissera em voz alta.

Flicka pareceu sem graça:

— Desculpe. Acho que a palavra que eu queria dizer era *intratável*.

— Não me importo com a palavra que você use. Não precisa ter cuidado comigo.

Recomeçaram a subir a escada: subir um pé, levar o outro para o mesmo degrau, parar.

— Você não se cansa disso? — perguntou Flicka. — Do cuidado. Tipo *oh, ah*, não devemos deixar a Flick “nervosa”? Não devemos dizer nada “insensível” à Glynis! Tratam a gente feito retardada.

— Acho que agora não se deve mais dizer *retardado*.

— Não, esse troço não se aplica a nós. — Flicka deu um sorriso malicioso. — A gente pode dizer o que quiser.

— Às vezes isso me incomoda, para falar a verdade. Tive uma briga tremenda com o Shepherd na semana de Ação de Graças. Sobre o fato de ele me *deixar* sair impune de tudo. Não é humano. É paternalista.

— É... De vez em quando, a mamãe se zanga comigo, mesmo tentando não se zangar, e eu meio que gosto. Tipo ela ser uma mãe comum. Não uma porra de uma santa.

No quarto-com-universo-inteiro, Glynis subiu na cama *king-size* e ajeitou os cinco travesseiros, enquanto Flicka tirava o controle remoto de cima do colchão.

— Lamento esta bagunça — disse Glynis, desculpando-se. Como sempre, no quarto se espalhavam vidros de remédio, copos sujos e o café da manhã congelado, que Shepherd devia ter sabido que não era para lhe levar na cama nessa manhã. Nas cadeiras se amarfanhavam suéteres e agasalhos de microfibra jogados longe, enquanto na cama havia um remoinho de cobertas de pesos variados. *Ninho* era a palavra certa.

Sem perguntar, Flicka desligou a televisão. Tinha aquele jeito mandão da criança que os adultos vivem tentando agradar.

— Assim é melhor — disse.

— Cria uma ilusão de atividade.

— Que nada, já experimentei no hospital. Ficar com a TV ligada o dia inteiro cria um clima nojento. O silêncio é melhor. Não faz a gente se sentir suja. — Perdendo o equilíbrio, meio que de propósito, Flicka deixou-se cair no pufe grande do qual sempre tinha dificuldade de sair. — E aí? Você se cansa disso? De ter que conversar com as pessoas, quando não tem nada para contar?

— Não gosto quando as pessoas vêm aqui e esperam que *eu* as divirta.

— Mas, se elas lhe falarem de todas as coisas maneiras que estão fazendo, você fica brava.

Glynis encolheu os ombros:

— Não sei o que eu quero. Logo, ninguém pode me agradar. Engraçado... menos você.

— É claro — disse Flicka, com ar displicente. — É o amor da miséria.

— Sabe, umas noites atrás, eu tive um... um episódio.

— Então, você tem uma história.

— Não é grande coisa. Não contei a mais ninguém. Nessa noite, o Shepherd tinha aplicado em mim... desculpe, não é o tipo de coisa de que se fale... uma lavagem intestinal.

— Tudo bem. Mamãe tem que me fazer lavagens o tempo todo. Na DF, a prisão de ventre é inevitável. Por mim, eu preferiria não digerir nada, para começo de conversa, mas essa solução não faz muito sucesso lá em casa.

— Bem, com o Shepherd... Não sei direito se as pessoas foram feitas para ser tão íntimas.

— Mas vocês são casados, não é? Então, você deve estar acostumada com ele enfiando uma espécie de dedo em outro buraco. Qual é a diferença?

A risada de Glynis degenerou em tosse:

— O sexo é um pouquinho melhor que um clister.

— Não que algum dia eu venha a saber disso.

— Você não pode ter certeza. Não gosta de garotos, de vez em quando?

— Teve um garoto, no ano passado, que me convidou para o baile do fim do período. Mas é óbvio que estava tentando impressionar os outros garotos, mostrando como era super boa gente. Ter esse *belo caráter* ganha pontos com os pais e professores. Você nem imagina a cara dele quando recusei. Eu adorei. Não estou aqui para me alugar para as redações de candidatura à faculdade dos outros caras. — Nesse último ano, mais ou menos, o estilo de Flicka se tornara não apenas sarcástico, mas insolente. — Mas, voltando à sua história.

— Bem, o clister não foi muito eficaz, e o... bem, as fezes estavam muito compactas. Secas. Quase como terra. Ele teve que... cavoucar para tirar. Eu tenho me esforçado para não me sentir constrangida, mas debruçar sobre o lado da banheira com a bunda para cima... bem, a vergonha volta toda. Meu marido me achava linda. Não costumava me tocar e sair com os dedos sujos de cocô. Ele é muito gentil com essas coisas, terno e profissional ao mesmo tempo, mas, mesmo assim... Isso foi uma parte da coisa. Basicamente, o ficar enojada comigo, com o ponto a que cheguei.

— Não foi esse o “episódio”?

— Não, veio depois. Às três horas da madrugada. Eu não conseguia dormir. Nós levantamos, mas eu não queria me levantar. Não queria... não queria estar ali. Simplesmente estar ali. Depois do clister, eu tinha passado, sei lá, meia hora no chuveiro, para aliviar a coceira, mas as erupções nas minhas canelas estavam de novo enfurecidas. As aftas na boca me dificultavam falar, engolir ou até sorrir, não que eu viesse sorrindo muito. Eu estava fraca, exausta, e com líquido nos pulmões... Esse negócio de não poder respirar é como estar me afogando...

— Nem me fale. A minha fibrose por causa da pneumonia só faz piorar, e é permanente.

— Eu... eu queria sumir. Queria tanto sair fora que parecia doida. Acho que desmoronei. E me senti numa armadilha. Aquilo me fez lembrar o dia em que minhas irmãs se juntaram contra mim, quando eu tinha doze anos. Elas me atraíram para dentro de um armariozinho no porão, fazendo algum tipo de desafio. E aí, fecharam o cadeado. Riram e foram embora. Esta é uma das minhas lembranças mais nítidas da infância. Os gritos. Por alguma razão, meus pais não estavam lá, ou não podiam me ouvir. Minha garganta ficou tão irritada que perdi a voz. Ralei os cotovelos e os joelhos, forçando a madeira. Acho que as frestas em volta da porta deviam ser grandes o bastante para eu não correr nenhum risco sério de sufocar. Mas, na hora, tive a convicção de que estava ficando sem ar. Passei umas duas horas trancada naquele armário. Ainda sonho com isso.

— E do que você queria fugir nessa noite? — perguntou Flicka, mas como se já soubesse.

— De mim... de mim mesma. Sinto vergonha de dizer isto, mas devo ter ficado histérica. E gritava alguma coisa do tipo “Eu quero sair!” Você sabe, “me tire daqui, eu quero sair!”.

A imitação que Glynis fez de si mesma foi propositalmente débil. Sua lembrança era melhor do que ela fingia ser. Dando unhas em Shepherd, enquanto o marido tentava contê-la, havia tirado sangue. Ele ainda estava com as crostas das feridas. Mesmo arfante, Glynis ainda conseguira entrar em hiperventilação e tinha ficado tonta. Como é que Shepherd havia limpado tudo, era difícil saber, mas era possível que ela tivesse quebrado umas coisas.

— Deixei o Shepherd apavorado — admitiu. — Ele teve medo de que eu me machucasse, me debatendo e caindo pelo quarto daquele jeito. Acabou me segurando e enfiando marzipã pela minha goela abaixo, e eu quase sufoquei.

Flicka não pareceu perturbar-se:

— Adicione uma porção de ânsias de vômito, e o que você está descrevendo é muito parecido com uma crise de DF. Mas, quanto a “querer sair fora”, só existe uma saída, Glyn.

— Não é verdade — ela rebateu, acalorada. — Tenho mais seis sessões de químio, só isso. Minhas tomografias podiam ter sido um pouquinho melhores — a pausa infinitesimal foi para considerar que estava mentindo; desde a tomo ruim de setembro, Glynis tinha orientado o marido e o médico a guardarem para si os resultados dos novos exames —, mas ainda podemos vencer esse negócio. Existe o outro final disso. A remissão de verdade. A ideia é essa. Sair lá do outro lado, esse é todo o *objetivo*.

Flicka arqueou as sobrancelhas, deixando Glynis com inveja da menina por tê-las. Sua expressão foi tolerante:

— Hu-hum. E você acredita nisso.

— Não há mais nada *para acreditar*.

— A saída mais limpa. Não tenho certeza de que seja tão ruim.

— Você não pode pensar uma coisa dessas.

— Posso, sim — discordou Flicka —, e penso.

— Eu entendo que haja momentos terríveis. Foi isso que eu lhe descrevi. Mas você tem que aguentar firme.

— Isso é o que eles lhe dizem.

— O que você quer dizer?

— Dentro de mais um ano, serei legalmente adulta. Posso fazer o que quiser.

— Isso é uma ameaça?

— Está mais para uma promessa. Estou farta de ficar por aqui, como se fosse um grande favor.

— O fato de eu ficar por aqui não está fazendo favor a ninguém — disse Glynis em voz baixa. — Estou destruindo a vida do meu marido.

— Essa eu não engulo. Agora você é todo o objetivo do Shep, toda a razão de ele se levantar de manhã. Isso é óbvio. Não é muito diferente de mim e do meu pai.

— O Shepherd preferiria ir morar numa ilha deserta.

— Pemba não é um deserto. Ele me mostrou umas fotos, uma vez. Eles têm uma floresta tropical e tudo. É bem legal.

Glynis lutou contra uma explosão de raiva. Que história era essa de Shepherd mostrar à pobre garota fotografias de uma ilha a que ela nunca iria, como quem exibisse cartões-postais obscenos?

— Mas ainda acho... — começou Flicka. — Bem, a partir de certo ponto, tudo tem limites.

— Não cheguei a esse ponto.

Flicka encolheu os ombros:

— Só você é quem sabe.

— Ainda posso melhorar. Há dias em que sinto isso... me sinto melhor.

A expressão da garota fez Glynis lembrar-se do sogro. Foi *sacerdotal*.

— Quanto à minha história — disse Flicka, abandonando o assunto anterior como um caso perdido.

— Eu gravei um vídeo, para um filme para angariar fundos. Lá para a fundação, para as pesquisas sobre a DF.

— Isso foi nobre.

Flicka deu uma bufadela, e uma bolha de saliva lhe escorreu pelo queixo:

— Não especialmente, como se viu. Fomos todos convidados para a *première*. Eu não estava no filme.

— Por que não usaram o seu videoclipe? Deram alguma explicação?

— É claro. O diretor da fundação disse, você sabe, todo cheio de desculpas, que eles não sabiam direito se eu tinha a *atitude positiva* correta — disse ela, com uma expressão de nojo.

— Eu imaginaria que você tomasse isso como um elogio.

— Pode ser. Mas não foi essa a razão verdadeira. Mais tarde, na recepção, ouvi o tal chefão conversando com um membro da diretoria. Sobre como era complicado encontrar o “tom certo” para os doadores. Como as crianças tinham que ser “bem doentes” e “bem bonitinhas”, ao mesmo tempo. Você pode imaginar, já que, decididamente — tossiu —, eu sou bem doente.

— Eu acho você bonitinha.

— Me poupe. Posso ter problemas na córnea, mas não sou cega. — Sem nenhuma ajuda de cigarros, Flicka tinha a *secura da cinza* sendo batida. — E afora isso? Tem alguma coisa acontecendo com meus pais. Eles não tocam mais um no outro. Também não brigam, o que, acredite ou não, é mau sinal. Acho que talvez peçam divórcio.

— Ah, não! Não posso acreditar nisso!

— Não importa no que a gente acredita. Vamos ver. Pode ser que eles fiquem juntos, por minha causa. Mas essa sensação... como se eles apenas morassem na mesma casa, cruzando um com o outro no corredor, sabe? Acho que é uma das razões de a Heather ter ficado incrivelmente gorda.

— Isso é péssimo. Ela é uma garotinha bonita.

— Bonita, pode ser, mas com certeza não é *miudinha*. Ela tem umas amigas que tomam antipsicóticos e anticonvulsivos e Ritalin e sei lá o quê, e todas também são gordas. Por isso, ela andava dizendo que o peso todo era causado pela “cortomalafрина”.

— Isso serve para quê?

— Basicamente, são comprimidos de açúcar, um “remédio” que os meus pais inventaram para ela se sentir especial. Essa trapaça acontece há anos, embora só outro dia eu tenha sacado. Entendi meu pai resmungando com a mãe que eles não deviam se dar o trabalho de mandar aviar a “receita” na farmácia, à razão de dez paus de cada vez, quando podiam simplesmente encher o vidro de M&M. Depois perguntei o que ele queria dizer com isso e ele abriu o jogo. Dei boas risadas. Sabe, essa história de “efeitos colaterais” de que a Heather vinha falando, quando os verdadeiros “efeitos colaterais” são do Häagen-Dazs... Bem, aquilo começou a me encher o saco. Aí, acho que fui... meio malvada. — Flicka deu um sorriso maldoso.

— Você contou a ela.

— Foi. No começo, ela não acreditou, até que eu pulverizei o vidro todo de “cortomalafrina” com o meu socador de comprimidos, e misturei tudo com água para pôr no meu tubo gástrico. Não aconteceu nada. Quer dizer, ninguém teve que me carregar para o hospital por causa de uma overdose. Quando ela sacou a jogada, nossa, como ficou furiosa!

— Isso foi meio perverso — disse Glynis.

— É — concordou Flicka, com ar de descaso. — Mas, sabe como é, eu não tenho muita diversão.

— E o que os seus pais fizeram?

— Tiveram que tratá-la com um remédio de verdade, um antidepressivo; e, com toda essa história rígida, assim, supereducada, sabe, de *Jackson, querido, quer me passar a salada, por favor?*, que está acontecendo lá em casa, pode ser que ela precise mesmo do Zoloft. Mas esse tem efeitos colaterais de aumento de peso de verdade. Nos últimos dois meses, ela deve ter engordado mais uns dois quilos e tal.

— Você devia pedir alguns emprestados.

— É, você também.

— Ei, você tem arranjado novos acréscimos para sua coleção de celulares, ultimamente?

A própria ideia de alguém “coleccionar” exemplares antigos de uma tecnologia que ainda era uma inovação muito moderna, na sua cabeça, fazia Glynis sentir-se velha.

— Arranjei uma verdadeira lata-velha de 2001 — disse Flicka, com o orgulho de um antiquário que houvesse abocanhado uma peça original estilo Luís XIV. — Todo quadrado e esquisitão e pra lá de gigantesco. Se aparece alguém na minha escola com um treco daqueles, vai ter que sair da cidade, de tanto rirem dele. E você, quando é a sua próxima sessão de químio?

Ah, bons tempos em que as visitas perguntavam “No que você está trabalhando?”, ou “Quando será sua próxima viagem ao exterior?”

— Semana que vem. É por isso que não estou cochilando na sua frente. Já faz umas duas semanas. Mas eles só vão em frente se o meu hemograma der uma contagem acima do zero negativo.

— A químio... você nunca me falou dela. Como é?

Surpreendentemente, pouca gente parecia fazer essa pergunta. “Químio” se tornara uma abreviatura tão comum para as pessoas da idade de Glynis, que todas presumiam já saber como era ela. Não sabiam.

— Bem, umas pessoas vão sozinhas, outras têm cuidadores. Quanto a mim, não tendo a ser muito sociável...

— Grande surpresa.

— Todo o mundo me acha distante e esnobe.

— O que você é.

Era incrível o que Glynis se dispunha a aceitar dessa garota mirrada e arrogante de dezessete anos, coisas que não toleraria de mais ninguém.

— Você dificilmente me culparia. Eles ficam se gabando em alto e bom som de quanto têm vomitado, ou de como foi pitoresca a nova erupção que tiveram depois do último tratamento... Prefiro cair aos pedaços na minha privacidade.

— Também não gosto de ficar perto de outras pessoas com DF — disse Flicka, enxugando ritualmente outro rastro de baba do queixo com a munhequeira antitranspirante. — Nenhum de nós gosta. O acampamento de verão é legal, mas no grupo de apoio, a coisa ficou de tal jeito que quase ninguém vai lá. Os pais ainda se reúnem. Nós, os monstregos, caímos todos fora.

— Fico surpresa com isso, na verdade. Vocês são tão poucos. Não têm vontade de trocar experiências?

— Se você fosse eu, teria vontade de se olhar no espelho? Quando sou só eu, meio que dá para esquecer. Você sabe, eu me viro. Não consigo andar muito bem, mas acabo chegando aonde tenho que ir. Aí vejo aquela outra garotada que parece espástica. E então percebo que eu pareço espástica. Bem que

podia ficar sem isso. E fico sem isso.

— Para o caso de você me achar completamente antissocial, eu tive, sim, uma conversa na sala de espera, antes da minha última químio. Acho que falei com ele por ter entre ouvido que ele também tinha mesotelioma, e isso é como a DF: não há muitos de nós. Ele era algum tipo de trabalhador da construção civil, provavelmente tinha mexido com amianto no emprego. E eu soube que *ainda trabalha*. Nem pude acreditar. Não consigo nem passar uma esponja no tampo das bancadas quando faço a quimioterapia, e o sujeito está assentando tijolos. Mas ele não pode parar. Tem que conservar o emprego para manter o seguro.

— Ora, que sorte a nossa, então. O Shep e a minha mãe ficam batalhando naquelas porcarias de empregos, pra você e eu podermos ser torturadas em grande estilo.

Desde que havia começado esse desfile de horrores, Flicka induzira em Glynis uma curiosa efusão confessional. Mas tudo tinha limites. Não dava para explicar a essa adolescente que a “porcaria de emprego” do Shep fazia parte do castigo dele. Por Pemba, por tramar um Depois de Depois do qual sua mulher não faria parte, e pelo fato de ela ter câncer.

— Enfim — disse, voltando ao assunto em pauta. — A Nancy geralmente vai comigo, essa vizinha do lado que costumava me dar nos nervos e que hoje eu adoro. Primeiro, somos obrigados a aguardar na sala de espera, olhando os arranjos da cabeça uns dos outros; a maioria das mulheres usa aqueles lenços amarrados embaixo do queixo, feito camponesas russas, de modo que parece uma viagem no tempo, de volta a uma aldeiazinha do Leste Europeu. Os homens são mais criativos: chapéus de copa achatada, bonés de beisebol, às vezes um borsalino clássico. Tem um sujeito que sempre aparece com um chapelão de caubói Stetson, tacheado de estrelas prateadas. Sempre tomo o aprepitantes antes de sairmos de casa, e procuro calcular o horário do marzipã para cerca de meia hora antes da químio. Ah, e com certeza vou engolindo mais comprimidos enquanto esperamos. Sabe, aquele estojo de couro que a sua mãe me deu para carregar todos os meus remédios é ótimo. Antes dele, eu vivia com sacos Ziploc. Outras visitas aparecem com velas perfumadas que me fazem engasgar. Mas a sua mãe tem um talento fantástico para dar presentes.

— É, em matéria de coisas médicas, ela é muito legal.

— Ah, e há uma competição hilariante para ver quem fica com as cadeiras melhores. São todas confortáveis, daquele tipo de cadeira reclinável La-Z-Boy, com umas pequenas divisórias para dar a ilusão de privacidade. É bom chegar um pouco antes da hora, para conseguir pegar uma das cadeiras viradas para as janelas e poder ver o Hudson. Se bem que, quando escreveu *Um quarto com vista*, duvido que fosse o Columbia-Presbyterian que o E. M. Forster tinha em mente.

— Desculpe. Nessa eu dancei.

— Bom, é no que dá eu fazer confidências a crianças — disse Glynis. Flicka amarrou a cara. Não pensava em si mesma como criança. — Então, se eu for rápida, pego meu assento especial na primeira fila. E eles circulam com um carrinho de refrescos, acredite ou não, assim como fazem no Yankee Stadium. Querem que a gente fique bebendo líquidos, mas não deixam que me intimidem. Fico farta de ter que arrastar o suporte de soro comigo até o banheiro para fazer xixi.

“Depois”, prosseguiu, “eles mergulham meu braço direito em água morna, o que, na minha época, era a maneira de fazer o pessoal que estava dormindo no acampamento urinar na cama. Quando põem o torniquete no meu braço, já estou me sentindo meio zureta, mesmo com o marzipã. Não é que a agulha machuque tanto: é a ideia da coisa. Por isso, a Nancy sempre segura a minha outra mão e me faz olhá-la nos olhos, enquanto me apalpa para encontrar uma veia, e vai me falando de umas receitas horrorosas... do tipo das que levam gelatina e pó para pudim e pera em lata! A esta altura, acho que ela sabe que acho repulsiva a ideia de cozinhar com preparado para purê de batata, e tenta inventar os pratos mais horrendos em que consegue pensar. São mais divertidos. E aí, depois da infusão de glicose... Bem, é surreal.

— “Surreal” por quê?

— A enfermeira traz a químio no que parece ser uma mochila de livros para criança: vinil grosso, num amarelo de ônibus escolar. Só que, em vez de um desenho do Patolino, traz uma advertência em letras garrafais, impressa dos dois lados, que diz CITOTÓXICO, tipo “Não Chegue a Um Quilômetro Desta Merda Porque Ela Mata Você”. E mata mesmo. E ficamos todos placidamente sentados, e deixamos pendurarem a bolsa no suporte. Folheamos revistas ou assistimos à tevezinha presa à cadeira, enquanto aquela títica venenosa vai sendo gotejada nos nossos braços durante horas. As enfermeiras correm de uma cadeira para outra, distribuindo remédios animadamente, como se fossem doces, tudo para contrabalançar o efeito colateral da títica. Enquanto isso, a infusão intravenosa faz um som baixo, regular, embalador: *quacac, quacac...* Aquilo me faz dormir. Quer dizer, ficamos todos lá, injetando cicuta, obedientemente, dóceis feito ovelhas, como os judeus fazendo fila para os chuveiros. Não é surreal? Na verdade, toda vez que vou lá, eu tenho um *flash...* nunca disse isso a ninguém, é muita doideira. Mas, enfim, algum dia você viu *Jornada nas estrelas*?

— Dá um tempo! Posso não tocar discos, mas pelo menos vi *Jornada nas estrelas*. Papai e eu adoramos, e a mamãe acha que é idiota.

— Mas é para ser idiota! A sua mãe precisa relaxar.

— Pode esperar sentada.

— Enfim, há um episódio, qualquer coisa sobre um planeta que acabou com as guerras, fazendo dezenas de pessoas dos dois lados de um cessar-fogo se oferecerem como voluntárias, a intervalos regulares, para entrarem num cômodo e se submeterem à eutanásia. É tudo muito ordeiro; você sabe, aquele seriado adorava aludir aos nazistas. E aí chega o capitão Kirk e bagunça a história deles, fazendo um daqueles seus discursos enfáticos, com a voz entrecortada, para dizer que eles têm que voltar a matar uns aos outros à moda antiga, ou então fazer um acordo de paz. Por isso, toda vez que vou ao Columbia-Presbyterian, imagino o capitão Kirk irrompendo pela ala de oncologia e dando uma sacada em todos aqueles cordeirinhos delirantes do Planeta dos Lelés, injetando estricnina na veia. Eu o vejo se horrorizando, todo moralista, e arrancando as agulhas num frenesi. E fazendo um discurso santarrão e estridente sobre a barbaridade que é aquilo, porque não se cura doença com veneno. É que aquela rotina toda é completamente doentia. Eu realmente acho que, daqui a uns anos, as pessoas vão olhar para trás e ver a quimioterapia como hoje vemos as sangrias e o uso de sanguessugas.

A porta se entreabriu e Carol pôs a cabeça para dentro:

— Não sei qual das duas está sendo mais travessa, mas vocês estão esgotando uma à outra.

Glynis convidou Carol a entrar, embora, como pessoa saudável, ela fosse uma forasteira alienígena, vinda de um país de costumes peculiares, cujos cidadãos tinham poderes enganosos de super-heróis; a dinâmica logo ficou tensa. Glynis pensou em tentar chamar Carol à parte e lhe perguntar o que estava acontecendo com seu casamento, até perceber que não se importava. Foi tão repentino e vertiginoso o seu cansaço, que lhe apareceram manchas diante dos olhos e os perímetros do quarto se encolheram; ela já não dava importância a nada nem ninguém, nem mesmo à Flicka. Assim, em vez da pergunta, resumiu sucintamente que ia experimentar mais um novo coquetel na químio na semana seguinte, e Carol fingiu estar animada.

— Se não funcionar — disse Flicka na saída, engrolando a voz —, há sempre as sanguessugas.

* * *

Talvez tivesse sido a menção das sanguessugas, mas, ao dar as costas para a porta, depois que elas se foram, Glynis lembrou-se de que, pouco depois de se mudar para Nova York, antes do Shepherd, surgiu na cozinha do seu apartamentinho sem elevador no Brooklyn uma infestação de baratas. É claro que ela

não gostava de baratas, mas, em vez de enfrentá-las, de entrar no xis do problema da eliminação, com armadilhas tipo Roach Motel e com ácido bórico, *virou-se de lado* para os insetos. Havia um espaço entre o armário de pé e a parede, onde ela guardava sacos de papel do supermercado, e não demorou para os sacos começarem a se mexer. Glynis sabia, num sentido abstrato, que ali era o ninho das baratas, e não podia deixar de detectar um som farfalhante sutil quando preparava o café da manhã. Mas, ao entrar no cômodo, ela se treinou a manter os olhos fixos na frente e a contornar a pia e a geladeira inclinando a cabeça com cuidado, para que o lugar onde ficavam os sacos permanecesse no borrão não vigiado de sua visão periférica. O ninho acabou ficando tão grande que formou uma mancha escura na parede, mas, desde que Glynis não olhasse diretamente para lá, a mancha não se revelava como uma massa fervilhante de insetos repulsivos, uns subindo por cima dos outros num monte, mas se mantinha como uma mera sombra.

A sensação agora era idêntica, uma sensação recorrente que lhe vinha desde o diagnóstico. Havia uma mancha escura, uma sombra, para a qual ela se recusava a olhar diretamente, e, treinando os olhos da mente a se voltarem de forma resoluta para outra direção, para qualquer lugar que não aquele canto infestado específico, na maior parte do tempo conseguia descartá-lo como uma ilusão de ótica. No entanto, tal como no caso das baratas, quanto mais o ignorava, maior e mais escuro ele ia ficando, e mais espaço mental ela era obrigada a usar para evitá-lo. Em noites como essa, a mancha fazia aquele mesmo som farfalhante, como milhares de perninhas roçando o papel pardo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

As circunstâncias podiam ter ensinado, com acerto, que o sexo não era tudo. Na perda da visão, por exemplo, esperava-se que todos os outros sentidos ficassem mais aguçados, para que a pessoa cega desenvolvesse uma audição sobre-humana e uma sensibilidade tátil de dar arrepios, à guisa de compensação. Por analogia, portanto, a retirada do sexo da equação só deveria ter tornado mais intensa toda a cornucópia fantasmagórica dos muitos outros prazeres da vida.

No entanto, ao inventar a rebuscadíssima expressão *toda a cornucópia fantasmagórica dos muitos outros prazeres da vida*, Jackson não conseguiu pensar em nenhum. Que prazeres? Detestava seu emprego. Seu suposto “melhor amigo” era, agora, o homem que ele mais se sentia impelido a evitar no planeta. O senso de equilíbrio de sua filha mais velha havia deteriorado de maneira tão drástica que eles logo teriam de rebaixá-la a uma cadeira de rodas. Jackson mal conseguia se aproximar da filha caçula, atravessando a barreira defensiva de gordura e comida de lanchonete, embora penetrar na inchação vazia do rosto da menina de doze anos implicasse enfrentar a raiva dela por ter sido implicitamente ridicularizada com a “cortomalafrina” durante anos, e encarar sua recusa obstinada a aprender a palavra *placebo*. E a mulher dele... Tão próxima, porém, isolada por uma vidraça, era como se morasse num universo paralelo; Jackson imaginou que sua sensação de estar acenando, gritando e dando pulos, enquanto permanecia desatentamente não visto nem ouvido, devia ser o que significava estar morto. Ele já não vivia com uma esposa; meramente a assombrava. Vez por outra, ela parecia descobrir que um sanduíche tinha sido consumido ou que um par de meias fora usado com o mesmo ar de desânimo de um rematado racionalista que se visse forçado a enfrentar as intromissões invisíveis do paranormal.

Além disso, todo cartaz de tintura de cabelo no metrô, todo anúncio de chocolate na televisão, todo filme sensual de fim de noite e todo fragmento de bate-papo obsceno no trabalho desfraldavam o fato de que, ao contrário, o sexo *era* tudo. Com seu panorama abruptamente transformado em preto e branco, Jackson nunca se dera conta de como o sexo era importante, até viver sem ele. Não estava sendo privado apenas da atividade literal do pino roliço no buraco redondo, mas de toda a gama penumbral de olhares e roçadelas e afagos, de cochichos e risadas e sorrisos, de fiapos castanho-avermelhados sendo presos atrás da orelha com jeito de menina, ou daqueles dois dedos meigos em seu braço, que em certa época lhe haviam eletrizado o dia. Por isso, ele sentia falta não tanto da coisa em si, mas da energia que alimentava todos os outros objetivos; o sexo não era a meta, mas o combustível. Completamente desabastecido, Jackson não encontrava prazer na comida, o que era a conta certa de comer mais. A bebida já não induzia euforia, mas o deixava azedo; sempre na esperança de que mais uma cerveja o fizesse pender para as ardorosas vituperações do passado, ele também bebia cada vez mais. Aliás, era só na hora que Carol lhe lançava uma olhadela ríspida de desaprovação, quando ele ia pegar outra garrafa na geladeira, que Jackson se convencia de que aquela mulher sensata e alheia a superstições tinha passado a acreditar em fantasmas. No entanto, muito angustiado e esvaziado por suas próprias questões, era muito raro ele considerar que o panorama de Carol se tornara incolor, que ela rodava com o tanque vazio, que, por uma combinação fatal da estupidez do marido e da inflexível recusa dela a perdoá-lo, também Carol estava vivendo sem sexo.

Entrementes, as dívidas que avultavam nos cartões de crédito instilavam em Jackson a curiosa impressão de estar sendo seguido. Ao andar pela rua, ele captava uma figura pelo canto do olho, ou detectava um farfalhar na moita às suas costas, sentindo-se acompanhado por uma presença esquiva que, quando olhada de frente, revelava-se um galho de árvore balançando ou o cachorro do vizinho. Mas a presença estava sempre com ele. As dívidas eram muito piores do que Carol. Numa oferta ostensivamente generosa de contribuir para o trabalho com a papelada, ele havia assumido o controle das contas da família, já que Carol cuidava de todos os papéis do seguro de saúde. Para prevenir o alarme da mulher ante a simples profusão dos seus gastos com dinheiro de plástico, ele tinha uns dois cartões cujas faturas eram mandadas para o escritório; outros três tinham cobrança eletrônica e ele pagava o valor mínimo on-line. Perguntava a si mesmo se a sensação posterior de decadência, degeneração e catástrofe iminente espelharia, de algum modo, a experiência de Glynis de estar com câncer. Não queria diminuir o aperto pelo qual Glynis vinha passando, mas realmente parecia haver uma ligação: Jackson tinha câncer fiscal. Assim, mesmo quando pensava em assuntos totalmente diferentes, era corroído por um sentimento de injustiça e maldade, do mesmo modo que, embora vez por outra Glynis pudesse concentrar-se numa das receitas que jamais prepararia daquele seu maldito canal de culinária, havia também uma injustiça e maldade a devorá-la. A doença terminal era a insolvência do corpo. Glynis e Jackson viviam ambos apavorados com o dia inominável, que não tardaria a chegar, em que os credores socariam a porta para exigir sua libra de carne.

Mas, assim como já ter contraído a pior doença imaginável podia levar o sujeito a começar a fumar... Assim como as garotas adolescentes podiam jogar para o espaço os cuidados com a contracepção por já estarem grávidas... Assim como os que sofriam de obesidade mórbida podiam dizer, muitas vezes, dane-se, eu já peso duzentos e setenta quilos que jamais perderei, então, por que não comer mais um pedaço de torta de coco se me der na telha... Jackson estava tão profundamente afundado num buraco financeiro que não parecia vir ao caso que, num dado momento, usasse uma colher de chá para cavá-lo ainda mais. Além disso, parecia estar preso num círculo vicioso: as dívidas o faziam sentir-se mal. Dívidas maiores o faziam sentir-se pior. Ao pôr em risco o seu futuro e o futuro da mulher e o futuro das filhas, ele *deveria* sentir-se pior, e assim, para se flagelar, aumentava as dívidas. Num dia eram os cachorros, noutro, uma assinatura de revista ou uma camisa da L.L.Bean sem as quais ele poderia viver; na verdade, andava fascinado por descobrir quanto dinheiro se podia gastar sem melhorar expressivamente a vida nem adquirir nada de valor. Esse gastar sem sair do lugar transformara-se num jogo que ele fazia, um jeitinho de se divertir torturando a si mesmo, e ele extraiu um prazer anormal da descoberta de que o indivíduo podia torrar todo o seu dinheiro em perfeitas banalidades e insignificâncias, e *ninguém o detinha*. De fato, num acesso alucinogênico de devoção desorientada, ele poderia digitar o número do cartão e o código de segurança num site da internet para comprar dez grosas de menorás de plástico deformados por quatorze mil dólares, e a compra seria aceita sem nenhum problema.

Certo, ele não queria perder a casa. Não só o empréstimo hipotecário estava pendente, como eles ainda não tinham pagado o financiamento imobiliário original. Mas a execução hipotecária era uma abstração. Eles moravam na casa. Todos os dias, Jackson voltava para a casa. Tinha a chave. Suas roupas estavam penduradas nos armários dela; os mantimentos para o café da manhã ficavam guardados em sua cozinha; a correspondência dele chegava diariamente àquele endereço. Alguma coisa na simples tridimensionalidade do lugar, no grande estender a mão e tocá-lo, no ter dormido ali durante a maior parte de sua vida de casado, tudo isso tornava a perspectiva da retomada do imóvel completamente incompreensível, e, se ele não a compreendia, ela não poderia acontecer.

Não era um hábito caridoso, mas às vezes Jackson relembrava com amargura os primeiros tempos da Knack, quando ele e Shep saíam lado a lado para fazer os trabalhos — quando a companhia era, basicamente, uma operação conduzida por dois homens, que ocasionalmente tinha de contratar bombeiros hidráulicos ou eletricitas licenciados, mas era, afora isso, uma sociedade de fato. Por isso, ao vendê-la,

Shep realmente deveria ter-lhe dado a metade. Deveria ter feito dele no papel o que ele era na prática. Nesse caso, a empresa teria sido vendida por aquele milhão genial e Jackson teria quinhentos mil para atravessar à tona e sem dor esse oceano de contas. Melhor ainda, talvez tivesse fincado pé e se recusado a assinar um negócio precipitado, concluído apenas para que Shep pudesse fugir, numa busca impossível, para algum monte de esterco no Terceiro Mundo. Ora, ele poderia ter forçado o cara a admitir — e, naqueles tempos mais crédulos, forçado a si mesmo a admitir — que Pemba, com todos os seus muitos antecedentes arbitrários, era uma fantasia de maluco, que Shep nunca poria em prática na vida real. Nesse caso, eles ainda seriam coproprietários de uma próspera empresa anunciada na internet, avaliada em quatro vezes o valor de 1996, e Jackson Burdina, e não a porra do Randy Pogatchnik, seria rico.

Arriado em seu cubículo em fevereiro, Jackson registrou, cheio de rancor, que era justamente o Dia dos Namorados. Ocorreu-lhe brevemente que ele poderia dar tudo de si e fazer mais uma tentativa de obter a clemência de Carol, como as muitas que haviam resultado num fracasso tão fragoroso no passado. Mas já dava para imaginar: uma dúzia de rosas enfiadas com descuido num vidro de pickles, sem o menor esforço para lhes dar um arranjo atraente. Bombons distraidamente guardados numa prateleira alta, com um comentário sobre garantir que ficassem longe da Heather. Nem mesmo um beijinho na bochecha, mas um formal “Ora, obrigada, Jackson, é muita gentileza sua”, enunciado com a mesma frieza impessoal com que sua mulher recusava as solicitações telefônicas que violavam a inscrição de sua casa no Registro de Proibição de Ligações de Telemarketing. Basicamente, Carol o inscrevera num registro privado de proibição de ligações numa medida cautelar de afastamento que se aplicava explicitamente ao próprio marido, o que também tirava por completo do circuito a roupa íntima comestível.

Será que ele mesmo não merecia um presente de Dia dos Namorados? E, de preferência a outra camisa xadrez de flanela, por que não se encalacrar ainda mais para conseguir alguma coisa de que precisasse de verdade?

Nunca tinha feito uma coisa dessas, mas, sem a presença de Pogatchnik e com Shep ausente, em mais um dia de folga para resolver assuntos pessoais, e com sua força de trabalho dispersa em três distritos de Nova York para consertar torneiras com vazamento, Jackson digitou “serviço de acompanhantes” em seu buscador da internet.

* * *

Podia ser que ele estivesse com o pulso acelerado, mas encontrar sua despesa mais recente em cartões de crédito numa loja Starbucks da Quinta Avenida era de uma estranha banalidade. A garota da foto que ele havia escolhido na *web* tinha cabelo comprido, castanho-avermelhado, seios fartos e uma expressão arredia que talvez fosse brochante para alguns, mas Jackson sentia falta das brincadeiras de gato e rato que um dia haviam mantido sua mulher provocantemente fora do seu alcance, e talvez ainda quisesse ter que batalhar pela coisa. Levou um minuto inspecionando os outros clientes que digitavam em seus laptops, ao lado de cappuccinos insossos, e só veio finalmente a reconhecer o presente que estava dando a si mesmo pelo Dia dos Namorados porque a fulana se projetava da blusa justa vermelha que tinha descrito ao telefone. Na verdade, com um adeusinho animado, ela o viu primeiro; sem dúvida, aquela expressão de súbita perda de coragem no rosto dele — a ligeira olhadela para a porta pela qual poderia sair de fininho, rapidamente — era coisa que “Caprice” (ou fosse qual fosse o seu nome) enfrentava o tempo todo.

— Desculpe — disse Jackson, puxando uma cadeira e se arrependendo de fazê-lo no mesmo instante, já que só queria ir embora e acabar logo com aquilo. — Você não é a moça da fotografia.

— Ah, nós nunca somos, meu bem — disse ela, com uma risada. — Não sei onde eles arranjam aquelas fotos. E então, quer um café?

Um *bourbon* duplo cairia melhor. Mesmo assim, Jackson deixou-a pedir um café para ele, para poder lhe dar uma checada, e levou um instante para perceber que o fato de ela ficar parada a seu lado, com as sobrancelhas arqueadas, queria dizer que estava esperando o dinheiro; ele só tinha uma nota de dez. Enquanto a moça esperava na fila, ele confirmou que não tinha o corpo malfeito, se bem que a bunda era meio pesada. Ele havia escolhido um dos sites mais caros, razão por que, pelo menos, a mulher não estava toda cheia de plumas, e usava um conjunto preto classudo, ajustado a suas formas. Ele poderia ter ficado irritado com a troca inesperada, mas, pelo menos, “Caprice” era... bem, era branca. Era nominalmente loura — talvez as garotas fossem codificadas por cor —, mas Jackson gostaria de voltar ao tempo em que pintar o cabelo era um segredo vergonhoso, e as mulheres não saíam de casa mostrando um milímetro de raízes escuras, das quais sua acompanhante exibia descaradamente uns bons dois centímetros. Os seios, como notou quando ela voltou, também eram falsos. Talvez lá pelos vinte e tantos anos, a mulher era passável em matéria de beleza, mas as proporções do rosto eram meio tortas. A pessoa se acostumava com essas anomalias no rosto de uma atriz como Julia Roberts, mas, numa prostituta, era impossível não pensar em como aquela boca podia ter ficado tão grande.

Bebericando o seu café gigante do dia — custara só uns dois dólares, mas Caprice tinha ficado com o troco —, Jackson percebeu que esse ritual do encontro em público era sobretudo para que a mulher pudesse dar uma olhada *nele*. O caminho mais seguro para parecer normal era ser tranquilizadamente prosaico:

— E então, há quanto tempo você faz esse... trabalho?

— Não se preocupe, não sou profissional de carreira — disse ela, descontraída, e Jackson teve a impressão inesperada (como é que se podia saber, em menos de um minuto, sobre todo o mundo? qual era a pintinha no olho que os traía?) de que a moça era inteligente. — Estou bancando o meu curso de recursos humanos na Faculdade Comunitária do Brooklyn. Você sabe, o que antigamente chamavam de gerenciamento de pessoal. E pensei, o que poderia ser um modo melhor de obter na prática uma formação em *gerenciamento de pessoal*?

Era provável que ela já tivesse soltado essa tirada antes, mas pelo menos quebrou o gelo. Quando os dois saíram, Jackson tinha falado de seu trabalho (tranquilizadamente prosaico), acrescentando que, nas horas de folga, também estava escrevendo um livro. Para que servia um encontro desses senão para dar uma enfeitadinha nas coisas? Não conviria admitir que ele ainda estava trabalhando no título. Chegou até a testar o mais recente com ela: *O mito do cidadão “cumpridor da lei”: de como nós, os bonzinhos crédulos, passamos por uma lavagem cerebral para comer merda obedientemente (ou) Você não faz ideia do número de coisas com que poderia se safar se tivesse colhão.*

— É sobre como todos somos manipulados para seguir as regras — explicou, com um pouco de seu antigo ardor, a caminho da porta. — Sabe aqueles programas bregas de televisão, do tipo *Os vídeos policiais mais loucos do mundo*? Um panaca numa picape dispara por uma via expressa a cento e sessenta por hora, na contramão, com os nossos valorosos policiais em perseguição cerrada. Alguma vez o vilão escapa com sucesso, sumindo na direção do pôr do sol? Nem que a vaca tussa! O otário é sempre algemado no chão, no fim do vídeo. Isso é engenharia social, e não tem nada de sutil. *O crime não compensa. Você não tem como fugir.* É a mesma coisa com todos aqueles seriados de policiais certinhos, de *Dragnet* a *Law and Order*. Ninguém nunca sai impune de nada. É pura propaganda para ferrar com a cabeça da gente.

Estava parado no frio com uma prostituta, e matraqueava sobre política. Ela parecia estar se divertindo:

— Sabe, não há razão para ficar nervoso.

— Não estou nervoso. Falo desse jeito o tempo todo.

— Não admira que precise de uma agência de acompanhantes.

Ela estava de gozação. Jackson deveria gostar disso. Afinal, não poderia fazer aquilo de uma forma

impessoal, não era do seu feitio. Queria que a mulher gostasse dele. Queria impressioná-la, o que era ridículo.

— O problema não é a gonorreia — começou, e então, ao ecoar em seus ouvidos o que efetivamente dissera, ficou fulo consigo mesmo. — Eu quis dizer *logorreia*. Sabe, a minha mulher anda, como se diz, fria diante das minhas investidas.

Caprice manteve a boca fechada, mas não pôde controlar o sorrisinho.

— É, eu sei, você já ouviu isso antes. *Minha mulher é frígida*. Bem, a minha não é frígida. E não pense que estou enalhado com alguma jabiraca de meia elástica. Minha mulher é linda. — Absteve-se de acrescentar *mais bonita que você*.

— Não precisa se desculpar comigo, “Jonathan”. E aí, quer beber algo, comer alguma coisa?

— Não tenho muito tempo. É melhor pular para o evento principal, sabe como é?

Ele havia telefonado para Carol à tarde, dizendo que ia se atrasar umas duas horas, porque ia supervisionar a recolocação de uns armários de cozinha cuja instalação fora malfeita, e tinha deixado um espaço de apenas dois palmos de largura para a geladeira... Poderia ter dispensado as firulas, já que Carol nem estava escutando. O esquisito nessa conversa era que mentir não tinha parecido diferente de todas as outras vezes em que ele havia telefonado e dito a verdade. Quaisquer que fossem os detalhes, nos últimos tempos os dois estavam sempre mentindo um para o outro, na verdade. Era por isso que a mentira tinha sido quase um alívio. Fora uma mentira sincera.

Caprice levou-o a um hotel de aparência inocente, um sobrado reformado da Union Street que desmentia a sordidez da imaginação de Jackson. Na recepção, o pessoal foi rápido e jovial enquanto ele procurava na carteira um Visa com faturamento eletrônico que, para sua incredulidade, havia acabado de aumentar ainda mais o seu limite de crédito. Em cima, no quarto, cúpulas de abajur de tecido dançavam com borlas cafonas; a colcha era de um chenile caseiro e a gravura acima da cabeceira era uma exuberante litografia colorida dos fogos de artifício sobre a ponte de Brooklyn, no dia de sua inauguração, em 1883. Por incrível que pareça, o lugar até que era bonitinho.

Jackson estudou a gravura enquanto abria os dois botões superiores da camisa, mas não conseguiu continuar a desabotoá-la:

— Sabe — disse —, uma semana depois de inaugurarem essa ponte, correu o boato de que ela estava prestes a desabar. A correria matou doze pessoas.

Caprice aproximou-se dele por trás e deslizou as mãos para dentro dos bolsos frontais de suas calças.

— Não diga.

— Você está rindo de mim.

Era obrigação dela negar.

— Tem razão.

Jackson virou-se e deslizou as mãos em volta de seus quadris, surpreso com o contorno desconhecido. Mesmo assim, o simples calor do corpo dela através do tecido excitou-o, do modo sobre o qual ele estivera apreensivo, é claro. Não gostou muito do perfume. Carol raras vezes usava fragrâncias comerciais, e o que realmente o excitava era o aroma almiscarado que a pele dela exalava depois de ter passado a tarde inteira pondo e tirando Flicka do carro — um cheiro terroso pungente, feito madeira apodrecida. Se quisesse mesmo ter certeza de ficar à altura dessa ocasião, ele devia ter insistido em que Caprice usasse uma das camisetas sujas de Carol.

— Você é uma dessas garotas que não beijam? Eu li que vocês não gostam de beijar.

— Você *leu* — disse ela, dando-lhe um beijo de leve, sem língua. — Acho que o seu problema é o excesso de livros, chefe.

Houve alguma coisa nesse *chefe*.

— Você ainda está rindo de mim.

— Você também *leu* que este tipo de coisa tem que ser carrancuda? Isso pode surpreendê-lo, mas às vezes eu me divirto muito. E você é uma figuraça. Você é... hilário.

Jackson reclinou-se na cama enquanto ela bamboleava para fora da saia justa curta e tirava o casaco; seu cuidado ao dobrar e alisar o conjunto na cadeira foi de uma domesticidade reconfortante. A blusa vermelha revelou-se um *collant*, muito eficiente. A roupa íntima de Carol tendia a ser mais simples... Ele não sabia direito se devia estar pensando em Carol, mas não parecia ter escolha.

Em retrospectiva, esse foi o momento em que deveria ter apagado a luz.

Caprice deslizou para o lado dele, ainda com o *collant* vermelho. Tinha belas pernas. As coxas da Carol estavam começando a... Opa, essa garota era mesmo de ir direto ao ponto! A Carol não costumava... Aquele joelho correndo por entre as pernas dele era uma del... Jackson encolheu-se quando ela exagerou um pouco na força, ao apertar sua braguilha, mas conseguiu disfarçar a contração e pensou: ainda está meio sensível, mas talvez seja bom assim, porque qual é o problema da sensibilidade? Caprice abriu-lhe o cinto e o zíper e ele respirou fundo, com o impacto repentino do ar frio, sentindo a bem-vinda libertação da cueca e pensando que quem sabe ela pudesse chupá-lo primeiro, vai fundo, garota, *chupa*...

Mal o havia exposto abertamente, Caprice recuou:

— O que é *isso*?

— Bem, o que você acha que é?

Caprice afastou o joelho:

— Que diabos aconteceu? Você nasceu com algum tipo de defeito?

— Nasci perfeitamente normal — disse Jackson. Ou, pelo menos, esse era o sermão que Carol lhe dera durante o ano anterior.

— Olhe, sinto muito, não posso fazer isso. — Caprice levantou-se e começou a vestir a roupa.

— Não, por quê? Meu dinheiro não é bom o bastante? Você está aqui para trepar comigo, não para se apaixonar.

— Eu não posso mesmo, é muito... Olhe, não estou tão apertada de grana assim, está bem? Acho que você vai ter que encarar a conta do hotel, mas posso fazer a agência estornar a cobrança do serviço de acompanhante. Há outras firmas que cuidam de... Você pode procurá-las. Que se especializam em... deficiências. Necessidades especiais.

Jackson fechou a braguilha, furioso.

— *Necessidades especiais*? Tenho um pouco de tecido fibrosado, mas não sou idiota!

— Pode chamar do que quiser, não é a minha praia.

Quando o zíper da saia emperrou, a moça, antes imperturbável, pareceu entrar em pânico e, quando finalmente conseguiu fazer o fecho se mexer, exibia a expressão daquele tipo de heroína engenhosa de filme de suspense que, por um triz, consegue abrir a fechadura com um grampo de cabelo, um segundo antes do assassino em série estourar a janela para entrar.

— Boa sorte com o livro! — disse, lembrando-se dos bons modos à porta. — Vou... vou ficar esperando por ele, pode crer!

* * *

Na manhã seguinte, Jackson já estava no escritório quando Shep chegou, porque Shep tinha se atrasado — e não era a primeira vez. Jackson gostaria de ter-lhe coberto a retaguarda, mas Pogatchnik ficara parado na porta de seu escritório, esperando. Sob o olhar sarcástico do patrão, Shep instalou-se em seu posto e tirou a jaqueta de pele de carneiro, revelando uma camiseta estampada de flores havaianas; Jackson lamentou as gordurinhas recentes do amigo, sem as quais a camiseta sem mangas teria exibido

uma musculatura que ele próprio sempre tinha invejado. Shep tirou as calças de neve, sob as quais usava as bermudas espalhafatosas que Pogatchnik preferia no verão, só que era fevereiro. Por último, pegou um ventilador a pilha em miniatura que equilibrou sobre o terminal de computador. Tudo isso fazia parte da guerra permanente em torno do termostato (eram apenas dez da manhã, e o lugar já beirava os trinta graus), mas, se Shep pretendia antagonizar Pogatchnik com esse visual, pelo menos deveria chegar na hora. Havia alguma coisa acontecendo com o sujeito, alguma coisa meio temerária e amalucada, mas de um jeito peculiarmente dócil; afora a indumentária, a conduta de Shep, pensando num certo best-seller ainda não publicado, era de *subserviência forçada*. Enquanto isso, o resto do pessoal ficou calado, olhos estudadamente fixados nas telas dos computadores, mas num ângulo que permitisse manter Shep e Pogatchnik no campo da visão periférica.

— É muita gentileza sua juntar-se a nós, Knacker — disse Pogatchnik. — Estou, assim, emocionado com a honra da sua presença. A que devemos essa visita da realeza, essa visão extraordinária de lorde Mandrião, misturando-se com as reles massas pululantes e se dignando vir trabalhar?

— Minha mulher teve uma febre de quarenta graus — disse Shep sem se alterar, ligando o computador e ajustando o ventilador. — Outra infecção. Passei a noite inteira no hospital.

— Você está ciente de que os atrasos e o absenteísmo crônicos são causa para demissão, ponto final, em qualquer tribunal a que você se dê o trabalho de me arrastar?

— Sim, senhor. E compreendo que o senhor seria levado a medidas drásticas, se fosse uma simples questão de um empregado que dorme até tarde. O que seria impossível quando o dito empregado nem chegou a dormir.

— Além de fingir que não vejo quando você entra aqui flanando, na hora que bem entende, espera que eu sinta pena de você?

— Não, senhor. Espero que leve em consideração as circunstâncias excepcionais de doença na minha família, como faria qualquer patrão racional e justo como o senhor.

— Pois então, acho que isso me torna *irracional*. Você está despedido, Knacker.

Shep enregelou. Seus olhos ficaram fixos na tela.

— Senhor. Sr. Pogatchnik. Compreendo a sua frustração. E prometo procurar chegar no horário e cumprir todos os dias regulares de trabalho que as minhas dificuldades atuais permitirem. Com a sua permissão, eu gostaria de observar que tenho continuado a cumprir minhas responsabilidades. As muitas reclamações sobre nossos serviços abaixo do padrão — fez uma pausa nesse ponto, e Jackson pôde ouvir a inferência pouco política, *nossos serviços antes exemplares, mas agora abaixo do padrão* — não têm-se acumulado. Como o senhor tem plena ciência, o tratamento médico da minha mulher depende do seguro fornecido por esta companhia. Em nome dela, e não no meu, eu lhe pediria para reconsiderar.

— Pois você está com um azar danado. Não contratei a sua mulher e não dirijo um asilo. Se você tem problemas com o sistema, escreva para o seu deputado no Congresso. Agora, pegue suas coisas e saia.

Pogatchnik tinha feito muitas ameaças, mas dessa vez foi diferente. Deixando de lado a ironia de que, nos velhos tempos da Knack, o próprio imprestável Randy tinha sido um inventor de doenças de notória impontualidade, a brincadeira tinha acabado.

Ao reconhecer que esse ex-empregado gordo e sardento não era vulnerável à persuasão, Shep arriou os ombros. Suas costas se endireitaram e o corpo realinou-se numa postura tão relaxada e simétrica, que ele poderia passar por um mestre de ioga. A boca abriu-se num sorriso fatalista. Ele pareceu sereno. Jackson julgou compreender. Quando se teve medo de uma coisa por muito tempo e então ela acontece, esse evento terrível é um alívio. A gente o abraça. Fica contente com o mal. É que no bojo do mal não há mais medo. Não se pode temer o que já aconteceu.

Enquanto Shep desligava seu terminal e atravessava a sala para buscar uma caixa de papelão vazia, seu porte voltou a ser o do homem que Jackson um dia reverenciara e a quem, em certos momentos, fizera esforços embaraçosamente óbvios de imitar. O sujeito finalmente se movia com serena segurança, e não

como um baba-ovo servil. O Cool Hand Luke de *Rebeldia indomável* tinha voltado. Jackson não se apercebera do quanto havia sentido falta desse homem: poderoso, competente e resoluto. Um homem com quem se podia contar — que nunca deixaria os bichos de estimação do amigo passarem fome nem suas plantas morrerem enquanto ele saía de férias, que nunca perderia a chave da casa dele. Que não pestanejaria na hora de fazer um empréstimo a um camarada, fosse de cinco ou de cinco mil dólares. Que não o anotaria num registro nem esperaria recebê-lo de volta. Um homem confiável e generoso, do tipo que agora era uma espécie ameaçada de extinção nesse país, onde todos vivem com a mão estendida e, portanto, são propensos a ser explorados por tudo e por todos. Um homem que tinha um passatempo excêntrico, considerado ridículo pela maioria das pessoas, mas que cabia a Jackson ver como cativante, porque as fontes amalucadas de Shep Knacker faziam borbulhar umas nascentes de fantasia numa vida que, afora isso, era austeramente pragmática. Um homem que, a despeito de toda a sua bondade e trabalho árduo, só tinha realmente pedido uma única coisa, no final: ser liberado. E já que, querendo ou não, agora obtivera o que havia desejado, era uma lástima desgraçada que o momento fosse tão infeliz.

Olhando de sua porta com uma expressão furiosa, Pogatchnik parecia estranhamente insatisfeito, depois de registrar o corolário da realização de uma terrível expectativa: quando se punha fim a uma coisa realmente divertida, não se podia mais esperar por ela. Entrementes, Shep circulou pelos cubículos, fazendo comentários bem-humorados com os colegas, trocando apertos de mão, apertando um ou outro ombro, dando tapinhas tranquilizantes em vários braços. Apesar da cômica indumentária de rato de praia, qualquer estranho que observasse aquela sala presumiria de imediato que o personagem carismático e imponente de estampa havaiana era o patrão. Bem, ele era. Isso era o que Pogatchnik nunca pudera suportar, e era a razão de Shep ter sido despedido. Dissesse a lei o que dissesse, Shep ainda era o chefe, e sempre o tinha sido, enquanto Pogatchnik tinha alma de peão, nem mesmo despedir Knacker jamais modificaria isso.

Graças à proibição de “parafernália pessoal” imposta por Pogatchnik, Shep não teve que desmontar uma colagem de instantâneos da família, e o processo de juntar suas coisas foi rápido. Com o casaco num braço e a caixa embaixo do outro, ele deu uma olhada no escritório ao chegar à porta.

O web designer gritou:

— Ei, Knacker, você esqueceu uma coisa, não foi?

Shep arqueou as sobrancelhas.

— A porra da sua companhia, cara!

Inicialmente abafada, uma risada sediciosa correu por entre os funcionários. O contador gritou:

— É, me leve com você!

Jackson tomou sua exclusão da rodada de despedidas de Shep como um elogio; não gostaria de ter sido mais um colega de trabalho.

— Deixe eu lhe dar uma mãozinha com isso — disse.

Embora pudesse cuidar sozinho de sua única caixa de papelão, Shep disse “obrigado” e os dois saíram juntos.

* * *

Caminharam em silêncio para guardar a caixa no carro de Shep.

— Tive que vender o Golf da Glynis — ele comentou em tom brando, fechando a mala. — Felizmente, ela ainda não notou.

— Ela ainda acha que vai voltar a dirigir?

— É provável. Ou sei lá o que ela acha.

— Do jeito que ela tem vivido na sua própria realidade — disse Jackson —, sem enfrentar a barra...

Para você, isso deve ser... meio solitário.

— É — confirmou Shep, com ar agradecido. — Pode-se dizer que sim. Escute, é melhor você voltar. Não vai querer ser despedido também. Você sabe que ele agarraria a oportunidade sem pestanejar.

— Pois que agarre. Você não imagina que eu vá continuar a trabalhar lá, depois da sua saída.

— Talvez você se surpreenda. As contas para pagar. Não pense que tem de fazer alguma coisa dramática por minha causa.

— Não se preocupe — disse Jackson. — Se eu fizer alguma coisa dramática, será por minha própria causa.

Engraçado, a decisão não se manifestou de imediato. Nenhuma luz se acendeu — ou se apagou. Nem o pensamento nem o humor de Jackson deram uma guinada violenta noutra direção. Mas foi bem em torno do ponto em que ele não pôde imaginar-se dando duro naquele cubículo imbecilizante nem mais uma tarde, e não pôde imaginar-se como um sério candidato a dar duro em nenhum outro cubículo, que aquilo que nos últimos meses tinha sido um refúgio, uma ilha teórica de trégua na sua cabeça, não muito diferente da de Shep — sua própria Pemba particular —, começou a se consolidar numa massa terrestre para a qual ele efetivamente poderia ir. É que o branco que lhe veio não se deu por falta de imaginação, ou mesmo por uma recusa, *à la* Glynis, de enfrentar a barra. Não foi negação, mas reconhecimento: de que ele não podia evocar uma imagem de si mesmo marcando passo mais uma vez num emprego sem sentido, espichando a cabeça entorpecidamente acima do solo, como mais uma planta perene na lavoura de cidadania do governo, porque ele não o faria. Não era isso que ia acontecer.

— Acho — anunciou, em tom descontraído — que hoje é um *dia de folga para resolver assuntos pessoais*.

Shep encolheu os ombros:

— Então, que tal uma caminhada? Até o Prospect Park, pelos velhos tempos, já que, de agora em diante, parece que não tenho outra coisa senão *dias de folga*.

— Só se você vestir esse casaco. Sinto frio só de olhar para você.

Shep vestiu obedientemente a jaqueta de pele de carneiro.

— As calças também — ralhou Jackson.

Shep baixou os olhos para as pernas nuas e sorriu:

— Acho que não. Alguma coisa neste visual combina com o meu estado de humor.

— Você está parecendo um maluco.

— Foi o que eu quis dizer.

E assim, partiram pela Sétima Avenida. Esse foi o momento seguinte, o instante crucial em que a Pemba mental de Jackson, até então vaga, adquiriu mais um grau de nitidez, como que focalizada pelo visor de uma câmera automática descartável: o ponto em que ele soube com certeza que esta seria a última caminhada. Que eles estava dobrando juntos a esquina da Rua Nove pela última vez.

— E então, *como vai você?* — perguntou Shep, com a mesma inflexão enfática que Ruby tinha usado no quarto da irmã no hospital.

Por um instante, Jackson considerou seriamente pôr tudo para fora — sobre as dívidas, sobre já ter deixado de pagar o mínimo de dois cartões. Sobre a cirurgia, a infecção, sobre as reconstituições atamancadas que só tinham feito tudo piorar. Sobre a revelação, na Union Street, de que, aparentemente, ele não podia nem mesmo pagar a uma mulher para ter relações sexuais. Mas parecia tarde demais, e demoraria muito. E, o que era mais importante, no fim de qualquer desabafo confidencial, nada teria mudado. O provável, é claro, era que tudo viesse à tona no final, mas isso era aceitável. Daria a eles alguma coisa de que falar, e eles precisariam de assuntos; precisariam de razões. As razões não eram realmente essas, mas seria uma explicação bem-acabada, à qual eles se agarrariam. Quanto à razão verdadeira, Jackson não tinha disposição de formulá-la, já que um dos muitos apetites de que se sentia abrindo mão era qualquer desejo de ser compreendido; gloriosamente, o cartão desse dia, Saia da

Terapia de Graça, também o isentava de qualquer obrigação de compreender a si mesmo.

Ainda assim, não queria continuar a isolar Shep de uma forma que o magoasse e, por bondade, confidenciou:

— A Flicka está desmoronando. O fato de isso ser inevitável não ajuda. Meu casamento está desmoronando, e o fato de isso *não ser inevitável*... será que o torna *evitável*, existe essa palavra? Bem, a *evitabilidade* também não ajuda.

— Lamento saber disso. O que aconteceu?

Jackson tentou falar com sinceridade, mas sem se estender. Nesse momento, era Shep quem tinha os problemas de verdade, e ele não devia ser egoísta. Na verdade, presenteado com sua interioridade animada, justamente do tipo das férias permanentes que Shep havia planejado durante anos, e não mais fitando sua Pemba particular de longe, mas passando a contemplar o presente abreviado da perspectiva da própria ilha, Jackson sentiu-se desprendido, verdadeira e profundamente, talvez pela primeira vez na vida:

— A verdade é que nunca achei que a merecia. Ela é muito bonita, e é realmente competente em tudo o que faz, seja no paisagismo, na IBM ou na adaptação à maldição de uma filha com uma doença tão rara, que só outras trezentas e cinquenta pessoas no mundo também têm. E ela é muito, bem, muito *boa*. Mas acho que finalmente passou a ver as coisas do meu modo. Agora, também não acha que eu a mereça.

Talvez tivesse sido o tom calmo e filosófico assumido por Jackson, a reservada loquacidade da última frase, mas Shep virou-se, olhou atentamente para o amigo e pareceu perturbado com o que viu, ou perturbado com o que não conseguiu discernir, e não disse nada.

Quando entraram no parque, Jackson lembrou-se de sua conversa ao fazerem aquele circuito, mais ou menos um ano antes: uma caminhada gélida, durante a qual Shep havia jurado não dar a Glynis um “tratamento médico no estilo hambúrguer de peru”; agora, o sujeito tinha bancado para ela um tratamento no estilo do corte mais requintado da carne de primeira, e mesmo assim, Glynis ia bater as botas. Mais uma alegre ocasião a que agora Jackson planejava faltar. A opção de cair fora não lhe parecia covarde, mas sensata. Ora, os sofrimentos de que ele planejava escapar em breve eram numerosos demais para listar: a despedida de Flicka; sua mulher também ficando com câncer, talvez; Heather virando um balão ainda maior e não conseguindo arranjar namorado; a cena desagradável de quando ele abrisse o jogo com Carol, por haver uma placa de À Venda Pelo Credor prestes a ser fincada do lado de fora da casa; isso para não falar dos furacões, quebras da safra agrícola, craques das bolsas de valores e guerras civis que o resto do mundo despejava em cima da gente, só por nos levantarmos da cama de manhã. Como a sorte era sobretudo uma questão de driblar o azar, isso faria de Jackson, dentro em breve, um dos sujeitos mais sortudos do planeta.

Ele ficou à espera de que Shep trouxesse à baila o seu seguro de saúde rudemente cancelado. Em vez disso, o amigo falou do pai:

— Eu me sinto mal por não visitá-lo. Por não poder chegar perto dele, com essa tal de *c-diff*, por causa da Glynis. Parece que eles não conseguem matar a bactéria. Uma rodada de antibióticos atrás da outra. Acho que perdi a estribeira com uma das enfermeiras ao telefone, umas semanas atrás. Mas veja só: quando reclamei que era óbvio que aquele lugar tinha problemas de higiene, e que tal se pelo menos eles comessem a lavar as mãos, sabe? Ela *riu*. Disse que, nos experimentos de laboratório, quando se põe essa bactéria *c-diff* numa placa de petri com o desinfetante violento que eles usam, *ela cresce*.

— Essa merda se multiplica no troço que eles usam para matá-la? Cara, a gente tem de admirar um organismo que tem essa determinação. Uma porção de gente acha que um dia a raça humana será substituída por uma forma de vida superior, mais desenvolvida. Por mim, acho que o futuro pertence aos minúsculos e sem cérebro. Daqui a alguns milhares de anos, a Terra terá uma crosta sólida de nada além de rinovírus, piolhos, mofo e estreptococos.

— Você fala como se ansiasse por isso.

— E anseio. Imensamente.

— Eles dizem que o papai emagreceu mais e não pode se dar a esse luxo. Mas, nos últimos dois ou três telefonemas, o que me derrubou não foi só ele parecer tão fraco. Ele diz que não acredita mais em Deus.

— Não é possível. Isso é só uma fase ruim, ou então, ele está de gozação com você.

— Não poderia estar falando mais sério. Ele diz que, quanto mais se aproxima do fim, mais vê... que não há nada para ver. Diz que não sabe como demorou tanto a entender, já que é tão simples, mas que, quando a pessoa morre, morre. E diz que, depois de ter sido um ministro presbiteriano fiel por todos esses anos, e de ser deixado sofrendo meses de humilhação, deitado em fezes liquefeitas, tendo suas partes íntimas esfregadas com uma esponja molhada e fria por uma enfermeira gorda e irritadiça de Gana, bem, simplesmente não pode haver ninguém lá em cima. Ele falou que isso era o que muitos paroquianos tentavam lhe dizer quando morria uma criança ou eles saíam de um acidente de carro como paraplégicos babões, e ele se recusava a escutar, mas agora entendeu.

— Uau! Isso é mesmo muito sofisticado.

— Eu achei horrível.

Jackson parou e se virou:

— Pensei que você não acreditasse nessa baboseira cristã.

— Não particularmente. Quer dizer, não acredito. É uma história muito boa, mas muito fantasiosa para mim... todo esse negócio de filho de Deus e da virgem imaculada. E qualquer religião que afirme que a nossa única espécie, neste único planeta, circundando essa única estrela, vem a ser toda a finalidade do universo, tudo o que mais importa, bem, isso é suspeito, não é? Quando você olha para o céu, com tudo o mais que existe lá? Isso é interesseiro e, no nível estatístico, claramente improvável. Além disso, umas coisas que eu vi naqueles países realmente miseráveis que a Glynis e eu visitamos: bueiros a céu aberto, feridas purulentas, criancinhas ficando cegas por causa de parasitas na água... Aquilo não faz pensar que haja ninguém no controle... ou, pelo menos, ninguém que preste. Mesmo assim, o fato de papai ter fé sempre foi um bom motivo para eu não acreditar. Se eu achar que não existe nada e *ele* também achar que não existe nada... sei lá. De repente, fica tudo meio alarmante. Na verdade, eu me apanhei numa posição esquisita. Sinto que o que eu realmente deveria fazer... se me importo com ele, sabe? ...era tentar convencê-lo a voltar a acreditar em algo em que não acredito. Como se eu devesse ler as escrituras para ele no Livro de Jó. Ou me esgoelar naquele hino “Bringing in the Sheaves” por telefone. Porque tenho achado essas conversas incrivelmente deprimentes. Caramba, eu achava que as pessoas deviam *encontrar* a religião quando estão com medo de morrer.

— A Glynis não encontrou.

— Ela é muito perversa. Mesmo que visse a luz, fingiria não ter visto, nem que fosse para implicar com a irmã. E depois, ela está tão convencida de que não vai morrer que se recusa até a ter medo disso.

— Se a força de vontade tiver alguma coisa a ver com essa história, a Glynis vai viver até os cem anos.

— Você acredita em outra vida? Do tipo da das outras pessoas, com “o” minúsculo?

— Que nada — disse Jackson. — E depois, não quero nenhuma. Digo, quem ia querer mais *disso*?

— Acho que a ideia é que nela não existe mesotelioma nem “handiman.com”.

— Mesmo assim. Eu só estou cansado, cara.

— De quê?

— De tudo, cara. De tudo, porra.

Shep lançou-lhe outro daqueles olhares.

Passaram pelo curral, onde uma moça exercitava um cavalo que parecia estar com frio. Ela olhou de esguelha para o sujeito de jaqueta de pele de carneiro e bermudas, mas talvez tenha-se consolado com a ideia de que pelo menos o homem atarracado que andava ao lado dele parecia mais ou menos normal.

Quase todo o parque estava deserto, no entanto, os galhos parecendo garras nuas, o céu, um mingau encaroçado e congelado. O asfalto da rua no perímetro do parque estava salpicado de sal, e nas laterais dela, montes de gelo preto e duro se evaporavam, revelando aos poucos seus pedaços de fezes de cachorro congeladas. A cidade nem deveria ter parques no inverno, na verdade. Ficava tudo errado.

A fala de Shep foi cinzenta e sinistra como a paisagem:

— Talvez eu tenha que declarar falência.

Até esse momento, Jackson estivera deslizando numa agradável e indolente apatia elegíaca, num estar acima de tudo tão anestesiado, que podia ver as figuras dos dois fazendo a curva junto à saída da Rua Quinze como se levitasse acima delas. Mas a revelação de Shep o fez cair de bunda na calçada.

— Pô, você está brincando! Com todo aquele dinheiro que recebeu pela Knack?

— Quarenta por cento de cosseguro. Meu pai. O plano de saúde da Amelia... Nesse meio-tempo, vendi tudo de que podia me desfazer no eBay: o carro da Glynis, meu equipamento de pesca, minha coleção de discos; por pouco não vendi a Fonte do Casamento, mas tive medo de que apenas a derretessem para ficar com a prata e, no fim, não consegui. E tudo isso deu uns trocados, de qualquer maneira: mal cobriu um hemograma e uma tomografia por emissão de pósitrons. Especialmente depois do imposto sobre o ganho de capital, a verdade é que você sempre teve razão. Não fiquei rico. Um milhão de dólares não é tanto dinheiro assim.

— Faz alguma diferença se a Glynis... se a Glynis...?

Com delicadeza, Shep extraiu dele a ideia, num gesto de generosidade quase física, como ao tirar dos braços de Jackson, junto ao carro, a caixa de papelão da Randy Mão na Roda em que estavam seus pertences pessoais:

— Se ela morrer mais depressa? Sim, isso poderia me poupar. E pensei nisso, é claro. Não pude me impedir. Esse meu pragmatismo, você sabe, pode ser uma praga. Você não imagina como é terrível pensar nessas coisas.

— Mas, no final das contas, não seria melhor para ela também?

— O que você está sugerindo: que eu devo asfixiá-la com um travesseiro? Não cabe a mim concluir isso por ela. Glynis está aguentando firme. Com um punhado de comprimidos a cada hora e minúsculas refeições pastosas, toda vez que consigo forçá-la a engolir alguma coisa, ela está aguentando firme. Logo, tenho de presumir que seja isso o que quer. Mesmo assim, ainda que seja só por mais um mês, sem o seguro, vou ficar liquidado. Pior do que liquidado. Mergulhado no vermelho até o pescoço, e agora nem salário eu tenho.

— É provável que você receba uma indenização.

— Que irá toda para os credores.

— Bem, nesse caso, pode ser que falir seja bom. Leve esse negócio da Glynis até o fim, deixe as contas se empilharem e, depois, dê entrada nos papéis. Passe um traço. Comece de novo. É para isso que serve a falência.

Num impulso, Jackson contemplou a mesma solução para suas próprias dívidas, mas descartou a ideia. Não por causa da ignomínia. Era trabalhosa demais.

— Sempre cumpri minhas responsabilidades — disse Shep. — Você me espinafrou por deixar gente como a Beryl tirar vantagens, mas nunca me incomodei com isso. O que me importa é manter a cabeça erguida, ser alguém com quem as pessoas podem contar. Agora, serei apenas mais um caloteiro, como todos os outros.

Mas a onda inicial de desgosto de Jackson por causa do amigo já se reduzira ao tédio. Ele chamaria a desonra fiscal de Shepherd Knacker de uma injustiça se ainda estivesse interessado, mas não estava. Engraçado, aquela mescla de emoções de alta octanagem que servira de combustível durante toda a sua vida adulta — indignação, consternação e desprezo — parecia ter se esvaziado abruptamente, como um tanque de gasolina. Ele gostaria de se inflamar por Shep, é claro, nem que fosse, como esse arrastar

ritualístico dos pés em torno do Prospect Park, pelos velhos tempos. Mas não conseguiria elaborar uma chuva de improperios adequada nem que lhe encostassem um revólver na cabeça.

Perfizeram todo o circuito de seis quilômetros e pouco, desta vez, guardando silêncio durante a última subida longa. Ao voltarem ao carro de Shep, Jackson quis transmitir algo sábio e memorável, mas não conseguiu pensar em nada além de “Cuide-se”, já que alguém teria que fazê-lo. Mesmo assim, embora os dois nunca tivessem sido muito dados a abraços e tapinhas, depois de uma demora acanhada junto à porta do motorista, Jackson estendeu a mão e abraçou seu melhor amigo com força, e por muito tempo. Quando se separaram e Jackson acenou um adeus, antes de se virar para descer a avenida, ocorreu-lhe que um bom abraço tinha sido mesmo a pedida certa. Melhor do que ser inteligente.

* * *

A caminho de casa, no começo da tarde do que se revelaria o supremo *dia de folga para resolver assuntos pessoais*, Jackson caminhou com desenvoltura e leveza aceleradas, tomado pela mesma serenidade que havia descido sobre Shep na Randy Mão na Roda ao acontecer o pior. Sentia-se purificado — como se Gabe Knacker estivesse errado e um pobre coitado houvesse realmente morrido por seus pecados; como se houvesse acabado de sair do chuveiro, naqueles tempos antes de ser levado a tirar imediatamente de cena a própria virilha, enrolando-se numa toalha. Já não estava preocupado com as contas dos cartões de crédito; não se sentiu seguido. Pôde ver o encontro da véspera com “Caprice” por um prisma cômico, e chegou a lamentar não vir a tirar proveito dessa ótima história, compartilhando umas cervejas. Ficou meio triste com o fato de Shep estar falido e desempregado, mas foi uma tristeza branda, consoladora, como o céu nublado. A situação aflitiva de Shep era uma clara ilustração de que nada tinha sentido e de que não havia nem nunca houvera qualquer relação entre virtude e recompensa. Mas essa foi uma percepção calma, direta e factual que ele pôde considerar com equilíbrio e placidez, como alguém que se lembrasse de comprar guardanapos de papel.

A sensação de estar perfeitamente tranquilo foi um lembrete de como, em contraste, ele se sentira torturado durante mais ou menos todo o último ano, se não na maior parte de sua vida. Em retrospectiva, deveria ter se prometido essa trégua na ilha muito antes. Shep era mesmo um gênio psicológico. Todo o mundo devia ter uma Pemba.

A despreocupação amena, balsâmica, acalmou-o em quase todo o trajeto para casa. Sentiu-se cansado, é claro, mas foi um cansaço gostoso, como o que se sente de depois da musculação. À guisa de experimento, ele evocou uma multiplicidade de temas com os quais se havia aborrecido no passado — o Imposto Mínimo Alternativo, os padrões negligentes da educação e a armação do servidor público no estacionamento do centro comercial de Manhattan —, e nenhum despertou nada além de uma amável indiferença. Jackson não se incomodava com o excesso de normas da construção civil e não se incomodava com o Iraque. Não se importava se um membro de suas turmas de trabalhadores deixasse escorrer cimento molhado dentro do ralo do pátio de um cliente, e não se importava se eles deixassem lanhos nas paredes de gesso, por causa do coice de uma pistola hidráulica de pregos. Para ser totalmente franco, neste exato momento, não se importava se um dia desses Flicka não acordasse, já que esta seria uma boa maneira de partir, e ela ia morrer mesmo. Não se importava por deixar Carol em apuros financeiros, porque ela era uma mulher atraente e engenhosa, que não tardaria a encontrar outro marido.

Quanto a tirar dos agentes da Receita outros vinte anos de pilhagem da sua renda, a opçãozinha astuciosa de cair fora que ele tinha em mente era vingativamente engenhosa, a suprema dedução do imposto. Ele deduziria a si mesmo. Na verdade, seria bem feito para aqueles babacas se, num ato espontâneo de desobediência civil, toda a população de trabalhadores do país seguisse o seu exemplo, da noite para o dia. Como isso deixaria os Sugadores? Fodidos e mal pagos. *Ah, merda, para onde foram*

todos os escravos, cadê o meu café da manhã?

Mas esse breve sentimento de satisfação deu lugar, imediatamente, a um cansaço mais profundo, mais sonolento e muito mais abrangente — como o de um garoto cercado de brinquedos que já está crescendo demais para usá-los, enquanto todo o resto das crianças continua a se extasiar com eles. Era provável que essa fosse uma sensação corriqueira num homem de noventa anos; se era assim, pelo menos chegar lá na metade do tempo era eficiente. Começou em Windsor Place, cujas residências palacianas da década de 1920 ele sempre tinha invejado. De repente, o volume de trabalho que devia ter sido necessário para montar o quebra-cabeça da rebuscada filigrana em madeira que adornava as grandes e indolentes varandas de tijolos pareceu-lhe incompreensível; pareceu-lhe ainda mais incompreensível que alguém se desse o trabalho de repintar, consertar ou substituir esse vão detalhe arquitetônico e, em vez de admirar mais uma vez aquele rendilhado geométrico, Jackson pensou: *podem ficar com ele*. Em seguida, a mesma generosidade indolor espalhou-se por tudo, numa onda violenta e estonteante, como aquele pequeno limiar que uma pessoa cruza ao limpar os armários e, de repente, em vez de se angustiar com cada par de botas com o salto gasto, mas ainda usável, sua despedida de todo o lixo que ela nunca vai usar, de qualquer maneira, deixa de ser um sacrifício e se converte numa alegria. *Podem ficar com tudo*: não só os almoços de domingo em Bay Ridge, tentando em vão impressionar os pais e lhes mostrar que o filho deles não era um reles porcalhão — era o *braço direito* de Shep Knacker, ou, mais tarde, um homem *da gerência* —, mas também a própria tradição dos almoços dominicais, além do próprio dia da semana. Cartões de agradecimento e limpezas disfarçadas de manchas de caldo de carne; embalagens de plástico ondulado a quente, que só se conseguia abrir com uma tesoura de podar, e programas de computador incompatíveis. O ramadã, o Dia de Colombo e os piqueniques. A soberania nacional, as receitas de pão de banana e a Amazon.com. *Bungee-jumping*, bombardeios suicidas e o se apaixonar. Estações espaciais, o *purdah* e a calvície masculina. Protestos em defesa do direito à vida, geladeiras autodescongelantes e bainhas; aromatizantes de ambiente feitos de pinheiro de Natal, assassinatos presidenciais e retrospectivas de dez anos da queda do *apartheid*. Microempréstimos, tratamentos contra carunchos e ligas antivivisseção. Assentamentos da Cisjordânia e milho transgênico; tratados contra a proliferação nuclear, a Semana Nacional de Conscientização sobre o Consumo de Sal e a água fluorada. Estados narcotraficantes, saias para cama box e vandalismo em abrigos de ônibus; números da sorte, cores favoritas e coleções de botões. Escarificação tribal e prêmios de Melhor Álbum de Polca do Ano; cerimônias do chá, cortes de cabelo à máquina e energia alternativa. Filmes de longa-metragem, a Quinta Emenda e a previsão do tempo; a exploração do Ártico, a ação afirmativa e contratos de telefones celulares. A dieta de South Beach, os maus-tratos contra idosos e a Batalha de Waterloo; burcas, armações de camas e a regra do batedor designado no beisebol; relíquias de família, palmilhas e a União Europeia. Tudo, desde bombas artesanais, o PIB e até aparelhos de MP3, escassez de combustíveis e dicas de jardinagem: ele estava simplesmente cheio daquilo tudo, cara. Das pessoas e de suas merdas.

* * *

Quando Jackson estendeu a mão para a porta da entrada, o trinco superior fechado confirmou que não havia ninguém em casa. Heather tinha uma Oficina de Conscientização sobre a Diversidade depois do horário da escola, e Carol fora levar Flicka à nutricionista.

Ele desceu ao porão sem muita pressa. Apanhou a caixa de metal escondida dentro da pirâmide das três caixas de piso pré-revestido de carvalho, aquela vasta sobra da substituição do assoalho do quarto de Heather que o fabricante não lhe permitira devolver. Ele havia multiplicado loucamente a metragem quadrada do quarto pequeno e encomendado madeira demais. Embora a companhia realmente devesse ter aceitado de volta as caixas fechadas, Jackson já não conseguia imaginar por que tomar um prejuízo de

quinhentos dólares, com a sobra das placas com encaixe macho e fêmea, deixara-o tão enfurecido, na época; afinal, o erro de aritmética fora seu. Ele havia desperdiçado muita energia na vida e, se ao menos tivesse tido a esperteza de ligar seu gênio forte nos condutos de eletricidade, poderia ter iluminado a casa de graça.

Girando uma chave cujo tilintar suave em seu chaveiro o havia animado durante um mês ou mais, abriu o cadeado da caixa de metal e retirou o conteúdo. Até Jackson era obrigado a admirar um país que permitia tão bravamente a compra desse objeto particular — para não mencionar uma nação que ficava perfeitamente satisfeita em deixá-lo gastar mais seiscentos e trinta e nove dólares e noventa e cinco centavos num cartão de crédito quando ele já devia mais que o valor de sua casa. Que diabo, talvez os Estados Unidos fossem um país livre, afinal.

Em cima, na cozinha, remexeu na gaveta de utensílios. O pico de fúria, quando não conseguiu achar o que procurava, foi uma surpresa química; em sua frustração, ele arrancou a gaveta dos trilhos e derramou o conteúdo no piso. O estardalhaço das espátulas, escumadeiras e batedores deu-lhe nos nervos, embora a chuva idiota de utensílios a seus pés — espremedor de alho, taças para ovos quentes, esferas para infusão de chá e descascadores e cortadores de legumes — fosse um lembrete útil do seu novo lema: *podem ficar com eles*. Sentiu-se grato pelo retorno de sua conduta metódica tranquila, ao localizar o utensílio na gaveta abaixo dessa. Nela também encontrou o amolador. A maioria das pessoas não fazia ideia de como usá-lo, por isso estragava suas facas. Ao executar alguns movimentos rápidos em ângulo, Jackson lembrou-se de quantas chanfraduras havia estragado completamente, antes de pegar o jeito da coisa. Mas agora era bom nisso, e era simpático ter desenvolvido essa habilidade na hora em que ela se tornou importante.

Aço: era o que significava *Burdina* na língua basca. Um metal para testar o dele mesmo. Aplicado à ferramenta de amolar, era um nome de que ele sempre gostara. Engraçado, embora não conseguisse imaginar mais nada sob o sol de que pudesse vir a sentir saudade, achou que talvez sentisse falta de algumas palavras — *confiscatório*. Talvez fosse uma pena nunca ter escrito aquele livro. Mas os títulos! Só por seus títulos, Jackson Burdina já seria lendário.

A logística foi meio atrapalhada, mas por fim ele conseguiu o melhor ponto de apoio (outra expressão que lhe agradava quando não era associada à propaganda para levar o indivíduo a fazer mais uma compra inútil), colocando a tábua de fatiar na mesa do café. Desafivelando o cinto, pensou em tirar inteiramente as calças, para evitar o efeito indigno da roupa amarfanhada na altura dos tornozelos. Mas não estava muito preocupado com a apresentação. Quando ele cozinhava, por exemplo, seus pratos eram viris, rápidos e eficientes, e não era seu costume servir filés com uma bolota de manteiga gelada, temperada com ervas, nem enfeitar o peixe com cebolinha.

Usando uma das mãos para segurar e levantando bem alto o cutelo com a outra, ele arriou a lâmina com um golpe certo, longamente praticado em pernas de galinha para separar a coxa da sobrecoxa. Não era sua intenção ser melodramático; o gesto pretendia ser um seguro, uma garantia de que não haveria retorno. Mesmo assim, a visão daquele órgão murcho e cartilaginoso na tábua trouxe uma estranha satisfação. *Vingança*, pensou, e então pôs a pistola na boca e apertou o gatilho.

CAPÍTULO DEZESSETE

Shepherd Armstrong Knacker

Merrill Lynch Conta nº 934-23F917

1º de janeiro de 2006 – 31 de janeiro de 2006

Valor Líquido em Carteira: US\$3.492,57

Seguindo em direção norte pela autoestrada West Side, Shep refletiu que deveria ser despedido com mais frequência. O trânsito ficava mais leve no meio do dia.

Ligar para a vizinha do lado pelo celular, enquanto dirigia, era tecnicamente contra a lei. Mas alguma coisa dentro dele havia começado a patinar. Todos os outros nova-iorquinos ignoravam essa proibição, e Shep já não se sentia inclinado a abraçar seu papel de única exceção para pensar em si mesmo como uma exceção.

Em geral, ele tinha horror a telefonar para Nancy. Tendo sido em sua vida inteira o homem a quem outras pessoas pediam ajuda, ficava pouco à vontade como pedinte. Embora ela sempre se mostrasse animada a fazer favores, foi um alívio entrar em contato com a pobre mulher, fugindo à regra, para livrá-la de uma função. Já entupida de antibióticos — de novo —, Glynis estava liberada para ir para casa, e ele podia buscá-la no caminho de volta para Elmsford. Nancy, sempre grata por ser útil, souou desapontada ao ser liberada da necessidade de dirigir até o Columbia-Presbyterian. Já não se faziam pessoas assim. Em troca, santo Deus, ele nunca havia encomendado nada da Amway.

Já estava decidido a não contar a Glynis que fora dispensado. Nancy tecera um comentário sobre sua liberdade repentina no meio de um dia útil, mas Glynis se tornara tão alheia ao fato de ele ainda ter um emprego que talvez nem lhe fosse preciso fingir.

É que Glynis tinha se entregado a um egoísmo tão perfeito que fazia Beryl parecer uma voluntária a serviço da organização Save the Children em horário integral. Vivia dando ordens ao marido, que se permitia ser mandado. Era estranho como a doença transmitia um poder assombroso do qual Glynis se valia não apenas com uma santimônia imperial, mas também com um toque de veneno. Aquilo era retaliação por alguma coisa, e a natimorta declaração de independência de Shep a propósito de Pemba fora um mero item de uma única linha, na longa lista de queixas de sua mulher. Em épocas anteriores, Shep havia pensado em si mesmo como um pouquinho dominado pela mulher. Glynis sempre havia cantado de galo, impondo sua vontade em tudo, desde as cortinas até a escola que Zach deveria frequentar. Mas talvez não tivesse sido desse modo que ela via as coisas. Shep se esforçava por ver o lado de sua mulher: artesã brilhante, mas pouco reconhecida e aprisionada num casamento convencionalmente paternalista, ela se esfalfara como uma escrava, criando filhos e preparando jantares sofisticados, quando deveria estar criando peças para museus. (Não vinha ao caso que nada jamais a houvesse impedido de fazê-lo; não vinha ao caso que seu próprio marido tivesse trabalhando como um escravo, consertando as casas de outras pessoas, em geral muito deprimentes e decoradas com mau gosto, para garantir que ela tivesse a liberdade de criar o que e quando bem entendesse. Não era para favorecer

a perspectiva dele que servia esse exercício mental.) Portanto, o fato de esse marido ter-se tornado o serviçal que passava o aspirador, fazia as compras, cozinhava e corria à farmácia devia parecer simplesmente justo.

O ressentimento era maior que isso, é claro. Glynis tinha apenas cinquenta e um anos, aquilo não devia estar acontecendo, ela fora injustiçada e o mundo era seu devedor. Exatamente quem pagaria essa dívida astronômica era irrelevante, provavelmente.

Shep pegou a saída da Rua Noventa e Seis para Riverside. O sol pálido de inverno cintilava por entre os galhos desnudos do parque, apagando e tornando a luzir, contundente como uma lembrança indesejada. A cena com que ele havia deparado na noite da antevéspera ainda o acompanhava.

Ao voltar do trabalho, encontrara todas as luzes acesas. Shep subiu devagar, mas Glynis não estava aninhada em seu redemoinho habitual de cobertas no quarto. Ele bateu à porta do filho e lhe perguntou se sabia onde estava a mãe. Por cima da metralha acelerada de um tiroteio, o garoto gritou que não fazia ideia, mas que ela devia estar em algum lugar da casa. Shep tornou a examinar o térreo e o segundo andar, antes de se dirigir ao subsolo. Glynis também não estava às voltas com a lavagem da roupa nem remexendo na oficina do marido. Ele chegou até a verificar o pátio da entrada e o quintal com uma lanterna. Antes de chamar a polícia, resolveu ser rigorosamente minucioso e deu um pulo ao sótão. Lá não havia nada além do estúdio de Glynis e, ao que ele soubesse, fazia meses que ninguém subia ao local.

Encontrou-a desabada sobre a bancada de trabalho, o abajur de mesa conferindo ao quadro o brilho dourado de um Rembrandt: *Natureza-morta com doença e prata*. Glynis tinha conseguido introduzir uma lâmina em sua serra de joias. Presas com a tensão necessária, essas lâminas finas quebravam-se facilmente; essa havia partido. Estava cravada numa folha quadrada de prata de lei maciça, atravessada sobre a estilheira. Uma única linha serrilhada avançava bamboleante pela folha, até a distância de uma polegada do perímetro, talvez. Nesse ponto permanecia a lâmina quebrada da serra, esta pendendo do corte que mantinha cativa a lâmina. Ao lado da mão frouxa de Glynis havia um pedaço de papel, com rabiscos de formas inseguras e riscado por setas irritadas. Shep não soube dizer se ela estava dormindo ou inconsciente e, por um instante, temeu algo pior do que a inconsciência. Assim, ao tocá-la na testa, aliviou-se ao descobrir que sua mulher ardia em febre. Antes de carregá-la para baixo, afastou o braço dela e soltou do metal a lâmina quebrada da serra. Essa folha quadrada, com sua incisão minimalista, era, ele suspeitou, a última criação de Glynis.

* * *

Como previsto, ao levantar os olhos da cama do hospital, Glynis não se mostrou surpresa ao vê-lo. Shep também não se admirou ao encontrá-la tão frágil, com os tendões saltando do pescoço como lâminas de serra de joalheria que ela houvesse engolido. Acostumado ao declínio de sua mulher, ultimamente ele corria o risco de acreditar que ela sempre tivera essa aparência. Só as fotografias lhe traziam, num choque, a recordação da mulher que ele havia desejado durante vinte e sete anos, de modo que Shep compreendia por que ela agora proibia que se tirassem fotos. Sem nenhum registro visual, essa imagem encovada esmaeceria, rapidamente eclipsada pela mulher majestosa com quem ele se havia casado, com suas mãos ferozes, suas pernas lânguidas e aquela floresta encantada entre as coxas.

Ajudou-a a se vestir. Quando teve dificuldade para enfiar os braços dela nas mangas do agasalho vermelho-cereja dado por Carol, Glynis estourou:

— Saia de perto de mim! Isto é pior do que eu me vestir sozinha!

A enfermeira entregou mais uma receita que ele poderia providenciar a caminho de casa.

— O Goldman quer experimentar uma coisa nova — disse Glynis no carro, escorando o turbante no apoio para a cabeça, de olhos fechados. — É uma droga experimental para câncer de cólon, que vem

dando ótimos resultados nos ensaios. Pode ser que dê o soco final para nocautear esse grude nojento que eu tenho nas tripas. — Tossiu; ela sempre tossia. — Mas tenho certeza que vem com um saquinho de brindes cheio de *efeitos especiais*.

Shep teve vontade de perguntar se valia a pena experimentar mais um medicamento, mas percebeu que não convinha. Glynis não soubera os resultados de suas tomografias desde setembro.

— Isso é animador — disse com esforço, empurrando uma exuberância de ar pela garganta —, se vem obtendo resultados tão promissores em outros pacientes.

— Ah, e o Goldman me contou uma história maravilhosa! Um colega dele disse a um paciente com mesotelioma, depois que o cara foi diagnosticado: “Não faça planos para o Natal.” Isso é que é ser insensível! Pois o paciente apostou cem dólares com o babaca do médico que estaria rijo e sacudido dali a dois anos. O médico fez troça e apostou cinquenta contra um. Bem, pois esse oncologista acabou de ter que pagar cinco mil! Graças a Deus eu não tenho um desses médicos céticos que se orgulham do seu “realismo”, que praticamente entregam a pá para a gente cavar a própria sepultura.

— É uma pena o Goldman *não ser* mais cético — disse Shep, tentando soar efusivo, mas, por dentro, meio exasperado com o fato de o clínico não guardar suas *histórias maravilhosas* para si. — Na base de cinquenta para um, podíamos ter ganhado um bom dinheiro.

O sol sobre o Hudson estava anêmico, tão pálido e pouco convincente quanto essa conversa.

— Shepherd — suspirou Glynis —, dizer que eu não vejo a hora de isto acabar não chega nem perto de... Agora eu sei como é, para um maratonista, estar no penúltimo quilômetro. Seria de se supor que, com a linha de chegada à vista, a coisa ficasse mais fácil. Eu achava que os últimos tratamentos seriam praticamente animados, sabe como é: quase acabando. Ao contrário, é mais difícil, é pior. Ter acabado e estar *quase* acabando parecem praticamente a mesma coisa. Mas não são. São opostos. *Quase* acabando significa que ainda continua. A gente quer finalizar, basicamente dizer: pronto, é isso aí. Mas não é. É como ter mais um quilômetro para correr, só que você continua correndo. E percebe que, por mais que já tenha corrido, não faz a menor diferença, porque um quilômetro continua a ser uma longa distância. Às vezes eu acho que até mais um dia é mais do que posso suportar. Um dia inteiro. Você não faz ideia de como isso pode parecer longo, um dia inteiro.

— Sei que parece uma eternidade, como se nunca fosse acabar. Mas vai — retrucou Shep com firmeza e, dessa vez, com sinceridade.

Glynis esperou no carro enquanto ele dava um pulo à farmácia. Era de se supor que fosse gratificante ter um barman que servisse a bebida de praxe sem perguntar nada, mas era desolador ter feito camaradagem com o farmacêutico a ponto de os dois se tratarem pelo prenome. Depois de estacionar na entrada da garagem, Shep estendeu a mão, para que Glynis se apoiasse em seu braço, e os dois subiram devagar a escada da varanda, um degrau de cada vez. Até a simples caminhada até a casa a deixara sem fôlego, e ele a acomodou na sala para se recuperar, antes de enfrentar a escada para o quarto. Além disso, havia um assunto que precisava abordar com ela, e a natureza mais formal da sala parecia apropriada.

Shep foi buscar um suco de *cranberry* para a mulher e o serviu numa taça de vinho, embora o canudo dobrável solapasse a pretensão de maturidade da peça de haste longa. Glynis andava tão fraca que deixá-la erguer a taça para beber e tornar a depô-la era um convite a derramar o líquido. O sofá era branco, e sempre havia a possibilidade de que sua mulher se importasse.

Ele pôs a taça na mesinha de canto, junto ao cotovelo de Glynis, virou o canudo na sua direção e tirou dois comprimidos do frasco de antibiótico, pondo um, depois o outro, na língua dela. Durante tudo isso, alguma coisa o incomodava. Algo que faltava. Aquele silêncio. Shep olhou para a Fonte do Casamento no tampo de vidro da mesa de centro. Afligiu-se ao notar que a prata daqueles pescoços entrelaçados por onde fluía a água havia amarelado, exibindo agora o mesmo amarelo pálido do sol doentio da tarde. Até esse momento, em meio às piores situações, ele ainda havia conseguido encontrar um momento para polir

a prata. E o pior é que havia cessado aquele fluidocadenciado e regular que formara o pano de fundo auditivo de muitos aperitivos mais felizes antes do jantar. Shep devia ter se esquecido de completar a água por pelo menos uma semana.

Encheu um jarro de água na cozinha. Ao voltar e despejá-la na bacia, a água ficou parada. Como era previsível, havendo secado a fonte, a bomba tinha queimado. Não era a primeira vez, e não havia razão para alarme por causa do pequeno conserto a ser feito. Mesmo assim, o mau presságio o deixou inquieto.

Claramente, esse não era o momento, mas foi preciso ter disciplina para não consertar a fonte ali mesmo, naquela hora; Shep tinha umas bombas de reserva no porão. Era isso que fazia: ele consertava coisas. Consertava coisas, ou assim tinha feito até aquela manhã, para ganhar o sustento. Enquanto contemplava a água parada, a tensão por não corrigir prontamente essa pequena falha mecânica espelhou uma tensão maior de mais de um ano: ele não podia consertar as coisas.

Abandonando o jarro no chão, acomodou-se ao lado da mulher no sofá e segurou a mão dela:

— Não sei direito se você guardou a data — disse-lhe. — Está lembrada de que amanhã de manhã você deve prestar o seu depoimento sobre a Forge Craft?

Glynis deu um suspiro entrecortado e tossiu:

— Eu me lembro.

— Fico apreensivo com a possibilidade de você não estar em condições.

— Bem, o momento não chega a ser ótimo. Superei a febre, mas a infecção não está... Então, acho que sempre poderíamos...

— Sei que poderíamos remarcar, mas também estou apreensivo com isso. Já adiamos esse compromisso várias vezes. Está ficando embaraçoso, e o excesso de adiamentos pode se voltar contra nós no processo. Você sabe que nunca me entusiasmei muito com essa história toda, mas de nada adianta processar se nós perdermos. Eu gostaria que você tivesse acabado com isso quando estava mais forte. Não se trata apenas de gravar um depoimento em vídeo. Os advogados da Forge Craft estarão presentes. O Rick me avisou que a coisa leva horas e que a inquirição pela outra parte pode ser exaustiva. Mas não vou pedir outro adiamento. Ou você leva isso a termo amanhã, ou vamos retirar o processo.

— Não quero retirá-lo — disse Glynis, mal-humorada. — Alguém tem que pagar.

— Nesse caso, você tem que depor amanhã.

— Estou me sentindo péssima, Shepherd. Por que você não pode remarcar? Até semana que vem, tenho certeza de que...

— Não. — A sensação de ditar a lei trouxe uma estranha euforia. Devia fazer muitos meses que Glynis não ouvia uma recusa do marido. — Se é tão importante para você “fazer alguém pagar”, não entendo por que continua a adiar isso. Preste logo o depoimento. Amanhã. Caso contrário, vamos dar tudo por encerrado.

Glynis sentava-se ereta, mãos espalmadas sobre as coxas, olhos fechados, o turbante conferindo a sua imagem um toque meio cômico de mestre religioso hindu. Numa pose tão calma, ela deveria irradiar uma serenidade meditativa, só que começou a tremer. Quando Shep lhe tocou a mão, ela tremia como uma das escovas de dentes elétricas.

— Glynis? — chamou-a em tom suave. — Do que você está com medo? Eu estarei com você, e podemos fazer uma porção de intervalos.

Do fundo do diafragma de sua mulher veio um sacolejo que lhe subiu à garganta, onde ela tentou prendê-lo, engolindo. Tremores sucessivos sacudiram seu corpo, como se alguém lhe socasse o peito com uma marreta, tentando derrubar uma porta.

— Gnu, qual é o problema? Se for estressante demais, podemos simplesmente retirar o processo...

Embora as convulsões que a abalavam fossem sísmicas, a vogal solitária que lhe saiu da boca foi medrosa, algo assim como um *éé*.

— Psssiu — fez Shep, afagando-lhe a mão. — Calma, podemos discutir isto depois.

— É — repetiu ela, agora com mais clareza, lutando com as palavras, debatendo-se com elas na garganta como se a estivessem tentando subjugar.

— Respire fundo algumas vezes e não tente falar.

No entanto, quando Shep fez um movimento para abraçá-la, Glynis, com uma força que ele não imaginaria que ainda possuísse, deu-lhe um empurrão. Apesar de, nos últimos tempos, ele ter se tornado especialista em não se ofender com coisa alguma que sua mulher fizesse, a violenta rejeição física foi de uma contundência inesperada. Shep afastou-se para o outro canto do sofá e cruzou os braços.

— É — ela tornou a se espremer, e por fim atirou as palavras em cima dele, arrancando-as de si com o nojo e o alívio combinados de um vômito: — *É... tudo... culpa... minha.*

— O que é tudo culpa sua, Glynis? — A frieza na voz de Shep foi um prazer que ele se concedeu. — Não consigo pensar em nada que seja culpa sua.

— Isto! — ela cuspiu, passando a mão por cima do ventre côncavo. — Tudo isto?

— Tudo o quê?

— O câncer, a químio! — ela expeliu, em meio ao choro. — Eu estava pedindo! Eu fiz isto comigo mesma!

— Você não está dizendo coisa com coisa. Está só exausta...

— Cale a boca! — ela gritou, batendo com as mãos nas coxas. — *Cale-se, cale-se, cale-se!*

Esperou o marido demonstrar obediência. Quando ele se manteve longe, sentado em silêncio, Glynis pareceu recuperar um pouco do autocontrole.

— Na Saguaro — disse. — Os blocos isolantes, as luvas, o revestimento dos cadinhos... é claro, em meados dos anos setenta, pôr amianto nesses produtos não era contra a lei. Mas tinha virado um assunto controvertido, certo? Eu sabia disso, e os meus professores também. Na verdade, minha professora de metalurgia estava muito preocupada com isso, certo? Quer dizer, como você acha que eu sabia que essas coisas continham amianto, para começar?

Shep teve vontade de dizer que o simples fato de ela saber disso não tornava a coisa culpa sua, mas percebeu que a ordem do “cale-se” continuava em vigor, e que a pergunta dela fora retórica.

— Enfim, essa professora, ainda lembro o nome dela, Frieda Luten. Ela havia lido sobre essas coisas todas. Por isso, no início do meu primeiro período, mandara recolher todos os blocos isolantes e as luvas, absolutamente tudo que pudesse representar um problema para a “saúde e a segurança”, e os pusera no armário de materiais. As prateleiras tinham etiquetas que diziam “Não Use e Não Toque”. Ela havia encomendado material de reposição, mas não quis jogar fora as coisas antigas. O pessoal de vendas da Forge Craft lhe dissera que, provavelmente, a empresa ia anunciar um recolhimento de produtos defeituosos, e então a escola poderia trocar os suprimentos antigos pelos novos produtos, que eram mais seguros. A companhia fez mesmo esse *recall*, mas só no ano seguinte. Foi isso que o Rick Mystic disse que nos ajudaria a ferrá-los no nosso processo.

Shep não conseguiu se conter:

— Então, você está me dizendo que nunca usou esses produtos, afinal? Nesse caso, como é que vai...

— *Eu não acabei.*

Shep se conteve.

— Você precisa entender — disse Glynis, fixando um olhar apático na Fonte do Casamento; extinta e manchada, esta parecia agora perturbadoramente ordinária, como uma quinquilharia cafona de brechó. — Ou lembrar. Como era ser jovem. Aquele sentimento de que as preocupações neuróticas dos mais velhos não se aplicam a nós. Essa coisa do amianto era abstrata. Eu achava que estavam todos fazendo um grande barulho por nada, do mesmo jeito que tinham feito um estardalhaço em torno do corante vermelho número dois, ao passo que eu tinha comido todas as cerejas ao marasquino dos meus sundaes com calda quente de chocolate da Dairy Queen, quando pequena, e sobrevivido para contar a história. E, você sabe, as pessoas vivem mudando de ideia sobre o que faz bem e o que vai nos matar, como em toda

aquela comoção a propósito da sacarina, e aí introduzem o aspartame, que provavelmente é tão ruim quanto ela... Bem, depois de algum tempo, quem pode levar a sério esse negócio de isto é tóxico, aquilo é tóxico? E não havia internet naquela época. Eu não podia digitar *amianto* no Google e receber quinze milhões de informações. Portanto, eu não sabia nada sobre o acobertamento que vinha acontecendo fazia mais de cem anos, nem sobre todos aqueles mineradores que tinham morrido na década de 1930. E eu estava sem um puto de um centavo.

Glynis virou-se e o fuzilou com os olhos. Shep intuiu que devia dizer alguma coisa.

— E aí...?

— Ah, não seja idiota! *Eu roubei aqueles troços, Shepherd!* Sabia que precisaria montar meu próprio estúdio, quando terminasse o curso, e você deve saber: os materiais de metalurgia custam uma fortuna! Imaginei que, se aquele material estava fora de uso, ninguém sentiria falta dele. Pelo amor de Deus, por que você acha que eu me lembro da etiqueta exata na base das placas de soldar ou do estampado exato de florezinhas roxas das luvas de proteção térmica? Porque eu roubei uma caixa cheia de coisas daquelas prateleiras “Não Use e Não Toque”, porque carreguei tudo comigo quando me mudei para Nova York, e porque passei *anos* trabalhando com aquilo no Brooklyn! Não seria diferente se eu tivesse fumado dois maços de cigarros por dia durante décadas, e depois ficado toda surpresa ao me descobrir com câncer de pulmão, já que eu sabia que aquilo estava contaminado e usei assim mesmo, porque eu era... uma porra de uma pão-dura!

Ah. No que lhe dizia respeito, Shep sentiu alívio. Como o alerta original viera da própria equipe de vendas da Forge Craft, eles teriam que retirar o processo. Mesmo que não houvesse registro desse aviso honrado, levar a queixa adiante, para obter um lucro financeiro oportunista, não seria correto. Para proteger Glynis, talvez ele pudesse explicar ao Mystic que sua mulher já não tinha forças para enfrentar um depoimento. Agora ele escaparia de um processo judicial maçante, que o deixara inquieto desde o começo.

Finalmente, Glynis não resistiu quando ele deslizou para seu lado no sofá e pôs o braço em seus ombros:

— Que ironia — murmurou. — Uma das coisas pela qual eu me apaixonei quando nos conhecemos foi o quanto era econômica. Pechinchou pra diabo quando eu construí aquela bancada de trabalho para você no Brooklyn. — Deu um risinho. — O que você se dispôs a pagar mal cobria o material. Aceitar uns trocados, bem... foi assim que eu soube que devia estar caído por essa mulher. Eu nunca trabalharia por quase nada para mais ninguém. Mas eu queria trepar com você — disse baixinho no ouvido dela, e só por dizê-lo começou a ter uma ereção. — Eu queria muito, muito, muito trepar com você.

— Não sei como você ainda consegue ter disposição de falar comigo — disse Glynis, com a voz abafada na camisa de Shep. Tinha notado a ereção e estendera a mão para o pênis dele, segurando-o de leve por cima das calças. Afagou-o em sincronia com o carinho que o marido lhe fazia no ombro, como quem acariciasse um bichinho de estimação muito querido da família, apesar de cada vez mais velho. — Depois que pus a culpa em você. Não entendo muito bem o que me levou a fazer isso. Exceto que foi muito difícil aceitar... o diagnóstico... o que ia acontecer comigo, a cirurgia, os tratamentos... Eu simplesmente não podia lidar também com a culpa. Era demais. Não era exatamente se eu não me lembrasse de ter roubado o material daquele depósito da Saguaro. Eu só não queria... *me voltar para isso*. Mas me voltar contra você, pôr a culpa em você, só porque você estava ali, porque era forte e eu achava que você podia aguentar o que eu não conseguia, porque isso compunha uma história melhor, plausível, que eu suportaria contar aos outros... Bem, isso não foi justo, e não sei como você pode me perdoar algum dia.

— Eu tenho mais do que disposição de continuar a falar com você — sussurrou Shep, beijando o cocuruto liso da mulher. — Você acabou apontando o dedo para outro lugar, o que foi bom. Depois disso, ficou mais fácil para mim, sem achar que eu a tinha deixado doente, só por... — na verdade, era difícil

dizê-lo em voz alta, sem sentir um nó na garganta — ...por abraçá-la ao chegar em casa.

Shep estava debatendo se devia fazer alguma coisa a respeito de sua ereção, em vez de simplesmente desfrutar daquele estado, daquelas pontadas latejantes e insistentes que o faziam sentir-se jovem outra vez, e casado outra vez, quando o telefone tocou. Ele poderia ter deixado para lá, mas às vezes lhe convinha lembrar que tinha um filho, agora atrasado na volta da escola. Uma vez que os pais do pobre garoto tinham ficado inacessíveis em todos os outros sentidos por mais de um ano, podiam pelo menos dignar-se atender o telefone.

Não era Zach. Ao reconhecer a voz do outro lado, Shep levantou um indicador para Glynis, arqueando as sobrancelhas com ar de desculpa. De repente, ela lhe pareceu tão desgastada que uns minutos de repouso poderiam cair bem. Saiu de mansinho para o vestíbulo. À medida que a voz continuou, ele teve medo que seus gritos penetrantes de dor escapassem do fone e se tornassem audíveis, e foi para a varanda. Fazia frio do lado de fora, mas Shep ficara tão frio por dentro que bem poderia equiparar seu sangue à temperatura do ar, como um réptil.

* * *

Seria lícito dizer que Shepherd Armstrong Knacker era um homem mudado ao voltar para a sala. Em prol do pouco que lhe restava de sua vida conjugal, ele gostaria de considerar que sua resolução imediata de proteger sua mulher destroçada de certa notícia era fundamental para essa transformação. Mas, desde o dia em que lera o prognóstico de Glynis na internet e o guardara para si, como seu câncer particular, desde o dia em que escondera dela os resultados das tomografias, por uma ordem dela mesma que o deixara perplexo, proteger Glynis de informações vitais tinha se tornado um hábito. Nem que fosse apenas por omissão, Shep era — e fazia muito tempo que vinha sendo — insincero em casa.

Até esse telefonema, porém, nunca fora insincero em público. Sempre havia apresentado declarações de imposto de renda preenchidas com trabalhosa exatidão, declarando todos os pagamentos recebidos em espécie, pagos com uma piscadela. Ao contrário de sua mulher, de mão tragicamente leve, Shep nunca havia furtado uma única chave de fenda de Pogatchnik. Assinara um contrato com a Twilight Glens e, comprometido por sua palavra, nunca havia considerado seriamente a ideia de suspender os pagamentos mensais e deixar que a instituição ou o governo destrinçassem a tarefa complicada de vender a casa de Berlin, tirando-a de sua irmã, para cobrir a conta pendente.

Durante décadas, tinha escutado seu melhor amigo regalá-lo com afirmações sobre o “Sugado” que ele era — ou Pato, Ferrado, Bobão, Escravo, Panaca ou Lacaio, dependendo da moda terminológica ridícula do sujeito. Embora Shep admitisse, vez por outra, que nem sempre seus impostos eram dedicados a objetivos que ele se dispusesse pessoalmente a endossar, na maior parte do tempo, as preleções esbravejantes de Jackson sobre a verdadeira divisão de classes entre os aproveitadores e os tapeados haviam caído em ouvidos moucos. Shep achava as vociferações do homem um mero entretenimento, uma distração divertida para passar o tempo, dando uma volta pelo Prospect Park.

Agora, porém, elas eram o legado de seu melhor amigo. Afora uma filha doente e outra gorda, e uma esposa cuja compostura sobrenatural havia finalmente rachado ao meio, a lembrança dessas diatribes era tudo o que ele havia deixado. A maneira de honrá-las seria pautar a ação por elas. Por uma vez na vida, Shep Knacker deixaria Jackson orgulhoso.

Glynis estava enroscada como uma bola num canto do sofá. Shep ajoelhou-se diante dela e a desdobrou com delicadeza, como quem abrisse um botão de flor muito fechado sem quebrar as pétalas.

— Gnu — disse-lhe, sem alterar a voz, segurando as mãos dela. — Sente direito, sim? Assim. Agora, quero que você me escute. Olhe nos meus olhos, sim? Está tudo bem, não estou zangado com você. Compreendo como foi difícil guardar esse segredo por tanto tempo. Mas eu também venho guardando

segredos. E não são muito mais fáceis.

Aguardou que ela o fitasse diretamente.

— Você sabe que, com a venda da Knack Para Toda Obra, e com nossos investimentos finalmente recuperados, depois do estouro da bolha de ações da internet e do onze de setembro, nós estávamos em muito boa situação, não sabe? Foi isso que me possibilitou anunciar que eu ia para Pemba, com ou sem você. Nós tínhamos o dinheiro. Muito bem, minha escolha do momento foi ruim, o que é um eufemismo. Mas, Glynis, os seus tratamentos têm sido muito caros. Aqueles dois especialistas do Columbia-Presbyterian estão fora da lista de conveniados. Procurei poupá-la desse lado das coisas, para que você pudesse concentrar-se em melhorar. Mas acho que está na hora de colocá-la a par da situação.

“Nós estamos quebrados, Glynis”, prosseguiu. “Desde os dezoito anos, eu... o Jackson e eu trabalhamos mais de sessenta horas por semana, construindo aquela empresa do zero. Desde a venda dela, eu... o Jackson e eu temos trabalhado feito escravos para um ex-empregado gordo, relaxado e agressivo que nos detesta. Enquanto isso, você e eu nunca levamos vida mansa, e hoje eu lamento quase nunca tê-la levado para jantar fora quando você ainda tinha apetite. Mas tudo o que ganhei e tudo o que economizamos... acabou-se, Glynis. Minha conta no Merrill Lynch foi devastada. Nem dá para prever se vou conseguir pagar o aluguel do mês que vem, muito menos outra conta de quimioterapia.

“E tem mais uma coisa que eu não lhe disse”, anunciou. “Hoje eu fui demitido, Glynis. Não tenho emprego. Não tenho mais salário e, o que é ainda mais pertinente no nosso caso, já não temos seguro de saúde. Eu poderia obter uma extensão da cobertura recorrendo à legislação COBRA, mas também não podemos pagar por isso. Assim, a próxima conta da química será cem por cento paga por mim e, quando a pessoa fica fora do sistema, eles dobram o preço. Estamos a caminho da falência. Talvez você ache que tem alguma ideia de como eu me sinto a esse respeito. Provavelmente, presume que eu esteja constrangido. Mas não estou constrangido. *Estou com raiva.*”

Os apertos financeiros não pareciam estar causando grande impressão em Glynis, mas a fúria de Shep, sim.

— Ora, ora — deslumbrou-se ela. — Bem, já não é sem tempo.

— O Jackson... — Shep parou para se controlar. Não queria chorar, ou queria, mas não queria ter de explicar por quê. Estava tendo dificuldade para dizer o nome, mas parecia importante dizê-lo. — O Jackson deixa toda essa injustiça abatê-lo. Ela o devora. E é uma pena. Mas o seu modo de ver a vida não é completamente maluco. Quando você age de acordo com as regras e os outros não o fazem, você é idiota. Quando cumpre a sua parte, os outros acham que, já que está com a mão na massa, você pode muito bem cumprir a parte *deles* também. O Jackson tem explicado até ficar roxo que pessoas como ele e eu são exploradas. Somos punidos. Só pela venda da Knack, paguei duzentos e oitenta mil dólares de ganhos de capital ao governo federal. Somando tudo de que já empanturrei esses filhos da puta, desde os tempos do curso médio, tem que estar entre um e dois milhões de dólares. E esse é o mesmo governo que, quando minha mulher fica com câncer, se recusa a comprar um único Tylenol para ela. Também não cuida do meu pai idoso, embora ele também tenha passado a vida inteira pagando ao sistema; simplesmente por ele ter levado uma vida responsável, como eu, e não estar na penúria. O Jackson tem razão. Não é justo. E acho que ele não gostaria de nos ver nos curvando para ser enrabados. Talvez a melhor homenagem a um verdadeiro amigo seja dar ouvidos ao cara, para variar... levá-lo a sério ao menos uma vez, de um modo que, como me envergonha dizer, talvez eu nunca o tenha levado.

O uso do presente por Shep foi um anacronismo, mas *o Jackson deixa* e *o Jackson acha* vieram com muita espontaneidade; os verbos não foram mera ocultação. Gabe Knacker levava anos para se lembrar de dizer que a mãe de Shep *tinha sido* uma boa cozinheira, que *havia trabalhado* de forma incansável por sua congregação. Para os vivos, sem qualquer ideia de nenhum outro estado, o uso do pretérito em relação a quem desapareceu de forma desconcertante era uma disciplina, uma gramática aprendida e antinatural.

— Meu pai diria que é *apenas* dinheiro, é claro — continuou Shep. — Talvez você pense o mesmo, já que hoje a única moeda da sua vida é sua saúde. Mas não tenho como manter este teto sobre a sua cabeça sem dinheiro, nem como aquecer este lugar a uns trinta graus em fevereiro, nem como levá-la de carro ao hospital. Além disso, não quero ser “cético”, mas, haja o que houver com você... Eu tenho que sobreviver depois, nem que seja para cuidar do nosso filho. Também tentei cuidar de você da melhor maneira que pude, mas agora, estou pedindo alguma coisa em troca.

— Você quer que eu volte a fazer moldes para coelhinhos de chocolate?

Ele sorriu. Distribuía-se prêmios Pulitzer por façanhas menores do que ter senso de humor numa hora dessas.

— De certo modo — respondeu. — Quando você aceitou aquele trabalho de meio expediente, para fazer picuinha comigo, eu tinha me atrevido a sugerir que era uma lástima você não ter feito ao menos uma pequena contribuição para a nossa renda. Mas, neste momento, você pode fazer uma grande contribuição. Na verdade, pode salvar a pátria. Você pode pôr um ovo de chocolate. Um grande ovo de chocolate como pé-de-meia.

— Não entendi.

— Eu compreendo o que você me contou há pouco. Que, na verdade, você tinha sido alertada sobre aqueles produtos na escola de arte, e que eles foram retirados de uso antes mesmo de você iniciar os estudos. Que você sabia perfeitamente que eles continham amianto. Que sabia perfeitamente que o amianto era tido como mortífero. Que você roubou aquele material, desrespeitando os alertas da sua professora, que tinha sido avisada de um *recall* futuro pelo próprio pessoal de vendas da Forge Craft. Acho que você tem razão: se dissesse tudo isso no seu depoimento, o nosso processo ficaria comprometido e as nossas chances de uma grande indenização despencariam.

“Mas a Saguario fechou há anos”, prosseguiu. “Mesmo que a Frieda Luten tenha continuado a lecionar noutro lugar, é provável que esteja aposentada, e sabe-se lá onde. Nenhum dos seus antigos colegas apareceu neste processo. A Petra talvez se lembre de alguma coisa, mas é sua amiga e ficará de boca fechada. Ninguém sabe o que realmente aconteceu, exceto você e eu. Portanto, quero que você preste aquele depoimento amanhã e que realmente se empenhe nele de corpo e alma. E *quero que você minta*.”

* * *

Pontualmente iniciado às nove horas, o depoimento da manhã seguinte, numa sala de conferência esterilizada no centro comercial de Manhattan, levou quatro horas. Shep ocupou uma das cadeiras encostadas na parede enquanto Glynis ficou na berlinda à cabeceira da mesa oval; além de estar presente e insistir numa pausa de vez em quando, ele não podia ajudá-la. A câmera à esquerda de Glynis fitava-a de cima para baixo em seu tripé, pronta para registrar qualquer hesitação, qualquer rompimento do contato visual, qualquer coçada reveladora no nariz. A Forge Craft mandou uma equipe de quatro advogados, todos homens, todos estudadamente arrogantes. Quando Glynis terminou de descrever os produtos de que se lembrava, fornecendo uma descrição detalhada de como eram usados em quais processos, o advogado da empresa conduziu sua inquirição.

Localizado por uma busca tediosa na internet, Rick Mystic estava apenas na casa dos trinta, e Shep havia aprendido a dar um desconto a seu próprio alarme pelo fato de o rapaz ser apenas um garoto; se continuasse a desconfiar de todas as pessoas mais jovens que ele, em pouco tempo não confiaria em ninguém. Mystic tinha belas feições quadradas e bem-proporcionadas, que caíam bem na televisão; uma protagonista de sapatos rasos ajudaria a disfarçar o fato de que ele era baixo. Desmentindo o rótulo clássico de advogado de porta de hospital, ele dizia ter tido um tio favorito que morrera de asbestose, o que conferia a sua especialidade um cunho de missão pessoal. Embora, com aquele terno chamativo e o

corte de cabelo da moda, o rapaz não pudesse ser motivado unicamente pela filantropia, Shep calculou que eles poderiam tirar partido da cobiça de Rick Mystic para seus próprios fins, assim como haviam cooptado a vaidade de Philip Goldman. Afinal, o altruísmo vinha na rabeira da lista de motivações humanas eficazes.

Portanto, afora o preconceito geracional, o principal receio de Shep acerca de seu advogado era ridiculamente decorativo: a inserção que Mystic fazia de “meio que” e “como que” duas ou três vezes em cada frase. Claro, esse era um tique verbal corriqueiro. Mas a moderna propensão para essa ressalva incessante conferia a todas as afirmações uma imprecisão exasperante, um ar evasivo, uma hesitação suspeita e incômoda quanto a dar respostas precisas. Aquela mesa nunca seria “marrom”, mas “meio que amarronzada”, e que cor era essa? Ademais, num advogado, o tique dava ao discurso uma imprecisão que não combinava com a carreira e, no caso do depoimento de Glynis, um caráter eufemístico surrealista: desde que havia adoecido, ela não estivera “meio que impossibilitada de trabalhar”? Com esses tipos propensos a fazer ressalvas, Shep se perguntava que coisa terrível eles achavam que aconteceria, se escolhessem um substantivo ou um adjetivo e ficassem com ele, comprometidos com uma qualidade ou um objeto que fosse exatamente isso ou exatamente aquilo, e não ligeiramente outra coisa.

— Não, não posso trabalhar — respondeu Glynis. Embora suas frases fossem convincentes, frase sim, frase não era pontuada pela tosse e por uma pausa chiante para recobrar o fôlego. — E tentei, aliás. Não consigo me concentrar o bastante para acompanhar a trama de *Everybody Loves Raymond*. Por isso, ligo o Food Channel. Minha capacidade de concentração dura aproximadamente o tempo de uma receita de *brochettes* de queijo de cabra.

— E a senhora se descreveria como meio que sentindo dor? — perguntou Mystic.

— Sinto náuseas com frequência e tenho dificuldade para respirar. Sinceramente, é mais difícil pegar meu próprio copo d’água do que era completar uma hora de ginástica aeróbica de *step* na academia. E, no sentido mais profundo, não tenho privacidade. Outras pessoas vivem espetando agulhas nos meus braços. Enfiam tubos na minha garganta e cápsulas no meu ânus. Minha vida é uma grande violação. Eu gostava muito do meu corpo. Apenas um ano atrás, aos cinquenta, eu ainda era bonita. Agora, odeio meu corpo. Ele é uma perfeita casa dos horrores. Eu deveria ter uma expectativa de vida de mais de oitenta anos. Agora, creio que esse número foi... drasticamente reduzido.

Dentre as pessoas reunidas, apenas Shep reconheceu a concessão que ela fizera.

Daí em diante, os advogados de defesa se alternaram na tentativa de abrir buracos no depoimento. Citaram uma multiplicidade de outros materiais suspeitos da vida cotidiana com os quais ela poderia ter entrado em contato desde a escola de arte, mas Glynis rebateu as perguntas como um batedor substituto: por acaso ela parecia ser o tipo de mulher que instalaria seu próprio isolamento?

Citando a mesma teoria sobre fibras grudadas na roupa que o primeiro oncologista tinha aventado, um dos advogados trouxe à baila a profissão de faz-tudo do marido dela, na qual ele também deveria ter trabalhado, digamos, com cimento-amianto. Além de observar que, durante a maior parte de sua vida conjugal, as funções de Shep tinham sido de cunho administrativo, Glynis declarou com ar condescendente que nunca fora dada a abraçar o marido, na época em que ele ainda fazia serviços domiciliares e chegava em casa sujo, “antes de ele tomar um banho”. Além disso, acrescentou, esse caminho para a contaminação era muito complicado:

— Lembra-se da navalha de Occam? — disse. — A explicação mais simples costuma ser a melhor. Na verdade, verifiquei a definição na internet — e leu um trecho de suas notas: — “Quando múltiplas teorias rivais igualam-se em outros aspectos, o princípio recomenda a escolha da teoria que introduza o menor número de suposições.” Portanto, não há necessidade de construir um cenário elaborado sobre o meu marido, que *não tem* um câncer relacionado com o amianto, no qual ele trabalharia com amianto, prenderia fiapos disso na roupa, me abraçaria e deixaria na minha roupa fibras que eu teria ingerido sem saber quando eu mesma trabalhava diretamente com amianto.

Com certeza, ironizou outro advogado, fazia tanto tempo que Glynis tinha concluído seus estudos que seria impossível ela se lembrar de cada produto com que havia trabalhado, inclusive da marca do fabricante.

— Pelo contrário — rebateu ela, exibindo o mesmo jeito imperioso que sempre enfurecera e fascinara seu marido. — Eu mal estava começando a aprender meu ofício, tendo minhas primeiras inspirações. Foi uma época vívida na minha vida — parou novamente para tossir —, em contraste com a atual, receio. Por isso, minha recordação é muito nítida, tal como o senhor deve se lembrar com inusitada clareza da primeira vez que se apaixonou. E eu estava apaixonada. Aqueles foram os anos em que me apaixonei pelo metal.

Em mais de uma ocasião, Shep havia deparado com o aforismo banal que diz que “sempre se mata aquilo que se ama”; nunca tinha deparado com o inverso: a coisa amada matando o indivíduo.

— Além disso — continuou Glynis —, o estúdio guardava os catálogos da Forge Craft com os outros livros de referência e com as revistas do ramo, nas prateleiras ao lado da furadeira de coluna. Eu costumava folhear esses catálogos, pois tinha a esperança de montar meu próprio estúdio quando me formasse. Lembro-me de ter ficado horrorizada com o preço de tudo. Inquietava-me por não saber se um dia conseguiria comprar minha própria máquina de polir, meu conjunto de martelos, minha máquina de fundição centrífuga. Porque, na época, a Forge Craft praticamente detinha o monopólio de suprimentos metalúrgicos em todo o país. Era por isso que conseguia se safar com os preços de seus produtos nas alturas. Portanto, a Saguaro não estocaria ferramentas e materiais comprados de ninguém *senão* a Forge Craft, que havia liquidado a concorrência comercial. De modo que, agora, talvez ela seja vítima do seu próprio sucesso.

O que mais impressionou Shep, no entanto, foi a frieza de Glynis durante uma série de perguntas que pretendiam atingir o impossível, na imaginação popular: atribuir um valor em dólares à vida humana. Com isso em mente, os advogados a espremeram para saber exatamente quanto o seu trabalho metalúrgico havia faturado por ano, em valores líquidos, e Glynis conseguiu citar a cifra insignificante sem demonstrar embaraço. De modo mais insultuoso, eles quiseram saber se, antes de adoecer, ela fazia as compras, qual parcela das responsabilidades havia assumido na criação de Zach, quantas refeições preparava por semana, em média, e até *com que frequência lavava a roupa*. Estavam medindo o valor da vida de sua mulher em termos de cargas de roupas claras e escuras na máquina de lavar. As respostas displicentemente factuais de Glynis a essas perguntas degradantes foram produto de um autocontrole muito maior do que Shep jamais conseguiria, no lugar dela. Por um reflexo de décadas, ele pensou consigo mesmo, antes de se flagrar: *Mal posso esperar para falar deste circo com o Jackson*.

Glynis foi magnífica. Em momento algum relutou ou deixou que a fizessem tropeçar, enfrentando diretamente o olhar de seus torturadores. A conselho de Mystic, não pusera qualquer maquiagem, e o espectro acusatório de suas faces encovadas, dos lábios azulados, do brilho da linha calva do couro cabeludo, quando o turbante escorregou, foi uma acusação mais contundente contra os produtos da empresa na década de setenta do que qualquer coisa que ela pudesse dizer.

Só quando o depoimento foi formalmente encerrado e os advogados da oposição se retiraram foi que a postura de Glynis desabou, e ela arriou sobre a mesa lisa e polida como uma poça de chá derramado. Estava tão exausta que Shep a levou quase carregada para o carro.

— Você foi uma estrela — sussurrou, desejando que suportar quase todo o peso dela fosse mais difícil do que era.

— Fiz isso por você — ela retrucou, com a voz engrolada. — E mentir? Foi *um prazer*.

No entanto, ao chegarem em casa, a dignidade que Glynis havia assumido durante horas tinha deixado um resíduo, e ela se recusou a permitir que o marido a carregasse para cima. Em vez disso, subiu a escada de quatro. Com uma arriada para se recuperar nos dois patamares, os quinze degraus lhe consumiram meia hora.

Shep tinha deixado múltiplos recados no celular de Carol, nos intervalos do depoimento; ela não estava atendendo. Quando Glynis finalmente adormeceu no quarto, ele tentou de novo, e finalmente Carol atendeu. Enquanto, no telefonema inicial da noite anterior, ela estivera histérica, nesse momento parecia catatônica. Mas o tom monocórdio e opaco ao menos permitiu a troca de informações. Carol havia entrado na cozinha com Flicka.

— Nunca o perderei por isso — acrescentou, em tom categórico. — Foi um ato de abuso de menores. E não estou usando a expressão de forma leviana.

Como não era de admirar, a menina havia mergulhado imediatamente numa crise disautônômica; “aquele jeito rabugento e displicente dela é todo encenação”, disse Carol, e prosseguiu:

— Compensação. Ela não suporta estresse. Quando faz qualquer prova corriqueira na escola, ela desmorona. Portanto, você pode imaginar... Detesto admitir isto, mas lidar com a Flicka ontem, com a pressão sanguínea, as ânsias de vômito, e olhe que eu quase me juntei a ela, bem, aquilo foi um alívio. Ficar concentrada nas necessidades médicas imediatas da minha filha, cuja urgência superou até o que o Jackson tinha feito. Acho que sempre a usamos dessa maneira... No começo, como um ponto de união, um projeto mútuo, mas depois, como um desvio da atenção... Nós nos concentrávamos na Flicka para evitar um ao outro.

Enquanto carregava a filha às pressas para o Hospital Metodista de Nova York, Carol havia ligado do carro para Heather, que ainda estava na escola. Insistira para que a menina fosse diretamente para o hospital, onde as três passariam a noite. Flicka havia se estabilizado e provavelmente receberia alta até a noite. Carol planejava debandar com as filhas para a casa de uma vizinha. Nesse meio-tempo, segundo a vizinha, a polícia estivera lá, e também uma ambulância. Não foi surpresa saber que em nenhuma circunstância Carol pretendia voltar àquela casa. Shep prometeu passar lá para ela, na primeira oportunidade, para buscar a roupa de que elas precisassem, os remédios da Flicka, talvez o computador da Carol. Dentre os muitos favores que ele se oferecera a fazer aos amigos ao longo dos anos, esse parecia mais custoso que a maioria.

Quando Carol admitiu que a vizinha tinha bom coração, mas as duas não eram muito íntimas — tratava-se de uma relação de trocas de bolos e de lembretes gentis de mudar o carro de lugar, nos dias em que a legislação de trânsito mandava usar o outro lado da rua —, Shep implorou que, em vez disso, ela levasse o que restava de sua família para Elmsford. Havia o quarto de Amelia e o sofá do térreo. Ele admitiu ainda não haver contado a Glynis. E disse que lidaria com isso, mesmo não sabendo exatamente como.

— Você vai lidar com isso — disse Carol, com a voz cinzenta — contando a ela. A Glynis está doente, mas ainda está entre nós. Estar doente não é o mesmo que ser idiota ou ser uma criança pequena. Pergunte à Flicka. A Glynis também era amiga do Jackson, e merece saber. Se eu posso contar a uma menina de doze anos — a pausa foi pesada —, você pode contar à sua mulher.

— Acho que contar a ela torna isso... mais real.

— Foi real — disse Carol, cansada. — Foi muito, muito real.

— Ontem, o Jackson e eu fizemos uma caminhada longa. Eu devia ter notado alguma coisa. Mas estava muito envolvido com meus próprios problemas. Na verdade, tudo que notei foi que ele parecia incomumente tranquilo. Filosófico. Na verdade, na minha lembrança recente, foi a única vez em que ele *não pareceu* furioso. Talvez fosse esse o sinal revelador se eu tivesse prestado atenção.

— Isso é o que as pessoas fazem. Repassam o que aconteceu, responsabilizam-se pelo passado. Mas o próprio Jackson vivia falando da “responsabilidade pessoal”. Portanto, se a culpa é de alguém, é do Jackson. Dele e... — Deu um suspiro. — Não quero falar disso agora, mas é minha também.

— Agora você está fazendo a mesma coisa.

— Eu lhe disse. É compulsivo.

Shep lhe implorou mais uma vez que fosse para Elmsford, e Carol cedeu. Combinaram que ela chegaria com as meninas por volta das nove horas da noite. Enquanto isso, Shep havia marcado para o final da tarde um encontro com Philip Goldman, com quem já era hora de falar, sem o estorvo de sua esposa magnífica, mas delirante.

* * *

— E então — perguntou Shep, no consultório de Goldman —, que história é essa de uma droga experimental?

O clínico geral costumava dar uma impressão tempestuosa; um cômodo pequeno teria dificuldade de contê-lo, e era seu hábito pôr um pé sobre a beirada da mesa e inclinar a cadeira para trás, repô-la abruptamente na posição, para rabiscar ilustrações de procedimentos médicos em pedaços de papel, e pontuar suas colocações com gestos generosos das manoplas. Nesse momento, porém, essa energia ilimitada estava mais contida, e o desassossego, reduzido a uma pequena inquietação. No tamborilar menor e mais circunscrito de um lápis e no balançar de um joelho, o médico ficou privado do grandioso teatro cinético do qual dependia a ilusão de que ele era atraente. O fato de ele ter os olhos juntos demais, ou de ser barrigudo, tornou-se mais pronunciado. Na derrota, Philip Goldman não era tão bonito.

— Chama-se peritoxamil — disse ele —, também conhecido como...

— Cortomalafrina — interpôs Shep, mal-humorado.

— Como disse?

— Deixe para lá. É uma piada particular.

— Está na fase três dos ensaios e tem-se mostrado muito promissor. Não é para o mesotelioma, mas é possível que haja algum efeito cruzado da terapia do câncer de cólon. Bem, temo que a sua esposa não... não se qualifique, no momento, para fazer parte dos ensaios clínicos em si, mas...

— O senhor quer dizer que ela está doente demais — Shep tornou a interromper. — Já que é mesmo um caso perdido, ela puxaria para baixo a estatística animadora.

— Essa é uma forma ríspida de falar do assunto, mas...

— Gosto da forma ríspida de falar dele. Vamos falar dessa maneira, portanto.

Goldman relanceou o marido de sua paciente com uma olhadela nervosa de esguelha. Shep Knacker sempre tinha sido muito dócil, muito dado a cooperar. Mas o médico devia ter visto toda sorte de reações às circunstâncias clínicas extremas, e talvez a beligerância fosse uma variedade comum.

— A questão — disse Goldman — é que podemos pleitear a liberação do medicamento para uso compassivo. Explicar que esgotamos o arsenal tradicional à nossa disposição. Reconheço que é um tiro no escuro, mas é só o que temos. Francamente, a esta altura, não há muito a perder. Mas há um pequeno senão.

— Ele faz a cabeça cair.

O meio sorriso de Goldman foi sem humor.

— Não se trata de um efeito colateral... a não ser para o senhor. Como o peritoxamil não tem a aprovação da FDA, não terá cobertura da sua seguradora.

— Hu-hum. E quanto custa essa nova panaceia?

— Por uma sessão de tratamento? Em torno de cem mil dólares. Felizmente, ele vem sob a forma de cápsulas, de modo que a Sra. Knacker não teria que se internar para o tratamento.

— Cem mil paus. Isso é o “não há muito a perder”? Acho que não estou na sua faixa de renda, já que isso me parece uma perda enorme.

Goldman pareceu assustar-se:

— Estamos falando da vida da sua mulher...

— *Jim!*

O médico fez um ar preocupado:

— Tenho de presumir que o dinheiro é um problema secundário, no máximo, se é que chega a constituir problema.

— Quer dizer que, se eu disser que é problema, sou um animal, certo? Mas, ainda que eu concorde e diga, mas é claro, doutor, faça tudo que puder, jogue a pia da cozinha no câncer, uma pia de cozinha folheada a ouro, porque eu amo a minha mulher e *o dinheiro não é problema*. O que o faz presumir que eu tenha cem mil paus?

— Muitas vezes, pode-se obter um empréstimo pessoal, nesses casos. Sr. Knacker, sei que o senhor está sob pressão, mas estou preocupado com o seu tom belicoso. O senhor não parece reconhecer que estamos do mesmo lado. O senhor, a Sra. Knacker e todos neste hospital estamos unidos numa causa comum.

— Estamos? E o que o senhor está tentando alcançar?

— É óbvio que estou tentando estender a vida de sua esposa pelo maior tempo possível.

— Nesse caso, não estamos do mesmo lado.

— Hã? Então, qual é o seu objetivo?

— Acabar com o sofrimento dela o mais rápido possível.

— Na verdade, cabe à Sra. Knacker a decisão sobre quando ela quer suspender novos tratamentos. Mas, quando falei com ela sobre o peritoxamil, ela me pareceu ansiosa por testá-lo. É evidente que faremos todos os esforços para deixá-la confortável. Mas falar em... Bem, simplesmente planejar “acabar com o sofrimento dela” de uma vez por todas é derrotista.

— Ótimo. Sou derrotista — anunciou Shep. — Fui derrotado. Eu admito: o mesotelioma é grande demais para mim. Se isto realmente foi uma batalha — *com o mau tempo*, pensou —, talvez seja hora de depormos as armas. Quanto a ser uma decisão da minha mulher, reconheço que ela tentaria qualquer coisa. Mas a decisão não é da minha mulher se não é ela quem vai pagar por isso.

Goldman estava francamente desconcertado com esse tipo de conversa. Ficava desviando os olhos, contorcendo o rosto, sem esconder a desaprovação, e batendo nervosamente na barra de espaço do teclado. Shep teve a impressão de que tomar uma decisão médica de qualquer magnitude, considerando o *custo* de um tratamento, em mero dinheiro — “apenas dinheiro”, como diria seu pai —, era grosseiro, estranho e ofensivo.

— Quero deixar muito claro, Sr. Knacker, que este medicamento é nossa última esperança.

— Ontem eu fui despedido, Dr. Goldman. Acabo de perder meu emprego.

Foi interessante a mudança sutil, mas discernível, na expressão do clínico, quando ele registrou as implicações.

— Lamento saber disso.

— Aposto que sim. Mas eu vinha me ausentando e me atrasando repetidamente no trabalho. A simples doença da minha mulher elevou substancialmente os prêmios de seguro de saúde para o meu patrão. Como ex-proprietário daquela empresa, aplaudo a minha dispensa da força de trabalho dele como uma decisão empresarial astuta.

— É uma forma incrivelmente compreensiva de ver o seu próprio infortúnio.

— Sou famoso pela minha *compreensão* — disse Shep. — Mas, em decorrência da minha aposentadoria precoce, o World Wellness Group não apenas se recusará a pagar cem mil dólares pelo pterodáctilo, ou seja lá que nome for, como também não pagará os seus honorários.

— Entendo. E presumo que os seus recursos pessoais estejam um tanto reduzidos.

— *Um tanto?* Pode-se dizer que sim.

— Com o que o senhor acaba de me informar, entendo por que estaria meio aborrecido.

— Não, não entende. Ser despedido foi a melhor coisa que me aconteceu em mais de um ano. Mas o senhor tem razão ao dizer que estou “meio” aborrecido. Compreendo que essa é apenas a maneira de vocês agirem. É assim que são programados. Vocês apenas vão avançando pelos medicamentos, percorrendo a lista, animando todo mundo, olhando para o lado bom, *sem jamais desistir*. A minha mulher, por exemplo, não desiste nunca. Sinceramente, não consigo lembrar a última vez que a ouvi falar em morte. Nesse ramo, não se espera que ninguém jamais jogue as mãos para o alto e dê a coisa por encerrada enquanto houver um fiapinho pequenininho de chance de que uma nova terapia consiga arrancar uns dias a mais. Portanto, o senhor tem apenas seguido o roteiro. Mas será que, ao menos uma vez, sem a presença da Glynis, podemos abandonar a farsa? Essa “droga experimental”, o senhor não acredita *realmente* que ela faria alguma diferença, acredita?

— Eu disse que era um tiro no escuro.

— E quais são as chances? Uma em cinquenta? Está disposto a pôr o seu próprio dinheiro nisso?

— É difícil atribuir um número. Digamos apenas que as chances são *remotas*.

— Por mim, eu não poria cem mil numa chance “remota”, mesmo que fosse dado a apostas. O senhor poria?

Goldman declinou da resposta.

— Em segundo lugar, vamos pular a parte do “não confio em fazer prognósticos”. O senhor é um homem rodado. Sabe mais sobre mesotelioma do que qualquer pessoa neste país, é um especialista. Então, diga-me: quanto tempo ela tem?

A expressão de Goldman fez Shep lembrar-se de suas brigas de garoto em Berlin, quando, sentado no peito de Jeb e prendendo os dois pulsos dele no chão, finalmente levava o amigo a pedir arrego.

— Um mês, talvez. Possivelmente, estaria mais para três semanas.

Shep curvou-se para a frente, como se tivesse levado um soco no estômago.

— Compreendo que isto é difícil de ouvir — continuou Goldman, em voz baixa. — E sinto muito, muito mesmo.

Três semanas estavam dentro da faixa que o próprio Shep havia previsto, mas era diferente ouvir essa estimativa lúgubre de um médico. Não era possível continuar a ser belicoso, agressivo e hostil, embora, se esse estado de ânimo escapasse, ele soubesse que sentiria sua falta. Excetuando esse encontro, o tempo que Shep Knacker passara sendo belicoso, agressivo e hostil em sua vida somava, provavelmente, menos de cinco minutos.

Enquanto ele se recuperava, o médico preencheu o silêncio:

— Creio que, de todos os pacientes que tive, a sua esposa talvez tenha sido quem demonstrou o espírito mais extraordinário. Ela travou uma batalha incrível, realmente admirável.

— É gentileza sua dizer isso, e percebo que o senhor está tentando fazer um grande elogio a ela, mas... esse modo de pensar...

Shep levantou-se e andou de um lado para outro no pequeno pedaço de tapete diante da porta.

— *Batalha. Superar* as dificuldades. É como o grupo de apoio on-line do qual a Glynis participou por algum tempo, sempre falando em *aguentar firme. Recusar-se a abandonar a luta. Não desistir. Lutar até o fim*. Pareciam estar organizando um dia de competições esportivas na escola primária. Dr. Goldman, a minha mulher é muito competitiva! É uma pessoa de grande talento, uma perfeccionista, razão por que, embora não pareça fazer sentido, não foi uma profissional produtiva como seria se tivesse um padrão de exigência mais baixo. Uma batalhadora assim, como não haveria de se erguer para enfrentar o desafio? E aí, vêm vocês e sobem ainda mais a aposta. Não é só uma corrida de sacos, é uma guerra. A *batalha* contra o câncer. O *arsenal* à sua disposição... Vocês a fazem pensar que há alguma coisa que ela tem de fazer, ser um *bom soldado*, um *guerreiro*. Por isso, se assim mesmo ela se deteriorar, é porque há alguma coisa que não fez, é por não ter demonstrado coragem na linha de fogo. Sei que a sua intenção é boa, mas, depois de todo esse discurso militar, agora ela equipara... morrer... à desonra. Ao fracasso. Ao

fracasso pessoal.

Era a primeira vez que Shep formulava a ideia toda para si mesmo.

— A linguagem militar é apenas uma metáfora — disse Goldman. — Uma forma de falar de problemas de saúde que os leigos compreendam. Não tem a intenção de responsabilizar o paciente pelos resultados da terapia.

— Mas, para a Glynis, quando o senhor “admira a luta dela”, ela acha que o senhor a culpa quando a luta não adianta nada, não percebe? É por isso que ela se recusa a desistir. É por isso que ela e eu não podemos falar de... bem, de nada.

— Não vejo razão para ela “desistir”. A Glynis... a Sra. Knacker tira forças da sua tenacidade. Como passei a conhecê-la um pouco, acho que eu o aconselharia a guardar o meu prognóstico para si.

— O que vem a ser mais um segredo? — disse Shep, taciturno, arriando de novo na cadeira. — Só que é um segredo grande pra cacete.

— Só estou pensando em preservar a qualidade do tempo que resta para ela. Em mantê-la animada.

— Mas ela não vai saber? De algo que está acontecendo no seu próprio corpo?

— O senhor ficaria surpreso. Não necessariamente. Ainda assim, eu lhe recomendaria entrar em contato com os familiares e amigos dela. Frisar que estamos falando de dias ou semanas, não de meses, e que eles não devem adiar uma última visita. Para que possam dizer adeus.

— De que adianta dizer adeus se não se pode dizer adeus?

— Como assim?

— Se não contarmos à Glynis, ninguém pode dizer adeus. Nem eu posso dizer adeus.

— Bem, às vezes, *hasta la vista* é igualmente caloroso, porém mais fácil de ouvir, não é? E nós dizemos “até logo” a todo tipo de pessoas que nunca mais encontraremos, na verdade.

— Acho que sim — concordou Shep, relutante. — Talvez o senhor tenha razão. A Glynis não quer saber disso. Certamente não quis saber de nenhuma outra coisa.

— Creio que entendo por que o senhor gostaria de dispensar o peritoxamil. Mas ela ficou muito ansiosa por tomá-lo. Se o senhor quiser mantê-la tranquila, eu poderia receitar um placebo.

O que implicaria, na verdade, tratar Glynis como uma garota de doze anos tomando “cortomalafrina”. Enredar os últimos dias de vida de sua mulher numa sucessão de engodos deixou Shep mais deprimido do que ele saberia dizer.

— Talvez. Eu aviso o senhor.

— Enquanto isso, mantenha-me informado sobre o estado dela, e entre em contato comigo se precisar de alguma orientação sobre como mantê-la confortável.

— Há uma coisa que o senhor pode fazer — disse Shep, olhando para o colo. — Eu realmente não quero que ela morra num hospital. Mas também não quero que sinta mais dor do que tiver que sentir. Eu gostaria de alguma coisa para... facilitar o fim.

— Não há nada fácil no fim. Ele pode ser muito desagradável. Os profissionais têm mais chance de mantê-la confortável.

Já agora repetida pelo menos umas três vezes, a frase feita era exasperante. Shep desconfiou que o uso de *confortável* pela classe médica forçava a definição da palavra.

— Tem certeza de que não quer reconsiderar, em relação ao hospital? — insistiu o médico. — Está muito convencido disso?

— Estou. E, francamente, acho que se um dia a Glynis encarar o que está acontecendo, também sentirá a mesma coisa.

— Os analgésicos são substâncias controladas. Ficamos sob rigorosa vigilância da FDA. Não posso distribuir comprimidos indiscriminadamente, por causa do perigo do vício.

— O governo tem medo que a minha mulher vire uma viciada em drogas quando ela está *morrendo*?

Goldman deu um suspiro.

— Reconheço que não é muito racional... — Ele mordeu o lábio. — Isto é meio arriscado... Mas creio que posso lhe dar uma receita de morfina líquida. Não é complicado. Basta pingar algumas gotas na boca quando ela parecer...

— *Desconfortável* — disse Shep, com um resíduo do azedume anterior. Levantou-se. — Obrigado. E, quanto ao que eu disse antes, sabe, ao meu “tom”... ele não significa que eu não esteja grato.

— Sei que está grato, Sr. Knacker. E lamento não ter podido fazer mais pela sua esposa. Tentamos tudo que podíamos... como o senhor observou. Mas o mesotelioma é uma doença extremamente venenosa, mortífera. Não é à toa que *ásbestos*, amianto, em grego, significa “inextinguível”. E o senhor conserta coisas, de modo que compreende: há um limite para o número de ferramentas que existem na caixa.

Depois de trocarem um aperto de mão, quando já ia saindo, Shep virou-se da porta:

— Uma última coisa. A cirurgia, todas as sessões de quimioterapia. As transfusões de sangue, as drenagens torácicas, as ressonâncias magnéticas. Pelos meus cálculos, as despesas médicas da Glynis com todos esses tratamentos já chegam a mais de dois milhões de dólares. Isso lhe parece mais ou menos correto?

— É plausível — admitiu o médico.

Se num momento de perversidade ociosa Shep tinha calculado que, até ali, eles haviam gasto mais de dois mil e setecentos dólares por dia, também tinha calculado que, muitas vezes, Glynis pagaria a mesma coisa para pular um daqueles dias. É claro que ele não podia responder pela atrocidade comparativa da doença da mulher, entregue aos artifícios maléficos do câncer, mas, quanto a saber se o tratamento ou a moléstia tinha sido pior, havia ao menos uma possibilidade de disputa.

— Então, o que foi exatamente que compramos? Quanto tempo?

— Ah, aposto que provavelmente prolongamos a vida dela por uns bons três meses.

— Não, sinto muito, Dr. Goldman — disse Shep, ao sair. — Não foram bons três meses.

* * *

Na chegada a Elmsford, Zach tinha deixado um recado de Rick Mystic, com o telefone da casa do advogado. Como Carol e as meninas chegariam dali a cerca de uma hora, Shep retornou prontamente a ligação em seu escritório, fechando a porta.

Rick foi direto ao ponto:

— Eles querem fechar um acordo.

Para variar, o rapaz não disse que eles *meio que* queriam fechar um acordo.

— Essa foi rápida.

— Esse tipo de processo pode se arrastar por anos, mas, quando entra em movimento, pode mudar a vida da pessoa numa tarde. Aposto que o pessoal da Forge Craft ficou meio impressionado com o depoimento da sua mulher. Mas eles também ficaram meio que impressionados com o... estado dela.

— Você quer dizer que estão com medo que ela...

— É. E, nesse caso, o tamanho da indenização determinada pelo júri poderia como que disparar. Vocês os deixaram meio que assustados.

— E o que eles estão oferecendo?

— Um milhão e duzentos.

Como a divisão de doze por três era exata, calcular o que restaria, depois dos honorários contingenciais de um terço para o advogado, foi uma aritmética elementar. A parte de Mystic seria um pouco maior do que os *honorários contingenciais* do governo dos Estados Unidos por ocasião da venda da Knack.

— E o que você recomenda?

— Bem, se você os levar ao tribunal, especialmente depois... uma perda maior, eu tenho certeza de que poderia dobrar esse valor. Mas seria meio negligente se não lhe avisasse o que está envolvido num julgamento. É meio brutal. Depois de estabelecida a imputabilidade, todo o processo gira em torno de avaliar o seu casamento. Em dólares. Então, é meio que do interesse deles provar que o seu casamento era meio que uma porcaria. Legalmente, um casamento que é meio que ruim não merece nem de longe uma indenização tão alta quanto um bom casamento.

— E o que eles têm a ver com a qualidade do casamento que eu tive? — O verbo no passado deixou Shep satisfeito por ter fechado a porta do escritório. — Você está me dizendo o quê: que eles deduzem dez mil por cada vez que a Glynis e eu tivermos tido uma briga?

— Talvez isso lhe pareça meio que ridículo, mas você tem certa razão. Quer dizer, eles o imprensariam para saber com que frequência vocês mantinham relações sexuais. Iriam atrás dos seus amigos para ver se conseguiam encontrar alguém que descrevesse o seu casamento como meio que infeliz, ou meio briguento. Tive uma cliente que tinha um caso meio que inatacável: o marido havia trabalhado durante vinte anos em revestimentos de proteção contra fogo com spray de amianto. Mas eles descobriram que ela tivera como que uma aventura lésbica durante o casamento. Ela odiava a ideia de que a família soubesse e retirou o processo. Foi uma chantagem, na verdade. E, no seu caso, o que você me disse sobre estar meio que de malas prontas, disposto a se mudar para a África, sabe? Sozinho se necessário, pouco antes de descobrir que a Glynis estava com câncer? Eu juro que eles encontrariam alguém que soubesse dessa história, e pareceria meio ruim.

— Se eu aceitar o acordo, em que prazo eles me dariam o cheque?

— Você teria que assinar um termo de confidencialidade. Mas, depois disso? Eles assinariam o cheque num piscar de olhos. Especialmente com a Glynis estando meio que mal. Não gostariam de ser, hum, atropelados pelos acontecimentos, caso em que você poderia, sabe, meio que mudar de ideia. Se acontecesse o pior, você poderia decidir meio que partir para a jugular deles.

— Tenho de conversar com a Glynis, mas, se você nos conseguir esse dinheiro com a máxima rapidez, e estou falando, digamos, de *segunda-feira*, não daqui a semanas, porque nós não dispomos de semanas... eu lhe diria para aceitar o acordo.

Depois de desligar o telefone, Shep pensou mais uma vez em Jackson, com tristeza. Era um crime seu melhor amigo não ter vivido para assistir a essa conversação: de Sugado a Sugador.

CAPÍTULO DEZOITO

Shepherd Armstrong Knacker

Union Bancaire Privée Conta nº 837-PO-4619

21 de fevereiro de 2006

Nossa referência: 948378

Transferência de fundos: US\$800.000,00

Shep fez as malas com uma segurança nascida da repetição. Em vez de escolher alguns utensílios arbitrários, desta vez levaria toda a sua caixa de ferramentas de confiança, carregada de um serviço para outro desde os primeiros tempos da Knack. Afinal, aquelas antigas chaves inglesas, furadeiras e alicates eram de uma robustez que não se conseguia mais comprar. Enrolando-as em folhas de jornal imaculadas de um *New York Times* não lido, acomodou os embrulhos bem juntinhos na conhecida caixa de dois andares. Quase toda a tinta, antes vermelha e brilhante, havia descascado do metal, como um querido carrinho de puxar infantil. Ele aninhou as ferramentas para que não chacoalhassem, depois travou os fechos metálicos. Enrolou a caixa num cobertor, retirado das muitas peças de roupa de cama que fazia planos animados de abandonar, e a amarrou bem. A caixa de ferramentas sobrevivera intacta durante trinta anos, e ele não queria que, na velhice, sofresse alguma mocha nas esteiras de bagagem; era o mesmo cuidado que Shep logo dedicaria a sua carga de seres animados. A probabilidade de que a caixa de ferramentas acarretasse uma cobrança de tarifa por excesso de peso foi um dado de suprema indiferença.

A seguir, ele embrulhou e encaixotou a Fonte do Casamento, já com uma nova bomba instalada. Buscou da gaveta da cozinha os utensílios de mesa feitos por Glynis — a espátula para peixe com incrustação de baquelita, os fachis de prata trabalhada, o pegador de gelo revestido de cobre e titânio —, já convenientemente embalados para transporte em amorosas camadas de feltro verde-mar. Deu até um pulo ao sótão para recuperar a folha lisa de prata de lei maciça, com seu único recorte torto de serra, de menos de uma polegada. Como já decidido, é claro, o aparelho de ginástica StairMaster, o secador de salada e o mobiliário pesado seriam deixados para trás, graças aos céus, mas todos os trabalhos feitos pela mão de Glynis tinham lugar garantido na arca da ZanAir.

Shep fizera pesquisas sobre o clima, e algumas peças de roupas leves bastariam para a maior parte do ano, embora, na véspera, ele também houvesse comprado na Paragon roupas e calçados da melhor qualidade para chuva, pensando na estação das monções. Havendo trocado e-mails com a gerência do hotel Fundu Lagoon, estava atualizado em matéria de aparelhos elétricos. Preparados para a corrente europeia de duzentos e vinte volts, embrulhou três conversores da Radio Shack que seriam ligados com tomadas de três pinos, de estilo inglês. Depois de pegar um punhado de cabeças extras de escovas, desatarraxou o carregador Oral-B da parede do banheiro. Nada no Terceiro Mundo impedia a higiene bucal, e ele levaria as escovas de dentes elétricas.

Foi um alívio, dessa vez, deixar de lado a conduta furtiva e tímida — pisar ruidosamente no corredor,

com as tábuas do assoalho rangendo sob o carpete, ainda manchado do sangramento nasal de Glynis na primavera anterior; deixar as chaves de fenda baterem sem a menor vergonha umas nas outras, ao enrolá-las em embrulhos de jornal. Afora isso, o exercício foi uma repetição fiel, como a de quem houvesse conduzido conscienciosos treinamentos de incêndio, na hora em que a casa realmente fica em chamas: fita para isolamento térmico; uma seleção de parafusos, porcas, arruelas de metal e juntas de vedação; lubrificante de silicone; selante plástico; elásticos; um rolinho de arame para atar. Uma lanterna para as quedas de energia e uma porção de pilhas AA. Um estoque de comprimidos de Malarone e um tubo novo de cortisona para aquele problema da pele do tornozelo, que tinha vicejado em meio à tensão desse último ano de provações de Jó. Desta vez, um pacote de bolsas para enema, uma profusão de antibióticos e, reverentemente aninhada entre rolos de meias soquete, a morfina líquida.

Promovendo uma melhora em relação ao ensaio de janeiro do ano anterior, Shep tinha comprado um dicionário mais grosso e mais sério de suaíli-ínglês/ínglês-suaíli, de preferência a um simples manual de frases prontas. Havia tirado o caderno de arte dos jornais do mês anterior e recortado as palavras cruzadas; fazia anos que não tinha folga para esse passatempo frívolo. Sempre fora péssimo em palavras cruzadas e, sem prática, estaria pior, o que era ótimo; assim, elas durariam mais.

Ele dera uma consideração muito mais criteriosa ao material de leitura. Um rápido contato com o que os revólveres de verdade faziam com pessoas reais o havia curado de qualquer desejo de buscar descrições displicentes de violência de mentirinha, feitas por pessoas que não tinham ideia daquilo de que estavam falando, e por isso, os suspenses policiais estavam fora. Também não havia atrativos em tratados alarmistas sobre as mudanças climáticas ou a ascensão do terrorismo islâmico; se eles estivessem certos, a catástrofe viria por si só, sem que ele precisasse ler a seu respeito. Shep nunca fora dado a romances sérios, nunca tivera tempo para isso. Mas estava comprando tempo. Por conseguinte, na ida da véspera a Manhattan para comprar suprimentos, havia consultado um atendente de óculos de uma livraria Barnes and Noble, que, ao contrário da maioria dos funcionários, parecia ter aprendido a ler. Assim, num canto da mala rígida Samsonite que estava na cama, lá em cima, ele havia empilhado quatro novas brochuras gordas: *Por quem os sinos dobram*, de Ernest Hemingway, cujo protagonista corajoso e abnegado, descrito na quarta capa, tinha-lhe parecido de uma afinidade reconfortante. *Absalão, Absalão!*, de William Faulkner, já que a tristeza imensa e contínua das primeiras páginas, lidas por ele no corredor da loja, adequava-se a seu estado de espírito atual. *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski, cujo título parecia englobar em apenas duas palavras todos os prolixos subtítulos de Jackson Burdina. Além disso, o rapaz da B&N havia explicado que o romance era sobre a bondade e sobre como a bondade fazia o indivíduo ser simplesmente detestado; isso também combinava com seu estado de ânimo. À menção da África por Shep, o vendedor da loja o encaminhara para *A costa do mosquito*, de Paul Theroux. Dada a sinopse da trama, a inclusão de Theroux tinha sido uma boa piada à sua própria custa. Esses romances não durariam para sempre, mas, por sorte, ele lia devagar. Era provável que os turistas deixassem para trás brochuras já lidas e, por um preço, quem sabe a Amazon fizesse entregas em Pemba.

É claro que o ensaio abortivo de 2005 tinha sido silencioso, furtivo e intensamente concentrado. Visto que agora a casa era um cruzamento de asilo com campo de refugiados, a repetição foi interrompida a todo momento pelos clamores de Heather, exigindo uma segunda fatia de cuca alemã de farofa, ou pela reclamação macambúzia de Zach de que, se informado com um pouquinho mais de antecedência, ele poderia ter encomendado *O poderoso Mordlock e a espada do Juízo Final* a tempo de ele ser entregue pela UPS antes de quinta-feira. Shep não pôde deixar de ter a atenção desviada pelos fragmentos de conversa que captava ao entrar e sair rapidamente do quarto, onde Glynis e Carol estavam aninhadas nos travesseiros num debate *sotto voce*: o que estaria realmente no fundo da infelicidade de Jackson, se ele havia agido por tristeza ou por rancor. Shep ficou enciumado. Jackson fora seu melhor amigo. Se havia respostas para essas perguntas, ele próprio gostaria de ouvi-las. O ciúme aumentava quando, em pontos acalorados da conversa, as mulheres se calavam à sua entrada.

Ao terminar o telefonema com Rick Mystic, na noite de quinta-feira, Shep dispusera de uma hora para se preparar para a chegada de Carol e das meninas, às nove horas, e isso não era uma questão de fazer camas. Não podia convidar Carol a ficar lá e ter a expectativa de não dizer nada a Glynis sobre o motivo de ela estar exilada de sua própria casa e de seu marido estar tão conspicuamente sumido. A verdadeira hospitalidade implicava contar primeiro a Glynis. Shep gostava de se considerar corajoso, mas, sem esse prazo apertado, provavelmente teria adiado a providência.

Suas inclinações tinham estado em guerra. Os conselhos recebidos nesse mesmo dia eram perfeitamente conflitantes. *Você vai lidar com isso contando a ela*, dissera Carol. *Estar doente não é o mesmo que ser idiota ou ser uma criança pequena.* Goldman contrapusera, apenas duas horas depois: *acho que eu o aconselharia a guardar o meu prognóstico para si... preservar a qualidade do tempo que resta para ela... mantê-la animada.*

A formulação fora banal, mas não era hora de se preocupar com a originalidade:

— Tenho uma notícia boa e uma notícia ruim — Shep havia anunciado em tom sóbrio, no quarto, depois de entregar a Glynis seu jantar: uma sopa de ervilha em lata, tudo que ele tinha conseguido arranjar às pressas em cinco minutos.

Soprando um punhado para esfriá-la, Glynis olhou-o por cima da colher, com uma desconfiança gladiatória:

— Já que temos tido tão poucas notícias boas nesta casa, ultimamente, talvez seja melhor você começar por essa.

— A Forge Craft quer fazer um acordo. Ofereceram-nos um milhão e duzentos.

Dado que a oferta era um elogio ao desempenho espetacular de Glynis naquela manhã, Shep esperaria pelo menos um frouxo bate-aqui. Mas a reação dela foi de uma moderação espantosa:

— Que bom — ela disse, e tomou sua colherada de sopa.

— Você quer aceitar?

— Se bem me lembro, havia um problema em relação ao aluguel — disse Glynis, secando os cantos da boca com o guardanapo. — Portanto, suponho que sim, quero.

Na medida em que se poderia descrevê-la como “serenamente satisfeita”, Shep teve medo de passar à Parte II. Embora houvesse em seu clichê da “boa notícia e má notícia” uma ideia de equivalência, a má notícia superava em muito a boa. A rigor, havia apenas uma notícia boa, que agora estava encerrada e surtira um efeito decepcionante. Quanto às más notícias, elas eram duas. Dilacerado entre a franqueza de Carol como a melhor política e a orientação do médico de deixar os pacientes cancerosos dormirem sossegados, por ora ele dividiria a diferença.

— A má notícia — remanchou — é muito ruim.

Os olhos de Glynis o atacaram:

— Tem certeza de que quer me contar?

— É claro que não quero. Mas tenho de contar.

— Você *tem de contar*.

— Não lhe contar não altera nada, não... desacontece o acontecido.

Glynis baixou a colher devagar. Deslizando as mãos para as duas extremidades da bandeja, agarrou as bordas como um caminhoneiro firmaria o volante, com o pé no acelerador. Se a cama fosse um caminhão, ela o teria atropelado.

— O Jackson meteu uma bala na cabeça.

Aparentemente, a fala de Shep ficara tão distante do que Glynis havia esperado que ela quase não o ouviu. A pergunta que fez foi insensível.

— Ele... ele está bem?

— Não.

— Oh.

Glynis deixou as mãos caírem. Seu rosto assumiu uma expressão complexa, e foi preciso um instante para que a tristeza profunda e sincera — Coitada da Carol! — suplantasse seu alívio carregado de culpa.

* * *

Agora, passadas seis noites, Shep não iria tão grotescamente longe a ponto de dizer que o suicídio de um dos amigos mais antigos e mais íntimos do casal havia animado sua mulher. Mas Glynis parecia tangivelmente grata por se atirar num sofrimento que não fosse o seu. Interrompendo-se apenas para trocar abraços, ela e Carol mal haviam parado de conversar desde a chegada das Burdina. Enfim sentindo-se útil, nem que fosse apenas como confidente, Glynis pareceu vivenciar um ressurgimento da energia física que chegou em boa hora. Shep tinha planos de canalizar todas as forças de sua mulher para uma viagem cansativa que começaria na tarde seguinte e levaria mais de um dia inteiro.

Por outro lado, nada poderia ser mais árduo do que a viagem muito mais curta que ele tinha feito na manhã de sexta-feira, depois da chegada de Carol e das meninas. Para ser justo, Carol lhe dera ampla oportunidade de escapar dessa função — elas poderiam comprar roupas novas, obter outras receitas, dissera —, mas ele havia prometido.

Levando no bolso uma lista detalhada das posses essenciais da família Burdina e de sua localização, Shep ficara sentado ao volante, naquela manhã, por vinte minutos inteiros, sem dar a partida. Por natureza, não era procrastinador. Mas não queria ir. Durante a maior parte desses vinte minutos, o não querer ir se traduzira num não poder ir: não ir. Ele não conseguia ligar o carro. É verdade que tinha renunciado sumariamente ao senso de dever em todos os outros aspectos: para com sua companhia, seu país e — ao tapear os diretores de uma empresa que, o que quer que seus predecessores houvessem fabricado, trinta anos antes, nunca tinham feito um cisco de mal a sua mulher — sua própria consciência. Mas não podia renunciar ao sentimento de dever para com os amigos. Agora ele acreditava em pouca coisa, mas ainda acreditava nisso. Se pudesse decompor essa missão onerosa em unidades minúsculas e realizáveis — sair da garagem de marcha a ré, ligar a seta para a direita, contornar o campo de golfe, entrar na Duzentos e oitenta e sete —, ela não tardaria a acabar; e, com esse espírito mecânico, girou a chave na ignição.

À porta da entrada em Windsor Terrace, seu coração ribombou em seus ouvidos e uma onda de adrenalina o deixou zozzo e levemente enjoado. Apesar do mantra de sua tranquilização mental, seus órgãos internos não acreditaram que não houvesse *nada a temer*. A sensação era bem o inverso: estar aprisionado num filme de terror, do lado errado da tela. Depois de entrar na varanda cercada da frente, ele parou, agarrado à mochila destinada a sua pilhagem, e olhou ferozmente para o chão. Ao lado de seu pé, o linóleo verde-azulado tinha a mancha de uma pegada esguia de sapato feminino. A pegada era cor de ferrugem. Não havia como escapar do que acontecera ali, nem mesmo olhando fixo para o chão.

Shep ergueu os olhos e entrou na sala de visitas. No extremo oposto, a entrada da cozinha era fragilmente bloqueada pela fita amarela da polícia. A escada para os quartos e o escritório, onde ele encontraria a maioria das coisas da lista de Carol, ficava à sua esquerda. Assim, ele não precisava entrar na cozinha ou sequer olhar para ela. Por um momento, pestanejou e espremeu os olhos, com isso mantendo a cozinha em frente como um borrão. Mas era aquilo que não se via que dava medo. Shep faria seu serviço com mais competência se enfrentasse a cozinha. Além disso, a lealdade a Jackson exigia que ele recebesse todos os respingos da infelicidade do amigo.

Caminhou até a fita. O sol entrava zombeteiramente pelas janelas, para garantir que nada escapasse à visão: uma bagunça peculiar de espátulas, colheres de servir e espetos de metal espalhava-se por todo o

piso da Forbo que ele ajudara Jackson a instalar, fazia dez anos. No chão havia também uma gaveta do armário; outra estava escancarada. Um pesado cutelo de aço Sabatier descansava sobre a mesa do café, ambos manchados do mesmo marrom-avermelhado da pegada — como que largado ali para enferrujar, e, apesar de seu lado descuidado, Jackson Burdina sempre tivera respeito pelas ferramentas. Lá estava ainda uma grossa tábua de carne em madeira, habitualmente posicionada sobre a bancada junto à geladeira, mas deslocada para a mesa e empapada do mesmo tom sombrio. Havia alguma coisa que Carol não contara a ele.

Afora isso, era o que Shep tentara se preparar para ver, embora algumas coisas não se prestassem para preparativos e ter se preparado não ajudasse em nada. Ao fixar as placas do piso com a cola Forbo, ele nunca teria imaginado que a escolha de Jackson de um piso que alternava o “Lápis-lazúli” com o “Clima Azul” proporcionaria um contraste tão chocante com os esguichos de sangue cheios de pegadas e as poças coaguladas. Carol também não teria previsto, ao costurar as cortinas creme, estampadas com pálidas centáureas azuis, que elas serviriam de tela para o Rorschach do desespero de seu marido. É que ele estava em toda parte — como se uma panela fervente de molho de tomate tivesse sido largada no fogão, cuspidando e transbordando. Sinistras poças lodosas tinham endurecido embaixo da mesa, de onde um filete ressecado corria sinuoso para aquele trecho de piso impossível de limpar, embaixo da geladeira. Os respingos eram opacos e escuros; uma paisagem mais luminosa e cintilante teria recebido Carol em sua volta para casa. Ela havia literalmente agarrado Flicka na porta da cozinha e arrastado a filha para a varanda, segundo disse, mas não a tempo.

Aquilo era uma peregrinação. Não havia nada para aprender ali, exceto que o ocorrido tinha ocorrido, mas era essa informação que Shep precisava absorver.

Ele subiu com a mochila para carregá-la de livros escolares e roupas. Folheou o armário de arquivos no escritório de Carol e localizou os testamentos e apólices de seguro que ela lhe pedira para encontrar; com um instinto que o deixaria impressionado, em retrospectiva, também pegou uma pasta de arquivo que Carol não tinha pedido: os passaportes da família. Apanhou alguns itens seletos da coleção de telefones celulares de Flicka, que ela também não havia solicitado. Durante todo esse tempo, sentiu-se observado, vigiado por uma presença às suas costas, e pulou quando um cabide caiu ruidosamente de um trilho ou quando o transformador do cabo do computador de Carol caiu com um estalo nas tábuas do assoalho. De volta à porta da entrada, finalmente, girou a chave na fechadura, não para barrar os ladrões do lado de fora, mas para trancar alguma coisa lá dentro. O ar cortante e branco de fevereiro era limpo, e ele encheu várias vezes os pulmões, sedento, como quem sorvesse goladas de água.

Num gesto salutar, desdenhou da liberação de pedágio na Ponte de Brooklyn e pegou o túnel Battery, menos congestionado. Quatro paus no E-ZPass, mas, depois desta última incumbência, ele podia arcar com o pedágio. Circular pelo centro comercial de Manhattan o fez lembrar de Jackson, como seria inevitável, e de sua diatribe sobre o confisco geral das vagas de estacionamento dessa área pelos mandachuvas. À guisa de homenagem, estacionou numa vaga que dizia “Somente Veículos Autorizados”, num convite a uma multa. Essa ele também podia bancar.

No escritório de Rick Mystic em Exchange Place, assinou o termo de confidencialidade. Incrivelmente, Mystic havia prometido que de fato conseguiria fazer a Forge Craft entregar o cheque na segunda-feira. Essa gente estava com tanta pressa que era como se houvesse bisbilhotado o encontro dilacerante de Shep com Philip Goldman na véspera. Nesse meio-tempo, até mesmo vinte e quatro horas ocultando “mais um” segredo de Glynis tinham sido intoleráveis. O prognóstico referente a ela pesava nas entranhas de Shep, sólido como uma pedra nos rins.

A ideia lhe passara pela cabeça pela primeira vez durante a conversa telefônica com Mystic, na noite anterior, quando o advogado apresentara a oferta de acordo: seu pé-de-meia para a Outra Vida, milagrosamente recuperado. A cada quilômetro arrastado no trânsito pavoroso de sexta-feira, a fantasia sem compromisso cristalizou-se num projeto sólido para atingir um objetivo.

A cena com que ele deparou, com a mochila pendurada no ombro, fez Shep lamentar que a família de Carol não tivesse privacidade para lamber suas feridas — ou abri-las — longe dos ouvidos de outra família. Ainda assim, não seria natural dar meia-volta no vestíbulo quando ele chegou em casa.

Fazia muito tempo que Flicka andava impaciente com a mãe, intolerante para com aquela preocupação sufocante com seu bem-estar, mas, desde a chegada delas, a menina se mostrara francamente fria. A não ser por um ou outro pedido logístico, não havia trocado uma palavra com a mãe — o que, considerando-se o que disse quando veio a falar, talvez tivesse sido uma sorte para Carol.

— Tudo que ele queria era um pouquinho de admiração — proferiu a menina, num rosnado nasal acalorado. Estava encolhida num canto do sofá da sala enquanto Carol se sentava, rígida, na poltrona mais distante. — Ele teve todo aquele trabalho de aprender coisas e pensar em coisas, para não ser só um *faz-tudo* careta. Ele lhe *disse* que detestava essa palavra, e mesmo assim, você a dizia o tempo todo: *faz-tudo, faz-tudo, faz-tudo!*

— Meu bem, fico contente por você se orgulhar do seu pai, e deve se orgulhar — disse Carol, com rígido autocontrole. — Mas, se às vezes eu o chamava de “faz-tudo”, é só porque não existe outra palavra, e era isso que ele era. O que não é nenhum motivo de vergonha.

— Você nunca dava a menor atenção a ele! Ele começava a falar e você simplesmente *desligava!* Acha que ele não notava? Você escuta o rádio com mais atenção! E eu estou falando dos anúncios!

— Às vezes, o seu pai usava a fala como um substituto de dizer alguma coisa. Eu lhe garanto que, quando ele falava comigo sobre qualquer coisa importante, eu ouvia, sim. Com muita atenção.

— Você quer dizer importante *para você*, não para ele. E nada que era importante para ele era importante para você! Não é de admirar que o papai tenha se matado! Todo dia você o fazia se sentir *inútil, e chato, e burro!*

Carol baixou a cabeça em silêncio, até as lágrimas lhe escorrerem pelo queixo e salpicarem suas mãos — o tipo de vazamento lento e persistente que qualquer *faz-tudo* reconheceria como difícil de estancar.

— Benzinho — disse ela, por fim, tornando a olhar para Flicka. — Você não foi a única a perder seu pai. Não é a única a se sentir mal. Você pode ter uma doença genética, mas isso não significa que possa dizer tudo o que quer... quando isso não ajuda ninguém nem modifica nada e machuca terrivelmente. Sinto muito que você sofra de DF. Mas você continua tendo que ser gentil.

Era o tipo de tratamento parental severo do qual, por medo do pronto-socorro, Flicka fora privada por tempo demais. Acompanhando o silêncio do choro da mãe, Flicka começou a soluçar, mas sem as lágrimas. Quando davam demonstrações afetivas, seus olhos não choravam: infeccionavam-se.

— A culpa não é sua, é minha — disse a menina entre tremores. — Era eu que vivia dizendo que ficar por aqui não valia o esforço. Era eu que vivia dizendo que estar aqui não é tão bom assim. Acho que eu o convenci a fazer aquilo. Acho que ele tirou a ideia de mim.

Carol foi até o sofá e abraçou a filha:

— Pronto, quietinha. Essa é uma ideia que todos temos de vez em quando. Você não a inventou. Mas vou lhe dizer uma coisa: sabe o que *eu* acho que foi uma das maiores razões para ele nos deixar? Ele tinha medo de que acontecesse alguma coisa com você, amorzinho, e de não poder suportar. Ele não suportava a ideia deste mundo sem você. Ele a amava muito, querida, mais do que você pode imaginar agora, e o que ele fez não foi muito corajoso nem muito bonito. Mas, sempre que as pessoas fazem uma coisa por amor, a gente tem que ser ainda mais capaz de perdoar. Porque acho que ele não conseguia enfrentar a ideia de você piorar ou de algo pior do que piorar. Acho que ele quis ir primeiro.

Na manhã do sábado seguinte, Shep jogou uns cobertores no banco de trás. Deixando Glynis aos cuidados de Carol, rumou para Berlin.

Teve medo de encontrar resistência. Não estava acostumado a dizer ao pai o que fazer, e os idosos eram conhecidos por sua aversão à mudança. Seguindo na direção norte, Shep teve de lembrar a si mesmo que, tecnicamente, uma clínica geriátrica não era uma penitenciária. Com certeza, tirar o próprio pai das garras dela não era realmente infringir a lei. Mas decerto seria uma violação desta ou daquela norma institucional simplesmente remover uma das pessoas entregues aos seus cuidados, sem assinar uma pilha de papéis. Isto posto, qualquer que fosse o grau em que vinha infringindo as normas, Shep começava a gostar dessa prática.

Na recepção, informou à enfermeira que ia levar o pai para dar “um passeio”. Ela franziu o cenho:

— Ele está muito debilitado. E lá fora está um horror. Parece que vai nevar.

— Não se preocupe — disse Shep. — O lugar aonde vou levar meu pai é muito, muito quente.

O patriarca dolorosamente diminuído estava cochilando. Shep consolou-se, pensando que ao menos um homem magro daquele jeito seria fácil de carregar. Murmurou no ouvido do pai:

— Ei, papai, acorde.

Uma vez que abriu seus olhos, o ancião os arregalou ainda mais, e envolveu o filho nos braços com a mesma força surpreendente com que Glynis dera um empurrão em Shep, três dias antes.

— Shepherd! — exclamou em voz rouca. — Eu estava com medo de nunca mais ver você!

Shep soltou-se delicadamente do abraço do pai.

— Psssiu. Agora, escute. Vamos ter que agir com calma. Para o pessoal da clínica, só vou levar você para dar uma volta, está bem? Mas quero que você pense em qualquer coisa daqui que gostaria de levar consigo. Porque você está prestes a ser sequestrado.

— Você quer dizer... que não vamos voltar?

— Não. Você é capaz de viver com isso?

— Viver com isso? — Gabe tornou a abraçá-lo. — Ah, meu filho. Talvez exista um Deus!

Embalando umas coisas em silêncio e tirando da cômoda os vidros de remédios, Shep murmurou que “primeiro” eles iam voltar a Elmsford.

O pai parou de descer as pernas finas pela lateral da cama:

— Mas, e a Glynis? O seu pai é a personificação de uma das Dez Pragas do Egito. Você mesmo me falou. Não devo chegar perto da minha nora. Você me avisou que eu poderia matá-la.

— Com a *c-diff*? Se vamos usar a linguagem bíblica, a Glynis já está no Apocalipse. Está nas últimas, papai. Ficar perto de uma guerrinha a mais com as bactérias não fará a menor diferença.

— Tem certeza?

— Eu... eu nunca fiz isso antes. Você passou por isso inúmeras vezes, com seus paroquianos. Sua companhia pode nos ajudar. Os seus conselhos podem me ser úteis.

— Conselhos? Sobre quê?

Shep respirou fundo:

— Sobre como ajudar minha mulher a morrer.

Quando Shep informou ao pai, no longo trajeto de volta a Nova York, que todos eles iam para a África, o velho recebeu a notícia com serenidade — apenas comentando, com o típico pragmatismo dos Knacker, que, infelizmente, seu passaporte havia expirado. (Shep lhe explicou que, por uma grana, a It's Easy Inc.,

no centro da cidade, podia providenciar o atendimento da requisição da noite para o dia, e, quando o pai lhe perguntou por quanto, ele respondeu, com um sorriso de júbilo: “Não vem ao caso.”) O verão que eles haviam passado juntos no Quênia talvez tivesse feito o “continente negro” parecer menos ameaçador. Por falar nisso, seu pai não pareceu incomodar-se com nenhum itinerário que o afastasse da Twilight Glens. Aparentemente, o canto coral não fizera muito sucesso.

Shep se perguntou se deveria ter se despedido de Beryl. Mas ela se inflamara ante a sua sugestão de que o pai fosse transferido para uma clínica pública, a poucos quilômetros de distância; informada de que, em vez disso, ele seria sequestrado para a África, ficaria apoplética. E depois, ela havia deixado muito claro o que pensava das aspirações do irmão a qualquer suposta Outra Vida. Pelo menos, agora que a clínica geriátrica não mais devastaria as finanças da família como uma doença necrosante, ela poderia conservar a casa. Se isso parecia uma recompensa generosa por uma conduta sem generosidade, a casa da infância, na experiência de Shep, tinha mais de maldição que de sorte grande. E, mesmo que o passado não exercesse sua influência, comumente incapacitante, Beryl descobriria que aqueles três andares altos na rua Mount Forist eram uma bolada consideravelmente menor quando começasse a pagar suas próprias contas do combustível para o aquecimento.

A viagem foi interrompida mais de uma vez para paradas estratégicas nos boxes. Depois de praticamente carregar o pai até o banheiro masculino de um posto de gasolina, Shep lhe segurava o tronco com um dos braços e descia a calça do pijama abaixo das nádegas com a mão livre — uma prática na qual, graças aos períodos de igual incapacidade de sua mulher, tinha se tornado perito. Deixava o pai cuidar do restante com a porta do cubículo fechada, embora esse simulacro de privacidade nunca durasse. As garantias do pai de ser capaz de cuidar de sua própria limpeza revelaram-se exageradas e, é claro, tornar a suspender as calças do pijama implicava mais ajuda. No Oriente Médio, vislumbrar os órgãos genitais do pai era considerado o cúmulo da humilhação, mas, para Shep, foi apenas mais um exercício de cair na realidade. E então ambos tinham pênis. Grande coisa.

Como seria inevitável, no trecho final do norte de Connecticut, já tarde da noite, havia muitos postos de abastecimento e lanchonetes fechados. O pai não conseguiu se segurar. Um cheiro fétido inundou o carro, e Gabe começou a chorar.

— Papai, faz meses que eu vivo afundado na merda até os cotovelos, e não estou falando em linguagem figurada. Ainda amo a minha mulher, e estou intimamente familiarizado com cada secreção e vômito do corpo dela. Agora vou cuidar de você e, em vez de contratar um estranho para limpar o seu traseiro, eu mesmo vou limpá-lo. Não há nada de que se envergonhar. As únicas pessoas que deveriam envergonhar-se somos eu e a Beryl, por termos descarregado noutra pessoa a função de limpar a sua bunda.

Chegaram a Elmsford à uma da manhã. Depois de dirigir por quinze horas, Shep deveria estar esgotado até os ossos. Mas, desde que Pemba havia ressuscitado da condição de insignificante castelo de vento para a de destino definitivo, ele andava numa curiosa euforia. Ainda havia um quê de saltitante em seu andar quando higienizou o pai e o acomodou no sofá da sala, no térreo, perto do banheiro.

* * *

Enquanto Glynis ainda dormia, na manhã de domingo, Shep cuidou da questão de Zach. Depois que o filho relutante o deixou entrar em seu santuário, ele sentou na cama do garoto e anunciou:

— Vamos nos mudar para a África.

Contorcendo-se para dar as costas à tela do computador, Zach olhou para o pai com a fisionomia impassível e condescendente. Acreditava tão pouco na “Outra Vida” amalucada do sujeito quanto Beryl.

— Sei. Quando?

— Tenho que entrar no site da BA, mas espero que seja antes do fim da semana.

Zach inspecionou o pai com atenção. Shep retribuiu afavelmente o olhar, satisfeito por ver que, como havia esperado, as feições do filho estavam se acertando e, aos dezesseis anos, o rapaz era quase bonito.

— Você não está brincando.

— Não. Por isso, é melhor você começar a recolher suas coisas. Arrume uma bagagem leve. Mesmo que não possamos encontrar tudo de que precisarmos em Pemba, acho que Zanzibar é bastante bem abastecida, e estaremos a meia hora de avião da Cidade de Pedra.

— Vamos nos “mudar para a África” por quanto tempo?

— Eu? Para sempre. Quanto a você, a decisão é sua. Quando você fizer dezoito anos, estará livre, leve e solto. Mas, ei, você não gosta mesmo daquela nova escola.

— Eu achava... — Zach passou a língua nos lábios — ...achava que os jovens é que enfiavam na cabeça essas ideias repentinas de fazer uma maluquice. E aí são os pais que botam o pessoal sentado e o fazem ser, você sabe. *Realista*.

— Tenho sido “realista” há quarenta e nove anos, parceiro. E, quando se faz uma coisa real, isso é realista. A propósito, Pemba tem banda larga, sim. Eu tinha certeza de que você queria saber.

— E se eu não quiser ir?

— Bem... Você poderia ficar com a sua tia Beryl na casa do seu avô, em Berlin... embora, como você sabe, a cidade seja muito pequena. Ou seja, você continuaria na roça, só que sem as palmeiras e os mergulhos com snorkel nos recifes de coral. Lá faz um frio danado. Em pouco tempo, se não estou enganado, a casa do seu avô também vai ficar muito mais fria. Uma alternativa seria você ficar com a sua tia Deb, mas é melhor se preparar para bancar a babá muitas vezes e fingir, pelo menos, que virou um cristão renascido. Há também a tia Ruby, mas essa é uma viciada em trabalho que não arranja tempo nem para um namorado, que dirá para um sobrinho morando com ela. A sua avó, em Tucson, adoraria recebê-lo, apesar de você viver se queixando de que ela o trata feito um menino de seis anos. Ela está com setenta e três. Aposto que não vai parar agora.

— Você está mesmo planejando, a sério, me largar na casa de parentes?

— Não. Estou planejando seriamente levá-lo para uma parte fascinante do mundo, onde você pode aprender a pescar numa canoa de madeira chamada *mtumbwi*. Mergulhar. Aprender suaíli. Comer os melhores abacaxis e mangas que já provou. E me ajudar a construir uma casa.

— Você está parecendo... meio esquisito. Como se tivesse tomado alguma coisa. Tem certeza de que não pegou uns remédios da mamãe?

— Acho que, se realmente você não quiser ir, pode se colocar à mercê de um assistente social, porque o seu pai se tornou um viciado em drogas.

“Z” nunca se sentira à vontade brincando com o pai, e exibiu uma expressão sofrida.

— Quanto tempo eu tenho para pensar nisso?

— Tomei a minha decisão no tempo que levou para dirigir do centro de Manhattan a Westchester. Mas foi numa sexta-feira, e o trânsito estava pesado. Portanto, eu lhe dou metade disso.

— É para eu decidir *hoje* se quero virar minha vida inteira de cabeça para baixo e me “mudar para a África”?

— As decisões levam uma fração de segundo. Não decidir é que consome o tempo todo.

— Mas, e a mamãe? Você sabe, ela não anda propriamente com uma cara ótima. Na África... como ficam os médicos?

— Já tivemos médicos suficientes.

— Mas, digo, o que ela acha disso? Ela está a fim?

— Isso — disse Shep, levantando-se — é o que estou prestes a descobrir.

Shep sentou-se na cama quando Glynis se mexeu e pôs a cabeça da mulher em seu colo. Ela se aninhou.

— E então, como está o seu pai? — resmungou.

— Pergunte-lhe você mesma. Ele está lá embaixo.

— Você o trouxe para casa? — perguntou Glynis, sonolenta. — Para quê? Isso é aconselhável?

— É *aconselhável*. Ele é meu pai. Quero levá-lo comigo.

— Com você? — ela murmurou e deu um suspiro. Sua mão na coxa de Shep era deliciosa como sempre. — Com você para onde?

— Gnu — fez ele, afagando-lhe a têmpora —, lembra-se do ano passado, quando lhe pedi para ir comigo para Pemba? Bem, estou pedindo de novo. E, desta vez, o câncer não é desculpa.

— Mmmm? — Glynis endireitou a cabeça. Na frente de outras pessoas, mantinha-a coberta, mas Shep havia passado a admirar a forma limpa e forte do crânio de sua mulher sem o cabelo.

— Lá é quente — ele entoou. — As praias são brancas. As árvores são altas. O peixe é fresco. E a brisa vem com tempero de cravo.

— Espere aí — disse Glynis, abrindo os olhos. — Não estou sonhando.

— Nem eu, nem nunca estive. Quero levar você para Pemba. Quero que viajemos esta semana.

Glynis sentou-se ereta.

— Shepherd, você ficou maluco? Este está longe de ser o momento de recomeçarmos a falar da África.

— Este é o único tempo que resta para falarmos da África. E o único que nos resta para ir.

— Mesmo que eu não comece com aquele remédio experimental, tenho mais cinco sessões de químio! Posso estar quase acabando, mas não acabei.

— Não — disse Shep, pondo a palma da mão no rosto dela. — Você acabou.

Sua intenção fora referir-se a acabar com novos tratamentos, porém a afirmação saiu mais dura do que ele havia planejado.

Glynis desviou o rosto de sua mão.

— Qual é? Agora *você* também está me riscando do mapa?

— Gnu. O que está acontecendo com você? O que acha que está acontecendo com você?

— É óbvio que estou muito doente, mas, nestes últimos dois dias, tenho me sentido melhor...

— Você mal consegue comer. Mal consegue fazer cocô ou subir um lance de escada. *O que acha que está acontecendo com você?*

— Pare! Você está sendo cruel! É importante manter a postura positiva, continuar tentando...!

— Acho que é cruel continuar tentando.

Glynis começou a chorar.

— Estou lhe dizendo! Eu posso derrotar isso!

— Viu? A culpa não é sua. Você tem uma vontade imperiosa. E aí vem toda essa conversa no hospital, sobre “lutar” e “derrotar” e “vencer”. É claro que você se disporia a isso. A tentar brilhar na disputa. Mas não é uma disputa. O câncer não é uma “batalha”. Piorar não é sinal de fraqueza. E morrer — ele disse a palavra baixinho, mas com clareza — não é uma derrota.

Glynis vicejava naturalmente onde havia inimigos e substituiria sem dificuldade o vilão da doença pelo marido.

— O que *você* entende disso? — rosnou.

— O que eu entendo? — Shep levou um momento para considerar. Havia lutado contra a ânsia de fazer uma confidência a Carol desde a noite de quinta-feira. Havia resistido a desabafar com o pai na véspera, apesar da viagem longa, e ainda nessa manhã, abster-se de chamar o filho à parte. Recusara-se a dar todos os telefonemas que o médico esperava — para Petra, para o Arizona. Ao menos por uma vez, sua abstinência não tinha derivado, como ao dar a notícia sobre Jackson, do medo de “tornar aquilo

real”. Para Shep, informar a uma única alma antes da própria Glynis era *um insulto*.

— O Goldman não queria que eu lhe contasse — prosseguiu. — Na verdade, ele queria que eu contasse para todo mundo, menos para você. Assim, a sua mãe voaria imediatamente para Nova York. E as suas irmãs. De repente, seus amigos apareceriam aqui, todos de uma vez, para recitar de novo aqueles discursinhos, os discursos que você detesta, e você não entenderia por quê. O Goldman queria que todos eles soubessem, mas que você fosse mantida no escuro. Mas sabe de uma coisa? Prefiro mantê-los no escuro. Eles que se fodam. Mas não contar a você é um desrespeito. E eu a respeito. Acho que não tenho agido como se a respeitasse, nestes últimos meses, mas respeito.

Glynis estava agachada de quatro, como que prestes a arrancar os olhos do marido.

— Me contar o quê?

— O Goldman lhe deu três semanas.

Ela desabou, mas Shep estava decidido a continuar a falar. Sentia-se cansado de não falar.

— Agora está mais perto de duas semanas e meia. Talvez eu esteja errado e você realmente preferisse não saber, mas acho que não é justo comigo. Todas essas coisas que tenho de guardar para mim... como as tomografias. Elas têm sido terríveis, Glynis. Será que também posso tirar isso do peito? As áreas afetadas estão se espalhando. Ah, e adivinhe qual era a sua expectativa de vida, no começo? Um ano. Um ano a contar do diagnóstico, essa é a média nos casos de mesotelioma. Certo, se fossem apenas células epitelioides, você poderia ter até três anos de vida, no máximo, com a química. Mas, no momento em que o Hartness encontrou aquela titica *bifásica*, a sua expectativa de vida tornou a despencar para doze meses. Você já tem quase dois meses além disso, e éramos para estar agradecidos. Mas tive de viver com essa sentença de morte no prazo de um ano completamente sozinho; você deixou claro, no consultório do Knox, que não queria saber. Aí, o Jackson se mata e o meu primeiro instinto é: não posso contar a minha mulher. Porque não se espera que eu lhe conte nada. Mas isso me deixa só. Não quero ficar sozinho neste momento. Tenho menos de três semanas para não ficar sozinho pelo resto da minha vida. E nós temos menos de três semanas para fazer seja lá o que formos fazer, em qualquer época, e é por isso que quero ir para Pemba. *Já*.

Ele lhe dissera que não era uma luta. Que nunca fora uma luta. Que, se não havia luta, não havia derrota. Livrara sua mulher do aperto. Ela podia parar de lutar. Deitada de lado, como um troféu que Shep tivesse levado para casa — como um *gnu*, alvejado na barriga, mas ainda respirando —, Glynis resmungou, com o rosto nos lençóis:

— Está bem, eu desisto.

No entanto, ao levantar a cabeça, depois de *desistir* oficialmente, pareceu ter uma grata surpresa por ainda se ver ali, como se a única coisa que a tivesse impedido de morrer de imediato, já fazia meses, tivesse sido sua determinação de não morrer.

— Então, ótimo — assentiu com animação. — Vamos para Pemba.

Quando Glynis se aninhou em seus braços, Shep teve a assombrosa impressão de que ela falava sério. Abraçou-a.

— Havia uma porção de coisas que eu também queria fazer, Shepherd. Inúmeras coisas que eu queria fazer e que agora estão presas na minha cabeça.

— Não faz mal. — Ele pulou o elogio pró-forma sobre como eram requintados os poucos trabalhos dela que haviam chegado a ter três dimensões. O tempo era curto e os elogios a deixariam entediada. — Não tenho a eloquência para explicar por quê, mas sei que não faz mal. Porque, se você retroceder um pouco... já que você, e tudo e todos acabam morrendo, e já que o mundo inteiro é tão estranho...

Glynis fez um gesto desdenhoso, ondulando os dedos:

— Pfff.

— Pois é, é todo *pfff*. Então, talvez... as coisas que você criou, mas só na sua cabeça, sabe? Elas são tão importantes, e tão reais, e tão bonitas quanto as que você fez com o metal lá em cima.

Ela o beijou.

— Obrigada.

— Sabe, nos filmes... — Shep estava tateando. — Lembra como, às vezes, ali pelo meio, um filme parece se arrastar? Eu fico inquieto e vou fazer xixi ou vou comprar pipoca. Mas às vezes, na última parte, ele se anima, e aí, pouco antes de aparecerem os créditos, um de nós começa a chorar... bom, nessa hora a gente esquece a parte chata do meio, não é? Não se incomoda com o fato de ele ter tido um começo lento, ou ter tido no caminho uma guinada da trama que não funcionou. Como o filme nos emocionou, como finalmente ele se acertou, a gente sai do cinema achando que foi um bom filme, e fica contente por ter ido vê-lo. Entendeu, Gnu? — prometeu Shep. — *Nós ainda podemos terminar bem.*

* * *

Quando ele saiu do quarto, na verdade, os dois estavam rindo, embora fosse difícil dizer se o senso de humor renovado de Glynis se enraizava numa libertação da negação ou no imediato restabelecimento desta.

Antes de descer para mobilizar um café da manhã para sete, Shep deu uma batidinha na porta de Zach. O rosto arisco que espiou pela fresta indicou uma fervorosa esperança: a de que já houvesse passado o efeito de fosse qual fosse a droga alteradora da mente que fora infundida na corrente sanguínea de seu pai.

— Sua mãe topou. E então, o que vai ser? Está dentro ou fora? — perguntou Shep.

— Mas só faz uma hora!

— E daí? Tenho que comprar as passagens depois do café.

— Isso é uma maluquice completa. Mas... Não suporto aquela gosma vegetariana que a tia Beryl faz.

Não tenho vontade de *receber Jesus no coração*, e a vovó vive esfregando a minha cara nos peitos dela, o que é um constrangimento só. E eu não... bom, não quero deixar a mamãe. Então, acho que não tenho saída. Mas você tem razão: se eu contasse o seu plano bizarro a um assistente social, aposto que você ia preso.

— É por isso que temos de andar logo — disse Shep, descontraído. — Estamos nos *evadindo*. — *Evadindo* era bem o tipo de palavra que Jackson havia adorado. Aliás, Shep tinha dado a Carol um sentimento semelhante de libertação quando ela lhe confessara, muito envergonhada, que, naquelas circunstâncias, tinha pavor da ideia de organizar um funeral, e ele lhe apontara que isso não era necessário.

— E você não tem que falar com a minha escola e essas merdas? — perguntou Zach. — Pedir permissão?

— É provável. Mas não vou falar.

— Bem, você não pode simplesmente *ir embora*.

— Os Sugadores vão.

O sorriso beatificamente excêntrico de Shep desencorajou novas indagações.

Zach fez um gesto para o térreo, onde Heather estava tendo outro piti por causa da cuca de farofa:

— E esse pessoal? Quer dizer, qual é o seu plano: largá-las aqui nesta casa? Porque eu tenho a impressão de que nem tão cedo elas voltam para Windsor Terrace.

O garoto tinha sido a única pessoa a receber a notícia sobre Jackson sem parecer chocado. Como talvez fosse compreensível, os *hikikomori* com quem ele se dava consideravam o suicídio uma alternativa perfeitamente sensata para uma vida de infundável autoencerramento num quarto apertado. A revelação displicente de Zach de que era comum ele e seus amigos conversarem sobre “pular fora”, tanto quanto fora comum os adolescentes da época de Shep tirarem livros da biblioteca, tinha sido mais uma

motivação para o pai tirar o garoto do país.

— Acho que ainda não pensei nisso — admitiu Shep. Certo, abandonar os móveis era um prazer ativo. Os senhorios ficariam às voltas com o problema de se desfazer deles, mas Shep vinha descobrindo que o processo pelo qual ele havia assumido os ônus de outras pessoas, durante sua vida inteira, podia ser executado no sentido inverso. Abandonar a família Burdina, porém, era outra história.

Tendo descoberto o segredo de que as decisões não levam tempo, ele resolveu a questão entre o primeiro passo no alto da escada e a chegada ao térreo.

* * *

Heather estava deixando a água correr na pia, unicamente para fazer a fonte cinética funcionar, e o fato de ficar mexendo no batedor giratório estava molhando o chão. (Desde sua chegada, a menina não se mostrara triste, mas maníaca. A hiperatividade e os incessantes acessos de raiva por causa da comida eram os únicos indicadores de que ela havia compreendido já não ter pai. Shep se perguntou se era possível que os antidepressivos estivessem funcionando um pouco bem demais.) Nesse exato momento, Heather se esgoelava sem afinação no tema do comercial de televisão de Pogatchnik, “*The handyman can, oh, the handyman can!*”, e abria e fechava a torneira no ritmo da canção monótona. Era irritante — mais que irritante, na verdade, era excruciante —, mas Shep não teve coragem de mandá-la parar com aquilo, assim como não pôde negar-lhe mais uma fatia de bolo.

Enquanto isso, desconjuntada, Flicka se escorava num banco da cozinha como um manequim da última estação. O pai de Shep, como seria previsível, achava-se no banheiro. Carol mais fazia movimento do que preparava o café da manhã. Em geral muito eficiente, só conseguira pôr na mesa uma caixa de cereal, mas nenhuma tigela nem colheres. Em vez de pegar o leite, havia apanhado a água tônica. Quando Shep entrou, estava parada no meio da cozinha, imóvel, como que prestes a fazer algo que já não lembrava o que seria. Como vários cartões de memória que ele tivera de substituir em sua câmera digital, o de Carol estava corrompido.

Shep a conduziu à mesa e a fez sentar-se; ela obedeceu. Visto que os cartões se corrompem em setores distintos, o cérebro de Carol religou e tratou de pôr para fora o que Carol Burdina deveria dizer:

— Nós realmente agradecemos a sua hospitalidade destas últimas noites. Mas não podemos continuar a abusar... Talvez um hotel... As meninas... Elas deveriam voltar para a escola.

Mas o coração não estava empenhado na fala, e Carol soava como um robô.

Assim, Shep a ignorou.

— A Glynis, o Zach, meu pai e eu vamos partir para a ilha de Pemba assim que eu conseguir passagens de avião. Você e as meninas deveriam vir também.

Na medida em que elas tivessem alguma expectativa — *não, não, não, por favor, fiquem à vontade, pelo tempo que quiserem* —, a fala de Shep foi um desafio. Uma ligeira inclinação da cabeça de Carol pareceu indicar que ele havia despertado sua atenção. A névoa que encobria o olhar de Flicka também pareceu dissipar-se.

A risada de Carol mais pareceu um soluço:

— Você vai para a África.

A pontuação vazia do comercial, “O faz-tudo pode, porque mistura o cimento com amor e faz a casa funcionar!”, fez a viagem proposta parecer ainda mais absurda.

— Isso mesmo. De acordo com o Jackson — Shep tinha decidido não evitar as menções ao amigo —, você achava que eu nunca iria.

— Bem, divirta-se — disse ela, em tom afável.

— Vocês também vão.

Por mais desanimada que estivesse, sua famosa natureza prática despertou:

— Não dá. A Flicka.

— Sei que a DF será um desafio, mas daremos um jeito.

— Calor — disse Carol.

— Toalhas úmidas, ventiladores. Onde e quando possível, ar refrigerado.

— Vôo. Pressão.

— Ela só precisa engolir. Já aprendeu a engolir.

— Remédios.

— Internet.

Era como um jogo de *badminton*. O ponto demorado terminou sumariamente, com uma batida perfeita, que veio do banco:

— Eu vou para Pemba.

Carol virou-se para Flicka e suspirou:

— Você não pode ir para a África.

Inclinando-se para descer do banco, Flicka navegou num zigue-zague agachado pela cozinha, segurando uma cadeira, a mesa, os cestos de legumes e frutas; ultimamente, ela se deslocava pelos cômodos com gingado lateral de Jeff Goldblum na refilmagem de *A mosca*. Empurrou Heather da pia, encheu sua garrafa de água, fechou a torneira e limpou um filete de cuspe do queixo na munhequeira felpuda, tudo num mesmo movimento, e tratou de ligar a seringa a seu tubo gástrico, para a hidratação usual de hora em hora. Era uma demonstração de autossuficiência que dizia: *Viu? O que é, nesta chatice, que não pode ser feito na África?*

Shep teve poucas dúvidas de que, antes da noite de quarta-feira, Carol haveria se mostrado muito mais capaz de inventar razões irrefutáveis pelas quais uma deficiente de dezessete anos, com uma rara doença degenerativa, não poderia fixar residência numa ilha do outro lado do mundo, com um único hospital mal equipado e pessoal composto por médicos chineses, nenhum dos quais saberia nada sobre como lidar com uma doença genética exclusivamente judaica, chamada disautonomia familiar. Mas essa enérgica e sistemática mãe de duas filhas tinha sido substituída por uma mulher mais fácil de estimar, em certos aspectos, que estava completamente perdida. Além disso, a situação por que ela acabara de passar talvez a impelisse a fugir. Visto que, até esse momento, só conseguira escapar por uns pírios cinquenta quilômetros em direção ao norte, até Westchester, a única objeção de peso que a Nova Carol poderia levantar contra essa proposta, legitimamente, era que a África não ficava nem de longe a uma distância suficiente. Por isso, ela cometeu a imprudência de abandonar sua sensata argumentação médica em prol de um erro tático.

— Dinheiro — disse. — Não temos nenhum.

— Você tem menos do que nenhum — Shep concordou. — Dei uma espiada numas faturas de cartão de crédito que estavam perto do computador do Jackson, no trabalho. O que é uma razão ainda maior para você cair fora. O MasterCard não vai persegui-la no litoral de Zanzibar. E depois, eu tenho dinheiro. Suficiente, se formos econômicos, para permanecer indefinidamente na Tanzânia. Os *wapembas* vivem com dois dólares por dia. Poderíamos orçar pelo menos uns cinco.

Os olhos de Carol vagaram para os flocos de milho, pestanejando, com o que parecia ser uma vaga consciência das dezenas, talvez centenas de outras sólidas razões pelas quais esse plano absurdo estava fora de cogitação.

— O papai gostaria que nós fôssemos — disse Flicka.

— Ela tem razão — concordou Shep. — Deixe os pais do Jackson providenciarem uma cerimônia fúnebre se isso os fizer se sentirem melhor. Mas eu lhe juro, e conheci o cara quase tão bem quanto você: nenhum memorial para o seu marido seria mais adequado do que vocês saírem daqui. Se existe uma vida após a morte, uma outra vida com letras minúsculas, ele vai adorar saber que você pegou as filhas dele e

fugiu para Pemba.

— ...Mas há esse inquérito funesto.

— Incesto? — repetiu Heather, em tom alegre. — A minha amiga Fiona diz que na família dela tem incesto.

Mais uma razão para se sair do país. Shep perguntou:

— Você tem alguma dúvida sobre o que aconteceu?

Carol balançou a cabeça, desanimada.

— Então, por que se preocupar com o inquérito?

— Eu vou com eles, mamãe — anunciou Flicka, com ar decidido, encostando-se na bancada para se equilibrar enquanto aspirava o resto da água com a seringa —, não importa se você e a Heather vão ou não.

Manipuladora talentosa da comiseração alheia, Flicka havia mandado nos pais durante anos. Nesse momento, essa facilidade pôde ser exibida com um efeito muito mais tectônico do que se livrar do dever de matemática.

* * *

Restava fazer um último convite — se bem que fosse do tipo que se envia a pessoas que já se sabe que não poderão ir à festa, mas a quem se convida assim mesmo, num gesto simbólico. Dito e feito: quando Shep deu suas explicações sobre Pemba e declarou que, naturalmente, ela seria bem-vinda para ir junto, Amelia não se dispôs a largar tudo — os amigos, o emprego, o namorado. Mas pareceu meio confusa, e por isso Shep tomou o cuidado, desse ponto em diante, de ser de uma clareza cristalina:

— A sua mãe está morrendo, querida, e finalmente ela também sabe que está morrendo. Esta é a sua única chance de se despedir. E desta vez, talvez vocês duas possam fazer mais do que, você sabe, discutir a textura encarçada ou cremosa.

Da última vez que estivera em Elmsford, Amelia tinha levado o namorado novo — provavelmente, um bom rapaz, mas que não estava à altura daquelas circunstâncias embaraçosas. A mãe enfraquecida de sua namorada não teve forças para fazer todas as perguntas solícitas que teriam preenchido uma apresentação normal: e então, onde você trabalha? Quais são seus projetos? De onde vem sua família? Naturalmente, o Food Channel estava ligado, o que deve ter ajudado a explicar por que eles acabaram passando a visita inteira falando de batatas.

Purê de batatas, mais exatamente: se todos preferiam o tipo sedoso e cremoso, com um montão de leite, ou o tipo boêmio encarçado, com pedacinhos de batata com casca. Shep tinha se sentado para participar. Passados uns bons vinte minutos dessa microanálise da preparação do tubérculo, ele precisara de toda a força do seu autocontrole para não levantar de um salto e explodir: *Escute aqui, Teddy, ou seja lá qual for o seu nome, tenho certeza de que você é um bom sujeito, mas receio que não tenhamos tempo para conhecê-lo neste momento. Portanto, saia do quarto: o seu lugar não é aqui, e a sua namorada só o arrastou para cá, para começo de conversa, para usá-lo como cobertura. Para se esconder atrás de você. E Amelia, como você pode ver, a sua mãe está em péssima forma, de modo que você não tem como saber se esta é a ultimíssima vez em que vai falar com ela em toda a sua vida. Se você ficar condenada a se lembrar de ter desperdiçado estes poucos momentos finais falando de BATATAS, nunca se perdoará.*

Justiça seja feita, abençoada com a oportunidade de retomar aquela cena catastrófica, Amelia chegou a Elmsford em menos de uma hora. Entrou pela porta da frente no momento em que Shep entrava no site da British Airways, no segundo andar. Ao descer correndo para recebê-la, ele ficou aliviado ao ver que a filha não trouxera o namorado nem tinha posto purpurina no decote, empastado os cílios com rímel nem

trançado o cabelo. Pálida, magra e de rabo de cavalo, com seus jeans folgados e a camiseta amarrotada, Amelia era, reconhecivelmente, a mesma garota com quem ele galopara pelo quintal, carregando-a nos ombros, e, por algum motivo, essa versão deserrotizada tornou mais fácil dar um abraço apertado na filha, sem constrangimento. Mas a expressão arrasada que ela exibia era muito adulta, e os traços fundos sugeriam que uma relação bem menos do que indiferente com a situação crítica da mãe já vinha prevalecendo por algum tempo.

Avisada da vinda de Amelia, Glynis se obrigara a sair da cama e, nesse momento, desceu tropegamente a escada, com um leve balançar da cabeça para Shep: essa era uma entrada a rigor, e ela não queria ajuda. Pela primeira vez em semanas, tinha posto roupas de verdade: um conjunto favorito para a noite, de raiom preto como piche. Sobre a blusa esvoaçante e as calças combinadas, ela vestia uma túnica longa, com aplicações de minúsculas imitações de diamantes, de muito bom gosto. Havia desenhado sobancelhas a lápis. Sua intenção, intuiu Shep, não fora disfarçar. Era um favor, assim como o traje de Amelia também era um favor: a mãe exibiria sua melhor aparência, e a filha mostraria sua aparência menos adulterada.

Quando os três se acomodaram na sala, Zach infiltrou-se de mansinho junto à porta. Finalmente, não houve uma movimentação febril na cozinha, nem namorado nem purê de batatas.

— Sinto muito não ter vindo aqui com um pouco mais de frequência — disse Amelia, ao lado da mãe no sofá. — Para mim, é muito difícil vê-la... deteriorada, mamãe. Sempre admirei o quanto você é bonita, o quanto é... escultural. Aquele seu porte... altivo, distante. É doloroso ver que você não consegue mais se garantir como aquele modelo de elegância, não consegue mais se portar como... uma rainha. Sei que isto não é desculpa. Mas tenho procurado me manter a par do seu estado pelo Z.

Os pais lançaram uma olhadela inquisitiva para o filho parado à porta, e ele confirmou com a cabeça: — É, tipo assim, ela me manda mensagens pelo menos umas cinco vezes por dia. Vocês 'tão pensando o quê? Ela é minha irmã.

— Por que você não manda mensagens para mim?

— Com o Z... — Amelia desviou os olhos. — Bem, é que do Z eu tenho certeza de receber informações francas. — Virou-se novamente para a mãe. — Não suporto o fingimento. É falso, é nojento, é... uma violação. Todos temos que agir como se você estivesse melhorando, e eu... eu só não quero me lembrar de você desse jeito.

— Então, eu também sinto muito — disse Glynis, segurando as mãos da filha. — Mas agora não estamos fingindo, não é?

Glynis pegou uma caixa ao lado do sofá, que devia ter posto ali antes da chegada de Amelia. Shep reconheceu o equivalente, para sua mulher, à sua própria surrada caixa vermelha de ferramentas.

— Quero que você fique com minhas joias antigas — ela continuou. — As coisas que eu fiz antes de passar para utensílios de mesa. Muitas destas peças são muito marcantes, e a maioria das mulheres não conseguiria, como você mesma disse, “se garantir com elas”. Mas você pode. Você também é *escultural*, e deixará este trabalho orgulhoso.

— Oh! — exclamou Amelia, com uma alegria de menina, enfiando no braço fino uma das pulseiras em caracol. Estavam todos ali, os artefatos pelos quais Shep se apaixonara pela primeira vez, inclusive os mórbidos alfinetes decorativos, como minúsculos buquês de ossos de passarinho. — Eu costumava experimentar essas joias quando era pequena quando você não estava. Em segredo. Nunca lhe contei, mas, depois, comecei a pegar colares emprestados para sair, e tinha medo que você me cortasse a cabeça se soubesse. Também ficava apavorada, assim, com a ideia de arranhar o acabamento. Mas todo mundo ficava doido quando eu usava o seu trabalho, e eu sempre dizia: *foi a minha mãe que fez*. Eles nem conseguiam acreditar. Então, obrigada, obrigada! Não consigo pensar em nada que eu quisesse mais do que isto.

Mãe e filhatrocaram reminiscências e descreveram o que admiravam uma na outra; para dizer a

verdade, também trouxeram à tona umas lembranças não muito agradáveis. Houve silêncios em que as duas quebraram a cabeça, à procura de qualquer coisa que depois pudessem se espinaftrar por terem esquecido de dizer. Em parcelas esporádicas, impetuosas, Amelia foi fazendo justamente um daqueles “discursos” que, vindos de outras pessoas, haviam enfurecido sua mãe durante o ano anterior. Pela primeira vez, porém, Glynis conseguiu ficar quieta e ouvir e aceitar os elogios. Não havia nada de insensível em falar como se ela estivesse à beira da morte, já que ela estava.

A visita foi suficientemente calorosa e suficientemente boa para não precisar ser longa demais.

* * *

— Divirta-se muito na África — disse Amelia, levantando-se. — Espero que você chegue a Pemba antes... — hesitou, depois pareceu deleitar-se com a nova ausência de fingimento. — Antes de morrer. E espero que o fim.. não doa muito. Acho que a sua vida pode não ter saído exatamente do jeito que você pretendia, mas ainda acho que você teve uma vida boa, mamãe.

Shep temeu que sua mulher se retraísse, dizendo alguma coisa no estilo Pogatchnik, tal como “Bem, ela foi como foi”. Em vez disso, Glynis lançou um olhar demorado para o marido, antes de se virar de novo para a filha:

— Sim, minha querida. Também acho que eu tive uma vida boa.

Quando as duas se fitaram na porta, foi um momento ímpar, mas estranhamente simples — elegante, até. Abraçaram-se. Nenhuma das duas chorou. Seu adeus foi digno: uma daquelas despedidas bem-sucedidas em que ninguém esqueceria um suéter.

— Adeus, mamãe — disse Amelia.

— Adeus, Amelia. — Com um sorrisinho torto, Glynis acrescentou: — Foi um prazer conhecê-la.

— Sim — retrucou Amelia, com um sorriso tão identicamente maroto, o tom duplicando com tamanha exatidão o mesmo eufemismo seco e classudo, que aquelas duas só podiam ser parentas. — Também foi um prazer conhecê-la.

Capítulo Dezenove

Shepherd Armstrong Knacker
Union Bancaire Privée Conta nº 837-PO-4619
Extrato de fevereiro de 2006
Saldo: US\$771.398,22

A viagem em si pareceu um daqueles eventos beneficentes durante os quais um bando valente de deficientes graves escala o monte Branco, contrariando todas as probabilidades; se houvesse contratado patrocinadores, o grupo variado de sete pessoas poderia ter levantado milhares de dólares para uma boa causa.

Após o trajeto de noventa minutos até o aeroporto Kennedy, Shep largou seu SUV no estacionamento de longo prazo, pensando: *longuíssimo prazo*. (Muito orientados para a aquisição, os americanos privavam-se das alegrias do despojamento, que, até esse momento, vinham-se mostrando muito mais intensas. A cada impressora multifuncional e cada par de jeans forrados de flanela de que se desfazia e se afastava, Shep sentia-se tão mais leve que, ao chegarem ao Portão 3A, teria sido capaz de voar para Pemba sem os aviões.) Após uma demora de três horas, o voo noturno da British Airways para Londres levou outras sete, seguidas por uma escala de três horas e meia no Heathrow, um voo de oito horas e meia pela Kenya Airways até Nairóbi, mais duas horas de parada em trânsito, um voo de uma hora e quarenta minutos para Zanzibar, uma espera de quatro horas na escala seguinte, sem ar refrigerado — o que, numa temperatura de trinta e oito graus, foi quase catastrófico para Flicka —, um voo chacoalhante de meia hora num avião a hélice de vinte lugares, cujos equipamentos desbotados o datavam mais ou menos de 1960, mais uma hora sacolejando numa minivan e enfim uma corrida de lancha de vinte minutos, a viagem de porta a porta — *porta* num sentido impreciso, já que seu acampamento de tendas não chegava propriamente a ter nenhuma — levou trinta e três horas.

As diversões foram numerosas: ajudar o pai a fazer cocô no aperto de um banheiro de avião; lançar olhares furiosos para os passageiros que fingiam não olhar fixo para Flicka quando ela levantava a blusa e vertia mais uma garrafa de água mineral da companhia aérea numa abertura de plástico em seu estômago; responder às gélidas ofertas de ajuda dos comissários de bordo, que na verdade significavam “Putaquepariu, por que tinha de ser comigo?” e “Esses aleijados macilentos não tinham nada que andar de avião, e é melhor não morrerem no meu”; mover continuamente o tanque portátil de oxigênio de Flicka, para tirá-lo do caminho dos carrinhos de serviço; alternar-se com Carol nos lembretes a Flicka para que ela engolisse; distribuir três conjuntos complexos de medicamentos e ter que separá-los meticulosamente pelo formato e pela cor, quando uma turbulência fez um lote inteiro que estava no colo cair no chão e rolar para baixo dos assentos dos outros passageiros; sair pelo corredor implorando os cobertores não usados, para manter Glynis aquecida; comprar *kikois*, aquelas cangas coloridas, no aeroporto furreca de Zanzibar, para molhá-las em água gelada e passá-las na Flicka, embora o que realmente salvou a pátria tenha sido Shep lembrar-se de levar o ventiladorzinho portátil que costumava

equilibrar sobre seu terminal de computador no escritório escaldante e superaquecido da Randy Mão na Roda — obrigado, Pogatchnik.

O último trecho sacolejante no avião da ZanAir foi de dar náuseas, com uma circulação de ar que não passava de um bafo quente. Todos se abanavam com as instruções de segurança plastificadas que, considerando-se a idade da aeronave, era provável que deveriam estar lendo. Apertando a mão da mulher, Shep distraiu-se decorando sua primeira aula de suaíli: “aperte os cintos” — *fungu mikanda*; “não fume” — *usivute sigara*. Três desses passageiros estavam perto o bastante da morte iminente para não se preocuparem com ela. Mesmo assim, quando os motores do avião rangeram num ronco ensurdecedor cujas oscilações não inspiravam confiança, ele rezou para pôr um dedão do pé em Pemba antes de despencar em queda livre de uma altitude de cinco mil pés.

Por fim, o teco-teco balançou aos trancos sobre as águas rasas de Pemba — um amplo ondular alabastrino em tons de anil, esmeralda e azul-turquesa, de intensidade raras vezes vista fora das animações de computador — e sobrevoou a orla rendilhada de uma praia branca de cintilações suaves.

— Uau! — exclamou Flicka, esticando a cabeça por cima do colo de Heather para olhar pela janela.

— Ai, que nojo, você está me babando toda, de novo! — reclamou Heather, apesar de já ter pingado iogurte de goiaba com banana na blusa.

Glynis também ficou grudada à janela:

— Shepherd, é lindo! — disse, com um suspiro. — Talvez você tivesse razão.

— Caramba, filho! — exclamou Gabe, do assento da janela da fileira seguinte. — E eu achando que ia passar o resto dos meus dias sem olhar para nada além daquela reprodução barata de um Thomas Hart Benton na Twilight Glens!

— Podíamos ter encontrado essa vista no Google Earth sem ter que pegar quatro aviões diferentes — comentou Zach, que havia optado por se sentar sozinho, macambúzio.

— Sempre pensei na África como um lugar seco — deslumbrou-se Carol —, mas essa ilha parece tão exuberante!

De fato, Pemba era densamente arborizada, a terra pontilhada de colinas cheias da folhagem espessa de figueiras-de-bengala e bananeiras, com suas folhas largas, entremeadas de palmeiras que despontavam como asteriscos. Faixas miúdas e humildes de terra cultivada eram costuradas pelas estradas de barro vermelho que, desse momento em diante, suplantariam a autoestrada West Side. Quando eles sobrevoavam a ilha, os telhados de zinco corrugado soltaram lampejos de prata no ar, como se a população de Pemba faiscasse em código Morse uma saudação a seus mais novos residentes.

Aterrissaram num aeroporto que Glynis declarou ser “adorável”. Com sua minúscula torre de controle hexagonal em listras cor de Fanta laranja e azul-claro, ele parecia um brinquedo. O terminal em si era do tamanho de uma escola de uma sala só. Depois da opressiva seriedade do ano anterior, Shep acolheu de bom grado um lugar que encolhia os apetrechos da civilização ocidental e os transformava em montagens divertidas, que podiam ter sido feitas com Lego.

Ao carregar sua mulher, seu pai e sua aflita tutelada de dezessete anos do avião para as três cadeiras de rodas que os aguardavam, gentilmente providenciadas de antemão pelo Fundu Lagoon — estavam todos tão exaustos que nem mesmo Flicka resistiu —, Shep inquietou-se com seu primeiro toque de decepção. Ao aspirar o ar abafado e penetrante que se elevava quente do asfalto, detectou uma vaga doçura floral, misturada com o cheiro desagradável da fumaça dos aviões, mas... *nada de cravo*. Enquanto o grupo era embarcado na caminhonete por um motorista jovial e musculoso e o veículo começava a se deslocar, Shep continuou a inalar, enfiando o nariz pela fresta da janela da van, com uma rabugice que não conseguiu reprimir. Era só uma ideia que ele havia tirado de uma pequena informação lida na internet, mas para ele, por algum motivo, tornara-se tremendamente importante que toda a ilha de Pemba recendesse a torta de abóbora.

Mesmo assim, o trajeto foi encantador. Entre o aeroporto de Chake Chake e o porto de Mkoani, eles

percorreram uma das poucas estradas asfaltadas de Pemba, de modo que as paisagens, no mínimo, passaram muito depressa: mamoeiros carregados de frutos cujo contorno trouxe a Shep a lembrança tristonha dos testículos envelhecidos de seu pai, mangas ainda verdes, em formato semelhante ao do feijão-de-lima, globos de fruta-pão cobertos de pontas, feito minas marítimas. O tráfego devia ser raro, pois, à passagem do veículo, mulheres do local em cangas multicores saíram da sombra de suas varandas para olhar. Observando o estilo das casas, Shep considerou se deveria construir a *Chez Knacker* com os tijolos de concreto e cinza menos atraentes de que eram feitas as casas mais novas, ou seguir o estilo nativo e aprender a construir a arquitetura mais tradicional, com seus telhados de palha de coqueiro e suas paredes de taipa, que usavam barro secado num gradeamento de pedaços de pau. Estas últimas casas, disse o motorista, duravam uns bons quarenta anos e tinham cômodos frescos.

Quando se aproximavam do porto em que a lancha do hotel Fundu os receberia, no entanto, a estrada não tardou a ser ladeada por esteiras de palha, encaroçadas por uma farofa fina em matizes que iam do verde ao marrom. Conforme as esteiras se adensavam — nos limites da cidade, aquela farofa se espalhava pelo canteiro central e chegava até ao próprio asfalto —, a van foi aos poucos inundada pelo aroma de torta de abóbora. *Cravos*, estendidos ao sol para secar. Com uma inalação profunda, Shep recostou-se no banco, satisfeito. A Outra Vida tinha começado.

* * *

A mil duzentos e cinquenta dólares por noite, a “suíte superior” do Fundu Lagoon — o conjunto de tendas mais afastado e mais caro do hotel, a dez minutos de caminhada da sede do *resort* e que proporcionava o máximo de privacidade — dificilmente seria o lugar em que Shep planejava se instalar para sempre. A esse custo, o acordo fechado com a Forge Craft não duraria mais que uns dois anos. Mas o luxo comicamente palaciano do hotel era perfeito para essa pausa recuperadora: refeições servidas *à la carte*, toalhas do tamanho dos lençóis de algodão egípcio com alto número de fios, e o generoso fornecimento de tudo que Shep pudesse ter esquecido: chapéus de palha de abas largas e moles, xampu de sândalo, saquinhos de chá orgânico de hibisco, repelentes de insetos, espirais contra mosquitos, bolsas de palha para a praia e um exemplar da revista *Africa Birds and Birding*, para não falar da garrafa de champanhe no gelo e das taças geladas que os saudaram na chegada.

Aliás, foi o champanhe que inspirou a solução imediata de Shep sobre o que fazer com Flicka, cuja pressão sanguínea subia em disparada com o calor. Já que a piscininha redonda de imersão de seu deque era, essencialmente, um balde de champanhe em ponto maior, ela era o lugar perfeito para colocar Flicka, que poderia bambolear-se na água fresca durante todo o calor do dia. As expedições com snorkel aos recifes de coral, as aulas de mergulho e os passeios de lancha ao alvorecer, para circular entre os grupos de golfinhos-climene que davam saltos acrobáticos, impediriam Zach de resmungar que não havia nada para fazer; mal deixara a mochila no conjunto de tendas da suíte, o garoto havia partido em linha reta para o computador com banda larga, na tenda de entretenimento, talvez por interpretar o suor em sua testa como um primeiro sinal de síndrome de abstinência da internet. Podia ser que o próprio pai de Shep estivesse passando por uma desabitação brusca dos jornais, mas se instalou prontamente numa cadeira do deque, à sombra de uma enorme barraca, usando apenas um short. Bebericando champanhe e contemplando a praia deserta enquanto *daos* e *mtumbwis* deslizavam preguiçosamente pelo horizonte, ele parecia saborear seu resgate milagroso das quatro paredes sem vida da Twilight Glens o bastante para viver sem o *New York Times*. Em vez do jornal, pegou o primeiro livro da pilha de romances de Ruth Rendell e Walter Mosley que o filho pusera em sua bagagem — exatamente o tipo de ficção que tinha sido a perdição de Gabriel Knacker na escada da rua Mount Forist. Depois de explorar a ampla tenda principal e o banheiro interno, brincar com o chuveiro do lado de fora e subir ao segundo andar da tenda

adjacente para brincar com as cortinas de contas, feitas de sementes de mangue, Heather espremeu-se em seu maiô e foi saltitando para a praia. Carol ficou de olho, mas, na maré baixa, a menina andou direto em frente por dez minutos sem que a água jamais lhe subisse acima dos joelhos. Em sua primeira hora no Fundu, Heather já tinha feito mais exercício do que Shep a vira fazer nos dez dias anteriores.

Ele acomodou Glynis no amplo colchão da cama de dossel para descansar. A seu pedido, um funcionário do hotel chegou prontamente com um copo alto de suco fresco de maracujá e um canudo embora Shep também desse à mulher um ou dois goles de seu champanhe, à guisa de batismo. Ajudou-a a despir o resto do conjunto de tecido aveludado — a única coisa que ela conseguia suportar na pele nos últimos meses — e lhe pôs um vestido de musselina fina e macia que havia comprado na loja de presentes do hotel, na chegada. Glynis deslizou a mão pelos lençóis brancos, bem-passados e engomados, e levantou os olhos para o mosquiteiro franzido.

— Então, este é o meu leito de morte — disse, simplesmente.

— É melhor do que aquele emaranhado de cobertores na alameda Crescent, não é? E aqui, pelo menos, não temos de pagar nenhum extra para aquecer o quarto a trinta e tantos graus.

Glynis sorriu:

— Mas o que eu vou fazer sem o Food Channel?

— Pelas amostras de cardápio que li na internet? Cavala-aipim grelhada, salada tailandesa de carne, suflê de limão? Você está morando no Food Channel!

— Bem, é incrível mesmo, Shepherd. Embora chegar aqui tenha sido um horror.

— Eu sei. Sabia que seria um horror.

— Eu não conseguiria fazer isso de novo. Acho que não ter que fazê-lo é um dos méritos da viagem só de ida.

— Ela também é só de ida para mim.

— Tem certeza de que vai ficar aqui? — Era a primeira tímida pergunta dela sobre a verdadeira Outra Vida de Shep que estava chegando: a vida depois de Glynis. — Faz só algumas horas.

— Tive certeza antes que as hélices daquele avião parassem de girar. E depois, no trajeto para Mkoani... Dá para perceber que aqui eles trabalham duro. Pode ser que agora tenham celulares, mas tudo ainda é muito primitivo. Mais bicicletas e carros de boi que automóveis. Se você quer peixe, tem de pescá-lo. Se quer uma banana, você mesmo a colhe. E você notou todos aqueles homens à beira da estrada, trocando solas de sapatos, mexendo em bicicletas viradas de cabeça para baixo, desmontando geladeiras? Estou farto de me dizerem, nos Estados Unidos, ah, isso seria mais caro de consertar do que vale a pena, é melhor comprar outro. Em Pemba, os produtos importados são caros, a mão de obra é barata e a população é pobre. Por isso, eles consertam as coisas, mantêm os aparelhos funcionando. Isso é mais do meu feitio. Digo, este é o paraíso dos faz-tudo. Acho que eu seria capaz de compreender esta vida. Creio que não entendia a outra.

— Talvez eu também não a entendesse — disse Glynis, com ar tristonho. — Ficava tão presa em... Você não é artista, mas, no meu campo, as coisas podem começar a parecer muito... conflitantes. Não só em relação ao resto do mundo, mas a nós mesmos. É uma luta saber se aquilo que a gente faz presta. Mas a Ruby tem razão, provavelmente. É só fazer uma coisa, e depois fazer outra. É comum. Não é muito diferente de ser um faz-tudo, afinal. Eu gostaria de ter percebido isso desde o começo.

— A preocupação com os utensílios de mesa que você produziu ou deixou de produzir... ela é algo que você também pode deixar para lá. Olhe em volta. Será que isso parece ter importância?

As cortinas de sementes de mangue chocalhavam de leve à brisa. Um macaco-verde atrevido aventurou-se pelo deque e surrupiou metade do sanduíche de queijo quente de Gabe. O sol baixou mais um pouquinho para a linha do horizonte, banhando o acampamento no tom de mel de um Riesling de vindima tardia.

— Não especialmente — concordou Glynis. — É alguma coisa no ar, na languidez daqui. É difícil

imaginar alguma coisa que tenha uma importância especial.

— Eu lhe digo o que tem importância — disse Shep, pensativo. — Devíamos ter mudado para cá em 1997.

* * *

Nos dias que se seguiram — e pareceram uma infinidade, na ocasião, mas foram menos de uma semana —, Glynis teve uma recuperação milagrosa, e Shep se permitiu a esperança de que o prognóstico de Philip Goldman tivesse sido pessimista demais. Os dois saíram em passeios ociosos pela praia, abaixando-se para pegar conchas. Viram caranguejos correrem para se entocar em buracos, aves descerem em rasantes sobre as figueiras-de-bengala, cardumes de peixinhos prateados cintilarem no ar junto ao píer e de novo mergulharem na superfície, num chapinhar ondulante. Nos fins de tarde, quando o sol implacável se abrandava, Shep pegava a mulher pela mão e a conduzia ao mar raso, onde a areia era fina e limpa e a água era morna, depois do banho de sol equatorial. No enorme box do chuveiro, revestido de ripas de madeira, ele a ensaboava para lhe tirar o sal da pele e lavava os grãos de areia entre seus dedos dos pés. Explorando liberalmente a lojinha de presentes, vestia Glynis para o jantar em camisolas de algodão quase transparente e lhe envolvia a cabeça com lenços indianos macios. Para afastar os mosquitos, salpicava gotas de repelente *deet* atrás de suas orelhas, como se fosse um perfume fino. Ao pôr do sol, os dois se demoravam à toa no bar da base do píer, onde Glynis pedia coquetéis complicados de mamão e vodca, só de farra. Podia não tomar até o fim a maioria deles, mas a mortalidade é o supremo libertador, e uma das muitas coisas que já não tinham importância era seu consumo de álcool.

Seu apetite teve uma ligeira melhora e, no jantar, ela beliscava um quiche de lagostim, espetava um anel de lula, tirava uma provinha da cavala grelhada de Shep. Eles trocavam reminiscências das viagens anteriores de pesquisa; Glynis disse que Pemba a fazia lembrar a enseada de Puerto Escondido, no litoral mexicano. (“Refresque a minha memória”, disse Shep. “Qual era mesmo o problema de Puerto?” “Americanos demais”, respondeu Glynis.) E por fim, ela lhe perguntou sobre seus planos — que tipo de casa construiria, e onde. Na terceira noite, chegou até a trazer à baila, com ar malicioso:

— Você não é nenhum monge, por natureza. Sei disso. Supondo que ela fique... por acaso você acha a Carol atraente?

Shep não era idiota a ponto de imaginar que sua mulher estivesse bancando com sinceridade a casamenteira. Virulentamente possessiva e naturalmente ciumenta, Glynis não havia nem mesmo admitido que o marido sobreviveria a ela até pouco mais de uma semana antes. Por isso, ele teve o bom senso de afirmar, sem hesitação:

— Nem um pouquinho.

— Tem certeza? — provocou-o Glynis. — Ela tem os melhores peitinhos do hemisfério norte... e agora, do hemisfério sul.

— Gosto dos pequenos.

— Você teve de gostar.

— E depois, ela é boazinha demais — desdenhou Shep. — Não tem um lado sombrio suficiente.

Pensando no assunto, considerou que, depois da última entrada de Carol em sua cozinha de Windsor Terrace, qualquer “lado sombrio” em botão devia ter desabrochado a passos largos.

— Você mesmo não tem muito de um lado sombrio — contrapôs Glynis.

— Exatamente. É por isso que preciso dele.

A gratidão de Shep pela permissão de falar de seu futuro sem ela foi ilimitada. Fora-lhe impossível não pensar nisso, mas sempre com culpa e um bocado de superstição, como se desejar a morte dela

trouxesse azar para suas chances. Agora que já não era proibido, o assunto deu margem a um humor surpreendente:

— Você sabe que planejo enterrá-la no quintal, não sabe? — disse, descontraído, na hora da sobremesa. — Como um cachorro.

Quando eles se deitavam para dormir, as brigas entre Flicka e a irmã na tenda ao lado eram abafadas pelo zizio das cigarras e o alarido selvagem dos gálagos nos galhos próximos. Shep lia parágrafos de Hemingway para sua mulher. Cantava as cantigas infantis de que se lembrava, do tempo em que sua mãe ajeitava as cobertas dele e da irmã na cama; a voz de sua mãe tinha sido afinada e cristalina, e a versão dela para o toque de silêncio impregnava a tenda da grata ilusão de que eles estavam protegidos: *Terminou o dia. O sol se foi. Nos morros, no lago, no céu. Tudo vai bem. Descanse sossegado. Deus está perto.*

Na quarta noite à luz de velas, Shep massageou os pés da mulher com óleo de capim-limão, as solas alisadas pelas caminhadas na areia. Foi subindo pela murchidão das panturrilhas atrofiadas. Acompanhou o traçado nítido e clássico das tíbias, cuja linha elegante não fora comprometida nem mesmo pelo câncer. Alisou a parte interna das coxas, onde a pele se afrouxara, com tão pouca carne para recobrir. Parou para colocar na palma da mão outra colherada de óleo, mas, quando a estendeu para o ventre de Glynis, ela segurou seu pulso. Shep a imaginou sensível com respeito à cicatriz cirúrgica, não querendo que ele a tocasse. Mas, então, Glynis empurrou a mão dele mais para baixo, pressionando a palma cheia de óleo na única parte de seu corpo que Shep ficara realmente desolado por ver perder os pelos. Ele arqueou as sobrancelhas, inquisitivo.

— Esse mosquito — comentou Glynis. — Ele é muito parecido com um pálio nupcial, não é? Era mesmo.

* * *

Foi uma remissão preciosa, e o punhado de dias em que o sol poente africano devolveu a cor às faces de Glynis justificou, por si só, o sofrimento da viagem para chegar lá. Shep não podia garantir o valor deles para o resto do mundo, mas, para ele, esses poucos dias passados juntos em Pemba valeram dois milhões de dólares. Só que foi uma trégua curta. Veio um amanhecer em que ele acordou e viu os lençóis vermelhos. Fazia meses que o ciclo menstrual de Glynis tinha cessado. O sangramento era do ânus.

Foi o fim dos passeios na praia, porque ela já não conseguia ir mais longe que ao banheiro, e mesmo assim, com ajuda. Sentia dor e, pela primeira vez, Shep apanhou a morfina líquida.

Ele estivera no Marrocos com Glynis na ocasião em que sua mãe havia sofrido o derrame do qual nunca se recuperara. Jackson tinha feito a saída mais abrupta possível, e os outros contemporâneos de Shep gozavam de plena saúde. Assim, para sua mortificação, sua experiência da morte vista de perto restringia-se ao cinema e à televisão. Na tela, os personagens com doenças terminais deitavam-se tranquilos em leitos hospitalares, murmuravam alguma coisa comovente e deixavam pender a cabeça. Não demorava muito, e a morte em si era ordeira como desligar um interruptor de luz.

Para os cineastas, a morte era um momento. Para Glynis, foi uma árdua tarefa.

No correr de dois longos dias e noites, os órgãos dela foram parando lentamente de funcionar. Longe de sofrer a constipação da quimioterapia, Glynis já não conseguia reter substância alguma e começou a vazar por todos os orifícios. Havia sangue em seu vômito. Havia sangue em sua diarreia. Havia sangue em sua urina. Talvez o fato de ele ter avisado o hotel de antemão tenha ajudado, porque os funcionários foram gentis no tocante à roupa de cama, que trocavam duas vezes por dia, depois de Shep carregar sua mulher para uma cadeira no deque. Os africanos não pareceram perturbar-se. Shep intuiu que já tinham visto aquilo — e que suas versões da morte pouco se assemelhavam a um interruptor de luz.

— O senhor quer que trazer médico? — perguntou um dos carregadores mais velhos, chamando Shep de lado. Quando o hóspede balançou a cabeça, o homem explicou: — Não, não médico de hospital de Mkoani. *Uganga*. Muito forte em Pemba. Corrente de energia poderosa passar bem embaixo da sua tenda.

— *Uganga*? — repetiu Shep, aprendendo a palavra. — Obrigado, mas não. Nós demos as costas à nossa própria feitiçaria. Não vamos nos atirar em curandeiros de um tipo apenas ligeiramente diferente.

Ele e os outros cinco fizeram a vigília. Quando Glynis estava desperta, debatendo-se e gritando, Shep a segurava na cama ou punha sua cabeça no colo. Mantinha os CDs favoritos dela tocando no aparelho portátil: Jeff Buckley, Keith Jarrett, Pat Metheny. De acordo com seu pai, o que ela mais precisava nesse momento era do simples contato animal: o tato. Do ronronar contínuo de uma voz humana, sem que o que era dito tivesse a mínima importância. Assim, para acalmá-la, ele falava de Pemba, de tudo que ficara sabendo pelos carregadores, camareiras e garçonetes, que se alegravam com o interesse dele por sua ilha.

— O cravo — entou, mantendo a voz baixa e serena. — Esta ilha já foi a maior fonte mundial dessa especiaria. Não pensamos muito em cravo, a não ser para pôr em pêssegos ou tortas. Mas ele teve uma importância incrível como conservante e anestésico. Você sabia que houve época em que o cravo valia mais do que o seu peso em ouro? O governo daqui controla a lavoura com rédea curta, e todos os lavradores têm que lhe vender sua safra, e por um preço muito baixo, ao que me disseram. Por isso, existem contrabandistas de cravo, já imaginou? Contrabandeiam sacas para Mambasa naqueles barcos chamados *jihazzi*, porque lá conseguem obter um preço melhor. É muito perigoso e a pessoa pode ser presa se for apanhada. Mas o triste é que o mercado do cravo implodiu. Ele já não é muito usado para fins medicinais. Com a refrigeração, também não é necessário como conservante. O maior mercado é o de aromatização de cigarros no Oriente Médio.

Glynis se mexeu:

— Se não existe mercado... — resmungou — ...por que correr o risco de ser preso?

Shep não esperava que ela o ouvisse e se orgulhou dela por escutar; orgulhou-se dela por tentar com tanto empenho continuar presente, acolher o entusiasmo dele, importar-se em manter uma conversa. Glynis sempre havia gostado de conversar — um daqueles muitos prazeres que não são levados em conta, até estarem prestes a ser retirados. Conversar, refletiu ele, era um dos grandes prazeres da vida. Sentiria muita saudade de conversar com sua mulher.

— Suponho que seja porque aquilo que é um dinheirinho para nós, inclusive a fração de diferença por quilo de um produto que ninguém quer muito, é um dinheirão aqui. Essa sempre foi a base da Outra Vida, não é? Enfim, o engraçado é que os *wapemba* não usam nenhum cravo para cozinhar. Acham que ele é afrodisíaco. Como me disse o nosso motorista, é “bom para os assuntos domésticos”.

Glynis deu um risinho, mas este a fez tossir. Shep segurou um lenço junto de sua boca e enxugou o catarro rosado.

— Capaz era eu — disse ela, ao se recompor, com um risinho matreiro — antes de ver Pemba.

Qualquer que tivesse sido a alusão, deixou Glynis satisfeita consigo mesma, porém Shep não a entendeu. Sentiu uma rara onda de arrependimento por nunca haver frequentado a universidade.

* * *

No segundo dia, infelizmente, já não houve conversas. Não num sentido da palavra do qual alguém pudesse sentir saudade.

“Dói”, dizia Glynis, e ele pingava mais duas gotas de morfina em sua língua. “Não”, dizia, sem estar respondendo a qualquer pergunta. “Porra”, dizia. “Ai, meu Deus”, dizia, apertando o lençol com tanta força que ele guardava as marcas amarrotadas do aperto ao ser solto. “Quente”, dizia, ou “frio”. Dar-lhe

pedacinhos de gelo, aumentar a velocidade do ventilador de teto, puxar ou afastar os cobertores, isso teria que bastar para aquele ideal farsesco de *mantê-la confortável*.

Carol havia perguntado se conviria manter as crianças longe. Mas Gabe insistiu no inverso. Testemunhar a morte, disse, deveria fazer parte — ou talvez fosse, finalmente, o começo — da educação delas. Podia ser que ajudasse Heather a se haver com o destino do pai, em vez de ficar repetindo, torturantemente, o tema de um comercial de televisão do execrável patrão dele, ou de devorar pilhas de *pain au chocolat* no café da manhã. Podia ser que desestimulasse ainda mais Flicka de fazer referências abusivamente arrogantes a sua própria morte, e quanto a Zach, bem, Glynis era sua mãe. E assim, eles envolveram a garotada, que se alternou nas tarefas de lhe passar uma toalha úmida e fria na testa, abaná-la com exemplares da *Africa Geographic* e afofar seus travesseiros.

Mas houve calmarias, depois de doses generosas de morfina, em que Glynis mergulhou num sono pouco profundo, e dois dias e duas noites insones eram uma longa vigília. Longa demais para as pessoas continuarem abaladas, para manterem um clímax de tristeza. Assim, quando Carol repreendeu as filhas pela primeira vez por rirem, Shep lhes disse que não, que estava tudo bem; aliás, rir era bom. Na verdade, em alguns trechos de sua vigília da moribunda, eles se divertiram maravilhosamente. Carol, Shep e Gabe dividiram uma garrafa de *bourbon* na primeira noite e, a partir daí, mantiveram um fluxo constante de vinhos *cabernet*, cervejas do Kilimanjaro e mais champanhe. A cozinha do Fundu levou à tenda uma mesa farta em todas as refeições — montanhas de mangas, abacaxis e mamões; caudas de lagosta grelhadas, *curries* de camarão e aipim cozido; bufês inteiros de pãezinhos ao chocolate, bombas de creme e bolos de coco. Shep incentivou os meninos a irem nadar ou a se juntarem a Flicka na piscina de imersão, durante o calor da tarde. E admirou o butim que traziam de suas andanças pela praia — conchas inusitadas que eles dispunham como oferendas ao redor da cama.

As oferendas de Shep tinham vindo da própria Glynis. Quando o sol se pôs no segundo dia, ele acendeu a dúzia de círios espalhados pela tenda. Desembrulhou os utensílios de mesa que havia aninhado em sua bagagem na alameda Crescent. Dispôs as peças nas prateleiras, escorando os talheres de salada com as conchas de Heather, até o engaste de vidro vermelho captar a luz das velas. Espetou a série de fachs de prata de lei em corais trazidos da praia, até eles se elevarem nas posturas dinâmicas que assumiriam se fossem expostos numa vitrine trancada do museu Cooper-Hewitt. Equilibrou o pega-gelo trabalhado na forja, encostando-o no balde de champanhe que suava, gelando mais uma garrafa, e posicionou suas pinças de modo a fazer o revestimento interno de cobre e titânio reluzir, visto da perspectiva do travesseiro central. Escolheu para a espátula de peixe um ângulo que a fizesse retorcer-se ao bruxuleio de uma chama próxima, emitindo faíscas de prata como os cardumes que saltavam da água em volta do píer do Fundu.

Shep havia assegurado a Glynis que a industriabilidade na produção de suas peças de metalurgia na meia-idade não tivera importância, mas, pelo bem dele mesmo, gostaria que houvesse uma quantidade maior. Sua mulher se reencarnara astuciosamente num material muito mais durável do que carne e osso, e menos inconstante. Os utensílios de mesa sobreviveriam a ela durante gerações.

Amarelado pela luz das velas, o tule do mosquiteiro drapejava em dobras suaves ao redor da cama. O mar quebrava num acalanto de ondas mansas a menos de cem metros da tenda e, por sorte, a noite havia refrescado. As cigarras ondulavam seu zizio na mesma frequência do ventilador de teto. Avaliando a cena, Shep pensou: *fiz o melhor que pude*. Mesmo duvidando que o Fundu viesse a alardear isso em seu site na internet, era um belo lugar para se morrer.

Mas a noite foi longa, a segunda insone. Carol e Gabe revezaram-se com ele, segurando a mão de Glynis enquanto ela se contorcia, mas Shep tinha medo de perder o momento e não os deixava assumir o comando por mais de alguns minutos de cada vez.

Por volta das duas horas da madrugada, Glynis arrastou a fala, como um ébrio:

— Não posso aguentar mais. — E começou a chorar. — Não posso...

— Você não tem que aguentar mais, Gnu — disse ele, virando-lhe a cabeça para pingar mais morfina em sua língua.

Shep também não aguentava mais, embora fosse fazê-lo, é claro. Para seu próprio embaraço, em alguns momentos se entediou e ficou impaciente para acabar com aquilo. É que a vida dos dois juntos, tal como eles a haviam compreendido, tinha realmente terminado no instante em que Glynis anunciara estar com câncer.

Antes convencido de que se deveria racionar essa declaração, ele havia repetido tantas vezes “Amo você, Gnu”, nesses dois últimos dias, que o refrão corria o risco de se desmanchar em mais murmúrios sobre o cravo. Mas Shep lembrou-se da caixa de charutos cheia de moedas estrangeiras na mesinha de cabeceira de Elmsford, na qual havia guardado cerca de cem dólares em notas portuguesas. Agora que a União Europeia se convertera ao euro, aquela moeda já não tinha curso legal, sendo um mero souvenir. Por isso, do mesmo modo que deveria ter usado aqueles escudos de sobra nas lojas francas do aeroporto de Lisboa, ele gastou desinibidamente sua paixão enquanto ainda tinha essa chance.

— Por que a Glynis está roncando? — perguntou Heather, por volta das cinco da manhã, saindo de sua cama na tenda adjacente.

— Porque ela está muito, muito cansada — cochichou Carol. — Agora, vá dormir de novo.

Seria difícil as crianças dormirem. O estertor afligiu o acampamento e afugentou os gálagos, ameaçados. Shep segurou sua mulher e mais uma vez murmurou que não havia nada a temer, embora, é claro, não fizesse a menor ideia. Quando a primeira borda vermelha do sol brilhou sobre o mar, Glynis pareceu tentar dizer alguma coisa:

— Psss... psss...

Shep encostou o ouvido em seus lábios. Ela exalou um bafo morno, o qual não voltou a aspirar.

Não houve mensagem final, confissão de despedida nem revelação de abalar os alicerces antes que ela deixasse pender a cabeça. Parecia justo. Era provável que a maioria das pessoas enlutadas tivesse que se abster de últimas palavras. Em vez disso, tinha que se arranjar com os anos de vida deixados pelos mortos.

* * *

Na Velha Inglaterra, o *knacker* era o abatedor, um indivíduo que comprava animais velhos e doentes, ou suas carcaças, para transformá-los em forragem ou fertilizante. Talvez parecesse uma alcunha mórbida, embora, em sua época, essa tivesse sido uma atividade respeitável, e o sobrenome derivava da tradição medieval de chamar os homens por sua ocupação: Baker, Carpenter, Smith. Dada a natureza pastoreadora de seu prenome cristão, sempre houvera em Shepherd Armstrong Knacker um grande arco: o desvelo, a força do braço na labuta e o sepultamento que, a cada etapa da vida, todo homem decente oferecia a seus irmãos, e estes a ele.

Nos anos subsequentes, Shep foi fiel ao nome recebido. Para quem o conhecia, não seria surpresa saber que o faz-tudo de uma vida inteira não se aposentou numa ilha africana para bebericar intermináveis coquetéis tropicais sob uma barraca de praia. Suas habilidades com a chave inglesa e a serra de arco foram muito requisitadas em Pemba, especialmente depois que os residentes locais descobriram que ele fazia visitas domiciliares de graça. Com a ajuda de uma instituição beneficente árabe, Shep encarregou-se do projeto mais ambicioso de cavar um novo poço comunitário — havia escassez de água potável na ilha. Dar uma mãozinha foi um bom investimento, é claro. Em troca, os *wapemba* lhe ensinaram técnicas certeiras para pescar cavalas, as regras do *bao*, as complicações da aquisição de terras na Tanzânia e o valor ótimo do suborno para fazer mais uma caixa de lágrimas artificiais passar com sucesso pela alfândega. (Jackson ficaria satisfeito ao saber que seu paradigma dos

Sugadores e Sugados traduzia-se prontamente em outros continentes. *Toa kitu kidogo* circulava com tanta frequência na Tanzânia que era comum abreviar-se por TKK: “me dê uma coisinha”.)

Embora tivesse relações amistosas com a população local, Shep vinha de um mundo diferente, e nunca chegaria propriamente a reproduzir em Pemba o mesmo bate-papo descontraído e as disputas brincalhonas dos passeios rituais com Jackson pelo circuito do Prospect Park. Apesar disso, o intercâmbio com os vizinhos era bom para sua batalha com o suaíli, e a simples existência da diferença não impedia nenhuma das partes de ser calorosa. Por incrível que parecesse, Pemba era o único lugar em que Shep estivera, na África, onde não viviam todos tentando passar a perna em alguém — onde tanto as crianças quanto os *mzees* avistavam aquele *zungu* conspícuo na rua e gritavam, em júbilo, “*Jambo! Habari yako!*”, por ficarem felizes ao vê-lo, e não por quererem seu relógio.

O trabalho físico pesado não tardou a derreter todos aqueles purês de batata cheios de creme de leite que Glynis deixara intocados. No entanto, por mais que se mantivesse ocupado, Shep sempre dormia o suficiente, o que estava quase no topo da lista dos prazeres que a devastação do mesotelioma lhe ensinara a saborear todos os dias, deliberadamente. Dormir ligava-se a conversar, pensar, ver, ser — quanto a este último, ficar sem fazer absolutamente nada, vez por outra, sem sentir o menor tédio —, aos banhos de chuveiro absurdamente demorados e a não ficar parado no trânsito na hora do rush, na autoestrada West Side.

Depois de dominar a farsa bizantina da propriedade socialista — os burocratas de Dar compravam a terra para o indivíduo, que a comprava do governo, com muito TKK para aplainar o terreno —, Shep comprou uma área costeira de dimensões consideráveis, logo nos arredores de Mkoani, pela bagatela de dez mil dólares. Garantir a residência para si mesmo e para os outros cinco refugiados sob sua tutela podia ter sido um roubo, mas apenas em termos tanzanianos; por sorte, os ladrões de Dar não faziam ideia do quanto ele teria pagado para ficar ali. Assim, mesmo depois de se proporcionar o luxo de uma picape e uma lancha a motor, as remessas de Zurique para o Banco Popular de Zanzibar em Chake Chake não reduziram significativamente sua reserva financeira para décadas. (Para desolação de seu banqueiro, o dinheiro era investido de forma conservadora numa rele caderneta de poupança, que auferia um rendimento risível. Shep havia resistido às exortações de que era possível ganhar “uma fortuna” em aplicações “um pouquinho” mais arriscadas, porque não dava a mínima para o enriquecimento, uma vez que, pelos padrões de seu país adotivo, já era incomensuravelmente rico. Por isso, aderiu ao que chamava de *princípio principal*: acima de tudo, conserve o que você tem.) Aliás, os habitantes do lugar ficavam tão agradecidos pelas caronas para o centro da cidade, pelos consertos de seus encanamentos, na inusitada circunstância de terem encanamentos, pela ressoldagem de seus fogões caquéticos e pela animada ajuda de toda a família de Shep, na hora de separar as hastes dos botões de cravo da colheita, que raramente o deixavam pagar por alguma coisa na feira, e ele podia passar semanas a fio só ficando sem dinheiro por se oferecer para pagar as taxas escolares do filho de algum vizinho.

Discutiu-se um pouco, é claro, se o montante pago pela Forge Craft a título de indenização era ou não uma receita tributável. De acordo com Mystic, tudo se resumia em saber se o acordo repunha o indivíduo em condições de “ficar inteiro” — uma preocupação surpreendentemente espiritual nos funcionários públicos, que significava que eles não tinham porra nenhuma a ver com isso. A ideia de que um valor qualquer em dinheiro pudesse fazer Shep “ficar inteiro” — preencher o vazio deixado por uma esposa esplêndida — era rigorosamente tão ofensiva quanto aqueles advogados da Forge Craft medindo o valor de sua mulher pela frequência com que ela fazia a lavagem da roupa. De qualquer modo, ele se descobriu torcendo para que fosse uma receita tributável. Se os agentes da Receita quisessem submeter-se a quatro voos, três escalas e um trajeto de minivan, que fossem buscá-lo.

Com a ajuda cada vez mais competente de Zach, Shep construiu uma casa modesta, para os padrões norte-americanos, e extravagante para os de Pemba. Estruturada em blocos de concreto para garantir sua solidez, ela era externamente revestida pelo tradicional barro vermelho, porque Shep adorava essa

aparência — barro cozido ao sol, uma versão mais descontraída da terracota espanhola. Os pisos eram de mague polido — escuros, mutáveis e gentis com os pés descalços. Ele fez o telhamento da casa com papel alcatroado, como convinha, mas o encimou com um belo revestimento de *makuti*, as folhas secas de coqueiro da tradição local. O primeiríssimo cômodo que concluiu foi o quarto de Flicka, para que ela pudesse mudar-se do hotel de Mkoani, que, embora representasse uma queda vertiginosa em relação ao Fundu Lagoon, ao menos tinha ar refrigerado. O fornecimento de energia da ilha era esporádico, de modo que Shep importou um gerador de Zanzibar e, em pouco tempo, o pequeno condicionador de ar já zumbia para resfriar o esconderijo de Flicka. Pessoalmente, depois de seus verões frígidos na Randy Mão na Obra, ele dispensaria esse equipamento, mas, para Flicka, o ar-refrigerado não era um luxo, e sim um salva-vidas.

Shep nunca havia considerado seu filho uma pessoa habilidosa nem de talentos mecânicos. No entanto, depois de desistir de sua resistência emburrada a Pemba como uma batalha perdida, o garoto lançou-se num nível de tecnologia que, pelo menos, era capaz de entender. Constatou-se que pai e filho eram constitucionalmente afins, e Zach foi um sucesso com os materiais de seu pai nos tempos de adulto jovem: madeira, pedra, cimento. Carpinteiro e pedreiro competente em pouco tempo, também se tornou um marceneiro habilidoso, criando móveis com a madeira dos mangues locais. Após mais um estirão de crescimento, o rapaz ganhou ombros mais encorpados e finalmente começou a se parecer com o pai — embora Shep lamentasse ver desaparecerem suas linhas maternas mais estreitas. Quando da conclusão da casa, Zach tornara-se pouco apreciador do ócio. Depois de aprender mergulho autônomo com a equipe do Fundu, passou a trabalhar no hotel e se tornou instrutor de mergulho. Infelizmente, o trabalho deixava o rapaz à distância de uma corrida de lancha até a lagoa. Mesmo assim, Shep ficou satisfeito: seu *hikikomori*, antes pálido e introspectivo, tinha saído do quarto.

Nesse meio-tempo, Carol encarregou-se do paisagismo, vocação que havia sacrificado ao passar para a IBM em busca do seguro de saúde. Frangipanas, magnólias, eucaliptos, acácias, jasmineiros e jacarandás, todos cresceram rapidamente no clima tropical. É claro que ela teve de trabalhar em meio às fontes disparatadas de Shep; construções feitas de cascas de coco, raízes de mague, conchas, pés de pato e dos ubíquos calçados de plástico africanos, as fontes eram um privilégio, considerando-se a escassez de água, mas Shep havia cavado seu próprio poço. Carol plantou árvores frutíferas na frente; as mangas, bananas e mamões, livremente colhidos, facilitavam as diabólicas experiências de Shep com a produção do *gongo*, ou “lágrimas de leão”, a bebida alcoólica ilegalmente destilada no arquipélago e de efeitos letais. Nos fundos da casa, ela cuidava de uma horta em que cultivava banana-da-terra, aipim e cenoura, além de ter se tornado perita na produção de capachos e cestas feitos com *coir*, as fibras da casca do coco. Carol voltava das idas ao mercado de Chake Chake trazendo telas fantásticas de hipopótamos, gazelas e calaus, pintadas no estilo ingênuo conhecido como *tinga-tinga*. Adornado com cangas, sempre cheio de flores e reluzindo com os utensílios de mesa recém-polidos de Glynis, o interior da casa pequenina tornou-se luminoso.

Carol desistiu do trabalho domiciliar da educação de Flicka, cujos protestos de que aprender a resolver equações era uma completa perda de tempo ganharam mais peso numa ilha agrícola da costa leste da África. Flicka compensava seu boicote das aulas devorando os livros que Shep trazia dos sebos, em suas viagens de barca à Cidade de Pedra para comprar provisões. (As ambições literárias do próprio Shep tinham se revelado natimortas: ele terminava os dias tão maravilhosamente cansado que uma ou duas páginas o faziam dormir. Talvez não fosse talhado para os romances. Preferia viver uma boa história a lê-la.) Heather não escapou com a mesma facilidade das sessões de estudos escolares, mas, nas horas de folga, transformou-se numa nadadora admirável. Eles a desabilitaram dos antidepressivos. Com uma dieta de peixes e frutas, a menina tornou-se uma jovem alta e magra, prometendo tornar-se tão bonita — longe dos ouvidos de Glynis, Shep se permitia o adjetivo — quanto sua mãe.

Já não sendo repetidamente reinfestado pelos portadores que integravam o pessoal de uma instituição

onde a bactéria se tornara endêmica, o pai de Shep derrotou a *Clostridium difficile* e, para alívio de ambos, não precisou mais da ajuda do filho para ir ao banheiro dez vezes por dia. Com assídua dedicação aos exercícios de fisioterapia que havia aprendido na Twilight Glens, o velho não apenas recuperou como ultrapassou seu vigor original, fazendo caminhadas diárias de vários quilômetros ao longo da praia, em ritmo acelerado. Depois de percorrer a pilha inteira de romances policiais, começou, ele mesmo, a escrever uma história de detetive. Não tinha qualquer expectativa de publicação, afirmou, mas, se agora eles construía sua própria casa, pescavam seus próprios peixes e trançavam suas próprias cestas, não via por que não devia pegar a comichão da autossuficiência e escrever seus próprios livros.

O manuscrito nunca foi concluído. No entanto, Shep sentiu alívio por seu pai honrado e admirável não ter de enfrentar seu fim borrando-se até morrer nas fraldas de uma clínica geriátrica. Em vez disso, talvez superestimando seu novo vigor, ele estava estendendo a mão para pegar uma manga sedutoramente madura quando teve uma morte respeitável, decorrente da principal causa de lesões traumáticas em Pemba, que era, segundo os médicos chineses locais, um problema de saúde muito mais pernicioso do que a malária ou a aids: cair de árvores.

Gabriel Knacker foi enterrado na clareira dos fundos, ao lado de Glynis. Shep devia a África a seu pai, e o local da sepultura pareceu-lhe apropriado. Jogada a última pá de terra, ele disse algumas palavras afetuosas, contente por ser poupado da leitura das Escrituras Sagradas. Gabe Knacker nunca havia recuperado a fé em Deus, mas reconquistara a confiança no filho, o que, provavelmente, era mais importante.

Foi bom ele ter deixado espaço na clareira. Como o próprio Shep, Flicka tinha se apaixonado por Pemba à primeira vista e nunca definiu de saudade do Brooklyn. Tornara-se uma figura local popular, depois de aprender a fazer em suaíli as gozações que eram sua marca registrada. Entre os *wapemba*, as deficiências, as doenças incapacitantes e as anormalidades genéticas eram comuns, e eles pareciam ficar à vontade com uma garota de nariz de bicanca engraçado e queixo protuberante, que andava de lado feito um caranguejo, perto do chão, coberta de cangas da cabeça aos pés para fugir do sol. Mas uma ilha africana escaldante era o pior lugar do mundo para uma garota com disautonomia familiar, e, toda vez que Flicka mergulhava, trôpega, numa “crise” de ânsias de vômito, Shep se maldizia por sua irresponsabilidade de levá-la para lá. Ainda assim, quem poderia dizer que a mesma coisa não teria acontecido na mesmíssima noite, em Nova York? Depois de escovar os dentes, pingar as lágrimas artificiais, besuntar os olhos com vaselina e enfaixá-los numa venda de papel-filme, Flicka foi se deitar, numa noite qualquer, ouvindo o ronrom de seu ar refrigerado particular, e nunca mais acordou.

E foi o que a liberou de cumprir sua antiga promessa de acabar pondo fim a uma vida que, como costumava jurar, trazia mais aborrecimento do que valia. Nem Shep nem Carol jamais a tinham levado a sério a esse respeito, até o momento de arrumarem as coisas da moça. Escondido numa pequena mochila que, pensando bem, Flicka levava consigo o tempo todo, eles descobriram um enorme estoque de comprimidos. A mochilinha era uma barafunda de todos os medicamentos que, pensando bem, haviam desaparecido misteriosamente: os antidepressivos da Twilight Glens que Gabe tinha parado de tomar, as sobras de Zoloft da Heather, o estoque remanescente de “marzipã” da Glynis e, o que era mais desconcertante, a sobra da morfina líquida. Agora eles nunca saberiam se um dia ela realmente planejava dar tudo por encerrado, ou se mantinha a mochila à mão simplesmente como um talismã, uma lâmpada mágica com um último desejo remanescente. Como quer que fosse, Flicka certamente se deleitava com o acesso permanente a sua opção atômica particular, que fazia do enfrentamento de mais um dia de remédios, infecções e lições sobre como engolir não uma sentença, mas uma escolha.

E assim, com três doações à terra na clareira, Shep havia *abatido* o trio inteiro.

Que o grupo de sete se contraísse num grupo de quatro tinha sido inevitável, é claro. Com Zach passando cada vez mais tempo no Fundu Lagoon, eles eram, na prática, uma família de três membros.

Berrada pelo celular de Shep, a indignação de Beryl pelo sequestro “depravado” e “insultuoso” do pai provavelmente impediria que sua irmã viesse a engrossar as fileiras do grupo. (Beryl ficara possessa ao ser superada. Seu irmão empresário, chato e conformista, “o filisteu”, de repente havia pirado e fugido para uma obscura ilha tropical. Enquanto isso, a verdadeira artista, a verdadeira aventureira da família, ficara empacada na casa em que tinha crescido, andando por corredores gelados, toda embrulhada em dois suéteres e um casaco de pele de segunda mão, enquanto tentava conceber um documentário sobre “a pobreza de combustível”.) Em contraste, graças aos e-mails frequentes em que Zach fornecia detalhes sobre os mergulhos, os golfinhos e as auroras diáfanas, Amelia tinha ficado com inveja. Forçada a arranjar um emprego de verdade, no qual vendia “derivativos” — fosse isso o que fosse —, agora que o pai não mais subsidiava seu sustento, ela havia jurado fazer-lhes uma visita se não *evadir-se*. Shep ficou inquieto; o pendor de sua filha para os tops de barriga de fora e os jeans arriados até os pelos pubianos não cairia bem numa ilha predominantemente muçulmana. Mas, desde que Amelia cobrisse os ombros e usasse uma saia até o joelho, ele reconhecia que uma peregrinação ao túmulo de Glynis poderia ajudar sua filha a aplacar a tristeza por ter perdido aquela vigília estranhamente comemorativa junto ao leito da mãe.

Ah, os três só eram uma “família” em linhas gerais, uma vez que Carol e Shep mantinham-se castamente em quartos separados. Ou melhor, assim fizeram até o momento em que Carol saiu-se com uma pergunta espantosa quando relaxava depois do jantar, numa noite em que Heather tinha saído para nadar um pouco à luz da lua:

— Por acaso você tem um pau muito, muito grande?

Pela manhã, depois de uma confidência entre lágrimas, que Shep gostaria que ela tivesse desabafado do seu peito encantador muito tempo antes, ele viria a compreender o contexto. Na hora da pergunta, simplesmente riu e disse que só havia um modo de Carol descobrir.

É claro que, desde o começo dessa “fantasia de fuga”, Shep tivera consciência de suas armadilhas. Durante anos, as pessoas tinham lhe avisado que não havia escapatória. Ele ficaria entediado. Ficaria solitário. Ansiaria pela companhia dos seus. Descobriria ser americano da cabeça aos pés, alguém que nunca poderia viver entre nativos que acreditavam em macumba. Sentiria falta dos filmes e dos bons restaurantes e da televisão a cabo. De acordo com Beryl, correria de volta com o rabo entre as pernas para Westchester, num piscar de olhos. Isso porque, durante todo aquele tempo, estivera tentando livrar-se do quadrúpede grosseirão que estava fadado a capengar atrás dele para onde quer que fugisse: ele próprio.

Eles só diziam merda. Era genial.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a David Brenner, diretor da Dysautonomia Foundation, por ter sido tão espantosamente generoso com seu tempo e tão informativo a respeito de seu trabalho e sua exigente vida doméstica. Do mesmo modo, agradeço a Faye Ginsburg, a seu marido, Fred Myers, e a sua encantadora filha Samantha, bem como a Laurie Goldberger e sua impressionante filha Perry (que me deu coragem para dar a Flicka uma inteligência sumamente incomum), todos os quais foram cordialmente francos a respeito dos muitos desafios de lidar com uma das doenças mais bizarras de que já tive notícia. Agradeço aos proprietários do Fundu Lagoon, na ilha de Pemba, em especial a Ellis Flyte, e ao gentil gerente geral do hotel, Matt Semark, por me deixarem ser escandalosamente paparicada com coquetéis ao pôr do sol, *curries* de coco e massagens com óleo de capim-limão, tudo isso sob o pretexto hilariantemente respeitável de fazer “pesquisa”.

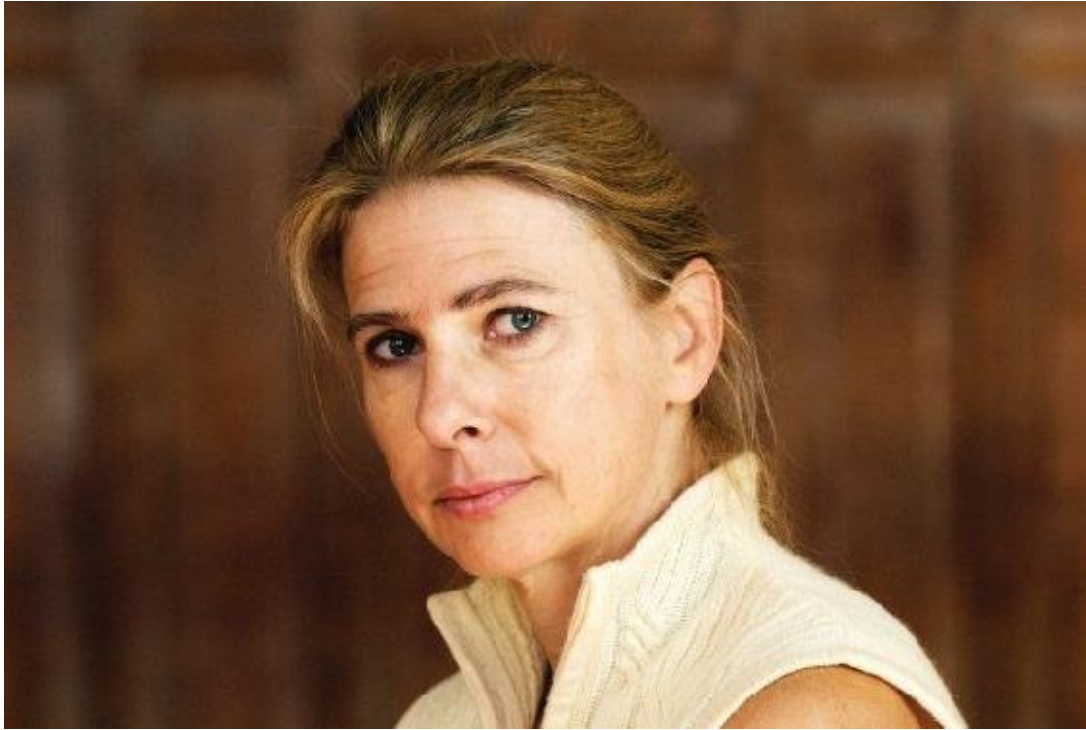
Os romancistas que agradecem a seus cônjuges pela incrível paciência durante a agonia da criação artística tornam-se muito cansativos. Além disso, não considero escrever uma agonia, e meu marido, Jeff, não é nem remotamente paciente. Ainda assim, ele me deu um presente pelo qual a gratidão de qualquer autor é infindável: um bom título.

Gostaria ainda de agradecer a minhas grandes amigas Deb Thomson e Fiammetta Rocco por compartilharem os detalhes íntimos e amiúde penosos de seus tratamentos por doenças que eram uma ameaça à vida. Quisera eu poder também agradecer a Terri Gelenian-Wood por confidências similares, mas a grande experiência de Terri disse respeito a uma doença que se revelou não uma mera ameaça à vida, mas letal. Agora que é tarde demais para a gratidão, só posso deixar registrado que sinto uma atroz saudade dela, e me alivia ter dedicado um romance anterior a essa amiga íntima de uma vida inteira quando eu ainda tinha esta chance. Terri, minha vida é menor sem você.

Visto que, por pura preguiça, não tenho tido o costume de incluir agradecimentos em meus livros, ainda preciso agradecer formalmente a minha editora, Gail Winston, em cujo sólido bom-senso me apoio maciçamente e cujo entusiasmo por este romance e pelos anteriores significa muito para mim. Do mesmo modo, posso enfim agradecer a minha agente, Kim Witherspoon, cuja condução inteligente e eficiente de seu trabalho torna muito mais fácil a realização do meu. Hesito em revelar este segredo por medo de que ela seja inundada por escritores desesperados para encontrar uma representação melhor, mas fui abençoada com um dos únicos agentes literários da cidade de Nova York que não é biruta.

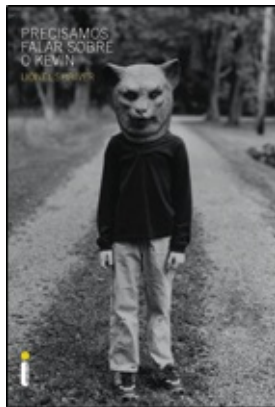
No entanto...

Sobre a autora

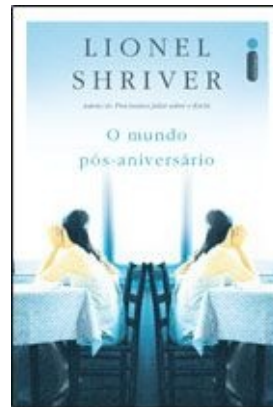


Lionel Shriver é autora de *Dupla falta*, *O mundo pós-aniversário* e *Precisamos falar sobre o Kevin*. Este último, vencedor do Prêmio Orange de 2005, foi considerado o melhor entre os livros contemplados com essa premiação. Best-seller mundial, alçou a autora ao status de fenômeno literário e teve sua adaptação para o cinema dirigida pela premiada diretora escocesa Lynne Ramsay. Entre seus livros ainda não publicados no Brasil estão *A Perfect Good Family* e *Game Control*. Ela vive em Londres e é colunista do jornal britânico *The Guardian*.

Conheça os livros da autora



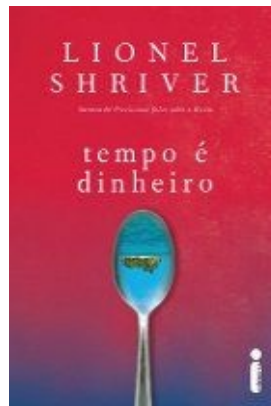
Precisamos falar sobre o Kevin



O mundo pós-aniversário



Dupla falta



Tempo é dinheiro

Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)
[Epígrafe](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezessete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre a autora](#)
[Conheça os livros da autora](#)